



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Psicologia

Paulo Lisboa Proença

Por uma lituraterra darwiniana.
Darwin, Freud, Lacan.

Rio de Janeiro
2015

Paulo Lisboa Proença

**Por uma lituraterra darwiniana.
Darwin, Freud, Lacan.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicanálise do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do Título de Doutor em Psicanálise.

Orientadora: Profa. Dra. Doris Luz Rinaldi

Rio de Janeiro

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

P964 Proença, Paulo Lisboa.
Por uma lituraterra darwiniana: Darwin, Freud, Lacan. / Paulo Lisboa
Proença. – 2015.
334 f.

Orientadora: Doris Luz Rinaldi.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Instituto de Psicologia.

1. Psicanálise – Teses. 2. Evolucionismo – Teses. 3. Darwin, Charles,
1809-1882. – Teses. I. Rinaldi, Doris Luz. II. Universidade do Estado do Rio de
Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

es CDU 159.964.2

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Paulo Lisboa Proença

**Por uma lituraterra darwiniana.
Darwin, Freud, Lacan.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicanálise do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do Título de Doutor em Psicanálise.

Aprovada em 06 de julho de 2015.

Banca Examinadora:

Prof.a Dra. Doris Luz Rinaldi (Orientadora)
Instituto de Psicologia da UERJ

Prof. Dr. Marco Antonio Coutinho Jorge
Instituto de Psicologia da UERJ

Prof.^a Dra. Ana Medeiros Costa
Instituto de Psicologia da UERJ

Prof. Dr. Paulo Vidal
Universidade Federal Fluminense - UFF

Prof.^a Dra. Fernanda Costa-Moura
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Rio de Janeiro

2015

DEDICATÓRIA

À minha família, Miguel, Marly, Daniel e Laura: amor, incentivo e música.

Ao Bobó, amigo "quase-humano", sorridente companheiro desse percurso solitário.

AGRADECIMENTOS

A Doris Rinaldi, pelo acolhimento e pela aposta firme na ideia e sua aventura.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, cuja transmissão da psicanálise me renderá sempre novos frutos e inspiração.

A Ana Costa, Fernanda Costa-Moura, Marco Antonio Coutinho Jorge e Paulo Vidal, por poderem estar presentes discutindo as propostas desse trabalho.

A Marco Antonio Coutinho Jorge, que em muito me encorajou a prosseguir pelas veredas darwinianas.

Aos colegas e amigos que fiz nesses meus anos de Mestrado e Doutorado.

A Miguel Proença, pela transmissão artística, pela cumplicidade e apoio incondicional.

A Daniel Proença, pelas conversas mais inspiradoras e inteligentes que já pude ter.

A Laura e Rafael Icaza, pelo apoio e carinho incomensuráveis.

A Renata Mattos-Avril, cujos comentários foram sempre preciosos desde o início.

A Bianca Coutinho, pela amizade e o reavivamento ético de nossas conversas.

A Vanessa David que pode testemunhar grande parte desse processo.

Ma ditemi: che son li segni bui
di questo corpo, che là giuso in terra
fan di Cain favoleggiare altrui?

A Divina Comédia - Paraíso, Canto II, de Dante Alighieri

*Mas, o que são essas manchas sombrias
deste corpo, que lá embaixo na Terra
sobre Caim despertam fantasias?*

Ye Presences of Nature in the sky
And on the earth! Ye Visions of the hills!
And Souls of lonely places! can I think
A vulgar hope was yours when ye employed
Such ministry, when ye, through many a year
Haunting me thus among my boyish sports,
On caves and trees, upon the woods and hills,
Impressed, upon all forms, the characters
Of danger or desire; and thus did make
The surface of the universal earth,
With triumph and delight, with hope and fear,
Work like a sea

*Vós, manifestações da Natureza, no céu
E na terra! Vós, visões das montanhas!
E Almas dos lugares ermos! Poderia supor que uma
Esperança vulgar fosse vossa quando empregastes
Tais ministros, assombrando assim
Por vários anos, meus folguedos de menino,
Nas cavernas e árvores, bosques e montes,
Imprimindo em todas as formas os caracteres
Do perigo ou do desejo; fazendo, dessa forma,
A superfície da terra universal
Com triunfo e alegria, esperança e temor,
Mover-se como o mar?*

W. Wordsworth

RESUMO

PROENÇA, Paulo Lisboa. *Por uma lituraterra darwiniana*: Darwin, Freud, Lacan. 2015. 334 f. Tese (Doutorado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

O presente trabalho propõe uma leitura de viés lacaniano de alguns aspectos da obra e do legado de Charles Darwin (1809 - 1882). Como é bem conhecido, Freud inseria sua contribuição científica dentro de uma genealogia epistemológica que ele denominou golpes no narcisismo da humanidade: primeiramente, Copérnico, teria tirado a Terra do centro do Universo, seguido de Darwin, que instalou o homem na série animal. Em terceiro lugar, ele mesmo, Freud, descentra o homem de si mesmo com o inconsciente. É importante perguntar o porquê desse lugar de Darwin justamente antes de Freud. O nome de Darwin tem sido, desde a publicação de *A origem das espécies* (1859) e, mais acentuadamente, com *A origem do homem* (1871), alvo de intensa polêmica e de mal-entendidos históricos de toda a sorte, confundido que é com a noção de progresso do discurso liberal inglês, com "darwinismo social", com eugenismo, racismo, e até nazismo. Mas pouco ou quase nada ficou da sua real posição ética que, surpreendentemente, pode dialogar com Freud e Lacan em diversos níveis. Esse diálogo só é possível porque Darwin opera um furo na natureza que é o lugar enigmático do próprio sujeito, a origem do sujeito. Assim sendo, ele determina processos cujos mecanismo tanto homens quanto animais passam ou passaram: seleção natural e seleção sexual. Os efeitos no homem, no entanto, são altamente diferenciados por causa da linguagem e do social, da cultura. Supomos que, entre Descartes e Freud, tem-se Darwin, que faz uma torção ao se servir de uma maneira própria das conquistas da ciência moderna. Por isso, Darwin é muito mais subversivo do que ingenuamente se consideraria 'um cientista que descobriu a evolução e tem as respostas para o bem da humanidade'. Com Darwin, algo de gozo retorna e ele tenta nomeá-lo através de uma ciência natural desnaturalizada, furada. Nesse estado de coisas, supomos uma escrita, ou antes, especificamente, um jogo de escritas: a escrita do organismo na evolução, que abre espaço para uma escrita do sexual no corpo, mergulhado no imaginário da natureza e, a partir disso, uma escritura responsável, no campo do social, pelo gozo do único em cada sujeito. Toda essa disposição de escritas irá, em Darwin, abordar as modificações do corpo desde o animal ao homem, cujo meio, nesse caso, é circunscrito pelo significante. Para apresentar esse desdobramento, nos servimos de uma figura central na obra de Darwin, da assim denominada árvore da vida e suas ramificações que apresenta sua teoria, sua prática de naturalista e o campo do gozo, marcadamente escópico, aí envolvido.

Palavras-chave: Darwin. Evolucionismo. Ética. Estética. Escrita. Freud. Lacan. Psicanálise. Lituraterra. Arte. Letra. Epistemologia.

RÉSUMÉ

PROENÇA, Paulo Lisboa. *Pour une littérature darwinienne: Darwin, Freud, Lacan*. 2015. 334 f. Tese (Doutorado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Cet texte propose une lecture par le biais lacanienne, et bien sûr Freudienne, de certains aspects de l'œuvre et l'héritage de Charles Darwin (1809-1882). Comme on le sait, Freud introduit sa contribution "scientifique" dans une généalogie épistémologique qu'il a appelé des coups dans le narcissisme de l'humanité: d'abord, Copernic, qui a retiré la Terre de sa lieu de centre de l'univers, suivi par Darwin, qui reconduit l'homme à sa place dans la série animale, comme une autre espèce parmi d'autres. Troisièmement, lui-même, Freud, décentralise l'homme par rapport à lui-même grâce à l'inconscient. Il est important de problématiser la cette place de Darwin et se demander pourquoi ce lieu de Darwin juste avant Freud. Le nom de Darwin a été depuis la publication de *L'Origine des espèces* (1859) et, de façon plus marquée, avec *The Descent of Man* (1871), l'objet d'une intense controverse et d'incompréhension historique de toute sorte, qui est confus avec la notion de progrès du discours libéral anglais, pour "darwinisme social" avec l'eugénisme, le racisme, et même le nazisme. Mais peu ou rien a resté, ou était suffisamment valorisé, de sa bien marqué position éthique réel qui, étonnamment, peut dialoguer avec Freud et Lacan en plusieurs niveaux. Ce dialogue est possible parce que Darwin fonctionne un trou dans la nature qui est l'endroit énigmatique de l'objet, l'origine de l'objet. Par conséquent, Darwin a crée des processus sur lesquelles les hommes et les animaux sont tout le deux soumis: les mécanismes de la sélection naturelle et la sélection sexuelle. Les effets sur l'homme, cependant, sont fortement différenciés en raison de la langue et de la culture. Nous supposons que entre Descartes et Freud il y a Darwin, qui a fait une torsion dans la pensée cartésienne. Darwin est beaucoup plus subversif que simplement un scientifique qui a 'découvert' l'évolution et a possédé tout les réponses pour le bien de l'humanité'. Avec Darwin, quelque chose de la jouissance qui retourne et qu'il cherche nommer. Dans cet état de choses, nous supposons un écrit, ou plutôt précisément, un jeu d'écrit: l'écriture de l'organisme dans l'évolution, qui fait de la place pour un corps sexuel d'écrite, ancrée dans l'imagerie dans la nature et, de cela, un écriture responsable, dans le domaine social, le seul de la joie dans chaque sujet. Tout cela entente écrite sera à Darwin, de répondre aux modifications du corps de l'animal à l'homme, ce qui signifie dans ce cas est circonscrite par le signifiant. Pour afficher ce développement, le servent une figure centrale dans les travaux de Darwin, le soi-disant *arbre de la vie* et de ses ramifications présentant sa théorie, sa pratique spécifique de naturaliste et, au même temps, le champ de la **jouissance**, marquée scopique, que ça implique.

Palavras-chave: Darwin. Évolutionnisme. Éthique. Esthétique. L'écrit. Lacan.
Psicanalyse. Lettre. Freud. Épistémologie.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO: DE LACAN A DARWIN	10
1	CHARLES DARWIN, <i>UN ESPRIT DE FINESSE</i>: A ESPECIFICIDADE DE DARWIN DENTRO DE UM QUADRO ESTÉTICO	29
1.1	Um lugar para Darwin - considerações a partir da literatura	29
1.2	O Beagle e o litoral	45
1.3	A biologia de Freud	48
1.4	Da precisão à fineza I	53
1.5	Da precisão à fineza II	56
1.6	A geologia	64
1.7	<i>A chaos of delight...</i>	71
1.8	Ciência e Inferno - Descartes ao contrário?	73
1.9	O espírito de fineza e a escrita da árvore	78
1.10	Lacan, Darwin e o campo escópico- a latinha de Lacan, os tentilhões de Darwin	82
1.11	Seleção natural e re-encantamento da vida	87
1.12	<i>Vida maravilhosa</i> e a emergência da fineza	89
2	A AVENTURA DARWINIANA	91
2.1	O que é um naturalista?	99
2.2	Geologia, introdução ao real	109
2.3	Darwin desconstrutivista	124
2.4	Da seleção natural e seu estatuto lógico-discursivo	126
2.5	Uma árvore, uma escrita	137
3	PERCURSOS	160
3.1	Edimburgo e a medicina	164
3.2	Cambridge - a oportunidade do Beagle	171
3.3	O real - meio ambiente e anomalia	177
3.4	O torto	190
4	O HOMEM	200
4.1	A inserção do homem na série animal e seu deslugar	200
4.2	O homem comum e a dimensão do corpo como gozo	215
4.3	O homem e a escrita do sexo I	222

4.4	O homem e a escrita do sexo II	227
4.5	O quase-humano	250
4.6	Algumas considerações a respeito da horda primeva e a seleção sexual	256
5	ESCRITAS	277
5.1	A posição de Freud	278
5.2	A propósito de Ernest Brück	281
5.3	A origem da linguagem	301
	REFERÊNCIAS	320
	ANEXO - Imagens	325

INTRODUÇÃO: DE DARWIN A LACAN

Alguma coisa a psicanálise tem a dizer da assim chamada revolução darwiniana quando ela procurar apreender algo do que o espanto de Charles Darwin e seu pensamento têm a nos ensinar. Parece-nos, a princípio, verdadeira a constatação de que é esparsa ou quase não existente a literatura que concirna a uma aproximação mais cuidadosa do campo lacaniano em relação ao que é de Darwin. Os lacanianos sempre torcem o nariz, e com razão, para os biologismos e evolucionismos, e de modo geral para o nome de Darwin, que é, aliás, freqüentemente associado especificamente àquela(s) psicanálise(s) que se serve(m) da inspiração biologizante e idealizante para justificar seus procedimentos clínicos e teóricos desenvolvimentistas e classificatórios, e assim se tranquilizar quanto às questões da causa. E assim também isso em grande parte dos casos se estende em relação à psicologia de forma geral, e demais psicologias-do-neurônio, por assim dizer (e até a chamada neuropsicanálise). Sem contar com a conhecida psicologia evolucionista (que retomaremos a seguir), assim autodenominada, cujas ideias são facilmente aceites na grande mídia nos dias atuais e parecem inspiradas em determinadas leituras equivocadas e ‘convenientes’ das ideias de Darwin, mas, por outro lado, é preciso dizê-lo, bastante combatidas por muitos dos mais eminentes biólogos do séc. XX¹.

O mesmo se aplica ao modo como Lacan parece enxergar a estátua darwiniana, a estátua em que a aventura darwiniana acabou por se transformar na história, constituindo um verdadeiro pilar do conhecimento ‘universal’ ou também no surgimento de uma imagem de ‘intocável’, sempre alvo de uma recepção situada de modo estanque entre o endeusamento ou o rechaço, quando não é elevado à categoria nominadamente de ‘santo’ ou ‘orgulho nacional’. Freud tinha razão ao ver com desconfiança o fato, como escreve ele em *Mal-estar na Cultura*, não sem uma fina ironia, de Darwin, - ou melhor, o corpo de Darwin -, ter conquistado “a honra de ter uma sepultura ou cenotáfio na Abadia de Westminster. Um caso como esse deixa-nos pouco a esclarecer”. Freud via as resistências à psicanálise a partir de um paralelismo com as resistências à “nova ciência” de Darwin. Lacan critica sim a objetivação imaginária que se construiu em torno dos escritos de Darwin e as justificativas que muitos encontraram em sua obra para aquilo que ele chama, em se tratando do século XIX, de “barbárie do século darwiniano” (LACAN, 1998, p. 123). Em *A agressividade em*

¹ Ver em *Alas, poor Darwin: arguments against the evolutionary psychology*, editado por Hilary e Steven Rose.

psicanálise, na última das cinco teses em que ele subdivide a questão da agressividade, temos uma amostra de seu posicionamento crítico em relação ao darwinismo em geral na seguinte passagem:

(...) o prestígio da idéia da luta pela vida seria suficientemente atestado pelo sucesso de uma teoria que conseguiu tornar aceitável a nosso pensamento, como explicação válida dos desenvolvimentos da vida, uma seleção baseada na simples conquista do espaço pelo animal. Do mesmo modo, o sucesso de Darwin parece dever-se a ele haver projetado² as predações da sociedade vitoriana e a euforia econômica que sancionou a devastação social que ela inaugurou em escala planetária, e a havê-las justificado pela imagem de uma *laissez-faire* dos devoradores mais fortes em sua competição por sua presa (LACAN, 1998, p. 123).

Falas como a do exemplo acima fornecem uma ideia, um direcionamento, em parte, da relação de Lacan com o tema, levando-se em conta, inicialmente, a ojeriza que Lacan nutria pelas ideias desenvolvimentistas e de cunho imaginário, ou que alimentam ideais e prometem bens ou promovem conhecimentos integrados e garantidores. Em relação a essas concepções imaginárias, os esforços de Lacan assemelham-se à atividade de um vírus. É Derrida que se autodenominava um vírus do pensamento, dado seu projeto de constante desconstrução³. Poder-se-ia dizer o mesmo de Lacan e, aqui é importante frisá-lo, o espírito ético lacaniano - que nesse momento anima a revisita de pontos importantes em Darwin -, se pensarmos que esse vírus ‘invadiu’ ou ‘infectou’ tantas disciplinas ou ciências através do seu retorno a Freud, como é o caso da linguística, das matemáticas, e a topologia aí incluída, a medicina, a psiquiatria, a psicologia, a história da arte e tantos outros.. Lacan pensava em fazer faltar, furar esses discursos, mostrar como eles podiam ceder a esse vírus, ou como dizia Freud, à dita “peste” da psicanálise. Ele mostra muito bem o sujeito por trás do cientista e que há sempre essa história esquecida que se desenrola nos bastidores de uma descoberta ou de uma definição. Ele parte de Freud para dizer, por exemplo, no *Seminário Livro II O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, que o processo de elaboração científica é sempre vacilante, que “só se pode avançar no campo empírico na medida em que a conceitualização for, a cada

² semelhante à crítica de Marx a Darwin em carta a Engels, como veremos mais adiante.

³ "Tudo o que eu tenho feito é dominado pelo pensamento de um vírus, o que poderia ser chamado na parasitologia, uma virologia, o vírus sendo muitas coisas ... O vírus é em parte um parasita que destrói, que introduz uma desordem na comunicação. Mesmo do ponto de vista biológico, isto é o que acontece com um vírus; ele descarrilha um mecanismo do tipo comunicacional, seus códigos e suas decodificações. Por outro lado, ele é alguma coisa que não é nem vivo, nem não vivo; o vírus não é um micróbio. E se você segue essas duas ameaças, aquele parasita que interrompe a destinação de um ponto de vista comunicativo — interrompendo a escrita, inscrições e a codificação e a decodificação da inscrição — o qual, por outro lado não é vivo nem morto, você tem a matriz de tudo que eu tenho feito desde que eu comecei a escrever." (in SALÍNGAROS, 2003 p. 3)

instante, retomada e enriquecida” (LACAN, 1954-1955/1995 p.123). Lacan cita a famosa passagem introdutória de *Pulsão e seus destinos* a respeito da ciência e da atividade do cientista para dizer de algo da invenção conceitual freudiana que é posto em movimento para dar conta de “algo obscuro”, nas palavras de Freud, que se chama pulsão. Portanto, Freud disserta sobre a observação empírica que é sempre acompanhada de retomadas e reformulações constantes ao nível conceitual na produção de conhecimentos:

Então, talvez tenha chegado o momento de confiná-los [os conhecimentos] em definições. O avanço do conhecimento não tolera, contudo, nenhuma rigidez nas definições. Assim, o exemplo da física ensina de maneira brilhante (...) que mesmo conceitos básicos, que tenham sido fixados em definições, estão sendo constantemente alterados em seu conteúdo (LACAN, 1954-1955/1995 p.123).

Lacan, no entanto, parece enxergar Darwin através, justamente, da rigidez da sua estátua, --- da rigidez que Lacan, ele próprio, atribui ao discurso naturalista --, e do lugar de uma crítica combativa voltada preponderantemente às conseqüências e os desdobramentos de um mal entendido de cunho histórico, político e, sobretudo, ideológico que, segundo o biólogo e paleontólogo Stephen Jay Gould, está ainda por ser desfeito, como examinaremos no decorrer de todo o texto, pois se trata de um tópico fundamental e constante. No entanto, o “vírus” lacaniano parece não ter operado nos meandros do universo e do texto darwinianos, ele não sabotou, ou se fez replicar incessantemente, a partir da célula darwiniana, ele não furou essa célula que ostenta um fechamento de *semblante* e que acabou por tornar-se, equivocadamente, como disse ainda Jay Gould, um “biologismo fundamentalista” (in ROSE, 2004 p,35).

Muitos são os grandes representantes desse “biologismo fundamentalista” ou digamos, “cientificista” das ideias darwinianas. Um exemplo bastante popular e atual é o autor de *Deus, uma ilusão*, Richard Dawkins, em sua cruzada contra a religião (e uma certa intolerância, e até mesmo arrogância, com que trata os **sujeitos** religiosos) e as idéias criacionistas muito divulgadas nos Estados Unidos. Dawkins, autor de uma obra rica e bem preparada para a defesa de seus pontos de vista, pensou a evolução de Darwin tendo como objeto o código genético e a sua manutenção, simplesmente, na propagação da herança das espécies, como está em *O gene egoísta*, de 1976. Um outro exemplo de destaque é o trabalho de Edward Osborn Wilson (no livro *Sociobiologia: a nova síntese*, de 1975), que abre as portas para especulações como as de Dawkins, sobre o que ele denominou sociobiologia, um paralelismo ousado para pensar as sociedades humanas a partir das sociedades encontradas na natureza, uma vez que o homem é um animal, ele pode ser estudado objetivamente pela sociobiologia,

sobrepondo genética e cultura na formação de uma unidade “consiliente”, ou seja, uma síntese. Em a *Origem das espécies*, Darwin discorre no capítulo VII sobre o conceito de instinto, mostrando e detendo-se no fato fascinante que revela a variação dos instintos na evolução das espécies, mostrando, desse modo, a variedade que é índice da sua plasticidade na condição de memória constituída pelas modificações via seleção natural. O assunto, portanto, não é fechado, as sociedades de abelhas e formigas (descritas no mesmo capítulo) não são descritas com o fim de afirmar que são como as sociedades humanas: a antropologia darwiniana, em a *Origem do homem*, não é simplista como pretendem muitos de seus intérpretes. Segundo Patrick Tort, os paradigmas da sociobiologia descendem diretamente do evolucionismo de Herbert Spencer, dito inventor do "darwinismo social", cujo pensamento objetivava exclusivamente o progresso linear da ideologia liberal imperial.

Mas eis, portanto, fundamentalistas notáveis. Mas o que dizer de algo ainda mais rasteiro e empobrecedor, onde o sujeito, já descartado, como o entendemos, e acabamos de ver em Dawkins e Wilson, pelo discurso da ciência, nem mais de EU é chamado? Digo: esse eu que, como diz Freud, não é mais senhor de sua própria casa, e cuja ‘divindade’ Lacan denuncia tão bem em sua análise do imaginário em seus aspectos específicos. Esse EU, em função do cientificismo já descarado da psicologia, agora é denominado (substituído por) “cérebro” dentro de num certo jargão. Por exemplo, quando a neurocientista Susana Herculano-Houzel, em seus livros ou no programa Fantástico da Globo, nos presenteia com suas receitas para se fazer um “cérebro” feliz ou para explicar porque o cérebro fica triste ou o que acontece quando o “cérebro” canta, e quando diz saber do que o “cérebro” “gosta”...

Darwin, ele mesmo foi um psicólogo, como veremos, e mais, um nome que se inscreve nas bases fundadoras históricas da psicologia, seu entusiasmo e sua curiosidade nesse campo eram muito expressivas. Mas o modo singular e surpreendente com que conduziu suas hipóteses e questões destoa em muito do cientificismo bruto de seus 'colegas' contemporâneos e do que viria depois. Tomemos ainda um exemplo dentre os muitos encontráveis na história do encontro entre a psicologia e as ideias darwinistas ou do darwinismo como simples aplicabilidade, retomando a psicologia evolucionista em um exemplo. No artigo “De Lacan a Darwin”, cujo título não deixa de despertar a nossa mais viva curiosidade, o eminente psicólogo evolucionista e crítico literário Dylan Evans relata os caminhos e descaminhos de sua formação como psicólogo e suas ‘aventuras’ e seus desmedidos esforços para compreender Lacan. Tendo esse objetivo em mente, chegou inclusive a viver muitos anos em Paris, frequentando escolas e grupos lacanianos, além de ter entrado em contato com altas rodas da crítica literária universitária “de linha lacaniana” nos

E.U.A. e na Inglaterra. Pois Evans se propõe um desafio: ele percorre a obra de Lacan de ponta a ponta para, no final de tudo, denunciar sua “inconsistência”, sua “impostura”, embora reconheça, muito a contragosto, que Lacan, de fato, muito antes da corrente cognitivista aparecer e se estabelecer enquanto tal, Lacan já se referia em seus primeiros seminários a muitas das ideias do cognitivismo como, por exemplo, os paralelismos entre o computador e a mente, no que concerne à linguagem. Reconhece também o uso que Lacan fará da etologia (Lorenz e outros), antes mesmo da psicologia (evolucionista), além da questão do imaginário no mundo animal, tão importante para o pensamento lacaniano naquele momento e que é um componente importante do pensamento de Darwin como teremos oportunidade de ver. Mas o que nos chama a atenção é a reprimenda que Evans faz ao lacanismo, e mais do que isso, a decepção com que ele, na conclusão de seu texto, reage frente ao fato de Lacan, tendo se adiantado tanto em pontos-chave a respeito da psicologia cognitiva e animal, realizar essa *démarche* justamente para enveredar por caminhos senão “contrários”, totalmente “inconsistentes”! Para ele, Lacan teve a chance de erigir uma psicanálise “efetiva”, “eficaz”, com bases seguras de conhecimento científico, -- mas preferiu não fazê-lo! Como quem diz de um capricho, o capricho lacaniano. Mas, ao final de seu artigo, depois de tanta dedicação e labuta, Evans consegue alcançar seu porto-seguro, – além do saber acumulado de conceitos lacanianos durante os muitos anos de busca do saber -, ao se aproximar definitivamente da psicologia evolucionista. Ele se encontrou, digamos assim.

Ora, do que tratamos aqui é que Darwin está longe de ser um porto-seguro ou alguma base-segura para um *empovement* de conhecimentos desse tipo. Não é um racionalista e nem um idealista ou filósofo, é, no mínimo, um cientista que revoluciona o modo de se fazer ciência e de ver a natureza, fazendo uma leitura original da natureza ao se servir do próprio contexto em que ciência moderna opera sua maior incidência. Provocando o sujeito, ele ainda nos surpreende constantemente como fonte inesgotável de questões, enigmas e novas formulações. Se, em Lacan, Darwin é objeto de crítica (e nem sempre, como veremos) - crítica, quem sabe, do uso fundamentalista de sua obra -, para Freud, a leitura de Darwin será um apoio inestimável para a elaboração de questões que lhe diziam respeito, conforme a sua formação de médico, mas para além dela. A leitura que Freud faz de Darwin é, portanto, nada fundamentalista, pois que se trata especial e especificamente de um *sujeito* que se serve das contundentes intuições de Darwin. O resultado é a contribuição muito importante à dimensão ética em Freud, que encontrará em Lacan os desdobramentos que nos inspiram.

A obra de Darwin está, portanto, cercada de leituras equivocadas, pois é elencada entre os discursos que mais frequentemente são evocados para sustentar e justificar o paradigma da

continuidade ou continuísmo entre a natureza e o homem (a civilização) pura e simplesmente. E aqui está o equívoco, inclusive histórico. Há um abismo que separa os evolucionismos não darwinianos do que Darwin vem contribuir. A tradição do pensamento evolucionista é teleológica e sua questão está atrelada ao progresso pensado universalmente e dado cosmologicamente. Darwin vem pulverizar a ideia de 'continuidade em direção à perfeição', pensando o processo de transmutação das espécies de forma desierarquizada, como viria a propor na forma de uma árvore, a árvore da vida. Contrariamente ao evolucionismo de um Lamarck, por exemplo, onde o Homem deve estar no topo de uma escada, Darwin faz do homem nada mais nada menos que um recentíssimo arbusto de ramificações dentre as milhares de ramificações existentes. Primeiramente, pensamos que a forma arbórea da escrita darwiniana, chamemo-la assim, já coloca descontinuidades. Em *A origem do homem*, Darwin definiu a África como a origem dos hominídeos, o que, cinquenta anos mais tarde, teria como efeito o começo de uma série de descobertas que comprovariam sua intuição. O primeiro de uma série de achados que nos colocaram na pista dos hominídeos africanos ocorreu em 1925, quando o anatomista Raymond Dart descreveu um crânio encontrado na África do Sul, ao qual deu o nome de *Australopithecus africanus* ('macaco sul-africano') e atribuiu cerca de dois milhões de anos ao achado. Mas a complexa história dessas investigações e descobertas a respeito da família dos hominídeos mostrou que a concepção evolucionista progressista de uma escada em que o homem estaria no topo foi totalmente abolida. Hoje constata-se que desde quatro milhões de anos atrás, várias espécies de hominídeos conviveram nas savanas africanas, tinham seus hábitos e alimentação peculiares e viviam autonomamente, sem nenhuma necessidade ou "tendência" de tornarem-se "humanos". Os australopitéceos⁴, por exemplo, foram muitos e contemporâneos entre si, e o *Homo neandertlensis* que foi por muito tempo contemporâneo do *Homo sapiens*, a ponto de recentes investigações **apontarem que os nendertais tinham um modo próprio e singular de levar a vida e, inclusive, de expressão cultural**

Isso, desde já, torna errônea e longe da verdade, do ponto de vista darwiniano, a famosa ilustração que podemos ver em qualquer revista popular de ciências ou na mídia em geral, ou seja, uma sucessão linear em 'evolução', uma escada do macaco ao homem, ou aquela outra que vai da bactéria ao Homem. Ora, se Darwin aponta para a lógica da rede, da árvore, e procura fornecer explicações para o que chamamos hoje de biodiversidade, ou seja,

⁴ Na década de 1990, encontrou-se o *Australopithecus amanensis*, ser que originou a linhagem dos australopitéceos e cuja presença na Etiópia e Quênia reafirmou a importância da África Oriental para a história dos hominídeos.

para tanta variação, é porque isto já contradiz a ideia de evolução em direção ao progresso. A diversidade e o lugar que a árvore desenha para cada um dessas espécies ou eventos na natureza não podem andar juntas com o progresso, afinal as bactérias, por exemplo, ainda existem, estão aí há cerca de 3,8 bilhões de anos e continuam praticamente as mesmas, e são tão importantes quanto qualquer outro ser vivo.

Darwin não foi tímido em divulgar seu não-progressismo. ele lançou uma observação na margem de um importante livro que advogava com ênfase o progresso na história da vida: "Nunca diga superior ou inferior". Escreveu a seguinte linha numa carta (4 de dezembro de 1872) ao paleontologista Alpheus Hyatt, que propusera uma teoria evolutiva baseada no progresso intrínseco (...): "Depois de longa reflexão, não consigo descartar a convicção de que não existe nenhuma tendência inata para o desenvolvimento progressivo" (Gould, 1994 p. 190).

Em seu primeiro de vários cadernos de anotações, o assim chamado caderno da "Transmutação das Espécies", ele observa (trata-se de anotações e fragmentos escritos entre o retorno da viagem do Beagle e a escrita de *A origem das espécies*, onde muitas páginas foram perdidas): "Cada espécie se transforma. Estará progredindo?" ["Each species changes. Does it progress?"]. Em outra parte do mesmo caderno, ele anota: "É absurdo falar de um animal sendo superior [higher] a outro" ["It is absurd to talk of one animal being higher than another"]⁵.

Mas, ainda assim, fica-se também com a impressão de que é evidente e patente a continuidade biunívoca entre o homem e as demais espécies e a natureza como 'um todo'. Dentro dessa lógica biunívoca, tanto continuidade quanto descontinuidade só podem ser pensadas em termos imaginários. A continuidade mostra como o homem é descendente direto dos animais e assim participa do todo harmônico da evolução em direção ao Homem. A descontinuidade, ainda nessa lógica, apela para o divino ou para o transcendental, seja ele qual for. A descontinuidade é sempre pensada como soberba do homem, seja no plano do criacionismo ou da superioridade do homem devido a alguma explicação de ordem genética ou apelando para uma razão transcendente. Esse é um debate que requer um olhar mais atento ao que Darwin realmente está dizendo em seus escritos e de onde poderemos pensar nossas próprias questões. Podemos adiantar, no entanto, nossa intenção de mostrar o que Darwin irá desenvolver em relação a isso, quando for trabalhar as questões surgidas de *A origem das espécies* na condição humana, na civilização, em *A origem do Homem (Descent of Man)* -

⁵ Ainda no caderno da "Transmutação das Espécies", Darwin escreve, a respeito da árvore da vida, que a mesma ideia poderia ser mostrada pela imagem do coral marinho: "*The tree of life should perhaps be called the coral of life, base of branches dead, so that passages cannot be seen. This again offers contradiction to constant succession of germs in progress (no, only makes it excessively complicated)*".

também traduzido por filiação. Ele inclui o homem na série animal, e este é o ponto fundamental que todos sabemos, mas proporá uma ruptura dentro do continuísmo entre natureza e civilização, que por obra da própria seleção natural, essa ruptura seria responsável por um efeito de reversão da evolução que se daria progressivamente pela valorização de instintos sociais e comportamentos anti-seletivos (no sentido da seleção natural), como, por exemplo: educação moral, cuidados com doentes e enfermos, compensação das deficiências físicas e das capacidades mentais, institucionalização do socorro e da ajuda, intervenções sociais em favor dos mais deserdados, entre outros.

Esse movimento de inversão progressiva foi designado pelo termo de *efeito reversivo de evolução* (Tort, 1983): por vias dos instintos sociais, a seleção natural seleciona a civilização, que se opõe à seleção natural. Logo, a vantagem obtida não é mais biológica: tornou-se social. Esse efeito de ruptura obtido sem ruptura efetiva é a chave da teoria do continuísmo materialista de Darwin quando se pensa na relação entre natureza e civilização (TORT, 2004 p.95).

Uma série de questões precisam ser investigadas com rigor a partir de informações sobre o evolucionismo, tal qual Darwin o concebeu, antes que esse ponto da evolução, no caso do homem, possa ser esmiuçado e explicitado na sua fecundidade e sutilezas. Vejamos alguns pontos importantes:

a) O exame da noção-chave de seleção natural, em grande parte não compreendida, deliberadamente distorcida ou simplesmente não apreciada com o devido rigor, mesmo entre os evolucionistas. Isso se deve, inclusive na roda mais fechada de defensores de Darwin (Huxley, Haeckel, entre outros), à euforia e à generalização decorrente de uma confusão (uma fusão) entre evolucionismo e progresso, entre evolucionismo e teleologia. Isso é fundamental para compreender do que se trata no evolucionismo tal qual Darwin o concebeu e desassociar o nome dele e sua obra da imagem grosseira da evolução como algo universal na imagem de uma escada dos seres inferiores (bactérias) aos superiores, e na apoteose da evolução o ser humano como ser racional e imagem da perfeição. Ou ainda a idéia, também muito distorcida, da sobrevivência do “mais forte”, expressão de Herbert Spencer e não de Darwin, e toda uma sociedade capitalista na euforia da ascensão do império britânico, ao criar o seu ‘darwinismo social’. Ou a eugenia de Galton, a purificação das raças pela evolução. Tal lógica da superioridade, tal “barbárie do século darwiniano”, pode estar baseada em Lamarck, Ernest Haeckel, Thomas Huxley, Herbert Spencer e até em Adam Smith ou Malthus (lidos por Darwin), e muitos outros, menos no pensamento do próprio Darwin. Para compreender Darwin é preciso ler Darwin, e criticamente. E Darwin é muito pouco lido, fala-se muito dele,

mas pouco se sabe das idéias na sua riqueza e fecundidade. Para compreender o “anti-seletivo” ou outras questões oriundas da sua antropologia e pensamento, é preciso deixar claro as implicações radicais do evolucionismo e da questão da seleção natural.

b) Um exame atento da influência que Darwin terá sobre Freud a partir de diversos pontos. Para Freud parece importante o que o evolucionismo de Darwin promove em relação ao homem, filiando-o à natureza, colocando-o como mais um elemento (com suas diferenças e especificidades) em rede, ou seja, subordinado também a uma lógica de relações. A alma da questão ecológica, tão importante na atualidade, reside nisto, e provavelmente isso constituiu o lugar privilegiado que essa biologia, a evolucionista, ocupou na formação de Freud. Um exemplo é a imagem emprestada da horda primeva e do pai terrível a partir de que Freud procede sua construção ‘antropológica’, onde surge o mito freudiano. Esse mito, apesar da queixa de antropólogos e outros intelectuais, Freud, sem abrir mão dele jamais, se servirá dele para pensar algo que funda a sociedade pela via do pai morto e a ereção do tabu e a questão da Lei. Lacan extrairá daí uma estrutura fundamental. O “anti-seletivo” reversivo de que fala Darwin em *Origem do Homem* pode ser pensado no lugar onde se desenvolve o exercício freudiano. Dentre o rol de ideias darwinistas das quais Freud se serve para dar conta de questões constitutivas da psicanálise estão: a idéia de recapitulação, onde "a ontogênese repete a filogênese", denominações de Haeckel a partir de indicações fornecidas por Darwin em a *Origem das espécies*. Freud irá apoiar-se no evolucionismo, não somente de Darwin, mas flerta com Lamarck (para surpresa de todos na época), visando estruturar historicamente a constituição do sujeito a partir de estruturas filogenéticas - principalmente depois da queda da teoria da sedução. O meio ambiente, as causas 'atuais' e verificáveis empiricamente não davam conta dos relatos de seus pacientes. Com o surgimento da fantasia, surge também uma necessidade de estrutura - como o constitucional - como parte fundamental da equação etiológica das neuroses. Aqui temos *Neurose de transferência: uma síntese*, também conhecido, como o próprio Freud denominou, por "*fantasia filogenética*", texto escrito por Freud para fazer parte do conjunto de escritos metapsicológicos, mas logo por ele destruído. Porém, uma cópia do mesmo texto fora enviada para Ferenczi e, em 1983, reencontrada em meio a objetos do psicanalista húngaro por Ilse Grubrich-Simitis. Tanto essa fantasia biológica, quanto a utilização das idéias, já em sua época refutadas, de Lamarck dão pistas do que talvez deva ser levado em consideração, uma reinvenção da biologia ou, se preferir, uma 'biologia freudiana'.

Assim também acontece em *Concepções sobre a afasia*, de onde muitos estudiosos apontam como a origem, a partir da neurologia, das elucubrações a respeito do aparelho

psíquico (aparelho de linguagem) graças à influência muito importante do neurologista inglês John Hughlings Jackson, que por sua vez sofre influência direta de Darwin (e da leitura de Darwin por Hebert Spencer). Um determinado modelo, encontrado no texto sobre a afasia, no Projeto de 1895 e no Capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*, obedece a uma mesma lógica em seu desenho, onde uma percepção sofre rearranjos, onde ele elabora sua concepção de memória, adentrando a instância do inconsciente. Para Lacan, a fundação do sujeito. Essa mesma lógica conduzirá Freud na construção, ao lançar mão das estruturas filogenéticas, de fases ditas psicosexuais, onde as bordas do corpo se articulam a partir da espécie e da cultura e, enfim, do sujeito.

E 'reinvenção' da biologia em Freud pode também ser pensada em relação ao *Mais além do princípio do prazer* para responder e dar continuidade à questão do instinto - e do instinto social desenvolvida por Darwin tanto em relação aos animais quanto no caso especial do *Homo sapiens sapiens*, dos homens entre si. A pulsão - na medida em que toda pulsão é no fundo pulsão de morte - é um tema da fantasmática biológica em Freud, ponto de virada radical dentro do debate a respeito do instinto, da memória, da filogênese e da ontogênese. Essa virada pode ser a variabilidade do objeto e o abalo de sua consistência já no pensamento de Darwin. Há algo de localizável a partir disso em Darwin referente à não finalidade (não teleologia) da vida e o papel da morte nos mecanismos da natureza. Importante também salientar, como parte fundamental das especulações filogenéticas de Freud, a discussão que existe em relação ao recalque orgânico, recalque que seria ainda anterior, no âmbito da espécie, ao recalque propriamente dito. A contribuição de Coutinho Jorge (JORGE, 2000) é um referencial importante nesse assunto, na medida em que procura articular saberes diferentes: psicanálise, linguística e teoria da evolução. Essa articulação ousada, que entrelaça Lacan, Freud e Darwin a partir da noção de recalque orgânico, procura contornar a falta que sustenta a ideia de inconsciente, como diz Freud, em carta a Groddeck, se referindo ao inconsciente como *missing link* entre o somático e o psíquico (COUTINHO JORGE, 2008). Coutinho Jorge aponta para a importância fundamental da noção de recalque orgânico, de como ela está atrelada à aquisição pelo hominídeo da postura ereta à perda do objeto. Ele também chama a atenção para a questão do objeto olhar que adquire, nesse movimento da passagem da perda do olfato para a preponderância da visão, uma dimensão enorme. Darwin atribuía à postura ereta a origem da cultura e não ao tamanho do cérebro ou superioridade intelectual, como acreditava alguns em sua época. Algo ligado ao corpo, um desdobramento ao nível do corpo a partir da cultura e do social, que desencadeia algo a mais. Freud fala nesse momento como evolucionista, na continuidade do debate evolucionista, quando escreve pela

primeira vez, em carta a Fliess de 1897, sobre a hipótese do recalque orgânico. Assim ele procede a partir do lugar que é da sua formação de médico e neurologista, desde o *Gymnasium* até a Universidade, quando as ideias de Darwin são passadas a ele pela difusão entusiástica de Ernest Haeckel nos países de língua alemã, assim como por seu professor na universidade de Viena, o zoólogo Carl Claus, que segundo Ritvo fora recebido pessoalmente por Darwin em sua residência em Down. Posteriormente, sob a orientação do mestre Ernst Brücke, no laboratório de fisiologia, há um desdobramento da formação evolucionista de Freud, pois Brücke, diferentemente de Haeckel, concebia as ideias de Darwin de uma maneira própria e mais rigorosa.

c) A elaboração que, a partir de Freud e Lacan, podemos fazer para pensar algo que parece estar atrelado à questão da incidência do significante. Como ponto de partida tomaremos o estádio do espelho de Lacan ao supormos inicialmente como fazendo parte de um desdobramento do debate darwiniano: no texto *Estádio do espelho*, de 1949, na verdade escrito a partir de uma versão de 1936, Lacan desenvolve suas ideias a partir de alguns pontos de contato com a biologia como é o caso de Louis Bolk, anatomista holandês que formulou a noção de fetalização, ou chamada também de neotenia. Freud já havia chamado a atenção para esta característica, que ele denominou "infantilismo" (juntamente ao desamparo) do ser humano em relação aos outros animais, onde faz do ser humano dependente dos cuidados do outro, daí a transferência ser também incluída nesse enquadre. Mas é da formalização de Bolk que se serve Lacan, pois, segundo Bolk, trata-se de um freio de caráter hormonal o causador de toda essa característica prematura do organismo. O livro de Bolk data de 1926 (*Das Problem der Menschwerdung*) [a questão da hominização ou da constituição do homem] e foi traduzido para o francês (*La genèse de l'homme*) por George Lapassade, filósofo e sociólogo francês que fez, nesse ponto, retomar o debate darwinista que se desdobra das ideias de Bolk, pensando suas conseqüências enquanto cultura.

Ainda em *O estádio do espelho*, Lacan escreve:

que uma *Gestalt* seja capaz de efeitos formadores sobre o organismo humano é atestado por um experimento biológico, ele próprio tão alheio à idéia de causalidade psíquica que não consegue resolver-se a formulá-la como tal (LACAN, 1949/1998 p. 99).

Lacan se servirá da etologia para falar da função real do imaginário na natureza, apresentando dois exemplos:

a maturação da gônada na pomba que tem como condição necessária a visão de um congênere, não importa o sexo - e uma condição tão suficiente que seu efeito é

obtido pela simples colocação do indivíduo ao alcance do campo de reflexão de um espelho" (LACAN, 1949/1998 p.99),

[e.] "no gafanhoto migratório, a transição da forma gregária, numa linhagem, é obtida ao se expor o indivíduo, numa certa etapa, à ação exclusivamente visual de uma imagem similar, desde de que ela seja animada por movimentos de um estilo suficientemente próximo dos que são próprios à sua espécie (LACAN, 1949/1998 p. 99).

A utilização da biologia por Lacan, nesse momento fundante de suas elaborações, talvez nem tanto pela necessidade de dar ao leitor *bases científicas* para o que ele defende, mas muito mais, talvez possa mostrá-lo no decorrer do que aqui se apresenta, para estabelecer tanto para homens quanto para o restante dos animais 'condições equivalentes'. Ou seja, como em Freud, para Lacan é fundamental partir do descentramento do homem em relação à natureza, pois é através do discurso desierarquizante da ciência que ele se propõe operar, ou seja, não sem levar em conta o que se opera desse discurso na questão da natureza. No próprio texto do estádio do espelho ele escreve:

E essas reflexões incitam-nos a reconhecer, na captação espacial manifestada pelo estádio do espelho, o efeito no homem, anterior até mesmo a essa dialética, de uma insuficiência orgânica de sua realidade natural, se é que havemos de atribuir algum sentido ao termo natureza. (LACAN, 1949/1998 pp. 99-100).

Há uma insuficiência natural no caso do homem, daí a importância do conceito de neotenia em Bolk. Se há uma 'natureza humana' - e Lacan não estabelece nada de conteudístico - ela se caracteriza pela insuficiência orgânica do homem. E, nesse sentido, se mantivermos a mesma lógica, há uma insuficiência na natureza, digo, natureza compreendida como uma, como harmônica.

O leitor de Darwin pode sentir, compreender, captar a intimidade que ele cultivava com seus objetos de pesquisa. Seus jardins, seus animais domésticos, seus experimentos caseiros, a criação de pombos, suas caminhadas, suas observações - há algo de notável aí, algo que dificilmente se descola do pequeno "Bob", o menino colecionador de besouros e outros insetos, vidros, objetos de toda sorte, que um dia ouviu do pai que ele nada seria na vida se continuasse nessa vida de folguedos e caçadas ao ar livre e coleta de espécimes. Não, não se trata de ornamentos biográficos: quero apenas chegar, no que tange a Darwin, ao ponto onde o sujeito se implica, e pelo imaginário, através do amor pelos animais, que é, francamente falando, do que se trata nesse caso. Por isso, é interessante trazer aqui essa dimensão onde ele se coloca e se inclui para formular suas interrogações.

Logo após o seu retorno da viagem do Beagle, 1836, Darwin viveu em Londres por um tempo e, muitas vezes visitou o Zoológico de Londres para discutir com especialistas os espécimes que ele coletou em sua viagem. Em março de 1838, Darwin viu seu primeiro macaco - era o primeiro, historicamente falando, que apareceu em um zoológico na Inglaterra -, uma orangotango chamada Jenny. Jenny teve um grande impacto sobre ele, que escreveu em um de seus cadernos:

"Que o homem visite o orangotango em domesticação, ouça seu gemido expressivo, veja sua inteligência quando se fala [a ele], como se compreendesse cada palavra dita - veja o seu afeto. - para aqueles que o conhecem. - Que veja a sua paixão e raiva, mau humor, e verdadeiras ações de desespero; ... e, em seguida, glorifique-se orgulhoso de sua preeminência (...) O Homem em sua arrogância se acha uma grande obra, digna da interposição de uma divindade. Mais humildemente acredito verdadeiro considerá-lo originado a partir dos animais (Charles Darwin Project).

Em uma carta a seu irmão Erasmus, ele escreve ainda sobre Jenny:

O cuidador mostrou-lhe uma maçã, mas não lhe deu, e então ela se jogou de costas, chutou e gritou, precisamente como uma criança travessa. - Em seguida, ela parecia muito mal-humorada e depois de dois ou três ataques de pashion [sic], o cuidador disse: 'Jenny, se você parar de chorar e for uma boa menina, dou-lhe a maçã'. - Ela certamente compreendeu cada palavra dele, e, embora, como uma criança, fez grande resistência para parar de choramingar, ela finalmente conseguiu, e então teve a maçã, com o qual ela pulou em uma poltrona e começou a comer, com o semblante mais contente que se possa imaginar.

Após seu primeiro encontro com Jenny, em 1838, Darwin voltou para o zoológico duas vezes mais alguns meses mais tarde. Ele trouxera consigo uma gaita, um pouco de hortelã, e um ramo de verbena, coisas que em muito agradaram Jenny. Darwin ficou impressionado quando ela pegou a gaita dele e colocou em seus próprios lábios, e mais ainda quando ela parecia "espantada além da medida" para com o próprio reflexo em um espelho.

Pouco se sabe, mas Darwin foi um pioneiro na observação de bebês, produzindo questões a respeito do desenvolvimento humano em uma época em que isso tudo não era considerado como importante. Ele se utilizou de anotações de observações de seus próprios filhos, em especial de seu filho mais velho, William Erasmus, o 'Doddy'. Intitulado *A Biographical Sketch of an Infant*, o artigo foi publicado no periódico *Mind* em julho de 1877. Darwin já estava no auge da fama mundial em meio à conturbada polêmica devido ao seu *Origem das espécies*. Aqui poderemos notar o poder de observação de Darwin que, não apenas na questão de que observa com a mesma acuidade humanos e não humanos, capta em

suas anotações não apenas indicativos comportamentais, mas sobretudo o que poderíamos chamar de esboços de uma ética da alteridade. Vejamos as passagens que se seguem:

Aos quatro meses e meio ele repetidamente sorriu para minha imagem e a dele em um espelho e, sem dúvida, erroneamente as tomou por objetos reais; mas revelou surpresa com minha voz vindo de trás dele. Como todas as crianças, divertia-se, a partir de então, em olhar-se no espelho e, em menos de dois meses, compreendeu perfeitamente que aquilo era uma imagem, pois se eu fazia de forma silenciosa alguma careta esquisita, ele subitamente se voltava e olhava para mim. Ficou, entretanto, confuso aos sete meses quando, estando fora de casa, viu-me dentro, através de uma grande janela de vidro e pareceu duvidar se aquilo era ou não uma imagem. Outro de meus filhos, uma pequena menina, quando estava com exatamente um ano, não era nem de perto tão arguta e pareceu bem perplexa com a imagem de uma pessoa num espelho se aproximando dela por trás. Os primatas mais elevados, que eu testei com um pequeno espelho, comportaram-se diferentemente: eles passavam suas mãos atrás do espelho e ao fazê-lo demonstravam sua percepção, mas longe de terem prazer em se verem ficavam bravos e não queriam mais olhar (DARWIN, 1877/2010 pp. 568-569).

Vê-se claramente de onde pode surgir a questão que Henri Wallon coloca em 1931 a respeito da experiência denominada "prova do espelho", momento do desenvolvimento quando a criança, diante do espelho, é capaz de distinguir seu próprio corpo da imagem refletida.

Mas Darwin, associado a isso, mais adiante ainda no texto, desenvolve um caminho interessante a partir do que ele denomina de um "grande passo", ou seja, da palavra "inventada", ou melhor, a invenção a partir de articulações significantes

Exatamente com um ano, deu um grande passo ao inventar uma palavra para comida, chamada *mum*, mas o que fez ele agir assim não foi descoberto. E a partir de então, em vez de começar a chorar quando estava com fome, ele usava esta palavra de uma maneira demonstrativa ou como um verbo, significando "dê-me comida". Esta palavra, portanto, corresponde ao *ham* usado pela criança de M. Taine só que numa idade posterior, 14 meses. Mas ele também usava *mum* como um substantivo de significado mais amplo; assim, ele chamava açúcar *shu-mum* e, um pouco depois aprendeu a palavra "black", e chamava xarope *black-shu-mum*, comida-açúcar-preto. Eu ficava particularmente tocado com o fato de que, ao pedir comida utilizando a palavra *mum*, ele dava para ela (eu copiarei as palavras escritas na época) "um som marcadamente interrogativo no final". Ele também dava um som exclamativo, tal como nós empregamos quando somos surpreendidos, ao "Ah" que ele usava principalmente quando reconhecia qualquer pessoa ou sua própria imagem num espelho. Afirmei em minhas notas que o uso destas entonações parece ter surgido instintivamente, e lamento que mais observações não tenham sido feitas sobre este assunto. Anotei que logo num período posterior, entre os 18 e 21 meses, ele modulava sua voz ao recusar-se peremptoriamente a fazer qualquer coisa com um tom de desafio, de forma a expressar, "isto eu não"; e um "hum-hum" para expressar "Sim, com certeza". (...) O som interrogativo que meu filho dava para a palavra *mum* ao pedir comida é especialmente curioso. Pois se alguém usar uma só palavra ou uma frase curta, desta forma ele descobrirá que o tom musical de sua voz crescerá consideravelmente no final. Não acho, então, que este fato afete a visão que sustentei em outro lugar: que antes de o homem usar a linguagem articulada, ele

emitia notas numa verdadeira escala musical como faz o primata antropóide *Hylobates* (DARWIN, 1877/2010 pp. 572-573).

Essa dimensão não muito divulgada de Darwin mostra em grande parte o desconhecimento, bastante cultivado inclusive, em relação à sua obra. Teremos oportunidade de desenvolver as questões que *Biographical Sketch of a infant* levanta também presentes em outros momentos de sua obra e anotações, que são essas intuições levadas a sério no campo das ciências naturais, mas que nos remetem ao que hoje chamamos, depois de Saussure, de *lalangue*, da voz e do que Lacan chamará aproximadamente um século depois, de *lalangue*. No campo da psicologia Darwin já se destacava por nutrir interesses que contrastam com a infatigável necessidade de se instituir uma psicologia devida e protocolarmente alinhada aos padrões da ciência moderna, no imaginário como aspecto central, em um momento da história, como diz Lacan no Seminário II, em que a precisão da máquina é a questão do homem. A fineza com que ele tratará temas os mais distintos, da tradição filosófica aos fatos da intimidade familiar, trazendo toda essa bagagem para o campo animal, ou melhor dizendo, para o lugar do corpo. Prova disso está naquilo que ele desenvolveu a respeito da seleção sexual, onde ele procura apreender toda uma dimensão de olhar já instaurada na natureza, nas diferentes cores dos pássaros, nos padrões e nos ocelos do pavão, por exemplo, que o deixavam mal e perplexo devido aos impasses de uma natureza completamente imprevista e muitas vezes luxuriante. Mas será a partir da seleção sexual que Darwin procurará, em a *Origem do homem*, desenvolver o instinto social e sua antropologia em cima das hordas e do pai terrível e ciumento.

Tudo isto nos levará a abordar aquilo que Lacan nos oferece ao pensar *olhar e ver*, no quiasma do Seminário XI *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, e no modo como ele também pensa a questão quando fala de Roger Caillois a respeito do olho na natureza, a Psicastenia lendária, no mesmo seminário. Esse confronto Callois e darwin pode render frutos interessantes levando-se em conta os momentos diferente e as especificidades dos discursos. O olhar de Darwin e a natureza que olha Darwin. A discursividade que aí se apresenta quando a obra de Darwin parece apontar, de uma forma pioneira e diferenciada enquanto ciência, para um horizonte ético.

É nesse sentido que procuraremos conduzir nossa investigação, visando o percurso contrário às psicologias e às psicanálises que se utilizam de Darwin para justificar e explicar a psique de forma geral ou as descobertas freudianas a partir de suas bases “instintuais” ou fisiológicas. Nosso percurso, inversamente ao de Dylan Evans, deve ser de Darwin a Lacan,

uma vez que Darwin não deve servir de base ideológica para justificar a psicanálise – uma vez que propõe mais enigmas do que respostas. Mas também tampouco ao contrário, quando a psicanálise acaba por não questionar ou examinar a obra de Darwin, por rechaçar sem pestanejar os usos ideológicos de que tantos dela se serviram e ainda o fazem (com a melhor das intenções, devemos lembrar disso). Nosso empenho se volta todo no sentido de operar uma leitura pelo viés da ética. Portanto, nosso percurso procurará lançar um certo olhar lacaniano a Darwin, baseando-nos na obra do próprio Darwin e outros grandes pensadores do evolucionismo, e verificar que, de certo modo, a natureza, em Darwin, é ‘desnaturada’. Essa desnaturação, seguindo uma hipótese a desenvolver, deve ocorrer pelo fato mesmo de que Darwin, o sujeito Darwin, - a partir mesmo de seu, digamos, 'espelhamento' com Jenny a macaca orangotango do Zoológico de Londres -, insere o homem, mergulha-o numa lógica de rede, ou seja, na estrutura de uma combinatória de relações entre elementos. Ou seja, a observação dessa lógica - que é na verdade a condição de possibilidade de se pensar as diferenças na constituição de algum elemento, uma lógica sem a qual a ecologia, por exemplo, seria impossível de ser concebida (Patrick Tort) - se aplica à natureza porque justamente é do sujeito que se trata, quando a questão do sujeito da ciência, o passo de Descartes, retorna e é revisto no momento darwiniano.

Em relação a tudo que se pensou a respeito da natureza, o aspecto imaginário da incursão darwiniana na rede de reconhecimento, do espelhamento com os animais, com as morfologias e semelhanças, e comportamentos detectáveis, todo esse movimento de espelhamento tem um revés de estranhamento. Pois assim nos parece, que o olhar de Darwin faz retornar um certo *real*, uma vez que esse *real* é readmitido ou (re)introduzido na natureza (antes refém dos paradigmas criacionistas e das teologias e teleologias) sob diversas formas: o acaso e a contingência nos mecanismos da seleção natural e a reintrodução (reconhecimento) da morte e da dizimação e/ou extinção nos dispositivos da natureza. A questão ética já se coloca aí, segundo nosso entendimento, quando a leitura que Darwin faz da natureza abre um abismo, um “buraco lógico” (GOULD, 1996 p.196), não somente na biologia, mas também na idéia que o homem faz de si mesmo, que é, rigorosamente falando, e surpreendentemente, a mesma idéia de pertencimento do homem à natureza, ou seja, à rede onde se inserem todos os seres vivos, desenhada por Darwin na forma de uma árvore. Se todos seres vivos são pertencentes a uma grande família, a árvore da vida, o que confere teoricamente uma unidade (na medida em que teriam como referência alguns poucos modelos primeiros), por outro lado, cada elemento diferencial a mais, cada ponto ínfimo de diferença - até mesmo entre dois indivíduos de uma mesma espécie, por exemplo -, resulta em estranhamento, pois as

distâncias vão se alongando, conforme as ramificações aumentam. Se entre um macaco e um homem algo se vela nessa comparação, algo de uma angústia velada pelo riso, imaginemos o que se passa entre um homem e uma barata, por exemplo. Impossível não lançar mão como exemplo de uma obra como a de Clarice Lispector, *A paixão segundo G.H.*, onde uma dona de casa se defronta com uma barata no quarto de empregada de seu apartamento. Obviamente, sem interpretações darwinianas da obra de literatura, - mas a simples ideia de pensar que o mais estranho pode ser familiar - que, segundo Darwin, somos parentes distantes desse inseto, mas parentes mesmo assim, o que dá à magnitude da árvore da vida um aspecto sombrio, um alerta de angústia. Clarice se reconhece aí num ponto onde um real vertiginoso se apresenta num encontro que não pode haver.

Em Lacan, a natureza - ou aquilo que se nomeia 'natureza' -, tal qual o homem, é uma desnaturada por natureza - várias são as pistas dessa, digamos, 'coerência' em sua obra. Basta seguir a sua "boa lógica", como ele diz no Seminário, Livro XXIII, *O Sinthoma*:

Para ser curto e grosso, direi que a natureza se especifica por não ser una. Daí, para abordá-la, o procedimento lógico. Pelo procedimento de chamar de *natureza* o que vocês excluem pelo simples fato de ter interesse em alguma coisa, alguma coisa que se distingue por ser nomeada, a natureza não se arrisca a nada senão a se afirmar como miscelânea de *fora-da-natureza*.

Esse enunciado tem a seguinte vantagem: se vocês acham, e mesmo esperam, que o chamado homem se coloque acima do que parece ser a lei da natureza na medida em que não há para ele relação naturalmente sexual - esse naturalmente, portanto, com restrições -, é porque tal enunciado lhes permite afirmar logicamente que este não é um privilégio do homem, o que acaba por se verificar.

Entretanto, cuidado para não dizerem que o sexo não tem nada de natural. Tentem antes saber o que se passa em cada caso, da bactéria ao pássaro, uma vez que eles têm nomes (LACAN, 2007 p. 13).

No Seminário O saber do analista, Lacan diz: "Não pensem que sou daqueles que opõem a cultura à natureza. Primeiramente, porque a natureza é um fruto da cultura (LACAN, 1971-72 p.23).

Lacan aponta para a importância da nomeação como ponto fundamental a ser desvendado pelo estudo da relação do homem com a natureza do ponto de vista da psicanálise. A nomeação requer a admissão do real como envolvido nesse processo, como veremos no caminho do que iremos desenvolver aqui.

Freud apresenta suas nomeações no que concerne a uma certa genealogia epistemológica: para ele, a obra de Darwin deve representar verdadeiramente o descentramento do homem em relação à natureza, e é sob essa condição que ele reafirma a posição de seu nome entre Copérnico e ele próprio na seqüência dos golpes narcísicos. Isto veremos mais a frente, mas, por ora, pensamos em retomar o dizer de Freud a respeito desses

três golpes, mas pela lavra de um biólogo, o paleontólogo Stephen Jay Gould (1941-2004), já citado aqui. Provavelmente um dos maiores nomes da biologia do século XX, Stephen Jay Gould conseguiu uma dupla façanha: tornar-se um dos maiores e mais acessíveis divulgadores do evolucionismo darwiniano, como também, simultaneamente, ainda que popular, ser reconhecido pelo rigor, situando sempre a ciência na sua relação com a cultura (as artes) e ao pensamento da história das ciências, o que o diferenciava muito dos seus colegas. Dedicou-se inteiramente à (re)leitura da obra de Darwin, e mais propriamente a um “retorno” à obra de Darwin, ampliando assim as questões, ao combater os usos e distorções ideológicas que o pensamento de Darwin sofreu e ainda sofre nos dias de hoje, assim como isolar aspectos de base, estruturais do pensamento de Darwin. Juntamente com Ernest Mayr, outro gigante da biologia, Jay Gould é um dos que mais arduamente combateram as visões deterministas aplicadas ao evolucionismo. Vejamos o que ele diz:

Sigmund Freud freqüentemente observava que as grandes revoluções na história da ciência têm em comum, ironicamente, senão um ponto: elas golpeiam a arrogância humana, derrubando um pedestal após o outro da nossa prévia convicção a respeito da nossa evidente importância. Nos três exemplos de Freud, Copérnico mudou nossa casa do centro para a periferia, Darwin submeteu-nos à descendência ‘de um mundo animal’; e, concluindo (em uma das menos modestas afirmações da história do pensamento), Freud, ele próprio, descobriu o inconsciente e explodiu o mito da totalidade da mente racional. Nesse sentido freudiano, prudente e profundo, a revolução darwiniana permanece lamentavelmente incompleta porque, ainda que o pensamento humano em geral aceite o fato da evolução, grande parte de nós é incapaz de abandonar o reconfortante ponto de vista de que evolução significa (ou pelo menos dá corpo a um princípio central de) progresso enquanto definido e traduzido na aparição de algo como a consciência humana como potencialmente inevitável ou ao menos previsível. Esse pedestal não será quebrado enquanto não abandonarmos progresso, ou complexificação como progresso, como princípio central e não aceitarmos a forte possibilidade de que o *H. sapiens* seja nada mais do que um ínfimo e tardio ramo na enorme e ampla árvore da vida – um pequeno botão que, podemos afirmar com quase total segurança, não apareceria pela segunda vez se a semente da árvore pudesse ser replantada e crescesse novamente (S. JAY GOULD, 1994 p.91).

Ritvo (1990) nos informa que a idéia dos golpes narcísicos se origina em Ernest Haeckel, grande seguidor de Darwin e principal divulgador do evolucionismo na Alemanha e países de língua alemã. Sabemos que é o evolucionismo de Haeckel que será introduzido no sistema de ensino na época de *Gynasium* de Freud. Segundo Haeckel, os grandes golpes narcísicos tinham sido desferidos por Copérnico e Darwin. Freud introduz-se a si mesmo como terceiro tempo. E trata-se, portanto, de uma fala que Freud sustentará até o final da vida. Nosso interesse, portanto, é lançar um olhar da posição em que Freud se inclui, sua criação, a psicanálise, em direção às idéias de Darwin, uma vez que: de Copérnico a ele próprio, não tem como não vermos aí um percurso - em termos epistemológicos, em termos de uma mostra

reduzida do percurso freudiano. Nesse percurso, Darwin - e, como veremos, também Lamarck - é uma presença fundamental.

O que se passa no nível da revolução darwiniana vai muito além da biologia enquanto campo restrito do saber; entendemos que sua face mais penetrante está na ética que ela veicula e causa impacto. Se, como quer Freud (e não Haeckel, mas do lugar preciso que Freud inaugura com a psicanálise), o darwinismo se constitui em um golpe narcísico, é preciso rever seu estatuto ético, ou seja, é preciso procurar saber de que modo isso se dá, de que modo isso funciona. Se acompanharmos a fala de Freud, onde ele indica esse alinhamento das três revoluções científicas, a saber, Copérnico (açambarcaremos aqui simbolicamente não somente o próprio Copérnico, mas Galileu e Descartes, para citar os personagens mais representativos que deram início ao método da ciência moderna); Darwin; e o próprio Freud, como terceiro tempo. E aqui, juntamente com Freud, estamos com Jacques Lacan e seu retorno à obra do criador da psicanálise, como aquele cuja obra essencialmente insiste na direção que faz da ferida narcísica, mais propriamente, da falta do objeto, que é estruturante, como constitutivo do sujeito. Ou melhor, Lacan quer fazer valer a ferida, na contramão dos discursos universalistas e fechados, e Freud é o lugar onde surge uma reviravolta nesse sentido, legitimação e reconhecimento de um sujeito. Seguindo, portanto, o rastro, o caminho, dos três golpes ou feridas narcísicos, colocados por Freud, adicionamos ainda uma proposta, ou mais um comentário, de Jay Gould, trata-se do que ele chama da necessidade de uma “quarta revolução freudiana”. O que seria essa quarta revolução? Jay Gould, nesse momento, refere-se ao próprio campo da biologia, mas não de forma restrita, e sim com o intuito de colocar o discurso freudiano como aquele que, de fora, pode sustentar aquilo que pode de fato se configurar como ferida narcísica no campo do darwinismo. Ou seja, o discurso freudiano é, no raciocínio de Gould, o mais ‘habilitado’ para sustentar e revalidar o caráter de ferida que Darwin traz no bojo de seu pensamento. Isto apenas nos remete ao trabalho de Lacan ao ter que se remeter à filosofia de Descartes quando estabelece uma sincronia entre a psicanálise e o discurso da ciência. Assim algo nos indica também uma ‘continuação’ (ou a equação) do sujeito da ciência (no momento do corte cartesiano) e o aparecimento do sujeito da psicanálise, que é o sujeito da ciência na clínica e escutado por Freud.

Nas últimas páginas de *A Origem das espécies* Darwin comenta em tom profético:

No futuro distante, visualizo novos campos que se estendem para pesquisas ainda mais importantes. A Psicologia irá basear-se num fundamento novo, o da necessária aquisição gradual de cada faculdade mental. Nova luz será lançada sobre o problema da origem do homem e de sua história (DARWIN, 1859/2002 p.380).

Podemos acompanhar e ver de que modo as psicologias se servem/serviram das idéias de Darwin, - onde o próprio Darwin já trazia uma nova luz -, mas o lugar de Freud não poderia aí ser também delineado como invenção de um “novo fundamento”, ou seja, o inconsciente?

1 CHARLES DARWIN, *UN ESPRIT DE FINESSE*: A ESPECIFICIDADE DE DARWIN A PARTIR DE UM QUADRO ESTÉTICO

Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo.
Virgílio, *Eneida*, Livro VII, 312 in *Interpretação dos sonhos*.

1.1 Um lugar para Darwin - considerações a partir da literatura

Situar a especificidade e a posição de Darwin, ou darwinismo, a partir da psicanálise resulta, como propomos mostrar paulatinamente, em se debruçar sobre algo que não é desconhecido de todos, mas que, segundo me parece, precisa ser depurado: o que poderíamos chamar de uma 'estética darwiniana'. Estética que assim pinçada, inevitavelmente puxa consigo, a um só tempo, em um só fôlego, uma rede de questões que se desdobram no âmbito da ética, a da psicanálise, e de certa reflexão epistemológica ligada a essa estética, objetivando mostrar seu estatuto mais preciso e o espírito vivo de sua *finesse*.

Partamos do ABC da leitura* (*ABC da Literatura*, tradução de Augusto de Campos do original *ABC of reading*) onde Ezra Pound revela:

O método adequado para o estudo da poesia e da literatura é o método dos biólogos contemporâneos, a saber, exame cuidadoso e direto da matéria e contínua COMPARAÇÃO de uma "lâmina" ou espécime com outra (Pound, 1997 [1934] p. 23).

Pound embasa seu dizer na identificação e adesão ao pensamento do filósofo americano Ernest Fenollosa, no conhecido e original trabalho *Ensaio sobre os caracteres gráficos chineses*, de 1920* (na segunda vez que foi publicado, em 1936, estabeleceu-se o

título definitivo, *Os caracteres gráficos chineses como veículo para a poesia*). O ensaio torna-se conhecido graças também aos esforços desmedidos do próprio Pound no que se refere à publicação e à divulgação das ideias de Fenollosa em um país, os E.U.A., onde prepondera, como observa em seu *ABC*, a "completa vileza" do pensamento filosófico oficial e universitário.

O que Fenollosa pretende mostrar, dentre outras coisas, segundo Pound, é que

Em contraste com o método da abstração ou de definir as coisas em termos sucessivamente mais e mais genéricos [como na Idade Média], Fenollosa encarece o método da ciência, "que é o método da poesia", distinto do método da "discussão filosófica", e que é o meio de que se servem os chineses em sua ideografia ou escrita de figuras abreviadas (POUND, 1997 [1934] p. 23).

Pound coloca na base de seu *ABC*, a partir de Fenollosa, da forma mais densa e ao mesmo tempo 'acessível', uma ideia que, se olharmos de perto, somente aparenta simplicidade, mas que como fórmula é bastante atraente. Parece evocar uma outra ideia que não nos é muito estranha. Longe de ser a mesma coisa, mas ao assumir que o método da ciência 'é' o método da poesia, não há como não escutar nessa relação um eco involuntário do que Jaques Lacan toma como uma das suas teses fundamentais na sua epistemologia, ou, como prefere Milner, no seu doutrinal da ciência, a saber, a equação dos sujeitos. Em *Ciência e verdade*, Lacan escreve:

Dizer que o sujeito sobre quem operamos em psicanálise só pode ser o sujeito da ciência talvez passe por um paradoxo. É aí, no entanto, que se deve fazer uma demarcação, sem o que tudo se mistura e começa uma desonestidade que em outros lugares é chamada de objetiva: mas que é falta de audácia e falta de haver situado o objeto que malogra (LACAN, 1998 p. 873).

Essa equação faz par com uma outra assertiva lacaniana, a que diz que a psicanálise é síncrona da ciência moderna.

Que é impensável, por exemplo, que a psicanálise como prática, que o inconsciente, o de Freud, como descoberta, houvesse tido lugar antes do nascimento da ciência, a ser tomada no sentido absoluto no instante indicado (...) (LACAN, 1998 p. 871)

Esse instante, como indica Lacan, -- tendo Koyré como guia --, esse instante é datado e identificado na elaboração de Descartes e o surgimento do sujeito da ciência. Aqui Lacan privilegia o corte cartesiano, que não se apresenta 'somente' como reformismo da ação do homem em relação aos objetos do mundo e ao conhecimento, como domínio sobre a natureza,

que caracterizaria preponderantemente o pensamento de Bacon, mas antes como uma questão que implica e compromete o sujeito. Descartes inventa o sujeito moderno, desferindo um golpe na episteme anterior que já desabava em desespero, a era medieval que já vinha vislumbrando seu fim, o momento profícuo e proliferante do Renascimento, sem no entanto poder contar com uma formulação como a de Descartes, que é a necessária redução, o enxugamento pela devastação do mundo qualitativo da Escolástica e uma busca de ancoramento na certeza e no alívio que é o *cogito*. Pelo método da dúvida hiperbólica, que na verdade procura o ponto último e irreduzível onde nenhum ceticismo jamais poderia afetar, Descartes pelos meios da filosofia faz funcionar "(...) o desfilamento de um rechaço de todo saber, mas por isso pretende fundar para o sujeito um certo ancoramento do ser, o qual sustentamos constituir o sujeito da ciência em sua definição(...) (LACAN, 1998 p. 870)".

O sujeito da ciência é o ponto da certeza, onde algo da relação com o ser se substancializa pontualmente no *cogito*, como Lacan indica no Seminário *A identificação* ao problematizar, em paralelo, a tautologia do princípio de identidade, $A = A$. Algo se substancializa aí, nesse ponto, quando se diz *Penso, logo sou*. O *cogito*, para Lacan, disfarça o desarranjo fundamental que há entre as duas partes do enunciado: há um intervalo, uma hiância, entre o eu penso e eu sou. Mas justamente, formula Lacan, não há tautologia. A não é igual a A. Essa 'obviedade', que A não é A, que em última análise é o que pode haver de mais escandaloso e chocante, na medida que nos é praticamente invisível e dado como justa a serena afirmação contrária, continua e continuará a desconcertar. Mas é em cima desse ponto, dessa suposta sutura de $A=A$ que se sustenta a certeza do cogito, *Penso, logo sou*. Entre o eu 'penso' e o eu 'sou' há uma hiância, um intervalo, um abismo, o mesmo abismo que há entre A e A. Esse princípio de identidade, Lacan demonstra em *A identificação* como um ponto em suspenso no imaginário.

Ora, se o sujeito sobre que a psicanálise opera é o sujeito do inconsciente, essa reviravolta que nos desconcerta, ela só é possível graças à hiância que o filósofo faz desaparecer na manga, no seu número de presdigitação. Número formidável, pois a hiância surge justamente nesse truque de desaparecimento, que é o do seu método: séculos e séculos de *semblant*, poderíamos assim dizer, desaparecem ou são reduzidos a um ponto que é o sujeito, quando o pensamento volta-se finalmente e justamente para si mesmo, para quem pensa. Sem sabê-lo, faz surgir dessa operação um sujeito para um novo tempo, cujo pensamento deve ser, então, errático e não mais alienado à tarefa de ratificar a sua certeza -- lembremos que Descartes não dispensa Deus como fiador do conhecimento pela razão. Ou seja: o mesmo sujeito do cogito é outro a 'um só tempo', sem que se saiba imediatamente,

como coloca Lacan, quando diz que Freud, de maneira alguma, rompe com o cientificismo de seu tempo, com os ideais de seus mestres fisiologistas como Brücke, Helmholtz e Du Bois-Reymond. E é nesse mesmo lugar onde a partir do mecanicismo da máquina cartesiana, procuram-se as respostas para as perguntas outrora exclusivas da religião, da mística e da filosofia, -- o pensamento, onde localizá-lo? --, onde o sujeito é confundido com a massa fina e frágil do órgão cerebral, o que não é muito diferente do que acontece hoje em dia, onde tudo se reduz ao corpo do discurso médico, na medicalização da vida, e ao reinado dos neurosaberes e do evolucionismo panglossiano⁶ da ciência 'marrom': enfim, é desse mesmo lugar, que apresenta condições de possibilidade para tanto, que surge a objeção de Freud. É de dentro mesmo da ciência, ou mais precisamente dizendo, à margem e no seu mais íntimo, do imperativo cartesiano, do que por ele é rejeitado e abolido, que poderá surgir o sujeito da psicanálise. É somente a partir desse ato fundador da ciência moderna, do sujeito da ciência, às custas da desertificação do campo das qualidades, do campo 'teológico', que pode surgir o que se entende como reinvenção do sujeito a partir de um furo.

Portanto, se, por esse ponto de vista, aceitarmos a pontuação inicial de Pound que procura fazer uma equivalência ao dizer que o método da poesia é o método da ciência, e não o método da discussão filosófica, pergunta que devemos ousar fazer: o sujeito da ciência é o 'mesmo' sujeito da poética? Se o sujeito da ciência é fundado no corte cartesiano, ele já o é, enquanto futuro sujeito da psicanálise, de modo foracluído. Em outras palavras, ele é fundado no momento mesmo em que é supostamente suturado. No que se segue, como dirá Lacan, o 'sujeito da ciência' teve que esperar por um bom tempo até que Freud pudesse escutá-lo, para que, enfim, inventar a psicanálise nesse mesmo ato.

Assim, nos diz Lacan, o momento "historicamente definido" (LACAN, 1998 p. 870), momento da invenção do sujeito moderno por sua foraclusão, faz com que o sujeito do inconsciente tenha que esperar até o momento de Freud. Esse momento é o da histórica - também historicamente definido -, pois, como diz Lacan, foi a histórica quem inventou a psicanálise. Foi ela que mandou que Freud se calasse e pudesse acolher essa irrupção da verdade e, dessa forma, aceitar recolher seu saber médico e engajar-se na escuta propriamente analítica da fala - de um sujeito. Uma questão, pois, clínica por excelência, da clínica de um médico que não é mais propriamente um médico. Um médico não costumava escutar seus

⁶ Expressão cunhada por Stephen Jay Gould para se referir às explicações que grande parte dos evolucionistas têm para todos os fenômenos e questões. A essa panacéia do cientificismo evolucionista corrente, Jay Gould utiliza-se, em sua crítica, do personagem Dr. Pangloss da novela *Candide* de Voltaire. Pangloss orientava e era o mentor de Candide, o otimista. Jay Gould posiciona-se a favor de que se mantenham os enigmas, o enigma, o que não tem explicação, é parte integrante da pesquisa darwiniana.

pacientes. Freud, por alguma razão, se vê ocupando o lugar de uma espécie de médico que estava para-além da terapêutica e da objetividade, que tem acesso a uma "outra cena", como ele utiliza o termo de Fechner. E, ainda, podemos assistir na obra partida dos *Estudos sobre histeria (Über hysterie)* que ele quase que descaradamente recusa a hipótese dos estados hipnóides de Breuer, preferindo voltar seu interesse ao discurso da histérica, o que Lacan qualifica de "fato assombroso" (LACAN, 1998 p. 810). Então, essas mulheres falam. E assombroso é a dimensão da linguagem, e tudo o que pesa no tocante a isso, que aí se sobressai, mas pouca gente parece perceber. Refiro-me à crítica de Lacan aos analistas que menosprezam justamente o filé de sua própria atividade e função, que é de onde jorra a fala, convocada pela suposição de saber, onde ela se libera para bem dizer o sintoma, pois a linguagem é condição do inconsciente e este, por sua vez, como reafirma Lacan reiterada e continuamente, é estruturado como uma linguagem. Lacan mostra o material abundante que se torna evidente através de seu ensino e que brota a todo instante da obra de Freud, a que os analistas faziam vista grossa. Lacan mostra isso em relação ao livro dos chiste e à dimensão simbólica:

Por mais abandonada que seja por nosso interesse - por motivos óbvios -, *O chiste e sua relação com o inconsciente (Le mot d'esprit e l'inconscient)* continua a ser a obra mais incontestável, porque a mais transparente, em que o efeito do inconsciente nos é demonstrado até os confins de sua fineza; (...) Convém acompanhar, nos meandros admiravelmente insistentes das linhas desse livro, o passeio a que Freud nos conduz por esse jardim seletto do mais amargo amor. (...) Ali, tudo é substância, tudo é pérola. O espírito, que vive como exilado na criação de que é o esteio invisível, sabe-se capaz, a qualquer instante, de aniquilá-la. Formas altaneiras ou pérfidas, elegantes ou bonachonas dessa realeza oculta, não há uma só, nem mesmo entre as mais desprezadas, cujo brilho secreto Freud não saiba fazer cintilar (LACAN, 1998 p. 271).

Mas esse encontro com Freud, e obviamente com Lacan, - graças à peculiar formulação epistemológica deste último a respeito do sujeito inspirada em Koyré e também em Kojève -, esse encontro somente acontece depois de uma espera. Essa espera nos interessa.. O que acontece nesse espaço de tempo entre Descartes e os "confins da fineza"? Como se manifesta o dito sujeito da ciência nesse meio tempo? Ou perguntemos de outra forma, através do próprio texto de Lacan: por onde andarás o jardim seletto do mais amargo amor, por onde desfila a realeza oculta das formas pérfidas, altaneiras e bonachonas? E para onde se exila o espírito invisível de onde brota tudo isso que Lacan nomeia efeito inconsciente? De onde vem o brilho secreto de tudo o que a escuta de Freud faz cintilar, mesmo o que se mostra como o mais desprezado? Eis a poética lacaniana na pista desse "mais amargo amor" que parece indicar, através desse acontecimento que é o encontro do apelo do

sujeito da ciência com Freud, uma espécie de topologia - ou topografia? - da cultura, onde se poderia situar essa dimensão "oculta" do sujeito historicamente situado entre o discurso da ciência e o advento da psicanálise. Refiro-me a uma passagem de *Kant com Sade*, onde Lacan escreve logo no início:

(...) sustentamos que a alcova sadiana iguala-se aos lugares os quais as escolas da antiga filosofia retiraram seu nome: Academia, Liceu, Stoá. Aqui como lá, prepara-se a ciência retificando a posição da ética. Nisso, sim, opera-se um **aplanamento** que tem que caminhar cem anos nas **profundezas do gosto** para que a via de Freud seja viável [*pour que la voie de Freud soit praticable*]. Contém mais sessenta para que digamos o porquê de tudo isso (LACAN, 1963/1998, p.776; grifos nossos).

Ora, o sujeito caminha, - e parece que continua a fazê-lo -, nas "profundezas do gosto" (e do desgosto, como dirá J.A.Miller). Aqui entra essa espécie de tópica cultural, por assim dizer, onde podemos imajar o discurso da ciência fazendo seu **aplanamento** ao mesmo tempo em que promove e funda, sem sabê-lo, uma outra cena, subterrânea, como profundeza. Se, segundo a tese que o texto apresenta, (grosseiramente aqui resumida) Kant e Sade são lados de uma mesma moeda, ou seja, como moeda da injunção de gozo e destruição do sujeito pelo aplanamento, eles representam a história da constituição, desde Descartes, e da consolidação da metafísica moderna que revigora e ratifica a radicalidade do discurso da ciência e suas conseqüências. Aquele que chamamos de sujeito da psicanálise surge como irrupção nesse aplanamento. Permita-me lançar mão de uma imagem para expressar a idéia de um aplanamento pela ciência moderna como o asfaltamento de uma *free-way*. Aquele tipo de asfalto aplanado pelas máquinas de *terraplanagem*, fazendo com que sua superfície seja quase da ordem de uma superfície matemática, uma superfície ideal. Mas, como se sabe, essas rodovias, como tudo, precisam de manutenção constante -- é conhecido o problema da famigerada estrada Transamazônica nos 'anos de chumbo' do Brasil --, pois, passado um pouco além do tempo, as rachaduras começam a surgir, falhas começam a abrir discontinuidades, a vegetação a retomar seu espaço. Aqui temos a irrupção do sujeito atrapalhando a otimização da vida veloz do progresso, pois nada mais representativo da idéia de progresso do que a imagem de uma *free-way* asfaltada. Mas, rigorosamente, do que se trata? As rachaduras só podem ser problematizadas pelo olhar no momento mesmo em que o aplanamento se faz necessário. Há uma simultaneidade. O real, dizia Lacan no Seminário sobre a Ética, só pode ser concebido a partir da incidência do significante. Há, portanto, algo em ação, esse real, não somente do que está sob o aplanamento, mas sim também do próprio material do asfalto, - semelhante à formação do mofo nos muros, nas paredes -, a estrutura do material que já contém em si seus pontos de fragilidade por sobre os quais se desenhará a

rachadura com o tempo, mas que nada permite previsão quanto à forma e profundidade. Esse é o lugar de uma profundidade simultânea ao aplanamento, que não se deve confundir com a profundidade⁷ de algum lugar essencial, subterrâneo, um inferno, ou lugar, como mostrou Lacan no Seminário XI, onde se supõe se alojar o Inconsciente, o inconsciente substancial e místico. Não, na modernidade, o inferno parece estar na superfície, como questão para a cultura, para um Baudelaire, por exemplo, que é a encarnação do artista fazendo rachadura, resistência equanto *real* (e não resistência puramente imaginária), demonstrando a irrupção do sujeito na cultura, pela literatura, no momento onde localizamos o que "caminha", o que erra e faz objeção ao discurso aplanador. Pois bem, procurarei mostrar que é por esse caminho mesmo, - mais precisamente no caminho de uma terraplanagem -, pelo viés de um rachadura, que encontraremos Charles Darwin, seu tempo e seu lugar.

Qual o lugar que reservamos à questão darwiniana? Ou seja, depois do corte da ciência moderna com Descartes e antes de Freud, colocamos, seguindo a indicação de Lacan acima, uma espera 'pela psicanálise'. Mas, coisa curiosa, afirmamos que colocamos Charles Darwin no 'mesmo' lugar que Charles Baudelaire. Embora muito diferentes, evidentemente, Darwin não está muito longe de poder ser considerado um *flanêur*, embora esteja mais para um *flanêur* da natureza. Mas isto, essa lógica do asfalto rachado, implica para nós em pensar a subversão - o papel central que ela deve ter aqui. Pergunta: por esta lógica dos 100, 160 anos de errância do sujeito nessas "profundezas", ou do que mostramos como parte dela, o que está em condições de legitimar uma operação que situaria Darwin entre Descartes e Freud? Como sabemos, Freud, ele próprio, foi o primeiro a fazê-lo, colocando o nome de Darwin como segundo golpe narcísico depois de Copérnico e antes dele próprio. Resta saber, contudo, se Darwin estando aí nesse lugar, juntamente com os escritores, artistas, pode representar, por sua vez, uma ciência -- note-se bem, uma ciência -- que se posiciona a partir de algo que retorna do sujeito foracluído: um resto. Se o retorno da dimensão do gozo se dá em Freud, em Darwin esse retorno pode ser também pensado, mas de uma outra forma, evidentemente, -- como passo anterior, como subversão. Não a subversão do sujeito como é próprio da articulação da psicanálise -- subversão que é o reviramento do sujeito da ciência em sujeito do inconsciente. Trata-se de outra coisa, mas que carrega sua subversão e provoca o pensamento

⁷ No entanto, J. A. Miller, ao referir-se a esse termo "profundezas do gosto", usa uma imagem atribuída a Marx, dizendo que o sujeito caminha nas profundezas do gosto como a toupeira sob a terra. E é inteiramente digno de nota que a toupeira caminha sob a terra, escavando a terra por baixo e tudo parece muito tranquilo nas superfícies mais lisas e insuspeitas. A toupeira abre túneis, constrói galerias, expandindo as vias subterrâneas em forma de infundáveis labirintos por onde passa, se alimenta e organiza seu modo de vida. E assim, mesmo estando quase a totalidade do tempo sob a superfície (algumas espécies são totalmente subterrâneas), trata-se de um animal que não deixa de dar trabalho àqueles que estão sobre a superfície.

na medida em que se enlaça de algum modo na articulação entre a fundação da ciência moderna e a subversão do sujeito pela psicanálise.

Lacan não via com bons olhos, ou considerava inapropriada, a categoria de 'revolução', no que considerava como "sentido ultrapassado, em nossa época". Em *Radiofonia*, por exemplo, em se tratando da revolução copernicana, ele ironiza a troca do geocentrismo pelo heliocentrismo, mostrando que a posição do significante-mestre se mantém inalterada. Girando-se em torno da Terra ou do Sol, o centramento mantém-se o mesmo. Lacan sugere, inclusive, que algo que ele nomeou como "fotocentrismo" poderia ser "menos servil" que o heliocentrismo. E ainda, que um decentramento de fato ocorreria com Kepler, onde a circularidade perfeita aristotélica é eclipsada pela elipse. Aí sim tratar-se-ia de uma subversão. Mas Lacan reconhece a necessidade de Freud ao se servir da revolução copernicana:

Aquilo que Freud, em suas palavras expressas, alegorizou no recurso a Copérnico a propósito da destituição de um centro em benefício de outro, decorreu, na verdade, da necessidade de rebaixar a soberba ligada a todo monocentrismo. E ele o fez em razão daquilo com que lidou na psicologia - não vamos dizer em sua época, porque isso continua intocado na nossa: trata-se da pretensão com que um campo se constitui como "unidade" pela qual pode recensear-se. Por bufão que seja, isso é tenaz (LACAN, 2003 p. 419).

Como podemos ver, Lacan destaca essa importância da questão do descentramento que é tão cara a Freud. E há, além disso, em Freud, um encadeamento de descentramentos, de revoluções (que, como vimos, é complementado por ele a partir de uma série iniciada por Haeckel): se nos dedicarmos a enfileirar nomes - Copérnico, Darwin, Freud.. - e suas respectivas 'revoluções', Lacan pode ter a sua designada como sendo responsável pela filiação do homem à linguagem. Isto, primeiramente, porque a radicalidade com que Lacan aborda a linguagem até as suas últimas conseqüências, seja explorando em todo o seu espectro os domínios da linguística, essencialmente a dimensão do significante a partir Saussure e daquilo que ele mostra ser Freud aquele que o antecipa, onde o homem filia-se ao significante e à letra. Digo isto também pensando em Darwin, quando se diz que ele foi responsável pela teoria, ou pensamento, que defende a filiação do homem à natureza e, a partir disso, tirando o lugar central e final do homem em relação a todo o restante da natureza. O importante frisar aqui é que, embora criticada por Lacan, a 'revolução' copernicana serve a Freud, se olharmos da perspectiva subversiva de Freud em direção à Copérnico, e parece que isto está muito ligado ao que ele, ao colocar Darwin em um lugar anterior ao seu, tinha como expectativa em relação à biologia: Darwin, dentro dessa expectativa, deve ter tirado o homem do topo, mesmo porque Freud prosseguiria nesse caminho. Freud parece ter se servido do

encadeamento dos golpes narcísicos quase como uma cadeia de condições, como se dissesse: sem isto, não pode haver aquilo.

Se há algo de subversão do sujeito em Darwin, essa subversão mantém sua pertinência, muito embora oculta e evitada ou até mesmo tombada pela reificação - estagnada pelo preconceito. Não foi a toa que Freud viu com desconfiança o sepultamento do corpo de Darwin na Abadia de Westminster. Realmente, poucos vêem em Darwin uma questão, ou, como se diz a propósito de Freud, uma objeção - o darwinismo atual (ou seja, o uso atual que se faz dele) se contenta em ser apenas um sistema explicativo, explicativo de tudo o que se possa imaginar, ou apenas um oponente ao criacionismo - os debates estão aí na grande mídia para quem deseja apreciar, principalmente entre os norte-americanos e ingleses. A questão ética - da ética que nos interessa - é sempre, na verdade, colocada e escamoteada, ou pela questão moral do ateísmo engajado ou pelas igrejas. Há certamente um empuxo à bipolaridade entre a fé e a razão (*ratio*), entre cientistas engajados no ateísmo e aqueles que defendem, por exemplo, a proibição do ensino do evolucionismo darwiniano nas escolas e a imposição da leitura criacionista, e até mesmo fundamentalista, das Escrituras Sagradas. É bem conhecida a luta, ou melhor, a cruzada perpetrada por um eminente cientista, defensor árduo de Darwin com o seu livro *Deus, uma ilusão* e suas palestras e comunicações sempre muito difundidas nos programas de televisão. Refiro-me a Richard Dawkins e seus esforços no sentido de convencer os sujeitos religiosos a adotarem sua fé na razão e deixarem a ilusão Deus de lado. Colocado dessa maneira, julgado e paralisado entre esses dois discursos, o darwinismo perde sua potencialidade crítica, seu frescor, e passa a ser visto apenas como uma ciência justificadora do ateísmo, ateísmo esse que seria o meio mais bem sucedido e eficaz de dar continuidade à função de suporte e sustentáculo da razão (a razão cartesiana ou ao hegelianismo). Mas, se, por uma outra via, deixarmos Darwin ser apenas uma questão em suspenso, se pudermos ver nele uma contribuição fecunda que anuncia, ou denuncia, e interroga a ciência de seu tempo e que diz respeito à modernidade com repercussões importantes, poderemos, talvez, deixar que isso ressoe quando, enfim, pudermos deixar Darwin falar. Assim sendo, o olhar enviesado de Lacan observa, na sutileza paradoxal do seu rigor, conclamando seus ouvintes e leitores para que "desconfiem do registro do pensamento que se chama evolucionismo". Uma questão em suspenso caracteriza uma desconfiança? Vejamos o que ele diz: "a perspectiva criacionista é a única que permite entrever a possibilidade da eliminação radical de Deus". E reitera:

é, paradoxalmente, apenas na perspectiva criacionista que se pode considerar a eliminação da noção sempre renascente da intervenção criadora como suportada por

uma pessoa. No pensamento evolucionista, Deus, por não poder ser nomeado em nenhum lugar, é literalmente onipresente. Uma evolução que se obrigue a deduzir de um processo contínuo o movimento ascendente que vai dar no ápice da consciência e do pensamento, implica forçosamente que essa consciência e esse pensamento estejam na origem (LACAN, 1991 p. 261).

Adiantemos alguns pontos aqui a respeito dessa observação de Lacan em seu Seminário sobre a ética (pontos cruciais que serão retomados mais adiante). Inicialmente, Lacan se refere a um discurso evolucionista, por certo, mas, pelas características que ele aqui fornece, como "processo contínuo", "movimento ascendente" que vai dar no "ápice da consciência e do pensamento", não se trata aqui de uma formulação darwiniana, ou seja, não podemos, rigorosamente falando, atribuí-la a Darwin. Trata-se, aí sim, de uma determinada leitura de Darwin concebida a partir de toda a teleologia característica da história da ideia de evolução anterior a Darwin. É em Lamarck, por exemplo, que teremos a transformação entendida como esse "contínuo" e a vocação da natureza para a harmonia, a perfeição e à adaptação do indivíduo. É o exemplo tradicional da girafa: para Lamarck, o pescoço da girafa se prolonga através das gerações (por meio da herança de traços adquiridos) graças ao esforço do animal em alcançar seu alimento nas copas das árvores. Há aí uma congruência adaptacionista, onde tudo vai se constituindo ascendentemente. O que Darwin propõe é que há um intervalo nesse lugar, uma incongruência fundamental aliada a um jogo de azar: as girafas com pescoços menores ao não poderem alcançar o alimento nas copas das árvores (o fato de o alimento estar acima e não embaixo é uma contingência como outras) e não possuindo outros meios de se alimentar, morrem. As de pescoço maior sobrevivem. E aí está a seleção dada por um conjunto de elementos que numa determinada conjuntura se engrenam, pelo menos até essa engrenagem se desencaixar e adquirir outro quadro ou outra montagem. Ou seja, não há uma congruência perfeita e universal entre, por exemplo, o alimento e o animal, não há esse funcionamento linear e maquínico. Para Lamarck, a finalidade da vida já está dada desde o início e se dá pelo progresso, pelo aperfeiçoamento, na adaptação através de uma "ortogenética interior". Ora, parafraseando a tautologia, a 'girafa de pescoço mais longo' é a 'girafa de pescoço mais longo'⁸, nem melhor, nem pior do que as outras que não foram selecionadas, ela é apenas uma diferença que se produziu a partir de um quadro específico. O evolucionismo anterior a Darwin, quando não marcado pelos cânones da teologia natural, ainda segue à risca o plano de um melhoramento progressivo a nível universal e cosmológico, e isso vem marcando o pensamento de todos naturalistas evolucionistas e filósofos. Em carta

⁸ O que, veremos adiante, não é verdadeiro. Rigorosamente falando, em Darwin, toda girafa é única, ou seja, todo indivíduo tem o seu tamanho de pescoço - e essa pequena diferença de indivíduo para indivíduo é a pedra de toque de todo o jogo da evolução.

de 11 de janeiro de 1881 ao seu amigo, o botânico Hooker, escreve: "Deus me livre do contra-senso de Lamarck de uma 'tendência à progressão', 'adaptação a partir da lenta propensão dos animais'". Em outras cartas datadas de setembro, Darwin refere-se ao "livro de Lamarck sobre descendência" como "verdadeira tolice" (RITVO, 1992 p. 49).

Darwin também acrescentou ao corpo da terceira edição da *Origem* sua crítica à crença de Lamarck em uma força ortogenética interior, ou lei do desenvolvimento progressivo em direção à perfeição. (...) Darwin, com justeza, objetava que "se todos os seres orgânicos tendessem assim a ascender na escala, como em todo o mundo ainda existiriam numerosas formas inferiores?". E "como em cada grande classe algumas formas são mais altamente desenvolvidas que outras?" E por que "as formas mais altamente desenvolvidas não suplantaram em toda parte e exterminaram as inferiores?" (RITVO, 1992 p. 555)

Há ainda o caso de Herbert Spencer, seu contemporâneo, cujas ideias, por motivos históricos específicos, foram atreladas e confundidas com as de Darwin, ao cunhar o termo 'darwinismo social' e defender a ideia muito 'clara' e tentadora de ver tudo como uma linha que vai em direção contínua ao progresso. Segundo Patrick Tort, é o evolucionismo spenceriano a fonte onde bebe toda a tradição da sociobiologia que caracteriza em grande parte o movimento atual que Stephen Jay Gould chama de "ultra-darwinistas" (in Rose, 2000 p.102). A teleologia é, portanto, esse ponto de convergência para onde tanto a fé das escrituras quanto a razão se encaminham, sendo que no ateísmo que aí se mostra no evolucionismo questionado por Lacan, onde, diz ele, Deus não pode ser nomeado em nenhum lugar, é justamente onde esse Deus encontra-se onipresente, de ponta a ponta. De fato, desse modelo precisamos desconfiar, dizemos com Lacan. Esse modelo do evolucionismo é da ordem de um cartesianismo reiterado.

Outro ponto importante é o que Lacan entende por criacionismo. E ele situa a questão partindo de Freud, ao abordar a sublimação de Freud ao criar a noção de pulsão de morte. Importante citar a passagem:

(...) a articulação da pulsão de morte em Freud não é verdadeira nem falsa. Ela é suspeita, não estou dizendo nada além disso, mas basta que tenha sido necessária para Freud, que ela o traga de volta a um ponto de abismo, profundamente problemático, para que ela seja reveladora de uma estrutura do campo. Ela indica esse ponto que lhes designo alternativamente como sendo o do intransponível ou o da Coisa. Freud desenvolve aí sua sublimação referente ao instinto de morte, dado que essa sublimação é profundamente criacionista (LACAN, 1991 p. 260).

Ao "registro do pensamento que se chama evolucionismo", Lacan responde com o criacionismo da sublimação, ou seja, com o significante e a criação ex-nihilo, o que é o ponto

fundamental do *Seminário VII*. O ponto é o sujeito como articulação a partir da incidência significativa. Se, como gostaria de apenas indicar aqui nesse trabalho, restituímos a dimensão do sujeito através do que designamos uma estética e uma ética darwinianas, de que modo poderá se pensar a influência de Darwin sobre Freud e sua articulação com o campo lacaniano?

Embora inseparável da ética, a dimensão estética da nossa questão está na rachadura, no que irrompe e por isso, acrescento agora isto, escreve. Em *Lituraterra*, Lacan faz sua "demonstração literária": "Não há de causar surpresa verem-me proceder nisso por uma demonstração literária, já que isso é marchar no passo em que a questão se produz (LACAN, 1970 p.)". Sobrevoando as planícies da Sibéria ao retornar do Japão por uma "nova rota" -- o que ele designa como "siberiética", um outro título possível para o texto, ele descreve o que pode ver. Nesta visão, que constitui o coração do texto, e momento privilegiado da escrita em psicanálise, Lacan escreve:

Assim se me apareceu, invencivelmente, -- e essa circunstância não é de se jogar fora --, por entre-as-nuvens, o escoamento das águas, único traço a aparecer, por operar ali ainda mais do que indicando o relevo nessa latitude, naquilo que da Sibéria é planície, planície desolada de qualquer vegetação, a não ser por reflexos, que empurram para a sombra aquilo que não reluz.
O escoamento é o remate do traço primário e daquilo que o apaga. Eu o disse: é pela conjunção deles que ele se faz sujeito, mas por aí se marcaram dois tempos. É preciso, pois, que se distinga nisso a rasura (LACAN, 1971/2003 p. 21).

Antes de mais nada, o que seria uma "demonstração literária", ou, como poder-se-ia chamar de 'demonstração artística', que sirva para a psicanálise? Lacan trabalha questões que funcionam como crítica da literatura e da arte, remetendo-se ao conto de Edgar Allan Poe, intitulado a *Carta Roubada* (*The Purloined Letter*). O escrito, intitulado *Seminário da Carta Roubada* abre o volume dos *Escritos* e trata das questões a respeito da letra, após ter abordado o tema em 1957 com *A instância da letra no inconsciente*. Em *A instância*, Lacan estabelece para a letra o estatuto de "suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem" (LACAN, 1957, p. 498), e ainda como "a estrutura essencialmente localizada do significante" (LACAN, 1957, p. 505), pois algo de um suporte material fica velado na função do significante. No *Seminário da carta roubada*, no entanto, Lacan lança mão de uma obra de arte da literatura para demonstrar o 'funcionamento' da letra. São as obras de arte na sua função demonstrativa, elas servem como demonstração. Mas demonstração de que? Inicialmente, de que, mais uma vez, a arte precede a psicanálise. Isto está em Freud, e Lacan dá continuidade a isso, dizendo que o artista deixa migalhas pelo seu caminho, e é o psicanalista que as cata pacientemente. E a outra demonstração é, referindo-se a Poe, em

relação ao fazer do artista. Poe, -- o que faz ele? --, ao escrever um conto, dimensionando, através de sua escrita, a transmissão de algo que, no duro, se trata do envelopamento do vazio que a carta é e o efeito significante das sucessivas posições em que esta se encontra. Isto está entranhado em sua escrita, já não é apenas o tema e a construção de uma história, é a arte de Poe. Em *Lituraterra*, conjugada a uma siberiética, devemos ter ainda uma preocupação relacionada a uma poe-ética. Assim parece ocorrer, ao se constatar uma novidade que Lacan traz neste texto, em relação ao *Seminário da Carta Roubada*, a respeito da letra, que é a questão artística como resto, como litura. Saber o que Poe faz, o que faz de *The Purloined Letter* uma demonstração literária, agora tem esse duplo aspecto: primeiro, a história que Poe relata, a de uma carta e a trama que ela desencadeia sem conter ou explicitar mensagem alguma, e a literatura enquanto resto, enquanto escrita, trabalho da letra pelo artista. Eis, portanto, uma demonstração do sujeito de uma poética, na poe-ética (poiética) desse vazio e suas perpécias. E, de fato, o conto se vê desprovido de apelo dramático, analisa Lacan, e, 'mesmo assim', ele, o artista, opera seu milagre. Nenhum conteúdo embala essa história, nenhum drama interior aos personagens, apenas o vazio localizado de uma carta/letra (*lettre, l'être*) que move o conto. E pra saber 'disso' é preciso lê-lo. Lembrando o que dizia belamente Pound a respeito da equivalência do "método dos biólogos contemporâneos" em relação ao método da poesia: que para conhecer Beethoven, dizia ele em seu ABC, é preciso, ora, ouvir a música de Beethoven. Nenhum livro sobre Beethoven, nenhum tratado de musicologia ou biografia, ou ainda o exercício ingênuo da psicobiografia, como Lacan critica em *Lituraterra*, podem dar a chave para as motivações e processos de um artista e de sua obra, pois o artista trabalha com o furo no saber e não perderá a oportunidade, a abertura que a sublimação lhe 'oferece', ao preço de preencher o buraco com explicações, justificativas e outros recheios de tipo imaginário. Lacan, por fim, sugere que se faça algo menos psico-biográfico do recalque. Somente a literatura, enfim, o ato artístico, ou a ética da psicanálise, pode desenhar e impelir para que algo, nesse ato mesmo, faça com que o sujeito se conecte, de algum modo surpreendente e singular, com o universo de sua arte.

Minha crítica, se tem alguma razão de ser tomada como literária, só pode referir-se, esforço-me para isso, ao que Poe faz, por ser escritor, para compor tal mensagem sobre a carta. É claro que, por não dizê-lo com essas palavras, não é de maneira insuficiente, mas de modo ainda mais rigoroso, que ele o confessa (LACAN, 1971/2003, p. 17).

É assim que se pode inserir *Lituraterra* também numa série de 'demonstrações artísticas', sendo, neste texto, a descrição dos ravinamentos e o arrojamento da escrita de

Lacan que se apresenta no seu estilo, *loin en tout cas de me commettre en ce frotti-frotta littéraire*. Nas escrita siberiética encontramos a heterogeneidade mesma, na sua função demonstrativa da arte e da ciência, enfim, da escrita como resto. Se por um lado, o texto *Lituraterra*, tem na arte o exercício e provavelmente a mais rica interlocução (da literatura à lituraterra), por outro, o texto cumula pela textura que se abre, que se explicita desses ravinamentos descritos segundo uma experiência do litoral. Dada essa textura, essa escrita do significante na terra e sua rasura, que convoca o leitor, que olha para ele como também olhou para Lacan, é, a partir disso, e também levados pela questão que anima o texto que escrevo, creio não poderemos nos furtar à evidente interlocução que ele, juntamente com a arte, no mesmo ato de escrita, faz com a geologia, ou da geografia, como querem outros. A imagem das planícies da Sibéria em *Lituraterra* não é uma metáfora. Tal qual uma descrição em um livro de geologia, podemos constatar o movimento pluvial que esculpe na terra. Talvez o manejo literário de Lacan, na sua demonstração, jogue com algo de metafórico, mas a visada do texto é ir para além disso, é mostrar o furo na imagem que a lituraterra evidencia pelos meios da literatura. O núcleo da "demonstração literária" de Lacan é a lituraterra, ou seja, um furo na imagem.

Tomarei emprestados os traços daquilo que, por uma economia da linguagem, permite esboçar o que favorece minha idéia de que a literatura talvez vire em lituraterra (LACAN, 1971/2003 p. 20).

E aqui, ele afirma o estatuto não-metafórico da descrição das planícies da Sibéria:

Para lituraterrar, eu mesmo, assinalo que não fiz no ravinamento que o põe em imagem nenhuma metáfora. A escritura é esse próprio ravinamento e, quando falo em gozo, invoco legitimamente o que acumulo de audiência: nada menos, com isso, aqueles de que me privo, pois isso me mantém ocupado (LACAN, 2003 [1971], p. 23-24).

Em *Lituraterra* Lacan diz ter "de uma primeira vez, experimentado...o litoral" (LACAN, 1998 p.20). Se Lacan recorre ao dicionário etimológico *Ernout et Meillet* para legitimar o jogo da palavra e o chiste da palavra *lituraterre*, somos encorajados a depurar, de litoral, a raiz *lito*, expressão que nos remete ao que diz respeito às pedras. Uma litogravura, por exemplo, é uma impressão no papel de uma placa de pedra ou metal. O *lito* soa perto do litu de litura e liturarius, ou do litter que Joyce faz de letter. A imagem do litoral diz respeito à geologia e seu maior destaque se dá devido à geomorfologia imprevista e caótica das formações rochosas e das paisagens sempre em movimento, praias, encostas, ilhas, corais, e por isso, a chuva, o vento, o mar, as erosões, os abalos sísmicos, as elevações e sublevações

das rochas, como agentes dessa constante modelagem, onde deve ser pensado o homem e sua marca. Esse é um dos espantos de Darwin na sua vigem do Beagle e suas observações. Exemplo disso é o terremoto que pode testemunhar no Chile, em 1834, enquanto fazia observações em uma floresta e o chão começou a tremer sob seus pés. Ele escreve em seu Diário:

Não havia dificuldade para ficar de pé, mas o movimento causou-me vertigem ... Um terremoto como este destrói de uma só vez as mais antigas associações; o mundo, o verdadeiro emblema de tudo o que é sólido, se move sob nossos pés "(in Clements, 2009 p.48)⁹.

E, de fato, foi um dos mais terríveis dos grandes terremotos da história do Chile, causando grande perplexidade em Darwin:

Em assentamentos próximos, casas de pedra desmoronavam, uma igreja não se mostrou menos suscetível que qualquer edifício mundano, e o caos foi seguido por surtos de fogo e 20 pés (6 metros) de ondas de maremoto (Clements, 2009, p. 48)¹⁰.

A perplexidade, no entanto, não se ateve apenas à violência do terremoto, e nem tão somente ao abalo do que há de mais sólido em uma sociedade ao mostrar o rosto do desamparo e a crueldade da contingência em si mesma revelados pelas ameaças da natureza. Fora esses dois pontos, acrescenta-se um outro que o complementa: o espanto das mudanças que o abalo causou na paisagem. O chão havia, não somente sacudido, mas mudara de forma, abrira-se em partes e elevava-se deslocando do fundo do mar, como atesta ele na observação dos detalhes, uma quantidade significativa de moluscos mortos para a superfície. Com esses deslocamentos, uma série de mudanças, vagas e imprevisíveis irão determinar a formação de novas espécies e plantas. Tudo está em jogo, literalmente. Variações podem ocorrer -- e isso é o mais importante em Darwin -- devido às mais precisas circunstâncias. Preciso, no sentido, em que se dá através de diferenças às vezes as mais imperceptíveis.

O conceito de espécie em Darwin desafia e esvazia o esquema taxonômico, considerado a partir daí como esquema classificatório abstrato, de cima para baixo. As classificações da taxonomia criadas por Lineus ainda são utilizadas, mas agora é a partir da espécie, da diferença individual que a formação de uma nova espécie ou variante, subespécie,

⁹ "There was no difficulty to stand upright; but the motion made me giddy...An earthquake like this at once destroys the oldest associations; the world, the very emblem of all that is solid, moves beneath our feet"

¹⁰ "In nearby settlements, stone houses collapsed, a church proved to be no less susceptible than any mundane building, and the chaos was followed by outbreaks of fire and 20-foot (6 meter) tidal wave"

pode ser detectada, formada. O estabelecimento do conceito de espécie por Darwin faz revelar o plano abstrato da taxonomia, que a partir daí passa a ser carregada pela espécie graças a diferenças individuais soltas e livres e depois 'escolhidas' pela seleção natural. Reconheceu-se, por fim, que o que define a classificação de tal espécie nos quadros da taxonomia já constituída é a natureza mesma. É a natureza que dá as coordenadas e que se impõe à leitura do naturalista ou biólogo. Nos dias de hoje, além do método das homologias e das comparações, essa leitura se dá pela análise química molecular, que ajuda a definir e percorrer de volta, pela investigação, os caminhos nada óbvios, e imensamente complexos, que as variações podem percorrer e em que situações uma determinada tendência, ou um traço ou uma conjuntura de combinatórias propiciou à espécie ser do jeito que ela é na atualidade.

...vê-se que considero o termo "espécie" como uma palavra muito conveniente, aplicada arbitrariamente a um grupo de indivíduos bastante parecidos entre si. "Espécie" não difere essencialmente de "variedade", palavra aplicada às formas menos distintas e mais instáveis. Também esse último termo, em relação das meras diferenças individuais, é aplicado arbitrariamente, em razão de simples conveniência prática (DARWIN, [1859] 2002, p. 74).

Ou seja, as variações começam a partir de uma diferença individual que será ligada a uma determinada circunstância pela seleção natural. Se o pensamento teológico, da teologia natural, sobrevivia ainda do fixismo, da criação divina das espécies separadamente, parece mais 'fácil' e 'natural', ou mais confortável, fazer as classificações de cima para baixo, ou seja, não a partir do que as diferenças *in loco* mostram, mas a partir do saber classificatório constituído, uma vez que as espécies já estariam, conforme esse pensamento, dadas desde sempre. Invertida a ordem das coisas, voltando-se para o materialismo, o detalhe imprevisto e a rota complexa, somente resta ao cientista a atitude investigativa. E essa investigação encontra sempre seus buracos nas determinações da causa porque há um gap incontornável entre o detalhe individual e a economia da natureza no processamento das variações e tentativas de adaptação. Uma espécie não é uma coisa em si, fixa. Uma espécie é o efeito da variação de detalhes na economia, na rede de relações da natureza. Esse é o grande ponto, é o que maiores conseqüências poderá oferecer na medida mesma em que é o mais discreto e imprevisto, mínimo.

1.2 O Beagle e o litoral

Essa estética surpreendente do litoral, especificidade darwiniana por excelência, é fundamental para que possamos experimentar na rota do H.M.S. Beagle o caminho do sujeito Darwin, que se situa entre a expansão de um império e o avanço do capitalismo industrial no Século XIX, de um lado, e, de outro, a delicadeza de uma rocha ou do casco de tartaruga e do formato de um bico de pássaro. A importância disso se deve à característica da expedição do H.M.S. Beagle, cuja missão central era o mapeamento e levantamento das encostas, enfim, dos litorais da América do Sul. Charles Darwin surge, justamente, nesse litoral. Patrick Tort, quando refere-se à viagem do Beagle, por exemplo, intitula um capítulo de um de seus livros como "Um veleiro chamado desejo" (TORT, 2004 p. 26). A articulação de alguns pontos da biografia de Darwin nos servirá mais adiante como referência para falar do sujeito Darwin e sua relação com o significante litoral.

Mas vejamos, a propósito dessa questão, um pouco da história do Beagle. Findas as guerras napoleônicas, a supremacia e o poderio naval britânicos ampliam-se de forma absoluta e a Marinha Real passou a assumir o papel de reguladora dos mares. Veleiros de grande porte eram enviados para verificar e detalhar as antigas cartas náuticas ibéricas das Américas, da África e da Ásia. No enquadre das missões exploradoras do início do séc XIX, já mais ágeis embora não tão menos perigosas que as anteriores, encontramos o veleiro HMS Beagle, que veio a ser especialmente conhecido por ter colocado o nome desse sujeito, o jovem naturalista Charles Darwin, o mais ilustre de seus tripulantes, na história da ciência (e não somente da ciência). Vale localizá-lo aí nesse mar que o arrasta, o seu destino, e verificar aí a especificidade que, sobretudo para nós, interessa em Darwin

Em 22 de maio de 1826, o comandante-explorador Philip Parker King partiu da Inglaterra das duas embarcações HMS Adventure e HMS Beagle para explorar e mapear as costas sul-americanas entre o rio da Prata e a ilha de Chiloé, no Chile. Dentre outras missões, como seguir para as colônias britânicas em Nova Gales do Sul, na Austrália, e para o Cabo da Boa Esperança, o principal objetivo era a exploração do inóspito e pouco conhecido Estreito de Magalhães, pois através dele importantes contatos comerciais seriam facilitados com a Ásia, o acesso para as pouco conhecidas Terras da Oceania e para a costa-oeste mexicana graças ao crescente e lucrativo comércio baleeiro. As aventuras serão muitas das duas

embarcações, HMS Adventure e HMS Beagle, que, por sua vez, em certo momento perderá seu capitão, Prigles Stokes, que comete o suicídio e é prontamente substituído.

Graças à convicção que a Inglaterra possuía quanto a sua superioridade militar e cultural, todo esse movimento de expedições marinhas visava o mapeamento, o levantamento geológico, morfológico das encostas, o levantamento geográfico no sentido em que eram orientadas pelo Almirantado a colecionar o maior número possível de espécimes diversas para estudo e compreensão da natureza, mas também fazia parte do projeto expedicionário a coleção de objetos das mais diversas culturas que serviriam de 'memória da humanidade'. Esse material era enviado para os museus de história natural, como o do British Museum, por exemplo.

Em 27 de dezembro de 1831, parte, enfim, o HMS Beagle, com Darwin a bordo. Desta vez o veleiro vinha sozinho, sem o HMS Adventure, e sob o comando do capitão Robert Fitzroy, um jovem aristocrata nomeado pelo Almirantado para estar à frente do veleiro de forma definitiva, substituindo o substituto provisório de Pringles Stokes.

O Beagle partiu da Inglaterra, atravessou o Atlântico e iniciou sua missão de mapeamento pelo arquipélago de Abrolhos, seguindo até o cabo Horn. Justamente, seu objetivo era a ampliação e o maior detalhamento dos dados colhidos da expedição anterior, mapeamento das costas sul-americanas. Um dos pontos importantes, por exemplo, era uma medição mais completa que a anterior do Estreito de Magalhães. A expedição visava também passar pelas ilhas do Pacífico, das recentes e prósperas colônias da Nova Zelândia e da Austrália, além da travessia do Cabo da Boa Esperança. O HMS Beagle daria a volta ao mundo em cinco anos.

Isso aparece, de forma geral, na história da cartografia, a necessidade de precisão na medição, no mapeamento, dessas encostas, por exemplo. Na história das Navegações que se desdobra desde o século XV com os portugueses, o pequeno trecho no qual Darwin está inserido, é justamente um dos pontos culminantes desse desejo, senão dessa voracidade, de precisão técnica. E esses esforços são sempre retomados, essas medições cartográficas são sempre refeitas, e as investigações topográficas sempre repetidas. E isto devido, -- apenas para encerrar um elemento central, sem nos referirmos, por exemplo, ao homem --, à geologia, aos movimentos geológicos e condições geográficas. Uma vez mais, retomando o que já havia colocado, mas é importante para o raciocínio, que os fenômenos geológicos não são, de forma geral, dados à previsibilidade, mas funcionam muito ao sabor dos ventos, da insistência das águas em mais diversos modos, como a meteorização da chuva, das explosões de magma provindo da profundidade da terra, do movimento das sedimentações, da surpresa das

formas, o que implica, portanto, por parte da cartografia, na sua história, a produção cada vez maior de manchas desprovidas de sentido ao mesmo tempo que sobrecarregadas de detalhes e intenções e oportunidades estratégicas (recursos, guerra, etc.). Cada detalhe vale ouro. A geologia avança na frente, as técnicas de notação correm sempre atrás. Como já havia colocado Darwin em relação às espécies e sua classificação. Os ravinamentos de Lituraterra são aí evidentes, quando o corpo é a terra.

Se um mapa já, em épocas distantes, preponderava pelos lugares simbólicos, teológicos e menos pela precisão ou detalhe de litoral ou de forma, como passou a ser mais precisamente a partir do Renascimento (retomando os mapas mais complexos dos gregos), uma questão estética e ética pode ser colocada a partir daí. Como colocá-la? Vemos, por exemplo, o famoso mapa em T da Idade Média e depois o mapa de Mercator, onde as técnicas de levantamento *in loco*, com as navegações, dos desenhos que recortam as encostas e as medições que já se presentificam de forma preponderante a contribuição das matemáticas. A geometria analítica de Descartes será, posteriormente, fundamental para a cartografia, para conferir precisão e localização no plano projetivo e nas escalas de tamanho. A geometria analítica de Descartes e o método de triangulação conferirão precisão no jogo de coordenadas que se sobrepõe às formas amorfas, às formações rochosas e caprichosas. O litoral, no entanto, funciona sempre na diferença em relação a agrimensura que fornecerá dados aos cartógrafos.

Marcado isto, Lacan, no entanto, ao diferenciar em Lituraterra fronteira de litoral, endereça uma crítica à biologia:

A fronteira, com certeza, ao separar dois territórios, simboliza que eles são iguais para quem a transpõe, que há entre eles um denominador comum. Esse é o princípio do *Umwelt*, que produz um reflexo do *Innenwelt** [Lacan se refere ao trabalho do biólogo Von Uexkühl]. É incômoda a biologia que tudo já dá a si mesma por princípio, notadamente a realidade da adaptação; nem falemos da seleção, esta uma franca ideologia, a se bendizer por ser natural (LACAN, 1998, p.18).

Cabe-nos, desse modo, saber se essa, dentre outras críticas por ele direcionadas ao darwinismo (como veremos mais adiante), se é uma crítica exclusiva sua, ou se ela já tem seu lugar cativo no interior mesmo da biologia. Em Lituraterra, ainda a propósito da diferença litoral e fronteira, Lacan menciona a agrimensura, a ciência geológica da mensuração do solo terrestre.

Não há reta senão pela escritura [écriture], assim como não há agrimensura senão vinda do céu. Mas tanto a escritura, - prossegue Lacan -, quanto a agrimensura são

artefatos que não habitam senão a linguagem. Como haveríamos de esquecê-lo, quando a nossa ciência só é operante por um escoar de letrinhas e gráficos combinados (LACAN, 2003 p. 22-23).

Por ora, sente-se que algo 'transborda' para fora da paisagem e na terra sob o céu da agrimensura. Algo não bate entre o agitado universo, agora aberto, da natureza e as formas do mapa do cartógrafo. Penso no furo do detalhe, do traço, que escapa ao controle da ciência, seja da taxonomia ou da agrimensura, e de forma geral em relação à razão universal. Estamos em outro lugar, onde algo se origina no espanto de Darwin frente a um furo. Qual será o estatuto desse furo, importa investigar.

1.3 A biologia de Freud

Ousemos, portanto, propor o exercício que tem reivindicado elaboração, qual seja: se devemos de fato levar a sério a literalidade do lituraterrar que a 'literatura lacaniana' nos apresenta com o escrito da letra, ou seja, se devemos dar início a uma nova série a partir da descrição de Lacan, de um processo descrito pela geologia ou pela geografia física., ou ainda pela geodésia. Não se trata, em absoluto, de se fazer geologia, mas de podermos extrair disso a ética que se desenha na heterogeneidade do que se faz litoral que é a borda do furo no saber no momento de Darwin.

Na lição de 24 de fevereiro 1954, do Seminário I - Os escritos técnicos de Freud, Lacan pontua algo sobre a geologia que é digno de nota. Para introduzir o experimento óptico, dito apólogo do buquê invertido, -- que ele qualificará como "sucedâneo" do estádio do espelho --, ele se utiliza da comparação que Freud estabelece em *A interpretação dos sonhos* entre o aparato psíquico e um aparato óptico, como o telescópio ou microscópio, para se referir ao modo como a psicanálise se serve de modelos de ciências diferentes para se constituir:

É evidente que as ciências, em particular as ciências em gestação, como a nossa, tomam emprestado com frequência modelos de diferentes outras ciências. Vocês não imaginam, meus pobres amigos, o que vocês devem à geologia! Se não houvesse geologia, camadas e camadas que se movem e... Quando isso não cola mais, os diferentes níveis de camadas entre dois territórios conexos, então, de uma maneira muito próxima, passamos, no mesmo nível, de uma camada mais recente a uma camada bastante anterior. Isso que digo, eu não o invento?

Vocês não têm senão a ler sob a pluma do Sr. (sic), para evocar que há situações caóticas que não são todas devido à análise, mas à evolução do sujeito. É uma forma de traçar um traço à pluma... É evidente que, com efeito, a esse respeito, não seria ruim que todo analista comprasse um pequeno livro de geologia. Ele escreveu um bom livrinho de geologia, eu não poderia lhes recomendar em demasia sua leitura, isso lhes liberará de um determinado número de coisas. Pois quando vemos melhor as coisas, nós colocamos cada coisa em seu lugar (Association Lacanienne Internationale, 2005)¹¹.

Retiremos desta fala, em um primeiro momento, o que ele afirma a respeito da geologia: que ela nos oferece um modelo e que esse modelo é estratigráfico. Como de fato se apresenta o modelo que a comparação de Freud em *A interpretação dos sonhos* nos oferece para pensar o aparelho psíquico, o modelo óptico. É bem conhecido o esquema de Freud em forma de 'pente' do capítulo VII, e já presente no Projeto, em que se pode visualizar um tubo por dentro do qual algo como a luz percorre, permeando de uma ponta a outra uma série de camadas ("*couches*"), ou seja, no caso, as lentes. O que Lacan chama a atenção é para o comentário de Freud que, segundo ele, ninguém chegou valorizar suficientemente. Lacan cita a passagem:

A idéia que nos é oferecida é a de um lugar psíquico ... Trata-se exatamente do que é, tudo o que acontece entre a percepção e [a função de] a motricidade do eu, o campo da realidade psíquica ... afastemos imediatamente a noção de localização psíquica e permaneçamos no terreno psicológico, e tentemos somente representar o instrumento que serve para as reproduções psíquicas como uma espécie de microscópio complicado, de um aparelho fotográfico...o lugar psíquico correspondente a um ponto desse aparelho onde se forma a imagem dentro do microscópio e do telescópio, sabe-se que esses são pontos ideais, aos quais não corresponde nenhuma parte tangível do aparelho. Parece-me útil me desculpar pelo que minha comparação pode ter de imperfeito. Ela está aí para facilitar a compreensão de processos tão complicados quando decompostos; não há risco algum, creio que podemos deixar livre curso às nossas suposições, desde que mantenhamos nosso sangue-frio e que não tomemos o andar pela fundação mesma. Nós precisamos de representações auxiliares para nos aproximar de um fato desconhecido. As mais simples e tangíveis são as melhores (in LACAN, 1952)¹².

¹¹ Il est évident que les sciences, particulièrement les sciences en gésine, comme la nôtre, empruntent fréquemment des modèles à différentes autres sciences. Vous n' imaginez pas, mes pauvres amis, ce que vous devez à la géologie! S'il n'y avait pas de géologie, de couches, et de couches qui se déplacent et de... Quand ça ne colle plus, les différents niveaux de couches, entre deux territoires connexes, moyennent quoi, à très peu près, on passe, au même niveau, d'une couche récente à une couche très antérieure. Ce que je dis là, je ne l'invente pas ?

Vous n'avez qu'à le lire sous la plume de M.[sic], pour évoquer qu'il y a des situations chaotiques qui ne sont pas toutes dues à l'analyse, mais à l'évolution du sujet. C'est une façon de tracer un trait de plume... Il est évident qu'en effet, à ce titre, il ne serait pas mal que tout analyste fasse l'achat [?] d'un petit bouquin de géologie. Il a fait un bon petit bouquin de géologie, je ne saurais trop vous en conseiller la lecture, ça vous libérera d'un certain nombre de choses. Car quand on voit mieux les choses, on met chaque chose à sa place (Association Lacanienne Internationale, 2005).

¹² L'idée qui nous est ainsi offerte est celle d'un lieu psychique... Il s'agit exactement de ce dont il s'agit, tout ce qui se passe entre la perception et [la fonction] motrice du moi, le champ de la réalité psychique... écartons aussitôt la notion de localisation anatomique, restons sur le terrain psychologique, et essayons seulement de

É clara a presença de algum embaraço com que Freud apresenta a sua comparação para dar livre curso à "necessidade de representações auxiliares para nos aproximar de um fato desconhecido". Ou seja, de como "fazer compreender o agenciamento do mecanismo psíquico, decompondo-o e determinando a função de cada uma de suas partes" (LACAN, [1953-1954] 1994, p.92). Digo isto porque Freud pega o sujeito em questão - o sujeito que fala na sua clínica - e o 'disseca', ele abre suas entranhas e dá a ver, constrói, a "máquina de sonhar" a que Lacan se refere, no seu funcionamento. Essa máquina, sabemos, tem seu suporte primitivo no arco reflexo da fisiologia, e, a grosso modo, a operação de Freud é fazer caber essa nova máquina - lugar da hiância e do inferno sofrido de seus pacientes - enxertando-a entre "la perception et [la fonction] motrice du moi" [entre a percepção e a função motora do eu], abrindo espaço para o campo da realidade psíquica. Ele descarta - isso está no Projeto e essencialmente no texto sobre a afasia - a concepção "localizacionista" adotada por grande parte dos neurologistas de sua época e se inspira no modelo de organização do cérebro concebido pelo neurologista inglês John Hughlings Jackson - modelo influenciado pelo evolucionismo de Darwin (e de um certa influência de Hebert Spencer).

No texto sobre as afasias Freud se interessa vivamente e precisamente, abordando em especial os neurologistas Broca e Wernicke, pelo debate que se propunha formular e determinar os segmentos dos hemisférios cerebrais que seriam a sede da função da linguagem, que poderiam ter suas localizações precisas estabelecidas a partir da correlação entre os sintomas resultantes de lesões cerebrais e a localização dessas lesões, ou seja, a partir do método clínico-patológico.

Jackson vê a estrutura do cérebro em camadas, do mais adaptado ao menos adaptado. O menos adaptado, pois que mais recente no tempo evolutivo, é o córtex, de modo que ele é o menos perfeito, porém mais complexo, pois ele se refaz constantemente devido ao seu contato com a realidade, respondendo motoramente às excitações. O aparelho psíquico freudiano, vemos pela 'estratigrafia' cerebral de Jackson, nasce dessa proposta, uma proposta que é um grande sistema evolutivo, bastante criativo e pertinente clinicamente, levando-se em conta a

nous représenter l'instrument qui sert aux reproductions psychiques comme une sorte de microscope compliqué, d'appareil photographique... le lieu psychique correspondant à un point de cet appareil où se forme l'image dans le microscope et le télescope, on sait que ce sont là des points idéaux, auxquels ne correspond aucune partie tangible de l'appareil. Il me paraît utile de m'excuser de ce que ma comparaison peut avoir d'imparfait. Elle n'est là que pour faciliter la compréhension de processus si compliqués en les décomposant ; il n'y a là aucun risque, je crois que nous pouvons laisser libre cours à nos suppositions, pourvu que nous gardions notre sang-froid, et que nous n'allions pas prendre l'échafaudage pour le bâtiment lui-même. Nous avons besoin de représentations auxiliaires pour nous rapprocher d'un fait inconnu. Les plus simples et les plus tangibles sont les meilleures.

neurologia. Freud encontra a partir dessa organização rica de conseqüências o modelo de apoio para a elaboração de seu aparelho de linguagem.

Com essas hipóteses, Freud substitui a explicação localizacionista da aprendizagem da linguagem e da desintegração desta nas afasias pelos conceitos de “evolução” e “dissolução” de Jackson. O “aparelho de linguagem” seria constituído por processos associativos funcionalmente similares, que se sobreporiam uns aos outros. Dessa forma, haveria vários níveis de funcionamento coexistindo no aparelho de linguagem, cada um dos quais corresponderia a momentos diferentes do desenvolvimento da linguagem na vida do indivíduo. As lesões parciais na área da linguagem afetariam os níveis de funcionamento numa ordem que iria dos superiores e mais recentemente estabelecidos para os inferiores e mais arcaicos. Nesses casos, portanto, os modos de funcionamento primários voltariam a prevalecer. Na verdade, Freud combina o conceito de “dissolução” de Jackson com a ideia de “níveis de redução da excitabilidade dos centros” de Charlton Bastian para explicar a desintegração da linguagem nas afasias (CAROPRESO, 2008a).

Os níveis hierárquicos de organização dos estímulos sensório-motores no sistema nervoso, hipótese de 1891, de influência jacksoniana, Freud a estende à memória, conforme escreve na carta 52 a Fliess. O resultado desse processo de emergência e descolamento a partir de um modelo neurológico - movido pela questão da linguagem - resultará num aparelho cujos traços mnêmicos são reordenados e sofrem "retranscrições" conforme o desenvolvimento das fases da vida do sujeito, na forma de uma estratificação da memória:

O essencialmente novo em minha teoria é, então, a tese de que a memória não persiste de maneira simples, mas múltipla, está registrada em diversas variedades de signos. Em outro momento (afasias) afirmei um reordenamento semelhante para as vias que alcançam desde a periferia [do corpo o córtex cerebral] (FREUD, [1896]), p. 274).

No segundo capítulo nos deteremos mais na influência Jackson sobre Freud, somente no que diz respeito ao *Concepções sobre a afasia*, de 1891, pois em nenhum outro momento da obra Freud se servirá das contribuições de Jackson. Mas o aparelho já encontrava aí um primeiro momento, e um momento bastante avançado, quando fala em aparelho de linguagem a partir de uma preocupação em descolar a linguagem do suporte organicista e pregnante do cérebro a propósito das afasias, ou seja, a partir da fala (da expressão) do sujeito. Partindo disso, é importante lembrar em que modelo de ciência Freud se apoiou para constituir a psicanálise -- o modelo da biologia, e, o que não parece ser muito desenvolvido por Lacan, a biologia evolucionista. E o evolucionismo de Darwin, por sua vez, só foi possível graças ao desenvolvimento acelerado, em sua época, da ciência da geologia com *Os princípios de geologia*, de Charles Lyell, sobre quem nos deteremos posteriormente. E ainda lembremos da paixão de Freud pela arqueologia -- a passagem em que ele se utiliza da metáfora da

arqueologia de Roma em *Mal estar na civilização* (1930) para falar do psiquismo e da imagem que ele cria, propondo a sobreposição de distintas camadas, épocas e arquiteturas em um mesmo plano/espço. É mais uma vez de estratigrafia que Freud nos fala.

A biologia, podemos dizê-lo, é uma interlocutora essencial, e foi apoiando-se nela que, podemos igualmente afirmar, que ele reinventa a biologia a partir de sua experiência de neurologista, fisiologista e sobretudo clínico, dando corpo à 'sua' biologia. Essa reinvenção da biologia está presente com toda a força, privilegiadamente, além de *Concepções sobre a afasia*, de 1891, e no *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895, e em *Para além do princípio do prazer*, de 1920. Não devemos, no entanto, esquecer da 'pré-história' de biólogo de Freud, período inicial que deve ser explorado. Estudante da Universidade de Viena, Freud trabalhou com o eminente zoólogo evolucionista Carl Claus, um dos maiores defensores e divulgadores das idéias de Darwin. Claus envia o jovem Freud para Trieste em 1876, onde havia montado uma estação experimental de zoologia marinha. A tarefa de Freud era a investigação pela dissecação e descrição de determinada espécie de enguia (*Anguilla anguilla*) e definição ou esclarecimento a respeito de certa parte constitutiva do animal que historicamente se suspeitava trata-se de gônadas sexuais. O resultado desse trabalho de dois meses foi publicado, aliás a primeira publicação na vida de Freud: "*Beobachtungen über Gestaltung und feineren Bau der als Hoden beschriebenen Lappeorgane*" (Observações sobre a configuração e a estrutura fina dos órgãos lobados, descritos como sendo os testículos das enguias). A base de toda essa investigação em Trieste baseava-se no darwinismo, principalmente no que tange à questão da diversificação das espécies e suas diferenças. Mais tarde, entre 1876 e 1882, bem instalado no laboratório de fisiologia de seu mestre Ernst Brücke, Freud também trabalha sobre bases evolucionistas darwinianas quando disseca o sistema nervoso da lampréia *Petromyzon*, É, inclusive, nesse trabalho que Freud perde a oportunidade de se adiantar em relação à descoberta do neurônio e da sinapse.

Esses elementos permitem que depreendamos da trajetória de Freud algo de uma 'biologia freudiana'. Do período pré-psicanalítico, o biológico, dir-se-ia 'recalcado', de Freud, avançamos na direção que essa apreensão singular e rica da biologia vai alcançando, juntamente com a psicanálise, e que, por fim, surpreende o meio analítico com a ideia de pulsão de morte, em 1920. Nesse texto, Freud procura obstinadamente o suporte científico de sua questão com a pulsão de morte - ponto de abismo que estrutura o campo da psicanálise (LACAN, 1991 p. 260) - pelas vias que a biologia tem a oferecer.

1.4 Da precisão à fineza I

Permitam-me mostrar uma outra visão, que acredito fazer ressonância com a imagem que Lacan descreve dos ravinamentos e de tudo o mais que ele pode ver do do avião no seu sobrevôo siberiético. Trata-se de um outro personagem, situado no momento do corte que corresponde ao surgimento da ciência moderna e que nos oferece, no alvorecer do novo espírito científico, uma imagem que parece ser também um ponto de entrecruzamento da estética com a ciência. Assim, gostaria de chamar a atenção para a aventura de Galileu Galilei em seus primeiros momentos de observação dos céus.

O telescópio de Galileu, tal qual ele aperfeiçoou, só pode surgir a partir de um esforço de desenvolvimento, de elaboração matemática, das leis da refração em física, a partir de um utensílio muito comum, de origem holandesa -- uma luneta naquela época era uma mera curiosidade, um mero utensílio, quando não um brinquedo de criança. Em *De um Mundo "mais ou menos" ao universo da precisão*, Koyré mostra o gume do corte pela técnica. Mas ele começa a fazer seus discernimentos a partir da seguinte observação:

(..) nada há mais simples que um telescópio, ou, pelo menos, que um óculo de longo alcance. Para os construir não é necessária ciência, nem lentes especiais, não sendo preciso portanto uma técnica desenvolvida: duas lentes de óculos, colocadas uma após outra -- e eis um óculo de longo alcance. Ora, por mais estranho e inacreditável que pareça, durante quatro séculos ninguém tivera a idéia de ver o que aconteceria se, em lugar de utilizar um par de óculos, fossem usados simultaneamente dois.

Koyré explica a condição de artesão, e não de óptico, daquele que confeccionava, não um instrumento óptico, mas um utensílio. Um utensílio é algo,

segundo o pensamento antigo, que prolonga e reforça a acção dos nossos membros, dos nossos órgãos dos sentidos; qualquer coisa que pertence ao mundo do senso comum. E que nunca pode levar-nos a ultrapassá-lo (Koyré 1943, p. 75).

Nada mais diferente do que aquilo que o caso de Galileu nos apresenta: "pelo contrário", diz Koyré, "a própria função do instrumento não é um prolongamento dos sentidos, mas, na acepção mais forte e mais literal do termo, uma encarnação do espírito e uma materialização do pensamento" (KOYRÉ, 1948, p. 75):

Enquanto os Lippertsshey e os Jassen, que haviam descoberto, por um feliz acaso, a combinação de vidros que forma o óculo de longo alcance, se limitavam a fazer os aperfeiçoamentos indispensáveis e de certo modo inevitáveis (tubo, ocular móvel) aos seus óculos reforçados, Galileu, logo que teve notícia da luneta de aproximação holandesa, elaborou-lhe a teoria. E foi a partir desta teoria, sem dúvida insuficiente, mas teoria apesar de tudo, que, levando cada vez mais longe a precisão e o poder dos seus vidros, construiu a série das suas *perspicilles*, que lhe abriam aos olhos a imensidade do céu (KOYRÉ, 1948 p. 76) .

O que Koyré conclui, nesse ponto, é: "foi para responder a necessidades puramente teóricas, para atingir o que não cai na alçada dos nossos sentidos, para ver o que ninguém jamais viu, que Galileu construiu seus instrumentos: o telescópio e depois o microscópio" (Koyré, 1943 p. 76).

Para Galileu, o uso prático dos aparelhos que encantaram os burgueses e os patrícios de Veneza e de Roma não é mais que um subproduto:

Ora, por ricochete, a pesquisa deste fim puramente teórico produziu resultados de decisiva importância para o nascimento da técnica moderna, da técnica de precisão. Pois, para fazer aparelhos ópticos é necessário não apenas melhorar a qualidade dos vidros que se empregam, como determinar-lhes -- isto é, medir primeiro e calcular depois -- os ângulos de refração. É preciso melhorar ainda o seu corte, isto é, saber dar-lhes uma forma precisa, uma forma geométrica exatamente definida: e, para o fazer, é necessário construir máquinas cada vez mais precisas, máquinas matemáticas, que, tal como os próprios instrumentos, pressupõem a substituição, no espírito de seus inventores, do universo do aproximadamente pelo universo da precisão. Por conseguinte, foi de modo algum por acaso que o primeiro instrumento óptico foi inventado por Galileu e a primeira máquina moderna destinada a talhar vidros parabólicos por Descartes (KOYRÉ, 1943 p. 77).

Para Koyré, foi a partir da construção de instrumentos científicos, através do desenvolvimento de técnicas modernas e de precisão, que possibilitou a revolução científica. Uma teorização da óptica já fora desenvolvida na Idade Média, mas foi a ideia, o pensamento que convocaram a sofisticação da teoria e a necessidade da precisão, tanto em Galileu quanto em Descartes. Coisa curiosa é pensar que a precisão apruma seu gume justamente quanto mais, proporcionalmente, o sentido evapora e o significado é devastado. A precisão é proporcional à falta de sentido.

Anterior ao universo da precisão, característica fundamental do corte da ciência moderna, Koyré remonta ao mundo anterior que ele define como sendo do "mais ou menos", do "aproximadamente". A propósito do mundo grego antigo, por exemplo, Koyré comenta a questão que ele mesmo se faz no início do texto, a de porque a ciência grega não ter constituído uma verdadeira tecnologia. A resposta é porque não elaborou uma física.

Com efeito, fazer física no nosso sentido do termo -- e não naquele dado a esse vocábulo por Aristóteles -- quer dizer aplicar ao real as noções rígidas, exatas e precisas das matemáticas e, antes de mais, da geometria. Um empreendimento paradoxal, se fosse levado a cabo, porque a realidade, a vida quotidiana, no meio da qual vivemos e estamos, não é matemática. Nem mesmo matematizável. É do domínio do mutável, do impreciso, do "mais ou menos", "aproximadamente".

A matemática não tinha essa dimensão 'encarnada' que veio a ocupar com o pensamento da precisão, na realização da técnica, na questão da tecnologia. Sendo valorizada, mais por Platão, ao fazer da matemática a ciência por excelência, do que Aristóteles, ela tinha seu lugar reconhecido enquanto uma dimensão abstrata, paralela. Platão determina aos objetos da Geometria superioridade em relação ao mundo sensível. E Aristóteles só via na matemática uma ciência secundária e abstrata. E de fato, "entre a matemática e a realidade física existe um abismo", daí o absurdo e o contra-senso de medir a natureza pela matemática.

Não há na natureza círculos, elipses ou linhas rectas. É ridículo querer medir com exactidão as dimensões de um ser natural: o cavalo é, sem dúvida, maior que o cão e mais pequeno do que o elefante, mas nem o cão, nem o cavalo, nem o elefante têm dimensões estrita e rigidamente determinadas: há, por todo lado, uma margem de imprecisão, de jogo, de "mais ou menos" e de "aproximadamente".

A questão é complexa, pois a exactidão, a precisão, no mundo grego não era inexistente, mas somente tinha um território restrito, dentro de uma astronomia matemática que preocupava-se em medir os céus, a 'prefeição' das esferas celestes, os objetos da geometria, mas nunca, por exemplo, o movimento da esfera terrestre, como argumenta Koyré.

A questão da precisão torna-se problematizável no que diz respeito ao surgimento da ciência moderna e, como veremos, ao sujeito. Podemos considerar uma moeda com, obviamente, suas duas faces - se essa imagem realmente puder ser-nos útil, pois trato de trazer uma imagem simples, mas que represente uma antinomia, ou se preferir, um reviramento, ou mesmo um paradoxo: a precisão é sempre um buraco sem fim, leia-se 'sem fim' como imprecisão. A matemática já deu provas disso, como mostrou Lacan, por exemplo, quando trabalha, em seu ensino, a questão do número de ouro. Se a imprecisão que o número de ouro revela ao passar da geometria à sua forma algébrica é algo que pontualmente se infinitiza, e justamente pela via da precisão, pois se trata da significantização do universo, da perda de sentido que ocorre ao fazer do universo um livro de escrita matemática -- por outro lado, isso só pode nos apontar na direção do que se trata no sujeito da ciência. Com a precisão, temos a imprecisão: primeiramente, porque a precisão técnica é um modo de sutura, pois que é efeito do controle da razão científica moderna. Por outro lado, a precisão é furo ao considerar o sujeito, furo unário. Chega-se provavelmente a um paradoxo, daí a moeda com as suas duas

faces para ilustrar que o impreciso se dá no mesmo movimento da precisão. Que há um furo no saber, que esse furo tem a sua borda, que a objetividade, em psicanálise, dá lugar à objetividade, e que a precisão é o ponto onde algo tenta fazer parar a verdade da não tautologia de $A = A$.

1.5 Da precisão à fineza II

Retornando ao telescópio de Galileu: o cálculo e o modo como as lentes são fabricadas (com suas curvaturas, etc.) e fixadas e relacionadas entre si no tubo do *perspicillum* serão expostas no escrito talvez mais revolucionário da história da ciência, *Sidereus Nuncius* (*Mensageiro das estrelas*). Em mal contida euforia, Galileu, em surpreendente linguagem enxuta e objetiva, muito à maneira das comunicações científicas dos dias de hoje (coisa que chama a atenção dos leitores e estudiosos), relata o ineditismo daquilo que pode testemunhar:

Vamos falar primeiramente dessa superfície da lua com que nos defrontamos. Para maior clareza eu distingo duas partes dessa superfície, uma mais clara e uma mais escura; a parte mais clara parece cercar e permear todo o hemisfério, enquanto a parte mais escura parece descolorir a superfície da lua, como uma espécie de nuvem, e faz parecer coberto de manchas. Agora aqueles pontos que são bastante escuros e grandes estão à vista todos e têm sido vistos ao longo dos tempos, estes vou chamar os "grandes" ou "antigos" pontos, distinguindo-os de outros que são menores em tamanho, mas tão numerosos que ocorrem por toda a superfície lunar, especialmente na parte mais clara.

Essas últimas manchas nunca tinham sido vistas por ninguém antes de mim. A partir de repetidas observações desses pontos, fui levado à opinião e convicção de que a superfície da Lua não é lisa, uniforme, e precisamente esférica como um grande número de filósofos acreditam (e os outros corpos celestes) ser, mas é desigual, áspera e cheia de cavidades e proeminências, não sendo diferente da face da terra, cheia de relevos de cadeias de montanhas e vales profundos. (GALILEU, 1610 *Grifos nossos*)¹³.

¹³ Let us speak first of that surface of the moon which faces us. For greater clarity I distinguish two parts of this surface, a lighter and a darker; the lighter part seems to surround and to pervade the whole hemisphere, while the darker part discolors the moon's surface like a kind of cloud, and makes it appear covered with spots. Now those spots which are fairly dark and rather large are plain to everyone and have been seen throughout the ages; these I shall call the "large" or "ancient" spots, distinguishing them from others that are smaller in size but so numerous as to occur all over the lunar surface, and especially the lighter part. The latter spots had never been seen by anyone before me. From observations of these spots repeated many times I have been led to the opinion and conviction that the surface of the moon is not smooth, uniform, and precisely spherical as a great number of philosophers believe it (and the other heavenly bodies) to be, but is uneven, rough, and full of cavities and prominences, being not unlike the face of the earth, relieved by chains of mountains and deep valleys.

"*Let us speak first of that surface of the moon which faces us*". No original: "*De facie autem Lunae, quae ad aspectu nostrum vergit, primo loco dicamus*". Basta que pensemos na lua para que não precisemos poupar muitos esforços no sentido de traduzir esse (sur)faces ou *facies* como nos 'olhando', que nos posiciona **em face de** (*de facie autem*) algo. Graças à incidência da luz do sol sobre a superfície do satélite com seus relevos, Galileu viu ali crateras, montanhas, vales, picos, depressões, abismos. Da face obscura da lua, ele descreve os picos de luz cintilante que emergem da escuridão, assim como partes escuras que restam ilhadas pela luz, ou sombras que subitamente se precipitam sobre onde tudo era claro naquela superfície. Não se trata, em absoluto, de uma imagem qualquer. O que ele experimenta de sua experimentação é a visão de algo que nenhum homem antes dele havia jamais visto, algo absolutamente inédito. Se para a concepção aristotélica, um planeta seria uma esfera perfeita de superfície polida, ao observar a lua, ele se depara com uma superfície irregular, formada por crateras, vales e montanhas. O que ele deduz dessas imagens, dessas rugosidades, dessas erosões na superfície da lua é prova, uma das fundamentais, para confirmação da hipótese copernicana, assim como a prova também da igualdade de condições geológicas da esfera lunar e do planeta Terra. Mas é antes de mais nada a imprecisão na visada da precisão. A precisão técnica tem como resposta uma imprecisão que, historicamente, tem uma potência estética e ética que se impõe. Imprecisão que é a do sujeito da ciência em relação à precisão, mas no sentido não técnico, do sujeito antes de Descartes. Antes temos um sujeito situável na ordem do mundo, ele se encontra nesse mundo em que Deus fala ao homem, ou melhor, os planetas falam e garantem ao homem, somente pela percepção direta, que tudo funciona com precisão no domínio das esferas perfeitas -- precisão na medida em que nada disso, apesar de ser medido, é problematizado ou questionado no nível da técnica. É uma precisão sem o espírito do universalismo da mensuração matemática. Esse sujeito, no momento do corte, será abolido, adquirindo uma imprecisão que caracterizamos de resto, de restante. Mas curiosamente é nessa imprecisão restante que poderemos encontrar o cúmulo da precisão. Paradoxo que nos interessa, pois o cúmulo da precisão deve, conforme me esforço por situar aqui, ser a fineza.

Mas por que será que os planetas não falam? É a curiosa pergunta de Lacan que dá início à aula de 25 de maio de 1955 do *Seminário II*. Para quem lê o texto da fala de Lacan, sabe a que ela se remete, quando introduz a dimensão do grande Outro, a partir da crítica à imaginarização da psicanálise. Percebe-se também que se trata de uma fala que com a graça de seu estilo instigante, nos remete a um tempo – a "era teológica" -- em que os planetas ainda falavam, um mundo das esferas perfeitas, das ditas estrelas fixas, de uma ordem 'natural' do

cosmos em torno do homem. O cosmos aristotélico que, com um quê de fábula, falava no sentido em que mais precisamente ditava a ordem e dava consistência imaginária a tudo. A resposta à pergunta ele a tem, e são três: “Os planetas não falam – primeiro, porque não têm nada a dizer – segundo, porque não têm tempo para isto – terceiro, porque se os fez calar” (LACAN, 1954-1955, p. 298). “As três coisas são verdadeiras e poderiam permitir-nos desenvolver relacionamentos importantes no que diz respeito ao que se chama de planeta, ou seja, o que tomei como termo de referência para mostrar o que não somos” (Ibidem, p. 298). Em seguida, Lacan faz referência a um filósofo, cujo nome não nos é revelado, a quem lança a mesma pergunta. Vale dizer que esse filósofo “se ocupou muito de história das ciências e formulou sobre o newtonismo as mais pertinentes e as mais profundas considerações que possa haver” (LACAN, 1954-1955, p. 299). A resposta do filósofo dá o que pensar: *porque não têm boca*. Ora, não falam porque não têm boca. Lacan remete isto a pacientes do início de sua carreira, nos serviços psiquiátricos, vítimas da síndrome de Cotard ou delírio de negação, que declaravam já de chegada: *eu não tenho boca*. Lacan fala da “falta de toda ou qualquer hiância” como desejo imaginariamente realizado. Aqui o sujeito se identifica com um imaginário ‘absoluto’, algo de planetário, esférico, redondo, sem o limite que “constitui propriamente a propriedade do orifício bucal” (idem). “Em suma, elas têm uma relação muito grande com o mundo das luas” (idem), pois que a hiância é propriamente a fala que se torna possível por esse orifício. O sujeito, sufocado por sua ‘inteireza’ e ‘imortalidade’ imaginárias, almeja a Coisa em seu gozo mortífero.

Mas por que os planetas não falam? Quem os calou? O que resultou disso? Enfim, veio Newton, diz Lacan, como responsável pelo silenciamento definitivo da ordem celeste, das boas formas imaginárias. Lacan fala de Newton como aquele cujo cala-boca geral seria o arremate final e radical de investigações outras de figuras fundamentais para a desmontagem da ordem aristotélica: podemos percorrer o fio que vem dos gregos, passando por Nicolau de Cusa, Giordano Bruno, até Copérnico e por fim Kepler, de onde se destacam os pontos efetivos onde estão Descartes e Galileu. Lacan nos diz, então, que Newton fez calar os planetas:

Newton acabou dando a fórmula definitiva em torno da qual todo mundo, há um século, ardia. Fazê-los calar. Newton conseguiu isto definitivamente. O silêncio eterno dos espaços infinitos com que Pascal se apavorava é algo que se conseguiu depois de Newton – as estrelas não falam, os planetas estão mudos, isto porque se os faz calar (LACAN, 1954-1955, p. 301).

Só se fica definitivamente seguro que os planetas não falam a partir do momento em que se lhes arrolhou o bico, ou seja, a partir do momento em que a teoria newtoniana forneceu a teoria do campo unificado [que] está resumida na lei de gravitação, que

consiste no seguinte – há uma fórmula que mantém tudo isto junto, numa linguagem ultra-simples que comporta três letras (LACAN, 1954-1955, p. 302).

O método científico, que surge com Galileu, graças ao qual a contribuição de Newton torna-se de fato possível, é um modo de interrogação da natureza que não terá nada a ver com o senso comum, com a experiência direta.

Mas é interessante notar o seguinte: que é nesse ambiente de planetas mudos e astros sem boca, que uma alteridade radical pode emergir enquanto problematizada. Mas, acompanhando a pergunta do porquê os planetas não falam, surge outra, mais intrigante ainda: o que é uma boca sem fala? Que tal pensarmos um planeta que se calou, mas que mantém a 'boca', uma imagem-boca? Mantenhamos essa imagem-boca ainda um pouco em aberto. Sabemos, por ora, o que se mantém, o que insiste, que é a impossibilidade estrutural de sutura do sujeito. Quando Galileu resolve enfim direcionar seu *perspicillum*, o telescópio para o céu, o que ele 'vê' é de uma estranheza e uma radicalidade sem precedentes, literalmente. Isso que olha para Galileu, tal qual a superfície da Sibéria, cujos efeitos de luz e obscuridade na revelação das formas imprevistas, se dá à leitura de Galileu -- uma forma única e restante, como que impossível, que não se encaixa com nada, mas que se dá à leitura. As marcas desse impossível, chamemos assim, fascinam Galileu: e se a lua possui as mesmas irregularidades de superfície como as da Terra, toda a tradição aristotélica é quebrada, toda a cosmologia que dividia o mundo em sublunar e supralunar, ou seja, o mundo imperfeito, corruptível, onde habitam os seres humanos e o restante da natureza, e a esfera celeste das estrelas fixas e da perfeição das esferas, tudo isso, vai por terra - literalmente.

Nesse ponto pinçamos uma fala de Lacan que nos auxilia no sentido de indicar para onde as presentes reflexões podem nos direcionar:

A esfera, este objeto obtuso, se assim posso dizer, só temos de olhar para vê-la. Talvez seja uma boa forma, mas é estúpida! É cosmológica, é claro. A natureza é suposta mostrar-nos muitas delas, mas não tantas assim, quando a gente olha mais de perto; e as que ela nos mostra, nós nos apegamos a elas. Exemplo, a lua, que, no entanto, seria de um uso bem melhor se nós a tomássemos como exemplo de um **objeto unário** [object unaire] (LACAN, 1961-1962 p.181 *grifos nossos*).

Lacan parece jogar com as palavras, em francês são *l'unaire* e *lunaire*, onde temos o unário e obtemos o lunário (lunar). A lua, portanto, na sua condição, digamos, unária, nessa dimensão radical de diferença pura e absoluta parece ser um ponto nesse momento fundante da ciência moderna que não devemos deixar de lado. É uma imagem para que, no seu momento histórico, parecem convergir estética e ciência. Mais precisamente, estética e ética.

Lacan nos lembra a esse propósito, ainda partindo de Koyré, no que se refere a uma estética galileana, que tinha como uma das principais características se aferrar teimosamente à circularidade perfeita do movimento dos astros contra a posição de Kepler, que introduzia o movimento elíptico das órbitas, uma forma anamórfica e surpreendentemente ‘maneirista’. Seu gosto pessoal, inclusive, se opunha à estética maneirista e se apegava a um modo clássico, de equilíbrio e simetria. Trata-se, no entanto, nessa lua, de uma má forma que é dada a ver por essa imagem-furo: e a má forma, -- nos lembra Lacan a propósito da repetição, referindo-se ao efeito Zeigarnik¹⁴ --, é aquilo a que sempre se retorna. Retorna-se sempre ao “inacabado”, ao “fracassado”. No emudecimento mesmo dos astros pelo discurso da ciência moderna, salta aos olhos, simultaneamente a esse silêncio que a superfície da lua provoca, toda a questão que se refere à desierarquização e desimaginarização radical a qual é submetida a ordem até aquele momento dominante, ordem da boa forma, das esferas e círculos. Nesse momento, já de saída, ruía toda a montagem da cena em que o plano dos astros era superior ao plano da Terra. E simultaneamente, o que surge daí como imagem da lua é um resto francamente ininteligível, uma má forma, única, um objeto que, ao mesmo tempo em que é compartilhável simbólico-imaginariamente, seja pela sua forma redonda, seja pela série que inaugura no discurso da ciência, seja pela lavra dos poetas e/ou ‘sonhadores’ de todos os tempos, algo subsiste ali de um real e que, como descrevia Galileu no seu *Sidereus nuncius*, parece insistir como diferença pura.

A lua tem uma história grandiosa, pelo seu lugar de limite, de fronteira propriamente dizendo, entre o superior, supralunar, e o inferior, sublunar, lugar de tela projetiva de um imaginário sem fim, e, no século XX, lugar da assunção radical da ciência e da tecnologia pela alunissagem do homem, conforme Lacan observou a respeito de algo de psicótico nesse fato. Em relação aos relevos e depressões, crateras da superfície da lua, ali encontra-se, se pensássemos com Darwin, os restos da história da lua, seja na dimensão física geológica, cujas formas de sua superfície acidentada mostram algo que resta dos processos de sua própria formação, seja na dimensão da ficção histórica do homem em relação ao satélite.

¹⁴ “O efeito Zeigarnik consiste em um achado experimental de Bluma Zeigarnik. Essa pesquisadora, aluna de Kurt Lewin, realizou em 1927 uma pesquisa que testou a proposição do sistema de tensão de Lewin. O sistema de tensão é um fator motivacional em que determinado ato ou conjunto de atos adquire uma influência direta sobre o comportamento até que se dissipe. Os resultados do experimento mostraram que uma tarefa não acabada deixa um estado de tensão, uma quase-necessidade. Completar a tarefa significa resolver a tensão ou descarregar a quase necessidade. A vantagem da memória na tarefa inacabada seria devido à continuação de tensão. Lacan encontra no efeito Zeigarnik a prova da diferenciação da aprendizagem animal da aprendizagem humana. Enquanto a aprendizagem animal apresenta-se como um aperfeiçoamento organizado e finito, isto é, efeito dematuração, o efeito Zeigarnik demonstra que a aprendizagem humana acontece em função do retorno às tarefas inacabadas” (D’AGORD, 2002, p. 170).

Quando de que se trata aqui, como vimos com Freud, é o golpe no narcisismo, sua dimensão mais entranhada, pinçamos um ponto interessante do Seminário *O objeto da psicanálise*, lição de 19 de janeiro de 1966, onde Lacan se utilizará mais uma vez da literatura, de uma demonstração literária, para falar do rompimento entre saber e verdade, localizando-o na poesia de Dante, como diz ele, em outra parte que não seja somente no passo de Descartes. Lacan apresenta um texto de um dos mais eminentes estudiosos da obra de Dante Alighieri e da Idade Média, o suíço Roger Dragonetti (1915-2000). Lacan passa a palavra à Dra Parisot que discorre sobre o texto, intitulado "*Dante et Narcisse, ou les faux monnayeurs de l'image*", publicado na *Revue des Études Italiennes* nº 102, em setembro de 1965. Dragonetti faz uma análise dos únicos dois momentos em que Dante faz alusão ao mito de Narciso em *A Divina comédia*, momentos que, segundo o autor, revelam que o mito de Narciso "foi o monstro íntimo de Dante".

O primeiro momento acontece em uma cena no canto III do Inferno, quando Dante e seu guia Virgílio encontram Mestre Adão, o falso moedeiro. Com ele estão também o grego Sinon, que planejou o Cavalo de Tróia, e a mulher de Potifar¹⁵. Curioso o modo como está simbolizado o pecado original, já que o nome do falso moedeiro se refere justamente a Adão, o primeiro homem. Mestre Adão, por isso, apresenta uma deformidade no seu corpo, uma barriga inchada e pronunciada, monstruosa, em detrimento dos membros de seu corpo, enfraquecidos e frágeis. Essa doença tem um nome, chama-se hidrópsia e se caracteriza pela água acumulada na barriga, portanto estagnada e não processada pelo organismo - justamente a água que, no mito original, reflete a imagem de Narciso, mas que nessa situação faz sofrer o corpo, deformando-o e mostrando a dimensão de seu pecado. A figura de Mestre Adão é a do falsário, se está no Inferno é porque falsificou moedas de florin. Esse florin, quando falsificado, perverte toda a ordem simbólica do sentido que suporta as trocas sociais e a função da verdade, como bem mostra a fala da Sra. Parisot:

No momento em que a moeda é falsificada, a relação autêntica do signo e da matéria é destruída. O símbolo pervertido em ficção cria uma imagem de integridade no qual se sobrepõe todos os abusos da fraude. A fraude falsifica então a verdade da moeda no mesmo golpe em que falsifica a moeda da verdade. A moeda da verdade é uma coisa santa. Ela adúltera portanto a ordem divina; ela adúltera a relação a Deus, a relação à fonte que funda a ordem natural dos valores¹⁶.

¹⁵ Consta na Bíblia (Gênesis 39) a história de José que fora vendido como escravo ao Egito e trabalhava na residência de um oficial de Faraó chamado Potifar. A esposa de Potifar, no entanto, sente-se atraída por José e começa a assediá-lo. Vendo a constante recusa de José, a mulher o acusa de tê-la violentado. Essa história não é comentada pela Sra. Parisot no Seminário de Lacan.

¹⁶ Lorsque la monnaie est falsifiée, le rapport authentique du signe et de la matière est détruit. Le symbole perverti en fiction crée une image d'intégrité sous laquelle s'imbriquent tous les abus de la fraude. La fraude

Quanto a Sinon, o grego do Cavalo de Tróia, Dragonetti situa seu pecado na falsificação da aparência - é bem conhecida a expressão 'presente de grego', que algo tão belo em sua aparência, o presente, serve, em seu uso como esconderijo para os soldados que atacarão Tróia. Algo se processa em relação à imagem, e ao vazio, na questão que Dragonetti nos revela em Dante.

De forma distinta, mas dentro da mesma lógica de furo do narcisismo, Dragonetti posiciona, posteriormente, o segundo momento em que Dante toca no mito de Narciso, que é uma cena do Paraíso, Canto II. Aqui também faremos um recorte. Dante tem como guia sua amada Beatriz (do Inferno ao Purgatório ele tinha Virgílio como seu guia), sendo levado - poderíamos dizer arrastado - por ela cada vez mais alto às esferas da perfeição, quando seu olhar é desviado por algo que o intriga:

A inata e perpétua sede de atingir o paraíso impelia-nos, velozes qual o céu, que jamais está parado. Beatriz olhava para o alto e eu olhava Beatriz. em menor tempo talvez do que o necessário à frecha destacada de rijo arco para atingir o alvo, minha vista foi atraída por estranho objeto. Beatriz, vendo patenteado o desejo que em mim intuía, voltou-se, e leda quanto formosa, disse-me: "em agradecimento, eleva a mente a Deus, pois atingimos o primeiro céu! (a lua)".

Em seu sobrevôo através dos céus com Beatriz, que, como diz Lacan (LACAN, 1961-1962, p. 193), significa para Dante "a totalidade dos saberes", ele não deixa, no entanto, de trazer para o Paraíso suas questões infernais, se assim podemos dizê-lo, ou seja, os debates que já demonstram algo de uma quebra:

Senhora, tão humildemente quanto me seja possível, rendo graças Àquele que me guindou até aqui, desde o mundo dos mortais. Mas dizei o que são essas manchas escuras que desde a Terra se percebem neste céu e que deram origem a tantas fábulas a respeito de Caim.

Aqui o narcisismo é ilustrado pelo espelho. Mas o espelho no Paraíso, como ressalta a Sra. Parisot, não reflete a imagem, ele é pura luz. Se refletisse a imagem, estaria mentindo, estaria falsificando a imagem. Por isso, estar diante do espelho é estar diante do ser translúcido da perfeição, da pura luz.

A Lua, com suas "manchas", encontrava aos olhos da Itália renascentista a representação de Caim com seus "espinhos" (pelas manchas vistas a olho nu) resultante da

falsifie donc la vérité de la monnaie et du même coup elle falsifie la monnaie de la vérité. La monnaie de la vérité c'est une chose sainte. Elle adultère donc l'ordre divin ; elle adultère le rapport à Dieu, le rapport à la source qui fonde l'ordre naturel des valeurs (Associação Lacaniana Internacional).

punição de Deus pelo assassinato de seu irmão Abel. Como está em Genesis com os respectivos versículos:

4:13 Então disse Caim ao Senhor: É maior a minha punição do que a que eu possa suportar. 4:14 Eis que hoje me lanças da face da terra; também da tua presença ficarei escondido; serei fugitivo e vagabundo na terra; e qualquer que me encontrar matar-me-á. 4:15 O Senhor, porém, lhe disse: Portanto quem matar a Caim, sete vezes sobre ele cairá a vingança. E pôs o Senhor um sinal em Caim, para que não o ferisse quem quer que o encontrasse.

Essas manchas são ora "espinhos", como os do porco-espinho, ora um "sinal", podem ser marcas, traços. Mas, paralelamente, tais marcas lunares intrigavam Dante, que, no livro, enuncia sua teoria a Beatriz, de que a causa das manchas seria atribuída às variações locais da densidade da sua massa. Podemos pensar que sua má forma, esse enigmático arranjo de sua superfície, mostra uma vertigem – questão para a arte, sem dúvida, mas igualmente para a ética, se pensamos o objeto como causa de desejo. A marca geomorfológica do impossível na superfície da Lua, essa boca que ficou muda e perdeu a fala que é a ordem onde o pensamento é algo que servia para aplanar, seja na metafísica grega e a escolástica (a perfeição das esferas e dos círculos) ou, posteriormente, na metafísica cartesiana (a redução de toda a qualidade à extensão universal), para justamente não colocar em evidente flagrante a condição 'torta' do sujeito com o objeto, da impossibilidade da relação sexual.

A unariedade da lua pode estar nisto, seguindo Lacan no Seminário da Identificação, frisemos mais uma vez: que em tudo o que a natureza nos mostra como esferas, se olharmos mais de perto, vemos que as coisas não são exatamente conforme pensávamos que eram. Esse telescópio, pioneirismo que funda a 'razão instrumental' mostra algo para além de um texto da constatação científica, mostra sobretudo que a lua, no caso, olhava (retomaremos a distinção ver x olhar do Seminário XI, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*) para o sujeito (já desde sempre). Que, com a proximidade que a ciência (da óptica) propicia, esse objeto fica ainda mais desnudo, mais unário e mais mudo. Enquanto forma, se recusa, ela, a lua, é negação, ela é *non sense*, ela é unária. Diante de suas formas fica-se boquiaberto.

Lacan define a função unária de um traço primário decorrente da incidência do significante. Um objeto unário como a Lua, é um objeto esférico, mas com a marca de sua unicidade ali mantida, de sua *Einzelkeit*. A unicidade é de fato aquilo de singular que serve de guia para a constituição do sujeito, uma diferença absoluta que possibilita, através de uma perda, desenhar uma borda corporal, marca de gozo que servirá de guia condutor para a cadeia significante. Um esburacamento anigmático de causa de desejo pela via da leitura. No texto

do Seminário, esse objeto ilustrativo serve a Lacan para fazer a crítica da esfera e introduzir a topologia do toro que, segundo ele, é um modo de colocar topologicamente a questão do erro de contagem do -1 entre demanda e desejo. A Lua, portanto, prossegue reenviando a luz que lhe envia o olhar do sujeito que a contorna de significantes, pois a articulação significantes visa dar sentido, ao mesmo tempo em que escreve a partir do enigma que se mantém pela letra. Essa questão feita imagem, ou melhor, feita textura, assim como a descrita em Liuraterra, do deserto da Sibéria, ajuda-nos a entender o modo como Darwin irá percorrer seus caminhos da escritura significante inconsciente a partir de seus fascínio pela *Einzelkeit*. O domínio da geologia e a escrita das formações rochosas a partir da leitura dos Eins (uns), é disso que se trata. Ao mesmo tempo, essa imagem da escrita que é a Lua é, em seu lugar mesmo, o lugar estratégico de sentido, sobressai-se a dimensão, ao mesmo tempo, de litoral e literal. Perdida a condição de unidade esférica, ao ser furada, ela se torna um conglomerado de fragmentos que não interessam à ciência moderna, a não ser que encontrem água (como, parece, já encontraram algo parecido) ou algo de útil. O que resta são as fragmentações da estética do satélite e que causam e influenciam Darwin eticamente. É essa a ideia que faz que a geologia, como veremos, é privilegiada em transmitir pela ciência, mas escopicamente, uma estética fragmentária, uma estética do real enquanto ética.

1.6 A geologia

Existem dois caminhos interessantes, e fundamentais, para se chegar a Darwin: o primeiro, pela história da geologia. O segundo por aquilo que se chamou de *naturphilosophie*, representada por nomes grandiosos como Goethe e o naturalista Alexander von Humboldt.

Tomemos, inicialmente, o caminho da história da geologia. É nele que nos deteremos mais nesse capítulo. Um recorte dessa história é importante, ou seja, alguns elementos em uma visada específica, que é aquela atrelada ao corte promovido pela ciência moderna e, em um segundo momento, à questão do sujeito. Poderíamos dizer que se trataria de uma 'geologia do sujeito'? Não sabemos ainda até onde isso pode nos levar. O que na verdade se procura delinear aqui -- o risco --, em se tratando do lugar singular de onde partimos, é dar início a uma abordagem da questão do sujeito a partir da terra. Mas enquanto litura, onde se destaca o erro, que a topologia lacaniana quer mostrar através do toro.

Um fato interessante que agora nos manterá por um momento um pouco ocupados: o corte da ciência moderna se deu nas esferas celestes, no âmbito do supralunar, por assim dizer, onde estavam envolvidas as ciências que se encontravam no '*front*' desse processo: a astronomia, a física e, de forma precisa, as matemáticas. Muitos autores constatarem, no entanto, que o corte que se realizou no mundo supra lunar custou a chegar à Terra. Para que desde já estabeleçamos: muitos situam que o corte somente foi 'efetivo' com Darwin, costuma-se pensar que isso se dá a partir de 1859, com a publicação de *A origem das espécies*.

Mas por que isso se dá? Eis uma característica desse processo: infiltra-se na natureza uma resistência ao corte, mais especificamente no universo da teologia natural. Os naturalistas eram em quase toda a sua totalidade religiosos, o próprio Darwin havia tomado esse caminho em seus estudos em Cambridge, por força do pai, antes de se aventurar na viagem do Beagle. Essa resistência representada pela teologia natural, que buscava na Natureza as provas da existência de Deus, da perfeição infinita da obra de Deus. Autores como John Ray, William Paley, entre outros, exaltavam a perfeição e justamente a precisão da criação divina pela questão estética. Paley faz uma comparação da natureza a um relógio. Se achássemos um relógio - entendido como máquina perfeita e precisa - em meio à natureza, iríamos perguntar, argumentava ele, a respeito do autor, ou seja, o relojoeiro. Portanto, as maravilhas da natureza somente teriam explicação se inferimos disso a existência de um Relojoeiro, ou seja, o Criador.

Desse modo, o belo na natureza equivalia à fixidez das espécies e a perfeição da sua criação. Por outro lado, autores (MENEGAT, 2008) alegam que a falta de recursos para a investigação sobre o planeta Terra, sobre de que modo era composto o fundo da terra, a formação das rochas, a profundidade, impedia que se chegasse a alguma conclusão. Daí que restavam as narrativas que ainda contemplavam o modelo de um mundo compartimentado qualitativamente. A Terra, e podemos dizê-lo *terra* (sem a maiúscula, mas lembrando a *litura*), continuava (e, de certa forma, continua) cumprindo o papel de mundo inferior, o inferno.

E aqui temos algo mais a respeito de Galileu, e também de Dante. Em 1688, 22 anos antes das observações do céu, Galileu tinha 24 anos de idade e foi convidado por Braccio Valori, Consul da Accademia Fiorentina, para dar duas conferências sobre o tema "*La figura, sito e grandezza dell'inferno di Dante Alighieri*". O jovem e já renomado matemático abordou, em suas conferências, a geometria e a estrutura do Inferno. Esse estudo, - essas reflexões em cima da literatura de Dante -, tiveram notáveis conseqüências em sua obra, mais notadamente em seu último livro, o *Discursos sobre as duas novas ciências*. Ele inicia seus

texto com uma discussão - que é o debate entre os personagens Sagredo, Salviati e Simplicio, representantes, como é sabido, dos dois posicionamentos principais da ciência de sua época: a nova ciência, a moderna, e a aristotélica - sobre a propriedade e a resistência dos materiais, mostrando como o tamanho, a forma de todas os objetos existentes e corpos vivos, de formigas a elefantes, os planetas e as estrelas, eram determinados por algumas regras simples. Hoje os cientistas denominam essa descoberta de Galileu como fazendo parte da Teoria da Escala. O princípio aqui é a consideração efetiva do tamanho, da estrutura, da forma dos objetos, de suas superfícies, ou seja: para além do seu desenho no plano geométrico e abstrato, existe a matéria, ou melhor dizendo, os materiais e suas diferenças, suas propriedades, seus pontos de fragilidade em relação ao tamanho, por exemplo, tudo isso deve entrar no projeto de poder ser calculado. Dada a sua devoção ao fato empírico, parece estranho ao pensamento mais rasteiro pensar que as idéias mais importantes de Galileu podem não ter suas raízes na realidade de seus experimentos cotidianos, mas em uma ficção, em uma obra de literatura. Esse é o argumento de Mark Peterson, professor de física da Mount Holyoke College, que desenvolveu a tese de que uma das contribuições cruciais para a física de Galileu veio das medições do Inferno de Dante. Ou melhor, da refutação das suas medições! Galileu se interessa, se concentra na arquitetura e na estrutura do Inferno como ela é descrita por Dante em sua obra e a Galileu cabe medir e calcular a partir das proporções e escalas, levando em consideração os materiais e suas propriedades. Ele concebe o Inferno na sua mais radical literalidade: o que resultou, conta-se, em um escândalo na época, principalmente entre aqueles que assistiram a essas conferências.

Desde a sua publicação em 1314, estudiosos haviam tentado mapear as características físicas do Inferno em a *Divina comédia* de Dante - os malditos vales e cavernas, os rios de fogo como o Acheronta. O que Galileu disse em suas apresentação, em poucas palavras, é que muitas dimensões comumente aceitas não resistem a uma análise matemática. Usando análise geométrica complexa, ele atacou versões anteriores de estudiosos da estrutura do Inferno, apontando que sua descrição da arquitetura infernal - como os cilindros enormes descendo para o centro da Terra - ocasionaria, na vida real, o colapso total da estrutura sob o seu próprio peso. Galileu percebeu que as principais teorias rivais estavam erradas, que até mesmo os maiores estudiosos simplesmente não entendiam como, no mundo real, estruturas funcionam e se sustentam. Galileu chegou a medir, apontando a desproporção flagrante que havia entre o corpo de Lúcifer, que fora colocado por Dante no centro e no fundo da estrutura de círculos concêntricos. Ao afirmar que não se pode criar um Lúcifer gigante por superdimensionamento do modelo de um homem - que o aumento da magnitude de um objeto seria

criar um novo conjunto de imperativos estruturais e materiais. Esse foi o caminho, segundo Paterson, que abriu as possibilidades para a Revolução Científica. Ou seja, a partir dessa empreitada matemática, desse assalto a um obra de literatura e da poesia, vemos surgir uma outra ocasião em que a questão da precisão técnica, conforme o que vimos com Koyré, está envolvida. Se por um lado, temos a causa de desejo de Galileu encontrada na literatura, pela magnífica obra de Dante Alighieri, temos, por outro, no mesmo ato, o colapso mesmo dessa narrativa infernal, que não pode ser, evidentemente desvinculada do Purgatório e do Paraíso. A pergunta é apropriada: o que restou do Inferno? E agora? A observação de Paterson mostra o quão curioso é esse episódio:

Na verdade, se Galileu não se tivesse dado ao "triunfo do artifício e da imaginação" da poesia que ele amava, ele nunca teria conseguido as idéias que moldaram a Revolução Científica, e por extensão o mundo moderno. A arte, diz ele, "foi o único lugar que este tipo de invenção poderia vir" (PETERSON, 2002, p. 48)¹⁷.

Esse mundo qualitativamente distribuído, Inferno, Purgatório e Paraíso, é 'esclarecido' e uniformizado, homogeneizado pela linguagem matemática. Mais propriamente no que tange à geologia, sua história, ou determinado recorte da história da geologia, pode nos esclarecer a respeito das profundezas da terra, profundezas essas que a ciência só pode perscrutar graças ao pensamento que poderíamos chamar de uniformitarista (James Hutton e Charles Lyell) que não é outra coisa, na sua origem, que uma conseqüência na história da Terra da matematização do universo. Ou seja, contrário ao pensamento das diferenças qualitativas que são aquelas que definem as coisas do mundo pela intervenção divina, o uniformitarismo é o esforço no sentido de *uni*-formizar e reduzir toda a matéria de que é feito esse mundo, nosso planeta, graças à universalização e a desierarquização do universo, seja no espaço, seja no tempo. Ideias que surgiam já na Idade Média com nomes como Nicolau de Cusa e Giordano Bruno sobre um descentramento e uma infinitização radical do universo (em relação ao mundo fechado até então concebido), mas que se efetiva com a física e a matemática modernas, que trazem de suas medições e seus cálculos a partir das esferas celestes e contagiam a Terra.

O geólogo e historiador da ciência Rualdo Menegat retoma a queixa de Stephen Jay Gould quando este ironiza a história oficial da ciência, chamando-a de "história de cartolina", ao afirmar que a Revolução Científica é mostrada apenas em relação às reformas das esferas

¹⁷ In fact, if Galileo hadn't given himself over to the "triumph of artifice and imagination" of the poetry he loved, he would never have achieved the insights that shaped the Scientific Revolution, and by extension the modern world. Art, he says, "was the only place this kind of invention could come from".

celestes, isto é, ao fim da longa tradição do geocentrismo ptolomaico-aristotélico. Os esforços de Galileu ao matematizar o Inferno da literatura, ao dar talvez o primeiro passo no sentido de fazer surgir, fazer problematizar e inaugurar, para outros vindouros tais como Freud e o próprio Lacan, uma "profundeza do gosto".

A geologia contemporânea só pode, como as demais ciências, se desenvolver amplamente ao se dissociar dos ditames e das necessidades da teologia natural. Assim, duas correntes referentes à constituição das formações rochosas e de sua história dividiam a atenção dos geólogos: o Catastrofismo, ou Netunismo, e o Uniformitarismo, ou Plutonismo. O primeiro, criado por Georges Cuvier (1769-1832), pai da anatomia comparada (grande influência na obra de Darwin, apesar do seu anti-evolucionismo), que procurava fazer coincidir as narrativas bíblicas com os fatos observados na natureza. Segundo esse modo de pensar, as formações rochosas e os fenômenos observados em relação a mudanças na paisagem e os pulos ou saltos no registro fóssil seriam explicados pelas catástrofes, ou seja, pelas intervenções divinas como é o caso do dilúvio narrado na Bíblia, daí a expressão Netunismo. Por outra parte, temos o uniformitarismo, cujas idéias centrais foram apresentadas por James Hutton (1726-1797). Ele propunha a geologia uniformitarista da *machina mundi*, tese que depois foi impulsionada e definitivamente restabelecida por Charles Lyell (1797-1875) e o próprio Darwin. A máxima uniformitarista, segundo Lyell em seu Princípios de geologia, era o "alfabeto e a gramática da geologia (...) a chave da interpretação de todo fenômeno geológico" é que o presente é a chave do passado. O uniformitarismo, portanto, é a teoria moderna da geologia, ou seja, as formações rochosas não obedecem a nenhum direcionamento teleológico, são 'apenas' fenômenos que surgem de camadas de rochas magmáticas e que vão modificando seu desenho e seu volume, formando montanhas, ilha, atóis, praias.

Para se ter uma idéia da força das concepções teológicas que guiavam o naturalistas de então, o geólogo Roderick Impey Murchison, por exemplo, pioneiro nos estudos fósseis da vida primitiva, chegava à conclusão (cinco anos antes de *A Origem das espécies* de Darwin), de que a Criação Divina teria acontecido no pré-cambriano (a chamada "explosão cambriana"), dado o fato de que nenhum registro fóssil daquele período tivesse sido detectado até aquele momento (JAY GOULD, 1989 p. 58). O ponto mais importante para nós aqui é a constatação, no contexto da lógica catastrofista, resultante do desinteresse pelos registros fósseis, uma vez que esses eram vistos como restos 'demoníacos' de monstros do dilúvio ou como evidências da criação divina. A Natureza, nessas concepções já era dada como "**vista**", já compreendida pelo filtro teológico. Em contraposição aos catastrofistas, a geologia

uniformitarista, com Hutton, ousou desconfiar da leitura que se fazia das Escrituras Sagradas, que deduz daí a idade da Terra em aproximadamente 6.000 anos, e estimou, conforme suas investigações, em torno de 200 milhões de anos (hoje sabemos que, graças à medição de isótopos de chumbo, Claire Patterson chegou ao número de 4,5 bilhões de anos, em 1956). Lyell leva isso adiante, defendendo a idéia de que as formações rochosas se movem e se constituem de acidentes e marcas, erosões, formas esculpidas na formação dos estratos temporais (conforme Hutton classificou nas eras geológicas: cenozóico, mesozóico e paleozóico, divisões que acomodam períodos e estes, por sua vez, épocas) a partir do movimento sedimentar e magmático, vulcânico da Terra. É, portanto, graças ao pensamento do uniformitarismo que se criou o termo “tempo geológico”, o tempo que se conta, pelo menos, em termos de milhões de anos, mas também das marcas, da morfologia e dos registros fósseis, assim como das características das rochas.

Segundo informa Ritvo, Freud tinha conhecimento da relação da obra de Lyell com a de Darwin. Pouco antes de ingressar na universidade, em uma carta de 6 de agosto de 1873 a seu amigo Silberstein, Freud situou Lyell, Huxley e Darwin entre os cientistas ingleses cujos textos "sempre o manteriam como partidário da nação deles" (RITVO, 1992 p. 179).

Na história da geologia, ainda a respeito da estratigrafia, temos pistas da sua origem na filosofia e no corte da ciência moderna. A primeira proposta ou elaboração elucidatória que se tem notícia a respeito das formações em camadas, estratos - e aí está novamente algo que se assemelha à arquitetura infernal de Dante e o pente desenhado por Freud, por exemplo, na carta 52 a Fliess -, vem de Descartes. No entendimento de Menegat, deve-se hoje atribuir ao filósofo a "invenção da Terra Moderna". Podemos encontrar essas reflexões onde elas se originam, no livro *Le monde ou Traité de la lumière (O Mundo ou Tratado da luz)*, que escreveu de 1629 a 1633, durante seus primeiros anos na Holanda. Descartes atrasou por muitos anos a publicação, quando integrou o *Le Monde* ao seu livro *Principia philosophiae (Princípios da filosofia)*, de 1644, impresso na Holanda cinco anos antes de sua morte. Ele soube da condenação de Galileu em 1633 e considerou uma temeridade publicar algo, cujo conteúdo parecia ser explicitamente e flagrantemente condenável em tempos de Inquisição, mais até do que obras como *O Discurso do método*, questão que parece ser interessante. Vejamos a seguinte passagem:

“[...] não duvido que o mundo tenha sido inicialmente criado com a mesma perfeição que agora tem: assim, o Sol, a Terra, a Lua e as estrelas existem desde então; que a Terra não conteve apenas as sementes, mas as próprias plantas que cobriram parte dela; que Adão e Eva não foram criados como crianças, mas com a idade de pessoas adultas. A religião cristã quer que assim acreditemos, e a razão

natural persuade-nos inteiramente disto: tendo em conta o poder de Deus, devemos pensar que tudo quanto fez teve toda a perfeição que deveria ter desde o princípio. No entanto, só conheceríamos melhor a natureza de Adão e das árvores do Paraíso se, tal como as crianças se formam paulatinamente no ventre das suas mães, tivéssemos examinado como as plantas saem das suas sementes e se não nos limitássemos a considerar como eram quando Deus as criou!" (DESCARTES, 2007b, Terceira Parte, Artigo 45).

Aqui já se vê configurada a necessidade de explicar o mundo a partir da dinâmica de leis próprias e não pela narrativa histórica de cataclismos. Descartes irá proceder pela concepção de "uma evolução intrínseca às possibilidades da matéria, e não aos caprichos e necessidade de lendas, fantasias ou dogmas" (MENEGAT, 2004). Para tanto, Descartes baseia-se na seguinte premissa: a identidade da matéria e do espaço como base para explicar o mundo. Essa premissa traz as seguintes conseqüências: a) o mundo possui uma extensão infinita; b) ele está constituído em todas as partes pela mesma matéria; c) a matéria é infinitamente divisível; d) o vazio é uma noção contraditória e impossível.

A idéia preponderante é a homogeneização e uniformização da matéria - ela é somente uma em suas mais diversas formações. Descartes parte da mais simples das simplicidades, uma matéria una, sem buracos nem vazios, mas formada, desde o mais simples ao mais complexo, pelo turbilhonamento de átomos, partículas. Assim, o Sol, como ele já entendia o sistema heliocêntrico, era contornado por planetas que giravam em seu entorno como que carregados por essa matéria mais tênue constituída dessas partículas, pois, para Descartes, pensar o vácuo era impossível. Desse modo, o nosso planeta começou a existir a partir de um núcleo ardente como o Sol. E pela variação de processos, esfriamentos, interposição de camadas de ar, água e outras situações, vão se formando, no ritmo de uma complexificação, os estratos até a superfície da Terra. E na superfície, explica Descartes, conteúdos subterrâneos vêm à tona e quebram essa superfície formando assim os continentes e os mares. Seu esquema é, no entanto, a especialização e evolução de todas as coisas a partir de universais, de uma unidade coesa que se diversifica. O modelo, no entanto, é oriundo da matemática, uma vez que o sistema uno e universal serviria para qualquer planeta ou situação fora da Terra. Esse sistema é conjugado ao cogito e a ideia de máquina. Os turbilhonamentos pensados por ele são como peças de encaixe perfeito, como engrenagens de uma máquina perfeita, onde nenhuma brecha é concebível, pois as engrenagens se movem, mas seu movimento é de alguma maneira evitado, dada a perfeição, a adesão dessas 'roldanas' umas nas outras.

Embora sem citar Descartes como seu autor, esse modelo de evolução e constituição das esferas interiores da Terra sobreviveu por meio de outros pensadores. O mais famoso deles foi Thomas Burnet (c.1635-1715), capelão do rei William III, da

Inglaterra, que publicou parte do modelo em seu livro *Telluris Theoria Sacra* (Teoria sagrada da Terra) em 1681 (fg. 13). Essa obra foi muito difundida por Stephen Jay Gould (1977, 1991) como sendo uma das fontes da Geologia moderna. Mas Gould não referiu Descartes como tendo sido o autor das idéias propaladas por Burnet, e admiradas por Newton (MENEGAT, 2008, p. 433).

Curiosamente, Darwin e Descartes aproximam-se a tal ponto que, - e esse é o ponto onde se pode mostrar a questão que discutimos aqui, ou seja, Darwin como um reviramento de Descartes - podemos considerar Descartes um evolucionista, senão o primeiro. Pois já naquele momento ele constrói uma hipótese com características históricas, de especulação em relação às formações dos estratos da esfera terrestre do mais simples ao mais complexo e especializado. O mesmo modelo, como vimos, encontramos em Jackson a respeito da formação do cérebro e explicativas das disfunções da linguagem.

A contribuição de Darwin à geologia - enquanto geólogo ou não - é de grande importância na história dessa ciência a partir da viagem do Beagle. Um pouco antes do desembarque do HMS Beagle, em Plymouth, Darwin recebeu como presente do capitão FitzRoy o primeiro volume dos *Princípios de Geologia*, de Charles Lyell, que fará toda diferença, pois sua leitura servirá de plataforma, dando as bases fundamentais para a criação de suas teorias. Lyell se tornará amigo pessoal de Darwin após seu retorno à Inglaterra, em 1836.

A compreensão do esquema estratigráfico, desde seu aparecimento em Dante, no Inferno, seja no discurso da ciência que se sobrepõe, em Descartes e em Jackson, e na geologia de Hutton e Lyell, onde a chave do passado é o presente, e, por fim, em Darwin: o que está em jogo é justamente o percurso de um estrato aos outros, seja a transmissão de um tremor sísmico, de uma modificação qualquer e sempre importante, como uma representação do tempo e seus traços - o esquema do pente em Freud -, tudo isso, para focar no que tange apenas ao evolucionismo de Darwin, representa o móvel da questão investigativa constitucional por excelência. Seu valor parece imenso, pois torna-se para nós ainda mais interessante quando despojamos isto de qualquer teleologia ou de qualquer noção de progresso universal, enfatizando-se assim o percurso das diferenças e possibilidade de uma leitura, de traço para traço.

Supomos que, por aí, a questão de uma leitura entra em jogo definitivamente.

1.7 *A chaos of delight...*

Havíamos falado anteriormente de um segundo caminho para chegar até Darwin. Esse caminho, como disse, é fundamental mostrá-lo, vem desde Kant, passando pela chamada *Naturphilosophie* que tem entre os nomes mais destacados Goethe e Alexander von Humboldt, o célebre naturalista alemão. A figura grandiosa de Humboldt e suas expedições são uma das influências mais próximas e uma das que mais exerceram fascinação em Darwin. A visão de Humboldt da natureza é a do romantismo alemão, a unidade, o todo, envolve as partes, um modo de conceber a natureza simultaneamente como estética e como ciência. Humboldt tornou comum em suas expedições a presença de artistas para reproduzirem o impacto das paisagens. O conceito de paisagem em geografia surge dessa concepção estética de Humboldt, em que a paisagem envolve vários processos isolados açambarcados pela idéia de unidade, o que ainda traz em seu bojo a teleologia da tradição filosófica. Mas vê-se que, com Humboldt, Darwin abre-se para a imaginação científica e para o campo escópico arrebatador da natureza. Quando esteve no Brasil, ele pode experimentar o entusiasmo que tanto o fascinara na leitura das narrativas humboldtianas durante a viagem do Beagle. Escreve ele:

Acredito que pelo que tenho visto das descrições gloriosas de Humboldt que são e para sempre serão incomparáveis: mas mesmo ele com seus escuros céus azuis e a rara união da poesia com a ciência que ele tão fortemente exhibe ao escrever sobre o cenário tropical, com tudo isso, fica muito aquém da verdade. O deleite que se experimenta em tais momentos desconcerta a mente, se o olho tenta seguir o vôo de uma borboleta berrante, ele é detido por alguma estranha árvore ou fruta; se assistir a um inseto, esquece-o na flor estranha sobre o qual ele rasteja; se virar para admirar o esplendor do cenário, o caráter individual do primeiro plano prende a atenção. A mente é um caos de deleite, de onde um mundo de prazer futuro e mais tranqüilo irá surgir. Estou no momento apto para ler Humboldt, ele como outro sol ilumina tudo o que olho (DARWIN, 1832/1986)¹⁸.

The mind is a chaos of delight... Darwin filia-se até certo ponto à alcunha do materialismo romântico, como sugere Stephen Jay Gould. Até certo ponto, até um limite, quando ele rompe com a teleologia romântica da *Naturphilosophie* ao introduzir a ideia de seleção natural. Esse rompimento se dá, segundo parece, e discutiremos isso mais adiante, na queda mesma do objeto e a crueza de uma falta se faz presente enquanto desamparo e olhar -- trata-se aí do objeto olhar. O romantismo, na sua tensão a mais subversiva, está muito

¹⁸ I believe from what I have seen Humboldt's glorious descriptions are & will for ever be unparalleled: but even he with his dark blue skies & the rare union of poetry with science which he so strongly displays when writing on tropical scenery, with all this falls far short of the truth. The delight one experiences in such times bewilders the mind; if the eye attempts to follow the flight of a gaudy butter-fly, it is arrested by some strange tree or fruit; if watching an insect one forgets it in the stranger flower it is crawling over; if turning to admire the splendour of the scenery, the individual character of the foreground fixes the attention. The mind is a chaos of delight, out of which a world of future & more quiet pleasure will arise. I am at present fit only to read Humboldt; he like another sun illumin[at]es everything I behold (Charles Darwin Project).

próximo da irrupção do real, há uma tensão extraordinária, entre pólos antagônicos. A unidade que garantia o telos filosófico e místico, a luz que tudo iluminava para os olhos de Darwin a partir da leitura de Humboldt se arrebenta e se fragmenta - se intensifica, não há dúvida. A natureza passa a ser algo inteligível no só-depois, pois que o naturalista fica reduzido, na maior parte do tempo à função de catador de migalhas, -- expressão que agora usamos para o homem na sua relação com a natureza. Isso é pensável justamente porque, uma vez fragmentada, a natureza passa a ser vista e estudada como uma variação constante de relações complexas, combinatórias que sempre estão se refazendo em suas especificidades e particularidades, onde um "buraco lógico" (como atribuiu Stephen Jay Gould à função da seleção natural). Divorciada das idéias do fixismo, do criacionismo e também da teleologia, a natureza está sempre surpreendendo e colocando sempre mais desafios no tempo da evolução a partir de uma leitura no tempo e no espaço. Mas, importante observar, Darwin não abandona a estética jamais, ao contrário, sua formação se dá justamente através desse encanto.

1.8 Ciência e Inferno - Descartes ao contrário?

É na esteira da ação dos europeus expansionistas que expedições percorreram o mundo levando a cultura e a sede de saber dos assim chamados naturalistas e de encontro a novas visões que desconcertaram profundamente aqueles homens. O arquipélago de Galápagos, -- onde Darwin, segundo escreveu em seu diário a bordo do Beagle, disse estar a origem de todas as suas visões" ("*origin of all my views*") --, foi descoberto acidentalmente pelo Frei espanhol Tomás de Berlanga, o Bispo do Panamá, em 10 de março de 1535, portanto 75 anos antes das noites em que Galileu fez as suas primeiras observações pelo telescópio, em 1610. Uma tempestade intensa surpreendeu Berlanga e sua tripulação durante uma viagem do Panamá ao Perú, e uma poderosa corrente marítima arrastou a embarcação em direção ao arquipélago. Berlanga e seus homens tiveram que aguardar alguns dias até que as condições de navegação se restabelecessem favoravelmente. Em seus relatos ao Rei, descreve o que pode classificar como "o inferno na Terra". A existência do arquipélago, antes somente freqüentada por piratas, começa a circular pelo mundo e a ser registrada a partir dessa imagem infernal que a aparência monstruosa e bizarra de seus habitantes, com suas tartarugas gigantes, as iguanas marinhas cobrindo as rochas a tomar banho de sol e cuspir a água salgada excessiva de seus mergulhos no mar, algo diferente de tudo o que se conhecia das espécies

que viviam em terras continentais, e o ambiente árido, o calor intenso resultante da natureza vulcânica das ilhas, tornava o arquipélago um lugar maldito, de exceção, para a estética e o olhar de uma época. "Parece que em algum momento, Deus fez chover pedras..e essa terra é a escória, é inútil", descreve o Bispo a respeito de um lugar inóspito e que chegou a matar dois de seus homens. Entre outras dificuldades, Berlanga e seus homens tentaram escavar para conseguir água potável, mas a água que conseguiam era tão ou mais salgada que a do mar. Em desespero, eles oraram pela liberdade e, por fim, o tempo mudou e puderam dar prosseguimento à sua viagem. O que se constata na 'visita forçada' de Berlanga é o desespero da situação, das adversidades concernentes ao lugar inóspito e o risco de morte.

Mas seria somente isso? Não seria, antes, o que nos interessa aqui, que se tratava, para ele, de uma terra que falava? Como os planetas de que falava Lacan? Não é do inferno, de uma narrativa infernal que se trata? E essa narrativa era o objeto e o manto teológico que o recobre sua verdade? Para Berlanga, a narrativa infernal dessas ilhas, torna-as invisíveis em sua fineza, ou melhor, elas não se descolam da narrativa que o Bispo estabeleceu em seus relatos, muito conforme a sua época.

Antes de ser situada e mapeada pelos cartógrafos, as ilhas eram chamadas pelos navegantes que por lá passavam de *Las Encantadas*, pois apareciam e desapareciam sob as brumas ou na noite dos tempos. Essa condição encontra seu término graças à cartografia que se desenvolvia em grande velocidade juntamente com o programa expansionista, no caso, de Espanha e Portugal.

Mas a questão que fica é esta: o que diferencia o olhar de Darwin, quando o Beagle ancora próximo a Fernandina, a primeira das ilhas por ele visitadas, em 1835, do olhar de Tomás de Berlanga, o Bispo de Panamá, em 1535? Primeiramente, o corte da ciência, entre os dois personagens, entre as duas visões. E, em segundo lugar, o modo como essas ilhas são inscritas, situadas, graças a ação proveniente das ciências que aí encontram paulatinamente um grande desenvolvimento, voltamos à geologia, com a geodésia, a agrimensura. O olhar de Darwin, do que se trata? Imaginemos, para voltarmos, de certo modo, aos planetas mudos, mas cobertos de 'bocas' demandantes, imaginemos Darwin desembarcando (alunissando) na lua. O Capitão do Beagle, Robert FitzRoy, como Berlanga, faz o seguinte relato ao desembarcar na ilha com Darwin: "Nós desembarcados na obscuridade, sob montes de aparência sombria e negra, onde formava um acesso litoral ("shore") adequado para o pandemónio " (CLEMENTS, 1985 p. 49). Darwin, por sua vez, observa em seu diário de bordo: "Rodeados por lava negra, vegetação devastada e os grandes cactus, eles aparentavam

ser animais antediluvianos mais antiquados; ou melhor, habitantes de outro planeta" (DARWIN, 2010/1835).

Não será, podemos estar certos disso, como Berlanga, que se desespera pelo inferno e faz o que todo homem de sua época faria, oraria em desespero, inserido que está na narrativa infernal de um hierarquia de círculos ou esferas que se distinguem pela perfeição e pela imperfeição, como mostrava Dante na sua *Divina Comédia*. Darwin se fascina em função de suas suspeitas, pois o que dessa ficção tem para cair parece cair com ele, se atentarmos ao seu componente estético e ético. Mas ele vai mais adiante nessa estética -- que acaba por tornar-se uma formulação est'ética -- colocando-se mais próximo a Galileu, no sentido em que chega ao unário da lua, se podemos assim dizer. Mas Galileu chega também nesse ponto, mas parece descartar essa dimensão, sua visada tem como alvo a formulação matemática das experimentações e a comprovação da visão copernicana de mundo. Vemos que aí é algo do uno, da unidade, que ainda está em jogo, Galileu é um ferrenho defensor das ideias de Copérnico -- mas Copérnico, como comenta Lacan, não parece ser tão copernicano como gostaríamos que fosse. Com Darwin, 225 anos depois de Galileu, é justamente na direção oposta que ele é chamado a intervir, e é na dimensão do olhar: o que interessará a ele é justamente a fineza do detalhe, o pico e a depressão, a incidência da luz, as cores, os deslocamentos, as diferenças que fazem diferença. Deleuze se serve de Darwin para colher elementos para o seu pensamento da diferença, um caminho próprio, mas que define e capta o que há de mais fundamental e específico em Darwin:

A grande novidade de Darwin talvez tenha sido a de instaurar o pensamento da diferença individual. O *leitmotiv* de *A Origem das Espécies* é o seguinte: não se sabe o que pode a diferença individual, não se sabe até onde ela pode ir, a não ser que aí se acrescente a seleção natural. (DELEUZE, 1985, p. 237)

É um virada: de uma estética (o fascínio pela Lua e a novidade que ela encerra ao ser desnudada frente ao telescópio) para uma est'ética (o furo no saber, o desamparo e o impossível). É importante perguntar: Darwin estabelece uma ciência que lida com restos da ciência moderna? Um estatuto de ciência que lida, como vimos anteriormente na questão da precisão, com a radicalização do cartesianismo através de seu reviramento. Mas de que reviramento se trataria?

Muito se fala da superação da metafísica em filosofia e muito se encontra de um tom nostálgico, quando o mundo das qualidades onde o homem tinha suas referências inscritas no cosmos, como *natura rerum*, e que a ciência moderna friamente devastou, destruiu. O que

restou disso é um mundo vazio e destituído de sentido desde a formulação cartesiana, entendido como sonho metafísico:

O sonho metafísico é, assim, o sonho da permanência, da estabilidade, do eterno presente. Busca-se nas coisas apenas o que tem a consistência -- ilusória -- do inteligível, o que pode ser representado, controlado e dominado pela razão; deixa-se de lado as qualidades sensíveis (cor, som, sabor, odor, etc.), as experiências corpóreas, as relações sociais, as determinações culturais, os eventos contingentes da história. Tudo isso é visto como secundário, acidental e, de certo modo, indigno de ser pensado, na medida em que não tem a fixidez, a limpidez e a solidez da ideia e da substância. (...) a metafísica representa, assim, o anseio de ultrapassar (meta) a natureza (physis), em sua fragilidade e inconstância, na busca do que está além do tempo, do que repousa em si mesmo e não precisa de nada mais para existir, cujos protótipos são a Ideia Platônica (sobretudo a Ideia de Bem) e o Deus aristotélico (ato puro, motor imóvel, pensamento eterno de si mesmo) (HUHNE, 1994, p. 39)

Passada a 'revolução' científica e todas as suas conseqüências, o que aconteceria se pudéssemos reverter os efeitos do corte? Imaginemos que tudo aquilo que o método da dúvida hiperbólica eliminou -- a saber, todas essas qualidades descritas acima -- retornassem, constituindo um método cartesiano ao contrário. E se sobrepuséssemos, como fez Freud no apólogo da arqueologia de Roma, na figura de Darwin, a arte e a ciência misturadas, ocupando uma o lugar da outra? Um cruzamento estranho, esse. A precisão e imprecisão do sujeito estão ali presentes. E se Aristóteles retornasse, ressurgisse das cinzas, em pleno século XIX? Principalmente o Aristóteles naturalista. É apenas um exercício de imaginação ao qual não pretendo dar continuidade, mas apenas para apontar que Aristóteles, por muitos considerado o filósofo do "senso comum", ele foi descrito por Darwin como um dos maiores observadores que a história da filosofia e da ciência tem conhecimento. A admiração de Darwin pela figura de Aristóteles e a monumental empreitada de seu pensamento e capacidade de observação, que o inspiram, fica evidente na passagem que se segue:

Poucos meses antes de morrer, Darwin recebeu uma cópia do *De partibus Animalium* de Aristóteles de seu amigo William Ogle, que recentemente traduzira a obra. Em 2 de Fevereiro de 1882, a resposta considerada de Darwin para o presente, em uma carta a Ogle, foi inequívoca: "Eu tinha uma alta noção a respeito dos méritos de Aristóteles, mas eu não tinha a mais remota noção de quão maravilhoso esse homem foi. Lineu e Cuvier têm sido os meus deuses, embora de maneiras muito diferentes, mas eles eram meros garotos de escola perto do velho Aristóteles " (BRITAIN, 2007, p. 26)¹⁹.

¹⁹ A few months before Darwin died, he received a copy of Aristotle's *De partibus animalium* from his friend William Ogle, who had recently translated the work. On 2 February 1882, Darwin's considered response to the gift, in a letter to Ogle, was unequivocal: "I had a high notion of Aristotle's merits, but I had not the most remote notion what a wonderful man he was. Linnaeus and Cuvier have been my gods, though in very different ways, but they were mere school-boys to old Aristotle" (BRITAIN, 2007 p. 26).

Tratar-se-ia de algo como um retorno sobre os passos de Descartes, desfazendo-os, ou melhor, refazendo-os pelo contrário? Mas dizer 'ao contrário' aqui é mais uma figura de linguagem do que um contrário propriamente dito, pois o contrário dos passos de Descartes não nos revelaria um estado ante -- onde o mundo do significado, a "era teológica", para usar um termo de Lacan do Seminário da Identificação, afloraria novamente como uma 'esperança'. Isto seria, justamente, a leitura errônea que se faz do evolucionismo darwiniano quando se coloca o homem no topo da escada da evolução -- aí sim teríamos o cartesianismo reiterado, assimilado, retomado de forma grosseira. O contrário que se deve mostrar está no passo mesmo de Descartes e nos conduz, de fato, a nada. Trata-se de refazer o percurso do método cartesiano, mas para trazer de volta, ou seja, acolher 'de volta' tudo aquilo que Descartes expulsara em sua dúvida hiperbólica. Mas não pensemos em 'retorno', pensemos como reviramento: lembremos o que havíamos visto a respeito de Descartes e sua contribuição para a história natural e para a história da geologia moderna, de como ela se baseou a partir de uma idéia simples, una e universal, ou seja, de que a matéria é a mesma em todo o universo. Essa proposição está no cerne da geologia moderna, como vimos, da *machina mundi* das ideias uniformitaristas de James Hutton e, posteriormente, de Charles Lyell com a máxima "o presente é a chave do passado". Darwin se utilizou da geologia de Lyell ao estendê-la para uma série de coisas ao fazer um uso mais amplo do princípio-chave do uniformitarismo. Esse princípio se baseia na leitura dos fenômenos atuais para se chegar aos pontos anteriores da sua constituição, isso porque a matéria, o fenômeno, ou os elementos materiais em jogo que se apresentavam hoje, é a mesma envolvida em todo processo - o processo é detetivesco e lida com o só-depois, ousemos dizê-lo, dentro da lógica estratigráfica. Desse modo, Darwin parte do detalhe como desencadeador de especulações, pois desvendar o processo e seguir as pistas e os desenhos, as marcas, a morfologia, a topografia, a volumetria e processar relações que Darwin denominou de economia da natureza em sua dinâmica. É a combinatória de muitos fatores e a inserção do fenômeno observado dentro desse jogo. O que faz Darwin ao observar em sua viagem no Beagle é o desfilar de diferenças e contrastes, proporções e desproporções, articulando as qualidades 'expulsas' pela metafísica da razão, as cores, as texturas, os odores. Um trabalho que procura reinserir uma espécie ou um indivíduo dessa espécie na lógica da rede, da troca, da relação estrutural em que vários fatores estão em jogo, e o jogo ainda está em aberto. Ou seja, reinserir um elemento na lógica interativa, de estrutura, de um elemento em relação a outros elementos da natureza. Podemos operar uma inversão, somente para mostrar mais claramente: o pássaro tentilhão (que Darwin encontrou em Galápagos) é, segundo esse entendimento, reinserido, ou inserido pela primeira vez, no jogo de relações

possíveis, infinitas, da natureza - ele não é um tentilhão em si, uma essência. Ele é resultado de uma série de modificações ocorridas na sua evolução, na sua transformação. Do mesmo modo, Darwin desenvolve em sua antropologia, em a *Descendência do homem*, o lugar do homem em relação à sua filiação a esse jogo de relações e forças, tal como o tentilhão ou qualquer outro animal. Mas se percebermos mais detidamente, Darwin se interessa em confrontar, nas relações desse jogo mesmo, o indivíduo em relação aos seus pares, à horda, enfim, à família, digamos assim - e as questões relacionadas ao sexo. As tensões que decorrem das relações internas aos indivíduos pertencentes à horda primeva, o pai ciumento, a proibição do incesto. Freud, supomos, dá 'continuidade' a isso com sua 'fantasia filogenética' e com a criação do seu mito, o pai morto pelos seus filhos. Isso se dá justamente porque as concepções de Darwin carregam um elemento ético ligado visceralmente ao desamparo, ao conflito, à luta pela existência, ao insucesso na natureza, mas, sobretudo, colocados sob a lógica de rede.

Formulemos deste modo, é dentro de uma est'ética, dentro dessa contração ética-estética, de enodamento quiçá borromeanamente articulado, tão bem explorada por Lacan, e muito presente no Seminário VII da Ética, que poderemos, juntamente com Darwin, acessar a questão em que isso se presentifica num discurso científico que se estabelece a partir de um reviramento, uma operação distinta e particular, da questão cartesiana. Enquanto est'ética, da "barbárie" e do bruto rolo compressor do capitalismo, vemo-nos de supetão instalados, - já instalados, sim, como se somente a paisagem cambiasse ou a lente fosse trocada -, num mundo de fineza, de delicadeza, diferenças e inter-relações, ou seja, na profecia das dinâmicas ecológicas e no segredo mesmo de uma imanência do mundo sub-lunar. Um segredo aqui evocado para dizer, quem sabe, do *real* como segredo da realidade.

1.9 O espírito de fineza e a escrita da árvore da vida

Nesse mundo de finezas, -- precisamos justificar o título do capítulo --, encontramos os *Pensamentos* de Blaise Pascal, onde ali constrói, ainda que de modo fragmentado, o que se pode entender como defrontamento com a Razão cartesiana. Ele próprio um matemático genial, um homem da razão (até esse ponto ele acordava com Descartes), mas já gravemente preocupado com a unidade da *mathesis universalis* cartesiana, propõe uma disposição plural para abordar e solucionar as questões centrais da filosofia. Para cada problema, uma solução,

ou seja, um modo de solucionar, de dar respostas. Ao contrário de Descartes, que, não sem angústia, não sem errância, lembra-nos Lacan com propriedade no Seminário XI, procurava assegurar-se de sua certeza em direção à verdade, Pascal parece, por sua vez, mergulhado em angústia -- e de fato parece ser um sujeito atormentado, que parece querer se agarrar a todo custo em algo para que não seja arrastado por esse momento de dura reforma do conhecimento. Digo, um sujeito que reivindicaria a nostalgia em pleno momento em que o mundo conhecido até então, o da teologia cristã mediaeval, se desfazela. Ele, portanto, reage como apologeta radical do cristianismo. Mas faz isto de um modo tão original, com a marca do gênio, -- podemos encontrar em Pascal esse cristianismo como reação ao discurso cartesiano, e, concomitantemente, como um espaço já de reviramento da unidade e da centralidade, da totalidade, com que o dispositivo cartesiano coloca a Razão, enquanto *ratio*. Um elemento notável que mostra bem isso é a 'oposição' que ele estabelece entre o espírito do geômetra e o espírito de fineza. O geômetra, não há dúvida de que remete à Descartes. Mas o espírito de fineza nos remete mais propriamente à unicidade, e não tanto à unidade, ele indica uma espécie de limite para a expansão cartesiana. Vejamos o seguinte trecho dos *Pensamentos*:

... o que faz com que os geômetras não sejam sutis é que eles não vêem o que está diante deles, e que estando acostumados aos princípios nítidos e grosseiros da geometria e a só raciocinar depois de terem visto bem e bem manejado os seus princípios, perdem-se nas coisas de fineza, onde os princípios não se deixam manejar de igual modo. Nós mal as vemos -- as coisas de fineza --, as pressentimos mais do que as vemos, temos infinitas dificuldades em torná-las sensíveis para quem não as sentem por si próprios. São coisas de tal maneira delicadas e tão numerosas que é necessário um sentido muito delicado e muito preciso para senti-las e julgá-las reta e justamente em conformidade com esse sentimento, sem poder, na maioria das vezes, demonstrá-lo por ordem, como em geometria, porque não lhes possuímos do mesmo modo os princípios e, tentá-lo, seria uma coisa infinita. É preciso, num instante, ver a coisa num só golpe de vista e não pela marcha do raciocínio, ao menos até um certo grau. E, assim, é raro que os geômetras sejam sutis e que os sutis sejam geômetras, porque os geômetras querem tratar geometricamente essas coisas sutis e tornam-se ridículos procurando começar pelas definições, em seguida pelos princípios, o que não é a maneira de proceder nessa espécie de raciocínio. (PASCAL, 1966 p. 71-72).

Essa problemática pode ser colocada em paralelo a uma outra, bastante debatida, que é do estatuto epistemológico da biologia. Ele não é 'certo', 'estável', como se poderia dizer, como o é a tradição das matemáticas e da física com a revolução científica. A biologia, nome que engloba uma série diversificada de ciências e especialidades, ficou 'a desejar' nesse aspecto. Como se situasse num nível abaixo das ciências exatas, como "ciência provinciana":

Quando o termo "ciência provinciana" foi introduzido, ele era usado como antônimo de "universal", significando que a biologia lidava com objetos específicos e localizados, sobre os quais não era possível propor leis universais. As leis da física, dizia-se, não têm limitações de tempo ou espaço; elas são válidas igualmente na galáxia de andrômeda e na Terra. A biologia, em contraste, é provinciana porque toda vida que conhecemos só existe na Terra, e há apenas 3,8 milhões de anos, dos mais de 10 bilhões transcorridos desde o Big Bang (MAYR, 2008 p. 56).

Aliado a isso, a esse 'preconceito', totalmente refutável, conforme a argumentação de Mayr, destaco um outro elemento próprio à biologia, importante para que se possa compreender a posição da biologia frente às ciências "universais": o conceito de emergência.

Em um sistema estruturado, novas propriedades emergem em níveis mais altos de integração que não poderiam ser previstas a partir do conhecimento dos componentes em níveis inferiores (MAYR, 2008 p. 41).

François Jacob (1973) formalizou o conceito de forma interessante:

Em cada nível, unidades de tamanho relativamente bem definido e de estrutura quase idêntica se associam para formar uma unidade do nível acima. Cada uma dessas unidades formadas pela integração das subunidades pode receber a designação geral de '*integron*'. Um *integron* é formado pela organização de *integrans* no nível abaixo dele; ele participa da construção do *integron* no nível acima dele (in MAYR, 2008 p.42)

Mayr acrescenta que, nessa construção de Jacob, cada *integron* possui novas características e capacidades, que não estavam presentes em nenhum nível mais abaixo de integração; dessas características e capacidades diz-se que elas emergiram.

Esse conceito ganhou destaque com o trabalho de Lloyd Morgan sobre evolução emergente, em 1923. Morgan pode captar a um só tempo o espírito do que se trata no darwinismo e a posição da biologia em relação à física, à química e a matemática. Dessa construção de saltos diferenciais, imprevisíveis, embora articulados logicamente, não há como não ver a escrita arbórea de Darwin. Na elaboração das ideias a respeito da modificação por meios da seleção natural, Darwin rabiscou em um de seus famosos cadernos de anotações aquilo que ele chamou de "árvore da vida"²⁰. A árvore da vida, desenho exposto em *A origem das espécies*, pode ser entendida no nível do que Jacob mostra com a sua teoria dos *integrans*, cada nó que dá início a uma nova ramificação, lugar da variação e surgimento de uma nova espécie, corresponde a um *gap*, senão a um impasse. Esse nó é o ponto fundante por onde a árvore se expande e o novo é possível. Esse nó também pode ser aquilo que aponta o fracasso

²⁰ Além da árvore, ele sugere também nessas anotações uma outra imagem, a do coral. Nesse sentido, isso se assemelharia muito ao rizoma de Deleuze, pois há nessas formações corais evidentemente um arrojo maior no sentido de desierarquização radical.

da teoria, fracasso fundamental pois é ali que a escrita de Darwin se articula na emergência e, no entender de Charles Lenay, onde reside sua "ignorância". Para Lenay, o gênio de Darwin foi ter se servido de sua ignorância:

Ele tomou sua própria ignorância como chave para explicar os fenômenos naturais.(...) Na natureza, a existência de variações acidentais relativamente às condições de vida tem como consequência uma seleção natural e, finalmente, a transformação das espécies. Desse modo, Darwin pôs na base de seu sistema explicativo aquilo que era um enigma da atividade normal de pesquisa do paradigma precedente (LENAY, 2004 p. 66).

Hoje em dia, pouco se dá atenção a isso entre os biólogos, o que poderíamos chamar de um argumento que concorre para prover, epistemologicamente falando, a biologia da sua singularidade e autonomia. Mas esse argumento só é logicamente articulável depois de Darwin. Mas não havia nada disso antes dele, para onde olhasse somente via as explicações da teologia, da teleologia ou de pensamentos vitalistas. Em carta ao zoólogo norte-americano Asa Gray, Darwin comenta: "Estou bem consciente de que minhas especulações vão bastante para além dos limites da verdadeira ciência" (in BURKHARDT, 2000, p. 56)²¹. Seria isso depreciativo, como se lamentasse não ser uma ciência verdadeira? Ou seria um comentário, bastante acertado, supomos, do valor que o darwinismo tem quando aponta para uma formulação a respeito de um além - que é justamente a característica que detectamos? Para onde aponta esse "além dos limites", mas que traz em seguida, na continuação da mesma frase, o depreciativo complemento "da verdadeira ciência"?

Em outra carta, ainda a Asa Gray, Darwin parece reiterar o comentário anterior:

O que você sugere em geral é muito, muito verdadeiro: que o meu trabalho é terrivelmente hipotético, e em grande parte não é de todo digno de ser chamado de indução, o meu erro mais comum é provavelmente indução a partir de muito poucos fatos (in BURKHARDT, 2000, p.57)²².

È claro aqui que Darwin se afasta do espírito da geometria, da "verdadeira ciência", que é o estabelecimento de leis gerais a partir do conhecimento empírico e experimental, leia-se, do método científico estabelecido por Bacon, seu conterrâneo e Patrono da Real Society. Mas, naturalmente, não deixa de se comparar às ciências cujos estatutos estariam garantidos pelo método de Bacon, estabelecendo inclusive a assunção de uma lei geral para toda a

²¹ "I am quite conscious that my speculations run quite beyond the bounds of true science".

²² "What you hint at generally is very, very true: that my work is grievously hypothetical, and large parts are by no means worthy of being called induction, my commonest error being / probably induction from too few facts".

natureza, a seleção natural. Mas, ao mesmo tempo, como personalidade extremamente avessa a polêmicas e desentendimentos, o cavalheiro, o gentleman Charles Darwin se utiliza da doutrina da dupla verdade, adotada pelo próprio Bacon, para contemporizar com os mestres da ciência e da religião de sua época. Darwin cita Bacon, de *The Advancement of learning*, na introdução de *A origem das espécies*:

Portanto, para concluir, que ninguém creia ou sustente, estribado num conceito errôneo do que seria sensato, ou num excesso de moderação, que uma pessoa jamais poderia estudar a fundo ou alcançar um vasto conhecimento senão ou do livro da Palavra de Deus, ou do livro de Suas obras -- isto é, ou quanto à Teologia, ou quanto à filosofia; ao contrário, que todos se empenhem em alcançar o máximo de profundidade e sabedoria tanto num como noutra desses livros (DARWIN, 1859 [2002], p.25).

Acredito, no entanto, que o *esprit de finesse* é o ponto de onde se origina o ponto da subversão darwiniana, ponto de enigma, nó de onde emerge o novo, onde ele pode se sustentar como discurso relacionado à ética de forma surpreendente. Sua ética se instala nessa *finesse* e seus desdobramentos e consequências mais radicais, como veremos. Ela é o pavio por cuja aparente insignificância e finura perpassa toda uma questão e que para o desavisado, não permite que se possa prever o tamanho e a importância que isso terá na história. O que é dessa *finesse* se relaciona, em um primeiro momento, no que articulo aqui, com a dimensão escópica. Mas esta dimensão escópica será, como sabemos, primeiramente através do rol de 'geômetras' engajados, pinçamos Galileu (ate certo ponto) e Descartes, através de sua Dióptrica, de fato apagada. Sabemos que é Freud quem recupera a dimensão escópica para, juntamente com Lacan, situar a questão central do desejo e do sujeito.

1.10 Lacan, Darwin e o campo escópico - a latinha de Lacan, os tentilhões de Darwin

Uma latinha flutuante na água durante uma pescaria reflete a luz do sol que atinge a retina do jovem Lacan, isso basta para render muita teoria e transmissão. Sabe-se lá o porque do constrangimento de Lacan naquele momento, junto a uma família de pescadores que fornecia peixes para a indústria de enlatados. Mas, como ele relata, ele fazia "mancha no quadro" naquele momento. A latinha boiava e respelhava a luz do sol. Um menino, que ele chama de Joãozinho, percebe o acontecido e chama a atenção de Lacan: *Tá vendo aquela lata? Tá vendo? Pois ela não tá te vendo não!* (LACAN, 1964/1990, p. 94; grifos do autor).

Essa experiência é, até certo ponto, muito darwiniana. Ela ilustra a contraposição que constitui o campo escópico, segundo Lacan no Seminário XI: Lacan constrói um esquema que sobrepõem dois triângulos invertidos, no qual ele contrapõe o ponto geometral, enquanto visão, ao ponto luminoso, chamado olhar. Inicialmente o geometral, que descreve a “mecânica da visão” do ponto de vista geometral, ou seja, da linha. Lacan mostra, com Diderot, fazendo alusão a uma carta, em que este autor “demonstra como, de tudo que a visão nos entrega do espaço, o cego é capaz de dar conta, de reconstruir, de imaginar, de falar” (LACAN, 1964 p. 91). O que se trata no ponto geometral é o centramento do sujeito em relação à perspectiva, que dominou a técnica da pintura entre os séculos XV e XVII – ilusão que a anamorfose vem denunciar através do furo, como exemplifica Lacan com o crânio flutuante em *Os Embaixadores* de Holbein. A ótica da linha, ou “ótica para cegos”, é, segundo Lacan, literalmente o que se pode fazer se tivermos paciência e linhas ou fios para demarcar um espaço e definir e enquadrar os objetos que estão em exposição, para que o cego se localize no espaço já nomeado e organizado de antemão. Assim, a visão é algo da ordem do já “visto”, do dado como “visto”.

Em contraposição à linha, ou seja, à objetivação do mundo pelo sujeito nas elaborações da perspectiva pictórica renascentista – que é já algo do sujeito da ciência que aí se adianta em relação ao passo de Descartes –, temos a luz, o ponto de luz. É justamente no esquema geometral, “na ótica para cegos” – onde se dá a visão –, onde a luz é dispensável. Descartes dissecou os mecanismos da visão em sua *Dióptrica* e “mostra os enganos e os erros da visão a fim de poder corrigi-los e alcançar a visão completa”. “O pensamento adquire uma vista: ele pode ver” (QUINET, p. 28). O campo do gozo, enquanto campo escópico, é foracuído pelo discurso da ciência, que agora, soberano, tudo pode “ver”.

Mas ainda a respeito do olhar, abordando o corpo de uma mulher amada, supomos, Lacan fala que “(...) o sinal me olha”, e segue ele: “É por me olhar que ele me atrai tão paradoxalmente, às vezes com mais razão que o olhar da minha parceira, porque esse olhar me reflete e, por me refletir, não passa de um reflexo, vapor imaginário”

Em Darwin, um dos exemplos mais conhecidos, diria central, e que pode ilustrar e nos ajudar na abordagem dessa questão lacaniana, é a formação dos bicos dos chamados “tentilhões” do arquipélago de Galápagos, lugar fundamental na viagem que Darwin fez a bordo do H.S.M. Beagle pelo mundo (1831-1836). Darwin coletou várias espécies, de diversas ilhas, desse grupo muito singular de pequenos pássaros terrestres do tamanho do pardal ou do tentilhão. Ele pensava naquele momento apenas na variedade de uma mesma espécie. Cada ilha possuía pássaros similares, mas que mostravam, mais notadamente na

forma e tamanho dos bicos, diferenças muitas vezes bastante discretas. Darwin envia as espécies coletadas para a Inglaterra, onde o ornitólogo John Gould identificará 13 espécies diferentes divididas em quatro subgrupos: *Geospiza* (oito espécies), *Camarhynchus* (duas espécies), *Cactornis* (duas espécies) e *Certhidea* (uma espécie). A conclusão de Darwin virá a público inicialmente em relatório à *Zoological Society* em 10 de maio de 1837 e, posteriormente, com o texto de *A Origem das espécies* de 1859: as variações são espécies em surgimento. Uma mesma espécie de pássaro percorreu as ilhas e se adaptou, -- como dizem os evolucionistas, por “irradiação”-- , às condições das diferenças, seja no aspecto alimentar ou no modo de vida na relação com os outros seres vivos já lá instalados, a temperatura, a forma da rocha, etc. A questão reside aí no encontro de uma mesma espécie ‘original’, *Geopiza*, por exemplo, cuja população foi ficando em partes em cada ilha, e a intrincada história de sua adaptação às diferentes ambientes insulares. A coisa torna-se mais surpreendente ainda, se pensarmos que se o mesmo viesse a acontecer em outra época, que, por exemplo, as espécies originais aparecessem, digamos, um ano após o momento exato em que o processo se iniciou, o resultado na formação dos bicos seria diferente. Isso não é uma suposição, isso é o que se observa nessas ilhas ainda hoje, uma vez que esse processo é contínuo e a geração de diversidade de espécies é também contínua. Recentes estudos mostram tais diferenças se constituindo praticamente a olhos vistos. A partir da década de 70 e até hoje, os pesquisadores Peter e Rosemary Grant vêm desenvolvendo um alentado estudo de medições e acompanhamento das mesmas espécies que Darwin conheceu em Galápagos e constataram que a seleção natural efetivou mudanças evolutivas na formação dos bicos dos mesmos pássaros em períodos de um a dois anos, segundo os autores, uma “evolução em tempo real”!(comunicação Stanford). Ou seja, essas eram novas espécies que surgiram e que estão constantemente em surgimento em espaços de tempo quase instantâneos, contrariando Darwin, em *A Origem das Espécies*, que acreditava que a evolução se constituiria num processo invisível para o observador direto (com a sua curta vida humana), que ela deveria caminhar conforme o tempo geológico, ou seja, algo em torno de milhares de anos para cima. Ele não estava errado, mas também não estava totalmente certo.

O exemplo acima procura mostrar que todo um movimento espaço-temporal tornou possível uma diferença no ‘design’ do bico de um pássaro. Todo esse movimento da economia da natureza, (incluindo aí, não esqueçamos, toda a parte genética que também está posta em jogo), produz variações e fazem surgir combinatórias praticamente infinitas. No centro disso tudo, parece haver um nada, ou mais nitidamente, uma lacuna. Poderemos chamar isto que está no núcleo da seleção natural de “falta”? Ao contrário do que se pensa, o

darwinismo não é pura e simplesmente um adaptacionismo: o evolucionismo só pode ser pensado justamente porque não há adaptação ideal, já dada ou garantida, senão não fariam sentido nem a famigerada luta pela sobrevivência e muito menos a própria necessidade de se adaptar. O que parece se configurar é uma falta-a-adaptar e por isso mesmo uma produção muitas vezes capenga e mal sucedida de adaptação. E isto é o olhar de Darwin sobre a natureza e a leitura que ele faz a partir disso - seu comprometimento com o imperfeito.

Então é algo em torno disso que se trata: um sujeito é atingido por uma diferença de bico, para nos atermos apenas nesse exemplo, como um sinal, como uma mancha, que o olha. A questão gira, então, no aparecimento de uma ciência, de um pensamento evolucionista, o de Darwin. O que é esse bico, e até mesmo a questão que se segue a esta, que não abordaremos aqui, mas que provoca pruridos ontológicos: o que é um pássaro? Como pudemos ver, para Darwin, cada indivíduo de uma espécie é único, a pesar de integrar uma unidade que possibilita o reconhecimento, unidade que chamamos ‘espécie’. A questão é que das diferenças entre os indivíduos de uma mesma espécie podem surgir novas espécies, se as circunstâncias contingenciais da economia da natureza estiverem favoráveis. Estamos lidando com pequenas diferenças: um bico mais arredondado, outro mais fino...existe aí algo do mais de bico, menos de bico — desse algo a mais ou a menos que deflagra um novo modo de ser pássaro. Interessante o que assombrava desde Buffon, passando por Lamarck, até Darwin, que era o que se costumava chamar de ‘transformismo’ (antes da expressão ‘evolucionismo’ aparecer). O transformismo é a percepção de algo que na natureza se transforma e demanda atenção do homem como olhar de uma falta, por assim dizer, de uma diferença pura que traz a vertigem. Mas que solicita que se dê um fim à teleologia (como caracteriza todo o pensamento evolucionista anterior a darwin), seja ela qual for, que tampone. É possível que possamos pensar o transformismo como um termo que procura dar conta do movimento enquanto re-inserido no campo do escópico? A física moderna tomou para si a questão do movimento, reduzindo-a a fórmulas e leis – falávamos de Newton há pouco. E é interessante que o mito da maçã que cai na sua cabeça, mais que divertir pode ilustrar um pouco desse corpo atingido, dessa queda, que também num repente se tornar universalizada por uma fórmula.

Como, enfim, um bico, - um bico a menos, um detalhe -, pode mover um mundo, ou seja, mover seu investigador, instigando-o à leitura, à solução sempre fracassada de um enigma?

Em uma discussão interessante no Seminário Livro II *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, Lacan aborda a fenomenologia de Merleau-Ponty em uma

aproximação ao gestaltismo, apontando a questão no fundo imaginária da boa-forma, como reforça Jean Hyppolite logo em seguida ao atribuir a Merleau-Ponty uma “fenomenologia do imaginário”. Octave Mannoni intervém nesse momento, colocando que se pode ver o germe do pensamento gestaltista no pensamento de Darwin, embora este encontrasse na natureza “a existência de formas que não sejam simplesmente mecânicas” o que colocaria “um problema” para a boa-forma fenomenológica. Vejamos, ainda na mesma passagem do referido Seminário, o que Lacan coloca a partir do que Mannoni pontua:

A idéia de uma evolução vital, a noção segundo a qual a natureza produziria formas sempre superiores, organismos cada vez mais elaborados, cada vez mais integrados, cada vez mais bem construídos, a crença num progresso imanente ao movimento da vida, tudo isso lhe é estranho [a Merleau-Ponty], e ele o repudia expressamente (LACAN, 1954-55/1995 p 105).

Um bico um pouco mais afilado é, no que procuramos mostrar a partir de todo o movimento do que ocorre nas ilhas Galápagos, dessa rede que, em última análise, é a filiação do tentilhão à natureza, pois então, esse bico é uma má-forma. Essa má-forma olha Darwin e lhe coloca uma questão vertiginosa em sua essência. A boa-forma só pode ser compreendida pela má-forma, uma vez que uma boa-forma fechada e compreendida, e instituída numa apreensão imaginária, é, note-se, corrompida pela seleção natural. A boa-forma, que procura envolver e produzir formas sempre mais abrangentes e perfeitas não valida nenhum pensamento que procure pensar a constituição como é o de Darwin. O darwinismo tem em sua mensagem a má-forma como questão colocada - questão, diga-se de passagem, mal percebida por grande parte dos intérpretes por talvez não levarem em conta a lógica de rede, lógica já inconsistente, de uma rede de más-formas que não se encaixam naturalmente, mas que se relacionam quando a possibilidades de engrenagem acenam para o ser vivo. Sem a má-forma, cuja característica mais destacada é fazer com que se volte sempre a ela - fica-se sem a questão que repertoriza o olhar no âmbito do corte da ciência, uma boa forma simplesmente é a visão que é simplesmente forjada por um determinado momento do pensamento, no afã de provar a existência de Deus ou de algo transcendente, seja o que for, dados como certos. Em Darwin, simplesmente acontece que um bico é diferente de outro, e não mais perfeito do que outro. Uma bactéria não é uma zebra, a zebra, por ter vindo depois com a complexificação, não é superior ou mais perfeita que a bactéria - são apenas diferenças, embora tenham surgido de um mesmo lugar, de uma estrutura primeira através de um processo até então desconhecido pela sua imprevisibilidade. É disso que se trata. Se o homem estivesse no topo da escada imaginária do evolucionismo da boa-forma, se isso fosse realmente verdade, só haveriam

seres humanos neste planeta e nenhum outro animal ou planta! O tão famigerado e mal falado biologismo de Freud, do ponto de vista do darwinismo, é justamente ter uma ciência como apoio para evitar, a qualquer custo, dentro do máximo possível, qualquer ligação da psicanálise (protegê-la, enfim) com a mistificação em relação à centralidade do ser humano e o estabelecimento de 'sentimentos oceânicos', ou determinações do tipo arquetípicas (Jung), ou ainda a harmonia do homem com o todo, como harmonia do feto com o útero que o acolhe, proposta por Ferenczy em sua fantasia thalassiana. Não, a alteridade do homem em Freud é justamente buscada pela via da sua filiação à natureza - uma natureza apresentada diferentemente por Darwin, variável, histórica, especulativa a partir da leitura de marcas e pistas (a geologia), mas sobretudo impregnada pela questão moral e ética, a questão do conflito, justamente da não harmonia, do não encaixe, da luta pela sobrevivência e, por fim, do desamparo. Freud, em 1895, afirmava: "o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte de todos os motivos morais".

A estética, ou melhor, o que escrevi como est'ética, é a colocação no mesmo lugar de duas questões interligadas, duas facetas de um mesmo ponto: o desamparo (ética) e a modificação que esse desamparo provoca (estética), na variedade e variação dos seres. Mas não tem como separar uma coisa da outra, a ética da estética. Se a boa-forma tem seu lugar entre os representantes da teologia natural, o surgimento da diferença na questão que uma má-forma faz com outras, só pode ser colocada em um outro momento, momento posterior ou sob a égide da quebra da relação unívoca entre saber e verdade.

1.11 Seleção natural e o re-encantamento do mundo

Há ainda uma estética darwiniana dentro do próprio movimento darwiniano, que é o fascínio pela perfeição das construções da natureza, herança, sem dúvida, do discurso da teologia natural de um William Paley, por exemplo. Mas esse fascínio dentro do movimento darwiniano é bem representada por Ernest Haeckel, que também era artista e confeccionou milhares de ilustrações para a divulgação das idéias de Darwin. Mas do que se trata, em Darwin, é outra coisa, embora tenha laços fortes com isso.

O sujeito Darwin, como vimos, mas poucos o sabem, era um homem apaixonado pelo detalhe, pelas cores, pela relações dinâmicas das coisas no tempo-espaço, da incessante e delicada curiosidade em relação a tudo em que seu olhar se detinha, fosse o mais ínfimo

detalhe de uma bactéria ou uma minhoca à mais sublime grandiosidade de montanhas e rochas. Georges Levine, historiador e crítico literário, desenvolve um trabalho para nós valiosíssimo quando faz uma leitura de *A Origem das espécies* e outros textos de Darwin como literatura - embora não o seja, avisa ele. Levine mostra o olhar de Darwin percorrendo a natureza, não mais a Natureza já vista, já concebida, catalogada, como foi o esforço de Lineus e outros desde os primórdios da Biologia, e familiarizada da teologia e das teleologias. Levine nos mostra que Darwin não foi o racionalista que se supõe hoje em dia, e até como Freud mesmo via, mas antes um sujeito provido de um “olhar **disruptor**” (comparando-o inclusive com o olhar de um Dickens jornalista, por exemplo), atento ao estranhamento que a natureza lhe apresentava, que a natureza lhe impunha por suas marcas, pelo movimento sempre desconcertante de suas soluções adaptativas ou insucessos. Darwin se dá conta de que, com a ausência de uma finalidade e de uma moral na natureza, nada é previsível nos caminhos que ela percorre, cabendo ao naturalista ou biólogo se contentar em “apanhar as migalhas”, como diz Lacan a respeito do analista em relação à arte. O livro de Levine que temos em mente é intrigante, como diz o título e, mais precisamente, o subtítulo: *Darwin loves you: Natural selection and the re-enchantment of the world*. Como podemos ver, ‘contrariando’, muito oportunamente, àquilo que Max Weber expôs no decorrer de sua obra com o sintagma do desencantamento do mundo, Levine se utiliza de Darwin para mostrar que, muito pelo contrário, é pelo estranhamento e olhar que abre frestas na natureza, que se pode re-encantar o mundo. Na realidade, Levine não está na posição contrária a Weber, ele vem dizer justamente do novo que Darwin está inaugurando: depois de o mundo, em Weber, ser desencantado duas vezes, seja pela desmágicação da natureza a partir da institucionalização, como ele diz, “racional” das religiões, que parece ser o passo mais grave para Weber, e, posteriormente, com o advento da ciência moderna, que, por sua vez, combate ou põe para escanteio a religião, 'substituindo'-a pela razão. De fato, se considerarmos, por exemplo, a partir de Descartes, como o faz Lacan, procede a idéia de um desencantamento do mundo (sem nos atermos aqui ao problema da religião como agente fundamental desse desencantamento em Weber), justamente porque do sujeito a ciência nada quer saber. Como Jaques-Alain Miller afirmava em *Um esforço de poesia* (MILLER, J.A., 2003) a análise não visaria outra coisa senão o “re-encantamento do mundo”. No centro desse movimento de re-encantamento, no centro de cada análise, reside a problemática do impossível e o enigma suscitado por ele. Algo de opaco que faz barra e faz letra. Portanto, o coração da estética darwiniana pode estar nisto: a natureza olha para Darwin. E para um Darwin encantado. Guardemos isso, pois o homem é confrontado com o real – esse real que constitui o sujeito e também o ultrapassa. A natureza

traz uma “mensagem” fundamental em seu bojo: o homem descende da natureza na medida também em que ele é levado a se confrontar com a falta, com essa desnaturalização já presente nos movimentos da natureza, aleatórios e contingentes, que também o determinam e o rechaçam ou destroem, ou fazem resistência aos seus planos civilizatórios. Ele é confrontado com uma ‘escrita’ que já o antecede em centenas de milhões de anos, que inclusive dá posteriormente ao seu corpo um encaminhamento de forma, colocando-o, portanto, frente a frente com a desconstrução identificatória de sua forma absoluta e imaginária. É assim que a psicanálise pode visitar Darwin com a idéia de que ela tem condições de encontrar nesse pensamento alguns pontos essenciais da ética, podendo compreendê-los de forma ampliada ou por caminhos diferenciados.

1.12 *Vida maravilhosa e a emergência da fineza*

Stephen Jay Gould escreveu um livro que revolucionou o pensamento evolucionista: *Vida maravilhosa* (GOULD, 1990) Nele, ao contrário da velha apologética da natureza como faz pensar o título, Gould faz uma apologia sim, mas da função ou intervenção do acaso e da contingência – e para nós, do real – nos destinos da natureza e do próprio homem. É um livro, poderíamos dizê-lo tranquilamente, sobre a fineza e o que ela tem de fundamental no nosso assunto. Trata-se do relato de um, como Gould nomeia, “drama intelectual”, que foi a descoberta de um rico armazenamento de fósseis do pré-cambriano em uma localidade no Canadá chamada *Burgess Shale*. O planeta Terra tem aproximadamente 4,5 bilhões de anos, e a vida multicelular que ditou as estruturas principais que conhecemos hoje com seus *designs* modernos (estamos sempre nos domínios da morfologia e do *design*) ocupa pouco menos do que 10% da idade do planeta. Ou seja, o estudo dos cientistas que se envolveram nessa questão, tomou como alvo o pré-cambriano, era geológica considerada até então a mais distante e que fornecia mais mistérios do que informações. A dificuldade residia, dentre outras tantas, mais precisamente na impossibilidade do registro fóssil deter as partes moles dos seres fossilizados. Em *Burgess Shale*, pelo contrário, acontece um fenômeno raro nas descobertas da paleontologia: determinados sítios adquirem uma composição sedimentar específica que permitiu a perpetuação do registro das partes moles dos seres fossilizados. Esses sítios foram denominados *Lagerstätten* e eles informam muita coisa a respeito da vida no pré-cambriano. Além da rocha, há também o fato raríssimo do modo como o impacto de uma quantidade

grande de lava adentra uma localidade específica, como se fosse na forma de um reservatório, mas de uma maneira tal que a pressão desse impacto não prejudicasse e destruísse essas partes moles, onde residem os detalhes reveladores.

O que Jay Gould relata é a construção de um enorme e quase impossível quebra-cabeça científico. Todas as questões dessa investigação giravam em torno de detalhes mínimos, na reconstituição de seres que não existem mais, que habitaram os mares a mais que 550 milhões de anos, e o mais impressionante: descobre-se que a fauna de *Burgess Shale* constitui-se de um “laboratório” de experimentos e ensaios da natureza. Ali seres foram forjados, ‘acessórios’ foram testados, pernas, olhos, *designs* que, enfim, em sua maior parte nada têm a ver com as estruturas que se estabilizaram a partir do Cambriano, com a chamada “explosão cambriana” e que deram origem aos seres modernos. Ou seja, os *Lagerstätten* (existe um total de quatro *Lagerstätten* descobertos até o momento no mundo) possibilitaram pesquisar a vida antes do período Cambriano. E o que se descobriu, na verdade, é que a vida naquele momento ensaiava a morfologia e o design ou porque não dizer, a “escrita” de suas criaturas por meio da seleção natural. Esse laboratório da natureza, não se sabe ainda exatamente como, ele se extinguiu, e a vida recomeçaria seus trabalhos no Cambriano. Jay Gould, como paleontólogo crítico do determinismo e do adaptacionismo, nos fala de uma “escrita natural” em *Vida maravilhosa*, uma escrita que é determinada por nada além do que a seleção natural e o destino errático de uma fineza podem determinar.

2 A AVENTURA DARWINIANA

Le nez de Cléopâtre s'il eût été plus court toute la face de la terre aurait changé.

Blaise Pascal

Como os comediantes chamados ao palco, que têm pudor em revelar seus rostos e usam máscaras, assim eu, no momento de subir ao palco deste mundo, onde até então fui espectador, subo mascarado.

René Descartes

Ainda mergulhados no espírito dominante do primeiro capítulo, que é o da fineza que nos conduz, podemos dizer que as vicissitudes da trajetória de Charles Darwin têm todo o interesse para o que pretendo desenvolver a partir de agora: apresentar as diversas dimensões daquilo que eu denominaria de 'aventura darwiniana'. Ora, a primeira coisa que vem à mente quando se trata de aventura em Darwin é a sua viagem no H.S.M. Beagle. Ela durou cinco anos (1831 a 1836) e deu a volta ao mundo, sobressaindo-se como divisor de águas, no que podemos qualificar como uma 'verdadeira' aventura -- "A viagem no Beagle foi, sem dúvida, o acontecimento mais importante da minha vida e determinou toda a minha carreira" (DARWIN, 2008 p. 66). O impacto dessa aventura na escrita de Darwin é tributário desses anos inesquecíveis a bordo do que definimos, com Patrick Tort, "um veleiro chamado desejo" (TORT, 1992, p 38). Essa experiência, essa verdadeira aventura do desejo é esquecida e recalçada pelo grande equívoco que se construiu e se cristalizou na história das ideias a respeito de Darwin e do darwinismo, a história de como a aventura darwiniana foi chapada e condenada à unidimensionalidade.

Ora, como já venho desenvolvendo, nosso jovem herói, em sua viagem a bordo do H.S.M. Beagle, se insere, e faz florescer seu desejo, ao sabor das engrenagens e mecanismos imperialistas de informação e domínio, e é no contra-movimento dessa máquina, mas não sem ela, que Darwin poderá trazer sua contribuição. Tudo isso não deixa de ser uma história bonita e repleta de ação, -- basta que leiamos o Diário do Beagle e a correspondência a partir de um

certo ponto de vista --, daquelas que poderiam fornecer a Hollywood os ingredientes fundamentais para garantir uma boa bilheteria, como o foi no caso de um Indiana Jones, por exemplo. "Com minhas pistolas na cintura e martelo geológico na mão, não pareço um grande bárbaro?" (BROWNE, 2007, p. 309), disse uma vez provocativo aos seus companheiros de viagem. É uma bela maneira de se ler Darwin! Um conquistador inglês e suas aventuras pelo mundo, em meio aos 'selvagens', lutando contra todas as adversidades da natureza e a morte, a fome e a sede, tudo 'em nome da ciência', de novas descobertas e, enfim, de uma tal comprovação científica efetiva da evolução! Na orelha da versão brasileira de um livro muito importante sobre a viagem de Darwin no Beagle, casualmente o de Richard Keynes, seu bisneto, o texto começa afirmando que o bisavô do autor ocupava o cargo de "naturalista oficial do HMS Beagle" - o que é falso, como comprova o conteúdo mesmo da publicação em questão e como mostrarei mais adiante. Isto diz algo: por mais idealizada e alinhada ao ideal de ciência que seja essa visão, a saber, o ideal cumulativo de saber, - e percebermos que não é nesse ponto que devemos encontrar a verdadeira contribuição darwiniana -, essa visão tem sua força: uma estética que perfila imagens de pleno exercício narcísico, de protagonismo do explorador e suas descobertas -- incluindo aí a objetividade plena da descoberta, a oficialidade de uma História verdadeira. Darwin, de algum modo, como predestinado a ser o grande gênio, por isso legitimado como naturalista oficial, a descoberta da 'Seleção Natural' e o desfile desses objetos substancializados, reificados. Nada, como se verá, nada é mais incorreto do que todo essa fantasia linear e grandiloquente. Quantos não são os cientistas que tiveram em Darwin e sua viagem no Beagle o ideal acalentado e o impulso primeiro para os estudos, e quantos não são os jovens aspirantes a cientista que não se encantam com a narrativas darwinianas?

Gostaria de adiantar que Freud, como veremos mais adiante, não foi uma exceção. Nascido tres anos antes da publicação de *A origem das espécies* (1859), todos sabemos de seu fascínio de juventude pelos grandes conquistadores, daquilo que já foi dito e redito pelos biógrafos a respeito de Aníbal, conquistador de Roma, por exemplo, imagem espetacular e identificatória de Freud no que respeita à questão judaica e a seu pai. "O grande Darwin", em momento posterior de sua vida, viria a ser uma figura que se situaria dentro dessa série. Em carta de setembro de 1875, dois anos após ter se matriculado na Universidade de Viena, Freud escreve ao seu amigo Edouard Silberstein: "agora tenho mais de um ideal. Ao ideal teórico dos meus anos anteriores, agora se acrescentou um prático. No ano passado, se perguntassem qual era o meu maior desejo, eu teria respondido: um laboratório e tempo livre, ou um navio no oceano com todos os instrumentos de que precisa o pesquisador" (GAY, 2001 p.41). A

presença do "admirado Darwin", o cientista conquistador e explorador, é evidente e assinalada por biógrafos e estudiosos como Jones, Gay e Ritvo, para citar poucos. Daí se falar muito da ambição de Freud, dos significantes que estão, não sem frequência, circulando articulados em seus escritos, e nos trabalhos de seus biógrafos, dando mostra de sua formação, na medida em que a psicanálise vai constituindo sua história e definindo o seu campo de 'conquistas', na balança difícil entre o instituído e a dimensão do inconsciente propriamente dita.

Nesse percurso, a conquista e a preocupação de Freud é a psicanálise e seu avanço no mundo, a busca de novos companheiros para integrar a frente, a batalha e a causa, mas aqui entra a dificuldade interna e, sobretudo, constitutiva da psicanálise: de que objeto mesmo se trata em psicanálise? Comparativamente, ao navegadores ingleses, Existiria, haveria, em psicanálise, algo que se poderia chamar de uma 'conquista', a conquista de um conhecimento definitivo em prol do progresso, senão da ciência, mas da humanidade? Qual seria esse conhecimento conquistado ou a ser conquistado, qual será o troféu resultante desse esforço dos psicanalistas? Em que a psicanálise contribui para o progresso do Homem ou das ciências 'humanas' na tarefa de compreender o que é o homem? Perguntas que já contêm sua resposta desde sempre, calcadas no humanismo, no ideal mesmo de ciência, enfim, perguntas que nada dizem o que a psicanálise traz de novo. Em suma, é a ideologia que se apodera de uma história que pode ser colocada na perspectiva lacunar da causa de desejo e do sujeito do inconsciente.

Daí a importância de precisarmos delinear um outro sentido para o que concerne ao tema da aventura. Vemos que Freud, desde o tempo que antecede à fundação propriamente dita da psicanálise, que se dará com *A interpretação dos sonhos* (1900), nessa passagem, quando abandona sua solidão e institui aí uma prática clínica e uma teoria, vemos que se trata de uma disciplina que é por ele mesmo relacionada epistemologicamente a um golpe no narcisismo, o que destaca desde já o seu valor de corte, cujo estatuto é de contracorrente.

Lacan mostra claramente que o ob-jeto é justamente o ob-stáculo, a ob-jeção ao progresso - objeção ao que é próprio da conquista entendida como aventura da conquista ideológica. Curiosamente, uma aventura como a de Freud, que diferentemente das aventuras da filosofia e da ciência, ou mesmo da psicologia geral e experimental, é da ordem de uma negatividade pelas vias do sujeito, ou seja, é ao nível do obstáculo que se pode falar de um sujeito em um sentido estrutural e não psicológico. O obstáculo é, como todo obstáculo, obstáculo a alguma coisa; ele não existe em si mesmo, obviamente, ele se liga de alguma forma a alguma coisa na qual ele exerce sua força impeditiva, ao mesmo tempo que é contornado por uma produção de saber.

Gostaria de me remeter ao vaso de Heidegger de que Lacan faz uso quando fala da modelagem "de tudo o que é significante" ao criar o vazio que o vaso encerra em seu contorno. Há, dirá Lacan, uma identidade entre o vazio do vaso e o significante. Sabe-se que, um mito criacionista bíblico dá essa dica ao dizer que o homem foi feito do barro, modelado a partir do barro e, diríamos nós, como um significante. Dado o contexto que procuro focar, lembrando, como diz Lacan, que o real padece do significante, que ele surge no mesmo lugar onde o significante incide; como pensar isto na articulação darwiniana? Se o debate entre o Divino como causa e o materialismo ateu da ciência, se desgasta, ou melhor, não encontra saída, Lacan indicou uma terceira saída pela via da ética: uma ética do desejo, uma ética atrelada à estrutura significante e da busca da verdade como ela justamente se apresenta também em Darwin, como não-toda. Um pergunta ingênua como um degrau necessário: a natureza faz as vezes de oleiro, ela modela? A pergunta pode ser pertinente na lógica darwiniana, que naquele momento invertia a lógica da criação divina, substituindo-a pela lógica da seleção e seus vários tipos (artificial, natural e sexual). Tratar-se-á, portanto, de uma modelagem promovida por um real que irrompe no semblante, se concebermos, conforme pretendo mostrar, essa lógica na forma de uma escrita, uma modelagem que é escrita, no limite com o real. Assim, gostaria de ressaltar alguns pontos na trajetória científica de Darwin, cuja especificidade e peculiaridade - dado que é um campo, a um só tempo, tão distante ou heterogêneo, quanto assemelhado em alguns aspectos, ao da psicanálise - diz respeito à implicação do sujeito, que lhe diz respeito (*au regard du sujet*), como que "olha" para ele.

Diferentemente de um Indiana Jones ou dos portugueses navegadores, ou ainda de um Capitão Cook no seu H.M.S. Endeavour, Darwin tropeça em um obstáculo, ou seja, uma questão que tem como consequência a formulação de um conceito que ele denominou seleção natural - uma ideia, é bem sabido, que toca de forma a mais direta na questão da moral e suas raízes no desamparo e, como também vai formular Freud, na *Not des Lebens*, a 'urgência da vida', uma vez que a aventura de Darwin, assim como a de Freud, é tributária de outra aventura, a aventura da ciência moderna e de seu companheiro mais fiel, o capitalismo, naquele momento, da revolução industrial. Essas duas aventuras se sobrepõem, forçosamente: o sujeito Darwin e o momento histórico, o Outro em questão.

Em "Ciência e verdade" Lacan escreve: "a ciência, se examinarmos bem de perto, não tem memória. Ela esquece as peripécias em que nasceu uma vez constituída, ou seja, uma dimensão da verdade, que é exercida em alto grau pela psicanálise" (LACAN, 1998 p. 884).

E ainda:

Existe o drama, o drama subjetivo que cada uma dessas crises custa. Esse drama é o drama do cientista. Tem suas vítimas, das quais nada diz que seu destino se inscreva no mito do Édipo. Digamos que essa questão não é muito estudada. J.R.Mayer, Cantor, não vou fazer a lista de laureados desses dramas que às vezes chegam à loucura, onde logo surgiriam nomes de pessoas vivas: onde considero que o drama do que se passa na psicanálise é exemplar. E afirmo que ele próprio não pode aqui incluir-se no Édipo, exceto para questioná-lo" (LACAN, 1998 p. 884).

Em Lacan, a verdade, -- o jorro dessa verdade, do semi-dizer dessa verdade --, distingue-se do saber como dado: a verdade deve fazer furo no saber. Daí o sujeito como esse negativo, que escapa sempre à apreensão objetivante, a que nenhum objeto se conforma naturalmente ou por natureza, mas é modelado no psiquismo, sujeito esse efeito da cadeia significante. O cientista enquanto sujeito, é a isso que Lacan chama a atenção quando fala de "crise" e "drama subjetivo". Da causa de desejo, a ciência nada quer saber.

Essa aventura, portanto, em Darwin é uma aventura da escrita, uma escrita que se desdobra a partir de uma leitura. Começamos, por isso, a descobrir e a explorar a dimensão e o estatuto dessa leitura, uma leitura daquilo que se dá a ler justamente quando a natureza não representa mais a harmonia de elementos elencados para fornecer respostas. Essa leitura se insere também, retomo esse ponto mais uma vez, no projeto de escrita cartográfica das demarcações do império, principal razão pela qual a missão do H.S.M. Beagle deve a sua existência.

A viagem de Darwin no H.M.S. Beagle -- a sua própria aventura -- é a aventura, em certo sentido, do desterro, do deslocamento, da vertigem. A aventura de ser outro, em certos momentos, tão distante da Inglaterra, da família e das 'amarras civilizatórias', embora nenhum lugar se encontre tão dentro do mundo britânico do que a rigidez compensatória da vida *in the navy*, onde um capitão tinha o poder de vida e morte sobre seus subordinados. Ainda assim, quando H.S.M. Beagle deixa Dovenport em 1831, Darwin tem apenas 22 anos, está tomando um caminho próprio, contrário à vontade paterna. Robert Waring Darwin, seu pai, desejava, originalmente, que ele seguisse a carreira de médico, segundo uma tradição da linhagem do avô, embora acabasse, posteriormente, cedendo e apoiando a viagem do filho de forma total. Seja como for, tratava-se de algo único, uma oportunidade única para um jovem naturalista amador, mas muito dedicado e apaixonado, um aprendiz do ofício que já tão cedo levava consigo uma considerável bagagem de conhecimento em ciências naturais, mas que ainda não adquirira projeção no meio científico. Tratava-se de uma viagem em que, não sem angústia, preponderava um sentimento de alegria juvenil, que celebrava a autonomia e a liberdade que a situação lhe proporcionava. Diria mesmo que foi nessa viagem, dentro desse clima propenso para a sua liberdade, que Charles se torna Charles Darwin: é nessa viagem que Darwin

começa a ler a natureza, ou antes, a natureza se dá a ler na medida mesma em que começa a escrever para o olhar de Darwin, do sujeito Darwin. E aí está uma fonte de onde se originará toda a sua produção de escrita, pois tratar-se-á de uma obra dedicada à aventura em direção à verdade e as bordas de seu furo. Verdade aqui no sentido articulado por Lacan - e esse é o ponto a ser desenvolvido.

Lacan, em *Sobre a causalidade psíquica*, colocou em série Sócrates, Descartes, Marx e Freud como aqueles que “não podem ser superados, na medida em que conduziram suas investigações com essa paixão de desvelar a qual possui um objeto: a verdade” (LACAN, 1998 p.193). Proponho, justamente, que não esqueçamos de incluir o nome de Charles Darwin nessa série, que não sejamos tentados a "superá-lo". Tudo o que se segue a partir daqui tem como ponto de referência, ainda que algo velada, a questão da verdade.

A aventura, em Darwin, tem, portanto, o seu lugar no sujeito - e aqui não creio que estejamos lançando mão de nenhum recurso 'psicobiográfico' se nos detivermos um pouco na infância de Darwin, o menino "Bobby". "Acho que fui um menino muito simples", avalia em sua Autobiografia. Um menino calado, reservado, entretido em seus próprios pensamentos, de temperamento excessivamente plácido e, como atestam muitos, afável e bondoso. Fisicamente, os inúmeros relatos e os retratos mostram, escrevem os biógrafos, que cabelos castanhos, a compleição robusta e os olhos cinzentos não bastavam para lhe dar uma aparência que se adaptasse com facilidade aos padrões estéticos da época, pois no seu "rosto quadrado e infantil" dominava um nariz que alguns chegaram a comparar com o de um lavrador (Browne, 2008 p. 39). "Muito tempo se passou até que o rosto de Darwin combinasse com esse nariz". A um colega de escola queixou-se que era um nariz "do tamanho de um punho" (Browne, 2008 p. 39) e isso deixava-o constrangido, refletia uma auto-imagem abalada, uma insegurança e, dizem, que é por essa razão que pousava sempre de perfil para a maioria dos retratos.

Não era uma criança que costumava brincar com os colegas de escola ou que fosse dada a atividades coletivas: em geral, da escola seguia direto para casa. Em casa o passatempo preferido era, segundo cena dos seus 9 anos de idade registrada em cartas (Browne, 2008 p. 40), deitar-se sob a mesa de jantar e ler Robinson Crusóé. Por outro lado, fora de casa era sempre solitário, Darwin era visto como

um jovem autossuficiente, satisfeito em vagar pelas trilhas nos campos ao redor de Shrewsbury à procura de pássaros, observar uma boia de pescaria por horas às margens do Severn ou seguir Abberley, o velho jardineiro de The Mount [residência dos Darwin em Screwbury], num sistemático roteiro de tarefas hortícolas (BROWNE, 2008 p. 40)

Frederick Whatkins, um amigo de escola, lembrará que Bobby era "um sujeito afável, porém pensativo, cuja conversa fluente era intercalada por longas pausas, com a mente nunca a devanear, mas sempre seguindo algum pássaro, inseto ou réptil" (Browne, 2008 p. 39).

As atividades ao ar livre marcavam a formação de meninos em posição aristocrática semelhantes à de Darwin: sua vida de menino e adolescente foi toda marcada por algo dessa educação de cavalheiro da nobreza rural inglesa.

Ele aprendeu a montar pôneis, a atirar, a pescar, a mimar o cão da família com petiscos, a apanhar seixos e plantas, a atirar pedras em pardais e a colher maçãs do pomar quando ninguém estava olhando. Sua mira era boa o suficiente, ele recordou com orgulho assustador, para matar uma lebre no jardim com uma bola de gude(...). em sua Autobiografia, Darwin evocou esse período como idílico: uma época feliz, que proporcionou uma imagem duradoura daquilo que a vida familiar deveria ser (BROWNE, 2008 p.41).

No entanto, a avaliação de Darwin a respeito da dita simplicidade de suas preferências de menino não é suficientemente, digamos, 'crítica'. Trata-se de seu envolvimento com a 'história natural' e suas atividades de colecionador. Como observa Browne, Darwin, em sua autobiografia, não leva em conta a "estranha" intensidade do envolvimento daquele menino com a história natural, "história natural", acrescentemos, no seu sentido mais amplo possível: "A paixão pela coleção, que faz o homem ser sistematicamente naturalista, um gênio ou um sovina, era muito forte em mim" (DARWIN, 2000 p. 119). E comenta, a esse respeito, que, segundo nos informa Brown "poderia muito bem ser uma coleção de biscoitos diferentes, diz ele, em tom de brincadeira" (BROWNE, 2008 p. 43). E por "história natural no seu sentido mais amplo possível" entenda-se, retomando a lista de afazeres acima, levar em consideração esses "biscoitos diferentes", assim como montar pôneis, atirar, pescar, brincar com cães e outros animais domésticos, apanhar seixos e plantas, atirar pedras em pardais, furtar maçãs..

Assim, desenvolvi desde pequeno um grande interesse por colecionar, principalmente emblemas, selos, etc., mas também seixos e minerais -- um que ganhei de um menino determinou esse gosto. Creio que logo depois disso ou antes de ter estudado botânica, e certamente quando estava na escola do Sr. Case, eu gostava muito de jardinagem (...) Logo depois que comecei a colecionar pedras, ou seja, quando tinha 9 ou 10 anos, lembro-me nitidamente da minha vontade de ser capaz de saber algo sobre cada seixo em frente à porta da sala -- minha primeira e única aspiração geológica naquela época" (BROWNE, 2008 p. 43).

E, já nesse tempo, como não poderia deixar de ser, etiquetava e organizava seu material, note-se, fosse ele natural ou não. Em uma dessas etiquetas, esse menino de 9 anos

escreve: "Um pedaço de telha encontrado em Wenlock Abi. C. Darwin, 23 de janeiro de 1819" (BROWNE, 2008 p. 43).

Ainda nessa mesma linha, das aventuras infantis de Darwin, outro ponto interessante refere-se às "mentiras" e fabulações, como escreveu ele em sua Autobiografia:

Também posso confessar aqui que, quando menino, eu era muito dado a inventar mentiras deliberadas, visando a provocar agitação. Por exemplo, certa vez colhi uma porção de frutas valiosas das árvores de meu pai e as escondi num matagal; depois saí correndo, numa pressa de quase perder o fôlego, e espalhei a notícia de que tinha descoberto uma pilha de frutas roubadas (DARWIN, 1809-18. p. 18).

Um outro exemplo semelhante, refere-se ao costume de frequentemente mentir ter avistado pássaros raros, ou acontecimentos insólitos. Algumas das fabulações, como a que se segue, delas se serviu Darwin em sua *Autobiografia* para mostrar sobretudo a si próprio até onde e de que modo seu gosto e seus pendores pela história natural encontram pistas e raízes em suas brincadeiras de menino e nessas fabulações. Browne nos conta que todos os dias a família se encontrava para conversar nas horas das refeições e Darwin, frequentemente, tinha uma história emocionante para contar e, não raro, centrava as atenções para si e os relatos de suas descobertas..

Um pequeno incidente havido naquele ano gravou-se com clareza em minha memória, creio pelo fato de, mais tarde, ele me haver deixado com a consciência pesada; é um fato curioso por mostrar que, aparentemente, já em tenra idade eu me interessava pela variabilidade das plantas! Eu disse a outro menino que conseguia produzir narcisos e primaveras de várias cores, regando-os com certos líquidos coloridos; tratava-se, evidentemente, de uma invenção monumental, pois eu nunca havia experimentado fazer isso (DARWIN, 2000 p. 19).

O gosto pela história natural em Darwin nasce e cresce indissociavelmente ligado às suas 'brincadeiras' de criança e só tomará uma forma mais madura e reconhecida, como propriamente a de um naturalista, na passagem do final dos vinte para os trinta anos, durante seus estudos teológicos em Cambridge, universidade onde surge o convite para a viagem de sua vida.

Não podemos esquecer, em meio a isso tudo, um acontecimento trágico de máxima importância na vida de Darwin no ano de 1817, a morte de sua mãe, Susanna Darwin. Ele tinha apenas oito anos e, dizem os biógrafos, por cartas e registros da época, que o menino chorava muito nos dias subsequentes. Mas Darwin, ele mesmo, nos conta que quase nada ficou retido na memória, exceto o momento quando ele teve que entrar no quarto onde se estendia na cama o corpo vestido de veludo negro. Um amigo de escola, chamado Leighton

que se lembrava de Darwin levando uma flor para a escola e dizendo que sua mãe o havia ensinado como, ao examiná-la, o nome da planta poderia ser descoberto. Os dois meninos ficaram espreitando o interior da flor por algum tempo antes de desistirem, perplexos. Quanto a Darwin, ele não foi capaz de se lembrar dessa iniciação aos mistérios da nomenclatura de Lineu (DARWIN, 2008 p. 53).

2.1 O que é um naturalista?

O que é um naturalista? O que faz um naturalista? É verdade que o ofício de um naturalista não tinha as demarcações que um especialista, como o(s) biólogo(s) nos dias de hoje, viria(m) a adquirir depois das contribuições de Darwin. A biologia moderna nasce de fato com Darwin, ele foi, no Séc. XIX, um dos últimos a desempenharem esse papel um pouco à maneira do *savant* renascentista, nutrindo e utilizando-se de interesses os mais diversos: paleontologia, botânica, zoologia, ornitologia, entomologia, e, no caso, da geologia em especial, que é um ramo da ciência, mas não da biologia de forma direta, que, em geral, não fazia parte do repertório do naturalista típico, mas que para Darwin teve o papel fundamental como vimos acompanhando. Na ornitologia, praticava a observação de pássaros, e como entomólogo, colecionava besouros compulsivamente. Também interessou-se profundamente pela química (nas experiências de adolescente com seu irmão Erasmus) e aprendeu a arte da taxidermia com um negro liberto de Edimburgo chamado John Edmonstone. Fascinou-se pela matemática (Euclides), tinha asco à anatomia e à anatomopatologia (coisa de que se queixaria mais tarde, pois sempre lhe fora muito útil como naturalista) que integra a frustrada passagem pela medicina na Universidade de Edimburgo, e, posteriormente, a formação teológica em Cambridge. Resulta, então, um misto de saberes e experiências que potencializaram o que alguns biógrafos chamam de "olhar dinâmico" de Darwin (MOORE ET NNNN, 2007, p. 45).

O grande exemplo do naturalista do séc. XIX e objeto da mais alta admiração e fascínio de Darwin foi Alexander von Humboldt, figura mítica cuja obra monumental, épica, é fruto de suas viagens pelo mundo. Humboldt adicionou a essa mistura de ciências as artes, integrando notoriamente a concepção de mundo eminentemente poética (romântica). Essa visão era também filosófica, ligada à chamada *Naturphilosophie*, que bebia em águas kantianas, e estruturava até certo ponto o romantismo e suas manifestações culturais múltiplas, e que tinha em figuras como, por exemplo, Schiller e Goethe umas de suas mais

ardentes e originais manifestações. A ideia aqui era o mundo como uno, como unidade ou unificação do múltiplo e do diferente. Humboldt, segundo Tort (TORT, 2011), na sua abordagem a um só tempo científica e estética, é considerado o pai, ainda que de fundamentação romântica e idealista, da ecologia. Em referência a isso, ainda que fascinado e ate certo ponto guiado por isso, Darwin é situado em um certo limite, limite que se coloca a partir de uma reformulação da estética e da concepção do naturalista pela incidência das concepções forjadas pela sociedade industrial.

Depois de Darwin, as ciências da biologia e da geologia já não constituíam mais a província de amadores, mas passaram a ser cada vez mais especializados e profissionalizados, e um elemento fundamental da sociedade industrial prevalecente. Hoje temos uma dívida de gratidão para com os pioneiros que descreveram, experimentaram e colecionaram, que nos deram os meios para ordenar e compreender o mundo natural e o potencial não só para explorá-lo, mas também para conservá-lo e garantir sua sobrevivência futura. As grandes coleções de nossos museus de história natural, universidades e jardins botânicos fornecem as ferramentas para sistematistas e taxidermistas para nomear, classificar e trabalhar em cima das origens de uma grande parte ainda desconhecida, mas que está muito rapidamente e em vias de extinção no mundo natural (HUXLEY, R. 2007 p. 19).

Ora, como gostaria de mostrar, o darwinismo é uma resposta singular a essa incidência, uma vez que ela própria é condição de possibilidade para a sua existência. Estamos falando da incidência do discurso da ciência moderna e do capitalismo, o da revolução industrial, na ideia de natureza, o que em seguida traz uma reação que denomino, visando apenas fazer um corte, de *respostas dos naturalistas*. Primeiramente, a resposta dos naturalistas identificados aos universais da promessa científica moderna, assim como um intenso cientificismo que toma conta da Europa. Aqui a natureza é compreendida enquanto continuidade e simples ampliação dos domínios da razão moderna, o universal da ciência, com Descartes e, posteriormente, com a física de Newton. E depois, enumerando uma segunda resposta do naturalista, temos a natureza compreendida pela Teologia Natural enquanto reação de resistência a essa incidência. Essa resistência é forjada historicamente a partir da posição aristotélica através dos tempos. Para tanto, a Teologia Natural procurará conciliar a teologia com os adventos da ciência, uma vez que, segundo sua doutrina, todas as maravilhas - estéticas inclusive - da Natureza encontram sua justificativa e seu propósito na criação divina. O pensamento da Teologia Natural parece proceder pela incorporação dos avanços da ciência mesma pela teologia na formulação de justificativas e explicações. E, como terceiro e último ponto, a resposta darwiniana propriamente dita, que supõe algo que deve furar, simultaneamente, as duas concepções acima, proporcionando uma retificação ética em relação ao sujeito da ciência, especificamente dentro dos domínios da história natural.

Detenhamo-nos um pouco mais nisso, o lugar do naturalista e da História Natural. Darwin deu à biologia sua autonomia, seu centro, como ciência, pois, enquanto história natural, ela, em seus domínios 'meramente' empíricos, se via em situação 'inferior' na comparação com as ciências 'superiores' do universal. Darwin, portanto, fez da não-universalidade da história natural, ou seja, da dispersão de investigações particulares sem um eixo claro e evidente - como é no caso da estabilidade da Física - o centro, a alma, da biologia. Mesmo assim, apesar do advento da precisão técnica e das especialidades que pululam nesse meio, a biologia tem como característica fundamental continuar sendo uma "ciência em um sentido fraco".

Ela não tem o poder preditivo da física e realmente ainda é, como era chamada tempos atrás, de História Natural. Não é uma má definição, porque, como a história das ações humanas, é mais narrativa do que preditiva, tendo mais a ver com o contingente que com a lei (CARTELLE, 2007- Revista consequencias n.10)

Miller também comenta em uma das tres conferências de *Elementos de biologia lacaniana* o caráter irônico do nome "biologia" no que se refere à junção problemática da ciência e da vida:

Não faltam formulações de filósofos e pensadores para quem a noção da vida era rebelde ao conceito, para quem a vida não podia se deixar capturar pelo conceito que somente se podia falar da vida com a condição de abandonar toda categoria comum, todas as categorias das quais nos servimos, precisamente, na vida cotidiana. Parece-me que se pode falar da vida como se fala, às vezes, do inconsciente, como alguma coisa da qual não se pode falar, ou da qual somente se pode falar sob a forma de um Unbegriff, de um não-conceito. acrescento que a biologia é uma ciência cujo estatuto epistemológico é incerto (MILLER, 1999 p.13).

E ainda no mesmo raciocínio:

Tentou-se atingir a vida pela anatomia. Em seguida, tentou-se atingi-la pela física e pela química: ela foi situada no nível da célula e da molécula. Chegou-se até a utilizar a teoria da informação. Observamos, então, uma espécie de transferência da biologia ao longo dessas diferentes disciplinas e desses diferentes níveis. É por isso que me permito dizer que o estatuto epistemológico da biologia é ainda incerto, ou que ele não é, pelo menos, fixado como o da física matemática. E muitas das considerações epistemológicas sobre a biologia - considerações que nutriram meus estudos de filosofia até meados dos anos sessenta - caíram, de certa forma, em desuso; foram postas numa situação difícil pelos remanejamentos e deslocamentos sucessivos da biologia. Pode-se, caso se queira, fazer uma homenagem à biologia, pois ela conserva uma grande abertura, mas não está livre de dificuldades e até mesmo de uma confusão epistemológica (MILLER, 1999 p.13).

Ora, o lugar da história natural antes de Darwin é o lugar onde se abrigava uma imensa pluralidade: concepções místicas e mágicas de tradições renascentistas oriundas da incerteza, a especulação livre e sem freios, a teologia e, claro, de outro lado, a tendência mecanicista de fazer algo que comportasse o ideal galilaico do universo como um livro de escrita matemática, ou seja, a tentativa de enxergar a vida e a natureza a partir do suporte da certeza. Palavra criada por Lamarck, 'biologia' é, como colocou Miller, um termo que mostra um lugar opaco, um ponto que situaríamos no centro de uma "confusão", de um umbigo epistemológico, um silêncio. Como vimos com Lacan, em *Kant com Sade* e outros textos, entre o corte da ciência moderna e Freud há um espaço de tempo: é o tempo mesmo de evolução, e não de progresso, nem precisaríamos lembrá-lo, se a compreensão do darwinismo na cultura não estivesse tão frequente e equivocadamente ligada à ideia de progresso), quer dizer, de acomodação e 'combate', de embate, de ordens distintas desses elementos entre si na sua manifestação e nas suas vicissitudes, onde aí se situa o drama central no sujeito - antes do advento da psicanálise, mas depois do estabelecimento da razão universal cartesiana, se pensarmos historicamente. A devastação promovida pelo discurso da ciência no mundo da história natural mostra pontos de reação e negociação, de opacidade e, enfim, de processos dialéticos.

Mais em Darwin do que no darwinismo em geral, trata-se da emergência mesma de uma formulação ética do homem em relação a si mesmo, em relação à sua imagem, quando essa imagem é retida - ao mesmo tempo que é retirada do âmbito da nostalgia - e delicadamente analisada e pensada enquanto processo de desvanecimento e fragmentação dessa imagem a partir mesmo de todo um instrumental da fineza da anatomia e da fineza pontual de um brilho de olhar. Ele transita entre essas duas ordens de fineza em toda a sua obra. Não é, portanto, como, aliás, imaginariamente se diz, que o darwinismo, enfim, é o evolucionismo científico, como se tratasse do puro e simples aplanamento pela ciência, seja racionalista ou empirista (ou o mero reforço da resistência por meio de argumentação teológica ou do evolucionismo teleológico). A ciência é forçada em seus limites a partir de uma outra coisa, a partir de uma 'negociação' entre gozo e saber, e diria mais, entre o corte que abre para o Outro e o corte enquanto cerrado do conhecimento anatômico e científico - propriedades da fineza a partir do desejo . Há nesse ponto, portanto, uma terceira via que se aproxima do que indiquei quando coloquei - uma vez que é, em Darwin, como veremos em detalhe, o sujeito que está em questão, a partir de uma investigação do e no imaginário e sua desestabilização.

A cosmologia de Aristóteles, o primeiro dos grandes naturalistas, sistema fundamental garantidor do lugar do homem e de sua imagem no universo é o lugar, como se costuma dizer,

do senso comum. Em linhas gerais: o universo é finito e eterno, e é dividido em dois mundos qualitativamente distintos, o supralunar e o sublunar. Vemos que a influência de Platão é bem clara aqui devido à dualidade dos planos que é mantida. O mundo sublunar é composto por quatro elementos - terra, água, ar, fogo - e sujeito à geração e à corrupção, ou seja, à mudança e ao movimento. O mundo supralunar, pelo contrário, é feito de um material especial, incorruptível, dito éter ou quintessência, que apenas está sujeito a um tipo especial de mudança: o movimento circular, que, como Platão, Aristóteles considerava o movimento perfeito por excelência, em clara oposição aos quatro elementos que constituem o mundo sublunar. A Terra, que é uma esfera imóvel, está no centro do universo, e em torno dela, incrustados em esferas concêntricas transparentes, giram as outras estrelas e planetas, em direção à última esfera, das estrelas fixas, movida diretamente pelo "motor imóvel", do movimento perfeito. Há, portanto, essencialmente, uma hierarquia do movimento, se é que podemos formular desse modo.

Em relação aos animais, a mesma lógica rege e organiza sua existência. A ideia de *scala natura*, ou seja, a distribuição linear dos seres vivos alinhados numa hierarquia onde a posição mais elevada é ocupada pelo homem e a inferior pelo ser vivo mais primitivo, está presente no tratado *De generatione animalium*. Nesse sentido, Aristóteles afirmou explicitamente que os animais podiam ser organizados em uma série linear de perfeição. É importante notar que não se trata nesse momento de uma escala evolutiva, como se poderia supor, mas somente uma escada de lugares fixos hierarquizados. Em suas palavras: "Devemos observar quão bem a Natureza executa a geração nas várias de suas formas: elas são arranjadas numa série regular, dessa forma: 1. os mais perfeitos e quentes dos animais produzem seus filhotes num estado perfeito(...)" (ARISTÓTELES, *De generatione animalium*, Livro II, cap.1, 733 b 1 e sequência).

Antes de Darwin, como vimos, temos o evolucionismo de Lamarck, para marcar um dos mais importantes, que a grosso modo apresenta a mesma lógica da *scala naturae*, mas como se fosse uma *scala naturae* em movimento, em movimento transformista evolutivo em direção ao homem no topo. Isto nos mostra a grandeza e a presença monumental de Aristóteles no pensamento ocidental, que se exprime em múltiplas direções, inclusive no que toca à questão da natureza e sua ordenação. É do pensamento grego, e de Aristóteles principalmente, que herdamos essa noção do "natural", onde tudo parece estar no seu lugar e tendendo à harmonia e ao equilíbrio, caminho modelar principal da tradição dos naturalistas.

Para mostrar como a teologia natural, referência fundamental da formação de Darwin e seus contemporâneos, desenvolve esse caminho dos encaixes perfeitos, em seus estudos

teológicos em Cambridge, Darwin leu William Paley (1743-1805), cujos textos integravam o programa de estudos da Universidade. O clássico exemplo de Paley, uma das vozes principais da teologia natural, em defesa da ciência orientada por balizas religiosas, é o famoso argumento do "relógio" ou "relojoeiro", exposto no primeiro capítulo do seu *Natural Theology*:

Ao atravessar uma várzea, suponha que tope com meu pé contra uma pedra, e pergunte-me como a pedra veio parar ali; eu poderia possivelmente responder, que, por qualquer coisa eu soubesse do contrário, que ela haveria de ter estado ali desde sempre: nem seria talvez seria muito fácil mostrar um absurdo nesta resposta. Mas suponha que tivesse achado um relógio no chão, e fosse inquerir como o relógio foi aparecer naquele lugar; eu pensaria que dificilmente seria pela resposta dada antes, que para qualquer coisa que eu saiba, o relógio poderia ter estado sempre ali. (...) Deve ter existido, em algum momento, e em algum lugar outro, um artífice ou artífices, os quais produziu(ram) [o relógio] para o propósito o qual nós encontramos atualmente para responder; quem compreendeu sua construção, e projetou seu uso. (...) Cada indicação de engenho na invenção, cada manifestação de projeto, as quais existem no relógio, existe nos trabalhos da natureza; com a diferença, para o lado da natureza, de ser maior e mais, num grau que excede a todas as estimativas. (PALEY, W., 1881/1802 p. 9).

Em Paley, sua conhecida teoria do *design*, - inspiradora não somente dos criacionismos desde então, mas também de todo o pensamento teleológico, inclusive da atualidade - se caracterizava pelo espanto frente à complexidade e a perfeição das estruturas estéticas da natureza que não podiam ser concebidas sem um propósito. Se tantas maravilhas nos impressionam tanto na natureza - a ordem, a variedade e a beleza sublime - elas deveriam ter um autor, um relojoeiro para o caso do relógio, tal a a evidência dessa perfeição. Afinal, por que parece tão insensato fazer a mesma pergunta se, ao invés do relógio, que deve sua existência à habilidade do relojoeiro, tropeço em uma pedra ou encontro uma flor? suponho que seja interessante observar que não há ninguém no mundo que, frente a uma paisagem exuberante, não remeta seu pensamento, mesmo que longinquamente, à ideia de Deus ou de um autor.

Um outro desafio de Paley aos cientistas que não aceitavam suas conclusões e seus raciocínios, era sobre o *design* do olho humano, também presente em *Natural Theology*. É importante observar: as alfinetadas do reverendo Paley eram endereçadas aos evolucionistas, e muito especialmente a Erasmus Darwin, o avô de Darwin. O meio científico da época, tão impregnado e cercado pelo imaginário cultivado pela teologia natural, que o problema do olho humano fora sentido como um desafio ou uma ameaça à real cientificidade moderna, algo que ameaçava as conquistas de um galileu, tal a perfeição de que o homem é portador. A alegação de Paley girava em torno dessa perfeição divina do olho humano e seu *design*, do mesmo

modo que fizera com o relógio e o relojoeiro -- um processo de evolução jamais construiria algo tão perfeito sem o saber divino do Designer Supremo. Hoje em dia, qualquer biólogo evolucionista pode dizer, com bases darwinianas, que o olho é um produto da evolução de determinados tecidos sensíveis à luz, portanto, cada espécie sobrevivente e estabilizada tem sua própria evolução conforme o processo de sua adaptabilidade.

Certos seres vivos nem mesmo enxergam, desenvolvem outros meios fotosensíveis ou nenhum, ao passo que um certo número deles, como o falcão, por exemplo, veem tão pequenos detalhes no solo mesmo sobrevoando a grandes alturas. Não se trata, portanto, de comparar o 'mais perfeito' com o 'menos perfeito', mas sim das diferenças locais constituídas pelo acaso dentro da rede de relações na natureza. Nesse contexto, mesmo depois da crítica de Hume ter desmontado filosoficamente os argumentos correntes da teologia natural em seu *Dialogues concerning natural religion*, Paley foi um daqueles que continuaram na resistência e na defesa de suas ideias, o que foi visto por alguns como desonestidade intelectual ou, inversamente, como reafirmação de uma fé inabalável. Por outro lado, os argumentos de Paley, a construção desses argumentos, o detalhismo e a força de convencimento fizeram com que seus escritos ainda seguissem conquistando admiradores, mesmo nos dias de hoje (o que mostra, em certo sentido, sua atualidade - sobre tudo no que diz respeito à ideologia estética!), inclusive entre evolucionistas. Entre os admiradores está, por exemplo, Richard Dawkins, defensor professo do ateísmo e inimigo número um das religiões, mas que via em Paley um criacionista à altura para o exercício do debate. No que se refere a Darwin em relação à obra de Paley, sabemos da importância de sua leitura em sua formação e do fascínio que ela lhe proporcionou:

Para obter aprovação no exame do bacharelado, também era necessário estudar as *Evidences os Christianity* e a *Moral Philosophy*, de Paley. Fiz isso com rigor. creio que poderia ter reescrito com perfeição todo o texto das *Evidences*, embora, naturalmente, sem a linguagem clara de Paley. A lógica desse livro assim como a da *Teologia Natural* desse autor deleitaram-me tanto quanto Euclides. O estudo criterioso desses textos, sem tentar decorar nenhuma parte deles, foi a única coisa do curso acadêmico que teve serventia, embora ínfima, na educação de minha mente. em momento algum me preocupei com as premissas de Paley; aceitando-as com confiança, fiquei encantado com a longa linha de argumentação e convencido por ela (DARWIN, 2008 p. 50-51).

Diferentemente da reação da teologia natural, como a de Paley, gostaria de mostrar que uma figura da importância de Buffon, o maior naturalista de seu tempo juntamente com Lineu, intuía a dimensão potencialmente subversiva que o lidar com o mundo dos fatos e objetos naturais poderia trazer como consequência para o exercício da ciência, em oposição

aos ditames e a estabilidade da física moderna. Trata-se da dimensão histórica e os recursos narrativos de que se servia para dar conta do que os registros geológicos e paleontológicos indicavam ou contavam ao seu observador e levavam a contestar a ideia de constância tão cara aos físicos. Em seu *Époques de la nature*, Buffon escreve:

Na história civil, consultamos títulos, pesquisamos medalhas, deciframos inscrições antigas a fim de determinar o tempo das revoluções humanas e fixar as datas de eventos de ordem moral. Do mesmo modo, na história natural, é necessário escavar os arquivos do mundo, extrair documentos antigos das entranhas da terra, coletar seus restos e remontar num único corpo de prova todos os índices de mudanças físicas que nos permitem regredir às diferentes épocas da natureza. Essa é a única maneira de fixar pontos na imensidão do espaço, e de fincar um certo número de marcos no caminho eterno do tempo (BUFFON, <https://archive.org/stream/lespoquesdelana00buffgoog#page/n9/mode/2up> p.1)

A beleza dessa passagem mostra, em parte, que o naturalista, no seu lugar agora de resgate do sentido, procura aquilo que é a única coisa que lhe resta frente ao discurso universalizador da ciência moderna, "a única maneira de fixar pontos na imensidão do espaço, e de fincar um certo número de marcos no caminho eterno do tempo". Aqui, a história natural, ao fazer resistência ao discurso da ciência moderna, dá ao mesmo tempo um perfil mais preciso e diferenciado ao 'sublunar' que, no contexto posterior ao corte científico, se torna possibilidade de descontinuidade dentro do eterno e, conseqüentemente, faz furo no discurso dominante da ciência. Isso significaria marcar descontinuidades no "tempo eterno" da matemática e da física?

Embora possa parecer à primeira vista que as grandes obras [da natureza] não se alteram e jamais se modificam, e que seus produtos, mesmo os mais frágeis e evanescentes, devem permanecer sempre e constantemente os mesmos [...] ao observarmos mais atentamente, notamos que o curso [da natureza] não é absolutamente uniforme, que sofre sucessivas alterações que geram novas combinações e mutações de matéria e forma; e que, enfim, por mais fixa que a natureza possa parecer em sua totalidades, ela é variável em cada uma de suas partes. Se apreciarmos a natureza em sua plena extensão, não poderemos duvidar de que é muito diferente hoje do que foi no início e do que veio se tornando na sucessão dos séculos; são essas mudanças que aqui denominamos épocas (Apud GOULD, S. J., 1995/2005, p.58).

Em contraste com isso, como mostra Jay Gould, o físico e matemático Simon-Pierre Laplace (1749-1827), o "Newton francês" e contemporâneo de Buffon, vem representar o pensamento anti-histórico absoluto, refratário a qualquer recurso narrativo em suas elaborações. Laplace, apesar de ter formulado em termos históricos - sem jamais lançar mão desse recurso 'menor' posteriormente - o início do Universo, é, na ciência, o principal apóstolo do determinismo estrito e da estabilidade celeste, "que se baseia na obediência de todos os

corpos às leis da natureza, as quais retificam qualquer perturbação e restauram a regularidade de movimento e posição" (GOULD, S. J., 1995/2005, p.47). Criador da expressão "mecânica celeste", concebia o que dizíamos há pouco a respeito do pensamento científico, que enxerga a natureza como simples extensão e ampliação dos domínios da razão, ou da estabilidade das leis universais reveladas por Newton, como escreveu Laplace:

Diversos experimentos já nos dão motivo para esperarmos que, um dia, essas leis sejam perfeitamente conhecidas: então, pela aplicação da matemática, conseguiremos elevar a física dos corpos celestes ao mesmo grau de perfeição que a descoberta da gravitação universal conferiu à física celeste (BUFFON *apud* GOULD, S. J., 1995-2005 p.49).

Ainda que pequeno, este exemplo comparativo entre o físico e o naturalista mostra a diferença que está em jogo nessa questão. A visão que Buffon tinha das ciências naturais, mostra algo que se apresenta a partir de uma erótica, que, em Laplace é recusada, pois quanto maior o poder redutor das letrinhas, maior a elegância e a sua abrangência. Ou seja, poder de, com tão pouco, desvelar tantos processos naturais ao nível do universo e suas leis -- contrariamente à Darwin que tinha de lidar com o que ele dizia ser tão "desajeitado", variável, confuso. Não que Laplace, assim como Newton, não nutrissem uma gosto pela elegância da redução, mais propriamente de uma estética da razão e do cálculo.

A fala de Buffon, o seu historicismo, mas sobretudo a observação atenta dos fatos da natureza, mostra o ponto que nos interessa que diz respeito a esta frase: "fincar um certo número de marcos no caminho eterno do tempo". Ora, o "eterno do tempo", sob o qual Buffon já aponta para o leitor de *Époques* os processos de diferenciações da diferença na observação da natureza "terrena", é o tempo da ciência moderna.

Para apresentar questões a respeito do tempo em psicanálise a partir do tempo da ciência moderna, Miller mostra que a psicanálise coloca o tempo nos termos de uma erótica, um tempo descontínuo que se estrutura de outra forma. Percebemos, conforme desenrolamos os temas darwinianos, que, o que ele desenvolve com Lacan é uma lógica que se instala no darwinismo de forma surpreendentemente.

Vejamos um pouco desse processo com um exemplo que é a frase clássica de um dos mestres de Newton no séc. XVII, Sir Isaac Barlow, que diz:

O tempo só tem comprimento, é semelhante a ele mesmo em todas as suas partes e pode ser considerado como constituído por uma simples adição de instantes sucessivos ou como o fluxo contínuo de um só instante (in MILLER, 2000 p. 22).

De forma geral o tempo adquiriu essa concepção unidimensional no Séc. XVII, associada à reta, à linha ou à simples sucessão positiva de elementos, ou à aplicação de uma estruturação matemática à continuidade da reta. Newton, por sua vez,

foi o primeiro a dar ao tempo toda a sua independência, toda a sua autonomia.(...) foi Newton quem emancipou do movimento o tempo, quem de alguma forma pensou o tempo em si mesmo. Mesmo em Aristóteles, o tempo permanecera sob a dependência do movimento. Vejamos o conceito newtoniano de tempo absoluto: "o tempo absoluto, verdadeiro, matemático, por si mesmo, e por sua própria natureza flui de maneira igual sem nenhuma influência externa" (MILLER, 2000 p.).

Miller comenta que o tempo absoluto de Newton é a tradução filosófica do tempo e do espaço apriorísticos de Kant, como dimensões já dadas e estruturadas como condição de possibilidade para a experiência e o pensamento. O tempo da ciência é o "tempo da eternidade", é o tempo foracluído de si mesmo, é o tempo destituído da sua dimensão de passagem e duração, dimensão que é geradora da diferença. Miller diz que o tempo na filosofia colocou o ser ao abrigo do tempo, ou seja, a filosofia, e também a ciência moderna, preparou um tempo que não afetasse o ser, que lhe fosse refratário. Foram essas circunstâncias que geraram o "extraordinário mito da eternidade".

Podemos dizer que há um *horror temporis*. Não somente retiramos do tempo o ser, como também o verdadeiro. As relações entre o verdadeiro e o tempo sempre foram difíceis para o pensamento, como se o verdadeiro tivesse uma pretensão natural a um "fora do tempo", o que Deleuze disse com propriedade: "O tempo põe a verdade em crise"(MILLER, 2000 p. 25).

Sendo assim, o lugar do naturalista é dividido entre o apelo da ciência moderna e o apelo da teologia natural, e de outros pensamentos, até místicos, vitalistas, etc., ambos, via de regra, teleológicos. O ser humano tem dois espelhos: a perfeição é, em ambos os casos, a finalidade. Darwin simplesmente não evita, ou corta, nenhum dos dois enfoques, pelo contrário, ele se serve deles, sendo devedor dos dois. Sobretudo da teologia natural, pela evocação estética que tanto o encantava quanto à questão do imaginário, desse imaginário que é do senso comum, que ele encontrará na vida doméstica em sua família, na observação de bebês e animais, na comparação de todos os seres vivos - comparativismo de inspiração aristotélica, sem dúvida, pois neste não há necessidade de precisão métrica, mas apenas do 'mais ou menos', do 'irregular' - mas para fazer aparecer as diferenças, para que os *gaps* surjam de dentro das similaridades, é preciso também que o discurso imaginário possa furar a pretensão da ciência de dominar o real.

Empírico, o universo de Darwin jamais será atrelado aos ditames do empirismo, da filosofia empirista. Não pretendo estender-me aqui a respeito da relação do darwinismo com a questão do debate empirismo-racionalismo, mas, - acompanhando uma certa relação de evitação ou de distanciamento, que está também longe de ser total, do próprio Darwin em relação a definições e categorias filosóficas - , sabemos desde já que racionalista ele não era. Sendo assim, a empiria de Darwin é a da experiência, da observação, simplesmente, por mais simplista que isso possa soar em um primeiro momento. Esta experiência encontra seu lugar, mesmo para a inauguração de um novo modo de fazer ciência. Para precisar do que se trata efetivamente, encontrei nas palavras de um aventureiro, dos grandes, de nossa contemporaneidade, uma escrita do que se poderia chamar de aventura do desejo. Amir Klink, em *Mar sem fim*, escreve:

Um homem precisa viajar. Por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livros ou tv. Precisa viajar por si, com seus olhos e pés, para entender o que é seu, Para um dia plantar as suas próprias árvores e dar-lhes valor. Conhecer o frio para desfrutar o calor. E o oposto. Sentir a distância e o desabrigo para estar bem sobre o próprio teto. Um homem precisa viajar para lugares que não conhece para quebrar essa arrogância que nos faz ver o mundo como o imaginamos, e não simplesmente como é ou pode ser; que nos faz professores e doutores do que não vemos, quando deveríamos ser alunos, e simplesmente ir ver (KLINK, A. 2008).

2.2 Geologia, introdução ao real

Tudo leva a crer que o caminho de Charles Darwin tem como guia uma intuição ética, e essa intuição tem, no caso, seu lugar e sua expressão maior pelo revolvimento da terra e o desdobramento disso nos saberes da história natural e fora dela. Apresento, portanto, o eixo do caminho dessa ética darwiniana que é a história do contágio e da elaboração continuada de um real pela série ou sequência a partir da geologia moderna: geologia, zoologia/botânica, antropologia. Da geologia para a zoologia/botânica, desse salto emergencial (aqui do conceito de emergência), ou seja, da inferência da pedra aos seres vivos, tem-se a invenção central de Darwin que é a seleção natural. Da zoologia/botânica para uma antropologia, ou seja, para uma construção de propostas antropológicas, ele dá corpo, juntamente com a seleção natural, - já consagrada e tema de polêmicas constantes em sua época (como o é ainda hoje) -, à ideia de seleção sexual, que deverá lhe servir para dar conta das questões a respeito do surgimento do humano a partir dos demais animais. Esses dois intervalos entre um ponto, geologia e zoologia/botânica, e outro, zoologia/botânica e antropologia, não são simétricos.

Surpreendentemente, ler Darwin é percorrer o caminho nada óbvio e, portanto, pouco redutível a fórmulas e afirmações prontas dos pontos que perfazem esse eixo. E esses pontos vão e retornam sobre si, pois há desde o começo até o final de sua obra o desenrolar de uma reflexão ética muito marcada e rigorosa, embora urdida em muitos matizes e muitos detalhes de ordem estética, em um encaminhamento de abertura ao infinito e ao esvaziamento. É nessa dimensão ética que indubitavelmente se enraíza todo o escândalo e mal-estar que se associa ao seu nome: todo o trabalho e empenho de Darwin gira em torno do nervo de uma questão ética, digo, sensível à questão ética moderna, processada no que se apresenta a um naturalista e pelos meios da história natural, a começar, como veremos, com a incursão inicial e fundamental pela geologia moderna.

Portanto, toda a questão ética darwiniana surge e gira em torno da ideia de seleção natural, responsável pelo efeito estruturante de seu pensamento em ciência natural, enfim, em biologia. Esse princípio que está no centro de suas atividades como naturalista e que inclui uma questão com um real - que proporia como um modo importante, e poderíamos até dizer *avant la lettre*, de incluir o real, definido como não-sentido, -- dentro das perspectivas de um pensamento de qualquer modo distante da psicanálise -- **e uma escrita**. Se o imaginário é o sentido (discurso da teleologia), o simbólico (o agenciamento do significante) o equívoco, o real (o imprevisível, o disruptivo) será o não-sentido. A seleção natural, por sua vez, será o modo com que Darwin cerca esse real e o situa em sua elaboração significativa, sem tamponá-lo em uma teorização fechada, deixando que o real se 'presentifique' como questão em sua práxis. O efeito estruturante do recurso à seleção natural é, concomitantemente, o processo de escrita e sua aventura, como veremos adiante.

Por conseguinte, a geologia moderna, e já desenvolvemos estivemos isto em páginas anteriores, fornece a Darwin o terreno sobre o qual, não caberia a palavra erige, mas antes desmonta, ou se preferirmos a expressão desconstrói, a fixidez das espécies, e a fixidez do mundo, em última instância. Vimos que isso se desenrola a partir das ideias de Charles Lyell, herdeiro do escocês James Hutton, com o uniformitarismo. Desconstrução, como veremos mais a frente, é uma expressão mais que pertinente para pensarmos nesse movimento fundamental de inferência da geologia sobre os animais e as plantas, ou seja, a geologia traz esse terremoto que também literalmente chacoalha a organização teleológica e divina estabelecida para os viventes nesse planeta.

Se, por outro lado, os universais devem, por definição, valer aonde quer que se vá, sem restrições, isso pode funcionar com as letrinhas de Newton como dizia Lacan daquele que "fechou o bico" dos planetas definitivamente. Mas a Terra, a *terra*, deve responder de outro

modo com Darwin. Não será propriamente a máquina de Descartes, dos anatomistas e fisiologistas, tampouco a nostalgia de um mundo que falava efetivamente, dentro da narrativa teológica do ocidente. Sabemos que as questões de Darwin como cientista aparecem de fato a partir da geologia. Quando dissemos, a partir de Lacan, que Newton havia "fechado o bico" dos planetas, podemos dizer que Darwin, através da geologia, fez 'falarem' as espécies, fez falar a vida, e os bicos. Mas que tipo de fala seria essa?

No primeiro capítulo pontuei alguns elementos a respeito da situação das Ilhas Galápagos pelo olhar do Bispo de Berlanga, em sua descoberta pelo espanhóis, e, posteriormente, no século XIX, pelo olhar de Darwin. Porque, curiosamente, quando Newton faz calar uma certa organização do mundo, promovendo uma desierarquização, Darwin se serve justamente disso para fazer 'falar', através da investigação científica, uma fineza - toda e qualquer fineza. E, de fato, é nesse ponto que, podemos dizê-lo com tranquilidade, que Darwin e Freud filiam-se a um ponto em comum: um tratamento da ciência moderna pelo avesso.

Tudo fala, isso quer dizer também que as hierarquias da ordem representativa foram abolidas. A grande regra freudiana de que não existem "detalhes" desprezíveis, de que, ao contrário, são esses detalhes que nos colocam no caminho da verdade, se inscreve na continuidade direta da revolução estética. Não existem temas nobres e temas vulgares, muito menos episódios narrativos importantes e episódios descritivos acessórios.

Não existe episódio, descrição ou frase que não carregue em si a potência da obra. Porque não há coisa alguma que não carregue em si a potência da linguagem. Tudo está em pé de igualdade, tudo é igualmente importante, igualmente significativo. (...) o romancista de *Os miseráveis* nos mergulha num esgoto que diz tudo, como um filósofo cínico, e reúne em pé de igualdade tudo aquilo que a civilização utiliza e rejeita, suas máscaras e insígnias, bem como seus utensílios cotidianos. O novo poeta, o poeta geólogo ou arqueólogo, num certo sentido, faz o que fará o cientista de *A interpretação dos sonhos*. Ele afirma que não existe o insignificante, que os detalhes prosaicos que um pensamento positivista despreza ou remete a uma simples racionalidade fisiológica são os signos em que se cifra uma história" (JACQUES RANCIÈRE. *O inconsciente estético*. São Paulo: Editora 34, 2009, p.36-8).

O "poeta geólogo" é uma expressão que vai direto ao ponto: a geologia moderna é quase a poesia tratada pela ciência, as morfologias da poesia, da *aletheia*, da verdade, como diz Heidegger, como *producere*, formalizadas pela ciência, uma vez que ela é fruto da modernidade poética, onde uma poética pode habitar as fronteiras, ou os litorais, com o real, uma vez que não tem mais lugar seguro para se abrigar. Ou ela desaparece, ou se serve dessa vertigem no deserto para surgir da pena do poeta, ou ainda convoca urgentemente a ciência. Em Darwin, temos com a poética da geologia, das morfologias das formações rochosas espetaculares (como é o caso da lua, em Galileu) algo que, sempre se rearranjando de forma

surpreendente, convoca urgentemente a ciência. A arte está sempre na dianteira, tanto Freud como Lacan afirmaram quão verdadeiro isso é.

Darwin era apaixonado pela geologia, ela lhe proporcionava um imenso prazer, dizia ele, do caos que as formações rochosas apresentam e o raciocínio do geólogo conduzindo sua investigação em direção a uma ordem que pudesse ser explicada ou delimitada, identificada na lógica específica dos modos, diríamos assim, de modelagem na natureza. Mas a morfologia em si e suas consequências para a natureza, para as plantas e os animais - incluindo aí o homem -- não são de modo nenhum previsíveis, é preciso uma leitura - as rochas 'falam'. Como escreveu o jovem Darwin:

(...) não há nada como a geologia, o prazer do primeiro dia de tiro ao perdiz ou o primeiro dia de caça não pode ser comparado a encontrar um bom grupo de ossos fósseis, que contam a sua história dos tempos antigos, com quase uma língua viva. (DARWIN, Darwin Correspondence Project)

E para o seu primo W.D. Fox ele admitira um ano antes: "O prazer de trabalhar com o microscópio ocupa o segundo lugar à geologia". A razão para isso talvez estivesse, como ele mesmo escreveu na sua Autobiografia, que em comparação com a história natural, "a investigação da geologia de todos os lugares visitados era muito mais importante, como o raciocínio aqui entra em jogo". e foi de fato mais em geologia que em história natural que ele foi capaz de saciar a sua paixão latente para teorizar e criar hipóteses. Sim, teorizar, porque foi com a geologia que as primeiras fagulhas de não-sentido acenderam o desejo de questionar os fenômenos que pode observar durante a viagem do Beagle, os ensinamentos de geologia de Cambridge nas excursões com o professor Adam Sedwick, a aproximação às ideias de Lyell e as experiências com terremotos e vulcões no Chile. Na viagem do Beagle, cabe adiantar algo e assinalar o começo onde a leitura geológica configura o primeiro impulso questionador, o primeiro lugar em que Darwin desembarcou, a Ilha de Santiago, onde se encontra uma das projeções vulcânicas carbonizadas do grupo de ilhas de Cabo Verde. O entusiasmo de Darwin fala de um marco, o marco onde o contato com a geologia, a história natural, o fascínio com as espécies e as formas exuberantes dos trópicos deram início à produção de um pensamento investigativo, sobretudo geológico, próprio, original. E esse impulso não resulta em poesia, mas sua natureza se insere no poético, quando ele escreve sobre esse ponto fundamental, ponto de partida, de causa:

Aqui eu vi pela primeira vez a exuberância da vegetação tropical. Tamarindos, bananas e palmeiras floresciam aos meus pés. Eu tinha muitas expectativas, pois

havia lido as descrições de Humboldt e estava com medo de decepções: só quem pode dizer quanto esse medo é infundado são aqueles que experimentaram o que eu experimentei hoje. Não é só a beleza de suas formas ou a riqueza original de suas cores, são as confusas e incontáveis associações que juntas atravessam a mente e produzem o efeito. Voltei à praia, pisando sobre rochas vulcânicas, ouvindo o canto de pássaros desconhecidos e vendo novos insetos esvoaçando sobre flores ainda mais novas. Para mim foi um dia glorioso, como se um cego ganhasse olhos: ele está estupefato com o que vê e não pode compreender tudo devidamente. Esses são meus sentimentos e tomara que assim permaneçam (BROWNE, 2010, p. 262).

Não se tratava apenas, como ele próprio diz, da beleza das formas e das cores, tratava-se efetivamente daquilo que havíamos qualificado como emergência da verdade, enquanto *aletheia*, enquanto desvelamento-velamento, ou seja, a relação de todo esses elementos ("associações") na produção ou emergência do novo e do desconhecido. Vejamos o que ele disse da geologia de Santiago:

A geologia de St. Jago é admirável, mas simples: em tempos idos, uma torrente de lava jorrou sobre o leito marinho, composto de conchas e corais recentes triturados, e moldando-os numa rocha branca e dura. A partir daí ergueu-se a ilha inteira. Mas a linha de rocha branca revelou-se um fato novo e importante: houve posteriormente uma subsidência em torno das crateras. as quais, depois disso, estiveram em erupção, jorrando lava. Nessa época me ocorreu, pela primeira vez, que talvez eu pudesse escrever um livro sobre a geologia dos países visitados, o que me deixou palpitante de alegria. Foi um momento memorável. Lembro-me nitidamente do penhasco baixo de lava sob o qual eu estava descansando enquanto o sol brilhava, assim como das estranhas plantas desérticas que cresciam por perto e dos corais vivos nas poças criadas pela maré a meus pés (DARWIN, 2002, p.70).

É evidente a vertigem, a confusão, a estupefação frente à impossibilidade de "compreender tudo devidamente", e podemos marcar aí o desejo de Darwin nesse momento quando um cego "ganha" seus olhos - estamos falando de objeto olhar como florescimento da fineza desafiando a visão, desafiando o já visto, ou seja, o visto para-todos ou por todos. O entusiasmo, então, se deve ao fato de que ainda, de alguma maneira, se pode flagrar algo do sujeito em ciência - o fixismo, ou essencialismo, que atribuía a criação a um outro divino, engessava e impunha uma mordaca e uma venda que não permitiam às ciências naturais desfrutarem de sua 'dignidade', esta centrada justamente no singular, no complexo e na sua historicidade. Darwin, ao assumir as singularidades e as complexidades sem a teleologia, sem um Criador, um novo horizonte é vislumbrado, onde a natureza, em constante e imprevisível movimento, ainda tem muito o que 'falar', ou seja, surpreender. Mas atenção: ele somente 'se livra' da teleologia graças a essa est'ética. São os olhos que o cego ganha, como comentei anteriormente, 'olhos' que, no caso de um poeta da modernidade, como Beaudelaire, por exemplo, olhos de iridescência que talvez lhe devastassem o ser, esse olhar irruptor que possibilita esse movimento - podemos dizê-lo olhar da modernidade que em Baudelaire

caracterizava-se por uma contra-modernidade, o gume mesmo de uma subversão. Por isso, novamente, insisto: não foi perseguindo nenhuma petição de princípio, nem se conformando às ideias de cientificidade de sua época, ou bajulando autoridades, ou num desejo deliberado de professar o ateísmo militante ou de lutar contra a teleologia e mesmo a teologia. Pelo contrário, aquilo que causava seu desejo, e que revelaria a dimensão do desejo na própria relação do homem - e da ciência - com a natureza também o incomodava, vinha-lhe, de certa forma, a contragosto, a despeito de todo entusiasmo e amor pelo que fazia e pensava. Preocupava-o o sofrimento causado pela ideia, por exemplo, de avançar na contramão da religiosidade de Emma, sua esposa, religiosidade que lhe era cara (a ele e a ela), pois ali, percebia, algo funcionava como uma sustentação. Sustentação, a final de contas, de um *status quo* dos homens na sociedade em que vivia, o que aparecia no horror que lhe era infringido frente às possibilidades maléficas de sua teoria ou ao desencanto que ela poderia causar às pessoas que mais amava. Sem falar no peso mesmo da angústia frente aos possíveis desdobramentos do pensamento materialista, tais como doenças e as mortes de dois de seus filhos - principalmente de Anne, a mais adorada dentre os filhos, literalmente 'a menina dos olhos' de Darwin, aos 10 anos, em 1851. Isso tudo deixava-o em maus lençóis, em estado de desamparo e incerteza, de franca angústia, onde grassa generoso o tema da culpabilidade neurótica. Isso fazia com que, no mais das vezes, tratasse as questões se servindo do fleuma, tão tipificado pela cultura inglesa repertoriada, muitas vezes como se nada estivesse sendo comprometido a partir da sua escrita - isso se refletia no vocabulário impreciso e dúbio e na forma cuidadosa com que ele punha 'panos quentes', visando atenuar ao menos um pouco do seu impacto, de seu sentido eminentemente trágico e, assim, como se tentasse não parecer tão desagradável ao leitor. Por isso em determinadas passagens de *A origem das espécies* ele ainda usa expressões que buscam negociar com o leitor da religião, ou consigo mesmo, criando, com o restante, uma certa 'dissonância' teórica. No último parágrafo do livro lê-se

É interessante contemplar uma ribanceira emaranhada, forrada com muitas plantas de vários tipos, com aves a cantar nos arbustos, diversos pássaros a esvoaçar por toda parte e minhocas a se arrastar através da terra úmida, e refletir que essas formas tão intrincadamente construídas, tão diferentes entre si e dependentes uma das outras de modo tão complexo, foram todas produzidas por leis que agem à nossa volta (...). Há uma grandiosidade nessa visão de que a vida, com seus vários poderes, foi originalmente soprada sobre um pequeno número de formas ou sobre uma só; e de que, a partir de um começo deveras simples, enquanto esse planeta girava segundo a lei fixa da gravidade, um sem-número de formas, as mais belas e as mais maravilhosas, evoluíram e ainda evoluem (DARWIN, 1859-2002, p. 381).

A expressão 'a vida que foi soprada' contrasta com o que ele mostra da intrincada complexidade que a vida apresenta em sua constituição. Segundo Browne, tratava-se de uma concessão, ou seja, uma estratégia para amenizar a ausência de um Criador, uma vez que, segundo a ideia contida nessa frase, Ele apenas teria soprado a vida sobre algumas formas de vida, ou apenas uma, e teria deixado o processo evolutivo acontecer (*laissez faire*) sem intervir em mais nenhum momento. Esse tipo de mecanismo encontra outros episódios ao longo de sua obra, como se algo titubeasse, algo vacilasse no momento da assunção da verdade, que não é a verdade fixa, nem absoluta, mas a verdade produzida por um sujeito frente à incerteza mesma que a constitui, ou seja, um sujeito que é, afinal de contas, arrastado pelo que se apresenta vacilante e incerto, de multiforme e pululante. Assim é Darwin, cheio de dedos para lidar com seu objeto, não somente porque isso o angustia, mas, sobretudo, porque o rigor científico que é inerente ao seu próprio processo de investigação, eis um paradoxo, lhe permite que não veja firmeza no próprio daquilo que ele observa na natureza e em seu entorno. Em 1838, escreve para o botânico Hooker, seu amigo, relatando o que parecia ser sua conclusão a partir da avaliação das espécies coletadas em Galápagos:

Finalmente me ocorreu um lampejo, e eu estou quase convencido (muito ao contrário da opinião que tinha no início) que as espécies não são (**é como confessar um assassinato**) imutáveis. Que os céus me livrem dos absurdos de Lamarck, "tendência ao progresso", "adaptações da disposição lenta dos animais", etc., - mas as conclusões a que sou levado não são muito diferentes das dele, embora os meios de mudança sejam totalmente diferentes - acho que descobri (aqui está a presunção!) a maneira simples pela qual as espécies se tornam requintadamente adaptadas para diversos fins (Correspondence Projeto Darwin, *Grifos Meus*).

Esse crime fundamental, que contrasta com o continuum vitalista e teleológico que está em Lamarck, é preciso assumi-lo. Esse crime pode ser confessado, mas com o maior fleuma possível, como se diz: com toda a fineza que um gentleman (que dá agora à expressão 'fineza' seu sentido de etiqueta e bons modos) puder dispor para não chocar ou, sobretudo, para disfarçar o mal-estar. Esse crime, 'confessado' em seu livro mais conhecido, "meu abominável livro", como disse em carta a seu primo Willian Darwin Fox, resulta nesse algo tumultuado, que é o des-encontro da cultura eurocentrista a mais orgulhosa com algo que não funciona conforme o esperado.

Que livro um capelão do diabo [essa autodenominação de Darwin ficou famosa, colocando o cientista herege frente a frente com sua formação de clérigo] poderia escrever sobre os funcionamentos desajeitados, supérfluos, confusos, abjetos e horrivelmente cruéis da natureza!" (DARWIN in BROWNE, 2007 p. 90).

Assumir a complexidade, efetivamente assumir com a própria alma, habitar o mundo desajeitado, confuso, onde o que não se reduz somente às leis da física, é adentrar a dimensão do contingente, do "supérfluo", e mesmo do sem sentido algum: por que tanta variação? Segundo observa Ernest Mayr, Buffon já havia expressado essa perplexidade em sua *História Natural*, mas não ao ponto de fazer com que isso se tornasse uma questão de fato operatória na práxis do biólogo. De que serve, afinal, perguntava-se Darwin, tantos seres vivos diversos, ou para quê o Criador se daria ao trabalho de dar vida a tantas variedades, às vezes as mais sutis ou quase imperceptíveis? Se a Criação tem no Homem o seu endereçamento absoluto, o que será isto que pulula "desajeitado", exagerado, e diria até, barroco? Na viagem do Beagle, conforme ele avançava pelos litorais da Argentina, vários tipos de avestruzes (*outrich*) ou emas foram avistadas e coletadas pelo caminho, e algumas eram menores que outras - e ele se faz essa pergunta, justamente: por que Deus criaria essa imensa variedade de seres - essências distintas e fixas, mas tão similares! uma seguida da outra conforme a rota prossegue na geografia. A geografia, portanto, começa a dar uma das suas mais desconcertantes lições, eu diria a primeira de duas lições em termos de variabilidade: a *biogeografia*, sendo esta um dos principais indicadores da segunda lição, a seguinte constatação: o acaso, e seu lugar nesses processos dentro da variabilidade e do sexo.

Vejamos em relação à biogeografia. Ela passa a existir quando se procura saber a respeito da distribuição dos seres vivos e sua adaptação aos diversos lugares do planeta e nas mais diversas situações. Aqui, mais uma vez, a investigação remete-se à Lyell. Segundo concluía Darwin, que trabalhou suas hipóteses em cima da teoria uniformitarista, os seres metamorfoseiam-se conforme se deslocam no espaço, e no tempo também, indicando uma imanência espaço-temporal na constituição e formação de novas espécies. Como, por exemplo, tal espécime de planta original de determinada e restrita região da Inglaterra pode surgir na América do Sul? Por que o Criador haveria de colocar a mesma planta em dois diferentes lugares tão específicos, (quando não é o caso de ser uma espécie muito semelhante, ou variada devido a esse deslocamento)? Darwin realiza uma de suas famosas experiências, conhecidas pela extrema simplicidade, deixando sementes de diferentes espécies mergulhadas em água salgada (do mar) por tempo determinado. As sementes que sobreviveram à ação do sal mostraram que algumas das sementes tiveram condições de atravessar o oceano e florescer em outro lugar, propício e tão inusitado quanto os caprichos das correntes marinhas possam permitir. A mesma questão era colocada em relação aos pássaros migratórios, e o desenho geográfico das migrações, que mostra o mapa do instinto migratório em relação à época da partida, o destino e o tempo de vôo, e se essas sementes

poderiam voar em seus estômagos ou em suas garras - todas as especificidades eram testadas. O mesmo pensamento se dá em relação às abelhas. Antes de Darwin, sabia-se que abelhas, e outros insetos, transportavam pólen consigo, mas é com Darwin, na questão fundamental que a biogeografia, ou seja, os efeitos do espaço na vida, é colocada ao sujeito, - questão que remete a uma vertigem, a uma subversão - que fica estabelecido o caráter eminentemente sexual dessa relação das flores com seus intermediários, as abelhas, ou seja, da existência do sexo entre as plantas. É com fascínio e paciência que Darwin acompanha e testemunha o esforço das flores por se fazerem mais atraentes e acolhedoras às abelhas pelos odores, sabores e formas mais receptivas à entrada do inseto, e a constatação e estabelecimento da função do vento nessa função reprodutiva, transportando o pólen tal qual as correntes marinhas fazem com as sementes. A questão da biogeografia precisou ser 'inventada', ou reinventada, para dar lugar a questões de extrema complexidade como estas poucas com as quais Darwin esteve apaixonadamente envolvido em suas experiências no jardim ou nas proximidades de sua casa, em Downe. As questões, que parecem advir do olhar de Galápagos, a respeito do surgimento das espécies, de suas criaturas 'bizarras', como é o caso das diferenças dos bicos entre os tentilhões, evocam a biogeografia para mostrar que todos esses movimentos dos seres vivos em sua relação com o movimento geológico da terra, tudo isso faz gerar por entre esses deslocamentos uma certa escrita a partir da contingência. Em uma pertinente comparação com Lamarck, Canguilhem escreveu:

Lamarck entende a vida de acordo com a duração, e Darwin pela interdependência; uma forma viva pressupõe uma pluralidade de outras formas com as quais ela tem uma relação. A visão sinóptica, que caracteriza o essencial do gênio de Darwin, falta a Lamarck. Darwin está mais perto de geógrafos, e sabemos o quanto ele deve isso a sua viagem e suas explorações. O meio no qual Darwin representa a vida do vivente, é um meio biogeográfico (CANGUILHEM, 1960, p.83).

Importará saber, por exemplo, o que o impressionará: o que faz uma concha tropical no meio da Inglaterra?? Que aí está algo que a nova geologia poderá desnaturar e surpreender ao se ver algo de um acontecimento que nega a harmonia e o essencialismo logo de início a partir de um deslocamento, constatável, mas absolutamente contingente.

Ainda na comparação com Lamarck, vê-se claramente que uma linha ascendente, na busca pela harmonia adaptativa, essa linha é quebrada, fragmentada, estilhaçadas, para se tornar não mais uma linha que no *contínuum* se metamorfoseia, mas uma constelação de diversas linhas relacionadas pela divergência, que se conectam e se desconectam, que se entrecruzam e co-evoluem na contingência. A escrita de Darwin será polifônica,

desconstrutivista em seu âmago. Isso quer dizer que a teleologia é exterminada, e o velho (mas sempre ideologicamente vigente na contemporaneidade) adaptacionismo dará lugar a uma adaptação que surge também como não-linear em relação ao meio ambiente, ou seja, na linha do tempo, na temporalidade da evolução revelam-se os muitos possíveis de um organismo a partir de vários elementos, entre eles destacando-se as combinatórias de traços genéticos, como se sabe hoje. Assim, a biogeografia é uma chamada para o Real, essa quebra na ordenação antiga, e o despertar para o plural e fragmentário, já colocando em xeque o objeto, desestabilizando o referente ao qual o saber se adaptaria imaginariamente. É, portanto, com a biogeografia, -- nome técnico da vertigem --, que podemos atestar o que se passava em sua mente em sua viagem. Ele escreve em seu diário, "um completo furacão de fascínio e espanto" (Darwin, Charles Darwin Projekt).

No entanto, essa vinculação essencial da geologia de Lyell a suas hipóteses evolutivas, ou, rigorosamente falando, a apropriação que ele faz das teorias de Lyell -, ainda que fascinante verdadeira, não era o suficiente para dar-lhe a chave de suas questões, parecia incipiente em relação a algumas constatações importantes. Primeiramente, em Galápagos, as diferenças entre as espécies de tentilhões, que tinham sido notadas, mas não consideradas ainda, naquele momento, como resultado de um processo evolutivo.

Darwin os dividiu em subfamílias distintas baseadas em seus bicos, como a maioria dos naturalistas de campo teria feito, chamando alguns "Bico grosso", outros "Fringilla" (tentilhões verdadeiros), e colocando os comedores de cacto na categoria "Icterus", uma família separada que inclui o papa-figos e os melros. A extensão em que foi enganado por suas características dúbias é ilustrado por sua classificação incorreta das aves aparentemente canoras residentes nas ilhas como "cambaxirra". ele não tinha a menor razão para acreditar que algumas variedades poderiam viver apenas em determinadas ilhas ou que seus bicos idiossincráticos poderiam sugerir algum tipo de diferenciação evolutiva (BROWNE, 2004, p. 428).

Tais observações, como se pode perceber, antes se precipitam para a captura da diferenciação pelo olhar, dentro do campo escópico, do que tendem a uma necessidade imediata de cumprir com uma formalização classificatória para tamponar o espanto. Talvez esse seja um dos atributos de um naturalista 'não-profissional', ou ainda, 'não-oficial' do Beagle, e pouco experiente, a despeito de toda a disciplina e acuidade na organização de seus afazeres no dia-a-dia da viagem. Nos anos de Beagle, suas habilidades de observador criativo concentravam-se muito mais em relação à geologia, da geologia tomada como modelo de leitura, de onde, aliás, tudo parece surgir. Curiosamente, Darwin é quase um autodidata em geologia, não fosse alguns ensinamentos do professor de geologia de Cambridge, Adam Sedgwick, e a leitura reveladora e decisiva do livro de Charles Lyell, uma leitura que parte da

morfologia 'desordenada' e anti-progressista. Algo preponderava, estando muito mais consonante ao efeito que o fascínio pela coleção de besouros, por exemplo, e suas infinitas possibilidades de cores e formatos sutis, do que a qualquer outro propósito.

Mas, durante a viagem, tudo ocorre como se nada estivesse acontecendo de fundamental: essas diferenças marcavam, mas são como que impressões guardadas para reflexões posteriores, mais detidas e rigorosas, inclusive baseadas na análise de especialistas para onde o material coletado era enviado pelo intermédio de Henslow.

A mesma ordem de questionamento surgiria também mais tarde com toda a força a partir de uma fala de Nicholas Lawson, administrador das Ilhas. Ele comentara, *en passant*, dirigindo-se a Darwin, que "as tartarugas de cada ilha eram diferentes e ele poderia dizer com certeza de que ilha qualquer uma delas fora trazida", ou seja, "seus cascos eram caracteristicamente curvados para dentro ou para fora de acordo com o seu local de origem". "Por algum tempo não dei a devida atenção a essa declaração, e já havia parcialmente misturado as coleções de duas ilhas". Darwin chegou a montar em uma dessas tartarugas gigantes até a fonte de água onde essas criaturas se reuniam quando sedentas, mas em nenhum momento parou para notar as diferenças dos cascos.

Nunca imaginei que as ilhas, distantes cerca de oitenta ou cem quilômetros, e a maioria delas à vista uma das outras, formadas precisamente pelas mesmas rochas, sob um clima muito semelhante, elevando-se a uma altura quase igual, teriam sido ocupadas de maneiras diferentes (DARWIN in BROWNE, 2004 p.429)

Sim, pensará Darwin mais tarde, mais precisamente por volta de 1844, que a geologia faz isto funcionar dessa maneira, o isolamento da região de Galápagos em relação ao continente, e de cada ilha em relação às outras, explicaria por si só as diferenças. As ilhas retêm populações ou indivíduos de tais espécies que são arrastadas do continente pelas correntezas ou por aves migratórias, ou pelas sementes que, como disse, sobrevivem à viagem pela água salgada, entre outros. Mas, ainda assim, valia perguntar: essas diferenças todas poderiam ocorrer mesmo sem nenhuma explicação geológica? Essa pergunta é a chave do espanto de Darwin frente a variação das espécies ou, mais propriamente dizendo, frente à variabilidade como propriedade inerente aos seres. Pode-se aí perceber que Darwin faz valer um famigerado dito atribuído a Heráclito, que não se banha duas vezes no mesmo rio. Traduzindo, diremos: o mesmo pássaro não será mais o mesmo, não somente na ilha seguinte, mas também no momento seguinte. A diferença é algo que já ocorre no processo mesmo de hereditariedade - daí a importância da divergência nesse processo, processo de diferenciação

por excelência. Enfim, curiosamente, trata-se de algo extraordinário, que causou a Darwin grande surpresa, mas surgido do mais 'banal' que pode haver.

Essa constatação, no entanto, se deu após um gigantesco trabalho de descolamento, e que se fez necessário, da teoria de Lyell. Para explicar o aparecimento de espécies variações de uma espécie 'original' vinda do continente, como em Galápagos, por exemplo, era preciso argumentar somente geologicamente, através da elevação e sub-levação da terra, do movimento constante das forças magmáticas, na elevação e no desaparecimento de "pontes" onde antes somente havia mar. O modelo geológico de oscilação constante explicaria as variações, e o surgimento e extinção de espécies através de uma compreensão cada vez mais crescente em Darwin, e muito incomum, do aspecto dinâmico da vida nessas relações do acaso e da contingência - um movimento que se ordena pelo caos.

De modo geral, a crosta terrestre subia e descia, convertendo ilhas em continentes e vice-versa, enquanto os animais e as plantas evoluíam ou migravam de acordo com sua localização numa ilha ou numa massa de terra contínua: com as sucessivas mudanças de elevação, as espécies alteravam a sua forma, se dispersavam e se tornavam extintas (BROWNE, 2008, p. 700).

Mas, mesmo construindo tais hipóteses tão desconcertantes em cima do uniformitarismo, Darwin ainda se sentia insatisfeito em relação a essa dependência quase que total de suas elaborações ao conceito de uma terra em constante movimento. Não que isto não fosse, no seu entender, verdadeiro, mas, que apontava para um ponto sutil, embora decisivo e, por isso, exigia uma resolução: a evolução ficava ainda muito ligada a causas externas, ao meio ambiente. Nesse ponto, apenas neste, havia um vestígio de lamarckismo que ainda maculava a sua concepção, que, afinal, deveria ser inteiramente compatível com a suas próprias constatações na sua aventura. Com aventura quero dizer, formular perguntas em relação a fatos espantosos: afinal, em Galápagos, as ilhas em questão eram semelhantes em todos os aspectos, mas a produção sempre diferente! E, como é sabido, esses pássaros, os tentilhões, ainda são estudados por biólogos que constatarem o aparecimentos sempre renovado de surpresas evolutivas.

Por isso, para dar início a esse processo de descolamento do argumento exclusivo do geológico nas oscilações da terra é que surgem os experimentos que tentariam responder à pergunta de até onde pode-se ir ao se dispensar as argumentações baseadas em Lyell. Aqui é que entra a reinvenção da biogeografia, ao pensar a distribuição das espécies por outros modos, surpreendentes e infinitos, incluindo as sementes que atravessam o mar e as infundáveis 'estratégias' da natureza para a continuidade da reprodução e da vida.

Os experimentos são muitos. Darwin foi um trabalhador incansável, insistente, metucioso - fino. Os jardins da sua casa em Down, arredores de Londres, eram o lugar onde ele montava e espalhava todas as suas mais diversas experimentações, relativas aos temas mais 'disparatados', sempre em torno das suas ideias. Darwin, informa-nos Browne, era um experimentador muito pouco convencional. Sua motivação, - comparando-se à prática empírica sempre aferrada aos fatos, dos protocolos científicos da ciência que se fazia na Inglaterra vitoriana -, partiam sempre de impulsos intuitivos e especulativos. Vale enumerar algumas dessas empreitadas. Sabe-se, por exemplo, de seu interesse pela vida das minhocas. Com elas realizou experimentos como o de observar a reação ao som da música: os músicos eram da família, e Emma, sua mulher, tocava piano - tivera, inclusive, aulas com Chopin. As minhocas se mantiveram impassíveis até o momento em que ele decidiu posicioná-las no tampo do piano, quando começaram a reagir às vibrações sonoras. Ainda com as minhocas, desejou verificar o nível de inteligência dos animais: para isso, recortou pequenos triângulos obtusos de papel, como se fossem folhas, e os deixou esparramados onde se localizava uma toca repleta delas. A ideia era deixar lá esses triângulos e esperar o que poderia acontecer: se as folhas fossem transportadas pela ponta mais fina do triângulo, ao invés das pontas mais abertas da base do triângulo, isso indicava que a minhoca fizera uma escolha pelo transporte mais fácil e ágil. Desse trabalho surge um dos grande livros de Darwin sobre as minhocas, mostrando o que um ser tão ínfimo e aparentemente simples era capaz de fazer: de revolver a terra a ponto de mudar uma paisagem inteira.

Flores em abundância ocupavam grandes espaços em seus jardins. Pelo cruzamento constante e demais experiências, Darwin pode obter respostas importantes sobre um das questões que mais o intrigavam: o sexo. Assim ele chegaria à conclusões importantes como o que se segue: a natureza, diz ele, repudia a autofertilização, ela sempre preferirá a reprodução sexuada. Ele percebia que a diferença entre os dois tipos de fertilização trazia, respectivamente, uma flor frágil, fraca, de vida mais curta, enquanto a reprodução pelo sexo, ou seja, pela diferença adquirida pela junção com um outro indivíduo, e pela divergência, propiciava flores mais fortes e saudáveis. Com esse experimento, ele estava indo na contramão de tudo o que se acreditava em seu tempo a respeito de fertilização em plantas. Acreditava-se que a autofertilização era via de regra a preferida para toda a natureza - quem sabe por uma ideia aí incrustada de pureza e realização do indivíduo por si mesmo na sua essência independente - o fixismo, certamente. Daí a diferença da diferença como característica inerente à reprodução, a diferenciação, diria ele, é fundamental para a sobrevivência da espécie e, inclusive, para a evolução em novas espécies. Aí vemos o trabalho

das abelhas e do vento, sempre encantador para Darwin, em relação às flores. Por meio de cruzamentos constantes, ele ia percebendo, que traços eram sempre relançados de forma diferente e variada a cada nova observação, por exemplo: a relação entre o espaço do receptáculo da flor e o tamanho ou a agilidade da abelha para entrar nesse receptáculo e fazer sua coleta de pólen. Certas flores só recebem determinada espécie de abelha, visitantes exclusivos. Outras se adaptavam para poder 'atender' ao maior número possível. A variação era, juntamente com a ideia da geologia apropriada e modificada de Lyell, também movimento essencial nas combinatórias das infinitas possibilidades variantes, quase que caleidoscópicas. Para que a vida continue - pois parece que a vida só deseja continuar, como também pensava Freud - precisa-se de uma perda, de um intervalo, de algo que intermedeie e que 'deforme' e que sempre é periclitante, e que envolve necessariamente a morte ou a intervenção de um obstáculo.

As teorias da variação de Darwin necessitavam da sexualidade. Sem a reprodução sexual não havia mecanismo para o aparecimento espontâneo de variações nos descendentes; sem as variações, não havia possibilidade de seleção ou de transmutação. As relações sexuais entre plantas, entre animais e entre os seres humanos eram as bases essenciais para sua versão da evolução (BROWNE, 2004 p. 715).

Variação, sexo e morte estão contidos nesse imbróglio de surpresas. Sem sexo e morte não há variação, não há diferenciação. Deve haver sempre uma quebra inerente à constituição do ser, há sempre uma outra coisa, um outro, que vem aí definir algo sempre em conjunção com uma descontinuidade, descontinuidade esta que nunca permite estabilidade total e funciona como uma perturbação que varia de grau. Aquilo de que falava Freud que, para a vida ter continuidade é preciso que a morte esteja já instalada em seu bojo. Como são conhecidos os estudos e experimentos de Weissmann, que possibilitou fazer a distinção entre soma e germe. O germe continua na descendência e o corpo (soma) do indivíduo morre. A vida se eterniza através da morte e da modificação.

Das estufas de Down, muitos outros experimentos também se destacam, como, por exemplo, com flores carnívoras. Sua hipótese era de que essas flores fossem, na evolução, uma prova, um vestígio, de uma ancestralidade comum na bifurcação entre as plantas e os animais. Ainda no reino vegetal, ele estudou meticulosamente o movimento das plantas, marcando com fixadores os modos específicos como cada espécie se movia e acompanhando esses movimentos por meses até. Nesse trabalho, que também frutificou em um livro de grande importância, Darwin chega a se perguntar se as plantas são ou não desprovidas de

volição, se parte de seus movimentos seriam motivados para além de respostas automáticas ao meio - isso o interessava, uma vez que as plantas, segundo ele formulava, são parentes, - e até um pouco 'animais', como é o caso das flores carnívoras -, de todos os outros seres vivos no espectro evolutivo, incluindo o homem. Um exemplo desses experimentos, com trepadeiras, por exemplo: cada espécie, cada variação dessas espécies, escala a treliça ou o caramanchão de maneira diferente, com técnicas diferentes e em velocidades diferentes. Cada uma 'inventa' uma solução própria para resolver o impasse que é se locomover para, segundo supunha Darwin, fins de sobrevivência.

Antes de se dedicar exclusivamente à escrita de *Origem das espécies*, e antes mesmo de ter estabelecido totalmente o que ele definiria posteriormente como luta pela vida e seleção natural, Darwin passou mais de oito anos estudando diversas espécies de crustáceos marinhos conhecidos como cracas (*barnacle*, em inglês). Crustáceo marinho sésil, a craca tem forma curiosa, bizarra. Grande parte das espécies é de vida livre, fixada às rochas, conchas, corais, madeiras, cascos de embarcações ou é comensal de baleias, tartarugas, peixes, entre outros, e algumas espécies são parasitas. A craca é descrita como um pequeno animal semelhante a um camarão, permanentemente dentro de sua casa calcária e que joga alimento na boca através de tentáculos que saem de dentro da casa por uma abertura da carapaça que está dirigida para o lado oposto da fixação, que também filtra o plâncton. As cracas são hermafroditas, e, pensa Darwin, elas juntam-se umas às outras de vez em quando para poderem variar e se reproduzirem de forma melhor. Desses estudos resultaram, além da publicação de um alentado volume sobre o assunto, o estabelecimento e a ratificação do prestígio, já bastante grande devido à viagem do Beagle, frente à comunidade científica, o que colaboraria para o arrefecimento das resistências dessa mesma comunidade para quando ele próprio fosse apresentar a sua concepção de evolução com *A origem das espécies*. As cracas também lhe mostraram o caminho onde a variação veloz e caleidoscópica desses animais estimulava o exercício da precisão e da paciência, Darwin era posto à prova pela situação, a craca é um nome genérico para mais de mil espécies na natureza. A variação de formas irregulares, tortas, e variação também da localização das funções no corpo em cada espécie causaram uma vertigem, pois tudo era variação, como um redemoinho de detalhes, pouca coisa era constante. As cracas exigiam dele um refinamento ainda maior da observação e dos procedimentos, enfim, do rigor científico pela delicadeza - seu maior talento. Essas qualidades, sendo mais desenvolvidas ainda, serviam-lhe para afastar, o quanto pudesse, o evolucionismo idealista e abstrato da filosofia, assim como o evolucionismo popular de que se

falava na época."Você pergunta qual foi o efeito do estudo das espécies sobre a minha teoria da variação", escreve para o seu amigo Hooker:

Fico impressionado (e provavelmente de forma injusta pela classe) com a variabilidade de cada parte, em pequeno grau, em todas as espécies: quando o mesmo órgão é *rigorosamente* comparado em muitos indivíduos, sempre encontro uma pequena variação e, conseqüentemente, a identificação das espécies a partir de pequenas diferenças é sempre perigosa. Eu tinha pensado que as mesmas partes da mesma espécie fossem mais parecidas do que são de fato, pelo menos nos cirrípides, criados num mesmo molde. Um trabalho sistemático seria mais fácil, não fosse por essa variação confusa, que, no entanto, é agradável para mim como teórico embora odiosa para mim como taxonomista (DARWIN in BROWNE, 2004 p. 698).

Temos aqui as variações que o bom rigor contempla, variações que se impõem e contornam *nadas* como precipitados de vida como em desenhos-litorais. Nenhum princípio geral ou resposta para as questões fundamentais da vida feitas por todos pode ser extraído de um trabalho desses. Esse nada que insiste desestabilizando ou criando intervalos de não-linearidade é o ponto chave, estruturante da ideia de seleção natural e do escândalo ético que se desdobra a partir disso.

2.3 Darwin desconstrutivista

Slavoj Zizek chama a atenção para algo interessante e surpreendente, que merece nossa atenção, a saber: por quê o desconstrutivismo de Derrida não "se apropriou" de Darwin? Segundo o autor, o darwinismo, em sua radicalidade e em seu rigor, e não na sua versão vulgarizada, obedece a todos os requisitos que fazem dele um pensamento da desconstrução.

O darwinismo não pratica um tipo de "desconstrução" não apenas da teologia natural, mas também da própria ideia de Natureza como um sistema de espécies positivo e bem-ordenado? A noção estritamente darwiniana de "adaptação" não reivindica precisamente que os organismos não se "adaptam" diretamente, que, *stricto sensu*, não há "adaptação" no sentido teleológico do termo?: mudanças genéticas contingentes ocorrem, e algumas delas permitem a alguns organismos funcionar melhor e sobreviver em um ambiente que é, ele mesmo, flutuante e articulado de maneira complexa (não há adaptação linear a um ambiente estável: quando algo inesperadamente muda no ambiente, uma característica que até então impedia uma "adaptação" plena pode, subitamente, tornar-se crucial para a sobrevivência do organismo). Desse modo, o darwinismo efetivamente prefigura uma versão da *différance* derridiana ou *Nachträglichkeit* [a posteriori] freudiano" (ZIZEK, 2012, p.54).

Zizek refere-se a um mecanismo que se estrutura de forma que é bastante familiar aos psicanalistas, algo que prefigura uma estrutura de ressignificação, *a posteriori* -- o *Nachträglich* de Freud -- onde um determinado traço pode, quando reativado, ser transformado caso seja requisitado em um novo contexto, ele servirá para um outro fim, funcionará de outra maneira. Esse fim não diz respeito à finalidade cosmológica, mas a um fim circunstancial e local, provisório, embora, dependente do caso, com momentos muito longos de estabilidade. Por causa disso, dessas ligações fundamentalmente contingentes, o adaptacionismo 'ingênuo' do discurso das coisas naturais e já dadas (tão ao gosto das justificativas metafísicas), sem nada que se opere como hiância, como 'tropeço', não se aplica, mas antes, como sugeri, nos impõe algo como uma falta-a-adaptar. A adaptação em Darwin, portanto, é um esforço no sentido de contornar e dar uma solução específica possível a um impasse em que o que está em jogo é a sobrevivência mesma, não se trata jamais de uma simples aderência ortopédica, de um simples encaixe. Logo, como propõe Zizek a propósito da desconstrução, a economia teleológica aparentemente tão ordenada da Natureza é "efetivamente o resultado de uma série de mudanças sem sentido". E não seria central ao desconstrutivismo, segue ele, que semblantes os mais plenos de sentido e finalidade serem produzidos por ocorrências contingenciais e sem sentido?

Não se trata aqui de entrar na questão de Zizek a respeito de Derrida, mas lembrar que Zizek é um teórico inspirado pelo pensamento de Lacan e, com isso, aponta para algo importante a que, no caso, devemos estar atentos. Havíamos anteriormente lembrado, apenas de relance, que Deleuze também se servira de Darwin para articular algo a respeito do tema da diferença. Retomemos:

A grande novidade de Darwin talvez tenha sido a de instaurar o pensamento da diferença individual. O leitmotiv de *A Origem das Espécies*, [-- escreve Deleuze, não sem um tempero espinosiano --], é o seguinte: não se sabe o que pode a diferença individual, não se sabe até onde ela pode ir, a não ser que aí se acrescente a seleção natural (DELEUZE, 1985, p. 237).

Deleuze enxerga a seleção natural, antes de mais nada, antes mesmo de qualquer preocupação conteudística, - o que é um passo fundamental para compreender mais agudamente a importância e o alcance dessa ideia -, como um movimento em que diferenças individuais "flutuantes" são selecionadas dentro de um determinado acoplamento favorável em uma determinada conjuntura. Prossegue Deleuze:

O problema de Darwin apresenta-se em termos muito semelhantes àqueles de que Freud se servirá em outra ocasião: trata-se de saber em que condições pequenas diferenças, livres, flutuantes ou não ligadas, tornam-se diferenças apreciáveis, ligadas e fixas. Ora, é a seleção natural, desempenhando verdadeiramente o papel de um princípio de realidade e mesmo de sucesso, que mostra como diferenças se ligam e se acumulam numa direção, mas também como elas tendem cada vez mais a divergir em direções diversas e mesmo opostas. A seleção natural tem um papel essencial: diferenciar a diferença (sobrevivência dos mais divergentes). Onde a seleção não se exerce ou não mais se exerce, as diferenças permanecem ou voltam a ser flutuantes; onde ela se exerce, é de modo a fixar as diferenças e fazê-las divergir (DELEUZE, 1998 p.237).

A seleção natural para nós é uma criação de Darwin que responde ao avanço da ciência moderna, - aqui entendida como discurso dos universais -, na seara do mundo do vivo, do terreno, dos naturalistas. Ao tentar tirar a criação divina do zênite, como se diz, e propor, em seu lugar, o aplanamento de tudo o que existe pelo viés da razão pela física e pela matemática (a fisiologia, etc), a ciência cria, sem sabê-lo, um resto inominável. Darwin só pode surgir a partir desse cenário de embate entre simbólico e imaginário, instituindo e retomando esse lugar vazio de autoridade, seja ela divina, bíblica, ou racional, - ou seja, vazio como uma cratera da lua -, sob a denominação de seleção natural. Que fique claro: ele não substitui esse lugar por outra ordem que ocupe esse lugar, mas ele apenas contorna esse vazio, atribuindo-lhe um lugar lógico de combinatória e decisão. Como se segue.

2.4 Da seleção natural e seu estatuto lógico-discursivo

A seleção natural é, em uma palavra, a fixação de uma variação dentre muitas possíveis, como que em um jogo de azar, como é a roleta do cassino, por exemplo. A seleção se dá no momento da adaptação, da 'escolha'. Entre os muitos possíveis variantes flutuantes de um organismo, um é 'fixado', no sentido de 'escolhido', 'selecionado' em função da sobrevivência. Deve-se, no entanto, atentar para o significante *seleção* e o papel que ele desempenha como chave da discursividade em que se situa Darwin. Inicialmente, ele teve que criar uma variação de tipos de seleção: além da 'natural', Darwin definiu também a seleção 'artificial', a seleção 'inconsciente' e a seleção 'sexual'. Todas essas categorias estão ligadas entre si; são, na verdade, posições diferentes que a 'seleção' ocupa nas relações do sujeito com a natureza, pois que não se trata de outra coisa do que isto, a saber, uma dialética de quem ou o que seleciona ou é selecionado, e de que modo, onde temos uma 'escolha', um 'escolhido', um processo redutor de encaminhamentos e singularidade. Isso é muito importante, pois é aí

nessas relações que se situa aquilo que rigorosamente distingue o darwinismo, não somente de outros pensamentos evolucionistas, mas também a distinção do próprio valor intrínseco do significante *seleção* e suas muitas possibilidades. Além disso, e também por causa disso, não podemos esquecer de que tudo aponta para a importância que o significante *seleção* desempenha em seu pensamento desde a *seleção* que implica em uma *coleção*, que atravessa a infância, a adolescência e as atividades de naturalista. Aí temos, concomitantemente, a lógica do *ser selecionado* pelo significante, estamos falando de *seleção* quando o que está em jogo é a constituição do sujeito no par alienação-separação (LACAN, Seminário XI - *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*). Contrapondo-se à sutileza que o significante *seleção* se prolifera e nos permite alcançar algo para além de uma prática, como veremos, entre cuidadores de gado e pombos, temos o entendimento de que o termo *seleção* é, sem dúvida, em Darwin, um significante-mestre de seu tempo, tempo tenebroso de exclusão social brutal por força do capitalismo vigente. À *seleção* vincula-se a famigerada angústia de Darwin, a busca cada vez mais crescente de tratamentos mais eficazes para o mal-estar do seu corpo, as dores, as cólicas, os vômitos constantes. Ainda hoje médicos e especialistas discutem o diagnóstico clínico do caso Darwin, e parece que, através dessas pesquisas, tem-se chegado a um consenso a respeito da doença de Chagas e suas decorrências. Foi infectado durante sua viagem no Beagle em uma excursão solitária por terra no Chile. Os biógrafos Adrian Desmond e James Moore, autores de *A vida de um evolucionista atormentado*, imprimem ao título de seu livro a dimensão que consideram fundamental para se pensar o sofrimento de Darwin: o tormento causado pela incompatibilidade de suas descobertas com os ideais da sociedade em que vivia. Desmond e Moore, assim como médicos e psiquiatras de todo o tipo, procuram mostrar que os sintomas da doença pioravam muito em função desse tormento, dessa angústia. Em função disso, era um homem atormentado pelo seu pensamento. Mas um pensamento que tem na base da sua nova biologia, podemos dizê-lo, algo que tem como preocupação maior o corpo, seus limites, suas fronteiras, o corpo como evidenciação, não apenas dos males e da fraqueza do corpo enquanto organismo, mas sobretudo da incompatibilidade fundamental do humano, da condição humana, consigo mesmo nesse lugar onde a questão está em *se ter* ou *ser* um corpo - a evidenciação do mal-estar, de um estranhamento. Esse mal-estar, em Darwin, vem desse algo que se joga ao nível do corpo mesmo e que a ideia de *seleção* natural indica e nomeia: uma restrição a partir de um capricho, um impasse, a contingência, a falta de um agente, de um centro, a falta de um Outro do Outro (para usar uma expressão de Lacan). O corpo jogado à sua própria sorte no mundo, fragmentado, historicizável e, depois, como ele próprio percebe, sexualizado, fantasiado,

marcado e mutante. A questão da hereditariedade, por exemplo, é um dos fantasmas mais conhecidos de Darwin. A fraqueza e as doenças de alguns de seus dez filhos, além da morte prematura de tres deles - onde se destaca a tão amada Anne que se foi com apenas dez anos (Anne Elizabeth Darwin - 1841-1851) - levou-o a se indagar se eles não teriam herdado justamente dele a fraqueza ou a predisposição, senão mesmo sua própria doença, pelo fato de ter se casado com sua prima, Emma Wedgwood. Lembremos que sua mãe, Susannah Darwin, nascida Wedgwood, também viria a óbito após longos anos de reclusão em seu quarto ou em clínicas de tratamento, uma sintomatologia difusa de um mal não identificado. Todos esses pensamentos, enfim, encontravam seu ancoramento na ideia segmentada que ele muito trabalhou e ajudou a esclarecer no campo da biologia: a ação de cruzamentos entre indivíduos muito próximos dentro de uma mesma espécie resulta em fraqueza e fragilidade do organismo do indivíduo, ate mesmo sua deformação e, conseqüentemente, sua extinção, ou seja, todos problemas decorrentes de pouca ou quase nenhuma variação.

Darwin não tinha envolvimento pessoal com os debates as e as questões políticas e sociais do seu tempo ou, mais especificamente, ele não compartilhava as apreensões e as preocupações cartistas ou de um Marx e de um Engels, por exemplo. Tudo isso parecia estar longe do silêncio do seu escritório e dos belos jardins de Downe onde dava curso às suas experiências. Isso, no entanto, tinha sido definido propositadamente em 1842 quando ele e Emma, casados e já com o primeiro filho, Erasmus, passaram a viver em Downe: fugir da confusão de Londres, cidade onde tudo acontecia. Tudo isso parecia não incomodá-lo com exceção do seu fervor anti-abolicionista, que a muitos surpreende! Nesse assunto, sim, sua preocupação, sua ansiedade, era diária, acompanhando os jornais todas as manhãs e trocando cartas com pessoas de todas as partes envolvidas com a causa. Para Browne, o anti-abolicionismo de Darwin era comun entre os *whigs*, era algo bem visto e civilizado, havia aí um contexto político oportuno depois do papel fundamental, como é sabido, da Inglaterra, ela própria como maior vilão responsável pelo mercado negreiro.. Mas a questão mereceu uma investigação mais apurada que o mesmo Adrian Desmond levou adiante em um estudo recém publicado, inclusive no Brasil. O trabalho enfoca o envolvimento entusiástico de Darwin com o antiabolicionismo como o verdadeiro elemento motivador de sua teoria evolucionista, que visava mostrar, já de saída, que a disposição tradicional e racista que diferenciava radicalmente o homem dos animais estava errada. Darwin provou que a origem é uma só para todos com variações 'infinitas'. E sabemos, como veremos mais detalhadamente aqui, que o *homo sapiens* é um evento decorrente de 'uma' variação, - mais uma dentre tantas -, mas uma

variação diferenciadora, de corte, onde o que entra em jogo é a dimensão da linguagem para além do imaginário animal.

Então temos significantes darwinianos como 'luta pela sobrevivência', 'seleção', 'árvore' e tantos outros... todos eles pairam no ar de seu tempo, de sua época, de sua cultura. Mas atenção: eles têm incidência singular no seu discurso, em sua escrita. Eles adquirem um novo registro na ordem discursiva darwiniana propriamente dita. É preciso dizer que o sujeito Darwin não está colado aos comandos do pensamento vitoriano vigente, como bem quereria uma ordeira e acrítica prática biográfica, seja acusadora ou hagiográfica. Esse ponto é fundamental. E não tive outro modo de tentar mostrar isto de forma a mais eficaz possível senão selecionando o significante "seleção" para mostrar, primeiramente, que, tudo leva a crer, esse significante é incidência indireta do mundo que o cercava, ou seja, ele já aparece na sua obra como "síntese" pessoal e teórica das questões centrais de sua sociedade. Embora sua vida "despreocupada" em relação aos fatos da política em seu país, "seleção" é já em si uma interpretação, um registro da situação pelas derivas do sujeito. O termo "seleção" revela uma inelutável e rica dimensão política, na medida em que devemos entender que a palavra escolhida por ele perde muito de sua carga meramente objetivante que restringe o social e o político a uma prática entre cavalheiros e ideias - aqui, em Darwin, o ponto atingido é diretamente o corpo, pois isto já se instala no singular de seu discurso, registrando e nos revelando outras dimensões fundamentais para o significante "seleção". Vejamos isto no que se segue.

A seleção, portanto, não apenas serviria como um "princípio de realidade" (nas palavras de Deleuze na citação acima) ou uma fixação a partir da seleção de uma variação disponível, na operação de adaptação e divergência, - mas também, graças a esse mesmo processo de divergência da divergência, de diferenciação da diferença, deve conduzir nosso interesse ao que ela revela como segredo dessa realidade, como articulou Lacan: o real. A seleção natural, conceito que atraiu tanta polêmica, tanta indignação, assim como tantas certezas e deu lugar para justificativas ideológicas as mais diversas, pode encontrar, em nossa articulação ética e estética, seu lugar como agente de uma escrita, da 'escrita darwiniana', uma escrita a partir do real, uma escrita de litorais. Eis a hipótese.

Como vimos, além de 'interpretação' da incidência das questões de seu tempo em uma palavra em sua obra, o encaminhamento concomitante para uma ideia de 'seleção' se desenvolve a partir da variabilidade das espécies, conforme ele, espantado, testemunhou na experiência de sua viagem no Beagle, a partir das análises de espécies das amostras coletadas

por ele feitas por especialistas e com os experimentos nos jardins de sua casa, em Downe. Na introdução da quarta edição de *A origem das espécies* ele escreve:

Quando a bordo do H.S.M. Beagle, no qual servi como naturalista, fiquei muito impressionado com certos fatos referentes à distribuição dos seres vivos existentes na América do Sul e às relações geológicas entre a fauna e flora atual e extinta daquele continente. esses fatos a mim me parecem lançar alguma luz sobre a origem das espécies -- "mistério dos mistérios", conforme a definição de um de nossos maiores filósofos. Logo após meu regresso ao lar, em 1837, ocorreu-me que talvez pudesse ajudar a esclarecer essa questão, através da paciente acumulação e do estudo de toda sorte de fatos porventura ligados ao tema (DARWIN, 1859/2002, p.37).

Uma vez verificada essa variabilidade, ou seja, essa tendência ou capacidade dos seres vivos para a variação, se impõe a ele o trabalho de descobrir por qual mecanismo se dá efetivamente a modificação das espécies - tudo levava a crer que a variação levava à transmutação de uma espécie em outra, ou seja, a acumulação de pequenas variações teria por resultado o surgimento de uma nova espécie. Darwin começa, neste mesmo ano, a estudar as práticas da variação provocadas artificialmente por criadores de animais domésticos, entre eles os cães, as raças de gado, os pombos, e também entre cultivadores de plantas. Trata-se da conhecida e já tão praticada **seleção artificial**. Darwin, entusiasmado, começará ele próprio uma criação de pombos nos jardins de sua casa, em Downe. Para tanto, ele se aproxima de columbófilos e daqueles que obtinham os saberes dessa prática, aderindo, inclusive, a clubes da comunidade desses criadores, sem falar na pesquisa de campo monumental que ele promovia, correspondendo-se com profissionais de outras especialidades de seleção artificial, criadores, cultivadores de todos os pontos do império britânico, enviando-lhes questionários e consultando a respeito de detalhes e 'causos'. Inicialmente, observando o trabalho e o relato dos columbófilos, o trabalho de que se trata é uma espécie de 'modelagem' feita através do entrecruzamento entre pombos para exposições puramente estéticas, os chamados pombos ornamentais. Ele observa que o método utilizado por esses criadores obedecia a uma regra simples de seleção. Um determinado traço de um pombo como o cambalhota, por exemplo, que voa a grandes alturas e "dá cambalhotas em pleno vôo", é resultado da sua contínua seleção no decorrer dos cruzamentos realizados. Uma vez obtido o resultado, o esforço do criador é manter essas características inalteradas e excluir toda cria que não as possua.

Diversamente dos criadores de gado, por exemplo, que almejavam trabalhar variedades para obter melhorias em termos da carne, couro, etc., a variedade de pombos expostos nesses eventos lhe parecia muito interessante, os traços isolados pelos criadores eram por si mesmos extravagantes, caprichosos, esteticamente falando.

A diversidade das raças é algo espantoso! compare-se o pombo-correio inglês e o cambalhota de cara comprida -- logo se nota a incrível diferença entre seus bicos e suas consequentes diferenças cranianas. O correio, e mais especialmente o macho, é também notável pelo curioso desenvolvimento da pele caruncular que lhe envolve a cabeça, peculiaridade à qual se somam as pálpebras muito compridas, os amplos orifícios nasais e o bico muito largo. Já o cambalhota de cara curta possui um bico de formato quase idêntico ao do tentilhão, enquanto que o cambalhota comum possui o hábito singular e inteiramente hereditário de voar a grandes alturas em bandos compactos, dando eventualmente uma cambalhota em pleno vôo. O pombo-galinha é uma ave de tamanho grande dotado de um bico muito grosso e grandes patas. Algumas de suas variedades apresentam pescoço comprido; outras, asas e caudas muito longas; já outras têm as caudas estranhamente curtas. O barbado é aparentado com o correio; porém, ao invés do bico longo, tem o seu curto e muito largo. O papo-de-vento possui corpo, asas e pernas muito compridos, além do papo anormalmente desenvolvido, que ele aprecia fazer inchar, exibindo-o orgulhosamente, produzindo em quem o vê um grande espanto, e às vezes o riso. O gravatinha possui um bico muito curto de formato, de formato cônico, e uma faixa de penas eriçadas no peito, tendo o hábito de dilatar ligeira e continua e continuamente a parte superior do esôfago. O fradinho tem umas penas tão eriçadas na parte anterior do pescoço que dão a ideia de um capuz, enquanto que as penas das asas e da cauda, proporcionalmente a seu tamanho, são muito alongadas. O corneteiro e o gargalhada, como seus nome indicam, arrulham de maneira bastante singular. O rabo-de-leque possui umas trinta ou quarenta penas na cauda, ao invés de doze ou quatorze que são o número normal de todos os membros da grande família dos pombos. Além disso, essas penas estão sempre eriçadas, a tal ponto que, em espécimes puros, a cauda chega a tocar na cabeça. Já sua glândula oleífera é inteiramente atrofiada. diversas outras raças menos distintas também possuem suas particularidades próprias (DARWIN, 1859/2002, p. 51).

Gostaria de destacar três observações fundamentais que ainda devem ser feitas no que tange à modelagem dos animais: conforme o criador seleciona um determinado traço, outras características apareciam acompanhando o conjunto das formas e funções do organismo como um todo, é o que Darwin chamou de "correlação de crescimento". Ou seja, a imposição de procedimentos seletivos específicos incorrem na aparição colateral de traços não previstos. A segunda observação se refere à teoria e às pesquisas de Darwin, que fizeram-no sugerir que todas essas variedades de pombos teriam surgido de um único ancestral, o *Columba livia*, conhecido como pomba-das-rochas. A terceira é a que se refere a esses traços selecionados, pois se trata justamente de traços que lá já estavam dados a ver pelo aspecto ou comportamento específico de um ou de dois indivíduos, e que foram escolhidos e hiperdimensionados ou levados ao seu extremos. No entanto, observa ele, espantado:

embora todas essas raças se assemelhem bastante à espécie selvagem [pomba-das-rochas] no que se refere à constituição, aos hábitos, à voz, à cor e à maior parte de suas características estruturais, todavia apresentam peculiaridades extremamente anormais quanto a certos pormenores de sua estrutura: podemos procurar em vão por toda a família dos columbídeos e não iremos encontrar um bico como o do correio-inglês, ou o do cambalhota-de-cara-curta ou o do barbado, nem penas eriçadas como

as do fradinho, ou uma dilatação do esôfago como a do papo-de-cento, ou uma cauda eriçada como a rabo-de-leque (DARWIN, 1859/2002, p. 54).

Isso mostra como a seleção artificial encontra os limites da sua ação colocados pelo próprio corpo do 'selecionado', mas, por outro lado, revela ao mesmo tempo o fator surpresa numa infinidade de variações que a natureza é capaz de produzir em traços desviantes, não previsíveis e inúteis! Em função disso podemos compreender o que Darwin queria dizer quando enfatizava a função "criativa" da natureza. Criativa, é preciso deixar bem claro esse ponto fundamental, não no sentido do que o selecionador, no caso da seleção artificial, seleciona em seu capricho "criador", mas antes pelos efeitos não previstos na invenção de novas formas a partir do intervalo entre o previsto e o resultado obtido, desse ponto de 'nada', onde há "criação", ou surgimento, de traços não encontráveis antes na história evolutiva da espécie em questão.

Decorre que a seleção artificial servirá de trampolim para a fundamentação da ideia de seleção natural. Natural? O que seria então o "natural" aqui, ou seja, percorrendo esse mesmo raciocínio? Se o selecionador da seleção artificial, como foi o caso dos pombos acima, encontra resultados que anteriormente não eram previstos nos traços da própria história evolutiva da espécie selecionada, ou seja, que há um evidente **intervalo** entre o que é selecionado e o que se obtém como resultado, o *natural* da Seleção Natural seria, ampliando e assumindo esse intervalo, algo que se refere à seleção que ocorre sem agente algum, sem ninguém que selecione ou 'escolha', ficando isso ao encargo de um **vazio**. Se a seleção artificial tem como agente os criadores e agricultores, ou qualquer ato deliberado, intencional de promover modificações em função de um objetivo específico, seja estético ou útil (aperfeiçoamento ou melhoria), a seleção natural denuncia o buraco que interfere no trabalho da seleção artificial, ou seja, que há um ponto que resiste aos esforços planejados do selecionador artificial. Temos aqui a revelação de uma hiância. Por outro lado, da seleção artificial, para além do resultado almejado, obtém-se um resto, um resto enquanto dejetos. Na insistência de selecionar uma determinada variação de determinado animal, por exemplo, nesse mesmo movimento, algo resta dessa seleção, a saber: tudo aquilo que não serve ao parâmetro desejado, ou seja, tudo aquilo que é eliminado no processo, sejam, no caso, seres mal-formados ou com variações inesperadas não desejadas. Esse resto da seleção artificial é que fundamenta logicamente o mecanismo da seleção natural. Esse resto, que é o resto que identifico ao *a* dejetos do discurso do mestre é o que será tomado como perdido, mas que, de algum modo tem seu lugar operacional no discurso darwiniano.

Antes de prosseguir, observemos que a seleção artificial, um saber de manipulação e seleção, ocupa, por analogia, o lugar do humanista, ou seja, o lugar outrora atribuído a Deus na lógica medieval. Na linguagem medieval, 'seleção' cai como uma luva no sinônimo 'desígnio' - design, no entender de Paley posteriormente -, desígnios de Deus. Deus seleciona e/ou escolhe, organiza e desenha a Natureza (como um *designer* de produtos o faz hoje em dia) e põe para funcionar o mundo, mostrando ao homem que a Natureza é a perfeição e seu exemplo, seu espelho, uma vez que o homem como "eleito", "selecionado" pelo Pai é feito à semelhança de Si. Há na raiz do raciocínio de Darwin uma teologia matricial e, em seguida, um modo peculiar de seu esvaziamento.

A seleção artificial, portanto, podemos notar facilmente, ela se encarrega de uma função de modelagem de certa forma contínua ao mundo dos desígnios, mas num outro nível. Aqui estamos ao nível da revolução industrial, da modelagem do mundo pelo homem. Ele agora 'designa', 'desenha' o mundo à sua maneira, à maneira da manipulação desse mundo em função de um Bem, ou, como diz Lacan, dos serviços de bens (Lacan, Seminário VII *A ética da psicanálise*). Isso é conhecido de todos, mas, aqui, especificamente, no exemplo aparentemente inocente de Darwin do capricho das convenções estéticas columbófilas (que valem prêmios, dinheiro e prestígio nas exposições), por exemplo, é de estrutura o mesmo que Galton, mais adiante, desenvolverá sob o nome de *eugenismo*. O eugenismo, palavra criada pelo próprio Galton, significa "bem nascido" e é basicamente isto: a seleção artificial em prol de um "bem", ele é, pois a nota tônica em torno da qual gira a lógica da exclusão, da eficácia da ciência e do progresso para um 'mundo melhor' e mais saudável, mais 'purificado'. Podemos também localizar aqui, na discursividade, esse *a* excedente reintegrado pelo agenciamento do saber (S2), da máquina capitalista, anulação do sujeito pelo saber da ciência, em última análise, do poder a ela atribuído graças à parceria com o capital.

As práticas eugênicas estão aí, desde as historicamente mais bizarras e violentas - o nazismo, a Ku-Klux-Klan, as políticas de Estado de limpeza étnica, etc - às mais 'suaves' e, digamos, 'invisíveis' que perpassam o dia-a-dia do capitalismo de consumo da vida atual. Aí está como a prática mesma dos criadores, dos preciosistas e estetas de manual é retratada e de como essa prática e seus valores adentram a teoria de Darwin - o modo como através desse anseio pelo Bem do Homem, esse bem sedutor, que é o bem dos bons modos da etiqueta do *gentleman*, dos homens de honra, de uma sociedade europeia bem moldada e suas boas famílias, enfim, os tesouros da genealogia. Francis Galton, primo de Darwin, se entusiasmará com a ideia que a investigação de Darwin levava adiante com suas buscas estatísticas, suas investigações genealógicas e a grande quantidade de dados que obtinha dos criadores e

cultivadores de todas as colônias britânicas. Galton, obcecado com a questão da origem dos gênios, ou bem-dotados, estudava os labirintos das árvores genealógicas das famílias mais nobres da Inglaterra à procura de antepassados que explicassem a genialidade de um elemento que fosse um grande escritor ou um gênio da ciência, ou simplesmente alguém bem-dotado em alguma atividade. Para ele, se as características comportamentais de um pombo passam através de cruzamentos, por que não aconteceria o mesmo em relação aos homens? O que se 'oculta' por trás da barbárie do eugenismo - ou, como disse Lacan, barbárie do século darwiniano -, é, na vida naturalizada e cotidiana, a mais 'nobre' intenção na busca pelo Bem ou pelos serviços dos bens, cracterísticos também da vida burguesa. Isto se referencia sempre à busca sempre pelo melhor, pelo mais aperfeiçoado - um compromisso com o ideal das boas formas e perfeitamente adaptáveis. Talvez possamos de algum modo pensar que o mundo em que vivemos nesse século XXI se sustentaria nas bases eugênicas que são encontradas disfarçadas nas promessas da ciência e do progresso, no sufocamento do sujeito pelas práticas medicamentosas e pela extinção da clínica e, em seu lugar, a adoção exacerbada de manuais diagnósticos na prática psiquiátrica - limpa-se todo terreno, e calam-se os sujeitos, para que as indústrias prossigam engordando seu faturamento.

No seu avesso, as boas intenções do eugenismo - pois se tratam de verdadeiras e problemáticas boas intenções - revelam o verdadeiro horror à degenerescência. Se não há agente algum operando na natureza, se não há o grande Criador, ou ainda: em não havendo esse Criador, os homens estarão perdidos e abandonados aos caprichos da natureza, da seleção natural? Ou relegados ao lugar da responsabilidade de manter a ordem? 'Devemos fazer algo para tomar o controle da situação!'. E é para evitar a degenerescência que a ação prudente e asseguradora, purificadora, de práticas seletivas diversas começaram a se espalhar e se organizar, a se institucionalizar. Práticas de 'planejamento familiar', de políticas de 'contenção' de crescimento populacional, visando 'desestimular' a 'reprodução' (os 'cruzamentos') entre ou pessoas de classes diferentes do padrão aconselhável, ou de raças diferentes; perpetração de práticas de educação adestradora em bases hierárquicas e absolutas de conhecimento (o ideal do superdotado ou do gênio, os testes psicológicos, etc.); ideias da herança genética de traços adquiridos assim como características intelectuais, todos eles de maneira exclusivamente biológica, mostrando o adaptacionismo de Galton, que é o adaptacionismo da adaptação compulsória: é preciso, é obrigação do Estado promover a limpeza eugênica a qualquer custo. Existe aí todo um mandamento estético como um modo de maquiagem o esburacamento, a 'anomalia', que a leitura genealógica divergente, a de seu primo Darwin, revelava. Aqui estão também as origens da antropometria e seus laboratórios. Galton, considerado o pai da

psicometria, e, graças a ele e seus seguidores, trabalhou em sua preocupação com as medidas da precaução: diversos testes psicológicos são corriqueiramente aplicados na seleção de pessoas, - pois que, justamente se trata de uma 'seleção' ou 'eliminação' quando falamos de Recursos Humanos -, o que circunscreve a "lua de mel" do capitalista com a boa vontade humanista de seus auxiliares cientificistas. Os "recursos", os "humanos", são classificados, e está aí toda a condição de servidão à lógica capitalista.

Galton também se interessou sobremaneira pela ideia de singularidade, aplicando a constatação da operacionalidade na evolução das diferenças individuais. Mas ele não pensa essas diferenças como Darwin pensava - a diferença da diferença era uma ameaça - seria a 'degenerescência'. A questão da identificação do indivíduo para o controle do Estado está muito presente no estudo ao qual ele se dedicou com afincamento sobre as impressões digitais. Cada indivíduo possui no corpo características únicas e irrepetíveis, e a impressão digital foi a característica mais fácil e conveniente para os fins de identificação documental, embora elas se organizem em certas referências classificatórias gerais. Se é preciso tirar um documento de identidade ou votar em urnas "biométricas", deve-se lembrar sempre de Galton.

Quando adentramos o campo da seleção natural, trata-se justamente de poder ver no eugenismo a verdade da seleção natural; o horror do eugenismo, o que ele quer evitar a qualquer custo são as brechas, as rachaduras, as incertezas e inconsistências que a natureza parece deixar transparecer pela lógica da seleção natural: a própria desordem constitutiva do sujeito humano. O eugenismo é o imaginário se fechando abruptamente para qualquer sinal de desordem. Ou seja: o eugenismo é a verdade da seleção natural, pois se volta com desconfiança para a natureza, que, se deixada livre para percorrer o seu fluxo, sem nenhuma medida protetora ou de controle, a degenerescência fatalmente desembocaria no que há de mais assustador no real pelo desamparo. E, com isso, fica patente, que, se por um lado, Galton talvez seja a expressão reativa mais inflamada ao discurso darwiniano, ou ao que ele porta de ameaça à nobreza da condição humana como "flor da criação", por outro, fica claro que entre Galton e Darwin nada os liga a não ser troca de algumas informações científicas e alguns elogios por correspondência.

Há uma identificação, ou aproximação, perigosa entre o que se passa em termos de ciência e o eugenismo nos dias de hoje quando o controle total e transparente de todos os dados, pela biologia atual na identificação e contagem, organização e manipulação dos genes. Os benefícios serão enormes com os progressos sempre mais expressivos nos domínios da clonagem, nas técnicas de manipulação genética para a cura de doenças, etc.

Vemos que, já nesse pequeno levantamento das diferenças entre Darwin e Galton, ou melhor, no uso que Galton faz das constatações e elaborações de Darwin, podemos talvez compreender um pouco a dimensão de furo do darwinismo em relação a uma dada ordem estabelecida, de subversão do *establishment*, nesse tipo de reação desesperada e perversa, para não dizer de todos os esforços contínuos de apagar o elemento ético vital do trabalho de Darwin ao colocá-lo no lugar da certeza científica absoluta e enterrá-lo justamente sob a Abadia de Westminster, como ironicamente observou Freud. Galton é, no entanto, e é preciso dizê-lo com todas as letras, uma manifestação cientificista, ideológica e política perfeitamente harmonizada e previsível de alinhamento com esse tipo de sociedade, que já se caracterizava nesses moldes muito antes do surgimento de Darwin. Como se costuma dizer, a ideologia retorna sempre aos mesmos pontos no sentido de não deixar avançar, de manter e conservar um *status quo*, nem que, para isso tenha que mudar no seu modo de ação. Mas o avanço da ciência, do 'verdadeiro espírito científico' é, de fato, algo de outra ordem, da ordem de um acontecimento heterogêneo. Sendo assim, o próprio Darwin só pode ser compreendido em seu estatuto subversivo real porque opera um reviramento no mesmo lugar, a partir das mesmas bases e valores culturais, a partir de uma hiância.

Um outro tipo de seleção concebida por Darwin é a "seleção inconsciente". Ela servirá a Darwin como uma maneira de pensar, em termos lacanianos, a dimensão simbólica autônoma decorrente da formação social humana que atua modificando tanto o natural quanto a relação dos homens entre si. Isso aparecerá, veremos oportunamente, no que Darwin constrói de desdobramentos - que pouco conhecemos - a partir da sua horda primeva em *A origem do homem*. Por ora, podemos dizer que a seleção artificial, inspirada em práticas de modelação de animais através de entrecruzamentos, foi o *insight* de Darwin para mostrar que, nesse caso concreto, a efetivação ou a realização de uma vontade, vontade de um agente determinado, um capricho daquele que deseja moldar. Aqui tem um eu que define sua ação. Nesse mesmo ponto, no entanto, a ausência do Agente da natureza, proposta implicada na ideia de seleção natural, vai mostrar para Darwin algo que é, na verdade, o olhar do objeto que não há, que falta. Aqui o fetiche, no sentido de Marx, tem sua queda fundamental e as relações de rede realçam-se e se complexificam na variabilidade (na variedade), deteriorando as ligações lineares de causa-efeito. Logo, é o objeto-causa-de-desejo o qual só podemos tematizar quando ficar claro que proceder os entrecruzamentos no gado em uma fazenda ou em uma criação de pombas não é outra coisa senão estar inserido e atuante em um discurso, no laço social.

Darwin não desenvolveu suficientemente esse caminho da seleção inconsciente, ele apenas indicou essa possibilidade, nomeou-a como parte dos desdobramentos da sua hipótese da horda primeva, mas não passou disso. O que não significa que outros cientistas não tenham se utilizado dessa categoria. Carl Sagan, em *Cosmos (Série de TV)*, relata um dos mais conhecidos exemplos de seleção inconsciente com a história do caranguejo-samurai. Determinados caranguejos encontrados no Japão, conhecidos como caranguejos-samurai - o nome já diz - causam impressão quando vistos de perto: na carapaça, cada indivíduo tem como que esculpida a forma expressiva de um rosto humano oriental, mais precisamente o rosto de um samurai com cenho franzido, aguerrido. A explicação para esse efeito que podemos considerar de escrita, ou de *lituraterragem*, está, como nos conta Sagan, na história do Japão medieval, quando duas dinastias, de um lado, os *Heike*, da *Casa de Taira*, e, de outro, os guerreiros *Genji*, do clã *Miyamoto*, lutaram por quase meio-século pelo domínio do Japão. Em uma batalha final sangrenta, a *on dura*, venceram os *Genji* sobre os *Heike*, e essa vitória marca a transferência do poder da aristocracia para a classe guerreira, dando início ao período de liderança militar japonesa, o chamado shogunato.

O pequeno imperador *heike*, Antoku, de apenas sete anos de idade, é recolhido por sua avó, Nu, e levado para o alto mar onde ambos morrem atirando-se às águas para não serem capturados pelo inimigo. Os guerreiros *heike* que sobreviveram à batalha, em desespero, também atiram-se ao mar, almejando juntarem-se ao seu imperador. Os pescadores, por motivo talvez relativo a algum caranguejo cuja carapaça se assemelhasse, nem que ligeiramente, à uma face humana, ou algum pescador que tivesse visto (projetado) o rosto de um dos leais samurais do pequeno imperador na carapaça de um certo caranguejo, iriam começar um processo de prática seletiva "inconsciente" no momento da pesca: os caranguejos que se assemelhassem aos samurais *heike* eram jogados de volta ao mar, enquanto aos que não se assemelhassem eram servidos à mesa junto aos demais.

O quarto tipo de seleção, a seleção sexual, esplanado e desenvolvido em *A origem do homem* (1871), implica, para nós, numa imbricação desses tipos diferentes, mostrando suas interconexões a partir de uma inovadora problematização da sexualidade no campo da biologia, desta vez tomando o prazer e as afecções do corpo humano como referência (o que, na verdade, sempre fez de forma oculta desde *A origem das espécies*). Não a sexualidade catalogada dos cientistas, mas a sexualidade animada e impregnada na natureza e no homem. Se em *A origem das espécies*, extrai-se, por causa da variabilidade, um real pela falta do agente selecionador na seleção natural e a hiância que o indica na seleção artificial, a seleção sexual, por sua vez, terá por tarefa responder pela função do sexo nessa variabilidade, ou

seja, na falta-a-adaptar que a noção de seleção natural implica. A seleção sexual trata da seleção pelo senso estético e imaginário na natureza, sobretudo entre os animais. Ela diz respeito à luta de machos pela fêmea e, por parte desta cabe a apreciação do macho e sua escolha (seleção) individual. Diz respeito também às cores e à variedade de maneiras de se fazer a corte com danças e rituais que têm por objetivo a sedução. A tradição darwinista, no entanto, acabou por engessar esse conceito como tentativa de explicar objetivamente a função do sexo no sentido teleológico restrito de transmissão de bons genes para futuras gerações (semelhante ao modelo eugênico, diga-se de passagem). Mas, na medida em que, em Darwin (e não na tradição darwinista), procura-se aplicar o mesmo em relação ao homem, a teoria explicativa categórica perde seu estatuto explicativo totalizante e ganha, por outro lado, o tom especulativo de quem tem uma questão a propor, pois, para Darwin, em sua obra, em grande parte dela, pululam as interrogações, onde o mais importante será formular questões do que respondê-las. A teoria darwiniana, como observamos, visa sobretudo o estudo do homem (que, segundo propõe, não pode se dar sem o estudo dos animais e da natureza), e assim a teleologia perde em seu ponto central em relação a tudo o que fora formulado antes ou depois por outros autores progressistas ou vitalistas, racionalistas, etc.. Mas a tentação explicativa sempre conduz a um certo embrutecimento teleológico aqui e ali em pontos estratégicos {como a questão do gens}. Ao pensar e escrever sua 'estragante' teoria da seleção sexual, uma série de coisas tiveram de ser reconsideradas e desestabilizadas por influência mesma do aspecto idiossincrático e disparatado que o dito 'humano' produz de inquietação e desafio a explicações em geral. Isso tem efeitos *a posteriori* em tudo o que em sua obra vinha antes e se apresentava como 'garantia teleológica' em sua obra. Assim tudo o que, por ventura, diz respeito às diferenças no sentido estético e sua função operatória na natureza, alcançará uma dimensão inédita. Por exemplo, a função seletiva da fêmea está sempre em um limite entre a idiossincrasia e a existência certa de um signo certo responsável por sua 'escolha', afinal é impossível ter certeza quanto a isso, nos diz ele. Nesse lugar ele propõe que a função da escolha e de uma estética deve evoluir desse ponto, pois, suspeita ele, que a escolha da fêmea é algo que mostra ao observador que, na natureza, o animal já tem preferências e julgamento estético. E assim por diante, nas manifestações de afeto de qualquer ordem, a função das cores e dos rituais na corte, a importância do canto dos pássaros e o canto de alguns primatas no momento da sedução, os instintos sociais dos animais superiores, como ele chamará o drama de que Freud se servirá para construir seu mito a partir do pai da horda primeva, entre outros.

Em a *Origem do homem* e o seu complementar, *A expressão das emoções no homem e nos animais*, de 1872, Darwin procurará ver na natureza todos os traços ditos humanos já disponíveis entre os animais para fazer hipóteses em relação ao homem. O procedimento, como de uma 'dissecação', é uma leitura científica de natureza muito peculiar, para tentar provar que, quanto ao homem, não se trata de algo que tenha se originado de outra parte senão do repertório limitado, mas sempre variável e infinitizado, de um certo animal. O homem, portanto, não é uma meta, um destino aguardado ou o suprassumo da criação, ele é resultado de uma junção de variações que encontram uma circunstância decisiva para o seu surgimento. Ele dirá que a diferença que separa o homem dos animais é de grau, como dirá Freud em relação à gradação entre o normal e o patológico. E que nessa circunstância decisiva, que no seu entender, é um processo que se estende provavelmente em milhares de anos, há uma inversão seletiva que procura, a partir dos 'instintos sociais', adquirir o poder de lidar, evitar os buracos e os caprichos da seleção natural nos seus maus encontros, o que mostra suficientemente, a propósito de Freud, a dimensão patológica mesma que deve fazer corte com o simples animal. A espécie de primata cuja horda é chefiada pelo pai ciumento, doente de ciúme, hipótese de Darwin, não é apenas um elemento também mítico dentro do mito freudiano, mas também um elemento retirado de toda uma construção teórica, a de Darwin, que, naturalmente, permanece nos bastidores do mito freudiano. Com a publicação de *A origem do homem*, essa construção causou muita polêmica e foi considerada ousada demais para a sua época e os padrões científicos de seu tempo - e o é ainda hoje, se pensarmos que sua obra ainda se presta a diversas leituras.

Para compreendermos um pouco do que acontece nesses diversos níveis de seleção, é preciso que retornemos à seleção artificial para dizer que ela, que na sua definição, já está implícito o sexual. O sexual como seleção, como escolha e capricho dos selecionadores, é evidente no que parece introduzir de saída um sujeito que escolhe, que seleciona, mostrando sua predileção, seu capricho. E creio que se possa entender que, o que dissemos sobre o eugenismo e sua relação de proximidade com a ciência, e a fatal e inevitável secreção científicista desta nas ideologias, na expressão do controle transparente e fino de tudo, isso tem a ver com o significante, pois a dimensão inconsciente é tudo o que o eugenismo quer evitar, pois evoca o furo. Por outro lado, há uma designação estética nas práticas de seleção artificial entre criadores de animais, cuja operação está sim atrelada ao sexual, onde a escolha tem um que de esportivo, recreativo.

Se o sexual é da ordem do simbólico, da significação cada vez mais abrangente e asseguradora do controle sempre irrestrito, ele é, por outro lado, em psicanálise, não sem uma

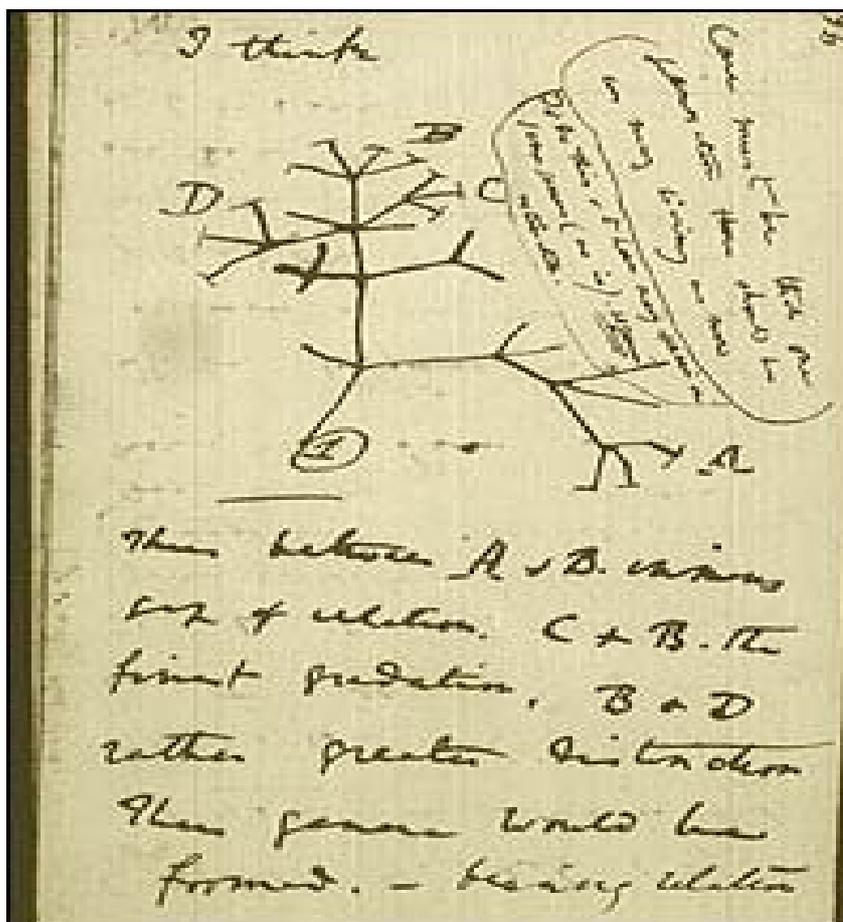
relação com uma questão, com um enigma e uma objeção à esse avanço cada vez mais voraz, no caso, da ciência e do capitalismo. Dessa maneira, a seleção sexual será também uma resposta, uma elaboração, em Darwin, em função de um real. Ele parece formular a pergunta, o que resta da nossa sociedade vitoriana com essa desarrumação - como, inclusive, dizia ele no episódio do terremoto no Chile em 1834. O que fica da fantasia do mundo limitado das espécies fixas e sistematizadas por Lineu? o que resta dessa ternura e dessa polidez civilizada que tanto parecia evidenciar um status diferenciado do homem em relação aos animais, ou dos cavalheiros em relação aos bárbaros, uma vez que foi desses "primitivos" que descendemos!? Sim, essa fantasia vitoriana, chamemos assim, esse sonho de poucos 'eleitos', denominamo-la fantasia porque sustentava a cegueira imaginária: bastava ao cidadão de qualquer cidade média inglesa, ou do território britânico, caminhar, motivado que fosse por um pouco de curiosidade a respeito da sua ou de uma determinada cidade, bastaria esse pouco, descendo as ruas dos bairros antigos (os casarios do mundo antigo), como veremos mais para frente com Engels em suas viagens à Inglaterra e suas caminhadas pelos bairros operários miseráveis, para constatar onde vicejava o dejetos e ao mesmo tempo a objeção, o obstáculo que ali se apresentava de forma tão gritante a essa fantasia. A fantasia é seletiva em sua própria articulação de fuga em relação à falta no Outro, na forma de uma janela, como expõe Quinet:

o vazio da janela é a falta no Outro - buraco deixado pelo objeto perdido desde sempre. A estratégia do sujeito é fazer com que o objeto causa do desejo volte para a janela vazia. Para este fim, ele usa o eu como imagem do outro [i(a)], envelope imaginário do objeto, seja a fantasia [s punção a], que encena sua relação com o objeto (QUINET, 2002, p. 12).

Deter-me-ei nos desdobramentos dessas categorias mais a frente, quando pudermos ver com mais clareza a questão de uma escrita que deve perpassar os dois temas condensadores de todas as problemáticas de Darwin, temas também caros, fundamentais a Freud: a vida e a morte.

2.5 Uma árvore, uma escrita.

Em janeiro de 1837, dois anos após o retorno do HMS Beagle à Inglaterra, Darwin rabisca uma árvore no Caderno de notas B [conforme está na ilustração], um dos "cadernos sobre a transmutação das espécies", como são chamados, trata-se da árvore da vida.



Essa garatuja é do mesmo ano em que ele se torna de fato evolucionista, à sua maneira, e abandona definitivamente o que lhe restava das convicções teológicas antigas. Trata-se de uma árvore estruturada como a árvore genealógica no seu sentido tradicional, cujos ramos vão arborizando e se bifurcando, como na descrição gráfica das grandes famílias na localização de indivíduos. No entanto, seu uso em Darwin é diferenciado, cada ponto de bifurcação, ou seja, em cada nó, - assim podemos estabelecer -, de onde emerge uma bifurcação, tem-se uma descontinuidade. Tentei localizar um lugar de impasse nesse nó, impasse que, atenção, deve convocar a seleção natural. Esse lugar de nó é um lugar de abertura (o nó é o lugar do seu próprio rompimento), de suspensão, ou suspense (para uma iminente irrupção), o que significa fazer girar todos os possíveis em um jogo de combinatórias com a economia da natureza. Entendemos que o natural da seleção não é a naturalidade de sua validade universal e teleológica. 'Naturalidade' é sempre um termo de valor teleológico, como nos aponta a tradição aristotélica, como vimos anteriormente, com ele podemos garantir um pouco de conforto e menos sobressaltos. Mas, em Darwin, o que sobressai é a violência (no sentido aristotélico até). Se há divergência é porque não há acoplamentos naturais, tudo o que parece natural é conquistado a partir da invenção de soluções para um impasse, pois os ramos

agem cegamente, não há um fim e fazem o possível com o que já possuem. Se há uma constância (e não naturalidade), constância que é evidente nas espécies graças à hereditariedade, nas formas e nos encaminhamentos da natureza (graças, inclusive, às leis da física, estas sim constantes), tudo leva a crer que essa constância é ela mesma parte de um processo de escrita, escrita que não se dá sem o que Darwin chamou de luta pela existência.

Os anos de 1837 e 1838, anos seguintes ao retorno do Beagle, constituíram um período de ebulição para Darwin. Nesse período ele dava início aos seus notebooks, prática em parte estimulada por conversas com o pai a respeito de sua experiência médica e também psicológica, e também pela ambição que lhe era característica, abrangendo a indagação filosófica e antropológica. Anotação carregadas de ousadas ideias pululavam de sua pluma. Um desses cadernos, o caderno "M", de Metafísica, ele já trata das questões relacionadas à filosofia, à moral, à religião, à psicologia, ou seja, à questão que é o homem, mostrando que a questão de uma antropologia já está presente desde a base. Outro caderno de anotações será o "B" que inicia a série de *Notebooks*, seguindo C, D e E, que concernem à teoria da evolução, chamados também de "cadernos sobre a transmutação". Será no caderno B que, envolvido com as questões da transmutação e da hereditariedade, ele desenhará a primeira "árvore da vida". Há transmutação, disso ele já tinha se dado conta fazia muito tempo, o que faltava é descobrir por qual mecanismo isso se daria. Se, raciocinava, uma modificação em um organismo se dava graças a modificações também no meio ambiente; e se, como avançavam já suas anotações "heréticas" e suas convicções materialistas, que tomavam nesse momento formas francamente ousadas, não deveria haver nada que garantisse, teologicamente ou metafisicamente, o desenvolvimento contínuo de uma espécie. Ou seja, algo se anunciava como um descompasso em algum lugar do raciocínio. E sustentar essa desconfiança parecia uma tarefa hercúlea, uma vez que todas as suas pesquisas e observações, toda uma vida de estudos o conduziram a este beco sem saída - seria, de fato, muito mais fácil fechar os olhos e não questionar esse ponto nevrálgico.

Esse ano de 1838 foi o mesmo ano em que contrairia matrimônio com Emma Wedgwood, sua prima, e isso também o acossava de forma peculiar. Segundo Desmond Moore, Darwin vivia uma vida secreta em seus estudos, uma vida de herético, e na vida social os papéis sociais o incomodavam, idas ao teatro, concertos, missas dominicais, todos esses compromissos de uma homem, e sobretudo, de uma família, frente aos olhos da sociedade vitoriana, estavam para ele sempre no limite do intolerável. Daí a dificuldade em se deixar levar pela instituição do casamento e a irritação que implicava no fato de ele viver essa "vida dupla". Por um lado, viver a cena constante desse mundo arrumado e arranjado, onde tudo

tinha um lugar e constituía um propósito e, por outro, o que ele vivia interna e secretamente, - e em sua consciência -, no dia-a-dia do seu trabalho, no miúdo dos seus estudos e experimentos, nos desenvolvimentos da teoria da seleção. Durante um bom tempo, as únicas pessoas com quem pode dividir suas ideias eram seu irmão Erasmus - companheiro de conversas estimulantes que amenizavam os momentos mais difíceis -, e seu pai, de quem, nessa época, se reaproximava. Seu pai o aconselhara a não contar à sua futura esposa sobre suas descobertas e suas convicções materialistas, "as mulheres são muito sensíveis a essas coisas", dizia. A angústia, com efeito, tinha a ver com o fato de estar na contracorrente total de tudo o que Emma acreditava e sonhava, a angústia de guardar em si justamente aquilo que, ele o sabia, portava algo de perigoso para todo o *status quo* da família, da Família. A angústia se devia também à infinita quantidade de leituras que ele vinha fazendo, seguindo o rastro daquilo que a sua pesquisa parecia indicar. Ia devorando tudo o que via pela frente, estudos sobre estatísticas, hereditariedade, questionários sobre detalhes vindos de horticultores e criadores de animais, relatos médicos, relatórios sobre crescimento populacional, enfim..Nesse caminho, Darwin encontra o livro de Thomas Malthus, *Sobre as populações*. A leitura desse texto deu-lhe a chave de que necessitava.

A inspiração em Malthus é um dos pontos polêmicos mais discutidos e fundamentais relacionados à história do darwinismo. Em geral considera-se o encontro com a teoria de Malthus uma coisa fortuita, que Darwin não teria aderido às convicções malthusianas. E, de fato, como ele bem o coloca em sua biografia, tratava-se de uma leitura que se seguiu a muitas outras que fazia naquele momento. Seja como for, a pergunta, se Darwin era ou não malthusiano, não cabe ser feita, ao menos dessa maneira, por uma simples razão: o período vitoriano, explica-nos Browne, ou o período logo anterior, à época em que viveu Darwin, respirava-se malthusianismo. O malthusianismo estava literalmente no ar, do mesmo modo que desse mesmo *l'air du temps* acabaria por engendrar o eugenismo de Galton. Não se trata apenas de que ele subitamente tenha encontrado o livro de Malthus: o assunto já estava no dia-a-dia da vida da Inglaterra, fazia parte da grande questão de seu tempo e, rigorosamente falando, dali aos nossos dias, pois estamos falando de algo que, a partir dali, abraçou o globo terrestre e a vida de todos seres humanos. O que fazer com os pobres? O que fazer com o resto?, como apontará o molde do eugenismo com a resposta purificadora e selecionista. Tal era a questão que se colocavam as elites. Ao criar uma teoria e uma proposta de redução da miséria humana a partir de dados estatísticos que, se comprovou posteriormente, serem absolutamente incompatíveis com os fatos, Malthus queria justificar 'cientificamente' os desmandos dos poderosos e a eliminação de qualquer providência caridosa ou assistencial aos

pobres que se praticava na época (paliativos, evidentemente, fruto do mesmo sistema: as *workhouses*, para onde eram enviados). E, por outro lado, também, não creio que se tratasse de algo fortuito. Se lemos com atenção o texto de Malthus e o uso que Darwin faz dele em *A origem das espécies*, poderemos ver que o que interessou a Darwin é algo que podemos colocar duplamente:

1. Como tenho insistido, somente podemos falar em darwinismo a partir de seu tempo - Darwin é um ponto de virada que encontra sua existência justamente a partir do ambiente malthusiano que paira na vida política e social do seu país;
2. O "descompasso", que é o elemento chave que Malthus tem a oferecer a Darwin. É conhecida a série de argumentos que Malthus tece contra o progressismo anarquista e igualitário de William Godwin (1756-1836), romancista e ensaísta. É a partir da obra de Godwin, *Inquérito acerca da justiça política*, de 1793, que Malthus desenvolve suas objeções no *Ensaio sobre a população*, de 1798. Godwin argumentava em sua obra que o progresso e a evolução do homem um dia poderiam dispensar os governantes. Ele, assim como os cartistas, por exemplo, representava o outro lado do debate que sacudia a Inglaterra, atacando o Governo e as elites, acusando-os de perpetrar a miséria e a ignorância para se manterem no poder. E, em Malthus, apesar do fato de que toda sua argumentação no *Ensaio* se volta para justificar os atos de segregação praticados por essa mesma elite, -- deslocando o foco da questão, que evidentemente era de fundo ideológico e político, para uma tese pseudo-científica --, o que resta são os descompassos que existem entre o ideal da perfeição (evolutiva) e do futuro igualitário e da paz entre os povos, uma crença iluminista ingênua, por um lado, e o pessimismo e a perspectiva sombria de um mundo em que as coisas estão sempre em desequilíbrio e desarmonia, de uma experiência sombria em relação ao corpo que comparece como impedimento, discordância, desencontro e luta. Inicialmente é, em Malthus, o descompasso entre o crescimento da população e da produção agrícola de alimentos. As populações, dizia ele no seu *Ensaio*, crescem geometricamente, e a produção de alimentos aritmeticamente. O argumento não é válido, mas o descompasso é.

O uso que Darwin fará desse descompasso que o fascina - aplicando somente aos animais e plantas, - do homem ele não desenvolverá nada explícito, como sabemos, até *A origem do homem* - será no sentido de mostrar que, na "luta pela existência", serão justamente o descompasso e o desencaixe os responsáveis pelo motor da produção da variação e da diferença. Não há como não haver conflito entre indivíduos de espécies diferentes ou da mesma espécie, uma vez que o descompasso é a própria constituição de rede, onde há uma interdependência em cadeia bastante complexa entre os seres vivos:

Devo estabelecer como premissa que emprego a expressão "luta pela existência" em sentido amplo e metafórico, incluindo nesse conceito a ideia de interdependência dos seres vivos, e também - o que é mais importante não só a vida de um indivíduo, mas sua capacidade de deixar descendência. Dois canídeos, num período de escassez de alimento, literalmente hão de lutar entre si a fim de assegurar sua sobrevivência; todavia, ao invés de dizermos que uma planta que vive nas bordas do deserto enfrenta a seca lutando pela sobrevivência, melhor seria se disséssemos que ela depende da umidade para sobreviver. Um vegetal que produz anualmente um milho de sementes, das quais apenas uma em média, alcança a maturidade, dele se pode dizer que disputa sua sobrevivência com outros vegetais daquela mesma área. A erva-de-passarinho depende da macieira e de algumas outras árvores; porém, apenas em sentido figurado se poderia dizer que ela lute pela sobrevivência com tais árvores, já que, se muitos parasitas crescerem no mesmo tronco, a árvore que o alberga há de definhir até morrer. No entanto, é correto dizer-se que as ervas-de-passarinho lutam entre si pela sobrevivência, no caso de várias que estejam crescendo juntas num mesmo local. Como essa planta é disseminada pelas aves, sua existência depende delas, podendo-se por isso dizer, em sentido metafórico, que ela "luta" com as árvores frutíferas por sua sobrevivência, já que tanto uma como as outras têm de atrair os pássaros, para que esses devorem suas sementes que, deste modo, poderão ser assim disseminadas. Para todos esse diversos sentidos, que eventualmente podem até mesmo confundir-se, julgo conveniente empregar a expressão geral de "luta pela existência" (DARWIN, *Origem das espécies*, p. 80-81).

A complexidade imanente à práxis do que ele propunha implica que, ao contrário de Spencer, - que acreditava em uma evolução, em termos universais, em linha reta rumo à perfeição, aliás muito ao modo de Godwin, se pensarmos bem -, o que vemos se obtém devido a uma intrincada rede de relações locais, dadas em um determinado ambiente e dependente de pormenores quase imperceptíveis, quando não totalmente desconhecidos (no sentido de impossível de conhecer ou decifrar).

Se, até o fim da vida de Darwin, o trabalho de Mendel ainda não tinha ainda sido revelado, a hereditariedade se colocava como problema constante para os cientistas de sua época, inclusive, na produção de muitas especulações. Darwin também desenvolveu sua própria teoria da hereditariedade, a teoria da pangênese:

Para explicar a hereditariedade de mudanças no corpo, eu assumi que as células de diferentes órgãos emitem partículas microscópicas, chamadas de "gêmulas", portadoras dos caracteres somáticos, que seriam transportados pelo sangue para as células germinais, que, por sua vez, projetariam sobre os descendentes gêmulas recebidas. Assim, transmitiriam características adquiridas pelos progenitores". "Para explicar la heredabilidad de las variaciones del organismo, supuso que las células de los diferentes órganos emiten partículas microscópicas, que llamó 'gémulas', portadoras de los caracteres somáticos, las cuales serían arrastradas por la sangre hasta las células germinales que, a su vez, proyectarían en los descendientes las gémulas recibidas. Así se transmitirían los caracteres adquiridos por los progenitores." Noguera Solano, R., y Ruiz Gutierrez, R., *Pangénesis y Vitalismo Científico*],

Mas a sua ideia das gêmulas também careciam de evidências a seu favor, o que lhe causava grande frustração. Mas, ainda assim, ele sabia que essa lacuna viria a ser preenchida algum dia - o evolucionismo tal como ele concebia implicaria forçosamente em um mecanismo de hereditariedade que lhe fosse inerente. Ainda que não houvesse nenhuma teoria que revelasse algo ou alguma descoberta, o que Darwin sabia é que, bastando observar, filhos parecem-se com seus pais, na cor dos olhos ou na cor da pele, entre outras características corporais, etc, assim como se observavam interrelações curiosas como o fato de que gatos de olhos de duas cores, uma em cada olho, azul e verde, são sempre surdos. Sabia que funcionava alguma lógica interna que regia os resultados. Faltava algo, como sabemos, que é o trabalho de Mendel que seria revelado ao mundo posteriormente.

Lendo Darwin, desde já podemos depreender que, com ou sem Mendel, a evolução se dispõe como um sistema de escrita, cujo estatuto deve ser mais apurado. Hoje podemos conceber a genética - e a epigenética, que recentemente vem velozmente crescendo em importância - como parte desse sistema, juntamente com outros elementos da natureza dentro de um jogo de combinatórias ou, se preferirmos, em uma lógica de rede. Essa escrita, Darwin a encontra quando procura fazer uma leitura dos fósseis dentro da lógica geológica estratigráfica. Mas isto não apenas nos fósseis, mas também ampliando o seu alcance aos animais contemporâneos e vivos. Assim ele constata que, uma tradição da zoologia comparada, por exemplo, ou mesmo a grande tradição da anatomia, ambas podem ser enquadradas, ou antes, desenquadradas, desconstruídas no espectro do tempo e do espaço. Na zoologia comparada o grande mestre de Darwin é Cuvier. Curiosamente, Cuvier é justamente aquele que deu forma ao Catastrofismo, sendo, portanto, fixista por excelência, - mas é extraordinário o fato de que é justamente por causa do fixismo que Cuvier pode mostrar a precisão com que se delineavam as diferenças entre os fósseis dentro da historicidade da estratigrafia, e, assim, denunciava as discontinuidades existentes de camada para camada. Desse modo, Cuvier era para Darwin o melhor antídoto para a teleologia fantasiosa e sem limites, progressista, de Lamarck e outros. Essas discontinuidades, atribuídas em Cuvier à Criação Divina, nesse mesmo lugar, inspirado pelo uniformitarismo e suas desconfianças, Darwin enxerta uma incógnita, uma confissão de ignorância: ele instala um vazio no lugar da discontinuidade desconcertante ou do impossível de conhecer. Desse modo, a leitura torna-se irreduzível e essencialmente investigatória: e cada amostra fóssil - imperfeita, pois ele enfatiza a imperfeição da leitura fóssil - ou de rocha deve ser analisada caso a caso, pois o que está escrito ali foi escrito naquela localidade e por nada mais nada menos que *ninguém*. Uma amostra estratigráfica pode dar pistas dos caminhos e descaminhos de uma espécie e sua

transformação, suas variações, seus modos de adaptação, sua extinção, e no mesmo lugar, vestígios de diferentes solos, leitos de rios, terremotos, conchas, fósseis de animais, a movimentação desses elementos no espaço e no tempo, como se o geólogo e/ou o biólogo pudessem ler algo escrito por 'ninguém' ou nada, ou seja, justamente pelos elementos que giram em torno de uma abertura, de como uma economia de traços constitui diferenças na medida em que giram em torno de um impasse. O impasse é como colocamos em relação à luta pela existência, como descompasso e toda a complexidade colocada em jogo.

A partir de Darwin, a vida das espécies inclui uma questão historiográfica a partir da leitura de traços, o que terá um valor, como disse, operatório, na medida em que a metafísica do fixismo e seu fetiche se esvaziam e o tempo pode ser lido por seus rastros no espaço imanente da terra. Com o que eu disse de se tratar de uma questão 'historiográfica' quero dizer enquanto *grafia* mesmo do processo de traços no tempo. Não se trata do narrativismo historicizante, como é muito comum, por exemplo, no narrativismo da psicologia evolucionista, com que lidamos com o par causa-efeito linear e com explicações baseadas no ideal adaptacionista e teleológico, e tudo o mais que se ouve nos dias de hoje como ciência. Explicações há para tudo e são encontradas com facilidade e sem fundamentos muito convincentes, assim se apresenta o evolucionismo narrativista, o que não deve excluir - e é tolo ter que lembrá-lo - a formulação de hipóteses e debates constantes. É a situação da ciência que aí se apresenta nos dias de hoje, onde o significativo, e portanto o questionamento mais apurado e rigoroso, é abandonado em prol de significados os mais consistentes no sentido de teorizações cercadas de certezas (Elia, p.1). Para o darwinismo, trata-se de leitura apenas. E essa leitura produz interpretações e hipóteses.

A *grafia* é o desenho de nossa est'ética - a est'ética de um bico a mais, um bico a menos. E de como as espécies advêm umas das outras através do processamento de traços em relação aos impasses. E os impasses nos remetem aos descompassos, a intrincada relação morte e vida dentro do contingente e o desamparo. Darwin chega a falar de 'criatividade' na natureza. Portanto, insisto nisto: o processo de evolução em Darwin não prega a ingenuidade do adaptacionismo, mas também não é do tipo licencioso e libertário do puro movimento aleatório, caótico, onde tudo é possível ou do deliberado delírio científico de fazer do Homem a finalidade disso tudo; nem tampouco é a harmonia, criação divina, manutenção da ordem pela vigilância divina das essências fixas, - mas antes de mais nada tratar-se-á de alguma coisa a mais compatível com um sistema de escrita, uma escrita específica, que se engendra pela repetição de traços do mesmo no novo, selecionando a 'mesmidade' do traço ou o seu rearranjo. A alusão à genética é importante aqui, não somente porque Darwin, como cientista,

apostava em que a herança tinha um papel fundamental, tinha um mecanismo limitado e limitador, mas responsável por uma 'infinitude' de variações. Essa pressuposição de Darwin foi comprovada pelos progressos da química molecular e a genética moderna.

Lacan diz e ratifica em vários momentos de sua obra que da vida nada sabemos, como é no caso de *A terceira*, onde ele comenta a questão de um desdobramento do nó para a genética. A respeito da ilustração de um nó borromeu, ele escreve no círculo do real a palavra "vida":

Em que consiste o que escrevi, em nível do círculo do real, a palavra "vida"? É que, incontestavelmente, da vida, depois desse termo vago que consiste em anunciar o gozo da vida, da vida não sabemos nada mais, e tudo ao que nos induz a ciência é a ver que não há nada de mais real, o que quer dizer nada de mais impossível, do que imaginar como pôde dar sua partida essa construção química que, de elementos repartidos no que quer que seja e que de algum modo queiramos qualificá-la pelas leis da ciência, começaria de repente a construir uma molécula de DNA, ou seja, alguma coisa que para vocês ressaltei que muito curiosamente é aí que já se vê a primeira imagem de um nó, e que se há algo que deve nos surpreender é que se tenha notado tão tarde que alguma coisa no real - não pouca coisa, a vida mesma - se estrutura de um nó. Como não se surpreender que, depois disso, não encontremos em lugar algum, nem na anatomia, nem nas plantas trepadeiras que pareciam expressamente feitas para isso, nenhuma imagem de nó natural? Vou lhes sugerir algo: isso não seria aí um certo tipo de recalque, de *Urverdrängt*? Enfim, mesmo assim, não vamos sonhar demais, temos muito o que fazer com nossos rastros (LACAN, 1971).

Saber sobre a origem da vida, do que se trata isso que chamamos vida não deve importar tanto. Mas saber algo, como atestam os esforços de Darwin, sobre a origem da diferença que produz diferença, atribuindo a isso uma questão ética, isso parece ter todo o peso e pertinência. A origem, pode-se já dizer, deve ser sempre remetida a um nó, como sugiro a propósito da árvore da vida de Darwin, em relação a uma escrita. A ideia de um "nó natural", se pensarmos em termos darwinianos, deve ser compreendida como um nó desnaturalizado por excelência, um nó fruto da contingência, o nó fundador que se repete na sua variação, como se tem em música "tema e variações", se tivermos, é claro, sempre em conta a seleção natural e o real aí imiscuído.

Na árvore de Darwin, embora possamos encontrar ecos de toda uma tradição de árvores sagradas e divinas, trata-se de um primoroso exemplo de ilustração científica, enxuta, redutiva: árvore aqui é tempo e história mostrados em um diagrama evolutivo pela ação da seleção natural nas suas marcas do passado e no presente. Nos traços do punho do próprio Darwin, - primeiro traço iluminador de seu próprio pensamento e de sua escrita -, temos o rigor e a simplicidade do desenho, onde todo o drama do ser vivo pode ser escrito na forma do Y, ou do V que está nesse Y, o Y da bifurcação, ou da divergência. Dessa conformação

também extraímos o W, se duplicamos o V lado a lado ou o aproximamos do traçado com três pontas que sugere dois Vs colados que se dispõem na forma de um leque. Uma observação fundamental é o espírito do esquema, que além de se utilizar da bifurcação como letra, se podemos assim denominá-la, essa mesma grafia simples transmite a complexidade, a singularidade e a irregularidade dos processos que estão em questão. A obra de Darwin, - imensa, monumental -, reflete um só paradoxo: se a ideia, dita "perigosa", da seleção natural é muito 'simples', ela, por outro lado, resultou, para Darwin, em uma obra tumultuada, e diria ainda, em uma escrita tumultuada, se consideramos sua tentativa, a missão hercúlea e ao mesmo tempo detetivesca de dar conta da quantidade gigantesca de informações e, principalmente, de detalhes e a interação altamente complexa, mutante e imprevisível desses elementos entre si no tempo e no espaço. Tocando-se em um ponto, toca-se 'tudo'.

A disposição da árvore como diagrama gráfico, quer dizer, não desenhado do próprio punho, aparece em *A origem das espécies* - único diagrama do livro -, elaborando a árvore um pouco mais. Darwin considerava a ideia do esquema arbóreo "algo com aparência estranha mas indispensável para mostrar a natureza das afinidades muito complexas entre animais do passado e do presente" (DARWIN, 1859/2002 p. 128). E a eficácia dessa imagem na disposição das coordenadas e, note-se bem, na apresentação graficamente preparada de um impossível, ou seja, de uma abertura em que o jogo ainda está em aberto, ainda a decidir, o próximo passo em que os elementos devem se rearranjar na relação com os demais. Essa disposição imagética poderosa contrasta com a sua escrita, como observou Marx em carta a Engels, se referindo a *A origem das espécies*, atribuindo-lhe estilo inglês rebuscado e pesado, e que, como comenta Browne, teve como consequência alguns problemas de precisão e uma série de ambiguidades na apresentação de conceitos, cujo absoluto arrojamento acabava por ser camuflado pelo uso de uma linguagem talvez não compatível com um novo pensamento. A ideia mesma de seleção natural, por exemplo, parecia muito carregada de um certo antropomorfismo, como se alguém ou algum ser superior, "um jardineiro divino no céu" se ocupasse dessa seleção. Reavaliando essa questão, o próprio Darwin admitiu que uma expressão mais neutra como "preservação natural" (BROWNE, 2006, p.81) seria mais condizente com o que ele queria dizer.

O mesmo embaraço ocorreu com o uso que fez da palavra "adaptação", que sugeria alguma forma de estratégia proposital dos animais e das plantas, exatamente o contrário do que tinha em mente. Mais tarde, utilizou uma artimanha como solução parcial. Darwin lutou de maneira incessante com seu vocabulário. A linguagem que tinha a seu dispor era a de Milton e Shakespeare, calcada na teologia e em

propósitos, não a terminologia objetiva e livre de valores procurada pela ciência (BROWNE, 2006, p.80).

No impasse onde a seleção deve atuar, pela contingência, está a figura da extinção e, de forma geral, é claro, o tema da morte. Justamente, os que ficam são os que restam, curiosamente os que ficam são os traços fósseis ou os traços que caracterizam as espécies atuais, mortas ou vivas. É o traço anatômico, assim como o traço de comportamento ou outros. **O que resta pode ser o polegar do panda-gigante, por exemplo, elemento fundamental para a sua sobrevivência quando, vindo de longe para fugir da extinção, seu antepassado teve que se adaptar a determinadas mudanças naturais da China. Esse dedo é um traço que teve de retornar de uma outra forma, dessa vez com o fim específico de corte, corte do bambu, dieta alimentar única desses animais. Mas quantas outras espécies poderiam surgir, semelhantes ao panda ou não, mas resultantes do mesmo momento de impasse ou corte, se um outro traço fosse ativado para uma solução distinta em um meio de estimulação distinta. E quantos não foram os ursos (ou antecedentes não-ursos) em questão (pois existiram antes do Panda propriamente dito) que pereceram nos descaminhos da contingência quando sabemos que não há um caminho correto, - O Caminho, ele não há, ele se faz no encadeamento das possibilidades, nem sempre as mais sólidas. Por outro lado, a fragilidade do urso Panda é notória, ela se deve à dificuldade em se reproduzir: sua sobrevivência vem dependendo dos esforços do homem para não ser extinto devido aos seus poucos recursos adaptativos e a vagaresa reprodutiva. Dos que pereceram, o registro fóssil poderá dar notícias, pistas - primadas pela imperfeição e pela fragmentação - para a leitura do paleontólogo.**

Isso nos autoriza a pensar no escrito, no caso específico, enquanto rastro e redução do drama para a leitura não somente de uma descontinuidade, mas também de seus efeitos na produção de diferenças, que por sua vez poderão, ou não, bifurcar mais a frente e indefinidamente ou apenas extinguir.. Resta, portanto, saber se isso, como Lacan escreve em *Lituraterra*, "é um caso de colocar no escrito o que primeiro seria canto, mito falado ou procissão dramática" (LACAN, 2001, p.16). Como tentei apresentar no primeiro capítulo, a cena dramática de uma abertura, de uma clareira: uma espécie de pássaro (digo, uma determinada população) adentra determinada cojuntura, no caso, um conjunto de ilhas, e sua variação dependerá dos encontros do animal com cada meio ambiente isolado como sistema constitutivo. Deti-me um pouco anteriormente na não linearidade entre o organismo e o meio, e o grande espanto de Darwin face às surpresas que a variabilidade dos corpos apresenta. Estas aves, exclamou Darwin, adquiriram bicos diferentes, embora o clima e a vegetação

fossem semelhantes entre as ilhas. Mas aqueles indivíduos que chegaram na ilha Chatan, por exemplo, eram da mesma espécie dos que chegaram na ilha Charles, mas vejam a fineza da questão: não eram o mesmo pássaro! Essa 'obviedade', que passa despercebida pela concepção tanto fixista e essencialista, assim como a progressista, é um dos pontos fundamentais para Darwin: cada indivíduo é único - e essa unicidade é levada em conta nos mecanismos complexos da seleção natural, ou seja, a diferença de fato opera: a seleção parte do indivíduo, mais propriamente, das diferenças individuais dentro da mesma população entre seus indivíduos, e não de 'A espécie', que, afinal, é um agrupamento de animais semelhantes sob uma mesma designação classificatória taxonômica. A conclusão é a de que as nomeações não coordenam o aparecimento de espécies - o que não era tão óbvio assim para a arrogância da taxonomia tradicional -, mas sim os traços - muitas vezes anônimos e idiossincráticos - flutuantes de cada organismo no jogo com a economia da natureza e a seleção. A árvore bifurca em seus nós, em seus impasses e as transformações são possíveis, é bom lembrar, graças a dois fatores: à hereditariedade e à morte. Se a solução que certos indivíduos de uma espécie 'criam' para continuar a viver, possibilita de fato uma sobrevivência, o arranjo genético resultante desse movimento será passado adiante, para as gerações posteriores, em detrimento dos indivíduos que tentaram e morreram, pois não tiveram como dispor dos mesmos recursos e das mesmas oportunidades. Daí a questão de Darwin recair de forma especial e objetiva no traço singular do indivíduo. A singularidade, a diferença singular faz diferença, repito: ela opera, para além do fascínio estético. Ela tem efetivamente participação no jogo da seleção natural, mas seu aparecimento como operadora não pode ser previsto, há um *gap* entre uma potencialidade e o aparecimento disso, justamente pela ausência **natural** de um 'thelos'. E não para por aí, singularidade é uma expressão que define o impossível de uma precisão no tempo e no espaço: determinado indivíduo em um determinado momento em um determinado lugar, em determinada situação. Aqui não seria tolo pensar e ressituar o dito talvez mais conhecido de Heráclito, que não se banha no mesmo rio. Nesse sentido específico, Darwin leva Heráclito à sério, traduzindo isto ao nomear os principais eixos da biologia evolutiva moderna. Temos o impossível encontrado pelas vias do discurso da ciência, ou seja, a precisão da singularidade extrema pelas vias de uma exigência de precisão técnica, mas que no campo do sujeito a incidência dessa exigência encontra sua refração, sua queda. Colocar esse processo no escrito, é possível? A escrita darwiniana que desenha o 'osso' disso que é uma constante, uma divergência constante em relação a possibilidades infindas de (des)encontro - o Y, o V..

Nada impede que essa árvore seja um texto, o texto de Darwin, seus significantes que contornam uma questão que insiste. Esse texto, afinal, que insiste, com toda a sua tessitura e delicadas diferenciações de força, ao mesmo tempo, decisória e errática, dialoga com aquele texto que sai da aranha, como fala Lacan a respeito da imagem da teia tomada de Spinoza:

Se me fosse permitido dar-lhe uma imagem, eu a tomaria facilmente daquilo que na natureza, mais parece aproximar-se dessa redução às dimensões de superfície que a escrita exige, e de que já se maravilhava Spinoza - esse trabalho de texto que sai do ventre da aranha, sua teia. Função verdadeiramente milagrosa, ao se ver, da superfície mesma, surgindo de um ponto opaco desse ser estranho, desenhar-se o traço desses escritos, onde perceber os limites, os pontos de impasse, os becos sem-saída, que mostram o real acedendo ao simbólico (LACAN, 1982 p. 1260).

Eis a riqueza do nosso tema, no entrelace de Lacan com Darwin, com uma imagem digna. A dignidade do "emaranhamento", como já Lacan entenderia sua própria situação nos emaranhamentos da topologia nodal mais para o final de seu ensino. Para mostrar o que Darwin verdadeiramente concebe no decorrer de sua escrita, essa imagem da rede, da teia, mostra, como poucas imagens, a dignidade do tema da escrita entre real e simbólico, e do que se trata se chamamos 'escrita da natureza' enquanto olhar, como trabalho de texto que se dá a ver.

Tort considera Darwin um "pensador da divergência" (Patrick Tort - Paris, 2009), e isso ele atribui inicialmente à divergência em relação à imposição do pai, Robert Waring Darwin, que desejava que o filho fosse médico como ele próprio. A viagem do Beagle acabou por abrir os horizontes para a concretização do que teria ficado para trás como apenas uma paixão 'colateral' pela história natural em um tempo em que deveria estar se preparando para se diplomar como clérigo em Cambridge. Daí desdobra-se a divergência pensada como encaminhamento do desejo a partir de um impasse, o descompasso e o equívoco a partir de uma hiância, de uma falha de estrutura, simplesmente. A divergência, pois, é sempre esse movimento de "diferenciação da diferença" resultante da não existência de uma adaptação-ideal ou perfeita, teleológica por fim. Como poderemos ver mais adiante, o eixo de leitura da obra de Darwin com a sequência que apresentei inicialmente, -- geologia, zoologia, antropologia --, apresenta, retomando, a instalação da geologia moderna com o não sentido e sua estética, sua escrita de modelagem e sedimentação, a biogeografia, determinante sempre indireta, enfim, a reverberação e a fagulha inicial de toda a pesquisa de Darwin a respeito dos seres vivos, animais e plantas e, finalmente para a construção de uma antropologia a partir de uma leitura do que se quebra também para o Homem.

A seleção natural arrasta-nos a toda uma dimensão de não-sentido que tem como resultado o processo de uma escrita, pois ela, como procuro afirmar, se apresenta como fratura na linearidade adaptativa ideal fantasística. Mas, dada a afirmação de que a obra de Darwin é, segundo ele, "um só longo argumento", deve-se observar, como bem salientou Tort (Tort, 2008, p. 17), que, depois de colocadas as questões e a comprovação de seu ponto de vista em *A origem das espécies*, o que virá a seguir, ou seja, a construção das hipóteses sobre o homem e sua filiação em *A Origem do homem*, de 1871, e em *A expressão das emoções no homem e nos animais*, de 1872, isso não poderá ser lido como algo que fosse fruto de uma aplicação direta e contínua, linear e simplista, tal qual virão a conceber a sociobiologia, a etologia aplicada ao homem, a psicologia evolutiva, as neurociências, entre outros. Mais grave ainda: historicamente, no espaço que se deu entre *A origem das espécies* (1859) e *Origem do homem* (1871), muitos contemporâneos de Darwin, inclusive seus seguidores, se adiantaram na intenção de tirar conclusões para o caso do homem, estimulados inclusive por uma frase de *A origem das espécies*, a única do livro inteiro a respeito da sua teoria e o homem, que está no final do livro:

No futuro distante, visualizo novos campos que se estendem para pesquisas ainda mais importantes. A Psicologia irá basear-se num fundamento novo, o da necessária aquisição gradual de cada faculdade mental. Nova luz será lançada sobre o problema da origem do homem e de sua história" (DARWIN, 1859/2002 p. 380).

De fato, a ansiedade foi grande na espera pelas conclusões do próprio Darwin, enquanto este mantinha, como de hábito, seu próprio ritmo. Ritmo, aliás, que fez durar dez a onze anos a pausa de *A origem das espécies* até a publicação de *A origem do Homem*. E, nesse ínterim, muito se escreveu e publicou no meio científico, na esteira do que se compreendeu de *A origem das espécies* - provavelmente muito simplesmente como extensão do uso cartesiano da razão como princípio universal ou na confusão muito comum que se fazia com o pensamento de Lamarck, ou ainda a leitura progressista que costumeiramente se faz Darwin. Segundo pensadores como Jay Gould, Jean-Claude Ameisen, Georges Canguilhem, em especial Patrick Tort, havia e há em grande parte uma incompreensão em relação ao rumo que Darwin tomou quando começou a pensar a ascendência do homem, ou seja, a filiação do homem. Para Tort, o livro sobre a origem do homem fez um desvio em relação ao que se esperava dele, ou seja, era esperado que fosse escrito do 'mesmo modo' como tinha sido em *A Origem das espécies*. Houve uma quebra, nos diz Tort. E nessa quebra, nessa diferenciação, em função dessa decepção, instalaram-se as concepções mais

disparatadas, que, segundo se pode depreender, apontam para uma verdadeira incompreensão do que se tratava em *A origem das espécies*. Darwin decepcionara a todos com a escrita de *A origem do homem* devido ao enfoque antropológico muito amplo e ousado, por demais psicológico no que tange ao homem e aos animais. Tort concebe essa decepção dos contemporâneos de Darwin em relação a algo que não fora feito em *A origem das espécies*, que dissertava apenas sobre a seleção natural em relação aos animais, plantas e fungos e as circunstâncias em que estes se inserem. Mas se formos analisar com o rigor de uma abordagem mais detida em suas estruturas, ver-se-á que *A origem das espécies* não fala de outra coisa senão do homem! ainda que de forma não explícita. Tanto é assim que já, desde 1838, Darwin escrevia em seus cadernos de notas o espanto frente a tudo o que dizia respeito a, formulemos assim, um sujeito, ele mesmo absorvido em centenas de questões, que pululam em sua escrita particular (*Notebooks*), sobre a natureza e esse homem engajado de uma forma especial dentro da mesma. Adianto-me um pouco para sinalizar que é do cientista, do sujeito, que precisa formular algo a respeito dessa localização do homem em relação ao meio, e que não é central. A formulação da seleção natural, portanto, pode ser compreendida como esse índice da falta como operação em uma ciência. Eu disse, índice da falta - a chave está nisso, a seleção natural como metáfora da falta, como um outro modo, *avant la lettre*, de nomear a presença de algo faltante nos processos observados a partir de uma práxis.

É um novo olhar sobre a natureza que se inaugura, onde vamos percebendo paulatinamente que o sujeito, - diríamos o sujeito cartesiano -, está implicado, onde ele é provocado, e a sua questão é, por causa disso, retomada pelo avesso dentro do seio mesmo da ciência. Se olharmos atentamente para a ilustração da árvore da vida no caderno de anotações de Darwin, vemos como a escrita da página é algo tumultuada e, a um só tempo, vibrante. No alto da página ele escreveu "I think". E, logo mais abaixo, como continuação de "I think", abre-se o desenho da árvore da vida. É quase inevitável, do ponto de vista do que estamos desenvolvendo, não sermos conduzidos à frase-monumento de Descartes, "penso logo sou" e constatar que ela é literalmente 'estraçalhada'. A 'ponta' correspondente ao "sou" está em frangalhos, ela se abre ao infinito em processo de escrita, irregular, como uma espécie de guarda-chuva ou, melhor, como uma vassoura ao final do cabo. A frase perde seu equilíbrio, ou seja, a identidade do eu consigo mesmo, seu fechamento de certeza, e adquire uma súbita abertura emaranhada. Penso, parece formular Darwin, logo arborizo infinitamente? Em outras palavras: o que se arboriza não se fecha. Se o que se fechava no discurso teológico e teleológico servia de confirmação imaginária ao lugar do homem, a natureza como 'simples' espelho confirmador de suposições do próprio homem, por outro lado, com a arborização do

"sou", de fato não estamos mais situados em lugar tão seguro. E é disso que se trata enquanto resposta darwiniana. O que exatamente? Podemos formular assim: esgarçamento do espelho ao seu máximo, graças a um furo que Darwin denominou "seleção natural". Esgarçamento do imaginário implicado na natureza, ou ainda, estilhaçamento da imagem do homem em relação à natureza. Por isso, o passo dado por Darwin da escrita arbórea para a questão da filiação do homem não poderá ser simples ou de simples aplicação continuista: ao homem é, sim, reconhecida sua filiação à natureza, e isso, na verdade, se examinarmos profundamente, não tem incomodado ninguém, não significa muita coisa senão elementos banal provocador de discussões ideológicas infundáveis em programas de TV.. E também, essencialmente, se colocamos o homem como apenas mais um elemento participante do 'todo'..mas de que 'todo' estaríamos falando? Darwin costumava maravilhar-se com as "afinidades" de todos os seres dentro da estrutura da árvore, o imaginário que é o espetáculo da natureza em suas semelhanças formais e espelhamentos, todos deviam originar-se de um organismo comum ou simples. Mas o movimento que se segue não visa o todo, ele se constitui por "gaps", as diferenças se fazem devido a "gaps", como pensei transmitir através do V da árvore. E o que retorna ao sujeito, sujeito da ciência, é um estranhamento, pois agora quem fala, esse *I think*, é agora somente um apêndice, um ser-assujeitado e constituído a partir dessa rede graças a uma falta central e uma trama urdida numa alteridade, alteridade orgânica, a princípio. Para Darwin, os seres vivos constroem uma rede muito complexa de relações. Somos parentes de todos os seres vivos na natureza, mais próximos de uns, mais distantes de outros - somos parentes de uma planta, de uma barata, mas, de forma mais próxima, dos primatas e mamíferos em geral. Desse modo, a intuição darwiniana não padece de um hegelianismo ou romantismo, ou holismo de princípio, como quando se pensa um elemento fazendo parte de um 'todo', mas antes por laços constituídos na escrita de especificidades e singularidades a partir de circunstâncias em uma ordem que se dá pela seleção natural e pela contingência. As singularidades, ou as especificidades, que constituem o nó da escrita darwiniana indicam uma precipitação, a olhos vistos, da unidade imaginária do objeto no abismo do espaço infinito, ou seja, o nó nos remete à dissipação do objeto. A dissipação do objeto, no entanto, não é seu desaparecimento, uma vez que ele enquanto tal nunca existiu, nunca se deu como 'natural' ou já dado. Mas o que se torna vivo para o que se apresentará ao psicanalista é a evidência de sua constituição enquanto nó que faz obstáculo ao mesmo tempo que ata e desata.

Nós não cremos no objeto, mas nós constatamos o desejo, e desta constatação do desejo nós induzimos a causa como objetivada. O desejo de conhecer encontra obstáculos. É por encarnar este obstáculo que eu inventei o nó. E quanto ao nó é

preciso ter desembaraço [*se rompre*]. Eu quero dizer que é o nó sozinho que é o suporte concebível de uma relação entre o que quer que seja e o que quer que seja. Se, de um lado, ele é abstrato, o nó deve, entretanto, ser pensado e concebido como concreto (LACAN, 1975-76/2005, p. 36-37).

Como ainda nos sugere Tort (Tort, 2010, p.), é preciso, portanto, ler Darwin fazendo retornar o que se leu da sua antropologia, em *Origem do homem*, para *A origem das espécies*, mais precisamente, tendo em mente a questão desafiadora que a árvore coloca. O nó enquanto des-continuidade, que se desembaraça e '*se rompre*', não é levado em conta pelos seguidores de Darwin, para eles, ao tratarem da evolução, e do caso do ser humano, toda percepção fina da questão se perde. A fineza de uma filiação, não tomada globalmente, mas por especificidade e ritmos diferentes, circunstâncias e elementos sempre diferenciados em jogo, ela se apresenta como abertura que fecha em direção de uma outra abertura, em algo novo, como traço do organismo. Nada mais oposto ao que seus contemporâneos concluíram a partir do que haviam lido ou querido ler nas indagações de Darwin.

Aqueles que acreditaram desenvolver, antes de Darwin, a partir de sua teoria da descendência modificada por meio de seleção natural são as mesmas que considerarão, a partir de 1871, que *A origem do homem* é a extensão perfeita da *Origem das espécies* é uma aplicação simples para o homem e para a civilização da eliminação seletiva dos menos aptos e a correlação ao aperfeiçoamento dos mais aptos ao desenvolvimento. Isso quer dizer que, de forma muito ampla, os "darwinistas sociais" e os eugenistas (TORT, 2008 p. 14).

Essas leituras que pretendiam livrar a obra de Darwin das ambiguidades que pareciam, segundo estas leituras, se fazer presentes em *A origem do homem* (como se, categoricamente, em *A origem das espécies* se tratasse de "ciência", enquanto que em *A origem do homem* fosse apenas um conjunto de especulações sem fundamento algum) e procuravam fazer perder a linearidade 'objetiva' que o cientificismo do Séc. XIX tanto queria ver impresso nas páginas de Darwin, propiciaram os mais sérios desdobramentos, como se vê, por exemplo, a respeito de Herbert Spencer e Francis Galton e a disseminação cancerosa e fácil do eugenismo pelo mundo. O que causa espanto, historiograficamente falando, e chega a ser espetacular, era e é ainda a inclusão e a anexação - uma anexação puramente linear e deliberada - do nome de Darwin a qualquer ideologia que servisse aos mais sórdidos propósitos do poder ou justificativas ditas 'científicas'. Como escreve Tort:

Durante mais de um século (...) quis-se ver em Darwin o inspirador das teorias desigualitárias modernas, o grande defensor do eugenismo nas suas versões mais duras, o teórico da eliminação dos fracos, o grande legitimador naturalista do expansionismo ocidental e, especialmente, do imperialismo vitoriano, o ideólogo

fundador do “racismo científico”, o pai efetivo do “darwinismo social” e da quase totalidade das sociologias biológicas evolucionistas, e o credenciado justificador do egoísmo triunfante dos possuintes. Viu-se nele, por inteiro, e sem preocupação com as incompatibilidades ou as contradições, Herbert Spencer, Francis Galton, Cecil Rhodes, Arthur de Gobineau e Thomas R. Malthus. Ora, todas essas alegações não são só errôneas mas se situam bem precisamente nos antípodas da verdade historiográfica mais atestada, bem como da lógica da teoria da descendência, como o próprio Darwin a aplicou no campo da antropologia (TORT, 1996, p. 110).

Marx, inclusive, -- assim como Lacan, como veremos a seguir --, viu nas investigações de Darwin uma simples projeção dos horrores da sociedade inglesa na natureza. O que se sabe é de um mal-entendido histórico que marcou a relação Marx-Darwin no âmbito das doutrinas, nos diz Tort, ao nível da leitura de Darwin por Marx. Logo após a aparição da primeira edição de *A origem das espécies* na Inglaterra, Engels está no país, lê o livro e fica extremamente interessado, a ponto de, em 24 de novembro de 1859, recomendar a Marx a sua leitura. Passado um ano, e tendo terminado a leitura, Marx escreve a Engels uma carta francamente elogiosa em relação ao livro de Darwin, dizendo, entre outras coisas, que, apesar do estilo pesado e tipicamente inglês do autor, tratava-se ali, em Darwin, de se constatar a base de "nossa teoria", ou seja, a base do materialismo histórico. E, conforme ele tornará mais preciso em correspondência posterior a Engels, ele dirá que poderá ver em *A origem das espécies* a teoria da luta pela existência em Darwin como a base, o suporte, para a luta histórica de classes. O que Marx entusiasticamente propõe nesse comentário é uma articulação em dois andares, duas etapas, de dois materialismos, onde um não poderia existir sem o outro.

Mais tarde, em 1862, Marx escreve a Engels, agora com um novo olhar para o que havia lido em *A origem das espécies*.

É espantoso ver como Darwin reconhece nos animais e nas plantas sua própria sociedade inglesa, com sua divisão do trabalho, sua concorrência, suas aberturas de novos mercados, suas ‘invenções’ e sua malthusiana ‘luta pela vida’. (MARX, 1862-1973, p.35)

Essa interpretação, segundo Tort, tida então como definitiva, foi o marco inicial, e catastrófico, dos equívocos de interpretação da leitura marxista dos escritos de Darwin, que foi, aliás, uma interpretação que se fixou e foi bastante disseminada à época. A história da relação de Engels&Marx com o pensamento biológico e da ciência naturalista de seu tempo não se resume a Darwin, mas quando pensado, ele é sempre levando em conta de forma ambivalente, aceitando-o ou apontando seu caráter insuficiente ou seu compromisso com a ideologia burguesa, como seeria o caso do uso que Darwin faz de Malthus. Ambos buscavam na biologia uma teoria que, de certa forma, complementasse o materialismo histórico no

âmbito da natureza, expressando a necessidade de ver a teoria articulada em todos os níveis. Interessante é o que Engels proclamou no funeral de Marx em 1883, dizendo que "tal como Darwin descobriu a lei da evolução na natureza orgânica, assim Marx descobriu a lei da evolução na história humana".

Quanto a Lacan, ele escreve em seu texto sobre a agressividade, posicionando-se, nesse ponto, de maneira semelhante a Marx:

(...) o prestígio da idéia da luta pela vida seria suficientemente atestado pelo sucesso de uma teoria que conseguiu tornar aceitável a nosso pensamento, como explicação válida dos desenvolvimentos da vida, uma seleção baseada na simples conquista do espaço pelo animal. Do mesmo modo, o sucesso de Darwin parece dever-se a ele haver projetado as predações da sociedade vitoriana e a euforia econômica que sancionou a devastação social que ela inaugurou em escala planetária, e a havê-las justificado pela imagem de um *laissez-faire* dos devoradores mais fortes em sua competição por sua presa natural (LACAN, 1998, p. 123).

Parece-nos que, tanto em Marx quanto em Lacan, guardando as diferenças entre os dois pensadores no que diz respeito a Darwin, essa afirmação - da 'projeção vitoriana' - vai, de alguma maneira direto ao ponto. Ela mostra pertinência em apontar uma coisa que é um homem do seu tempo que pensa e reage conforme sua época e seus significantes, como contemporâneo da sociedade a que pertencia, com os valores vigentes da era vitoriana. Isso parece 'evidente', pois não poderia ser de outro modo. Darwin e suas teorias seletivas, e suas constatações de observador da natureza, só puderam aparecer no contexto dos avanços da ciência e, conjuntamente, da revolução industrial, o capitalismo de produção, e do colonialismo britânico. Havíamos pensado o significante "seleção", de como ele mesmo é uma síntese, uma tradução, para as questões centrais de seu tempo. Observava que esse significante se instala em lugar estratégico de sua escrita e de seu pensamento - ou seja, consideramos aqui um sujeito, sujeito esse que não se reduz ao seu meio e às influências de maneira linear. E é justamente nesse ponto que nos vemos novamente no interior do argumento da lógica da equação dos sujeitos: que o sujeito da ciência moderna (e do capitalismo) é o mesmo sujeito do inconsciente. O que queremos mostrar aqui, que a fineza e contribuição ética de Darwin só puderam vir ao mundo por uma abertura, uma irrupção, um intervalo - evocado também fortemente pelo significante "seleção" - que se dá justamente nesse campo de culminância do progresso e do poder colonial. Darwin só poderia ter adquirido um lugar tão importante e tão polêmico porque opera um pequeno corte, um furo, na expectativa de poder sempre mais abrangente do colonialismo inglês. Mas isso secretamente, abafado que viria a ficar pela adoração ou pelo ódio a ele dedicados, mas poucas vezes pelo perfil ousado e rigoroso da sua

pesquisa. Um exemplo desse corte está na própria forma de uso da imagem da árvore genealógica - ela é, em Galton, por exemplo, moldada a partir de um esquema tradicional de apresentação da ordem de descendência em uma família, via localização na referência aos laços de sangue e à herança de bens na manutenção de poder de elites, seja em bens materiais ou em bens em termos de uma boa genética, ou de uma garantia da existência de gênios ou bem-dotados na família, ou seja, aquisição de prestígio para os devidos fins. Em Darwin, o esquema genealógico vai, inversamente, na direção da divergência e da diferença, as bifurcações mostram (mesmo sendo as 'mesmas' bifurcações de que se vale Galton e outros para representar elites vitorianas, nobres e burguesas) o contingente, o impossível, a castração no que se é no que se pode ser. A árvore de Darwin é anti-metafísica, disruptiva, tiké, sem garantias. A reflexão de Darwin é cortante, é cruel, é ausência de esperanças reconciliadoras com a natureza "natural" e mistificada.

Outro exemplo no campo da geologia moderna, enquanto a teologia natural resistia bravamente: o nascimento da geologia moderna, com o uniformitarismo do escocês James Hutton, estava visceralmente alinhada ao tempo em que Watts inventava suas máquinas a vapor, momento em que multiplicavam-se engenheiros e inventores de novas tecnologias cada vez mais eficientes e rápidas, e o lucro também sempre maior e obtido com crescente facilidade. Hutton, de fato, inspirou-se nas máquinas de Watts, para explicar fenômenos tais como o vulcanismo, os movimentos magmáticos e o fator produtor das diferenças entre as mais diversos tipos de rochas (que está ligado ao tempo de resfriamento da rocha líquida e não a uma essência dada antecipadamente). E sua inspiração veio da observação dos motores e suas caldeiras de fogo que faziam o vapor impulsionar o progresso da Inglaterra. O caminho tomado por *A Origem do homem* foi, de fato, um 'desvio em relação à expectativa alimentada pelo espírito de sua época'. Como mostrou Tort, o darwinismo acabou se tornando um recipiente para se despejar todo tipo de ideologia justificadora da barbárie. O darwinismo foi enterrado por certa leitura de *A origem das espécies*, suprimindo a dimensão da verdade: o quanto, se compararmos em algum ponto ou outro com a psicanálise, tanto esta quanto o darwinismo devem ao capitalismo e à ciência moderna. Mas enquanto a psicanálise tornou isto problematizável para o bem da sua própria práxis, e fez disso, uma vez nascido da medicina e da terapêutica, um tratamento e uma disciplina levada à sua radicalidade, o darwinismo, que é muito diferente de qualquer outro evolucionismo, manteve sua dimensão ética como potência crítica e pouco tocada. Pode-se dizer que o projeto de Darwin, o seu projeto de naturalista, era um projeto materialista específico e ambicioso, que propunha uma investigação a respeito do surgimento do homem na natureza, a partir de um ramo específico

de primatas (hominídeos) como descontinuidade da natureza consigo mesma na forma de uma ética e uma estética.

"*I think*", escreve Darwin ao introduzir para si mesmo, em seu caderno de notas, o diagrama arbóreo da origem das espécies. Esse é o ponto em que a aventura de Darwin é retomada, onde a viagem do Beagle é repassada e todo o espanto o faz trabalhar em um direcionamento mais definido e consistente. Retomando a árvore: esse homem que pensa, no alto da página, ele se estilhaça em sua resposta com a queda do espelho - ele, de forma muito singular e especial, se vê em todos os lugares, ele se reconhece em tudo o que vive, ele vê sua imagem em cada caco minúsculo dessa imagem ou desse aparelho ou dispositivo de similitudes fragmentadas. Diferentemente da ciência em que nada resta do sujeito, e também diferentemente da religião que faz vista grossa ao que se passa e finge que o imaginário segue imaculado, -- não conspurcado, embora reduzido a um princípio de identidade do sujeito consigo mesmo --, Darwin mostra, através de um 'todo' em movimento de falência, os restos desse imaginário, seus cacos, os seus quebra-cabeças, e a conseqüente e inevitável colocação de uma referência ética que é histórica para o pensamento. Digo isso porque trata-se da 'metodologia' de pesquisa de Darwin, ou pelo menos o espírito que lhe dá vida, a partir do seguinte: o homem é um ramo recente da árvore da vida, logo todos os demais seres vivos devem estar situados em relação a ele de alguma forma, mas não em uma escala ascendente e de progresso. Ora, aqui o homem não está no topo dessa árvore, ou daquela escada dos seres vivos, o ser humano é apenas um ramo entre outros - o homem aqui é, sobretudo, note-se bem, o próprio Darwin como sujeito da ciência, como cientista, inclusive, e como sujeito de uma estética. Uma estética da fineza - da produção de diferença para sobrevivência, produção de finas variações disruptoras. Logo pensamos que Darwin teria querido ser 'racional' como muitos supunham que ele deveria ter sido. Mas ele se aproxima muito mais de uma 'nova razão', como Lacan denominou 'a razão depois de Freud', pois não teria como avançar sem esbarrar primeiro no objeto, nesse sentimento que a variação, ou antes, a *variedade* (em francês *varité*, termo neológico de Lacan, conjugando verdade e variedade em um só termo) promove quando se testemunha que isso pulsa sozinho e perfila-se *au regard* do sujeito - e mostrar o embate ético que estava aí em jogo por um novo olhar voltado à natureza, uma natureza não mais estática, mas dentro de uma dimensão articulatória e ao mesmo tempo embaraçosa. Ou preferiríamos dizer, graças a algo que retorna da natureza enquanto mancha, enquanto opacidade, no reflexo do espelho, ou algo a mais ou a menos no '*design*' dos seres vivos, algo que não tinha 'permissão' para estar lá, mas que pede uma posição da ciência e do sujeito. O sujeito cartesiano que se situa na medida em que pensa e organiza a sua sutura, que parece

estar no controle das coordenadas a respeito da natureza, se vê de repente relegado a um canto da árvore, de uma árvore que não tem centralidade alguma. O sujeito, em Darwin, pelo contrário, terá de se defrontar com tudo aquilo que está ligado à condição de possibilidade de sua existência, com todos elementos que insistem em lembrá-lo de que ele não se fez por si mesmo, que existe uma articulação de mais de milhões de anos que o antecede, de que existe um corpo e esse corpo, segundo Darwin, já traz em seu movimento na natureza os traços de que o acaso e a contingência se servirão para a realização dessa montagem. É como uma 'onda' na contramão do sujeito - é um retorno do olhar que interroga a visão que é do eu, que tem o narcisismo como filtro. O eu vê o que quer, vê o que o espelho reflete. O olhar por outro lado, causa o desejo, mas também ameaça o sujeito pela via da angústia.

Pois bem: se o homem situa-se na árvore como apenas mais uma de suas ramificações, ele possui, juntamente com todo o restante da árvore, traços em comum, pois que na base da árvore Darwin supõe algumas formas primeiras cujos traços se repetem, mas sempre na diferença, evoluindo por divergência na formação arbórea.. Esse aspecto implica o imaginário do reconhecimento, ponto de partida da constituição do sujeito, - entraremos na questão do estádio do espelho de Lacan mais adiante -, digo, o sentimento que todos temos quando rimos e nos identificamos com os animais como, por exemplo, é o caso da experiência muito rica de cada sujeito com os animais domésticos, essa experiência privada e familiar, relegada ao mundo 'infantil', dos prazeres e dramas envolvendo animais companheiros, coisa totalmente desconsiderada e absolutamente colocada à parte dos protocolos científicos sérios e da objetividade requerida para o exame científico. Isto é Darwin: consideração científica desse universo imaginário, inclusão da experiência, podemos dizê-lo, 'privada' no discurso científico. Nomeadamente, como vimos no primeiro capítulo, a experiência de Darwin com a orangotango Jenny no Zoológico de Londres, assim como suas anotações referentes à observação de bebês, seu próprio filho, incluindo aí suas observações a respeito de bebês frente ao reflexo de sua imagem no espelho e o balbuciar das primeiras palavras.

Mas não para por aí. Como havia dito, isto indica para nós aquilo que parece se formular como a resposta darwiniana à incidência do discurso da ciência moderna, ou melhor, a imersão desse discurso no ambiente do senso 'terrestre', em profícuo atrito com o ambiente das similitudes e dos espelhos. Se por um lado existem as similitudes e seus rastros, o espelhamento, e tudo de mais rico que isso implica naquilo que se vê no legado dos naturalistas da Idade Média, por exemplo, por outro lado, no mesmo passo em que, na arborização, reconhece-se algo de si pela imagem, há, como o próprio Darwin denomina, um *gap*. Se a árvore se constitui pela divergência, devemos estar preparados para o aparecimento

desses *gaps* que ocupam, na escrita darwiniana, um lugar muito importante, o lugar da bifurcação. Esse lugar é o lugar da morte ou da singularidade, ou se 'cria' (transforma) ou se morre, e da impossibilidade mesma de identidade total, de que algo seja 'em si' mesmo, coincidente consigo mesmo. Aqui retomamos a questão do nó, que como abertura, é essa irrupção de real, onde um nó deve ser pensado, e uma escrita se processa como rasura de um traço apagado. O nó, é preciso dizer, não é algo que podemos dizer 'aqui está o nó onde as coisas vão acontecer e os traços e o meio vão concorrer para um novo destino'. Não. O nó é irrupção. Como não há teleologia, não há nó já dado (mas somente posteriormente, no estudo de tal espécie), mas sim irrupção como 'dessar' e geração de novos rearranjos da escrita.

Sabemos, por exemplo, que certas formas de vida, umas das primeiras a aparecerem no fundo dos oceanos, tinham uma forma tubular enraizada no solo. Esse tubo, dizem, corresponde, no homem e animais superiores, ao tubo digestivo e, enfim, a esse envelopamento que topologicamente esboça o que vem a ser um corpo. Daí que somos tubos pensantes, processadores *in put - out put* - tudo isso soa 'indigno' e reducionista, mas para a ciência somos tubos. Seres como esse primeiro tubo poderiam ter permanecido assim por milhões de anos - como, de fato, ocorria e ninguém sabe o porquê - aliás, como em relação a toda a vida primeira, o fato evolutivo é totalmente contingente e sem sentido. Por quê evoluir? Para quê? Essa pergunta já constitui uma afirmativa a propósito da incompletude do ser. Se um ser vivo não é fixo ou não tem sua essência imutável é porque ele é, por estrutura, incompleto, ou melhor, não compatível ponto por ponto com a cadeia de seres a que ele está atrelado em determinada situação - a vida é regida por um desequilíbrio constante e a morte tem o seu papel definidor, na extinção como na renovação.

Ecologia, palavra cunhada por Ernest Haeckel, significa, em sua origem e no seu sentido restrito e técnico, o "estudo da diversidade orgânica". Segundo Jay Gould, a ecologia "concentra-se na interação entre os organismos e seus meios ambientes, com o objetivo de analisar talvez a mais fundamental das questões da biologia evolucionista: 'Por que existem tantas espécies de seres vivos?' (GOULD, 2006, p. 113)". A ecologia, na atualidade a mais destacada e importante das atividades evolucionistas, procura dar conta desses *gaps*, uma vez que é preciso lidar com eles e seu papel efetivamente operatório para o surgimento de novas espécies - está aí o centro e a essência do evolucionismo. Investigações matemáticas e estatísticas começaram a surgir, hipóteses relacionadas a combinatórias a partir de dados coletados em campo e processadas em computadores foram algumas das atividades que a valorização da ecologia trouxe para a biologia.

Em oposição ao reconhecimento, à similitude e à identificação imaginária, tem-se uma série de *gaps*, de lacunas, de fatos não explicados e de ordem muito complexa e intrincada. O *gap*, obviamente, por sua vez, também não é algo que já estava, ele é fundamentalmente irrupção, quebra, comparecimento de um real na exposição de uma escrita, do real dentro de uma tentativa de explicação genealógica da constituição. Pensar o real a partir disso, a saber, a partir de uma escrita darwiniana, parece ser a tarefa a que me proponho aqui, ainda que seja apenas para expor algumas questões ou delinear, de forma insuficiente, alguns traços gerais do que deve ser articulado.

3 PERCURSOS

Uma curiosidade: quem era o naturalista do H.M.S. Beagle? A pergunta tem seu interesse porque Charles Darwin não foi designado ou convocado pelo Almirantado para ocupar o posto de naturalista da embarcação. Isso já provoca, dentro da mitologia darwiniana, do culto a Darwin, um problema: mas como, ele não foi o homem certo no lugar certo? O naturalista cirurgião, *naturalist surgeon* como era chamado o cargo, do H.M.S. Beagle, oficialmente falando, chamava-se Robert Mc Cormick, um cirurgião naval, ex-colega de Darwin na Universidade de Edimburgh. Em relação à história sobre os desentendimentos entre Darwin e McCormick, observa Browne, "o papel tradicional de McCormick tinha sido usurpado por alguém que não parecia mais do que um fedelho de Cambridge" (BROWNE, 2001, p. 286). Mas como Darwin, tendo estudado em Edimburgo, de Cambridge, foi parar no H.S.M. Beagle? Aqui há um percurso.

Darwin nasce em uma família proveniente da grande burguesia inglesa que surgia da revolução industrial, sua ascendência é formada por duas das famílias mais importantes dessa época. Os Darwin e os Wedgwood. A família Wedgwood tem como fundador Josiah Wedgwood I, um homem cujo empreendimento pioneiro transformou uma pequena produção manual de peças de cerâmica em uma das maiores indústrias ceramistas da história da Gran Bretanha e do mundo. Mas, por ora, procurarei ater-me à linhagem paterna, constituída de médicos e juristas, onde, de modo geral, a ciência natural é objeto de tradição e de pensamento, tendo como seu fundador Erasmus Darwin, cientista e estudioso polígrafo típico do séc. XVIII - mais do séc. XVIII francês que propriamente do séc. XVIII inglês. Admirador da Revolução Francesa, além de médico, Erasmus era naturalista, geólogo, inventor - inventou sistemas hidráulicos e máquinas -, filósofo e poeta. Frequentador da sociedade lunática, a *Lunar Society of Birmingham*, reunia-se com frequência com a nata dos homens inovadores e reformadores da Inglaterra e de seu tempo como Josiah Wedgwood, James Watt, Matthew Boulton, Thomas Day, Richard Lovell Edgeworth, Samuel Galton, Jr., James Keir, Joseph Priestley, William Small, Jonathan Stokes, John Whitehurst and William Withering. Um dos fatos mais interessantes ligados a esse avô é ele ter desenvolvido uma importante contribuição à teoria e à história do evolucionismo, o livro *Zoonomia*, de 1792, comparável em importância ao trabalho de Lamarck, com o qual Darwin terá de lidar posteriormente. Sua

postura de livre pensador e progressista, sua verve republicana aliava-se a uma personalidade forte e tida no convívio familiar como tirânica, o que constituía personagem intrigante que em muito contrastava em temperamento com a polidez e o semblante do típico gentleman inglês. Erasmus Darwin tem um primeiro filho, do casamento com sua primeira esposa, Mary Howard, chamado Charles, impondo a ele seu desejo, a exigência, de ver ali um médico como ele próprio. Este rapaz se empenha, como quer o pai, nos estudos da medicina e acaba por se tornar um estudante brilhante. Mas desgraçadamente vem a falecer aos dezenove anos de idade, em 1778, devido a uma septicemia, ou "possivelmente de uma inflamação no cérebro", causada por um incidente durante a execução de uma autópsia numa criança com "hidrocefalia interna" (BROWNE, 2001 p.77).

O segundo filho de Erasmus Darwin - batizado com o seu próprio nome - formado advogado por decisão do pai, suicida-se jogando-se no rio que passava pelos jardins de sua residência em 1779, um ano após a morte do primogênito Charles. Conta-se que, muito deprimido e afundado em dívidas, uma semana antes do ocorrido, enviara a seu pai uma cruz feita da grama que cercava o túmulo de seu irmão Charles! Conhecido por ser uma pessoa solitária e ansiosa, pouco conciliada com a própria atividade profissional, a biógrafa de Erasmus, Anne Seward, reporta a respeito desse filho que

havia "uma carência de energia em seu caráter e uma extrema delicadeza de sentimentos quando ocorria qualquer coisa minimamente repulsiva" (...) Seu vigoroso pai frequentemente ficava "irritado com sua natureza retraída e por não demonstrar totalmente seus grandes talentos" (BROWNE, 2011, p.80).

O terceiro filho, o pai de Darwin, Robert Waring Darwin, foi aquele que teve condições de aceitar e suportar a imposição e as expectativas do velho Erasmus, tornando-se um dos mais respeitados médicos de seu tempo. Isso se deveu, explica-se, em parte, à natureza do desafio que isso comportava para o rapaz. Teve, portanto, que lidar com as dificuldades e os benefícios que o peso do nome paterno implicava, o que lhe propiciou as maiores oportunidades, abrindo-lhe portas à experiência e ao estudo aperfeiçoado com os maiores nomes da medicina de sua época, especialmente na Universidade de Edimburgo, na Escócia (anteriormente fora enviado a Londres para estudar anatomia na escola de Willian Hunter). Quanto às dificuldades, além da cobrança e expectativa do pai, Robert já mostrava-se na época recatado, difícil e sensível (BROWNE, 2011, p.78), muito diferente do pai e do

irmão médico. Até o fim da vida, cirurgias causavam-lhe náuseas, além de não suportar a visão de sangue.

Logo após a finalização de sua formação, Robert teve da noite para o dia suspenso todo o apoio financeiro do pai. Embora insistisse e argumentasse mostrando ao pai o absurdo e a contradição de tal atitude, Erasmus não lhe dera ouvidos e nem mesmo reconsiderou ou amainou sua decisão, - pois parecia orientada por algum tipo de 'princípio educativo' de choque -, e deixou Robert à míngua, passando a ignorá-lo totalmente. Se ele for realmente um bom médico, dizia, o dinheiro aparecerá mais cedo ou mais tarde. Apesar de toda a dificuldade criada por esta situação, Robert conseguiu seguir seu caminho e acabou por se estabelecer como médico eminente na região de Schrewbury. Robert tornou-se também um dos primeiros capitalistas da Inglaterra da era moderna, um verdadeiro homem de negócios, mas não como empreendedor ou industrial, pois sua especialidade era outra: o financiamento privado. Era com os préstimos de pessoas como o Dr. Robert Darwin que as grandes indústrias e empreendimentos vinham levantar o seu capital, em uma época em que a estrutura bancária na Inglaterra encontrava-se ainda em estado rudimentar. Resumidamente, dizia-se que o Dr. Robert Darwin sabia, simultaneamente, do estado de saúde e da vida financeira de quase todas as famílias de Schrewbury.

De olho em Edimburgo e na formação médica de seus filhos, o Dr. Darwin preparava-os de todas as maneiras possíveis para os tempos de estudo que estavam por começar. Darwin adolescente, com seu irmão mais velho Erasmus, acompanhava o pai às alas clínicas do hospital do condado (hospital cuja reconstrução custou 18 mil libras e, como não podia deixar de ser, tinha como um dos principais acionistas o próprio Dr. Darwin). Desse modo, ele possibilitava aos filhos alguma experiência de contato com pacientes e Darwin chegou a atender um bom número de pacientes de ambulatório, em geral mulheres e crianças. Ele gostou do trabalho:

Anotei da maneira mais detalhada possível os casos com todos os sintomas e os li em voz alta para o meu pai, que sugeriu perguntas adicionais e me orientou quanto a quais medicamentos administrar, os quais eu mesmo preparei. Numa dada altura, eu tinha ao menos uma dúzia de pacientes e me sentia fortemente interessado por esse trabalho (DARWIN, 2000 p. 32).

Muitos anos mais tarde, seu filho Francis Darwin revelaria que ele mesmo dizia "que apenas deixara muitas crianças nauseadas com emético de tártaro quando elas provavelmente deveriam ter sido tratadas de pneumonia" (BROWNE, 2011, p. 82).

O Dr. Darwin foi um médico diferente, na contramão de muitas práticas tidas como consensuais em seu tempo. Ele tinha, como disse Darwin em sua autobiografia, um intuição clínica fora do comum para o contexto. Não ratificava e nem confiava nas argumentações que justificavam a prática das sangrias, por exemplo. Aconselhava que, se tivesse que fazer, que fizesse em pouca quantidade.. Interessava-se vivamente, como chama bastante a atenção, pelo viés psicológico da clínica e em várias ocasiões orientava seu filho ao lidar com seus pacientes, salientando como a confiança era o melhor método para lidar com seus pacientes, abrindo os olhos do filho para a infelicidade de tantos homens e mulheres da cidade, enfatizando que, em grande parte dos casos, deixar simplesmente o paciente falar já era o bastante para os sintomas desaparecerem ou pelo menos serem reduzidos. Em sua Autobiografia, Darwin revela o quanto aprendeu com o pai, com essas experiências clínicas, com suas opiniões, e o quanto havia se inspirado no que considerava "o homem mais bondoso que já conhecera" (DARWIN, 2000 p. 29-30) e , segundo ele, o homem dotado de astúcia inigualável e do senso de observação mais apurado que jamais vira em toda sua vida.

Esse Dr. Darwin, peça-chave no processo de como Darwin veio a se tornar Darwin, encarnava a presença paternal bondosa, que dialogava com seus filhos, cultivando uma relação amigável e de parceria com eles, resultado de uma decisão consigo próprio: devido à péssima experiência com seu pai, jurou jamais tratar os filhos como o velho Erasmus fizera consigo e seus irmãos. Fisicamente, Robert era um homem corpulento, pesado, que impunha respeito, e que centralizava qualquer conversa em torno de si, algo semelhante ao estilo do pai Erasmus, embora mais doce e, na comparação, compreensivo e cúmplice. Mas ainda assim, esse pai, assim como o velho Erasmus, também desejava que ao menos um de seus filhos fosse médico. E, a propósito, tudo é muito interessante nesse quadro familiar, quando sabemos que Dr. Robert Darwin dá aos seus dois únicos filhos varões (Darwin tinha também quatro irmãs, Mariane, Caroline, Susan Elizabeth e Emily Catherine) os nomes de seus irmãos falecidos: Charles Darwin, a promessa interrompida da medicina, e Erasmus Darwin, o fracassado que se suicidara. E, como se não bastasse, apelidou-os do mesmo jeito com que os irmãos se chamavam em cartas: Bobby e Ras. E aqui temos o caminho - que toma como fio condutor aquilo que Tort entende por uma "injunção transgeracional" que se explicitaria, através de Erasmus Darwin e a tradição familiar de médicos e juristas -, em que Darwin é enviado a Edimburgo para estudar medicina (como seu falecido tio Charles) e, posteriormente, após uma estadia não muito bem sucedida em Edimburgo, é encaminhado a Cambridge, visando dedicar-se aos estudos de Teologia. Isto até o surgimento da oportunidade de viajar no H.S.M Beagle.

3.1 Edimburgo e a medicina

Darwin é, pois, enviado a Edimburgo, em 1825. Dr. Darwin tinha a mais absoluta certeza das qualidades do filho Charles para a medicina. Mas tudo teria sido bem mais difícil se não fosse a companhia de seu irmão Erasmus, que também fora inscrito no curso. É preciso antes dizer algumas palavras a propósito de Erasmus: Darwin teve no irmão o seu maior companheiro e, juntamente com o pai, grande incentivador. Desde a mais tenra idade, eles já brincavam juntos, pesquisando ciência natural e lidando com experiências científicas caseiras, mais notadamente com o laboratório de química que haviam construído em parte afastada dos domínios de The Mount, a bela casa dos Darwin em Schrewhury. Erasmus também esteve ao seu lado nos momentos mais difíceis em que a elaboração da teoria da seleção natural começava a criar formas e dar os seus frutos, e suas dores de cabeça.. Com Erasmus, Darwin podia contar com uma interlocução leve, franca, bem humorada e informada das questões referentes às ciências naturais e às novidades do meio, já que vinha a ser também mais experiente e 'mundano' que o irmão, vivera sozinho em Londres às custas da mesada do pai e tinha um quê de *bon vivant* no que se refere a mulheres e o meio agitado dos artistas e intelectuais. A grande preocupação do Dr. Darwin era com a saúde de seu filho, Erasmus possuía compleição frágil, ao contrário de Darwin, corpulento e mais pesado. De fato, a saúde de Erasmus vinha se deteriorando naquele momento e seu pai não economizava em cuidados.

Para um rapaz, como o jovem Darwin, que até aquele momento só estivera, além da cidade natal, em Liverpool, viver em Edimburgo significava abrir horizontes. Nesse momento, Edimburgo sediava o que se podia chamar de 'iluminismo britânico', chamavam-na de "Atenas", lá juntavam-se o cultivo do saber com a sordidez da vida urbana, e as questões fervilhavam e a ciência encontrava ali provavelmente o lugar mais aberto, desimpedido e estimulante da Europa para ser praticada e ensinada. Em Edimburgo está a cena privilegiada do desenvolvimento da medicina do século XVII ao XIX, - competindo apenas com Leiden, Holanda, e Pádua, Itália -, ali aliada ao crime pela necessidade de cadáveres para as dissecações: tanto o tráfico de cadáveres e a formação do médico naquele tempo se entrelaçam, se dissolvendo na atmosfera mórbida onde o corpo é apenas o corpo da anatomia. Isto foi imortalizado por Robert Louis Stevenson, por exemplo, no conto "Ladrões de corpos"

ou sua obra mais conhecida, *O Médico e o Monstro*, que também mostra o drama de uma cidade dividida, entre cavalheiros e universitários, como Darwin e Erasmus, de um lado, e, de outro, o câncer social da miséria que pululava e se acumulava como lixo no contexto da revolução industrial, gente que, enxotada de suas terras, servia como mão de obra praticamente escrava para as manufaturas e indústrias, chamado 'trabalho livre'. Não há dúvida de que o circo da anatomia viria a ser abastecido pelos cadáveres das vítimas (metaforicamente falando ou não) dos processos de subsunção do sujeito ao sistema capitalista..

No clássico *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, Engels oferece ao leitor uma minuciosa 'reportagem' sobre a vida e a história do surgimento, não somente do proletariado inglês, mas também de todo esse processo nos domínios do Império Britânico. Nesse enquadre, Edimburgo não foge ao padrão que caracteriza a média das cidades inglesas no período dos anos 40 do sec. XIX, ou seja, contemporâneo a Darwin.

Tal como o refere o doutor Alison, o panorama não é outro em Edimburgo, cidade cuja esplêndida localização lhe valeu nome de *Atenas moderna* e cujo luxuoso bairro aristocrático, situado na parte nova da cidade, contrasta brutalmente com a fétida miséria dos bairros pobres, situados na zona velha. Alison afirma que essa vasta área é tão suja e repugnante quanto as piores de Dublin e que, Edimburgo, a Mendicity Association teria a socorrer uma proporção de pobres tão grande como na capital irlandesa; ele chega a dizer que na Escócia, especialmente em Edimburgo e Glasgow, os pobres vivem em condições piores que em qualquer outra região do Império Britânico e que os mais miseráveis não são os irlandeses, mas os escoceses (ENGELS, 1845/2013 p.).

Engels observa as disposições urbanísticas dessas cidades em relação às partes onde vivem os proprietários e burgueses, de um lado, e as habitações dos operários, de outro. Ele mostra que, do ponto de vista de quem está na cidade nova ou chega na cidade, de nenhum ponto pode-se alcançar com os olhos a parte velha. O espaço se dispõe dessa maneira, tornando invisível qualquer sinal de pobreza e miséria. O acesso à parte velha da cidade só pode ser obtido se o andarilho percorre as ladeiras e escadas que descem em direção às habitações entulhadas que começam e se revelam como num passe de mágica. Essas habitações, contrariamente à cidade nova, são casebres medievos reaproveitados sem as menores condições dignas de habitação. Ainda em Edimburgo, segundo um relato de um jornal da época:

Essas ruas são em geral tão estreitas que se pode saltar de uma janela para outra da casa em frente e as edificações têm tantos andares que a luz mal pode penetrar nos pátios ou becos que as separam. Nessa parte da cidade não há esgotos, banheiros públicos ou latrinas nas casas; por isso, imundícies, detritos e excrementos de pelo

menos 50.000 pessoas são jogados todas as noites nas valetas, de sorte que, apesar do trabalho de limpeza das ruas, formam-se massas de esterco seco das quais emanam que, além de horríveis à vista e ao olfato, representam um enorme perigo para a saúde dos moradores. É de espantar que não se encontre aqui nenhum cuidado com a saúde, com os bons costumes e até com as regras elementares da decência? Pelo contrário, todos que conhecem bem a situação dos habitantes podem testemunhar o ponto atingido pelas doenças, pela miséria e pela degradação moral. Nesses bairros, a sociedade chegou a um nível de pobreza e aviltamento realmente indescritível. As habitações dos pobres são em geral muito sujas e aparentemente nunca são limpas; a maior parte das casas compõe-se de um só cômodo que, embora mal ventilado, está quase sempre muito frio, por causa da janela ou da porta quebrada; quando fica no subsolo, o cômodo é úmido; frequentemente, a casa é mal mobiliada e privada do mínimo que a torne habitável: em geral, um monte de palha serve de cama a uma família inteira, ali deitando-se, numa promiscuidade revoltante, homens, mulheres, velhos e crianças. Só há água nas fontes públicas e a dificuldade para buscá-la favorece naturalmente a imundície" (ENGELS, 1845/2013 p. 79).

O momento conturbado daquela conjuntura histórica não poderia deixar de afetar também as universidades e as escolas particulares, embora de forma diferente. A Universidade de Edimburgo decepcionou bastante os irmãos Darwin. Como eles observavam, os alunos não eram, como eles próprios, provenientes de classes mais abastadas - como ocorriam em Cambridge, onde Erasmus já estivera, ou em Oxford. Entre os alunos havia sempre muitos baderneiros, a indisciplina imperava no dia-a-dia das aulas, e havia desentendimentos constantes de professores entre si, de professores com a administração e entre alunos..enfim, em todos aspectos, um intenso tumulto e pouca organização. A situação é explicada em grande parte pelo sistema de créditos: os alunos faziam seus planos de estudo, cada um fazia o seu, com a ressalva de que cumprissem com um número mínimo de disciplinas obrigatórias. E os professores, também pressionados dentro desse esquema, recebiam somente pela quantidade de alunos matriculados em sua disciplina e tempo de aulas ministradas. Naquele tempo, não se requeria o diploma universitário para o exercício da medicina e as escolas de medicina particulares abundavam pela cidade como concorrentes, às vezes mais interessantes em muitos aspectos do que a própria Universidade.

O âmbito universitário, esclarece Browne (2011, p. 90) em relação ao campo de interesses dos Darwin, detinha e cultivava os saberes ditados e centrados pela teologia natural - universidades como Cambridge e Oxford, e mesmo a de Edimburgo, vinculavam-se à nobreza e às elites burguesas, as mais endinheiradas, pois a estabilidade política do *establishment* dependia da continuidade imaginária definida por hierarquias garantidoras de uma ordem 'natural'. A função balsâmica e ordeira da teologia natural fica muito clara se examinada desse ponto de vista. Desse modo,

alguém como Alexander Munro, professor de anatomia, professor nomeado para uma cátedra universitária em 1800, afirmava claramente lecionar anatomia "para poder examinar a criação animal que oferece exemplos tão extraordinários da sabedoria e do poder de seu Autor" (BROWNE, 2011, p. 90).

Para os universitários, as ideias, por exemplo, como as do primeiro Erasmus Darwin vinham a significar um perigo subversivo nos primeiros anos do século XIX, assim como as também teorias sobre transmutações do contemporâneo de Erasmus, Lamarck, não se encaixavam no universo das elites culturais, ou viviam em um constante conflito com elas. A Universidade de Edimburgo era, como em outras partes mais liberais da Europa, palco desse conflito onde se davam acalorados debates. Os professores autônomos, particulares, traziam todas as novidades em matéria de biologia e ciências médicas da Alemanha e da França, por exemplo, esta última com muito do que foi reestruturado em função da Revolução. Assim, muitos autores puderam chegar aos estudiosos e professores britânicos por meio dos professores autônomos: biologia e teoria da transmutação de Lamarck; a paleontologia e a anatomia de Georges Cuvier; a neurologia e a doença mental de Franz Joseph Gall, criador da frenologia, e de Johann Caspar Spurzheim; a anatomia comparada de Johann Friedrich Blumenbach; e, como vimos anteriormente, a fisiologia e a patologia de François-Xavier Bichat.

Esse novos saberes deram surgimento ao um novo tipo de anatomia comparada, a "anatomia filosófica". Apagando-se toda a finalidade e contextualização divina implicadas no trabalho, os termos "função" e "organização" passaram a responder melhor ao que se organizava em termos de corpo e suas funções e descartava tudo aquilo que dissesse respeito a algum sopro divino dando vida a um corpo inerte.

"Um anatomista francês", declarou favoravelmente o Edimburgh Medical Journal em 1825 [data da chegada de Darwin à Universidade de Edimburgo], "mantém-se próximo de seu objeto de estudo, não oferece nada mais que a anatomia pura e simples -- e, sem tentativas extravagantes para expor ou as aplicações práticas dos fatos anatômicos --, descreve sistemática e regularmente a forma, a situação e as diferentes partes e tecidos que compõem cada órgão" (BROWNE, 2011, p. 92).

No primeiro ano em Edimburgo, a solução encontrada pelos irmãos foi o isolamento. Eles 'se bastavam', passavam dias trancafiados em seus quartos lendo, e assistiam somente às aulas que mais lhe interessavam, obviamente, a ponto de Darwin cursar, em sua maioria, somente cursos referentes à história natural. Ele, naturalmente, se inscrevera nas cátedras condizentes com os caminhos percorridos por seu pai e seu avô, mas seus interesses, no entanto, quisesse ou não, esbarrariam nas novidades que vinham da França e da Alemanha.

Sendo assim, é em Edimburgo que ele é apresentado com profundidade às ideias de Lamarck pelo eminente zoologista Robert Grant, seguidor da anatomia filosófica e provavelmente o maior entusiasta e sobretudo defensor, e, com alguns poucos outros, grande divulgador das ideias lamarckianas nos meios acadêmicos britânicos, além de ter lido *Zoonomia* do velho Erasmus Darwin, avô de Darwin! "Conheci-o bem", comenta Darwin a respeito de Grant em sua Autobiografia, "era seco e formal no trato, mas, por baixo dessa carapaça externa, tinha muito entusiasmo" (DARWIN, 1887/2008, p. 42). O encontro com Grant representará muito para Darwin, para além de apresentar as ideias de Lamarck, -- autor sempre muito combatido e ridicularizado entre os cientistas, mesmo à época de Darwin. Embora Darwin tivesse lido *Zoonomia*, e soubesse até citar a obra com facilidade de cor, o encontro com Grant fez retornar e marcar algo que daria seus frutos posteriormente.

Um dia, quando caminhávamos juntos, ele fez um discurso elogioso das idéias de Lamarck sobre a evolução. Ouvi-o com surpresa e em silêncio e, tanto quanto posso julgar, sem que aquilo surtisse efeito em minha mente. Eu já lera *Zoonomia*, de meu avô, onde se afirmam ideias semelhantes, sem que ela tampouco produzisse efeito em mim. Não obstante, é provável que a experiência precoce de ouvir alguém afirmar e enaltecer essas idéias tenha favorecido minha defesa delas, sob uma forma diferente, em *A origem das espécies*. Naquela época, eu tinha grande admiração por *Zoonomia*; contudo ao lê-lo pela segunda vez, dez ou quinze anos depois, fiquei decepcionado com a enorme proporção de especulações sobre os fatos (DARWIN, 1887/2008, p. 42-43).

É evidente que essa indiferença à fala de Grant tinha sido apenas aparente, tratava-se provavelmente de um tempo fundamental no nível do pensamento, da elaboração. De fato, parece que a leitura de *Zoonomia* e a introdução às ideias de Lamarck fizeram somente marcar algo para Darwin: na verdade, ele viria a se servir dessas ideias para fazer uma outra coisa. Tudo leva a crer que apenas a admiração por *Zoonomia* e o entusiasmo - Lamarckiano - transmitido por Grant não eram suficientes, algo precisaria ainda retornar e apresentar o que nos interessa aqui: uma dimensão ética, uma dimensão efetiva de causa de desejo.

Mas, dizíamos, Grant era um entusiasta. E estamos falando do entusiasmo do próprio Darwin, algo que se evidencia graças à transferência de trabalho em relação ao professor. Mais velho que Darwin, Grant, no entender de Browne, teria nesse momento um papel semelhante ao do irmão Erasmus que deixara a Universidade depois de um ano. Darwin viu como positiva essa separação, pois assim abrir-se-iam mais oportunidades para ele na vida da Universidade. Grant, contudo, ajudava a dar consistência ao engajamento de Darwin nos domínios da história natural, o que fazia com que se afastasse cada vez mais da medicina, objetivo, afinal, tão ardentemente almejado por seu pai. E, como se constata, contrariamente a

isso, através de Grant, Darwin sustentava seu desejo, não simplesmente na contramão do que lhe parecia ter sido destinado desde sempre, mas a partir de algo que parece vir por dentro mesmo desse imperativo paterno, alguma coisa que tomada do Outro por uma transmissão. Atentemos a um conselho de Grant que ficou na memória de Darwin e que, como quase tudo que ouvia de Grant, vinha das ideias de Lamarck e de seu avô. Se, como o próprio Darwin tinha conhecimento, seu avô havia especulado sobre a hipótese de que todos os animais de sangue quente teriam se originado, desde o começo da existência da Terra, de apenas um filamento. Grant, a esse propósito, aconselhou a Darwin que voltasse seus estudos para o mundo microscópico: procurar a resposta para as grandes perguntas nas mais delicadas e menores coisas. Esse foi um dito que encaminhou e nomeou uma forma específica de ler a natureza e seus fenômenos pela fineza.

Há um episódio com Grant que se assomou às decepções sentidas em relação à Universidade de Edimburgo. Naquele momento de pleno entusiasmo naturalista de Darwin, Grant engajava-se numa pesquisa sobre uma espécie marinha chamada *Flustra*, um tipo primitivo que contém uma colônia de pólipos em seus tentáculos. Grande parte dos naturalistas acreditavam que se tratava de uma planta, mas Grant queria provar que se tratava, na verdade, de um animal, e um animal que poderia mostrar de onde se originava a vida que se tinha conhecimento na atualidade. Impelido por esses estudos de caráter micrográfico, Darwin começou a percorrer as praias para coletar *Flustras* e passou a examiná-las detidamente no microscópio. Aqui ele faz a primeira descoberta científica de sua vida: uma comunicação científica da existência de cílios motores em uma determinada espécie de *flustra* até então desconhecida. Grant escreveu um artigo e integrou essa informação ao texto, mas não deu o crédito a Darwin, colocando-o apenas como um colaborador do artigo de forma mais geral. Isso foi decepcionante para Darwin naquele momento, isso foi no início do ano de 1827 e ele tinha apenas 18 anos -- já possuía uma bagagem extraordinária de leitura e experiência.

Mas toda essa história se desenrolava juntamente com o fato de que Darwin prosseguia faltando às aulas, e justamente aquelas aulas de anatomia, onde se davam os mais cruéis dos espetáculos: experiências com animais vivos e dissecações de cadáveres, sangue e membros fragmentados no anfiteatro de anatomia, "O assunto me enojava" (DARWIN, 1887/2008 p. 47). E em uma das cartas que trocava com as irmãs deixou escapar um comentário breve de que estava lendo dois romances inteiros ao mesmo tempo ao invés de frequentar as aulas. A reação do Dr. Darwin foi imediata, embora indireta:

Tenho uma mensagem de papai para você [escreveu sua irmã Susan] e eu temo que você não vá gostar.(...) Ele quer que eu lhe diga que ele acha que seu plano de assistir só às aulas que lhe interessam não é bom; e, como você não pode ter informação suficiente para saber o que lhe será útil, é necessário aguentar pacientemente as aulas estúpidas e maçantes; e, se você não abandonar essa atitude complacente, seu curso será totalmente inútil. Papai ficou triste ao saber que você pensou em voltar para casa (BROWNE, 2011, p. 101-2).

Depois desse recado, naquele semestre Darwin estudou com afinco, deu o máximo que podia. Em relação às dissecações, "Houve casos que me angustiaram muito e ainda guardo vívidas lembranças de alguns deles; mas não fui tão insensato a ponto de permitir que isso afetasse minha assiduidade" (DARWIN, 2000, p.43). Mas, com o tempo, a situação encontrou um limite incontornável, quando teve que assistir às primeiras cirurgias:

(...) estive, em duas ocasiões, presente na sala cirúrgica do hospital de Edimburgo e vi duas operações muito ruins, uma delas numa criança, mas saí rapidamente antes de terminarem. Nunca mais participei, já que nenhum incentivo seria forte o bastante para me fazer voltar; isso foi antes dos dias abençoados do clorofórmio. Os dois casos realmente me atormentaram por um ano inteiro (DARWIN, 2000, p. 41).

Tratava-se de um procedimento de amputação em uma criança, e antes do advento dos anestésicos, que o deixou mais impressionado. Cena brutal de um paciente ainda consciente, uma criança aos gritos se debatendo, e todo aquele sangue derramado que rendeu a Darwin inumeráveis noites de insônia, angústia certamente, mas também de questionamento em relação à medicina e o caminho que ele já percebia muito bem naquele momento não ser o seu. Podemos afirmar que a anatomia será um dos principais pontos que o desagradaram no curso de medicina. Se a medicina não era seu caminho, a anatomia, surpreendentemente, será seu 'guia' nas questões das modificações das espécies, - a anatomia abrir-se-á para questões sobre o corpo as mais inusitadas. Veremos mais adiante quando ele, mais tarde, se lamentar por ter fugido dessas aulas de anatomia..

A definição quanto a não querer saber mais da medicina deveria vir acompanhada de uma comunicação ao pai, inevitavelmente. E como fazê-lo? E a coragem? No que se segue, durante as férias, foi evasivo o quanto pode, evitando os encontros com o pai, mas não por muito tempo.

Darwin relata o quanto ficara "mortificado" quando o pai, ao saber da desistência em relação à medicina, lhe diz: "você só dá importância à caça, aos cães e à captura de ratos, e será uma vergonha para si mesmo e para toda a família" (DARWIN, 1887, p. 24). Darwin comenta em sua Autobiografia: "Ele foi injusto ao usar essas palavras. Devia estar zangado. Foi o homem mais bondoso que conheci em toda minha vida, e prezo sua memória"

(DARWIN, 1887, p.24). E em outro lugar escreve: "Ele foi, de modo muito apropriado, veemente contra eu me tornar um esportista preguiçoso, o que então parecia ser meu provável destino" (BROWNE, 2011, p. 137).

Mas, se por um lado, a vocação de Darwin ainda não aparecera, ou melhor, não se dava à vista, ou simplesmente não era aceita, ou se encontrava como que ainda embaralhada e co-fundida com suas atividades de menino "esportista preguiçoso", de colecionador, caçador de passarinho, de curioso e fabulador imaginativo, era porque seu caminho estava em desacordo com o desígnio familiar por parte de pai desde o velho Erasmus, embora tudo leve a crer que, a pesar disso, existiu uma transmissão do pai Robert, daquilo que vinha já desde o velho Erasmus Darwin, e que envolvia o tema da medicina mas que, simultaneamente, o transcendia de forma singular. Tanto em Erasmus como em Robert, este último de forma mais branda, tratava-se de espíritos livres, homens originais e de muitos interesses.

A divergência em relação à linhagem paterna, portanto, em relação à medicina, pode ser compreendida como divergência em relação ao discurso da ciência moderna vigente. Não a sua denegação, mas antes uma dialetização

Darwin, dizem, forneceu a explicação científica da transmutação das espécies, ou seja, na contramão da teleologia evolucionista que lhe antecedeu, mas o fez não para cumprir uma agenda rigorosa de cientificidade (a cientificidade de seu tempo), mas antes pelo seu desejo e por aquilo que, a princípio, compreende o campo escópico, nas cenas infantis e na evocação estética das descrições da teologia natural que constituíam um eixo fundamental de sua formação pessoal e também universitária. Tanto é assim que a herança evolucionista de seu avô e a pesada tradição de médico que a injunção transgeracional impunha não foram o suficiente para produzir um médico ou um cientista engajado enquanto tal naquele momento específico. Antes era preciso dar os próprios passos para poder fazer frente a esses elementos. Sua aventura também é possibilitada por outra coisa que encontra, em sua trajetória, a recepção daqueles que compõem o que Browne chama de a "rede de Cambridge". Os homens de ciência dos quais Darwin pode enfim ter seus talentos de naturalista reconhecidos e as condições necessárias para sua [ate hoje] 'discreta' operação de 'divergência' em relação à ordem instituída, operação fundante do que é a rigor atribuído ao que é de Darwin, sem o que nada do que se entende por darwiniano pode se sustentar, seja na prática biológica, seja na ética.

É em Cambridge, portanto, que o jovem Charles começa a delinear o que viria ser o Charles Darwin histórico e plêmico, embora a ideia de lá estudar ainda constituísse parte do plano, um plano B, elaborado pelo pai. Se o rapaz rejeitou a medicina, o pai pensou em algo

que também trouxesse prestígio e que acabasse por ser uma saída, aliás muito comum em situações semelhantes em famílias abastadas: restava-lhe tentar o estudo da teologia e a formação de clérigo.

3.2 Cambridge - a oportunidade do Beagle

Dos domínios liberais de Edimburgo para a alta aristocracia de Cambridge; do cenário sombrio da anatomia ao paraíso acadêmico da Teologia Natural, enfim. O que Darwin encontrou em Cambridge cabia mais facilidade nas medidas do seu perfil, sem os sobressaltos do ambiente de Edimburgo - a nata da nata da fina aristocracia e da elite burguesa do Império estava lá representada, não somente em seus alunos, filhos de bispos, nobres, dos quais muitos amigos de escola Darwin pode reencontrar, mas na excelência de seu corpo docente. Além de instituição de ensino, Cambridge encabeçava e fazia parte de uma espetacular rede imperial de interconexões, cuja extensão e influência implicavam, por parte de seus membros, poder decisório em questões nacionais, junto ao parlamento, e dividia, com Oxford, a metade das nomeações e indicações de cargos eclesiásticos na Igreja Anglicana. Em Cambridge também estavam proprietários de grandes extensões de terra na área rural britânica, além da própria cidade de Cambridge. Darwin adentrava agora o espaço que centralizava e estruturava uma verdadeira rede de poder, de contatos pessoais e políticos, trocas e favores, informação científica e de todo tipo. "Entrar para Cambridge significava ser admitido para um clube, o clube, por excelência, da classe dominante inglesa" (BROWNE, 2000 p. 65), que curiosamente se articulava pela rede com todo o Império Britânico, mas que, ela própria, mantinha-se refratária e fechada a qualquer tipo de reformismo. Apesar da postura essencialmente conservadora, Cambridge, como em qualquer outra instituição daquele tempo, e como não poderia deixar de ser, já cedia terreno à inquietude e às reivindicações liberais dos jovens estudantes.

Ainda que se sentindo mais confortável na nova 'casa',

Darwin achou Cambridge um sonolento fim de mundo no canto mais ventoso da face oriental da Inglaterra. Fechada, quase sufocada, em sua antiguidade e limitações sociais, Cambridge oferecia poucas oportunidades de se encontrar um negro empalhador de pássaros ou um filósofo lamareckiano (BROWNE, 2008 p.141).

Mas pouco muda na atitude de Darwin no que tange aos estudos. Seus interesses permanecem voltados às caminhadas ao ar livre, às explorações, à caça, à coleta de espécies

de insetos, besouros, borboletas, aves.. Como acontecia em Edimburgo, o tempo era 'desperdiçado' e a vida, comparada a Edimburgo, tornara-se mais suave e desimpedida, seu tempo agora era quase que totalmente dedicado, não somente às atividades aventureiras repudiadas pelo pai, mas também à descarada e simples diversão. "Acho que Cambridge é um dos poucos lugares onde, se você esperar por uma boa dose de diversão, não ficará desapontado" (in BROWNE, p. 147). O companheiro dessa vida de diversões agora era seu primo William Darwin Fox, também um jovem e dedicado colecionador, apaixonado por história natural e que já estudava em Cambridge fazia algum tempo. Por outro lado, a Universidade, por sua vez, era, àquela época, ainda muito complacente em relação ao plano de estudos e o cumprimento das disciplinas. Essa complacência, na época de Darwin, já era alvo de críticas do reformismo que se preparava para dar às universidades maior consistência conteudística, entre outras questões. Para se ter uma noção, o currículo do curso de Darwin, como informa Browne, incluía "Matemática elementar, Geometria e Álgebra, o *Natural theology, or evidences of the existence and attributes of deity* [*Teologia natural ou Evidências da existência e dos atributos da Divindade*], de William Paley, e um ou dois textos clássicos em latim e grego (BROWNE, p. 146)". Antes, porém, de fazer esse percurso, Darwin teve que se matricular no bacharelado comum em Artes que servia de estágio preliminar à formação de teólogo.

Darwin e Fox compartilhavam a paixão pela entomologia e tornaram-se colecionadores vorazes - Darwin chegou a descobrir novas espécies e ter esse feito registrado e publicado em uma revista especializada de grande destaque na época. O fato de poder ver sua descoberta publicada e vinculada ao seu nome enchia-o de orgulho.

Os dois primos compartilhavam também a certeza e a serena aceitação de seus destinos ligados à Igreja, como clérigos em uma vida bucólica em algum lugar no interior da Inglaterra, sem que tivessem que se abster de suas atividades de naturalistas e pudessem desfrutar de uma vida simples e tranquila. Em momento algum, em Cambridge, Darwin chegou a pensar que sua vida estava prestes a dar uma guinada e que seu nome entraria para a história e, simultaneamente, para o centro de um turbilhão de reações extremas, desde o ódio à adoração, da satanização, das querelas, dos mal-entendidos, das aplicações e leituras de suas ideias as mais diversas, enfim. Jamais ele pensou que em algum dia ele chegaria a se autodenominar, como escreveu mais tarde em carta a Fox, "capelão do diabo".

Agora situado, já nascido no centro do mundo 'civilizado', a Inglaterra, seu país, e agora localizado no mais que prestigioso coração da rede de Cambridge, haveria de ser justamente um capelão que viria a ser conduzido suave e 'inocentemente', contrariando as

determinações paternas e mantendo-se fiel aos seus "hobbies" e suas paixões, pelas vias e capilosidades dessa rede em sua viagem no HMS Beagle, em direção à dimensão do faltoso. Devemos imajar isto como se olhássemos de cima, do alto, tal qual as análises cartográficas feitas por satélite: a Inglaterra e dali os tentáculos que avançam e se precipitam sobre o globo terrestre, enlaçando como pode suas colônias e seus membros através de rotas que desenham e redesenham sua complexa trama nas cartas náuticas, trama que ainda se metamorfoseava e explorava o mundo ainda desconhecido em sua meticulosa tarefa. E Darwin, o futuro capelão, vêmo-lo lá fazendo parte disso tudo, desse quadro, em Cambridge, estudando Artes e a teologia natural de Paley, com seus professores quase todos clérigos, - situado ali como a pessoa 'certa' - ou errada - no lugar certo, ainda confundido, inclusive historicamente, com esse movimento todo que é, essencial e reconhecidamente, pura estratégia de poder nas linhas e meandros da cartografia imperialista e expansionista, ou seja, da geografia.

Certamente, o ambiente de Cambridge favoreceu a abertura de muitas portas, não somente pelo ponto central de Cambridge na rede que levava para 'todos os caminhos', mas também ao conhecimento de homens que o acompanharam e o apoiaram integralmente, sem falar da magnitude institucional de Cambridge como lugar central de decisões, da validação e do reconhecimento de novas contribuições para a ciência e de debates entre os pares.

Dentre esses homens, gostaria de ater-me aos principais. O reverendo e professor de Botânica John Stevens Henslow, por muitos considerado o 'mentor' de Darwin, ocupa um lugar privilegiado no rol de amigos de Darwin. Henslow costumava fazer reuniões semanais para estudantes e professores de Cambridge ligados à ciência em sua residência e, a partir desses encontros, Darwin e Henslow começaram uma amizade e um laço mútuo de cooperação que duraria a vida toda. Antes de viajar para Cambridge, seu irmão Erasmus já havia falado muito bem de Henslow "como um homem que conhecia todos os ramos da ciência. Portanto eu estava preparado para reverenciá-lo" (DARWIN, 2000 p. 55). Desse modo, Darwin descreve-o com os mais elevados dos elogios, enaltecendo-o como homem "de uma benevolência ilimitada", sem indício algum de vaidade ou jactância, "de temperamento afável, de maneiras cativantes e gentis". Henslow, conta-nos Darwin, era um religioso bastante ortodoxo e alguém muito generoso e disposto sempre a ajudar a quem precisasse, inclusive praticante da caridade e atenção aos pobres, conhecido por desenvolver projetos nesse sentido que alcançaram notoriedade. E tratava-se se, sobretudo, de um erudito, que "conhecia todos os ramos da ciência", no elogio que Erasmus fizera. Mais tarde, na sua Biografia, a 'avaliação' que Darwin viria a fazer, no entanto, ainda que bastante elogiosa e repleta de admiração, não escondia uma certa dureza:

Era enorme seu conhecimento em botânica, entomologia, química, mineralogia e geologia. Sua mais forte predileção era tirar conclusões a partir de observações minuciosas, realizadas continuamente durante longos períodos. Ele era dotado de um discernimento excelente e de uma mente muito equilibrada, mas não posso dizer que tivesse um grande talento original (DARWIN, 2000, p. 54).

Por um longo período, Darwin era conhecido como "o rapaz que caminha com Henslow" - tradução para 'the man who walked with Henslow' - justamente pelas longas caminhadas que faziam juntos quase todos os dias. Darwin chega a declarar que sua amizade com Henslow foi "uma circunstância que influenciou toda a minha carreira, mais do que qualquer outra" (DARWIN, 2000 p. 55).

Minha intimidade com esse homem estava fadada a ser, e imagino que tenha sido, um benefício inestimável. Não resisto a mencionar um incidente trivial, que demonstrou a generosa consideração dele. Numa ocasião em que eu examinava grãos de pólen sobre uma superfície úmida, vi os tubos se projetarem e, no mesmo instante, saí correndo para lhe comunicar minha surpreendente descoberta. Imagino que qualquer outro professor de botânica daria uma gargalhada vendo-me chegar, com tamanha pressa, para fazer tal comunicação. Henslow, no entanto, concordou em que o fenômeno era interessante e explicou seu significado, embora me desse a entender claramente que era bem conhecido. Assim, pude despedir-me dele sem sentir-me mortificado. Ao contrário. Alegrei-me por haver descoberto sozinho um fato notável, embora estivesse decidido a não voltar a me apressar tanto para comunicar descobertas (DARWIN, 2000 p.57).

O acolhimento do professor Henslow foi, sem dúvida a chave, ou pelo menos a mais importante das chaves, para a integração de um jovem aspirante a naturalista (vale lembrar, no entanto, que a profissão de naturalista, propriamente dita, não existia) em uma comunidade de homens conceituadíssimos da ciência do presente, sem contar com o peso de toda a grande tradição de ciência de Cambridge. Em muito pouco tempo Darwin já via-se inserido no meio das relações de Henslow, como William Whewell (1794-1866), Leonard Jenyns (1800-1893), Adam Sedgwick (1785-1873), entre outros.

Olhando para trás, infiro que devia haver em mim alguma coisa um pouco superior à massa dos jovens, pois, de outro modo, os homens acima citados, muito mais velhos que eu e de posição acadêmica superior, não teriam permitido que eu convivesse com eles. Eu, com certeza, não tinha consciência de nenhuma superioridade. Lembro-me de ter ouvido um de meus amigos desportistas, Turner, que me viu trabalhando com meus besouros, dizer que um dia eu seria membro da Real Sociedade. Essa idéia me pareceu absurda (DARWIN, 2000 p. 57).

Henslow será, durante a viagem do Beagle, seu homem em terra, ou seja, aquele que será encarregado de receber todas as remessas enviadas por Darwin com fósseis e todo tipo de coleta e proceder em seus diversos encaminhamentos: aos especialistas que farão as análises

específicas, aos museus de história natural e depósitos, enfim, compreendendo todo o trabalho que uma quantidade monumental de espécies, rochas, fósseis, já etiquetadas, mas que precisavam ser acondicionadas e arquivadas.

Naquele mesmo ano, retornando das férias e de uma excursão geológica que fizera com o professor Adam Sedgwick pelo norte do País de Gales, Darwin encontra na caixa de correio um carta de Henslow. A correspondência Darwin-Henslow é consideravelmente extensa, e pode servir também de guia para os momentos fundamentais que fizeram do jovem Charles o Charles Darwin da história da ciência. Esta carta é o divisor de águas por excelência. Datada de 24 de agosto de 1831, nela Henslow explica a Darwin que fora procurado pelo Almirantado, especificamente o hidrógrafo Francis Beaufort, para que ele recomendasse "um jovem qualificado, interessado em ciência e história natural para embarcar em um navio de exploração que partiria da Inglaterra no outono". A viagem se propunha ser à Terra do Fogo, com retorno pelas Índias Orientais e deveria durar dois anos [a viagem, como é sabido, durou cinco anos, de 1831 a 1836]. Henslow escreve: "Se você levar muitos livros, poderá fazer o que bem quiser - terá amplas oportunidades à disposição; resumindo, creio que nunca houve melhor oportunidade para um homem de empenho e coragem" (BROWNE, 2008 p. 216).

Vemos claramente o apelo do Almirantado à Cambridge pela via da rede. Francis Beaufort assumira naquele momento o departamento de Hidrografia e, sentindo a situação geral da instituição como estagnada, sugeriu que se refizessem as cartografias, que renovassem as informações. Seu espírito reformista trazia sangue novo à instituição, incentivando muitas missões importantes, dentre elas a do H.M.S. Beagle que seria conduzida pelo capitão Robert Fitz-Roy. Mas, pelas palavras de Henslow - "você poderá fazer o que quiser", ler livros, etc. -, convenhamos que algo indicava aí que certamente não se tratava de um convite profissional. Na verdade, a motivação real que pôs todo esse processo em movimento foi uma exigência pessoal do capitão Fitz-Roy que, como explicou Henslow na carta, "quer um homem (creio) que seja mais uma companhia que mero colecionador e não aceitaria alguém, por mais que fosse um bom naturalista, que não lhe fosse recomendado como *cavalheiro*" (BROWNE, 2000, p.216).

Muitas coisas fazem de Fitz-Roy o homem, apenas quatro anos mais velho que Darwin, que, a despeito da perplexidade de todos, - do Almirantado, da família Darwin, e até do próprio Darwin -, exigia um *cavalheiro* como acompanhante, um completo desconhecido, em uma viagem extensa e arriscada de dois anos. Como Darwin mesmo observaria mais tarde, "o temperamento de FitzRoy era dos mais lastimáveis". A começar pelo que lhe foi revelado,

tempos depois, a respeito do primeiro encontro com o Capitão, em Londres, para aprovação e admissão efetiva de Darwin:

(...) ao me tornar íntimo de FitzRoy, fiquei sabendo que correra grande risco de ser rejeitado, por causa... do formato do meu nariz! Discípulo ardoroso de Lavater, ele estava convencido de que podia julgar o caráter de um homem pelo contorno de suas feições: e duvidava que alguém com meu nariz pudesse ter energia e determinação suficientes para a viagem. Mais tarde, no entanto, ficou satisfeito com o fato de meu nariz não ter dito a verdade (DARWIN, 2000, p.62).

Em outro comentário da *Autobiografia*, ele escreve:

A viagem do Beagle foi, sem dúvida, o acontecimento mais importante da minha vida e determinou toda a minha carreira; no entanto, decorreu de uma circunstância insignificante, como a oferta de meu tio de me dar uma carona de 50 quilômetros até Schrewbury, o que pouco tios teriam feito, e de uma banalidade como o formato de meu nariz (DARWIN, 2000 p. 66).

A "carona" do tio Jos [Josiah Wedgwood II, filho de Josiah I] a que Darwin se refere liga-se às dificuldades iniciais, após a proposta de Henslow, de convencer o Dr. Robert Darwin a apoiar seu filho nessa aventura, pois ele via no conteúdo da tal carta o que exatamente se entende justamente por uma 'aventura', principalmente em se tratando naquela época no que dizia respeito à tradição das embarcações exploratórias, os riscos de naufrágio, de doenças como escorbuto, para não falar de sede e fome propriamente ditas. Além do mais, essa, disse ele, não era definitivamente a vida que ele havia sonhado para o seu filho - a vida de um aventureiro dos mares, coisa não muito bem vista para um recém formado clérigo respeitável em Cambridge. Médico, pastor, sim...mas aventureiro!.. Essa atitude do pai fez, inclusive, com que Darwin escrevesse a Henslow, recusando a proposta, e o fez muito tristemente. Mas, ao final daquela conversa cheia de negativas, o pai havia acrescentado: se você conseguir com que alguém que eu admire e que seja de minha inteira confiança argumente a favor de sua viagem, e me convença, eu o apoiarei inteiramente! Logo que se inteirou da situação, o seu tio Jos Wedgwood, intercedeu por ele, -- daí a carona de 50 quilômetros até Schrewbury --, contra-argumentando em relação ao pensamento algo estreito do pai. E o fez de forma original e positiva, mostrando ponto por ponto os prós, e o que seriam os contras, da aceitação da aventura e em relação aos talentos e ao valor do jovem Darwin e o quanto era admirado por seus professores, entre outros argumentos.

3.3 O real - meio ambiente e anomalia

Mas lá está ele no 'interior' desse Outro que, no fundo, é um mapa. Mapa é um termo que nos remete à escrita, o mapa é propriamente uma 'carta' - *carte*, em francês, embora usualmente o termo seja, nesta língua, usado para significar 'mapa' ou mesmo a carta de vinhos em um restaurante. Em inglês temos *letter*, que é *carta* (em português), e *lettre* (em francês) e também *letra* (em português). As *letters* de Darwin à sua família, amigos, e outros cientistas, compõem a correspondência imensa que ainda hoje é processada nos seus acabamentos pelos especialistas, sem falar nos *notebooks*, onde a letra quase que indecifrável de suas anotações corria com a leveza afoita da 'heresia'. Por outro lado, 'escrita geográfica', melhor dizendo, a escrita da geografia, escrita da ciência, parece ser esse lugar de onde tudo se vê, o olhar que registra o mais fiel possível os meandros - e não admite a falha que se abre por não dar conta de tudo. O discurso da ciência quer o UM, o Um do todo, e um império é todo o esforço de, a despeito de diferenças, fazer reunir, organizar e amarrar os uns (se assim forem considerados) para formar o UM a qualquer custo, incluindo a intriga calculada, o assassinato, a tortura, a dizimação de povos inteiros. Tal tarefa nos mostra a escrita do império onde o esforço é fazer Um, no caso, no exercício cartográfico, mapa escrito a partir da coleta com o rigor científico das medições, o esforço de, através do saber científico, dar conta do todo, e justificar seus atos. Refiro-me, ainda, ao rigor científico e a eficácia com que o globo terrestre é abraçado, por exemplo, por esse complexo de redes responsáveis pela comunicação e a expansão. O litoral da América do Sul será medido pela equipe do HMS Beagle com todo o rigor possível. Aliás, cabia ao próprio Capitão Fitz-Roy a operação, ele mesmo, de todo o equipamento de medições. Em todo o lugar que o Beagle ancorava, Darwin ia excursionar em terra firme e Fitzroy permanecia à bordo operando seus instrumentos.

O Capitão Robert Fitz-Roy era um típico *tory* (ala conservadora, originário da aristocracia inglesa); religioso em seu máximo fervor, personagem 'estóico', auto-contido, encarnação do puritanismo e, a um só tempo, do heroísmo orgulhoso e civilizador, 'missionário' do Império pelo bem e desenvolvimento das colônias e do mundo ainda por conquistar - esse é o discurso que Fitz-Roy encarna. Por outro lado, Darwin, na sua afabilidade e seu aspecto bonachão e paciente, 'a good guy', apresentava-se como um sujeito muito observador e perspicaz, que, mesmo sendo cria da elite mais liberal e esclarecida (da tradição dita *whig*, contrária aos *tories*) da Inglaterra, estava bastante além do rigor asfixiante, engessado e cientificista de Fitz-Roy, basta que pensemos nas figuras originais de Robert, seu pai, e de seu avô Erasmus para percebermos isto, sendo este último um livre pensador de caráter fortemente intuitivo e especulativo.

Um contraste interessante, - mas para além, talvez, de um simples contraste, temos uma conjunção ou talvez uma metáfora, ou ainda a amostragem de alguma coisa: o rigor engessado do mecanicismo metrificante, em Fitz-Roy, e, por outro lado, o espanto de algo que nesse mesmo esforço da medida passa a florescer aos olhos de Darwin, pois Darwin fazia sua coleta, investigava o interior do corpo dos seres coletados pela dissecação, fazia medições e registrava em suas anotações e em desenhos feitos pelo artista oficial à bordo. Essas duas figuras da precisão, vamos chamar assim, como em outro momento chamei a atenção a essa questão da importância da precisão técnica no estudo de Koyré, a saber, a precisão técnica como ponto fundamental característico do corte promovido pelo discurso da ciência. Fitz-Roy remete-nos à precisão da ciência moderna, como aplicação rígida de noções exatas e precisas da matemática, especialmente da geometria, com todo seu aparato de medições cada vez mais apuradas e sensíveis; e em Darwin, a precisão técnica, da qual também dependia enquanto instrumental do comparativismo tão característico de suas atividades como naturalista, sofre uma torção sobre si mesma, remetendo-nos, como procurei mostrar a partir do que **Koyré chamou de "mundo do mais-ou-menos", à 'precisão' que procuro mostrar ao extraí-la da "imprecisão" de um Aristóteles, ou seja, a precisão do detalhe e da diferença, do desvio, uma vez que a precisão e a medida técnicas não eram problematizadas.**

A precisão, assim, determinou duas situações em um só lance, de uma tacada só: a precisão técnica 1) tornou-se o elemento fundamental para a leitura do universo e do mundo e, logo, possibilitou a ação do homem sobre o mundo, como até a organização e classificações dos seres vivos pelo espírito científico de um Lineu, por exemplo; e 2) promoveu o próprio desaparecimento da consideração pela precisão como modo operatório e de variação e modificação dos seres vivos e de suas circunstâncias, o que chamo de "escrita darwiniana". Ou seja: para Darwin, cada indivíduo é único, assim como as girafas, em seu processo evolutivo, partiam de tamanhos diferentes de pescoço no argumento contra Lamarck. Portanto, aos olhos de Darwin, cada diferença deve ser rigorosamente levada em conta. A experiência grega de ciência, principalmente aquela encarnada na Física de Aristóteles, atribui um sentido ao vocábulo 'física' totalmente distinto do usado em nosso tempo, se fiava na ideia de que

entre a matemática e a realidade física existe um abismo. Dai resulta que, querer aplicar a matemática ao estudo da natureza é cometer um erro e um contrassenso. Não há na natureza círculos, elipses ou linhas rectas. É ridículo querer medir com exactidão as dimensões de um ser natural: o cavalo é, sem dúvida, maior que o cão e mais pequeno do que o elefante, mas nem o cão, nem o cavalo e nem o elefante tem dimensões estrita e rigidamente determinadas: há, por todo o lado, uma margem de

imprecisão, de "jogo", de "mais ou menos" e de "aproximadamente" (KOYRÉ, 1943 p. 12).

Como se pode perceber, retomo isto, e a mesma citação do primeiro capítulo, para enfatizar e reiterar a grande importância que acredito estar no âmbito dessas distinções, ao tentar mostrar essas duas figuras da precisão, que trazem, por um lado, em Fitz-Roy, o saber da ciência moderna e sua manifestação cientificista a serviço da ideologia colonialista, e Darwin como aquele que, de dentro desse mesmo contexto da precisão técnica, - mas ainda ancorado na '(im)precisão' da tradição naturalista e da teologia natural, da observação e descrição das diferenças pelo fascínio estético e munido da referência antropomórfica, encontrando os excessos e as diferenças. Ora, o que é "impreciso" e "aproximado" resulta na mais precisa das precisões, que é a precisão da 'diferença individual', lembrando essa expressão bastante pertinente no enquadre deleuzeano. Trata-se conseqüentemente de uma 'precisão' individual que, embora a ciência se esforce, não pode ser levada em consideração pelos ditames das fundações galilaica e cartesiana exatamente porque elas são estrangeiras ao meio mecanicista e pertence, -- é "de fábrica", é "de origem"--, ao mundo do "aproximadamente" e do regozijo íntimo da contemplação. E, no caso de Darwin, do que rasga essa contemplação.

O preciso é às vezes um milímetro a mais que faz a diferença. Esse mundo, que é confrontado com esse simbólico que ambiciona simbolizar tudo e **que faz algo restar**. O que resta, vemos aqui com Darwin, se expressa no âmbito de uma estética e de uma ética do sujeito, que aponta para sua dessubstancialização. A certeza do saber preciso e exato sempre vacila quando sua imprecisão é evocada pela dúvida, pela desconfiança, e até mesmo pela dimensão narrativa e ficcional, como o fez Descartes em seu método. A precisão torna-se vacilante quando a dúvida sempre retorna apesar da certeza. O sujeito da dúvida, é ele que interessa à psicanálise.

Um exemplo do que procuro expor está no que se segue. Mesmo tendo sido aprovado nos exames finais e já com o diploma de Teólogo, Darwin tinha algumas pendências acadêmicas a cumprir. Antes do período de férias, que passaria junto ao seu tio Jos, Henslow, no início de 1831, incentivou Darwin a estudar e a se dedicar com mais ênfase à geologia, o que foi feito. Henslow pediu ao professor Adam Sedgwick, aclamado geólogo de seu tempo, para que integrasse Darwin à equipe que planejava naquele momento uma próxima excursão pelo norte do País de Gales. O intuito era aprender mais sobre rochas mais antigas, pesquisa que Sedgwick vinha desenvolvendo fazia muito tempo. Quase chegando o dia, estando tudo

planejado, antes da partida na manhã seguinte, Sedgwick passou a noite em The Mouth.

Darwin comenta:

Fiquei impressionado com a breve conversa que tivemos nessa noite. Numa ocasião em que eu estivera examinando um velho poço de cascalho perto de Schrewbury, um trabalhador tinha me contado que encontrara nele uma desgastada concha tropical de uma só peça, como as que costumam ser vistas nos consoles das lareiras das casas; como ele se recusara a vender a concha, eu havia ficado convencido de que realmente a encontrara no poço. Narrei esse fato a Sedgwick, que na mesma hora me disse que ela devia ter sido atirada no poço por alguém; em seguida, porém, acrescentou: seria uma grande infelicidade para a geologia se ela realmente estivesse cravada lá, pois isso derrubaria tudo o que sabíamos sobre os depósitos superficiais dos condados da região central. Esses leitos de cascalho, na verdade, pertenciam à era glacial. Anos depois, encontrei neles conchas árticas quebradas. Nessa ocasião, entretanto, fiquei surpreso por Sedgwick não se encantar com o fato de alguém haver encontrado uma concha tropical perto da superfície, bem no meio da Inglaterra (DARWIN, 2000 p.59-60).

Como uma concha tropical foi parar lá, no meio da Inglaterra? Por qual movimento? Que propósito? Por qual capricho? Por qual trama? A geologia de Charles Lyell previa esse capricho, esse movimento sem finalidade e sem propósitos. Mas Adam Sedgwick não considerava a pesquisa de Lyell, sua própria visão da geologia ligava-se muito fortemente à tradição catastrofista. Por vários motivos e, em especial, esse acontecimento 'desapercebido', essa viagem com Sedgwick foi muito proveitosa para o discípulo, mesmo com toda a sua "ignorância", como comentou ele, frente aos ensinamentos do mestre. E observou:

Nessa viagem, tive um exemplo marcante de como é fácil deixar os fenômenos passarem despercebidos, por mais óbvio que sejam, antes que alguém o tenha observado (DARWIN, 2000 p.60).

Temos assim, como nesse caso, a retomada da questão geográfica, biogeográfica, na forma de uma objeção de fineza e precisão, em meio ao leito de abundante cascalho do solo inglês uma quase que 'insignificante' concha tropical aparece por lá. Essa visão destoante já aponta para o que verdadeiramente caracteriza isto que entendemos como aventura em Darwin, a aventura de Darwin, em sua viagem no HSM Beagle.

De modo que Darwin e FitzRoy, essas duas figuras da precisão, passam a viajar juntos, lado-à-lado, na missão a bordo do HMS Beagle. Tratar-se-á de uma relação, uma convivência quase que diária de cinco anos, rica e acidentada de discussões e desentendimentos, em um debate contínuo que, segundo Stephen Jay Gould, foi fundamental na elaboração de Darwin (GOULD, 1975). O importante, por agora, é mostrar, pelas diferenças entre Darwin e FitzRoy, onde a precisão e a dúvida se dão no mesmo ato de traçar. Se FitzRoy mostra a plena confiança das medições, Darwin, por seu turno, cada vez mais se

espanta com o que, durante a viagem no HMS Beagle, vai lhe mostrando paulatinamente o valor do transformismo, mas de uma maneira muito própria: pela via da constatação de um vacilante movimento da natureza que fazia constituir diferenças precisas e operatórias à revelia do observador.

FitzRoy é um representante fervoroso e leal à causa colonial do império britânico, e sua medição serve a uma necessidade imanente aos tentáculos cada vez mais especializados desse Império, a cata de informação estratégica. Mas, por mais que se perceba que isso, do ponto de vista do dominador, não tem um fim e não faz um todo, a esperança é a de que o afinamento cada vez maior da informação possa, enfim, fazer 'calar' o real e alcançar o 'todo' ao obter suas respostas. Lacan o disse muito bem, aliás colocando-se criticamente em relação ao que de cientificismo sempre rondou aqui e ali a obra de Freud: que a ciência, em geral, acredita na relação sexual, que 'um dia, quando estiver mais avançada, a ciência poderá..Se não sabemos é porque a ciência ainda terá que se desenvolver para dar uma resposta e resolver o problema'..Darwin, por outro lado, apelidado curiosamente de "Philos", ou "Filósofo" pela tripulação do Beagle, um recém formado pastor de Cambridge e naturalista 'amador', que, embora estivesse de 'carona' nessa embarcação, percorreria, por uma dessas ironias da história, um movimento justamente a contrapelo da ideologia concernida no movimento expansionista, imperialista, da Inglaterra. Ou seja: em sua própria aventura enquanto sujeito do inconsciente. A subversão caminha aí *pari passu* com a ordem estabelecida, mesmo que não se perceba. Essa aventura do sujeito Darwin se dará naquilo que a ciência moderna deixa de lado na questão que se coloca a partir da imersão do objeto da tradição naturalista "terrena" (expressão utilizada por Jay Gould para separar o mundo do naturalista "terreno" do universo agora "aberto" do cientista no senso moderno) no meio pós-Corte: o resultado é algo que não pertence nem a um meio nem a outro, trata-se de um resto. E, como dissemos, a biologia em Darwin passa a ser uma ciência que está, sem sabê-lo, interessada no real pelos seus efeitos, para estudá-los posteriormente e acompanhar seus caminhos, sua escrita. O real fica esquecido por trás do que se formula de descoberta. Em outras palavras, o que resta da operação significativa científica, que procurava dar conta de tudo, serão essas pontas, esses milímetros a mais ou a menos, serão alguns 'detalhes', efeitos locais não universalizáveis, que não se encaixam na previsibilidade ou que não podem ser levados em consideração pela ciência tal como ela se apresentava, alguma coisa como uma concha tropical no meio da Inglaterra! Há suspeitas e a desconfiança crescente de que algo escapa justamente pelos furos do *continuum* narcísico.

Por outro lado, uma concha, um pedaço único de concha tropical, não deve significar nada do ponto de vista do império. Aqui a ideologia predominante resulta nessa espécie de 'colagem' do mapa com o objeto cartografado pela geografia mecanicista dos sécs. XVIII e XIX, da relação do meio geográfico com o ser vivo, com o homem mais especificamente, como se não houvesse perda alguma, como se tudo estivesse naturalmente planejado e coincidente. Canguilhem mostra o funcionamento desse quadro mecanicista:

Pode-se resumir o espírito desta teoria das relações entre o meio geográfico e o homem, dizendo que fazer história é ler um mapa (*carte*), entendendo-se por mapa a configuração de um conjunto de dados métricos, geodésicos, geológicos, climatológicos e dados descritivos biogeográficos.

O tratamento - cada vez mais determinista, ou mais precisamente mecanicista; na medida em que se afasta do espírito dos fundadores - problemas de antropologia e etologia humana funcionam como processamento paralelo, se não exatamente síncrono, em etologia animal. À interpretação mecanicista da formação de formas orgânicas sucede a explicação mecanicista dos movimentos do organismo no meio (CANGUILHEM, 1952 p. 179).

Canguilhem mostra com muita clareza que a ideia de meio, meio ambiente - *milieu* - tem seu percurso histórico próprio e acidentado. Inicialmente ela é importada da mecânica de Newton por seus seguidores franceses: o que interessava a Newton era considerar o problema de algo como um "fluido" que veiculava a ação à distância e que intermediava dois corpos, que ele denominou "éter". Esse fluido veículo, segundo Canguilhem, passou a ser traduzido como "meio" (*milieu*), ou seja, o meio que intermedia e suporta os corpos, fazendo com que uma ação possa ser veiculada de um corpo ao outro - como se diz que o meio é a água onde se movem os peixes, exemplifica Canguilhem. Como vemos aqui, a física moderna é o modelo soberano que imprimirá sobre os demais e diversos setores do conhecimento humano um encaminhamento, e sabemos qual é - ele nos é atual. No que concerne à biologia, a ponte que fez com que a ideia do fluido de Newton encontrasse lugar no universo da história natural é um salto do próprio Newton, da mecânica para a fisiologia. Em sua *Óptica*, Newton considera o éter como estando em continuidade com o ar, com os olhos, com os nervos, com os músculos. Será, portanto, conclui Newton, pela ação de um meio que é assegurada a ligação de dependência entre o brilho da fonte luminosa percebida e o movimento dos músculos para que os homens reajam à sensação. Esse parece ser o primeiro exemplo de explicação, nos diz Canguilhem, de uma reação orgânica pela ação de um meio (*milieu*), ou seja, de um fluido estritamente definido por suas propriedades físicas. A palavra *meio* não foi utilizada por Newton, mas o recurso ao que ele denominou éter, ou seja, aquilo que contorna e que veicula.

Pois bem, a palavra "meio" aparece na Enciclopédia de d'Alembert e Diderot no seu sentido mecânico em artigo homônimo, mas a ideia de meio entra para a biologia através de Lamarck, ele a usava no plural os 'meios' ou 'circunstâncias'. Mas como Lamarck tinha sido aluno de Buffon, é acertado dizer que Buffon já cogitava, a partir de Newton, sendo ele também físico e grande admirador daquele, a fundamental inferência da física para a biologia. Fato 'simples', porém formulação genial cujo princípio fundamental e articulatório deve percorrer toda a história das ciências naturais, mais propriamente as *Naturwissenschaften*, quando elas procuram dar o salto para explicar e fundamentar o psicológico nos animais e no homem. A articulação seguinte é tomada pelos naturalistas quando Newton cai como uma bomba na história da ciência: como explicar a ação da luz sobre o olho humano, como a luz proveniente do espaço era veiculada e atingia o olho por interferência do meio.. O uso do termo passa a ser continuado, De Blainville, Etienne Geoffroy Saint-Hilaire, em 1831, e Auguste Comte em 1838 utiliza o termo no singular, em sentido abstrato. E Balzac é o primeiro a usá-lo em literatura, em 1842. É apenas com Taine, em pleno séc. XIX, que a expressão se consagrará como ideia aplicável em relação a tudo e mais um pouco, p. ex., 'meio científico', 'meio literário', 'meio psicanalítico', etc. Mas a origem da ideia contida no termo "meio" está em Newton, e Canguilhem nos mostra o fio que perpassa esse primeiro uso e o que, depois, mais tarde, depois da fisiologia, do arco reflexo, e outras vicissitudes, o *behaviorism* de Watson mostrará o mecanismo dessa interação meio e homem a serviço da psicologia.

A noção mecânica herdada de Newton permanece, portanto, a guia fundamental para a concepção e o uso do termo *meio* até meados do século XIX.

Um exemplo que Canguilhem utiliza para mostrar a 'flexibilidade' do uso do termo na história, mas que serve para mostrar, apesar dessa dita flexibilidade, as bases enraizadas na mecânica newtoniana mantêm-se inalteráveis em suas diversas alterações, é o exemplo de Comte. Em 1838, em seu *Cours de philosophie positive*, Comte acreditava utilizar o termo "meio" como um neologismo, pois segundo sua concepção não se tratava apenas de entender "meio" como "fluido em que o corpo está imerso", mas antes como "conceito explicativo universal e abstrato em biologia", ou seja, "a soma total das circunstâncias externas necessárias para a existência de cada organismo". Um excepcional ampliação do fundamento newtoniano, sem dúvida, ou pelo menos, um passo a mais, ou um 'incentivo', para que se pensasse e se ampliasse a questão que, na verdade, ainda estaria para surgir enquanto formulada, ou seja, que forças estão em jogo nisto que se chama "meio" longe de qualquer coisa que seja da ordem de um adaptacionismo ou de um funcionamento mecânico previsível.

Mas, segundo Canguilhem, a ampliação de Comte objetivava somente manter-se na concepção mecânica, e para ele todo esse processo prosseguia sendo totalmente quantificável e calculável. Todo elemento considerado na natureza é em Comte compreendido como variável de uma equação, de uma lógica: "em um dado meio, dado o órgão, tem-se a função, e vice versa". ("In a given *milieu*, given the organ, find the function, and vice versa."). Essa, no entanto, prossegue sendo o selo de procedência de quase todo pensamento evolucionista, o adaptacionismo.

Mas, em Darwin, começa-se a fazer perguntas a respeito do que se coloca destoante em relação a esse mecanismo chamado meio, chamemo-lo por ora assim, no seu significado mecanicista de inspiração newtoniana. Não, a Física newtoniana, como disse Lacan, as Leis de Newton de fato calaram o bico do Universo. Mas uma concha tropical estava cravada em um lugar onde não deveria estar...e agora? Isso queria dizer algo. Trata-se de uma questão, uma questão central que toma corpo nessa espécie de quebra-cabeça que se tornou a ciência natural em Darwin. E muitas coisas podem ser ditas e que se sobredeterminam nesse singelo exemplo da concha no cascalho.

Inicialmente temos, para o sujeito Darwin, o encantamento, que, aliás, nos diz ele, faltava ao professor Sedgwick. Para ele, Darwin, tratava-se de descobrir algo precioso e 'jamais visto' e levar esse algo correndo, esbaforido, para ser mostrado a alguém, a um mestre como Henslow (como vimos anteriormente) ou ao próprio Sedgwick, ou ainda aos amigos de escola e às reuniões familiares para contar suas histórias nos tempos de menino. Lembremos que, segundo sua Autobiografia, ele próprio quando menino escondia objetos em algum lugar da floresta e, depois, aparecia, esbaforido, dizendo que havia descoberto ou achado objetos raros em lugares estranhos, ou seja, os mesmos que ele havia 'plantado' anteriormente nos ditos lugares. A "concha tropical", ela mesma, é um objeto precioso graças à quebra que se estabelece com o fundo que lhe seria suposto 'natural', o tropical, ligando-se com o fundo de cascalho, um fundo 'estranho'. Essa concha adquire, eu diria, um estatuto de 'deslizante' na sua relação com o meio. Ousaria dizer, lembrando Saussure, que ela adquire seu valor na relação que ela estabelece com outros elementos de uma cadeia em movimento. Evidentemente trata-se de algo que desliza e se move na natureza, que se dá, como observei, biogeograficamente, e, é claro, geologicamente. Apenas uma leitura, uma leitura enquanto ato, pode mostrar que algo aí se escreveu, que um certo limite foi ultrapassado. E não apenas denegar o fenômeno e dizer que isso é impossível, uma vez, como vimos pelo discurso de Sedgwick, que cada coisa tem seu lugar e o que escapa a essa regra, a esse desígnio aristotélico, poderia dismantelar tudo o que se sabia sobre a constituição rochosa do solo inglês.

Estando o limite ultrapassado, ou seja, legitimado enquanto ato de leitura, ou ainda, enquanto instauração e reconhecimento de um furo, temos aí algo que podemos chamar de um 'recado da' natureza, chamemo-lo assim, para o seu leitor. Um recado sutil nesse momento, mas ele já está absolutamente causado por isso e pela pesquisa - Cambridge lhe fizera muito bem, principalmente sob a orientação de Henslow - e ainda ele nem tinha partido para a sua viagem, que o conduzirá diretamente às imediações dessa questão.

Ainda há algo a respeito do "tropical", esse "tropical" que se apresenta como significante que leva consigo todo o infindável imaginário a respeito dos trópicos do ponto de vista dos conquistadores europeus e das sociedades europeias em geral. O 'exótico' com todo o seu valor e sua força. A imagem de um pedacinho dos trópicos, mesmo que milimétrico, no centro da Inglaterra parece mostrar o brilho todo especial com que essa concha se reveste do desejo. Sabemos o quanto se deve ter a dizer sobre esses contrastes e os efeitos desses encontros propiciados pela expansão marítima e sua história, senão do papel desse processo de confrontação radical com a diferença do Mundo Novo como quebra.

Por outro lado, lembremos de Darwin cujos olhos foram iluminados pela leitura de Alexander von Humboldt a respeito dos Trópicos - Tenerife é um lugar onde Humboldt aportou e seus relatos estimulavam a imaginação de Darwin de forma profunda. Ele próprio, quando jovem, envolto pela felicidade irresistível da aventura e do entusiasmo pelo peculiar encanto das florestas brasileiras, se remeterá a Humboldt de forma extraordinária e até poética, na sua gratidão ao naturalista alemão que foi responsável por lhe despertar um olhar a mais. Isso é uma conjunção do imaginário europeu e da questão darwiniana que já embalava, não somente a fascinação, a sideração, mas sobretudo, ao mesmo tempo, uma formulação nova que advirá de uma operação de furo que trará consigo muitos desdobramentos - e ainda nos dias atuais. De algum modo, algo se esvazia, algo se desencaixa, desliza, se desloca, conecta, desconecta e reconecta algures ou de outro modo, realização de enodamentos e repetição. Algo se perde em relação à natureza, definitivamente. Como um abalo sísmico ou a atividade vulcânica e a escultórica magmática que pode elevar uma concha do mar para o cimo gelado das Cordilheiras - como ele irá constatar no Chile, ainda na viagem no Beagle - ou para regiões distantes como alguma parte da Inglaterra.

Canguilhem, estudioso que, como poucos, compreendeu o estatuto lógico e fundamentalmente subversivo do trabalho de Darwin, mostra o que faz oposição ao modelo mecanicista de meio (*milieu*), que apresentei um pouco também na forma de uma 'colagem' do mapa ao seu objeto cartografado. Coisa que se estende a tudo, evidentemente, a qualquer tipo de classificação que se julgue detentora do ser, do saber das coisas do mundo, como um saber

vindo do céu. Refiro-me também especificamente, à taxonomia, que passou a ser considerada apenas como um sistema prático e engenhoso de classificação, uma vez que foi posta em xeque pelas investigações apresentadas em *A origem das espécies*.

Com o exemplo a que me atendo aqui, exemplo bastante concentrador e, creio, 'didático' a respeito do ponto mais essencial, que é o da concha tropical cravada no cascalho, há o que podemos chamar de monstruosidade, ou anomalia. Vejamos um pouco de como e com que sutileza uma obra como *O normal e o patológico*, de Canguilhem, opera distinções fundamentais, da qual gostaria de fazer alguns pequenos recortes. Ele vai aos dicionários especializados em busca da significação e etimologia dos termos 'normal' e 'anomalia' são os termos que pincei, apenas para o que pretendo mostrar aqui pontualmente, da importante reflexão de Canguilhem onde se inclui evidentemente a noção de patológico na medicina para definir o normal. Em relação a 'normal', ele encontra no *Littré* de medicina "normal (*normalis*, de *norma*, regra), que é conforme à regra, regular" (CANGUILHEM, p. 48). E, no *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*, de Lalande, o verbete se estende um pouco mais e "é mais explícito:"

é normal, etimologicamente — já que *norma* significa esquadro —, aquilo que não se inclina nem para a esquerda nem para a direita, portanto o que se conserva em um justo meio-termo; daí derivam dois sentidos: é normal aquilo que é como deve ser; e é normal, no sentido mais usual da palavra, o que se encontra na maior parte dos casos de uma espécie determinada ou o que constitui a média ou o módulo de uma característica mensurável (CANGUILHEM, 2009 p. 48).

Ele aponta o grande equívoco, que se explicita nesses verbetes de dicionário, que a confusão que uma certa tradição filosófica realista promoveu no pensamento:

toda generalidade é indício de uma essência, toda perfeição, a realização de uma essência e, portanto, uma generalidade observável de fato adquire o valor de perfeição realizada, um caráter comum adquire um valor de tipo ideal (CANGUILHEM, 2009 p. 48).

Ora, Canguilhem faz ver que o normal, enquanto norma absoluta, perde lugar na medida em que ele exerce sua crítica ao pensar a questão da normatividade biológica, ou melhor, das normatividades, no plural. A noção de normatividade biológica é fundamental para pensar a vida. A normatividade é, segundo Canguilhem, o modo com o qual a vida é possível, e ela só pode ser pensada levando em consideração a variabilidade dos organismos, ou seja, pela capacidade de um organismo variar, de uma espécie poder se modificar ao ser submetida às ameaças e circunstâncias do meio.

A espécie seria o agrupamento de indivíduos, todos diferentes em certo grau, e cuja unidade traduz a normalização momentânea de suas relações com o meio, inclusive com as outras espécies, como Darwin tinha compreendido muito bem. O ser vivo e o meio, considerados separadamente, não são normais, porém é sua relação que os torna normais um para o outro. O meio é normal para uma determinada forma viva na medida em que lhe permite uma tal fecundidade e, correlativamente, uma tal variedade de formas que, na hipótese de ocorrerem modificações do meio, a vida possa encontrar em uma dessas formas a solução para o problema de adaptação que, brutalmente, se vê forçada a resolver. Um ser vivo é normal em um determinado meio na medida em que ele é a solução morfológica e funcional encontrada pela vida para responder a todas as exigências do meio. (CANGUILHEM, 2009 p. 56).

A normatividade biológica é o modo específico e *a posteriori* de funcionamento adquirido pela adaptação, que é sempre local, específica e momentânea. A normatividade de um organismo está relacionada à diversidade, à multiplicidades de manifestações da vida na árvore da vida. E, porquanto uma espécie se modifica em outra graças a um traço específico que lhe permite sobreviver, há, por meio dessas modificações, no dizer de Darwin, um "acúmulo gradual" de arranjos e rearranjos da disponibilidade desses traços no encaminhamento de uma escrita orgânica. Como bem resume Pierre Macherey no posfácio:

O ser vivo não se relaciona com uma natureza exterior a si, radicalmente estática, mas com um meio ambiente habitado por uma história, que é também a do organismo, na medida em que ela contribui para constituí-la. O fato de que o meio ambiente coloca problemas para o organismo, em uma ordem legitimamente imprevisível, expressa-se na noção biológica de luta (MACHEREY, in CANGUILHEM, 2009 p. 152).

A imprevisibilidade deve ser tomada como evidência que derruba as explicações teleológicas por estas estarem simplesmente atreladas ao campo das ciências da física, química e matemática modernas. As leis de Newton continuam válidas (ainda que convivendo com tantas outras, como a de Einstein), não importa o que aconteça. Um exemplo de Canguilhem mostra isso muito bem: a música obedece às mesmas leis da acústica, independente do que se ouve, se é agradável ou pura cacofonia e ruído. A normatividade biológica é, portanto, dependente de uma escrita que garante a sua existência e seu funcionamento através de encontros possíveis. A contingência está dada e, por isso, os 'maus' encontros, sem possibilidade de normatividade alguma para o organismo acontecem.

Sendo assim, é claro que, quanto à concha tropical de Darwin, sendo um fóssil, e que, se imaginássemos tal transporte da concha pelos movimentos da terra, isso, é claro, se contaria em milhões de anos. É inimaginável. A vida, no entanto, está atrelada ao movimento da geologia, da complexidade biogeográfica, e os encontros podem ser os mais desafiantes e

os menos ou nada biologicamente normativos para o organismo: daí a morte, a extinção, e a incerteza como condições do processo evolutivo. Mas trata-se aí de um fato, uma questão, que confronta coisas em uma situação inesperada, insólita na relação com o contingencial. Daí a importância da normatividade biológica como um meio de colocar balizas epistemológicas que sustentem especificidades epistemológicas:

A mecânica moderna, baseando a ciência do movimento no princípio da inércia, tornava absurda, com efeito, a distinção entre os movimentos naturais e os movimentos violentos, já que a inércia é precisamente a indiferença em relação às direções e às variações do movimento. Ora, a vida está bem longe de uma tal indiferença em relação às condições que lhe são impostas; a vida é polaridade. O mais simples dos aparelhos biológicos de nutrição, de assimilação e de excreção traduz uma polaridade. Quando os dejetos da assimilação deixam de ser excretados por um organismo e obstruem ou envenenam o meio interno tudo isso, com efeito, está de acordo com a lei (física, química etc.), mas nada disso está de acordo com a norma, que é a atividade do próprio organismo. Esse é o fato simples que queremos designar quando falamos em normatividade biológica (CANGUILHEM, 2009 p. 49).

Se pensarmos, por exemplo, a distinção que abordei entre Buffon e Laplace, a tradição aristotélica da ciência natural, e até mesmo, incluindo aqui, a percepção estética aguda dos teólogos naturalistas como Paley, parece estar muito mais próxima disso, que é, com Canguilhem e outros, o desvelamento bem mais recente da especificidade e do estatuto epistemológico da biologia moderna, do que as ciências modernas, as designadas universais e estáveis (no que se refere a Newton àquela época). É fundamental estar atento às especificidades estéticas que estão implicadas nisso que chamei de aproximação do naturalista em relação aos furos nos encontros e desencontros na natureza, mesmo que nos domínios onde prevalecem a crença e a percepção teleológica imaginária e de fundo ideológico. A anomalia, para Canguilhem, é algo que se refere, no meu entendimento, a um especificidade, uma marca que gera tanto morte quanto vida, ou seja, sobrevivência dada pela possibilidade de normatividade do organismo.

O Vocabulaire de Lalande explica que uma confusão de etimologia contribuiu para essa aproximação de anomalia e anormal. Anomalia vem do grego *anomalía*, que significa desigualdade, aspereza; *omalos* designa, em grego, o que é uniforme, regular, liso; de modo que anomalia é, etimologicamente, *anomalos*, o que é desigual, rugoso, irregular, no sentido que se dá a essas palavras, ao falar de um terreno. (CANGUILHEM, 2009, p. 50).

Podemos abordar um pouco mais claramente o que está no centro da questão em Darwin: algo desigual, rugoso, irregular, como um terreno - podemos até sentir com o tato o local onde algo irregular e desigual desponta, onde algo de novo pode surgir ou indica. Uma topografia como a da Lua, como se apresentou aos olhos de Galileu pelo telescópio,

esburacada, irregular. Como formas que se diferenciam e se multiplicam, estão as formações rochosas e também os bicos de pássaros, como mostrei. Sempre um limite é colocado em questão e um novo dado específico é levado em consideração, fazendo diferença. Do mesmo modo se dará com as cores dos pássaros, a ostentação do pavão, que o intrigará sobremaneira, e também o canto dos pássaros, as diferenças de espécie para espécie - o som produzido pelos animais e sua organização, sua 'conversação' na floresta, ou o murmúrio da água corrente pelos pedregulhos enquanto passa pelo raciocínio e pela escuta de Darwin. As sementes que atravessam os mares, o pólen que o vento intermedeia entre as flores ou que também leva o dente-de-leão para bem longe. Seu interesse era a observação atenta do mundo "terreno" e suas especificidades para compreender a modificação dos seres vivos, sua transformação, e a infinita e profusa aparição de sempre novas espécies - novos seres graças a algo específico - a partir dessa trama complexa que o mundo acabará por se tornar aos seus olhos e aos olhos de todos - digo, todos os saberes serão tocados de uma forma ou de outra por, se podemos assim dizê-lo, um certa discursividade que desafia, ou desconstrói ou, segundo a leitura de tantos, ratifica e confirma tantas certezas instituídas.

Na medida em que seres vivos se afastam do tipo específico, serão eles anormais que estão colocando em perigo a forma específica, ou serão inventores a caminho de novas formas? (CANGUILHEM, 2009 p. 55).

3.4 O torto

Sendo assim, se, por um lado, as espécies são modificáveis em função de forças mecânicas desprovidas de uma divindade, as forças entendidas por Lyell e Hutton, a modificação, no entanto, não é causada diretamente por essas mesmas forças. Ou seja, não há correspondência ponto-a-ponto da transformação das espécies com o meio (*milieu*) ambiente enquanto tal - como eram os pontos de vista de seus seguidores e também de Wallace, extremamente adaptacionista. É um paradoxo que já se enuncia nos primeiros capítulos de *A origem do homem* - mais precisamente no IV Capítulo, onde ele se dedica inteiramente a essa questão. Ela já havia sido colocada em *A origem das espécies* e também *Na viagem do Beagle*, quando ele se surpreende com a formação diversa dos bicos dos tentilhões, apesar das semelhanças entre as ilhas, e relata também outro fato intrigante, dentre muitos outros ainda, ao explorar as ilhas Galápagos. Não havia, por exemplo, como dar uma resposta satisfatória

para o aparecimento de duas espécies distintas de iguanas, que se localizavam tão proximamente, com as mesmas condições climáticas e as mesmas características de solo, de vegetação e da fauna vizinha, em ilhas vizinhas e até em regiões de uma mesma ilha: uma dessas iguanas, terrestre, permaneceu semelhante à iguana proveniente do continente, ela permanece na ilha, mas a outra, a marinha, teve sua evolução estranhamente ligada a hábitos marinhos. De fato, essa iguana marinha, depois de permanecer, como a outra espécie sua parente terrestre, por longos períodos do dia tomando sol nas pedras, mergulha no mar, nadando com destreza até o fundo nas proximidades das encostas da ilha, onde ela encontra sua fonte de alimento, uma espécie de alga. Mas isto ela o faz na contramão de incontáveis perigos - e o insucesso da empreitada, que deve ser repetida diversas vezes ao dia, não é algo tão raro assim de ocorrer. O mar ali é agitado e quebra com força contra as pedras, e por causa dos perigos que as próprias pedras oferecem, o animal deve ser muito preciso no seu mergulho. Depois de um percurso que não parece lá muito curto, tem pouco tempo para colher o bocado de alga que lhe for possível, pois a temperatura do corpo já desce com rapidez e ela precisa retornar para a superfície afim de recuperar e regular a temperatura do corpo. No decorrer dessa volta à superfície, determinada e apressada, essa iguana ainda tem de enfrentar a provocação brincalhona de jovens leões marinhos, que estão sempre por ali na vizinhança, e que nadam eximamente fazendo malabarismos e mordendo a iguana pelo rabo, impedindo-a de progredir na sua subida, entre outras brincadeiras. Desses fatos que dão pistas de um processo adaptativo que em nada parece ser compatível com uma ordeira e harmônica distribuição Divina de seres pelo planeta, a iguana marinha de Galápagos possui modificações que lhe foram possíveis devido a traços que adquiriram a forma, por exemplo, de glândulas especializadas na eliminação do excesso de sal no organismo. Conclui-se, portanto, que tudo parece tão complicado e difícil para esta e muitas outras espécies na natureza. Como foi o caso dos tentilhões, o surgimento de uma espécie nova traz para as concepções 'científicas' da época uma questão que é tocada pelo contingente, tão caro ao discurso da ciência moderna: por que, para quê tal diferenciação, e dessa maneira, tão trabalhosa, se são espécies tão parecidas e tão próximas?

Estamos de volta à escrita da árvore da vida, onde se desenha a divergência e a variação, e no centro, onde se instala o nó, o nó da decisão, lugar de corte, dele extraímos o enigma, enigma enquanto elemento ético, e, com ele, um traço, ou se preferir, a retranscrição de um traço distintivo na escrita da natureza.

A vida, portanto, se prolonga para além da morte graças à repetição de traços em novas retranscrições sucessivas. Daí que Darwin, - como fizera seu avô Erasmus em

Zoonomia -, postulou a existência de um ou alguns poucos seres vivos na base da árvore - e a construção dessa estrutura através de sua própria variação em relação a impasses na busca pela sobrevivência. Essa busca, busca pela sobrevivência, sempre é, em toda a parte na natureza, -- e o homem não será uma exceção --, a busca ao menos de um mínimo de dependência de um outro, graças ao qual ele pode se normatizar e constituir, na diferença, a possibilidade de continuar a viver, ou morrer.

Deste modo, a alteridade é o ponto no qual se sustenta todo o pensamento de Darwin. Se não levarmos em conta seu papel, nada pode ser articulável e valorizado no projeto darwiniano em relação, não somente à biologia, à ciência e sua expansão do que se considera ciência, mas também de muito do que se pensa na contemporaneidade. A ecologia é uma construção surgida das intuições e concepções de Humboldt e da lógica que Darwin e seus princípios de variação e seleção natural alojados em uma árvore. Essa lógica darwiniana é uma lógica da alteridade pura, alteridade como rede articulatória de diferenças.

Vejamos o que se segue. A existência de um indivíduo de uma determinada espécie, que já é outro em relação a si mesmo e aos outros, sejam eles pertencentes à mesma espécie ou a outras. Dessa articulação de alteridades em rede, onde, portanto, não há o Um primeiro, primordial e inicial, pois ele se perdeu - ele já é perdido - no tempo da evolução, distinguem-se eventos ou processos seletivos, sejam eles concebidos como modificação a partir das relações da rede, pura e simplesmente, ou atreladas a possibilidades de eventos que envolvem a seletividade onde se encontra a luta pela sobrevivência em seu aspectos de vida e morte e competitividade, ou da cadeia alimentar e suas dinâmicas locais e quantitativas. E o que se segue é a 'seleção' do traço a ser responsável pela solução do impasse ou 'sobrevivência da escrita' em sua retranscrição, não a repetição do mesmo, mas do mesmo em outro lugar originando o outro, da escrita singular aí em questão. Do que se trata, então, na lógica darwiniana? Podemos dizer que se trata da prática da tradição naturalista pulverizada e modificada pelo atravessamento de um real. A consistência imaginária de um ser se abre ao infinito, não fora da finitude, mas como um jogo de combinatórias sem fim que se desdobra levando em conta as diferenças e sua escrita singular.

Retornemos, portanto, mais uma vez à árvore de Darwin, e perguntemos agora de forma mais precisa: o que se repete quando um impasse decisivo se impõe a uma espécie, ou a uma população que se desgarrar ou se vê isolada do grupo? Nomeei essa coisa dessa maneira: impasse. Impasse se liga mais à hipótese da seleção natural, quando uma variação, um detalhe, pode desfrutar de uma chance de adaptação. Mas lanço mão de outra ideia, para situar logicamente a observação e o olhar de Darwin a respeito da propriedade de

variabilidade imanente a todo ser vivo. Ela lhe serve para tonificar o caráter inconsistente dessa lógica que aí está em jogo na questão da diferença o tempo todo, quando ela implica num real e aparece nas práticas de um naturalista: o torto.

O torto também envolve uma questão de alta complexidade a respeito da diferença pura. Como já observei, não muito detidamente, mas recolocando a ideia agora oportunamente e com sua merecida ênfase: o indivíduo, ele já é torto. Ele, como disse, já é resultante de uma rede complexa, intrincada de escrita, como geração constante de novas formas possíveis. Diferentemente disso, Darwin dá, através do mesmo desenho genealógico, a leitura pela divergência, nos seu pontos mais sutis e quase invisíveis, chamando a atenção para o torto, mostrando a razão secreta da origem que está ligada ao fragmento e ao único. Então a diferença tem sua origem na singularidade da espécie em cada indivíduo, como mostrei na diferença de bicos de uma espécie para outra de tentilhões que surgiu em cada ilha de Galápagos. Padrões de cores nas vacas no pasto são distintas para cada indivíduo, nada se repete, formatos dos chifres, tamanho das orelhas, nada é idêntico, embora haja uma continuidade que faz com que denominemos 'espécie' a um conjunto definível a partir de semelhanças. Muitas são as definições para espécie. A mais conhecida é aquela que diferencia uma espécie autônoma quando ela se torna infértil em relação a outras espécies que lhe deram origem e só cruzam entre si. Como observou Darwin, paradoxalmente, a divergência é ela mesma a sobrevivência dessa possibilidade, a modificação é constitutiva da continuidade da vida. Pois se os indivíduos da mesma espécie começam a reduzir em número, por causa de algum impasse, às vezes por problemas relativos ao seu habitat ou a algum outra espécie presente e competindo, por exemplo, que se alimente da mesma fonte, e a se reproduzirem entre poucos, entre praticamente familiares, esse fator poderá levar a espécie à extinção, se algum recurso diferenciador, de algum indivíduo ou de algum comportamento, não entrar em ação - ou seja, se não for selecionado e disponibilizado no fluxo da hereditariedade.

Portanto, se cada corpo, dentro da mesma espécie, tem uma diferença, a mais sutil possível, -- que o olhar sutil e atento de Darwin pode detectar, ele tomará como base uma "decisão" de ordem prática e teórica, sem precedentes, surpreendentemente arrojada e de alta potência ética e estética, que foi formalizar teoricamente a partir de um informe do olhar, ou seja, do campo escópico, se pensarmos as questões que Lacan, como desenvolvi no primeiro capítulo, toma como exemplo em seu Seminário Livro XI, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*.

Se há afinidades entre os indivíduos, observa Darwin, fica claro que não há apenas afinidades. O mesmo serve para toda a estruturação da árvore: se há afinidades entre

diferentes espécies, pois estamos falando de uma 'grande família', a afinidade não pode se sustentar em si mesma, como identidade e unidade de uma espécie em relação a si mesma - isso é idealismo filosófico. Darwin, na contramão, vai verificar as filigranas, as finezas na sua leitura atenta: tudo se liga nessa rede, embora tortamente, graças a um movimento que é a um só tempo afinidade e divergência. E mais: se a diferença é sempre absoluta, absoluta em sua individualidade, diz respeito ao torto, é dessa lógica mesma que se serve Darwin para fundamentar a necessidade lógica da adaptação, que nada tem a ver com o idealismo de um *adaptacionismo*, mas que envolve o real, como nós de produção de diferença, que é entendida como busca de solução. Foi essa a constatação que o intrigou de maneira radical em sua aventura, desde sua viagem no Beagle, a propriedade da variabilidade de todo ser vivo, sendo ele em si a divergência absoluta em relação a si mesmo e aos outros na perspectiva de um inacabamento. Não estamos falando de referências absolutas que identificamos como, por exemplo, a categoria 'os pássaros', por exemplo, mas sim aquilo que de um réptil (uma espécie específica e pequena de dinossauro) pode tornar-se, por intervenção de alguma situação ou mutação, em alguma coisa que chamamos de pássaro. Isso é o escandaloso, mas o é porque, como bem mostrou Koyré, que o mundo do vivo é o mundo "do mais ou menos", do "aproximadamente". Não é o da geologia, porque não se trata do vivo e, se depender das forças vulcânicas e dos desenhos sedimentares da Terra, nenhuma normatividade seria possível. Vê-se que a diferença é precisão pura na medida em que se realiza como o ser na sua incompletude mesma, no seu valor subversivo, seu valor anti-ontológico, que se conjuga com a ideia de que não há como *ser* sem ser parte da trama de uma alteridade ao qual se é assujeitado. Para o olhar de Darwin, temos o litoral que golpeia o sujeito pelo olhar, o olhar de Darwin. O próprio Darwin escreve em *A origem do homem* que a variabilidade, como tendência e propriedade universal, ocorre sem a ação da seleção natural, ou seja, sem o impasse de uma outra coisa. Isso significa que a diferença se dá por si mesma, ela é, por si só, efeito do simples fato de se estar vivo e não se obtém dela nenhuma explicação, ela se dá a ver, simplesmente. A seleção é que 'escolhe' uma variação quando o real se apresenta como trauma. Isso já se configura em uma abertura de fato inédita dentro do meio científico da época, composto preponderantemente de cientistas positivistas.

E a pergunta, retornemos a ela: o que se repete? O torto, pois que a diferença pura, em si, sempre implica o torto, ou seja, o desencontro, como diria Lacan, valorizando aquele elemento discreto de Aristóteles, a *tiqué*, que ele entendeu como encontro com o real, o não-encaixe, a anti-naturalidade, a anti-harmonia. O torto é a diferença pura enquanto irrupção, mas também a possibilidade de se 'engancha' de algum modo nessa rede. É preciso que algo

se 'crie' a partir dos traços encontrados na imanência das diferenças puras, do indivíduo torto, algo que somente ele e mais alguns possuam, em maior ou menor grau, e que seja selecionado ou esteja disponível como material a ser modelado para fazer uma ponte que procure contornar o real do todo impossível, na construção de uma possível solução que dê condições de possibilidade para a continuidade através de uma diferenciação da diferença. O que se repete na árvore da vida é sempre a intromissão ou irrupção do real, -- que chamei também de impasse, ou de condição torta enquanto diferença pura --, o que se repete é sempre o fracasso, um lugar pontual de diferença que implica em morte ou em vida, vida possibilitada graças a uma solução específica e singular do impasse, pois não há continuidade senão pela via do descontínuo que, por sua vez, exige uma escrita que se presentifique ao nível do corpo, de uma ação ou de comportamento que produzirá novas diferenças. diferenças que na hereditariedade já se dão como diferença, como torto.

Se levamos adiante a hipótese sugerida por Lacan de ver o DNA como um "nó natural" (LACAN, 1971) poderíamos dizer que a escrita da espiral dupla de Watson e Crick inclui aspectos da ordem da falha, mesmo porque a transcrição DNA-RNA comporta momentos de erro, como é o caso da mutação, assim como a epigenética que coloca elementos em jogo, pela perspectiva fenóptica, que complexificaram infinitamente o ideal da objetividade total da ciência. Ao mesmo tempo, o mais interessante em tudo isso é a intuição de Darwin de dar um peso inédito às delicadezas da divergência, da diferença, através de um olhar diferente, de um olhar que raciocina pela fragmentação, pelas relações dentro de multiplicidades, de um olhar dessubstancializador, -- na contramão das unidades positivas objetivantes puramente narcísicas --, quiçá originária do lugar de Darwin sempre entre-saberes distintos, como naturalista, colocando-se como sujeito do espanto e da dor.

Em 1851, oito anos antes da publicação de *A origem das espécies*, dá-se provavelmente o maior baque de sua vida, a perda de sua filha Anne, a quem ele, dentre os vários filhos, era mais apegado. Comentadores veem reflexos dessa perda na escrita do seu livro. Quando ele fala do sofrimento causado aos animais dentro da luta pela sobrevivência, pois, segue ele, quando observamos a natureza no dia-a-dia, não percebemos a guerra que se oculta por detrás dessa impressão superficial de harmonia e paz, de beleza proveniente de amena fruição. O sentido disso é que há um engano aí. Enquanto vemos uma coisa, outra coisa acontece, ou seja, uma trama cruel se desenrola nos bastidores da cena campestre, bucólica dos passantes vitorianos. Uma trama que, de certo, decide o destino do ser como que num jogo de cartas. A amigos ele comenta a forma traiçoeira como que uma doença se instala no corpo de um ser amado, como que por acaso. Daí o tema da perda da fé religiosa, ou

melhor dizendo, o tema da fé e suas vicissitudes que, enfim, envereda pelo destino de uma sustentação do desejo, da fé como desejo, nisso que é essa construção que o atormenta e o impulsiona a um só tempo. O tema que subjaz a *A origem das espécies* é o da perda, da perda em diversas dimensões, mas sobretudo a perda que equivale ao atravessamento de um imaginário, na angústia que a periculosidade do corpo apresenta, da iminência da morte e do sofrimento. A qualquer instante. A morte está no corpo, na iminência que é o corpo mesmo, como pavor, tornando-se quase que seu sinônimo. Se a pretensa solidez da imagem que 'substancializa' o corpo perde a polidez que ocultava sua solda, quando a solda se torna visível pela consideração mesma de uma modificação que se impôs, a perspectiva será totalmente nova. Também depois de 1851, ele começa a alimentar uma ojeriza, nem sempre disfarçável, às coisas relacionadas à religião, às igrejas, que era obrigado a frequentar a pedido da esposa.

Daí que a solda que faz com que um corpo esteja 'congruente' com os demais de seu meio, a solda, enfim, que, antes disfarçada pela polidez da autossuficiência e da auto-evidência, aparece aos seus olhos como construção - construções dentro da lógica da luta pela vida. Construções que, me parece, autorizam ser pensadas como uma escrita das modificações. A imagem da solda nos serve para, pelo menos, mostrar que algo de uma solução é buscada pelo ser vivo, uma vez que nada na natureza é dado para ser encaixado, todas as construções e suas soluções existem justamente para fazer funcionar a vida, sempre tão frágil.

A propósito dos charutos tortos de Lacan, perguntam-lhe (MILLER in LACAN, 1975-76 p.135) se o charuto torto não seria um sintoma do seu real? Ele responde: “Certamente. Meu charuto torto está estritamente relacionado com a questão que coloquei sobre a reta, igual e nomeadamente torta”. Portanto, o singular está relacionado ao torto, e mais, não há o reto. Não há também o torto que se *endireita* para o reto, pois só há o torto que se entorta. Lacan se remete, inclusive, à Einstein a respeito da curvatura da luz no espaço. Em *Lituraterra*, Lacan diz que a reta só é possível existir pelo significante, através da ciência moderna, e que, nem mesmo a luz é reta, pois que, com Einstein, ela faz curva. Isto assemelha-se àquela questão da má forma e da boa forma no Seminário II *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (LACAN, nnnn p.24), pois não há boa forma, apenas a má forma, a saber, a forma do inacabamento. Sendo assim, o real é, digamos, da ordem do torto. Todo charuto é torto. Há, de fato, algo da ordem do fenomênico que é invocado aqui, algo pulula de imagens tortas, onde o torto é precisamente o resto enquanto real. O real não é o charuto, mas o torto do charuto. O torto é preciso. Preciso de precisão que fica 'alojada' no litoral, no desvão da não relação sexual. Se isso tem alguma pertinência, eis que nos vemos falando um pouco da "não-

relação sexual" no âmbito outrora exclusivo e privado dos naturalistas. O buraco ou desvão é sempre contornado por uma escrita que possibilita uma relação sexual, e não a relação sexual, pois que tudo é torto, na contramão da teologia natural onde tudo já se dá harmonizado.

Nada é mais torto do que os efeitos da forma em geologia; e nada me parece mais torto do que a imagem que restou da operação da ciência no ato de Galileu ao apontar sua luneta para a lua. Ao constatar que a lua, agora desprovida de seu sentido de pórtico, de passagem e ascese pela fronteira entre o sublunar e o supralunar, -- apenas funcionava da mesma maneira que nosso planeta em suas formações geológicas --, o passo seguinte foi a universalização do fato geológico e a lua da pré-modernidade teve sua 'queda' como objeto. Mas a sua superfície torta e restante que agora nos olha, mostra de maneira muito clara uma estética do fragmento, do inacabado. Lacan sugere no Seminário da Identificação que chamemos a lua de "objeto unário". O que poderíamos entender por um objeto unário, se o unário é justamente o correspondente do apagamento do objeto? do que Lacan chamou de "metade sem par" da letra-litura em *Lituraterra*. Da leitura clara que lhe dava significado e lugar preciso e eterno no cosmos, vimos que, com Dante, -- ao longo da sua ascensão ao Paraíso, guiado por Beatriz --, a suspeita de que algo ali mostrava em manchas, por sob o semblante esférico e polido de uma época, a iminente e paradoxal irrupção do sujeito moderno - o Inferno é uma prova disto, ainda que Galileu tenha medido e tentado dar ordem às proporções do estabelecimento infernal descrito por Dante. Mas o que se revela ali, naquele corpo celeste agora crivado de furos como uma 'ruína celeste', não é somente as pistas para uma comprovação da teoria de Copérnico ou uma dedução para a geologia a respeito da origem dos planetas e da Terra, mas uma estética da ruína que discretamente já revelava as ruínas do humanismo e também do corte da razão, que tudo 'desumaniza', uma estética em forma de questão, questão a respeito do sujeito.

Da perspectiva darwiniana, o torto do bico do tentilhão, equanto torto e diferença pura, em nada se diferencia da ponta de um escarpado em uma cratera da lua, por exemplo. Até onde a ciência sabe, a lua é inabitada, mas, em Darwin, a implicação da forma em um mundo de seres vivos mostra a importância decisiva de suas vicissitudes [nota: veremos isso a seguir quando abordarmos a seleção sexual]. Por isso, o papel da geologia nos começos de suas explorações de naturalista, como foi o caso da sua excursão com Sedgwick ao Norte de Gales e a história da concha tropical. Gostaria, portanto, de situar o seguinte: se a geologia fornece a Darwin sua letra, poderíamos chamá-la de letra darwiniana. Assim do mesmo modo, o

corpo, então o corpo do animal, ele é um corpo único e desdobrável, um corpo que escreve - veremos isto no que se segue.

A escrita do corpo, em Darwin, seja ele vivo, seja a morfologia da pedra que se transporta enquanto magma, ou melhor, através da circulação de traços, adquire seu estatuto no litoral entre saber e gozo, entre o saber da ciência e o gozo escópico, gozo que toca o discurso da ciência como letra. Por isso, tentei mostrar o quanto o significativo litoral apresenta aqui sua proliferação e sua determinação: dos desenhos geográficos das praias, dos atóis, das ilhas, as sutis modificações, o litoral que se desenha e se redesenha nas curiosas adaptações dos bicos dos pássaros, dos crustáceos (as cracas) e das plantas, e os encontros e desencontros provocados pela deriva do real nos domínios da vida e da normatividade dos corpos. Assim como o litoral ao qual está interessada a ciência, enxertada que está toda a questão do poder e da dominação, da medição e da ideologia. Essa precisão de um litoral, seu recenseamento, missão oficial do HMS Beagle, e, por outro lado, a precisa deriva de formas tão sutis que brilham, que denunciam, na contramão da ciência, à revelia da espécie sapiente, um abismo que lhe diz respeito, que o interpela. Esse é o abismo da morte que se faz entrever no corpo da natureza em Darwin. O corpo, imagem sólida de "beatitude" ou de veículo do protagonismo do eu, quanto de cientifismo biologizante, esse Ser inteiro, ele comporta agora uma dimensão de *deser*, onde se aloja o gozo.

(...) onde é que reside o gozo? O que lhe é preciso? Um corpo. Para gozar, é preciso um corpo. Mesmo aqueles que fazem promessas de beatitudes eternas só podem fazê-las supondo que o corpo veicule isso: glorioso ou não, ele tem que estar ali. É preciso um corpo. Por quê? Porque a dimensão do gozo para o corpo é a dimensão da decisão em direção à morte (LACAN, 1971/1972 p. 21).

A partir do ponto onde está Lacan, podemos nos situar, no que tange a esse litoral, firmemente no campo do desejo, do desejo de Darwin. Primeiramente, vale reiterar: isso não se passa sem ele, Darwin, e o seu desejo, ele está incluído enquanto sujeito no quadro da natureza. Parece óbvio dizê-lo, mas é sempre bom manter isso em mente. O olhar como objeto *a* está aí como algo que cai para quem olha o quadro. O estatuto divino da natureza quebra-se, e está sempre a quebrar-se. Em segundo lugar, temos a variabilidade enquanto propriedade, e o torto, como desafio a qualquer intenção objetivante e adaptacionista do evolucionismo progressista. A variabilidade, a constatação mais assombrosa de suas viagens, está justamente nos recônditos onde se encontram os seres vivos mais isolados. É o caso das ilhas Galápagos. Ali, as variações são mais 'livres' e 'exóticas' e, por isso mesmo, mais estáveis (embora mais frágeis a qualquer intervenção externa, de outra espécie, por exemplo)

justamente por estarem a aproximadamente mil quilômetros do continente. No continente, as espécies, devido à maior competição e às condições geológicas de terra mais extensas, tendem a um movimento maior de variações e riscos de homogeneização. O isolamento, portanto, propicia 'criações' as mais impressionantes, como é o caso do ornitorrinco, encontrado na Austrália e na Tasmânia. Tal foi o assombro com a descoberta desse animal que os naturalistas europeus chegaram a desconfiar que fosse uma farsa - alguém teria costurado um bico de pato ao corpo de um castor. Ocorrendo o mesmo com a vida marinha que frequenta as profundezas abissais do oceano, seu 'design' é variado das mais diversas maneiras, as mais caprichosas, uma vez que uma adaptação difícil a essas condições de vida implica, por outro lado, em benesses quanto à redução de competitividade. É nesse estado 'livre' que o isolamento proporciona, onde a evolução adquire seus recantos de 'laboratório', de ensaio, pelo planeta, ou seja, seus lugares mais 'livres' da pressão seletiva, que Darwin percebe -- e foi justamente em Galápagos que as observações mais finas, as, no entanto, menos disciplinadas, puderam se dar de forma mais abundante -- a verdade íntima da variação e seu capricho barroco, em seus destinos meândricos. Essa constatação é belamente reiterada no relato de J. Gould em *Vida maravilhosa*, como procurei mostrar no primeiro capítulo, quando descobrem-se fósseis finos de novas formas que, no pré-cambriano, precipitaram-se em definir as estruturas que caracterizariam os seres vivos atuais, mas que, não se sabe ao certo o porquê, não tiveram êxito -- tratava-se justamente dessa função, na expressão de J. Gould, de um 'laboratório' de 'escrita natural' e sua inegável condição contingencial.

Isto tudo é deleite para Darwin, mas é, sobretudo, perigo, excesso.

4 O HOMEM

4.1 Inserção do homem na série animal e seu deslugar

"Sabemos um pouco mais hoje que os primeiros apoiadores de Darwin não eram darwinianos", afirma Tort. Darwin cercou-se de homens, ate certo ponto como ele próprio, apaixonados pela Ciência e embebidos no cientificismo racionalista habitual de seu tempo, e estavam ali reunidos em torno de Darwin simplesmente porque eram seduzidos pela promessa de cientificidade que a noção de seleção natural lhes acenava. Era isso que eles esperavam. Sendo que Darwin se tornaria o que podemos chamar de *chef d'école*, mas sobretudo um cientista intuitivo e experimentador ousado, voltado que estava mais às suas impressões e observações detalhadas, e ao sofrimento subjetivo ao qual estava submetido nesse processo, do que aos ditames da cientificidade de seu tempo e seu país seguidos à risca.

Os argumentos de seus seguidores, no entanto, perfazem ainda a linha que reitera o cartesianismo, aferrando-se à sua linha original, se pensamos a questão do animal como máquina naquele filósofo. A sanha biologizante de nossa era tem como apoio o legado da filosofia de Descartes, a divisão entre *res extensa* e *res cogitans* fala de dois campos, ainda que articulados, são separados, e se apresentam como substâncias, coisas. Huxley, por exemplo, o famigerado e sagaz defensor das ideias referidas à seleção natural, o chamado "*bulldog* de Darwin", estava sempre no *front* quando o assunto era defender o avanço científico que o darwinismo trazia para sustentar a realidade da modificação e do transformismo e também a bandeira darwiniana da continuidade animal-homem, pois Darwin, graças em parte à saúde instável e frágil, costumava se ausentar das discussões públicas, das querelas e polêmicas, considerava-as improdutivas do ponto de vista do avanço da ciência, assim como detestava o sensacionalismo da imprensa que ampliava o choque que suas investigações causavam no grande público.

Darwin se distanciará disso tudo e tomará 'outro' rumo - cujos desdobramentos não costumam ser levados em conta no que diz respeito ao conjunto da sua obra até os nossos dias. Nessa obra, ele realiza uma operação que leva as hipóteses de *A origem das espécies* a uma radicalidade que, aos olhos de seus colaboradores, soava como um desvio, senão como

um afastamento da cientificidade restrita atribuída ao livro da origem das espécies. No entanto, para ele, tudo indica que as 'especulações', como ele mesmo denominou, de seu livro sobre o homem, representam a insistência de um desejo que rumava na caracterização do mesmo que se torna outro pela simples lealdade ao seu próprio desejo. É o que Lacan dizia no seu Seminário VII *A Ética da psicanálise*, não ceder no seu desejo.

Ele interpela a natureza de modo a colher provas no sentido de mostrar seus agenciamentos para o surgimento do humano. Ele mostra a sua 'fé científica': se o homem descende de formas inferiores, trata-se de mostrar nos animais, nas plantas e até nos insetos os elementos que já se apresentam nos seres vivos' que, principalmente entre os quais o homem mais se aproxima na árvore, a partir deles. Rigorosamente falando: os mesmo traços são reconhecidos nos animais, principalmente entre os animais superiores, e são remanejados e transcritos para o humano. O que ele realiza é constitutivo da práxis científica, há um consenso. A natureza, é preciso mergulhar nisto que chamamos natureza, - com os instrumentos da medida e do raciocínio lógico modernos -, em sua estrutura básica de espelhamento antropomórfico. A pergunta era dirigida a esse espelho, ou melhor, ao furo que esse espelhamento denunciava nas defasagens que as diferenças acusavam na ordem da natureza. Ao mesmo tempo, outro elemento se insere, que não diz respeito à ciência, mas sim à arte: não há como negar que isto acaba por mostrar, sem que Darwin o soubesse ou admitisse um 'uso' formal e intencional, e que fica sub-reptício nas suas elaborações, uma certa poética. Poética que está ligada à variabilidade da vida e toda a sua força produtora de diferenças.

Vimos que Galileu não levou a sério uma estética que não fosse regular ou que apresentasse a perfeição circular como referência. Darwin, pelo contrário, ainda que algo absorto nos ideias de seu tempo e do cientificismo vitoriano, não pode escapar a esse apelo da *poiésis*: olhar e vertigem. A poesia fez parte de sua aventura, digo, também literalmente: dentre os poucos livros que o acompanharam no Beagle, - juntamente com os dois volumes de Lyell e outros - encontrava *O paraíso perdido* (*Paradise Lost*), de John Milton, considerado sua leitura preferida durante a viagem. Darwin, cientista e leitor de poesia. Há, portanto, uma série de características, peculiaridades muitas heterogêneas entre si, que formam um olhar específico, principalmente quando se trata de *A origem do homem*, da questão homem/animais.

Como observa o primatologista Frans de Waal:

Darwin não tinha problemas para alinhar a moralidade com o processo evolutivo, e reconhecia capacidade humana para o bem. O que achei mais interessante é que ele viu continuidade emocional com outros animais. Para Huxley, os animais eram autômatos sem mente, mas Darwin escreveu um livro inteiro sobre suas emoções, incluindo sua capacidade para a simpatia. Um exemplo memorável foi de como um determinado cão não passava por uma cesta ficava um gato adoentado sem lhe dar algumas lambidas. Darwin viu isso como um sinal claro de afeição. Em suas últimas notas para Huxley, logo antes de sua morte, Darwin não pode resistir a zombar gentilmente da inclinação cartesiana de seu amigo, insinuando que se os animais são máquinas, então os humanos também devem ser: "Eu peço a Deus que hajam mais autômatos no mundo como você "(WAAL, 2013, p. 40-41).

Curioso esse movimento: seus seguidores procuravam a cientificidade no que isso tem de contínua expansão do projeto cartesiano, a evolução confundida com progresso, superioridade do homem pela razão, etc. Não que Darwin não compartilhasse disso, pois afinal, ele partiu exatamente desse ponto. A questão é a poética, essa poética que é resultado de um série de movimentos, de ordem mais lógica do que propriamente crono-lógica: primeiro a natureza do mundo antigo, reflexiva e antropomórfica, teológica; em seguida, essa natureza pelo filtro da ciência moderna; e Darwin, por fim, que não pode mais contar com a razão e é levado a introduzir uma poética restante - ausência da teologia, da razão, ficando a poética em toda a sua imanência, diríamos, terrestre. Em Darwin, tem-se justamente um buraco, uma lacuna ao 'tudo é possível explicar pela razão', e, juntamente com isso, a revelação de uma dimensão de alteridade inédita.

Aqui penso em Lacan, em aproximação ao que ele chama de Outro, no que se refere a tudo que se articula nos bastidores do que aparece como isolado: penso que algo deve ocorrer quando, como disse algumas páginas atrás, o sujeito subitamente se confronta com a árvore da qual ele é efeito e produto. Não se trata mais do sujeito cartesiano, de que Darwin, aliás, sem teorizar a respeito, *se serve para poder prescindir*. Ao fazer um corte com o mundo pré-moderno, Descartes opera, na filosofia, um recomeço, como do zero, em relação a tudo o que foi vivenciado e pensado no mundo antigo, como referência do sujeito pré-moderno. O sujeito moderno, por sua vez, será o homem desenraizado de suas origens, origens que consistiam o mundo fechado em esferas e semelhanças, suportado pela realidade de Deus. A radicalidade de Descartes está na devastação de todo esse passado e o (re)começo absoluto com um sujeito certo de si, como se nada tivesse acontecido anteriormente, nenhum enraizamento, nenhuma ligação ou justificativa. Segundo Lacan, o que resta na operação cartesiana é a suposição de saber em Deus, suporte da sua teoria do conhecimento.

Com Darwin, a lógica medieval ou as visões harmônica e mágica do Renascimento, assim como o mundo devastado pela ação da razão sobre tudo o que existe, passam a dar lugar a um conjunto de estruturas e traços descontínuos e fragmentados em movimento,

rastros de onde, enquanto homem, enquanto sujeito, pode-se advir o leitor de seus próprios rastros na terra, rastros que escrevem na rede aberta, de dados sempre relançados no jogo, mas a partir de traços já dados. A árvore é uma escrita de alguns traços fundamentais. O espelhamento produzido em Darwin se impõe como um quebra-cabeça onde se presentifica a falta de uma peça, uma falta 'natural', um furo que irá infinitizar as possibilidades de formas, mas sempre acumuladamente e em incessante retranscrição, em processo de *falta-a-adaptar*. Tratar-se-á de um outro espelho que só é possível de ser construído a partir de um sujeito, moderno, como Darwin, que, enquanto naturalista, da perspectiva do legado naturalista -- e sua condição de possibilidade dentro de uma referência operatória ligada ao imaginário, a uma estética, onde havia um sujeito teológico consistente -- ousa aplicar sobre essa tradição uma outra tradição, a tradição Galilaica. Ele enoda um campo ao outro. Qual era a postura de Galileu? É a postura moderna por excelência: a postura definitivamente provocativa em relação à natureza, oposta à postura contemplativa, como se diz, teórica, grega. Em relação à Darwin: ele aborda a natureza, ao seu modo, com uma pergunta, quando ele, galilaicamente, experimenta e sacode a natureza -- mas também é sacudido por ela. Enfim, em seu procedimento, a natureza não é aniquilada de todo, ela não é mais uma vez reabsorvida pela razão científica que supõe domina-la.

Com Lacan, dizemos que o simbólico não obtém êxito em recobrir todo o real. Em contrapartida, o mesmo ocorre em relação ao imaginário, também revertido em significante. Tanto a teologia quanto a ciência moderna fracassam nesse propósito de dominância do saber, levando se em conta suas diferenças. Darwin parece formular sua questão a partir da desconstrução, como bem observou Žižek. A desconstrução, pode-se pensar, do imaginário preponderante de forma fixa e não dialetizável, por um lado, e, por outro, em um simbólico que, no fundo, sobrevive graças ao sonho do Um unificador da razão, sem saber que algo deve restar. Nesse sentido, Darwin precisa adentrar o imaginário do Um, do eixo imaginário a-a' que nos apresenta Lacan no Esquema L, para desenvolver um saber, uma elaboração, que atravessa e esgarça esse Um ao pensar, ao nível estético escópico, as afinidades (constituintes do Um) e as lacunas no saber da Unidade que propiciam uma extração da diferença - daí a(s) diferença(s) individual(ais), como disse Deleuze - e a assunção de um não-saber a respeito da causa e do objeto. É um processo que toma basicamente seu molde de *A origem das espécies*, não somente ao nível do evolucionismo, mas de uma ética da qual se extrai a formulação de uma antropologia. É o que interessa a Darwin: uma pergunta que interpela a natureza e que coloca em xeque o lugar do homem e sua origem a partir de um fracasso.

As lacunas de não-saber oriundas do apelo escópico interpelam o sujeito, o sujeito Darwin, a respeito do buraco onde ele mesmo deveria estar incluído. Indo um pouco mais longe, perguntamos se a natureza volta a falar. Não como antes, certamente, quando prevalecia o sentido pleno, o harmônico. Mas, seguindo um pouco ainda nesse raciocínio: ela não passaria a escrever? Tornar-se escrita na medida mesma da sua heterogeneidade em relação à incidência significativa, ou seja, da linguagem? Ruína do que antes era esférico. Queria chamar a atenção que, como procurarei mostrar, o homem deve surgir do mesmo lugar onde ele é investigado, questionado: de uma fenda, de uma *Spaltung*, como algo que surge desses desencaixes para o qual a seleção natural apontaria?

Estabeleçamos o seguinte: Darwin inaugura um espaço inédito nas ciências, dando, pioneiramente, lugar ao imaginário na consideração científica. Ou seja, isto, a partir de uma perspectiva sistemática e rigorosa de busca de evidências para uma hipótese que se constitui como sustentação fundamental, a saber: *a inserção do homem na série animal*. Não se trata tanto de inserir, exatamente, mas de mostrar que essa inserção, que essa constatação tem um desdobramento inevitável se se vai para além da ciência natural e se deixa revirar pelo trabalho de Darwin: um desnaturalização. Mais que uma hipótese, é um sentimento, uma dívida epistemológica histórica, uma exigência, a prova dos nove a um nível o mais fundamental e radical, o passo que parece dar à ciência um novo sopro, um novo alcance, um alcance maior por ter adentrado o mundo do vivo e ter levado às últimas consequências essa inserção. Essa tarefa não tem outro destino senão uma fatal e inevitável interrogação a respeito do homem. E é com Darwin que o assunto é tomado como científico de fato, embora uma consideração mais atenta à *A origem do homem* foi disfarçadamente ocultada ou deixada de lado. *A Origem do homem* faz um desvio em relação a *Origem das espécies*, como disse: o primeiro deve ser lido com os olhos do segundo. Isso muda tudo. Não é a vida vista, maquinicamente definida, mas trata-se de elaborar algo que evidenciasse que essa inserção só pode ser mostrada e construída pelo caráter fragmentário da fineza, desses mecanismos de insistência da vida pelos modos mais diversos e complexos que se apresentam na forma de uma rede ao infinito, inacabada, onde "rede" é o nome de uma alteridade passível de leitura no tempo e no espaço. Um espelho furado.

Esse espelho que, como disse, é a rede, a árvore, conforma as duas dimensões, tempo e espaço, categorias que ressurgem em renovadas condições, condições que se erguem da *terra* pelos detalhes e divergências. As questões que já colocava Freud a respeito da incongruência entre o idealismo e a psicanálise têm seu alcance e sua potência apontadas pela linha naturalista peculiar do próprio Freud. Das raízes do passado, dos mitos e das lendas, e do

destino providencial, resta somente uma historicidade, uma história de traços, ou melhor, uma temporalidade definitivamente contingencial que deixa seus rastros para uma legibilidade que deve, em um só golpe, fundar um sujeito e uma leitura. Esse modelo advém do modelo geológico de camadas e da apreciação comparativa e surpreendente das diferenças entre indivíduos de uma mesma espécie e de espécies diferentes.

Se, como vimos, a dimensão do tempo mostra, na contingência da lógica dos possíveis, a irregularidade e as diferenças constituídas na dimensão dupla da temporalidade do só-depois, a dimensão do espaço, onde encontramos o eixo horizontal das interações e relações no ponto de vista ecológico. A leitura é, portanto, feita no eixo temporal e no eixo do espaço relacional, onde o ser não se faz sem o agenciamento de uma cadeia de relações complexas e inusitadas, que é por definição uma alteridade no sentido mais amplo e fiel possível ao rigor da obra de Darwin, onde os deslocamentos de toda sorte deixam seus rastros nos sedimentos, fósseis e nas modificações nos seres vivos, isto sempre em relação ao Um original que, na árvore, *não cessa de não se escrever*. Um significante tão presente nas preocupações de Darwin, a "origem", ou a "gênese", a "ascendência", está presente apenas como representante da questão sobre o homem - a desconfiança de que, de algum modo, o humano só pode surgir dessas complexas relações de diferenças. Por isso, essa escrita se faz não sem essa perspectiva estética, onde a diferença é olhar, onde um ponto denuncia um buraco e um real que aí está em jogo e que coloca justamente o 'destino' do humano, do sujeito leitor de si nas descontinuidades da natureza. O estatuto de espelho, e do objeto *a*, deflagrado pelo traço unário, coloca em xeque pelo campo escópico a ordem rígida que tanto a teologia quanto a ciência quereriam ver no mundo vivo e, claro, no homem.

Lá onde há uma acumulação de dejetos em desordem há homem. As épocas geológicas deixaram, elas também, seus dejetos que nos permitiram reconhecer uma ordem. O monte de lixo - eis uma das faces que conviria não deixar de reconhecer da dimensão humana. (LACAN, 1997, p. 284).

Paradoxalmente, o passo de fazer cair o homem do pedestal em que foi colocado - mesmo que dali ele jamais seja de fato retirado, graças ao lugar que ele mesmo se coloca, lugar identificado à razão - é exigência de coerência lógica com as características fundantes da ciência moderna, principalmente no que tange à desierarquização absoluta, a tal ponto coerente, que requer, com Darwin, uma virada. Se Darwin, como tentei mostrar, não adota pura e simplesmente um continuísmo cartesiano, - ou acaba também por não ser bem sucedido em seguir cabalmente a derrubada dos *idola* de Bacon -, é porque algo que ainda

aponta para, como diz Lacan acima, uma desordem na natureza, uma abertura possível, para um lugar de hiância, de vacilo que continua a incomoda-lo em suas observações. Algo continua não fechando, algo precisa ser retomado e revisto. Mas um reviramento só pode se dar se obtido através da pura persistência e comprometimento com o **rigor**, entendido no enquadre do pensamento científico moderno como algo para além dos dogmas. Um comprometimento que faz, paradoxalmente, extrapolar e se desviar da pura linearidade cartesiana vigente entre os seus colegas, ou seja, indo para além de Descartes, ainda que se servindo dele.

Por isso não se trata de pura linearidade, pois teríamos que apresentar o homem, como fazem a medicina e todo o campo atual das neurociências, como também a tradição behaviorista, conjugada ao jogo cognitivista da persuasão, entre outras psicologias, que se esforçaram em alcançar um estatuto científico, ou seja, em pé de igualdade com as ciências da física e outras.

"A psicanálise", diz Lacan em 1975, em uma conversa com estudantes da Yale University, "é a última flor da medicina" (LACAN, 1975). A medicina, que tem uma tradição imensa que remonta aos gregos, nasce das ciências naturais e é, como havíamos dito, como toda atividade científica dos naturalistas, aprisionada a uma tradição restritiva e proibitória regida por uma questão moral e preocupações éticas da cristandade. A virada da concepção antiga de corpo à concepção cartesiana de corpo-máquina só alcançou a medicina muito tarde, no que diz respeito à sua prática e à pesquisa. Um dos principais problemas restritivos da prática da medicina e seu ensino foi a proibição de que se abrissem cadáveres para dissecação. A aquisição de cadáveres para as atividades e as aulas de anatomia passavam pela ilegalidade e a clandestinidade. Ainda no tempo de Darwin, momento em que cursava medicina em Edimburgo, vivia-se esse pesadelo, pela atuação de traficantes, ladrões de cadáveres, quando não assassinos, todos incumbidos de fornecer 'mercadoria' e abastecer as universidades e faculdades de medicina. A medicina foi se libertar dessas amarras somente no início do Séc. XX, justamente no momento em que a psicanálise começava a aparecer.

A "última flor" a que Lacan se refere diz respeito justamente à dimensão transferencial e agalmática do médico que é intrínseca à sua atuação, a flor é a dimensão clínica que nasce com a medicina mesma: é a aflição e o sofrimento com que o sujeito vem procurar o médico, "o que tenho, doutor?". Essa dimensão não é levada em consideração pelo médico, ao contrário, ele, muitas vezes tem horror às manifestações do sujeito. Médicos são gentis, profissionalmente gentis, mas rígidos em relação a essa dimensão transferencial que está em jogo, mas que não é reconhecida, ela é posta de lado, ela, na verdade, atrapalha o seu trabalho.

O sujeito e o gozo são foracluídos da própria clínica, que se esvazia. E o corpo paulatinamente vai ganhando uma dimensão de corpo-máquina, cada vez mais extensiva. Hoje, como se pode perceber, a dimensão clínica em especial da psiquiatria é reduzida a zero quando possível. A tecnologia de exames, a sua pulverização em especialidades cada vez mais pontuais, e, em especial na psiquiatria, os famigerados manuais como os DSM mostram ou atestam a morte da clínica psiquiátrica e o estabelecimento de uma máquina diagnosticadora de números e catalogação de sintomas. Com isso, os números e a uniformização absoluta das informações faz com que se comece a apagar a dimensão histórica e o mapeamento de tradições e especificidades, de autores, cujas clínicas e discussões deixaram marcas preciosas para o estudioso ou para a formação não somente do psiquiatria, mas também do psicólogo e do psicanalista. Lacan, inclusive, se empenhou também em resgatar e revisitar o que essa clínica psiquiátrica, da psiquiatria praticada pelos seus mestres e pelos mestres de seus mestres tinham a contribuir para estudar a clínica e teoria da psicanálise por essas referências fundadoras da psicopatologia.

A exigência de cientificidade passa pelo aplanamento de todo ser vivo - sejam homens, sejam bactérias. Assim é o entendimento consensual no que respeita à Darwin, princípio da física aplicado às ciências naturais: se funciona com ratos, funciona com seres humanos (o que também não é passível de generalização total, em se tratando, por exemplo, de se valer de experiências e testes com animais em laboratório para aplicar ao homem, o que apresenta apenas no caso, algumas diferenças entre as 'máquinas') . O psíquico, em nossa época de neurônios, é localizado no cérebro e é coincidente com ele. O cérebro passa a ser a reificação do psíquico. Essa é a situação das ciências médicas, ciências naturais, persistir na forclusão do sujeito, ou seja, persistir na rejeição da eroginidade do corpo, do peso que a suposição de saber se faz sentir em um profissional que, afinal de contas, visava apenas se tornar um técnico. A medicina, - disse-me uma médica cujos parâmetros são bastante críticos e exigentes à respeito da formação do profissional na universidade - não passa de um curso técnico. A objetividade científica, nesse ponto, percorre o caminho oposto ao da persistência do rigor científico. O rigor, diferente do cumprimento protocolar da cientificidade, dá oportunidades à emergência, ao salto, à diferença, ao inesperado, uma vez que o real faz a sua pressão.

Nesse sentido, do rigor, Freud também foi um persistente, à maneira de Darwin. A persistência de Freud em sua maneira de fazer ciência, uma ciência dita *Naturwissenschaft* (ciência natural). Antes, porém, vejamos um exemplo dessa persistência ainda em Darwin, em um episódio com Wallace que nos parece exemplar. Em carta de 24 de março de 1869,

Wallace, co-descobridor da seleção natural, escreve a este adiantando o conteúdo de um artigo seu que iria ser publicado na *Quarterly Review*. No artigo, Wallace afirmava que certas estruturas e capacidades humanas superiores - um "cérebro grande, os movimentos delicados da mão, poderes sofisticados da linguagem" - não poderiam ter evoluído por meio de seleção natural, pois conferiam nenhuma vantagem em relação aos estágios mais baixos de desenvolvimento humano. Selvagens, afirmava Wallace, não tinham necessidade e não faziam uso disso, e ainda assim eles teriam sido responsáveis por todas as realizações mais elevadas da cultura humana e da civilização. Esses recursos só haviam surgido, de acordo com Wallace, através do agenciamento de "um poder que tem orientado a ação de leis naturais em direções definidas e para fins especiais" (WALLACE in Darwin Project [Wallace] 1869b, p. 393-4).

Darwin, perplexo com as afirmações de Wallace, responde:

Se você não tivesse me dito [o conteúdo da carta] eu teria pensado que elas tinham sido enviadas por outra pessoa. Como você esperava, eu discordo gravemente de você, e eu sinto muito por isso. Não vejo necessidade de apelar para uma causa adicional e aproximada em relação ao homem "(carta a A.R. Wallace, 14 de abril de 1869).

De fato, a história mostra que Wallace não persistiu, ele desistiu. Àquela altura ele já havia se envolvido, desde 1866, data de seu casamento com Anne Mittens, com um movimento chamado '*Spiritualism*', um grande sucesso entre os vitorianos da classe média e que tinha atraído muitos nomes da ciência. Em carta de resposta à perplexidade de Darwin, Wallace escreve:

Minhas opiniões sobre o assunto foram modificadas apenas pela consideração de uma série de fenômenos notáveis, físicos e mentais, que eu já tive todas as oportunidades de testar totalmente, e que demonstram a existência de forças e influências ainda não reconhecidas pela ciência. Eu sei que isso parecerá para você como um tipo de alucinação mental (Wallace a Darwin, 18 Abril 1869).

Isso tem um peso bastante grande no que diz respeito às diferenças entre Wallace e Darwin. Wallace não pode prosseguir pois lhe faltava ousadia para prosseguir, faltou-lhe o que poderíamos chamar de "forçamento", -- talvez um "forçamento poético"? Restou-lhe, por fim, o recuo pelo místico e religioso.

Em relação à psicanálise, ela só pode surgir graças à persistência de Freud em seu desejo, em relação ao campo do Outro, nesse caso, das ditas ciências naturais. Freud é um exemplo dessa persistência, jamais arredou o pé do lugar e dos princípios que o formaram para, enfim, justamente subvertê-los. Mais para o final do séc. XIX, o filósofo Wilhelm

Dilthey, da assim chamada "hermenêutica romântica" alemã, propôs dividir as ciências em dois tipos, Ciências naturais (*Naturwissenschaften*) e Ciências humanas (*Geisteswissenschaften*) como um modo fazer frear o crescimento da influência do positivismo e fazer validar uma ciência que trabalhasse com qualidades. Essa divisão, aliás, execrada por Lacan, serviria ao mesmo fim, dispensar o forçamento que expande a ciência ao revirá-la.

Freud, influenciado pelas ideias de Ernest Haeckel, manteve-se, nem num polo nem no outro, percorrendo um caminho '*monista*'.

Portanto, vamos encontrar, na base da epistemologia freudiana, um monismo caracterizado e radical. Este termo 'monismo' não é fortuito: remete-nos a uma corrente que, face à tradição rickertiana, decididamente dualista, sustenta um monismo epistemológico rigoroso. Para Haeckel, o monismo tem por efeito recusar a separação de duas substâncias distintas que seriam caracterizadas como 'alma' e 'corpo'. (ASSOUN, 1983, p.51)

No entanto, o 'monismo' de Freud não repetirá o monismo de Haeckel. O monismo de Haeckel, inclusive, era uma verdadeira doutrina no sentido formal do termo. Tratava-se de um termo que nomeava e dava unidade a uma série de formulações que constituíam os seus mais importantes textos. São eles: *Morfologia geral* (1862-1866), *História da criação dos seres organizados segundo as leis naturais* (1868) e *Enigmas do universo* (1899).

Ernst Haeckel foi um dos seguidores mais originais de Darwin, e o peso de sua influência é imenso na formação de Freud. Talvez o cientista mais influente na história da ciência em países de língua alemã e no mundo, Haeckel foi também artista e suas produções cruzando arte e biologia são responsáveis, como nenhum outro pensamento do evolucionismo, pela assunção e resplandecimento da estética no campo em questão. O entusiasmo e o talento de Haeckel, no entanto, não bastavam para fazer dele um darwiniano no sentido mais rigoroso: a estética de Haeckel era ainda a estética da perfeição, da reverência romântica à natureza e suas produções, da grandiosidade das suas mais variadas, infinitas e delicadas formas, às quais seu bico de pena e suas cores estavam sempre atentos em sua reprodução na confecção de suas belíssimas pranchas. Mas tudo isso servia de suporte a um discurso ideológico, cientificista e progressista. Era uma figura de fato, extraordinária e, em diversos sentidos, ousada, mas muito diferente de Darwin:

[Ernst Haeckel] desempenha um papel curioso de duplo e de propagandista da filosofia darwinista. Desdenhando a prudência de seu mestre inglês, ele erige a teoria de Darwin em darwinismo, ele mesmo reconstruído numa doutrina dependendo da Ciência, da filosofia da visão do mundo, que batiza de "Monismo": em Haeckel, encontramos o primeiro "darwinista", pretendendo ser mais darwiniano que o próprio Darwin! (ASSOUN, 1983, p. 219)

Podemos destacar alguns pontos característicos da doutrina monista de Haeckel. Um desses pontos é o adágio que marcou o pensamento naturalista nos finais do séc. XIX, a clássica sequencia dos golpes narcísicos, que se iniciava com Copérnico e se seguia com Darwin. São os descentramentos os quais Freud adotou e deu continuidade ao se incluir. Em *Enigmas do Universo*, Haeckel escreve sobre o que se pode chamar de sua fórmula: "Darwin tornou-se o Copérnico do mundo vivo, como já me exprimia em 1868". Ou como em uma fala no jubileu da *Naturforschende Gesellschaft des Osterlandes*:

Assim como Copémico (1543) desfechou o golpe mortal no dogma geocêntrico fundado na Bíblia, Darwin (1859) fez o mesmo com o dogma antropocêntrico intimamente conexo ao primeiro (in ASSOUN, 1983 p. 220).

Em 25 de janeiro de 1883, em um pronunciamento á Academia de Ciências de Berlim, Du Bois-Reymond mostra que a referência haeckeliana já alcançara o estatuto de base do pensamento naturalista nos finais do séc. XIX, ele simplesmente repete as palavras de Haeckel: "Para mim, Darwin é o Copérnico do mundo orgânico". Quatro anos mais tarde esse discurso será publicado com o título "Darwin e Copérnico".

O monismo de Haeckel, portanto, defende uma centralização e, mais que isso, uma unificação epistêmica, em torno do triunfo da razão a partir dos nomes de Copérnico e Darwin. Essa aproximação entre os dois inaugura essa metáfora de Copérnico no nome de Darwin, ou antes, uma espécie de cola ou continuidade, de agregação de valor e eficácia, que faz dos dois termos modos que se confirmam e se validam, através do pensamento naturalista. E critica:

Em todos esses sistemas dualistas e pluralistas de concepção do mundo, devemos reconhecer como idéia fundamental a mais importante o antropomorfismo, a humanização de Deus. O próprio homem, como um ser semelhante a Deus, ou derivando diretamente dele, toma um lugar particular no mundo, e é separado da natureza por um abismo profundo (HAECKEL Apud ASSOUN, 1983, p.227).

É a crítica ao antropocentrismo ao relembrar seu estatuto 'divino': "o homem é o ponto central do Universo, o último e supremo fim da criação, e que o resto da natureza foi feito somente para servir ao homem".

O monismo de Haeckel visa trazer o homem de volta à natureza, ou seja, fazer com que o homem se reconheça como uma parte da natureza a partir de um processo progressivo e racional de descentramentos, mas centrado na razão e seu progresso.

Portanto, Haeckel canta a Odisséia do grande retorno do homem à sua pátria originária, a Natureza, e é através desse esquema que ele lê a evolução científica. Nesta perspectiva, Copérnico e Darwin desempenham o papel eminente de terapeutas nessa espécie de teleologia monista (ASSOUN, 1983, p. 228).

E Freud? Ao adotar a ideia da sequência e a lógica genealógica e epistêmica contidas no texto, isso não significa que Freud tivesse subscrito a concepção grandiosa da *Weltanschauung* de Haeckel. Freud, como sabemos, quebra com isso. Se em Haeckel o descentramento significa, pelo seu discurso grandiloquente, o recentramento em outro lugar, como critica Lacan, em Freud vemos que a hipótese do inconsciente radicaliza a questão no sentido de um **descentramento, aí sim, radical**. Mas, como procuro mostrar, Freud faz de Haeckel uma ponte para acessar a questão que é o âmago das ideias darwinianas: um radical descentramento. Com efeito, Darwin opera um descentramento, tanto no nível da biologia, uma desierarquização [embora a linguagem da biologia se utilize do jargão técnico "superior", "inferior". Ver sobre isso em Patrick Tort, *L'effet Darwin*] onde uma rede constituída de fracassos e impasses implica em traços que interagem e se transcrevem em sempre novas formas divergentes de vida, onde o homem é situado como uma pequena parte recente desse, para usar um termo de Lacan, contrariamente à ideologia de Haeckel, 'não-todo', desse processo que, em Darwin, se infinitiza e jamais se fecha. Trata-se, no eixo Darwin-Freud, a transmissão de uma certa discursividade. Em relação ao pacote epistêmico Haeckeliano de Copérnico-Darwin, creio que Freud reconhece a importância da revolução científica, e sugere um nome que é o referente por excelência daquele momento histórico, ninguém mais do que Copérnico, um nome que deu muito o que falar. Mas em Darwin, a queda de que se trata está muito mais relacionada a Kepler, pelo torto, do que a um recentramento que adquire a fama de descentramento, como indica Lacan a respeito de Copérnico. Haeckel era um racionalista romântico.

O fascínio de Freud por Haeckel, como não poderia deixar de ser, remete a Goethe. Haeckel, inclusive, em sua leitura do evolucionismo, aproximava Darwin de Goethe e, situava Lamarck como um predecessor de Darwin. E Freud, em sua juventude, deixava-se fascinar pelo discurso da *Naturphilosophie*, de uma maneira semelhante a Darwin, este siderado pelos escritos de Humboldt sobre as florestas sul-americanas. Mas o interesse por Darwin mostrava de alguma maneira a influência de Haeckel, onde, de certa forma, tudo se aproximava no afã de sua ambição pela unidade de todas as coisas, e uma grande participação de Goethe (que nunca deixou de ter lugar especial no discurso freudiano).

No entanto, as doutrinas de Darwin, então correntes, atraíram-me fortemente porque prometiam um extraordinário avanço em nossa compreensão do mundo; e sei que a

leitura do belo ensaio "Sobre a Natureza", de Goethe, numa conferência pública, pelo professor Carl Brühl pouco antes dos meus exames escolares finais, levou-me estudar medicina (FREUD in GAY, 2001 p. 39)

Sobre a Natureza, Gay nos informa: "O fragmento que alterou a disposição de Freud é um hino emocional e altissonante que celebra a Natureza erotizada como uma mãe envolvente, quase sufocante, em constante renovação" (GAY, 2001, p. 39).

E observa Gay, que Fritz Wittels, o primeiro biógrafo de Freud, escreveu em 1923, comentando

com perspicácia que a reivindicação de Freud quanto ao lugar do fragmento "Sobre a Natureza" em sua vida parece ser uma recordação encobridora, a típica lembrança inócua que oculta por trás de sua falsa clareza alguma experiência passada mais grave e menos inequívoca. A visão materna invocada pelo fragmento lido por Brühl, com sua promessa de proteção afetuosa, calor envolvente e inexaurível nutrição, pode ter atraído Freud, então um adolescente impressionável. Mas, qualquer que fosse o seu impacto, "Sobre a Natureza" caiu em terreno fértil (GAY, 2001 p. 39).

Freud via-se dividido entre esse mundo representado por Goethe, Haeckel e também a fisiologia de Du Bois Reymond, por exemplo, onde a unidade e a totalidade sempre estavam em pauta, e, por outro lado, o universo que dizia respeito a Darwin mais diretamente, a uma ética científica renovada. Ou seja, o seu conflito estava entre a especulação, a reflexão ensaística, e o rigor das ciências naturais, um rigor que servia a Freud como meio de evitar as tentações totalizantes. A Ernest Jones, ele respondeu a uma pergunta sobre o quanto de filosofia ele costumava ler, e a resposta é bastante conhecida e muito comentada por diversos autores da filosofia ou biógrafos: "muito pouco. Quando jovem, senti forte atração pela especulação e refreei-a implacavelmente" (GAY, 2001 p. 40). Desse outro lado, o lado da fisiologia e da anatomia, do rigor da observação, podemos localizar o acesso à sobriedade e a honestidade de um darwinismo na figura fundamental de Ernest Brücke, um homem que representava para Freud a presença severa, disciplina, exigente, porém discreta, de um pai, causa de uma admiração enorme e, portanto, um certo temor filial. Aqui vemos a biologia tomando uma curiosa vicissitude ética sobre sua vida, onde podemos encontrar o despontar da subversão darwiniana sobre seus estudos. Darwin, o espírito da fineza, entre a fineza que a anatomia ensina, os seus desenhos, a sua disciplina, a sua precisão, a sua investigação ousada e descritiva, e, por outro lado e ao mesmo tempo, a fineza estética e ética das variações e do jogo de miudezas e sutilezas, agora, como nunca, valorizadas, pois que são efeito da desierarquização mesma promovida pelo espírito coentífico moderno.

O que Freud descobre, lendo as conferências sobre a Fisiologia publicadas por Brücke, em 1874, em plena efervescência darwinista, e sobretudo o que delas infere

experimentando sua prática, não é mais uma doutrina grandiosa englobando "a criação dos seres organizados" e elevando-se até a dimensão de uma cosmologia e de uma biogonia, como em Haeckel, mas fecunda *hipótese genética*, certamente fornecendo um fio condutor sintético e ambicioso à ciência dos organismos, mas dando a chave programática de uma prática experimental - uma ciência do sistema nervoso - ao invés de um instrumento de totalização como no bem denominado "monismo" haeckeliano (ASSOUN, 1983 p. 234).

Em relação a um monismo propriamente freudiano, de fato, podemos dizer que Freud, o fundador da psicanálise se situa, até o fim de sua produção escrita, na posição de um *Naturwissenschaftler*, de alguém que construiu uma relação privilegiada e peculiar com as ditas ciências naturais. Em outras palavras: podemos dizer que existe aí, em Freud, um saber fazer com a biologia de seu tempo, talvez percebamos que ele a use, ele a explore, ele a reinvente, ele a torture para extrair a verdade, mas, no final das contas, mesmo assim, ele não deixa de se referir a ela o tempo todo no seu cientificismo. Para os cientistas naturais, seu colegas, isso já não se tratava mais de ciência. Fiquemos com uma indicação plausível: para além do cientificismo, Freud identifica-se com a biologia que fracassa. Só porque ela fracassa, ele a segue, sem apelo algum a nenhuma hermenêutica ou filosofia. O fracasso, portanto, diz respeito a Darwin e de forma central: é justamente por causa do fracasso que a modificação das espécies é possível. É-lhe constitutivo. E lhe mostra o que as leis e as fórmulas da ciência moderna e a especulação filosófica não podem penetrar operacionalmente. Vejamos um comentário de Freud epistemologicamente esclarecedor:

eu escutei repetidas vezes, de forma desdenhosa, que é impossível levar a sério uma ciência cujos conceitos principais são tão imprecisos como aqueles de libido e pulsão da psicanálise. Essa crítica repousa, porém, sobre um juízo totalmente falso acerca dos fatos. Conceitos básicos claros e definições com contornos precisos são apenas possíveis nas ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*), na medida em que estas procuram ajustar um domínio de fatos a um quadro lógico sistemático. Nas ciências naturais (*Naturwissenschaften*), entre as quais está a psicologia, tais conceitos gerais claros são supérfluos e, de fato, impossíveis. A zoologia e a botânica não começaram da definição correta e adequada de animal e planta; até hoje, a biologia é incapaz de prover qualquer significado seguro ao conceito de "vida" [...]. As ideias básicas ou conceitos mais gerais em qualquer disciplina científica ficam sempre indeterminados no princípio e apenas estão condicionados inicialmente aos fenômenos dos quais derivaram; é somente por meio de uma análise progressiva do material de observação que eles se tornam claros e podem encontrar um significado evidente e consistente (FREUD, 1925b/2001, p.)

Vê-se aqui a importância da biologia nas elaborações de Freud, da biologia como práxis nessas bases críticas da precisão científica. Do preciso como um simples ajustamento de "um domínio de fatos a um quadro lógico sistemático" ao que ele entende como precisão referida a um fato único que desafia esse mesmo quadro. O discurso freudiano não pode

prescindir do poder crítico graças ao qual ele erige a especificidade de sua 'ciência', a psicanalítica. Gostaria de fazer duas observações somente a respeito desse ponto:

1. o que desafia o quadro lógico sistemático é justamente o patológico e, como bem mostra Canguilhem, o patológico é o elemento constitutivo do saber, é a desordem, a doença, que faz com que a ciência constitua um saber para lidar com essa desordem.

2. Freud tem lida com o imaginário da razão, furando-a, caso contrário a psicanálise não seria psicanálise, e seria algo fundamentalmente identificado como mais uma psicologia dentre outras, como a psicologia de Wundt e o primeiro laboratório de psicologia do mundo, que cumpre com os critérios científicos para poder ser chamado de ciência - trata-se do mais puro continuismo. Deve-se considerar o imaginário que está imiscuído na própria operação do corte, em Descartes, que está no miolo da operação que é o ponto de conclusão, a certeza, depois do método radical da dúvida a respeito de tudo que é da ordem das ilusões. Mas se uma mudança estrutural de tão grande porte começa a se dar, por outro lado, instala-se um valor totalizante da razão que julga ordenar o mundo conforme um mesmo molde que diz situar o lugar do homem junto à Razão. O efeito sujeito é o que fica de fora, como desviante, patológico. O que significa que o sujeito fica no (não-)lugar já desprestigiado da arte, da loucura, do excesso, da patologia, da degenerescência, do sonho, do movimento. Esse curioso processo de decantação, ou podemos dizer, seleção, não permite, graças a um imaginário também fixista da constituição do lugar da razão (como *ratio*) na vida do homem, aperceber-se da existência de algo sintomático que aponta para um real. Nada mais fixista e metafísico do que trazer ordem ao mundo novamente ao reduzir o imaginário abundante e conturbado do final da Idade Média, por exemplo - decadente e desorientada, uma ordem que desmoronava -, a um ponto de certeza, centralizado no sujeito, um sujeito enxugado, ressecado que diz ser porque pensa, apenas. Trata-se aí também de uma sutura imaginária. Mas o que sustenta essa sutura, essa certeza, seria a existência, ou antes, a função de Deus, uma espécie de fiador da relação desse sujeito com o mundo através da razão. Então o real, que Freud tem que lidar em sua clínica, entendido na sua vertente de sintoma, faz impedimento a um discurso do 'tudo é possível' da ciência, algo que direciona a cura analítica sem se revelar graças à sua opacidade, mas seguindo os caminhos dos significantes. Esse 'tudo é possível', produto do imaginário científico em revelar o todo pela ciência, é, em Lacan, invertido e remetido ao *pas-tout* (não todo), e esse *pas-tout*, por sua vez, liga-se ao *pathos*. O *pathos* é a raiz de 'patológico, lugar cedido pela ciência ao aspectos desviantes na natureza, remete à desordem, ao excesso, às paixões, às intensidades e aos afetos. Mas é o *pathos* que, em Freud, toma a dianteira como

não-todo, inacabado, imprevisível, idiossincrático, enfim, de tudo que diz respeito à hiância que possibilita ao desejo existir.

3. Se a ciência pensa o homem a partir da forclusão do sujeito, Freud, sincronicamente, apresenta uma crítica ao que se costumaria chamar de "homem comum", o sujeito do senso comum, o sujeito aristotélico. Ele mostra uma hiância presente em todo processo de significação e se volta à fala e à linguagem através do corpo, agora considerado e falante em sua singularidade, pois esta remete à reinvenção do sujeito tendo a ordem significante como dimensão privilegiada. Por isso, não interessa tanto o que os cientistas têm a dizer sobre os fenômenos que o intrigam, a sua sapiência, mas antes de mais nada o saber que esses mesmos cientistas não legitimam e varrem para debaixo do tapete. Freud irá se interessar sobretudo pelo que o "homem comum" tem a dizer de seu sofrimento, da verdade de seu inconsciente, através do que ele enuncia a respeito de si mesmo e de sua visão de mundo, o modo como fala, se expressa, pois o que o constitui é a trama de significantes que estão aí marcando o sujeito nas suas 'ilusões', nos seus sonhos, na sua história, na sua família, nas tradições, tudo inextricavelmente ligado ao singular de cada um e à falta fundamental. Aqui é a dimensão corpo que fura a ciência, que surpreende.

Em outras palavras, Freud precisa furar duas ilusões fundamentais e mostra: que o corte epistemológico é também um manejo do imaginário atrelado a um fixismo da razão, que nada mais é, em Descartes, Deus como o suporte da sua teoria do conhecimento. Lacan demonstra isso com o $A=A$, uma escrita da diferença na ilusão de uma suposta mesmidade indentitária. Temos ilusões criadas pela ciência a partir do homem como corpo abandonado ao seu devir natural racional, portanto biológico. Isso supõe que o papel das ciências naturais, sob os domínios da física moderna, supõe que o homem com o qual a ciência lida é resultado de uma ordem natural, de uma certeza - uma certa mística passa por aqui. Newton não deixou de ser um homem profundamente místico, a pesar de suas "letrinhas".

4.2 O homem comum e a dimensão do corpo como gozo

Vemos essa prática de furo do objeto imaginário em Freud desde a queda da teoria da sedução com a (des)coberta da fantasia. Podemos compreender algo do que se passa quando ele já inclui no Projeto para uma psicologia científica, 1895, uma coisa, A Coisa, *das Ding*. Por isso, a máquina de sonhar de Freud é uma máquina que não cobre a totalidade de um

processo, digamos, 'neurolinguístico', ela é, aliás, desde *Sobre a afasia*, um "aparelho de linguagem" que se engana. A ousadia de Freud, - comparável à de Darwin em relação à modificação das espécies -, é se propor, em *A interpretação dos sonhos*, fazer uma "leitura científica dos sonhos". Esse "científica" sinaliza o quanto Freud é tributário da ordem desierarquizante estruturada pelo corte e o real (sem sentido) que está em jogo nessa produção de sentido singular. Freud propõe uma leitura científica, mas, ao contrário do que a palavra *científica* naquele momento poderia denotar, ele, como o primeiro psicanalista, irá procurar a voz do senso comum, do "leigo", do que o povo tem a dizer sobre os sonhos e sua interpretação, do que seus pacientes dizem, sobretudo. Ele chama seus procedimentos de científicos, mas não está falando de um processo somático e/ou fisiológico, como as autoridades referidas no primeiro capítulo do livro, ele está interessado no "ato mental" que o sonho abriga, ou, para ser mais preciso, o sujeito. Lacan diz que o sonho já configura, ele mesmo, uma interpretação em torno de um enigma. Nenhum dos filósofos ou fisiologistas da literatura por ele consultada sobre os sonhos teria colocado o sonho a partir dessa perspectiva da interpretação, tal coisa não era levada a sério.

A opinião leiga tem assumido uma atitude diferente ao longo dos tempos. Tem exercido seu direito inalienável de se comportar de forma incoerente; e, embora admitindo que os sonhos são ininteligíveis e absurdos, não consegue convencer-se a declarar que eles não têm importância alguma. Levada por algum sentimento obscuro, ela parece presumir que, apesar de tudo, todo sonho tem um sentido, embora oculto, que os sonhos se destinam a ocupar o lugar de algum outro processo de pensamento, e que para chegar a esse sentido oculto temos apenas de desfazer corretamente a substituição (FREUD, 1900/1987 p. 120).

A interpretação leiga, ele a divide em dois "métodos populares": a interpretação "simbólica" e a interpretação "por decifração". O primeiro método Freud traz um exemplo bíblico: a interpretação que José faz de um sonho do Faraó. O sonho apresentava "as sete vacas gordas seguidas pelas sete vacas magras que devoravam as gordas". A interpretação de José funciona como um substituto simbólico, profetizando os sete anos de fome que se abateriam sobre o Egito e que consumiriam tudo o que os sete anos de abundância haviam construído.

O segundo método, o da decifração, como uma criptografia, "em que cada signo pode ser traduzido para outro signo, segundo um código fixo". Sonhar com uma "carta" e um "funeral", exemplifica Freud, segundo o livro dos sonhos que for consultado, "carta" deve ser traduzido por "transtorno" e "funeral" por "noivado". E observa:

A essência do método de decifração reside, contudo, no fato de o trabalho de interpretação não ser aplicado ao sonho com um todo, como se o sonho fosse um conglomerado geológico em que cada fragmento de rocha exigisse uma análise isolada. Não há dúvida de que a invenção do método interpretativo de decifração foi sugerida pelos sonhos desconexos e confusos" (FREUD, 1900/1987 p.120).

O sonho sempre foi, portanto, objeto das dissecções teóricas dos saberes da fisiologia e da psiquiatria, que, curiosamente, jamais questionaram o sonho "em si", a cena do sonho, pela maneira como o paciente conta o seu sonho, os conteúdos enquanto tais - enquanto vias de acesso a uma verdade. Por que, então, não 'dissecar' o sonho também? Por que não fragmentá-lo, analisá-lo (como se através de algum dispositivo químico de análise, como o próprio Freud se remeteu ao escrever sobre o nome da sua criação, 'psicanálise')? Por que não submeter esse sonho a um modelo arqueológico, um modelo geológico, ao colocá-lo em camadas, ou ainda ao modelo cerebral dinâmico-estrutural de Huglings Jackson falar o sonhador, esse sonhador que, ao convite de Freud, deverá falar sem qualquer tipo de censura ou avaliação crítica, sem nenhuma finalidade em vista. E a escuta, como ele diz, flutuante, que do mesmo modo não visa nenhum fechamento, nenhuma ideia de unidade imaginária. Por que não conceber esses processos sob a chancela da contingência, da des-construção, de uma montagem? Como aquela que ele mostra no quebra-cabeça das imagens nos sonhos e na dialética que ele vê nesse jogo das imagens e os pensamentos dos sonhos, ou seu conteúdo "latente"? e de como ele dispõe isso tudo em uma máquina. Tanto para quem fala, como para quem escuta deve valer uma regra da desierarquização, do descentramento, de modo que não se pode obter um juízo de valor ou escutar segundo uma *Weltanschauung* ou preconceitos do analista (ou "do médico"). Esvaziam-se as expectativas ideológicas e teóricas, ficam os significantes, como ensinou Lacan, aqueles significantes que conduzem um gozo específico e restante. Essa sacada de Freud: nada mais *científico* do que isto. Quer dizer, nada mais síncrono com a ciência moderna, mesmo que através da apreensão naturalista como ação sobre um corpo biológico que começa a falar. Um fenômeno como o sonho, considerado substância imaginária e metafísica, desde que o homem é homem, estando em continuidade vivenciada e até profética com ele ou em ruptura com ele, ou seja, evitado, excluído pela ciência moderna, é trabalhado por Freud como indicativo de uma outra cena, a partir de falas da tradição cultural e do 'senso comum', e, é claro, de seus pacientes. Freud jamais pensou em 'humanizar' a ciência, lançar mão de algo como uma "compreensão" ou uma hermenêutica (Dilthey e outros). De fato, Freud não arredou o pé desse exercício, o de submeter o imaginário do naturalismo científico ao campo do sujeito que dele é extraído por um salto, por

uma extrapolação - um exemplo disso é ter se calado diante da histórica para que esta continuasse a falar.

Em Darwin, a cena é outra, mas o processo de conceber uma 'fragmentação' do imaginário já dado e 'evidente' funciona de forma semelhante. No lugar da exclusão, ou forclusão, desse imaginário, passa a servir-se dele ou talvez jogar com ele, através das divergências pelas semelhanças, para chegar ao que seriam os bastidores onde vigoram as vias sempre complexas do agenciamento de uma modificação na natureza. Em outras palavras: uma investigação apropriada dos referenciais imaginários (referenciais da certeza e da segurança 'científica') vem ocupar o lugar do velho sonho metafísico e fixista das espécies. Parece pertinente, no que diz respeito aos golpes no narcisismo, posicionar Darwin antes de Freud, inclusive por ter sido pelo próprio Freud. Mas não somente: que só se pode falar em leitura científica dos sonhos, quando o homem, submetido, também ele, a uma leitura científica, é oriundo de sua filiação à árvore da vida, - especificamente em relação aos primatas -, com todas as suas descontinuidades e impasses e contingências na forma de fendas, *Spaltungen*, na imagem que assim parece se desmontar num quebra-cabeça. A partir de Darwin o jogo fica mais claro, abrem-se possibilidades e modelos dos quais Freud pode se servir como quisesse para pensar as possibilidades relativas à constituição do sujeito e ao assunto da etiologia das neuroses, etc. Mas, sobretudo, o darwinismo mostra para Freud a solidão do homem e seus sonhos mergulhados na contingência do universo - mas o homem, tanto em Darwin como em Freud, o homem mantém-se homem, em seu desamparo, mas articulado ao seu desejo inconsciente.

Toda a formação de Freud, anterior à invenção da psicanálise, baseia-se no saber dos fisiologistas seus mestres, da neurologia, e o espírito 'darwinista' pairava sobre todos -- o que inclui Carl Claus, o professor de fato 'darwinista', grande crítico e amigo de Darwin, figura de destaque no meio. A psicanálise, quando ela se inaugura, como escreveu Freud em carta a Fliess, datada de 12 de junho de 1900, isso acontece 'dentro' de um sonho de Freud intitulado por ele de "injeção de Irma" na noite de 23 para 24 de julho de 1895, na estação de Bellevue, uma estação de veraneio em Viena. Se seguimos o desenrolar da interpretação de Freud na *Traumdeutung*, vemos que estão em cena 'todos' os referentes do saber científico, seus colegas e amigos, de sua época -- representados nas figuras de Otto, Leopold e Dr. M.. Do que se trata ali naquele entrevero de médicos trapalhões? Uma questão diagnóstica que, entremeadas de dramas éticos e imputação de culpa a colegas ou a si mesmo, remete à questão do orgânico e do histérico. Irma, uma paciente que Freud atende à época, em uma determinada situação, sobredeterminada por várias outras mulheres que associativamente aparecem na análise do

sonho, é objeto dessa investigação diagnóstica. A certa altura do sonho, devido às dores que Irma diz ter na garganta e outras partes do corpo, Freud segue relatando:

Levei-a até a janela e examinei-lhe a garganta, e ela deu mostras de resistência, como fazem as mulheres com dentaduras postiças. Pensei comigo mesmo que não havia necessidade de ela fazer aquilo. -- Em seguida, ela abriu a boca como devia e, no lado direito, descobri uma grande placa branca; em outro lugar vi extensas crostas cinza-esbranquiçadas sobre algumas notáveis estruturas recurvadas, que tinham evidentemente por modelo os ossos turbinados do nariz (FREUD, 1900/1987 p. 128).

Lacan comenta o insondável dessa imagem de Freud e considera o que de mais estupefaciente pode haver.

Há uma descoberta horrenda aqui, aquela da carne que nunca se vê, a fundação das coisas, o outro lado da cabeça, da face, as glândulas secretórias por excelência, a carne pela qual todas as coisas exalam, no grande centro do mistério, a carne em que muitos estão sofrendo, está o sem forma, na qual muito dessa forma, nela mesma, é algo que provoca ansiedade. Espectro de ansiedade, identificação de ansiedade, a sua revelação final é isso - Você é isso, o que é muito distante de você, isso que é a falta de forma fundamental (LACAN, 1995, p. 198).

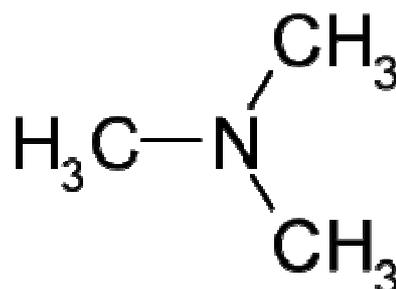
Parece-nos uma imagem bastante exemplar da biologia, e, mais propriamente, da medicina, de uma cena de cirurgia ou de um manual ilustrado de patologia ou exame ginecológico. Freud analisa o sonho e detecta a presença de Wilhelm Fliess, dentre outras tantas associações. Esses dois amigos, sua correspondência e seus "congressos" em Berlim deram prosseguimento a uma biologia 'delirante' (a de Fliess) em um tipo de elaboração fundamental ocasionada pelos momentos mais ricos que a solidão científica de Freud lhe proporcionou. Essa aventura de Freud através da transferência com Fliess mostra de forma muito clara de que biologia se tratava ali. E como se vê, Freud, em seu percurso, persiste no modelo biológico de raciocínio e investigação, nos conceitos da anatomia, da fisiologia, da neurologia, enfim, da sua energética, prosseguindo de forma determinada até os limites da ciência, aos estertores de um saber que, enfim, fracassa. Freud não recua em relação ao fracasso, ele incorpora esse fracasso pelo viés de uma invenção que tem por especificidade o próprio fracasso enquanto escrita: a psicanálise. Freud segue em frente em seu desejo, pois seu intento, como está na introdução do *Projeto para uma psicologia científica*, consiste na "intenção de prover uma psicologia que seja ciência natural" (FREUD, 1990, p.403). Em *A Interpretação dos sonhos*, prossegue Freud, trata-se de fazer uma 'leitura científica' dos sonhos. Aí é que vemos quando se afirma, como elabora Milner, que a psicanálise é síncrona da ciência moderna e seus efeitos, do corpo e do fantasma não do corpo fisiológico da ciência e o é desde a sua inauguração. Afirmar tal coisa soa pertinente dado que a dominação

significante não suporta, não sustenta o todo prometido da ciência moderna, algo vem a estourar em algum momento, algo se desestabiliza, algo vem à tona enquanto dimensão da verdade que requer a invenção de um novo saber.

Retomando a sequência do sonho da injeção de Irma: quando Freud e seus colegas chegam à conclusão de que se tratava de uma infecção, descobrem que a causa de todo o quadro da paciente foi uma injeção que Otto havia aplicado anteriormente: "de um preparado de propil, propilos...ácido propiônico...trimetilamina (e eu via diante de mim a fórmula desse preparado, impressa em grossos caracteres)..."

A trimetilamina, essa fórmula "impressa em grossos caracteres", - que se torna ainda mais vistosa se escrita em sua forma estrutural -, é, como quer Lacan, a mediação simbólica do real impactante da garganta de Irma, como anteparo ao horror, como apelo à palavra, apelo a uma produção simbólica que encubra o gozo. A palavra encobrir não é a mais adequada aqui, talvez seja mais acertado dizer que algo do gozo é colocado em jogo para a produção de um saber. Aqui se trata de um saber inconsciente, e não mais de um saber científico dominante. Um saber inconsciente é o mistério que faz com que, em uma cadeia significativa, um significante leve a um outro. Não se trata, portanto, de uma elucidação que se pode encontrar na apresentação da fórmula, ela não é a resposta derradeira à questão de Freud, a saber, a sexualidade como etiologia das neuroses, algo se dá nessa linha, mas para além disso, pois ainda, como a garganta de Irma, mantém o obscuro que causa a interrogação: ela é a própria psicanálise, sua inauguração, enquanto questão relativa ao sexual. "É com o saber como meio do gozo que se produz o trabalho que tem um sentido, um sentido obscuro. Esse sentido obscuro é o da verdade" (LACAN, 1992 [1969-70]). A garganta é um umbigo.

Essa construção significativa condensada, a TRIMETILAMINA, é a aparição da própria estrutura significativa como meio de gozo em todas as suas articulações, criação à revelia do sonhador. A própria fórmula da trimetilamina, **C₃H₉N** - assim como os compostos químicos em geral -, é escrita em sua forma estrutural,



ou seja, em rede, ou se preferirmos, em cadeias ou articulação de elementos ligados - questão que o horror da garganta concorre para ganhar sua assunção simbólica na fórmula significante da ciência moderna - adquire, se podemos dizê-lo, de uma tradução, da garganta temos uma construção significante que se realiza como questão relativa ao furo que a garganta aponta. A rede do composto trimetilamina no sonho é o resultado de uma infinidade de relações significantes em rede em torno de um furo, não se trata mais de química, embora seja proveniente de um saber sobre a química em Freud, mas antes de um significante a menos, de um furo que agora tem seu efeito considerado e dialetizável. Da biologia, da carne, aportamos ao significante, e com isso, Freud inaugura com esse sonho a psicanálise.

Tal qual um Oráculo, a fórmula não fornece resposta alguma ao que quer que seja. Mas a própria maneira pela qual ela se enuncia, seu caráter enigmático, hermético, é justamente a resposta à questão do sentido do sonho. Pode-se calcá-la na fórmula islâmica - *não há outro Deus senão Deus*. Não há outra palavra, outra solução ao problema de vocês, senão a palavra.

Podemos debruçar-nos sobre a estrutura desta palavra, que aqui se apresenta sob uma forma eminentemente simbólica, já que é constituída por sinais sagrados (LACAN, 1954 p. 202 - 203).

Lacan desenha a fórmula da trimetilamina em sua forma estrutural no quadro negro, de maneira mais desdobrada ainda em relação ao que exemplificamos na ilustração anterior, e diz:

Este sonho [de Irma] nos ensina, portanto, o seguinte - o que está em jogo na função do sonho se acha para além do *ego*, aquilo que no sujeito é do sujeito e não é do sujeito, isto é, o inconsciente (LACAN, 1954 p. 203).

Da perpetua darwiniana, não há, de nossa parte, como não ver nessa fórmula em leque os clados de uma árvore estruturada. Disso falaremos mais adiante, nesse momento importa pensar se, em Darwin, como tento mostrar, o evolucionismo que ele apresenta é também síncrono da ciência moderna. Como apresentei anteriormente, o mundo imaginário e resistente dos naturalistas e da teologia natural não podia ser tomado total e subitamente - como, aliás, também imaginariamente supunham os físicos e matemáticos - pelo discurso da ciência, sem antes poder 'negociar' com o saber sobejamente empírico e imaginariamente consistente do naturalista e, diria, como o fez Freud, com o homem comum que expressa sua dor e suas 'ilusões' na fala em sua clínica. A ciência moderna deve atravessar esse campo resistente do naturalismo como ciência do vivo, impregnado pela dimensão do corpo substancializado feito saber, o fisicalismo e o mecanicismo, assim como da teologia das

crenças nele ainda impregnadas, para justamente poder furá-lo, mas para ver esse 'organismo' da ciência agora tornado 'corpo', mas corpo crivado, agora re-eroginizado pela falta, pela força do Corte, do histórica e relacionalmente constituído na cadeia significante e pela escrita (ciframento) de gozo. O processo dessa anatomia fantasmática que se descola da anatomia do organismo pela extrapolação, pretendo mostrá-la em seus inícios nas elaborações e intuições darwinianas decorrentes do modo específico com que Darwin verdadeiramente trata a continuidade homem e demais animais, ou seja, continuidade pela descontinuidade. O descolamento total, ou melhor, o furo foi realizado por Freud - mas a leitura e a influência de Darwin foram-lhe muito úteis. O importante foi ter resgatado a flor que a ciência dispensou. E a questão do corpo e sua flor, esse corpo eivado de flores do mal acontece na medicina, porque ali o aprisionamento maquínico insiste reduzir um corpo ao organismo e sua consequente adaptação aos ideais do bem e da saúde.

4.3 O homem e a escrita do sexo I

Sem diferença alguma em relação aos tentilhões de Galápagos, de que falamos diversas vezes aqui, os humanos evoluíram de uma pequena ramificação em um processo, como chamam os evolucionistas, de "irradiação adaptativa". Lembremos dos tentilhões e as diversas e surpreendentes formas de modificação em cada ilha do arquipélago, fazendo surgir uma variedade de espécies distintas, cada uma com a sua fina especificidade. O homem, assim como os primatas, tiveram um ancestral comum um parente que, segundo Darwin, vivia em florestas sub-tropicais balançando-se em árvores.

O escandaloso não está somente no fato de se constatar que o homem, como se habituou mostrar a imagem iconográfica equivocada e linear, nos moldes da *scala natura*, descende indiretamente dos primeiros primatas surgidos no paleoceno há 60 milhões de anos, tendo atualmente como parentes mais próximos os macacos modernos (o gorila, o chimpanzé e o orangotango). A parentalidade do homem com os primatas é algo que se pode ver, depois de Darwin, como de costume, com distância, talvez com alguma indignação (tão comum entre os vitorianos, por exemplo), ou cooptada por alguma teleologia ou pelo esteticismo grandiloquente (como a teleologia racional do naturalismo de Haeckel, por exemplo). Mas o que a árvore de Darwin mostra é que a evolução se desenha no surgimento de diversos caminhos divergentes de um ou mais pontos de ancestralidade, que paralelamente seguem

divergindo, ou não, no caso da extinção. Se observamos o mapa da África, de onde, conforme indicação de Darwin (*Origem das espécies*, 1971), o registro fóssil começou a ser descoberto a partir da década de 30 do século passado, vemos que as diversas espécies dos diferentes gêneros de homínídeos brotam em diversas partes, muitas vezes em regiões próximas e, em muitos casos, são contemporâneos! Ou seja, não há linearidade alguma senão, para usar um elemento da música, o arranjo de uma estrutura 'polifônica', como formando 'pautas' onde traços (notas musicais) vão circulando na árvore e se manifestando de formas as mais diversas, como consonâncias e dissonâncias maiores ou menores. Essa polifonia varia conforme traços parecidos em situações distintas, e a impressão que também se tem é de um labirinto de espelhos, onde se reconhece um pelo outro, mas não sem o traço distintivo - traço distintivo, enfim, que se ausenta. Esse traço, ele não é a referência humana, do *homo sapiens* aguardando o seu grande momento apoteótico, de aparição, como finalidade, pois que se trata, neste caso, é de apenas mais uma espécie dentro do gênero Homo. O resultado é algo difuso e labiríntico onde, através do exame mais atento, algo permanece em aberto. Os estudiosos do assunto percebem que contornam algo que não se positiva e que mostra, ao escapar da apreensão da sede de conhecimento, uma pulverização da forma dita humana moderna, ou antes, uma fragmentação e pluralização. A família Hominídeo e a ordem Homo, se tomados os indivíduos achados pelos arqueólogos no conjunto, vemos as pequenas diferenças a partir das quais os indivíduos vão se colocando - a impressão que se tem é de uma constelação de manifestações distintas em torno de um certo repertório de traços em um período compacto de tempo.

Para nós que lemos *A origem do homem*, lidamos com o modo sofisticado do seu procedimento: entendemos, enfim, que, no espaço de tempo entre *A origem das espécies* e o livro sobre o homem ele realiza uma torção. A interpretação que seus seguidores apressadamente chegariam, a certeza de um caráter científico fechado de *A origem das espécies*, faz com que esses mesmos seguidores se surpreendessem e se decepcionassem quando entra em cena, ao lado da seleção natural, a noção de seleção sexual. *A origem do homem* alcança uma popularidade impressionante, muito também em função da revolta e indignação causadas na Europa, por conta da expectativa geral de 'maior rigor científico' por parte do meio científico, dada a abundância de especulações, onde justamente o *speculum* tem o seu valor central e operador de novas relações e perspectivas.

Como dissemos, Darwin sabia que seu caminho o levaria na direção de algo outro a partir do mesmo: uma antropologia, que costumam chamar de "física", juntamente com uma psicologia. Em um futuro distante, escreve Darwin no final de *A origem das espécies*,

"visualizo novos campos que se estendem para pesquisas ainda mais importantes", e, em seguida, profetiza "um fundamento novo" para a "Psicologia" [sic], "o da necessária aquisição gradual de cada faculdade mental. Nova luz será lançada sobre o problema da origem do homem e de sua história" (DARWIN, 1859/2002). Aqui já podemos ver Darwin anunciando a sua montagem. Em *A origem do homem*, de 1871, Darwin admite o uso um tanto quanto abusivo e rígido da seleção natural em *A origem das espécies*, e começa a lançar mão de outros mecanismos para elaborar a sua questão, questão que agora se direcionava à origem do homem a partir do modelo de escrita concebido para o organismo enquanto tal.

Em *A origem do homem* a teorização estará não tão mais centrada na seleção natural que, a partir desse momento, será elaborada em conjunção com a seleção sexual. Ele trabalhará com a 'herança de caracteres adquiridos' e o 'uso e desuso de órgãos', mecanismos sugeridos por Lamarck. Isto já traz uma 'incerteza' ou uma certa nuvem de generalizações quanto à herança e sua transmissão. Mas isso não será o mais importante.

Sabemos que Freud se interessou de forma especial por Lamarck, em especial no uso do mecanismo da herança de caracteres adquiridos. Esse foi um período sombrio durante a Primeira Grande Guerra, em que preparava o último texto que completaria a série de escritos metapsicológicos, não fosse o lugar, -- o lixo --, a que lhe fora destinado. Esse escrito, felizmente, foi reencontrado em uma cópia enviada a Ferenczi, em meio aos pertences e às papeladas deste, pois havia também a possibilidade de que esse trabalho fosse realizado em co-autoria com Ferenczi. Há uma correspondência entre os dois que possibilita recompor algo desse momento, um momento de encantamento que, para Freud, possibilitaria uma correspondência biunívoca, ou retomaria uma peça faltante (lamarckiana), entre biologia e psicanálise, enquanto que, para Ferenczi, isso faria com que prosseguisse em suas elaborações totalizantes e sonhadoras. A parceria de fato não surgiu, cada um foi para o seu canto. O que encantava Freud era esse recurso, esse dispositivo teórico proveniente do campo do evolucionismo, da transmissão de caracteres adquiridos, considerado por Darwin -- antes de *A origem do homem* -- como "ridículo", para explicar os traços que épocas anteriores da história do homem em sua adaptação às adversidades teriam sido herdadas para os dias atuais. Darwin, mais uma vez, criticava a teleologia de Lamarck. A visada de Freud, no entanto, era precisa: a etiologia das patologias, das neuroses, a tentativa de explicá-las pelo viés histórico e a herança. Determinadas situações de adversidade vividas pelo homem em sua história, e também explicadas pela geografia e pelo clima, tentativas de se adaptar e, por causa disso, a busca de soluções possíveis para as mesmas, caracterizariam determinado tipo de neurose graças à herança do traço adquirido na constante luta pela sobrevivência da humanidade na

natureza. Seu interesse se voltava, nesse tipo de exercício, ver, por exemplo em que a neurose de cada indivíduo encontrava apoio em dadas situações e circunstâncias históricas, ao nível mesmo da espécie.

Isso nos remete, obviamente, à hipótese do pai da horda primeva, apresentada em *A origem do homem*, que sabemos ter sido utilizada para compor o mito de Freud com mais as contribuições de Atkinson e Smith. A ideia de herança de caracteres adquiridos - hoje é sabido - não está de todo errada, ela se aplica a alguns casos, dando, em parte, razão pontual a Lamarck, embora não no sentido vitalista e teleológico concebido por este. Por isso há algo em comum entre o interesse de Darwin (a partir de *A origem do homem*) e o de Freud por explorar em Lamarck essa noção. Darwin foi moderado no seu uso, uma vez que seu pensamento é de saída anti-teleológico, enquanto Freud usou-o 'indiscriminadamente', dado essa hipótese lamarckiana ser um elemento facilitador teórico-explicativo, cômodo e tentador para o caso de herança de características psicológicas e soluções etiológicas. Mas Freud, ele mesmo, chamava esta espécie de exercício psico-lamarckiano de "fantasia filogenética", explorando ainda as referências darwinianas e haeckelianas que "a ontogênese repete a filogênese", tese indicada por Darwin e formulada nesses termos por Haeckel, retirada de evidências embriológicas de von Baer. Freud se utilizava da teoria do evolucionismo como ciência natural, e sempre depositaria sua fé nela, a partir de seu modelo.

Por outro lado, curiosamente, ele, Freud, parecia não se esforçar muito em ser obediente e coerente com a biologia de seu tempo. Isto fica muito claro a respeito desse episódio mesmo, desse uso lamarckiano: enquanto os biólogos atestavam e afirmavam que a noção de herança de caracteres adquiridos não tinha comprovação alguma, toda a comunidade analítica em coro tentava advertir ou alertar Freud para esse "erro" lamentável, do absurdo de usar uma teoria comprovadamente "falsa", segundo os biólogos. Ele no entanto nem dava ouvidos, nem quis saber se era ou não "falsa", prosseguia, insistindo em dar-lhe importância no seu - quiçá ensaístico? - episódio lamarckiano. Tratava-se antes, acredito, de considerar os caminhos inconscientes e feitos necessários a percorrer e a elaborar o raciocínio, mesmo que de forma idiossincrática, sem ter que dar satisfação à comunidade científica ou a seus seguidores, esses sim colados ao cientificismo, ou produzindo algo, como Ferenczi, que tinha a pretensão de 'humanizar', tornar mais próxima e sincera a relação do analista com o paciente, chegando a inverter os papéis com o paciente. Isso parece uma indicação, na contramão do cientificismo que habitualmente lhe é atribuído, desse saber-fazer com o repertório da biologia e do uso descolado e contracorrente que ele fazia dos saberes que o circundavam. A Fantasia filogenética de 1915, tem sua motivação, sua origem baseada nos

mesmo mecanismos que deram origem à construção do mito da horda em *Totem e tabu*. E o mesmo aconteceu: ele o criou e não deu ouvidos a nenhuma das críticas feitas a ele por parte dos cientistas responsáveis pelos saberes tomados de empréstimo. Ele é enfático ao afirmar a sua diferença, o lugar de onde suas elaborações partiam: da psicanálise. Ele o diz com todas as letras, sou psicanalista. Algo semelhante também ocorre na virada de 1920 com a publicação de *Além do princípio do prazer*: ele reitera nesse escrito, explicitamente, o espírito que move seu modo de pesquisa, de formular hipóteses: a partir daqui não precisam me seguir. E Lacan dirá que isso o impressionará, o desarvoramento causado nos analistas seus seguidores e pós-freudianos, uns dizendo "vou até aqui", "não passo daqui", erradicando da consideração "científica" a produção de Freud a partir de 1920. A ciência para Freud não é a mesma coisa que para seus seguidores, e muito menos ainda para sua filha Anna. Se há um cientificismo em Freud, ou seja, uma fé na ciência no sentido da resolução de problemas mentais, por exemplo, pela química (como em Abryiss), há também um modo próprio e "teimoso", sinuoso e bastante conforme às suas necessidades de se servir das ciências naturais. Se os textos metapsicológico constituem esse espaço onde atua sua "bruxa", onde, como bem pontua Assoun, uma nova maneira de racionalidade surge de um "*phantasieren*" que significa jogar e ensaiar hipóteses, fantasiar com a teoria. Esse é o espírito do texto da *Fantasia Filogenética*, texto que ficou à parte do corpus freudiano, mas com o qual podemos aprender bastante.

Na verdade, as questões que sua *Fantasia Filogenética* coloca, a despeito do uso 'indiscriminado' que fizera da noção de herança de caracteres adquiridos, mantêm os aspectos centrais de um modelo de fundamentação etiológica em termos darwinianos, que são basicamente dois: a introdução do aspecto histórico-arqueológico-comparativo (advindo também, de forma rigorosamente específica, do *primeiro princípio* descrito em *A expressão das emoções no homem e nos animais* como veremos mais adiante) e o aspecto da função do impasse, da adversidade e da contingência no processo das modificações da espécie, como mostra o exemplo da árvore da vida. A psicologia darwiniana, nela em muito se apoia Freud, pois toma o traço físico recortado pela anatomia e extrapola-o para a dimensão do traço psíquico, modificação feita a partir da sua relação com os afetos e sentimentos entre os animais. Mas, note-se bem, a psicologia darwiniana é determinada por uma torção realizada a partir da noção de seleção natural de *A origem das espécies* e apresentada em *A origem do homem*. O homem é formalmente um advento de uma escrita que o precede e que o determina, cuja ideia de seleção natural é fundamental para detectarmos a ação de um impasse, de uma não-relação determinante de uma 'escolha' ou 'seleção' dentro da economia

da natureza. Além do mais, uma preocupação importante dentro da obra é fundamentar biologicamente, de forma materialista, as origens da moral.

Em *A origem do homem*, Darwin irá escrever sobre aquilo que o atormenta e que vinha acalentando secretamente desde pelo menos o início de suas anotações pessoais em 1830, ano anterior ao ano da partida do Beagle. Ele pretende, não apenas fazer um estudo comparativo entre o homem e os animais do ponto de vista anatômico, patológico, fisiológico, embriológico, entre outros aspectos, mas também adentrar aquilo que considero uma escrita do corpo através do sexo e do imaginário, e o que ele chega a denominar de "amor".

4.4 O homem e a escrita do sexo II

Obsevei anteriormente que o significante 'seleção' é uma das chaves para acompanhar o percurso da escrita de Darwin no decorrer de toda sua obra, além de situar seu valor discursivo. A seleção natural é que, em um contexto específico, pinça, seleciona uma variação que poderá servir para fins de sobrevivência. Um real está agenciando essas conformações.

Havia indicado que a sexualidade ocupa na obra de Darwin um lugar privilegiado. Não somente a sexualidade, mas a morte. Se da seleção natural extraímos o real, o não-sentido do impasse que ela aponta, com a seleção sexual, trata-se de entender como o organismo se modifica em relação ao sexo, aos papéis do animal no grupo ao qual pertence, o som emitido, a comunicação, as escolhas estéticas, etc. É importante evidenciar, no entanto, os vários níveis que estão incluídos desde já na categoria seleção artificial. Aqui tempos, na seleção artificial, o sexual que se manifesta no sentido da crença na relação-sexual por parte da ciência moderna, mas também aquilo que já adianta, por parte do sujeito selecionador, o columbófilo, por exemplo, que exerce uma escolha a partir de um detalhe estético do corpo de um animal. Darwin já se inclui aí, mostrando, porém, que há uma inversão aqui - o sujeito Darwin é selecionado pelo olhar, é 'selecionado', como na história de pesca que Lacan conta no Seminário XI, pela latinha que "não me vê, mas me olha". E é isso que prepondera na questão do sexual pela via escópica.

Se da seleção natural extraímos uma ética a partir do real, um impasse e uma escrita que disso resta, o que ele introduzirá como 'seleção sexual' em *A origem do homem* nos direcionará para o vetor imaginário e seu valor operatório, modificador do corpo e do comportamento. A seleção natural servirá para pensar a ética e a seleção sexual será ainda

objeto de maior espanto ainda, pois as relações imaginárias, agora consideradas cientificamente, servirão como teoria e pesquisa que dê algum contorno às 'idiossincrasias' da natureza no que tange à corte, os rituais de acasalamento ou a disputa de machos pela fêmea (quando não se tratar das raras espécies que procedem inversamente), mas sobretudo às idiossincrasias que o intrigam, ele Darwin, pela presença sempre periclitante do aspecto contraditório de certas manifestações da natureza: o seu esplendor contradiz sua finalidade adaptativa de sobrevivência. A seleção sexual é, para Darwin, o enigma do sexual dado pelo enigma do objeto a olhar e, paralelamente, a inclusão de si próprio como sujeito sempre surpreendido em sua peculiar metodologia. A primeira explica por um processo de adaptação pela descontinuidade, como vimos tratando, e a segunda, os hábitos dos seres vivos sexuados apresentam comportamentos e modificações do corpo em função da corte e, ele dirá, do amor e da estética e dos laços construídos entre os animais sociais superiores, da escolha de parceiros, do imaginário que tem seus efeitos de real na natureza.

Lacan trabalha uma referência importante como von Uexküll (que veremos mais adiante), que se antecipa em relação à fundação da etologia propriamente dita, com Lorenz e Tinbergen. É interessante ver que a etologia reconhece seu tributo à Darwin. Como o próprio Lorenz deixa claro no prefácio de *A expressão das emoções no homem e nos animais*:

A área do estudo do comportamento comumente chamada etologia, que pode ser definida resumidamente como a biologia do comportamento, tem um direito especial de considerar Charles Darwin como seu santo padroeiro. Ela é mais dependente do enfoque selecionista do que qualquer outra ciência biológica que eu pudesse citar, e cumpriu sua parte na verificação das teorias de Darwin. Mais ainda, em seu livro *A expressão das emoções no homem e nos animais* Charles Darwin anteviu, de forma verdadeiramente visionária, os maiores problemas com que se defrontam os etologistas atualmente, e traçou uma estratégia de pesquisa que eles ainda utilizam (LORENZ in DARWIN, 2009/1872 p. 7).

Em Lacan, como não poderia deixar de ser, a questão passa longe desse tipo de esquematismo, principalmente quando se trata dos estudos referentes à etologia humana e seu embasamento na linearidade sempre aguardada que colocam tanto homem como animal (a dita natureza) nas mesmas bases da *res extensa*, ou seja, do corpo-máquina, e a sempre fatal aplicabilidade do esquema "selecionista", no dizer de Lorenz.

Uma outra maneira de exprimir as coisas, e que vai muito mais longe, é dizer que o psicológico se tentamos examiná-lo bem de perto é o etológico, o conjunto dos comportamentos do indivíduo, biologicamente falando, nas suas relações com seu meio natural. Eis uma definição legítima da psicologia. Aí está uma ordem de relações de fato, uma coisa objetivável, um campo suficientemente bem limitado. Mas, para constituir um objeto de ciência, é preciso ir um pouquinho mais além. Da psicologia humana, é preciso dizer o que dizia Voltaire da história natural, a saber:

que ela não é tão natural assim, e, em resumo, que ela é o que há de mais antinatural (LACAN, 1997/1955-1956 p. 16).

Mas, se Lorenz se diz devedor de Darwin, e isso é assim de fato, por outro, como mostra Vinciane Despret, nada é mais distante de Darwin do que Lorenz. Lorenz transforma suas descobertas e experiências em uma teoria excepcionalmente rígida, como se quisesse garantir o estatuto de uma ciência exata. Despret chama a atenção para os famosos filmes de Lorenz com os patos cujos filhotes, pelo fenômeno do *imprinting*, escolhiam Lorenz como sua 'mãe', pois estava ali ao alcance deles. Por onde Lorenz andava, lá vinham os pequenos patos em fila a segui-lo, mesmo quando Lorenz entrava numa lagoa para nadar, eles o acompanhavam. Mas o que ele assimilava dessas experiências riquíssimas, considera Despret, eram pasteurizadas na tentativa de formatá-las de uma maneira seca. Darwin, pelo contrário, estava interessado sobremaneira pelos *agenciamentos* (no sentido um tanto deleuzeano, em Despret), de como procediam esses encontros e desencontros na natureza, onde pairava a construção de afinidades: é o caso, como dirá Despret, do que acontece com as flores e as abelhas, o perfume da flor que atrai o inseto, ou o modo como determinadas flores abraçam e encarceram o inseto dentro de si com sua amardilha. Há também tudo aquilo que Darwin ira dizer sobre o exibicionismo do pavão e o lugar da pavoas como expectadora e apreciadora do belo. Fica evidente que a cientificidade de Darwin nada tem de 'acadêmica' e 'objetivante'. Ele, nos diz Despret, mostra que o prazer é componente fundamental na vida de quase todos animais. Despret apresenta a seus alunos, em sua atividade acadêmica universitária, um vídeo caseiro em que um pássaro, no inverno, é flagrado se divertindo, deslizando pela neve do telhado de um prédio vizinho sobre uma tampinha. Uma espécie de 'ski' ou 'surf' no gelo. Ele descia de cima do alto do telhado até a calha se equilibrando com as asas para depois retornar voando ao mesmo lugar de partida com a tampinha presa ao bico. Na próxima vez, então, ele testa a consistência do gelo antes de deslizar com a tampinha pra ver se vai dar certo, pois uma das partes da superfície do gelo não desliza como antes - ele pensa no que vai fazer. Enfim, ele resolve o problema, e recomeça de outro ponto, e assim repetidamente. É claro que ele se diverte! conclui Despret. Mas isso é uma questão fundamental, coloca toda essa exigência de cientificidade no lixo. Mas Darwin está atento para isso. Penso que, na Origem do homem, Darwin mostra diversos casos como esse, inclusive descrições de formigas que brincam umas com as outras.

Sabemos que não se trata efetivamente do mundo natural objetivável que, para nós, está em questão em Darwin, embora sua atividade compreendesse, senão uma revolução, a unificação e o franco alargamento dos domínios da biologia. Trata-se, no entanto, do

inconsciente, o inconsciente de Darwin, testemunha de um esgarçamento das objetivações e certezas para proceder na decifração do que brilha no objeto, que desvela um certo gozo, onde encontramos o lugar da leitura, onde a escrita mostra o constante não-lugar, onde podemos dizer que o lugar do homem na natureza é um deslugar.

Darwin, no entanto, tem um método, um método onde o deslugar, o exílio, é sempre mantido. E esse método é de esgarçamento do imaginário, das similitudes. Se o homem, o humano, é a questão que subjaz a todo desenvolvimento de suas articulações desde os tempos em que geologia lhe apontava um caminho pelo real das formas, pelo cintilar das diferenças e da causa de desejo. Sua pesquisa é estabelecer uma mesma estrutura que explicasse num plano materialista e imanente, tanto para o homem como para o restante dos animais, apostando na hipótese da seleção natural que é efeito da contingência. Já que para saber do homem é preciso situá-lo como mais um dos ramos de sua árvore. Ou seja: por um lado, mostrar a interligação deste com o restante da vida no planeta, ou seja, que traços posteriormente nomeados 'humanos' já estão presentes em grande parte dos animais que lhe são mais próximos, especialmente entre os primatas, etc., e, por outro lado, mostrar a estruturação divergente e contingente de seres plurais, retranscrições e readaptações de estruturas e traços em tempos e espaços diferentes. Desse modo, temos a variabilidade contingente e generosa na natureza, aliada à lógica da seleção natural.

Em *A origem do homem e a seleção sexual*, de 1871, e *A expressão das emoções no homem e nos animais*, de 1872, o trabalho que Darwin desenvolve assemelha-se ao do oleiro e seu vaso. Ele 'reconstrói' a natureza segundo uma metodologia de contorno do real. Essa 'metodologia' que faz uso de uma projeção de si mesmo, do homem, na natureza - que mostra em que sentido Marx e Lacan são certos em relação ao que diziam de Darwin projetar sua sociedade inglesa na natureza - e que procura ver o humano como um conjunto de traços contingentes em sua constituição e não como uma essência humana pré-existente. Então, os traços que compõem o humano estariam espalhados nos diversos ramos da árvore e não disponibilizados como essências, daí o esgarçamento da imagem do que seja propriamente humano na medida em que a questão é, em Darwin, a tentativa de reconstrução da origem do homem - ou como poder-se-ia dizer, essa invenção do homem, das espécies - a partir do buraco, do intervalo, como procurei mostrar com o grafo da árvore da vida, que é, nada mais nada menos que a cadeia significativa em torno do inapreensível e do imprevisível. A Coisa, o objeto perdido desde sempre, se coaduna com o gozo total, mortífero. Mas o significante do desejo de Darwin percorre pelo pequeno *a* escópico uma montagem darwiniana, basicamente ficcional em torno do que o interpela pelo olhar dos desvãos e modificações na natureza. O

que está em jogo aí? É que com a 'morte' do humanismo ingênuo e o esvaziamento do ser substancializado do homem, do qualitativo do homem, a natureza comporta um buraco, ela é impossível de ser sem o sujeito que a manipula e nomeia: o homem não se encaixa há muito no esquema romântico do tal "retorno à natureza", por isso ele está fragmentado, tendo sua imagem esgarçada em toda árvore. Isto sim, - parece-me legítimo e rigoroso - que é inserir o homem na série animal justamente como espelho da falta: o homem não é o ápice da natureza, mas mais do que tudo uma prova de que o homem tenha surgido do buraco, da imperfeição mesma - aliás como todo ou qualquer animal. Mas Lacan entende que o meio ambiente do homem é o significante, uma alteridade fundamental. Darwin, a partir da crença teológica dos signos divinos, faz um giro e coloca em significantes estruturados em torno do humano que é o furo mesmo. Da operação significante, resta esse algo que olha, que se rasura indefinidamente. Que ele seja uma espécie que tenha surgido da contingência que atormenta e que é o sinônimo da evolução. que surgisse de um lugar que é deslugar. Pensar nnnnnnn lugar sempre imprevisível corpo e de suas possibilidades mais uma das tantas 'montagens' possíveis da evolução, um resultado especial, sem dúvida, mas cuja montagem fica bem clara quando comparamos os diversos Hominídeos e os primatas em geral. Mas, mais do que isso, é o espelhamento darwiniano que lhe coloca um problema quando pensamos que a árvore da vida é justamente uma maneira de representar, na escrita darwiniana, o significante e o buraco contornado, ou seja, situar esse homem que surge de um enigma: podemos dizer que Darwin 'projeta' o homem na natureza, -- ou, antes, projeta sua indagação pelo humano e sua especificidade, já que ela não dá mais as pistas e respostas agradáveis . Ele não se contenta em apenas seguir a onda científica que simplesmente insere o homem na série animal em progresso, mas antes se espelhar no que não funciona tão bem assim na natureza. Que o homem, essa unidade específica e chamada de *Homo sapiens*, seria proveniente de uma mesma lógica que rege a vida de todo ser vivo na natureza, lógica que bem poderia dar pistas da constituição do humano a partir da contingência e da adversidade do objeto. Ele procura ver o homem 'ao contrário': podemos imajar uma inversão, de sua forma 'acabada' às peças dispostas do quebra-cabeça e reconhecidas no só-depois dos encontros contingentes - um trabalho arqueológico, sem dúvida. Darwin inclui-se na natureza projetando sua ausência essencial, estando advertido disso, enquanto elaboração fantasmática na forma de elaboração científica. Trata-se, creio, de algo que implicaria também em um movimento sublimatório, pois a coisidade dos objetos modificados e, por isso, elencados pela causa do desejo.

Isso reflete um 'monismo' característico de Darwin: que os seres vivos surgem e variam segundo uma mesma lógica: uma falha constitutiva do SER. É, digamos, uma amostra

de que o SER, que a ontologia enquanto tal, está doente (como Heidegger costuma usar o termo, Ser-do-ente, usamos para a patologia do ser, do Ser-doente, brecha de onde surgiria o sujeito enquanto falante), ela agora, definitivamente, padece da biologia. Isso remete ao estatuto ético, e não mais ôntico, do que se chama natureza, parafraseando Lacan, no Seminário XI, para definir o inconsciente freudiano. Esse é o processo mesmo do homem, por isso procurei usar a expressão monismo, pois acredito assemelhar-se ao de Freud (e não ao monismo de Haeckel): um esforço de mostrar que o homem é resultado de um reviramento no bojo mesmo do que vem a ser nomeado natureza, um vazio.

Assim como explicitou Freud a respeito das teorias sexuais infantis, pode-se dizer que a construção darwiniana, no uso que faz do conceito de seleção sexual, é uma grande teoria sexual tendo como fundo o real traumático. O porquê do sexo? E a sua resposta é biológica, mostrando que a divergência e as diferenças - o torto - são um modo de se obter maior quantidade de variações em prol da sobrevivência. As diferenças para Darwin são fundamentais nessa argumentação da continuidade da vida. Por isso, o macho de determinada espécie desfila perante a fêmea que lhe sinalizou uma possibilidade, ele desfila perante o olhar dela, aguardando sua aprovação. Ela faz uma avaliação durante esse ritual, pois pode ser que ele realize pequenas danças ou lute com algum adversário perante o olhar dessa fêmea. Darwin procura basear sua observação, tentando explicar essas situações em termos de escolha por parte da fêmea, dos machos mais preparados, os mais belos e ornamentados, visando a obtenção de filhotes mais saudáveis e fortes. Essas suposições teleológicas, no entanto, começa a ser furadas pelos mais diversos casos de escolhas não muito 'ortodoxas', como por exemplo, uma fêmea que se "apaixona" por um macho de outra espécie e se fixa nele e faz de tudo para estar ao seu lado. Essas explicações teleológicas que ainda abundam entre os evolucionistas, - lembremos que Darwin era um cientista e precisava fundamentar seus procedimentos frente à comunidade científica - são, no entanto, menos importantes do que a consideração 'aberrante' para a época de Darwin de que um animal pode escolher e ser escolhido! Isso parece bastante ousado, ainda mais vindo da pena de Darwin, que adquirira prestígio enorme pela viagem no Beagle e por muitas obras importante além da Origem das espécies. Mas não seria para menos, a formulação de seleção sexual tem como questão não a procriação enquanto tal, mas tão somente as **características sexuais secundárias**. Aqui a interação, as trocas entre os animais, os insetos, e Darwin incluiria as plantas (e o seu revolucionário trabalho sobre a variação entre as plantas), se dão em função do que posteriormente Lacan denominará Imaginário na natureza, utilizando-se da etologia, como em *O estádio do espelho* (1949), texto que marca a influência indireta, através de autores

naturalistas e psicólogos, do darwinismo na obra de Lacan, como veremos mais adiante. A reflexão de Darwin, como atesta Despret, traz no seu bojo uma riqueza inaudita de possibilidades para se pensar uma natureza totalmente despida de qualquer teleologia, principalmente para Despret que aponta para uma leitura de base deleuzeana dos processos naturais como agenciamento (*agencement*).

O mimetismo, descoberto e formulado pelo entomologista Henry Walter Bates, naturalista inglês que viajava pela Amazônia com Wallace, e teve seu trabalho publicado, envia-o para Darwin com uma carta em 18 de março de 1861, quase em seguida ao lançamento de *A origem das espécies*. E, nesta carta, comunicou a Darwin suas descobertas, pois, segundo Bates, o mimetismo comprovava a tese darwiniana da seleção natural. Isto, segundo consta deixou Darwin encantado, pois além de ser mais um fato em favor de sua teoria da seleção natural, colaborava e legitimava mais ainda sua tese da seleção sexual que já nesse momento vinha sendo elaborada e pesquisada. Esse debate encontra seus desdobramentos, por exemplo, em um texto de Roger Caillois (1913-1979), e que Lacan, no Seminário XI, introduzirá como olhar pela análise de um texto de Roger Caillois, *Le mythe et l'homme*. sessenta e sete anos depois. Impressionante conceber uma forma de seleção relacionada a tudo aquilo que tem a ver com os caracteres sexuais secundários, escrevendo, para o choque de Wallace, co-descobridor da seleção natural, que o colorido, o canto dos pássaros, o canto de certos primatas, a linguagem variante de muitos desses seres na natureza, as diferenças entre machos e fêmeas em tamanho, em cores e modos de funcionamento social, tudo isso é regido por um imaginário fundamental. Se borboletas e pavões, entre outros, possuem "olhos" - os conhecidos 'ocelos' que o fascinaram sobremaneira -, assim o é, como coloca Caillois, no jogo de espelhamentos na natureza, configuração escópica do espaço na própria natureza. Assim também estuda Darwin com profundidade, funcionam os mais variados cantos dos pássaros em uma floresta, são sinais de localização do outro, nas diferenças, onde está esse legado do canto e suas modificações evolutivas e 'criativas, variantes. Caillois parece ser uma variante, liberta de entraves cientificistas do séc. XIX, dessa ideia concebida por Darwin e tida por inconsistente e radical em seu tempo.

Em relação à Lacan, essas ideias encontram seu lugar nas concepções por ele utilizadas. O importante é que, na contramão da busca pela sobrevivência na seleção natural, a evolução, em termos de seleção sexual, é determinada por esse olhar que brilha, que toda uma dimensão da vida é regida pelo sexual, não, como disse, para a finalidade reprodutiva, mas tendo uma franca visada estética. O estético entranha-se na natureza, não somente para a apreciação convencional do homem que admira o belo (como divino, perfeito, etc.), mas antes

que é preciso considerar que na natureza algo da ordem de um *apelo* ressoa em cada canto e que excede em muito as tentativas de se enquadrar em uma finalidade. Darwin precisa manter o enquadre teórico da explicação que, aliás, se assemelha ao 'gene egoísta' de Dawkins e, como diz Tort, à "miséria" da sociobiologia, aí sim uma projeção da ciência na natureza que apenas pretende domesticar e saciar as questões que incomodam. Mas o aspecto idiossincrático vai avançando no texto sobre o humano de uma forma que deixa uma sensação de inconsistência e incompletude, mas que por outro lado, aponta para a genialidade do próprio Darwin que, segundo me parece, é pioneiro, em ciência, na consideração do imaginário e sua função de modelagem das relações, digamos, 'amorosas' entre os seres vivos, sejam homens ou o restante dos animais e até os insetos. A teoria darwiniana em *A origem do homem* é toda 'furada', como uma rede, como um enquadre, o que não se coaduna com a formulação da seleção natural encontrará na seleção sexual seu abrigo, que é o lugar das idiossincrasias da natureza -- e, não desprezemos isso, do próprio sujeito Darwin, do que se faz olhar e fura a visão da ciência consagrada como moderna. O caso do pavão é um exemplo clássico dos impasses onde essa questão é claramente colocada. Em carta de 3 de abril de 1860 a Asa Gray, Darwin comenta: "The sight of a feather in a peacock's tail, whenever I gaze at it, makes me sick!" [Darwin, F., (Ed), Letter to Asa Gray, dated 3 April 1860, The Life and Letters of Charles Darwin, D. Appleton and Company, New York and London, Vol. 2, p. 90–91, 1911]. O problema de que Darwin tenta dar conta é uma situação algo complicada para o aspecto teórico-explicativo: ao abrir sua cauda para seduzir a fêmea, o pavão também se expõe aos seus predadores. Assim, a seleção sexual parece pouco se importar com a sobrevivência e, graças ao olhar da pavo, acumularia traços cada vez mais significativos em imponência e tamanho, beleza e elegância. O sexo parece desafiar a preservação da vida - que se dane a morte, aqui impõe-se um excesso, uma 'distorção'. Conhecido também é o caso de determinada espécie de alce, cuja galharia cresceu de tal forma, de maneira tão exagerada, que ainda hoje é uma questão polêmica. A pressuposição é de tratar-se de um traço de sedução, exposição, como atrativo para as fêmeas da espécie. Mas pensou-se também num crescimento exagerado que visasse armamento sempre superior ao rival na luta pela fêmea, que na maior parte das vezes não é uma luta de fato, mas uma exposição de poder e intimidação (mas quando acontecem são de fato mortais). O alce, no entanto, mal consegue correr sem esbarrar na vegetação e nas árvores, além do peso que dificulta a fuga caso um predador venha a lhe atacar. Por outro lado, as propostas explicativas e o aporte simbólico que sustenta esse método projetivo encontra sempre um momento de

desarrumação, o momento da beleza que coloca a morte como soberana como ele mesmo mostrou na sua teoria evolucionista.

Em *A origem do homem*, Darwin desenvolve uma longa descrição desconstrutiva, com ilustração de diversas asas de pássaros ou borboletas (entre outros) diferentes, da mesma espécie, e de espécies diferente, dos ocelos e suas modificações, sua formação de mancha até a definição onde o ocelo aparece na sua formação acabada para determinada espécie. A variação é imensa, infinita, e Darwin 'se perde' nesses detalhes, acompanhando a montagem, fazendo ao mesmo tempo uma espécie de dissecação estética passo a passo. Grande parte das exposições e ilustrações do livro apresenta a ausência de uma explicação das formas - determinada forma dos chifres das espécies apresentam diferenças sutis, formas que não se explicam, cores e combinações que também o fascinam mas que encontram, em sua pesquisa, apenas explicações generalistas como 'cores para seduzir a fêmea, chifres para fazer isto e aquilo, pássaros que dançam e emitem cantos maravilhosos e raros para chamar a fêmea, etc. A impressão que passa e que lhe fazem faltar palavras uma vez que uma exigência de explicação faz parte do destino da teoria, como é de praxe. O que gostaria de mostrar é que *A origem do homem* é uma coleção de fatos, como sua coleção antiga de besouros, de quando era adolescente. É puro brilho, pura articulação estética dentro da natureza - imagens, sons, casos destoantes que têm por objetivo mostrar o surgimento desse mesmo mecanismo, como fenômeno que se dá através desses fatos eróticos da natureza. Assim, ele, no pensamento da seleção sexual, estabelece através da observação, o fato de que, na corte, o macho se exhibe para a fêmea, seja se expondo (cores ou formas, etc). E cabe a ela aprovar e escolher o parceiro. Em *A origem do homem*, Darwin, como sempre, não afirma nada de categórico, mas apenas convida o leitor para refletir. Se, em sua obra, observa-se às vezes a presença de certas afirmações de valor teleológico, - trata-se da teleologia embutida advinda dos métodos tradicionais -, por outro lado, ele coloca questões embaraçosas para serem pensadas. Vejamos a questão que se coloca através da fêmea na função da corte e o estatuto da escolha: segundo certa afirmação teleológica evolucionista, a fêmea escolhe o macho mais forte ou mais belo e saudável, apropriado para adquirir filhotes saudáveis e fortes e garantir a passagem de genes saudáveis para as gerações vindouras. Por outro lado, os acasalamentos híbridos, por exemplo, entre animais de diferente espécie, as escolhas intempestivas, entre outros fenômenos, deixam uma lacuna como resposta. Recorto apenas um exemplo decorrente da observação de pássaros:

Hewitt relatou que uma pata silvestre, criada em cativeiro, "depois de conviver por duas estações com um macho de sua espécie, abandonou-o definitivamente quando introduziram no banhado um pato-boreal malhado. Um caso típico de amor à primeira vista, pois ela nadou em direção ao recém-chegado, demonstrando um interesse apaixonado por ele, que, por sua vez, parecia evidentemente alarmado e pouco propenso a retribuir aquelas expansões de afeto. Quanto ao velho parceiro, este foi esquecido na hora! Passado o inverno e chegando a primavera, o pato-boreal pareceu ter mudado de ideia com relação aos seus sentimentos, pois os dois montaram ninho e produziram seis ou sete filhotes (DARWIN, 1871/2001 p. 360).

Então, prossegue Darwin:

que explicação poderia ser dada a esses diversos casos, além da mera novidade, não podemos sequer conjecturar. Todavia, sabe-se que a cor - ao menos aparentemente - nada tem a ver com isso, porquanto, a fim de produzir pintagóis (híbridos de canária e pintassilgo - *Fringilla spinus*), o melhor expediente, segundo Bechstein, é por na mesma gaiola exemplares mistos da mesma cor. Jenner Weir introduziu uma canária em seu viveiro, onde havia machos de outras espécies: pintarroxos, pintassilgos, tentilhões, verdelhões, piscos, etc., a fim de ver qual deles ela iria escolher. A canária, que tinha coloração verde, não teve dúvida em dirigir-se para o lado do verdelhão, acasalando-se os dois e produzindo descendência híbrida (DARWIN, 1871/2001 p. 360).

Em Darwin, a variação é tão ampla na mesma medida em que é surpreendente. Em se tratando de ideias e teoria, quase nenhuma afirmação pode desfrutar de valor universal selado e confirmado, - a pluralidade decorrente de especificidades que se proliferam, de casos que abrem constantemente exceções às afirmações exemplares e conclusivas, fazem do campo darwiniano uma verdadeira produção barroca e quantitativamente bem servida de singularidades desconcertantes.

Toda uma filosofia da ciência e afeita à crítica da etologia de base lorenziana (de fundo cartesiano), como mostram os trabalhos de Vinciane Despret e, como disse, de Patrick Tort, por exemplo, valorizam e retomam a reflexão darwiniana de uma erótica na natureza e, conseqüentemente, de uma erótica humana. Sim, um método científico ousado, um antropomorfismo às avessas e uma erótica designada como seleção sexual. É a sensação que se tem na leitura e que Darwin constrói, poder-se-ia dizer, uma espécie de 'fábula' científica ao modo das antigas histórias infantis sobre animais que falavam em algum tempo perdido, realização ficcional originalmente de tipo antropomórfica. Esse forçamento, mas no âmbito da ciência, tem um ambição em vista: o esvaziamento do homem, pois aí, para Darwin, sempre está o real demarcando a impossibilidade do ser inteiro.

Alguns anos atrás, ao final da última mesa de um simpósio sobre psicanálise e arte na UERJ, Hélène Brusse finalizava sua excelente exposição e o microfone foi aberto ao público para perguntas. Uma das últimas perguntas foi feita pelo biólogo Tebar Benac, professor da

instituição, a respeito da estética no mundo animal. Lembrava ele a corte amorosa dos pássaros e as variações desses rituais entre os animais em geral, no que Darwin denominou seleção sexual. Lembrou do caráter maravilhante e decorativo que o macho de uma espécie de ave prepara o ‘ninho’ enquanto espera a sua fêmea. A mesa ouviu a pergunta, mas naquele momento e na pressa, não pode responder e/ou elaborar nada a esse respeito.

Fiquei intrigado com a pergunta e achei que ela tinha pertinência, desde que fundamentada num viés específico como o que procuro apresentar aqui. Benac, como biólogo de formação evolucionista, lançava uma pergunta que, na verdade, não pareceu despertar grande interesse nos membros da mesa, mas antes um certo constrangimento.

Perguntando-se sobre a apreciação do belo em aves, em *A origem do homem*, Darwin quer mostrar que essa faculdade é desfrutada também pelos animais, e que o homem compartilha isso, mas a partir de um processo diferenciado evolutivamente. Ele apresenta casos aos quais a pergunta do Prof. Benac faz menção:

A melhor evidência de apreciação do belo é fornecida pelos três gêneros australianos de pássaro-cabana (...). Suas cabanas, onde os indivíduos de ambos os sexos se encontram e trocam mesuras estranhíssimas, são construídas diferentemente, mas o que mais nos interessa é que são decoradas de diversas maneiras, num estilo que revela a espécie construtora. O pássaro-cetim recolhe artigos de colorido vistoso, tais como as penas azuis da cauda dos periquitos australianos, ossos e conchas descoloridos, que ele enfia entre os ramos ou dispõe junto à entrada. Gould descobriu numa cabana uma machadinha de pedra de fino acabamento e uma fronha de algodão azul, evidentemente tirados de algum acampamento nativo. Esses objetos são continuamente rearranjados e carreados pelas aves enquanto empenhadas na corte amorosa. O abrigo construído pelo pássaro-cabana mosqueado é "caprichosamente orlado com talos compridos de ervas, dispostas de modo tal que as pontas quase se encontram, e a decoração é muito profusa". Pedras redondas são usadas para manter os talos das ervas em seus lugares, bem como para delimitar as trilhas divergentes que levam à cabana. Pedras e conchas são trazidas às vezes de longe. O pássaro-regente, conforme a descrição de Ramsay, enfeita seu pequeno abrigo com conchas terrestres decoradas, pertencentes a cinco ou seis espécies, e com "frutos silvestres de várias cores: azuis, vermelhos, pretos. Quando estão frescos, esses frutos produzem um belíssimo efeito decorativo. Ao lado deles havia diversas folhas recém-collidas e brotos tenros e de cor rosada, todo o conjunto, revelando um indubitável gosto pelo belo". Bem pode Gould dizer que "esses salões de reunião altamente decorados devem ser considerados como os mais maravilhosos exemplos de arquitetura ornitológica já descoberto até hoje" (DARWIN, 1871/2004 p.358-9).

Vemos toda a riqueza que a seleção sexual traz, ela é a escolha do parceiro sexual, assim como a escolha de objetos coloridos e brilhantes que decoram a sua cabana. Darwin diz que de forma geral é a fêmea que escolhe o macho, e sabe-se que os machos precisam impressionar as fêmeas e, se preciso for, disputar com outro(s) macho(s) para ganhar as preferências dela. Mas isto vai ganhando contornos inesperados. Ele aponta, por exemplo,

comparativamente, para o que se assemelha no canto dos pássaros com o canto no homem, para enfim concluir que a fala articulada humana deve originar-se da emissão vocal de certos primatas no momento da corte à fêmea. As aves não nascem cantando, elas aprendem com os seus pais. Mas se elas estiverem em outro lugar com pássaros diferentes, ela aprenderá o canto dessa outra espécie e o reproduzirá e passará para as novas gerações. É do amor, diz ele para o caso dos humanos, que surge esse canto que, como os de certos símios, alcança até tres oitavas de extensão. Esse hábito propiciou um modelamento do corpo, mais exatamente, das cordas vocais e de todo aparelho vocal. O fato de o homem possuir uma linguagem articulada e que Eros, ou melhor, a seleção sexual, passe por ali na realização de um apelo, sempre sexual, ao outro. Há algo aí que extrapola, pois um aparelho vocal desenvolvido não significa necessariamente o surgimento da fala articulada. Tudo se amplia muito, pois os casos particulares são sempre elementos complicadores, ou seja, a variabilidade introduz sempre um ponto em que se perde a causalidade das modificações:

(..) depois de colher muitas informações, descobri ser consensual entre aqueles que cuidaram de animais diversos -- inclusive pássaros -- durante um longo tempo, que os indivíduos da mesma espécie diferem notavelmente no tocante a toda e qualquer característica mental.

É muito interessante, a partir da leitura da escrita de Darwin, a característica ensaística do texto: são indagações, hipóteses sendo colocadas na perspectiva histórica, que em grande parte oferece respostas não fechadas. As indagações são colocadas sempre a partir do corpo biológico, mas sempre sob uma perspectiva da extrapolação -- extrapolação do *organismo* ao *corpo*, que se traduz, por outro lado, como insistência da ciências naturais na direção de algo que, enquanto sustentado em seu rigor (rigor de verdade é questionamento), abre caminho e deságua na configuração de um furo, de uma verdade não-toda.

Um autor que Lacan utiliza com muita frequência é Jakob von Uexküll. Este autor tem sua importância para as diferenciações que Lacan precisa fazer nas suas interlocuções com a etologia.

O mundo do animal é um mundo onde ele vai buscar o seu alimento, onde há a relação com suas presas, onde combate seus inimigos e seduz seus parceiros sexuais. Ele tem um meio ambiente preciso que é o seu. Pode-se acrescentar que é um mundo caracterizado por sua adequação ao corpo vivo. Na verdade, a demonstração que Von Uexküll repete, a respeito de vários tipos de animais, é a de que o corpo vivo animal se encaixa perfeitamente no seu *Umwelt*, no seu mundo ambiente: existe uma correspondência total entre *Innenwelt* e *Umwelt*, eles se correspondem como avesso e direito. Lacan diz que eles correspondem traço

por traço. Aliás, ele diz que várias vezes porque essa é uma referência de sua reflexão analítica (J.A.MILLER, Elementos de biologia laciana)

Um tema tão fundamental como o instinto, por exemplo. Em Darwin, esse tema passa a ser uma questão, na contramão da concepção naturalizada que a máquina cartesiana já dispunha, ou seja, uma questão que adquire uma dimensão histórica e, sobretudo, constitucional.

A maioria dos instintos mais complexos teria sido adquirida de maneira completamente diferente, ou seja, a partir da seleção natural, decorrendo da preservação das variações de ações instintivas mais simples. Tais variações parecem decorrer das mesmas causas desconhecidas que agem sobre a organização cerebral, induzindo ligeiras variações ou diferenças individuais em outras partes do corpo. Devido a nossa ignorância, são muitas vezes consideradas como se tendo surgido espontaneamente (DARWIN, 1871/2004, p. 32).

E ainda, sobre o cérebro, -- note-se que persistem as tais "causas desconhecidas" -, ele comentará:

Pouco se sabe sobre as funções do cérebro, mas é possível perceber que, com o desenvolvimento das faculdades intelectuais, as diversas partes do cérebro devem intercomunicar-se por meio de canais intrincadíssimos, e, conseqüentemente, cada parte separada talvez apresente a tendência de se tornar menos apta a responder de maneira definida e uniforme, ou seja, de modo instintivo, a sensações ou associações (DARWIN, 1871/2004, p. 32, *grifos nossos*).

A ideia de instinto ainda é muito associada à forma fixista e naturalizada, como se tornou historicamente, e ainda nos dias de hoje é dessa forma concebida. Na perspectiva desconstrutivista de Darwin, isto é esmiuçado na sua relação com distintos aspectos e colocado em discussão, o seu caminho é mostrar a dinâmica constitutiva no homem e nos demais animais. No caso do homem, vale ressaltar, implica em um decréscimo da aptidão "a responder de maneira definida e uniforme, ou seja, de modo instintivo, a sensações ou associações", assim como apontando que esse decréscimo da ação do instinto corresponde a uma indicação de quão fundamental é admitir a **imperfeição** também no que se refere ao instinto na constituição dos seres vivos e, principalmente no homem.

Na edição de um de seus cadernos de notas, Darwin escreve sobre uma palestra que havia assistido do Reverendo Algermon Wells sobre os instintos nos animais. Os editores da obra completa, Darwinprojekt.com escrevem:

As imperfeições do instinto. Darwin vinha fazendo anotações para constituir um argumento contra um expoente da visão de que a perfeição absoluta de instintos animais fornece evidência para a existência de Deus através do argumento do *design*

[*contra a Teologia Natural*]. Darwin também acreditava que os animais eram belamente adaptados ao seu ambiente e que o comportamento instintivo é uma das formas que a adaptação se manifesta. Mas sua visão era de um mundo em mudança, e, uma vez admitida a mudança, o ajuste do organismo para o mundo não pode permanecer absolutamente perfeito. (DARWIN, 1838/2001).

Para Darwin, em *A origem do homem*, um instinto é a cristalização de um hábito, de algo que se repete como hábito, ou podemos dizê-lo que o instinto é uma escrita resultante de um hábito e que se inscreve como hereditariedade, como saber no corpo. O instinto, portanto, é uma cristalização, mas também evolui, ou seja, também se constitui na variação e pela seleção natural. No sentido totalmente oposto ao de von Uexküll, podemos ver que, como pensou Canguilhem, o meio é algo que não se articula ponto-a ponto, traço a traço, *Umwelt-Innenwelt*. Pelo contrário, o ser é relançado o tempo todo em um meio desigual, torto, que exige regulação e normatividade constantes, um meio que nem sempre lhe é favorável e que atesta um estado de tensão que lhe é próprio. Por isso a impossibilidade lógica de conceber um saber que é, perfeito enquanto tal, caído dos céus. Darwin dá um exemplo disso entre aves oceânicas que não temiam a presença do homem e, por causa disso, eram executadas em grande quantidade pelos exploradores que desembarcavam nas ilhas onde essas aves habitavam. Devido ao hábito, elas acabaram por aprender a fugir dos homens e, com o tempo, esse comportamento de fuga foi assimilado e reproduzido (DARWIN, 2004/1871 p.). Uma modificação que mostra, como aponta Darwin, a dinâmica e as implicações que podem haver no que se convencionou chamar instinto. Até mesmo as ações reflexas (arco reflexo), dirá Darwin, "se aproximam e dificilmente podem ser diferenciadas de ações que se estabeleceram através do hábito" (DARWIN, 1872/2009 p.38). E um hábito é algo que não é tão simples assim quando inscrito na ordem do organismo.

A famosa e tradicional referência disso é a experiência com a rã decapitada, como mostra Darwin. A rã, "que não pode evidentemente sentir, nem conscientemente desempenhar, nenhum movimento", e que evidencia em laboratório o funcionamento do arco-reflexo, do sistema nervoso periférico sem a participação do sistema nervoso central.

No entanto, se pingarmos ácido sobre a parte inferior da coxa desta rã, ela a esfregará com a superfície superior da pata dessa mesma perna. Se cortarmos essa pata, depois de algumas tentativas inúteis de se limpar, ela desiste e, agitada, segundo Pflüger, como se buscasse outra solução, finalmente usa a pata da outra perna, até conseguir esfregar o ácido. É notável, pois aqui não temos apenas a contração de músculos, mas sim contrações combinadas, harmônicas e sequenciais com uma finalidade específica. Essas são ações que, aparentemente guiadas pela inteligência e determinadas pela vontade, ocorrem em um animal cujo órgão tido como responsável por ambas foi retirado (DARWIN, 1872/2009 p.38).

Para Darwin, todas essas respostas fazem parte de um repertório constituído de ações que um dia não foram reflexas, mas intencionais, ou melhor, que visavam a defesa e a adaptação na construção de um repertório cada vez mais distinto para cada espécie. Sua escrita se dá na forma quase de uma gravação dos sulcos de um disco de música, cuja reprodução se dá como uma repetição literalmente do mesmo, mas não imutável para o todo sempre.

Assim, por trás do instinto há uma história nem sempre conhecida ou ordenadamente justificável, embora constituam um saber conservador de sobrevivência (ao seu modo) em relação à vida enquanto referência em escrita. Portanto, do ponto de vista da formulação de Darwin, essa flexibilização conceitual a respeito do instinto, ao abordar uma questão que, por conta disso mesmo, é complexa, nos faz pensar em cima de que concepção de instinto Freud pode trabalhar e construir a ideia de pulsão, em especial, a ideia inaugurada em *Além do princípio do prazer*, de pulsão de vida e pulsão de morte. Não podemos aqui escapar de que uma tal concepção de instinto em Darwin deve levar em conta uma escrita e o contorno de um buraco.

Essa escrita referencial, portanto, de um modo de estar no mundo, no seu 'mundo-próprio', escrita normatizadora do corpo até certo ponto, dependendo das variantes circunstanciais do corpo e do meio, pois, como mostra ele, principalmente, em *A expressão do sentimentos nos homens e nos animais* (1972), essas marcas são inscritas pelo hábito na genética, mas elas sempre estão, de algum modo, em disparidade maior ou menor com o meio. Longe de se ter uma conjunção 'ideal' entre *Umwelt* e *Innenwelt*, temos um desvão em uma situação de escrita, como procurei localizar na árvore da vida. Como mostra Darwin em *A expressão das emoções no homem e nos animais*, instinto é uma noção que, além de ser concebida em sua dinâmica, é furada. Faço aqui alguns recortes desse texto, tomando por agora os três princípios gerais da expressão por ele formulados, princípios "responsáveis pela maioria das expressões involuntários usado pelo homem e os animais inferiores, sob a influência das mais variadas emoções e sensações" (DARWIN, 1872/2009).

1. O primeiro princípio, chamado "princípio dos hábitos associados úteis", que diz que movimentos que auxiliam a "satisfazer algum desejo, ou aliviar alguma sensação, se repetidos com frequência, tornam-se tão habituais que são realizados, tendo ou não utilidade, sempre que um mesmo desejo ou sensação são experimentados". Aqui, como entendemos, mostra o instinto, como escrita e herança de um hábito, de um saber, que pode ter dois destinos, duas situações que respondem a uma constatação dinâmica.

a. Darwin diz que os traços instintivos, que tiveram sua finalidade fixada, são associativamente realocados, ou transcritos, para outras finalidades em outra e nova disposição da economia da natureza. Aqui ele fala de associação. Cito um exemplo:

O merganso (*Tadorna*) alimenta-se nas areias descobertas pela maré, e quando descobre um verme, "ele põe-se a pisotear na areia como se dançasse sobre um buraco". E isso faz com que o verme saia. Ora, diz o Sr. Saint John, quando os mergansos domesticados "vinham pedir comida, eles pisoteavam o chão de maneira impaciente e frenética". Essa pode, portanto, ser praticamente considerada a sua maneira de exprimir fome (DARWIN, 1972/2009 p.48-49).

b. No segundo destino, por algum motivo, os traços em questão não são realocados, associados à interpelação de novas disposições. Eles permanecem, mas, curiosamente, os comportamentos correspondentes a esses traços antigos continuam a se repetir no vazio. Ou seja, eles se expressam em conformidade ao instinto enquanto tal, ou seja, ao hábito, e não transcrevem ou reescrevem a relação ao que se coloca ali como necessidade ou como estímulo atual. Vejamos um exemplo simples:

Cães e chacais têm grande prazer em rolar e esfregar as costas e o pescoço na carniça. O odor lhes parece delicioso, embora os cães propriamente não comam carniça. O Sr. Barlett observou lobos para mim e deu-lhes carniça, mas nunca os viu rolar sobre ela. Já ouvi antes, e acredito ser verdade, que os cães maiores, que provavelmente descende dos lobos, não rolam tanto na carniça quanto os pequenos, que possivelmente descendem dos chacais. Quando um biscoito marrom é oferecido à minha *terrier* e ela não está com fome (e já ouvi outros exemplos iguais), ela primeiro joga de um lado para o outro e o mordisca, como se fosse um rato ou outra presa; depois rola sobre ele, exatamente como se fosse uma criança, e finalmente o come. É como se tentasse imaginar algum sabor especial para um insosso biscoito. E para consegui-lo, o cachorro age na sua maneira habitual, como se o biscoito fosse um animal vivo ou cheirasse a carniça, ainda que ele saiba melhor do que nós que isso não é verdade. Eu já vi essa mesma *terrier* fazer igual depois de matar um passarinho ou um camundongo. (DARWIN, 1872/2009 p. 45).

É uma situação que mostra de forma simples a não-idealidade do *instinto*, e a sua necessária estrutura contingencial. De fato, um animal é um ser desajeitado fora do rígido e restrito repertório instintual, do mesmo modo como um homem quando inseguro e despreparado para uma determinada ação ou tarefa, guardando-se as diferenças, obviamente. Em jogo estão também outras forças, outros indicadores diferenciadores como aprendizagem, inteligência, temperamento, reflexo, mas Darwin sempre lembra que todo indivíduo, sendo único, possui também temperamento único. Por isso, evoluir, em Darwin, é jogar com uma série de traços em combinatória e divergência, sejam eles orgânicos ou psicológicos. Isso corrobora para que pensemos que o animal tem um saber escrito pelo hábito, mas também

tem, até certo ponto (o que varia de espécie para espécie, de indivíduo para indivíduo), a tarefa de fazer algo com esse saber escrito no corpo, uma vez que Darwin dá a ver aí um desvão, um ponto onde abre-se um vazio, um impasse para esse saber, que podemos nomear como um desencontro entre o indivíduo animal com seu saber-no-corpo e o meio com seus objetos adaptados. Aí, entre esses dois polos há sempre um perigo, a modificação ou a extinção. Esse desvão, evolutivamente falando, poderíamos considerá-lo talvez como vestígio de que as coisas nunca andaram assim tão bem como se pensava. Interessante mostrar onde se coloca o limite do animal em relação à escrita do hábito e o desvão, a distância que, no caso do homem, digamos *a grosso modo*, é suprida por uma "simbolização", que se instaura como ordem significante. Quando abordarmos especificamente "a origem da linguagem" em Darwin, veremos o lugar original e já pré-freudiano que a montagem evolutiva de Darwin, seja para animais quanto para o homem, ocorre em vários níveis simultaneamente, o traço orgânico e o traço expressivo das emoções, atrelados à dimensão da linguagem.

2) O segundo princípio, o princípio da antítese, Darwin faz observações muito interessantes a respeito das oposições em relação à expressão tanto nos animais como nos homens. Trata-se, como veremos, do eixo imaginário no jogo de oposições, tanto na expressão de disputas e superioridade ou do ritual da corte dos animais, quanto na articulação básica de oposições significantes. Cito, inicialmente, a seguinte passagem:

(...) parece haver algum grau de conhecimento instintivo em filhotes de gatos e cachorros que não devem abusar de seus pequenos e afiados dentes e unhas nas brincadeiras, ainda que isso às vezes ocorra (...). Quando o meu *terrier* morde minha mão rosnando de brincadeira, se aperta mais forte e eu lhe digo devagar, devagar, ele continua mordendo, mas me responde abanando a cauda, o que parece dizer "não se preocupe, é só de brincadeira". Embora os cachorros assim se exprimam, e possam desejar manifestar, para outros cachorros e para o homem, que estão num espírito amistoso, é impossível acreditar que eles tenham jamais pensado em abaixar as orelhas, em vez de empiná-las, ou abanar a cauda para baixo, em vez de erguê-la rígida, etc., tudo isso porque sabiam que esses movimentos eram contrários àqueles praticados num estado de espírito oposto e feroz (DARWIN, 2001/ 1872 p. 62).

Darwin procura, então, formular algo a respeito do surgimento da antítese na expressão, e ele o localiza na base mesma da "intercomunicação" imaginária entre indivíduos através dos opostos, que ele entende como constitutiva da linguagem. Seria um ponto que mostraria, como ele procura defender, a prova de que esse jogo de oposições na expressão são elementos que a evolução do homem pode dispor enquanto traços, traços que estão longe de ser exclusivos a ele. Embora o homem tenha 'se servido' desse princípio e o compartilhe com

grande parte dos seres vivos, "sua origem e fonte natural tornam-se duvidosas ou estão completamente perdidas, como é o caso da linguagem articulada".

Para os animais sociais, o poder de intercomunicação entre os membros de uma mesma comunidade - e com outras espécies, ou entre os sexos, assim como entre jovens e velhos - é da maior importância. Isso geralmente se faz através da voz, mas é certo que também gestos e expressões são mutuamente inteligíveis. O homem não só se utiliza de sons inarticulados, gestos e expressões, como também inventou uma linguagem articulada; se é que realmente podemos usar a palavra *inventar* para um processo de tantas etapas semiconscientes superadas. Qualquer um que tenha observado macacos não duvidará que eles compreendem perfeitamente os gestos e expressões uns dos outros, e até certo ponto, como diz Rengger, também os do homem. Um animal, quando vai atacar ou está com medo de um outro frequentemente faz-se temível, arrepiando seu pelo, o que aumenta seu tamanho aparente, mostrando os dentes, ou brandindo os chifres e soltando ruídos furiosos (DARWIN, 2001/1872 p. 60).

Essa característica do princípio de antítese na comunicação e da linguagem "parece ter sido integrado aos sinais convencionais", como ele exemplifica, entre os "selvagens" e na linguagem dos surdos-mudos. "O Dr. Scott, do Instituto para Surdos-Mudos de Exeter, escreveu-me "que os opostos são bastante usados para ensinar os surdos-mudos, que têm um agudo sentido deles".

Além do mais, muitos sinais que são claramente contrários parecem ter, de ambos os lados, uma origem significativa. Isso parece aplicar-se aos sinais dos surdos-mudos para luz e escuro, força e fraqueza, etc.(DARWIN, 2001/1872 p. 63).

3) Com o terceiro princípio, chegamos a um dos pontos onde as intuições de Darwin mais se aproximam de Freud como influência explícita e não somente discursiva, ele o intitula *O princípio da ação direta, no corpo, do sistema nervoso sob estímulo, independente da vontade e, em parte, do hábito*. Aqui ele alerta: "Este tema é bastante obscuro, mas pela sua importância merece ser abordado com algum vagar; e é sempre recomendável perceber sempre nossa ignorância" (DARWIN, 2001/1872 p. 64).

Aqui está situado um dos pontos de reviramento, característico do procedimento fundante da antropologia darwiniana: o fio condutor de Darwin é sempre da ordem de um traço, seja fisiológico e/ou anatômico, que, a partir de um processo de extrapolação, torna-se traço descritivo da expressão e da conformação da forma no corpo. Aqui como em *A origem do homem*, que é escrito praticamente na mesma época que *A expressão*, ele faz um trabalho comparativo entre o homem (*homo sapiens*) e o restante dos animais em diversos níveis da observação e do exame científico (embriologia, patologia, anatomia, fisiologia, cultura, etc.), ao final, em que a descrição rigorosa encontra a questão do comportamento no sexual e do

social e, aí sim, o da idiossincrasia do gosto e da irregularidade que as diferenças trazem na ordem específica do humano.

Como se vê, Darwin, não apenas é o 'padrinho' de Freud, digo, como caução científica na biologia do saber freudiano (Assoun), - pois, afinal, seu nome o antecede na série de golpes no narcisismo na humanidade -, Darwin possibilita, através de suas indicações e intuições, a Freud se servir dele como uma espécie de guia de **'por onde a ciência moderna poderá, - pela operação freudiana -, apresentar o modo pelo qual o corpo, outrora fixo, essencialist, enfim, imaginário em sua substancialidade medieva, poderá ser furado'**. Esse furo será apenas apresentado em dois pontos essenciais. Primeiro: a dimensão imaginária - pioneira em Darwin - que põe em pareamento humanos e animais ao preconizar um continuum, ainda que peculiar, constitutivo do sujeito. O imaginário enquanto ponto de apoio para se pensar a construção ou constituição do humano enquanto tal. Isto já bastaria para demonstrar o que de essencial está na contramão do sujeito metafísico da ciência moderna, o sujeito da ciência, o sujeito cartesiano. O segundo: diz respeito à variabilidade, ou seja, a diferenciação da diferença, a divergência, de onde, graças a impasses e *gaps*, o real que se depreende a partir das questões referentes ao não-encaixe (do torto) e da seleção natural e da sexual estão aí em sua obra. Freud foi um admirador confesso e leitor atento de Darwin. Segundo Ritvo, que teve acesso ao exemplar de *A origem do homem* de Darwin na casa de Maresfield Garden (os demais livros do autor já tinham sido embarcados com outras coisas para Washington D.C.), o livro tem suas páginas repletas de anotações em todos seus recantos. Ora, após a operação de esvaziamento e desconstrução de Darwin, é Freud quem faz advir o sujeito nesse vazio, que acolhe esse corpo e seu sintoma, que começa por situá-lo no início de sua clínica e que porta um dizer do sintoma.

Esse corpo é o da histérica, e quem apresenta a histérica a Freud é Jean-Martin Charcot no Hospital da Salpêtrière no ano de 1885, para onde Freud foi fazer um estágio de cinco meses. A histérica é, primeiramente, além de tudo, esse espetáculo, essa cena que as *leçons du mardi* do mestre Charcot apresentava para uma platéia encantada de discípulos em seu *cabinet*. É o espetáculo do corpo - as fotos de Paul Richeur não deixam mentir - e, sobretudo, espetáculo do excesso, quando o corpo chama para si provocativo. Essa é a cena e a metáfora é a do teatro, o palco, quando, nesse mesmo período, Freud tivera a oportunidade de assistir a arte de Sarah Bernhardt em Paris. Essa cena da histérica é a primeira, anterior à "outra cena", expressão que Freud emprega de um de seus mestres da Universidade de Viena, Fechner. A "outra cena" só pode ser decantada dessa cena primeira através de uma questão que começa a ser formulada pela especificidade do que acontece no corpo - na questão a

respeito do somático e do fantasmático. Freud, como ele mesmo comenta, está na França para poder aprender com a Escola francesa da neurologia, já que o aspecto teórico excessivo e pouco clínico da Escola alemã parecia não lhe dar retorno satisfatório, renovador. Charcot é, portanto, um mestre clínico, ousado, diferente do entediante fardo livresco dos alemães. Ele se utiliza de técnicas hipnóticas, antes reservadas à periferia do discurso científico austero, aos aventureiros mesmeristas e aos circos de curiosidades, e, ele mesmo algo circense, conduzia suas *leçons* com apresentações de imagens fotográficas, gravuras e quadros, e pacientes com o uso da hipnose. Por uma peculiaridade de formação, o mestre Charcot teve que abandonar uma possível carreira de artista, - pois, entre outros talentos, era um grande desenhista -, para escolher a medicina. Assim suas *leçons* tinham essa característica especial de subsumir o artístico no científico, fundando uma concepção de medicina fundamentada no "estudo visual", sempre se utilizando do crayon, do quadro negro, de projeções e de fotos. No centro desses espetáculos estavam as cenas da hipnose: Charcot produzia sintomas em suas pacientes e depois os desfazia. Mas esse espetáculo ficava, para Freud, na cena teatral, aquela que se dava a ver e uma outra, a "outra cena", a inconsciente. Charcot, ele mesmo, tinha absoluta certeza de que a etiologia da histeria encontrava-se em alguma lesão no cérebro. Ou seja: o procedimento do mestre, embora fascinante para Freud, se contentava com uma explicação orgânica vaga. Havia uma incongruência aí, mas havia também uma dimensão clínica espantosa e estimulante, e bastante forte, no que tange à transmissão, causadora de desejo. Freud escreve:

Não era Charcot um homem dado a reflexões excessivas, um pensador: tinha antes a natureza de um artista - era, como ele mesmo dizia, um 'visuel', um homem que vê. Eis o que nos falou sobre seu método de trabalho. Costumava olhar repetidamente as coisas que não compreendia, para aprofundar uma impressão delas dia a dia, até que subitamente a compreensão raiava nele. Em sua visão mental, o aparente caos apresentado pela repetição contínua dos mesmos sintomas cedia então lugar à ordem: os novos quadros nosológicos emergiam, caracterizados pela combinação constante de certos grupos de sintomas (FREUD, 1893/1986, p. 21)

Podia-se ouvi-lo dizer que a maior satisfação humana era ver alguma coisa nova - isto é, reconhecê-la como nova; e insistia repetidamente na dificuldade e na importância dessa "visão". Costumava indagar por que, na medicina, as pessoas enxergavam apenas o que tinham aprendido a ver (FREUD, 1893/1986, p. 22)

Pontalis enfatiza o estatuto imaginário desse 'visuel' em Charcot, com sua porção artística, suas fotos e desenhos, da cena como *Schauplatz* das histéricas (e as muitas fases do ataque histérico) com suas contorções, paralisações.. "uma plástica do erotismo. (...) êxtase, crucificação, súplica amorosa, ameaça, apelo (...)" que versam sobre "a percepção do espaço

corporal da histérica (*l'espace du corps de l'hystérique*): a superfície - a pele - os gestos que convocam, que capturam o outro para dentro do campo do olhar" (PONTALIS, 1976 p. 11).

Em certa ocasião, éramos um pequeno grupo de estudantes estrangeiros que, educado na tradição da fisiologia acadêmica alemã, esgotávamos sua paciência com nossas dúvidas quanto às suas inovações clínicas. 'mas isso não pode ser verdade', objetou um de nós, 'pois contradiz a teoria de Young-Helmholz'. Ele não retrucou com um 'tanto pior para a teoria; primeiro os fatos clínicos', ou qualquer outra expressão no mesmo sentido; disse-nos, entretanto, uma coisa que nos causou enorme impressão: *'La théorie, c'est bon, mais ça n'empêche pas d'exister'*.

Voltando a Darwin, o interesse de Freud voltado ao rico material proveniente de Darwin, a variabilidade e sua aventura, que não se acomodaria jamais numa explicação localizacionista neuronal (caso Darwin fosse neurologista) que, antes de tudo apresenta à Freud um modo de observação através de um método histórico e intuitivo, inclusive do corpo naquilo que chamo de extrapolação. Para Freud, a extrapolação, do organismo para o corpo, encontra aqui seu primeiro momento, sua primeira chama. Em outras palavras: é o espetáculo do corpo da histérica que captura Freud, esse corpo tomado por excessos que 'exige' da ciência novas considerações. Sem isso, sem o excesso, e sem o desvão que o inconsciente denuncia que toma o corpo de assalto e que captura o olhar de Freud, a linguagem e a palavra não teriam adquirido um novo estatuto, o estatuto inconsciente - o estatuto propriamente significante.

Freud sempre deu ao corpo um lugar de extrema importância, e jamais evitou o corpo. A clínica freudiana inaugural da psicanálise, a das histéricas, era uma clínica eminentemente do corpo. O sintoma histérico é a prova mais cabal de que, em psicanálise, o corpo importa de saída (ELIA, 2005 p.1)

A concepção de corpo com que Darwin estava lidando em seus escritos, e que em muito influenciaram Darwin, são, esquematicamente falando, basicamente duas:

1. O corpo enquanto modificado pela seleção natural. Não dizemos apenas 'organismo', pois, para Darwin, esse organismo está sempre mergulhado num campo imaginário, e esse campo imaginário **efetivamente modifica esse organismo** - coisa atestada cientificamente, como o próprio Lacan coloca ao se servir da etologia em seus começos.
2. O corpo do homem, como do animal, é um organismo também modificado pela luta pela sobrevivência, mas, no caso do homem, de um modo diferenciado, como modificação dos "instintos sociais" (presentes na natureza entre os animais superiores) na formação das chamadas hordas. O estatuto da seleção sexual também se diferencia e se desnaturaliza ao surgir a variedade do gosto, da preferência e assim também do conflito. Se, por exemplo, um

pássaro de determinada espécie faz sua corte para a fêmea, e os padrões de sua coreografia, como sempre, se mantêm fixos, -- a partir de um determinado e preciso animal, nosso parente comum com o símios, essa fixidez começa a se desfazer, e o gosto poderá variar, a princípio, de comunidade para comunidade até, como se dará posteriormente, de indivíduo para indivíduo.

Entendemos que a necessidade de se pensar esses liames, essas diferenciações, de pensar com o maior rigor possível essas questões passam por Darwin na fundamental apreensão do imaginário na modificação dos animais e também no homem; Lacan, mesmo sendo algo, em suma, tão heterogenio ao que a psicanálise viria a se tornar, nesse ponto, não parece pensar muito diferente ao ter que retomar a questão. Olgivie faz um observação interessante:

Se a forma, a imagem, funciona tão bem assim no mundo animal, se por seu sentido ela já informa, só poderá ter mais efeitos sobre o psiquismo humano, ainda mais sensível por sua indeterminação fisiológica a este tipo de causalidade (OGILVIE, 1991, p. 115).

Mas aqui, retornando ao terceiro princípio da expressão em Darwin, tudo isso gira em torno do excesso. E sobre esse excesso que Darwin vai desenvolver aqui e que implicará na questão que a histeria trará para a elaboração, sobretudo, das dimensões dinâmica e econômica em psicanálise. Aqui situamos, alguns dos marcos da influência de Darwin sobre Freud. Os sintomas somáticos de Emmy, Freud considerava em parte que "eram apenas expressão da emoção" (Breuer & Freud, 1895/2001, p. 91), que poderiam ser observados em qualquer indivíduo. Esse sintomas, cacoetes e o movimento intensos das mãos, esfregando-as uma na outra ou brincando com os dedos como se se esforçasse para não gritar. Essa agitação que aparece nesse movimentos agitado das mãos leva Freud a associa-los

forçosamente a um dos princípios estabelecidos por Darwin para explicar a expressão das emoções - o princípio de transbordamento da excitação (DARWIN, 1872, cap. 3) (BREUER; FREUD, 1895/2001, p. 91).

Freud observa que Emmy expressa essas emoções de forma "mais vívida e desinibida" (BREUER; FREUD, 1895/2001, p. 91) que o comum das mulheres de educação e raça" semelhantes. Freud se depara com um modo universal com que esses deslocamentos na economia do corpo acontecem, e o que havia entre o normal e patológico era uma diferença de grau e não de natureza. "*todos nós* estamos acostumados, quando afetados por um estímulo doloroso, a substituir um grito por outras inervações" (BREUER; FREUD, 1895/2001, p. 91).

Já no caso Elisabeth Von R., Freud não se debruça tanto sobre a intensidade emocional, mas sim sobre o sentido dos ataques. A incapacidade de se manter em pé de Elisabeth von R. e a neuralgia facial de Cäecilie M., tiveram seu surgimento ligado a momentos significativos importantes, como estar em determinadas posições no momentos traumáticos, em Elisabeth Von R., e, em Cäecilie M., tornar o insulto proferido pelo marido como uma "bofetada na face" ou uma "punhalada no coração". Freud, nesse momento pensa em um processo de "simbolização" nesses sintomas. Ele, no entanto, diz que algo transcende "fatores pessoais e voluntários" (BREUER; FREUD, 1895/2001, p. 181) e que o sintoma se remetia à reativação de impressões engendradas num passado remoto, em que "linguagem e ato estavam extremamente ligados". Dessa forma, ele conclui que, como dizia Darwin em *A expressão*, em tempos remotos, linguagem e ato constituíam uma e só coisa, e essa ideia darwiniana explicaria na evolução, na história, a tomada literal das expressões "bofetada na face" e "punhalada no coração" de suas pacientes. O que acontecia era o retorno a "sensações às quais a expressão linguística deve sua justificativa" (BREUER; FREUD, p. 181). *Essa genealogia da expressão das emoções em Darwin faz com que Freud veja na histeria essa proximidade entre linguagem e ato* e que surge do primeiro princípio de Darwin. Para Darwin, o sentido literal

Todas essas sensações e inervações pertencem à *Expressão das Emoções*, que, como Darwin (1872) nos ensinou, consistem em ações que originalmente possuíam um significado e serviam a uma finalidade. Embora essas ações possam ter ficado, em sua maior parte, tão fracas hoje que sua expressão em palavras nos parece apenas metafórica, é altamente provável que tudo isso fosse tomado em sentido *literal*, e a *histeria está certa em restaurar o significado original das palavras ao restabelecer essas inervações mais intensas* (BREUER; FREUD, 1895/2001, p. 181).

Trata-se de um momento inaugural para Freud quando ele se utiliza da genealogia peculiar de Darwin, genealogia daquilo que denominei de 'modelagem' ou 'montagem' darwiniana, dessa modelagem esvaziante, de esculturação, de escrita, das emoções no corpo, e a ação do já escrito no corpo como marcas definidoras dos modos de expressão das emoções na constituição do homem para pensar suas questões específicas em relação à sua clínica. Se no primeiro princípio o sentido é pensado, no animal, pela escrita instintual, a escrita cristalizada de um saber, que, como vimos, lhe serve de orientação, mas não lhe oferece uma completa (idealizada) orientação na natureza; no homem, algum saber se liga ao significante e sua estrutura simbólica que lhe orienta. Quanto ao terceiro princípio, revela-se a Freud o modelo da vida afetiva normal informado pelo excesso das situações patológicas e sua

ordenação pelo significante. Tudo isso dará frutos para elaborações futuras e que continuarão a inspirar Freud, como por exemplo, no decorrer dos escritos metapsicológicos. Assoun (1996, p. 153), escreve que "o núcleo econômico-dinâmico da metapsicologia deve à concepção darwiniana da emoção, pois Freud pôde tanto "correlacionar o *evento motor* à sua *significação expressiva*" quanto perceber que o afeto encontra seu "centro de gravidade no evento econômico" (ASSOUN, 1996b, p. 157).

4.5 O quase-humano

No Seminário IX *A identificação* temos uma 'cena', diríamos, bastante darwiniana - a metodologia naturalista 'singela' de Darwin no tête-à-tête com os animais. Lembremos de Darwin e suas observações em relação à orangotango Jenny, quando ele foi visitá-la no zoológico de Londres logo após retornar de sua viagem. Ele havia trazido um espelho e outros objetos, entre eles uma gaita-de-boca, para ela e comentou em seu caderno de notas que ela "falava" e que, observou também, se comporta justamente como uma criança mimada, se via no espelho e ensaiou tocar algo na gaita-de-boca. Esse tipo de abordagem e de experiência, pioneira na consideração científica é uma das marcas do método darwiniano. Lacan, por outro lado, conta ao seu público sobre a sua cadela Justine no Seminário IX da Transferência:

Minha cadela, no meu entender e sem ambiguidade, fala. Minha cadela tem a palavra, sem dúvida nenhuma. Isso é importante, porque, não quer dizer que ela tenha totalmente a linguagem. A medida na qual ela tem a palavra sem ter a relação humana com a linguagem" (LACAN, 2003/1961-2, p.40).

Mas a cadela, observa Lacan, não fala o tempo todo, ela só fala quando tem necessidade de falar.

Ela tem necessidade de falar nos momentos de intensidade emocional e de relações ao outro, comigo mesmo e com outras pessoas. A coisa se manifesta por espécies de pequenos gemidos guturais. Mas não se limita a isso. A coisa é particularmente chamativa e patética, por manifestar-se em um quase-humano, que faz com que hoje eu tenha a ideia de lhes falar sobre isso; é uma cadela boxer, e vocês vêem nessa face quase humana, bem neandertaliana afinal de contas, aparece um certo tremor no lábio, especialmente no superior, sob o focinho, para um humano, um pouco generoso, mas enfim, há tipos como esse, tive uma empregada que se parecia muito com ela e esse tremor labial, quando acontecia, à empregada de se comunicar comigo em tais auges intencionais, não era muito diferente. O efeito de respiração nas bochechas do animal não evoca menos sensivelmente toda uma gama de

mecanismos de tipo propriamente fonatório que, por exemplo, se prestaria perfeitamente às experiências célebres que foram as do abade Rousselot, fundador da fonética (LACAN, 2003/1961-2, p.40).

Aqui temos, inicialmente, o segundo princípio que aborda o imaginário, nesse face-a-face de Lacan com sua cadela Justine, ou de Darwin com a orangotango Jenny, por exemplo. Há uma troca nesse nível, inclusive uma cumplicidade. Temos aqui, em Darwin, a abordagem do imaginário, não somente no segundo princípio, mas também no decorrer de toda a tese que percorre *A origem do homem e A expressão*, que coloca a mesma questão para o homem a partir dos animais. Em Lacan, vemos como o imaginário da etologia encontra muitos dos seus momentos em sua obra, inclusive no sentido estruturante, dito efeito real do imaginário nos animais, o que lhe servirá para pensar o estádio do espelho no caso do homem - também um animal, mas instalado na dimensão do discurso. Justamente nesse ponto insere-se a necessidade de diferenciar os dois níveis de identificação, imaginária e simbólica. A etologia serve a Lacan para estabelecer essa diferenciação que tem desdobramentos radicais, de corte mesmo. O que está em questão, podemos pensar isso, é um certo debate com a tradição naturalista que se faz necessário e que se encontra nos bastidores dessa articulação, de certa etologia com a dimensão significante.

A identificação "enquanto identificação de significantes", -- preocupação central do Seminário IX *A identificação* --, Lacan procura mostrar que ela se distancia e se diferencia radicalmente da identificação imaginária,

aquela da qual, há muito tempo, eu tentava mostrar a vocês o extremo no plano de fundo do estádio do espelho, no que chamarei de efeito orgânico da imagem do semelhante, o efeito de assimilação que apreendemos em tal ou tal ponto da história natural, e o exemplo que me agradou mostrar in vitro, sob a forma desse pequeno animal que é chamado de grilo peregrino, de cuja evolução vocês sabem, o crescimento, a aparição do que se chama de conjunto de fâneros, o que, como podemos vê-lo em sua forma, depende, de alguma maneira, de um encontro que se produz em tal momento de seu desenvolvimento, dos estágios, das fases da transformação larvária, ou segundo lhe tenham ou não aparecido um certo número de traços da imagem de seu semelhante, ele evoluirá ou não, segundo o caso, segundo a forma que chamamos de solitária ou a forma que chamamos de gregária. Não sabemos absolutamente, só sabemos muitas poucas coisas sobre escalões desse circuito orgânico que acarretam tais efeitos. O que nós sabemos, é que é assegurado experimentalmente (LACAN, 1961-1962/2003 p. 26-7).

Precisamos, a partir disso, considerar que, a incursão seminal de Lacan no imaginário com o texto do estádio do espelho demonstra que Darwin é o primeiro a articular, não sem rigor, mas ao modo do naturalista, em termos científicos (como nova 'ciência do singular'), por meio da sua peculiar experimentação, a articulação vasta e estruturante desse imaginário,

nos animais e na especificidade do homem. Antes dele, tudo isso era sentido e pensado nos moldes ou nos passos mesmos do pensamento Antigo e sob os cânones da religião estabilizadora, o que justamente permanecia um esquema imobilizado e fixista, relegado a um empirismo mezinho. Com *A origem do homem*, a articulação de Darwin acabou por se tornar motivo de riso do cientificismo corrente que não acreditava na verdade operacional e variante do imaginário, -- das aparências e da sedução, das escolhas e do reconhecimento, do ciúme e dos desentendimentos, entre outras características comparáveis às do homem. Lacan afirma algo que chama a atenção de início, dizendo dos esclarecimentos que a experiência da psicanálise dá a respeito da função do [eu], desde Freud, com a entrada do narcisismo como peça chave que fazia do eu mais um dos objetos do Isso, além de elemento fundamental, responsável pelo remanejamento das pulsões em 1920. E, em Lacan, as elucidções, dentro desse mesmo caminho, através da teoria do estádio do espelho. Essa operação de desconstrução do Eu que a psicanálise produz, é, segundo Lacan, a "experiência sobre a qual convém dizer que nos opõe a qualquer filosofia diretamente oriunda do Cogito". Mas é, tomando Descartes como ponto de referência, que a elucidção do imaginário empreendida por Lacan, a partir do narcisismo freudiano, é fundamental para que se tenha acesso a um sujeito da psicanálise que surge na quebra dessa unidade autônoma que é o eu, quer dizer, a quebra de qualquer unidade autônoma, auto-evidente.

Sendo assim, gostaria de mostrar que esses passos iniciais, em *O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica*, mostram o "plano de fundo" que sustenta e dá base para as formulações desse texto, que é a respeito da "matriz simbólica" do sujeito (LACAN, 1949/1998 p. 97), Em outras palavras: tudo leva a crer que a presença de Darwin subjaz 'oculta', o debate com ele é inevitável. Se, por um lado, Lacan critica ferozmente as concepções evolucionistas de progresso, seja sua presença na psicanálise com Anna Freud e os pós-freudianos, -- como a teoria do apego de Bowlby, por exemplo, explicitamente 'darwinista' --, além do próprio Freud que, com as fases da libido, por exemplo, chega a ser mal interpretado (pois se trata de um traço do evolucionismo de sua formação e que funcionava como código ordenador do saber de seu tempo), Lacan vê nos seguidores mais próximos de Freud uma paralisia acrítica dos psicanalistas em relação ao perigo imaginário do pensamento evolucionista em geral, da leitura acrítica e ideológica do texto de Darwin - algo que tomou um espaço imenso na reflexão científica, um lugar de saber absoluto e explicador de todas as coisas, um lugar de garantia de concretude positivista. Para Lacan, portanto, fazer uma limpeza nisso tudo é urgente, é "iluminar, asfaltar e sinalizar as avenidas", organizar as estruturas de

funcionamento desse imaginário, e, com isso, permitir combater o evolucionismo, no seu sentido geral e "pastoral", no sentido de um Bem ainda a ser alcançado, no que ele traz de progresso evidente e alinhado, padronizado, cosmológico e normatizador da vida. Mas em Darwin, como temos tido a oportunidade de acompanhar e elaborar, a dimensão orgânica não existe sem a face imaginária que a acompanha e que produz, a seu modo, em seu pensamento a respeito da origem do homem, uma **matriz simbólica** a partir da natureza. Lembremos a especificidade desse processo em Darwin: no sentido o mais materialista possível, mas a partir de uma ousada perspectiva de uma escrita do corpo orgânico, extrapolando ao precipitar-se na escrita de corpo investido e marcado pelo gozo.

Em *O estádio do espelho*, Lacan adentra a questão do imaginário através de uma série específica de autores e referências importantes, etólogos, primatólogos, psicólogos, que estão inseridos na mais rica tradição do debate darwiniano. Esses autores estão justamente, de formas diferentes, como diz Jean-Claude Ameisen, "*sur les épaules de Darwin*" [Sobre os ombros de Darwin], parafraseando a expressão muito conhecida a respeito de Newton, que toda a ciência posterior a Newton pode ver muito mais longe graças ao fato de poderem se apoiar sobre os ombros de um gigante. Podemos dizer que Lacan precisa retornar a esse debate amplo e plural do darwinismo, seja na crítica fundamental do imaginário, como bem conhecemos, ao revolver a questão do imaginário, enxugando-o, para extrair dali o simbólico (o significante) e poder reafirmar a falta como real; ou seja, por outro lado e ao mesmo tempo, se servindo, embora indiretamente ou não nomeadamente, dessas bases e indicações, - a começar pela antropologia 'extrapolativa' a partir do materialismo -, que estão lá nesse debate onde, inclusive, se insere a fê científica de Freud. É inevitável um encontro com Darwin através do ressoar dessas bases e tivesse que investigar, desconstruir e reter disso, a partir do pensamento contemporâneo do estruturalismo e da linguística, a redução mais radical e instituir algo que borromeamente se enoda. Em *O estádio do espelho*, Lacan procura

compreender o estádio do espelho como uma *identificação*, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem -- cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago* (LACAN, 1949/1998 p. 96-7).

Vamos a alguns pontos essenciais dessa articulação de Lacan, cito Lacan:

Talvez haja entre vocês quem se lembre do aspecto comportamental de que partimos, esclarecido por um fato da psicologia comparada: o filhote do homem,

numa idade em que, por um curto espaço de tempo, mas ainda sim por algum tempo, é superado em inteligência instrumental pelo chimpanzé, já reconhece não obstante como tal sua imagem no espelho. Reconhecimento que é assinalado pela animadora mímica do *Aha-Erlebnis*, onde se exprime, para Köhler, a percepção situacional, tempo essencial do ato de inteligência (LACAN, 1949/1998 p.96).

Wolfgang Köhler (1887 - 1967) foi um dos psicólogos pioneiros (juntamente com R.M. Yerkes) que, na contramão dos etologistas e dos behavioristas, apostaram fundo nas ideias de Darwin em *A origem do homem e As emoções* - na continuidade entre animais e seres humanos em termos de processos mentais no âmbito da Gestalt, ou seja, ao que concerne ao nível imaginário. A comparação dos processos mentais entre humanos e macacos - graças aos seus trabalhos com chimpanzés, procurava descobrir de que maneira os seres humanos e os macacos eram semelhantes e para saber de que modo se tornaram diferentes. Prosseguindo com Lacan:

Esse acontecimento *pode* produzir-se, como sabemos desde Baldwin, a partir da idade de seis meses, e sua repetição muitas vezes deteve nossa meditação ante o espetáculo cativante de um bebê que, diante do espelho, ainda sem ter o controle da marcha ou sequer da postura ereta, mas totalmente estreitado por algum suporte humano ou artificial (o que chamamos, na França, um *trotte-bébé* [andador]), supera, numa azáfama jubilatória, os entraves desse apoio, para sustentar sua postura numa posição mais ou menos inclinada e resgatar, para fixá-lo, um aspecto instantâneo da imagem (LACAN, 1949/1998 p. 97).

Outra questão que ocupa um lugar extremamente significativo, não somente durante esse período inicial da obra de Lacan, mas que se estenderá por quase toda a sua obra de diversas maneiras, é a utilização da hipótese neotênica e/ou da "fetalização", assim nomeada pelo anatomista holandês Louis Bolk. Lacan não dá os créditos ao autor, mas esse episódio importante na história do debate darwiniano encontra em Lacan um lugar especial para germinar. A passagem abaixo foi retirada de uma entrevista com George Lapassade, que traduziu para o francês e elaborou estudos importantes em cima da obra de Bolk. O que é a neotenia?

Trata-se de um fenómeno já observado por Darwin e explicado mais tarde por Dumenil e por biólogos franceses, creio, por volta de 1870, e entre 1870 e 1914, que fizeram investigações sobre o estado de neotenia, ou seja: da conservação das formas juvenis que se tornam formas definitivas. Nalguns casos, a forma, o girino, não faz a sua metamorfose e reproduz-se no estado de girino. É o caso do axioloito, que é habitualmente a forma transitória do amblastoma, que na forma perfeita, em certas condições ecológicas, não realiza a sua metamorfose e reproduz-se no estado de girino. Torna-se portanto adulto do ponto de vista sexual, mas do ponto de vista morfológico não é adulto e conserva as suas formas juvenis. Isto é algo sobejamente conhecido. Acrescentarei também que Bolk, um antropólogo ainda demasiado ignorado, produziu em 1926 a hipótese da neotenia da espécie humana. O homem seria, segundo Bolk, a forma neotênica de uma espécie antropomorfa. Bolk dedicava-se à Antropologia Física, e deixou-nos estas hipóteses numa grande obra

que é um pouco o seu testamento intelectual, *Das Problem der Menschwerdung*, o problema do **tornar-se** homem. Para Bolk, a forma adulta não é o homem, é o macaco. Faz notar que, do ponto de vista anatômico e fisiológico, o recém-nascido é gíabro, o que é característico dos macacos em estado fetal. O homem apresenta, mesmo depois de nascer, características fetais. Essa **fetalização**, Bolk explica-a por um mecanismo evolutivo que seria o retardar (*retardierung*) e a travagem, devido a fenômenos hormonais, ecológicos, etc., na filogênese da espécie humana, que daria um atraso do processo de crescimento que tornava a adolescência cada vez mais prolongada até ao ponto de a tornar permanente. O homem ficou como o axioloto: não fez a sua metamorfose, não atingiu a sua forma biológica perfeita. O homem seria um "agirino" de macaco, um macaco em estado larvar, mantido no seu estado adolescente (LAPASSADE, 1966).

Lacan fala em seus seminários de "falta natural", de condição insuficiente do bebê humano. E a partir dessa constatação da assim nomeada antropologia física, Lacan estabelece o imaginário, em o estádio do espelho, como uma **precipitação** no reflexo da imagem do espelho, ou um outro. Essa precipitação que opera uma unidade do corpo, e o sentimento de "Aha-erlebnis", está em desacordo com a própria coordenação e finalização de aspectos orgânicos do corpo. Para Lacan, antes dessa captura pela imagem do outro, o bebê sofre daquilo que ele chama de fragmentação do corpo - um despreparo mesmo, uma condição limitada e incapaz de sobreviver por si só.

Em Darwin, a neotenia (nessa época, ainda não nomeada assim) é uma possibilidade que ele admite ser grandemente compatível com os princípios da evolução. Como está em *A origem do homem*, ele uma série de objeções ao evolucionismo, uma delas essa do despreparo do homem em relação aos outros animais. Alguém levanta seguinte crítica, que

o homem seria, dentre todas, a criatura mais desprovida de ajuda e defesa que existe, e que, durante a sua primitiva e ainda menos desenvolvida condição, ele deveria ser ainda mais indefeso. O Duque de Argyll, por exemplo, insiste que "a estrutura humana destacou-se da que os brutos possuem, evoluindo no sentido de transformá-lo num ser mais fraco e indefeso. trata-se, portanto, de uma discrepância evolutiva, que com dificuldade poderia se atribuir à simples seleção natural". Ele ilustra sua ideia com a falta de pelos e de estruturas de de proteção corporal, a ausência de presas e garras poderosas, a pouca força e reduzida velocidade do homem, seu escasso poder de descobrir alimento ou de fugir ante o perigo pressentido pelo faro. A essa deficiências poder-se-ia ajuntar outra ainda mais grave, qual seja a de que não saber trepar velozmente nas árvores para escapar dos inimigos (DARWIN, 1871/2001 p. 106).

Esse elemento darwiniano no centro, ou seja, em um dos pilares fundamentais do edifício teórico lacaniano, nos leva a Henri Wallon, psicólogo francês em que Lacan se baseia para formular o estádio do espelho. A obra de Wallon que mais influenciou Lacan é *A origem do caráter da criança*, que em muito contribuiu, no campo da psicologia, com suas ideias de

desenvolvimento. O que pouco se sabe, no entanto, é que a escrita da obra propriamente dita, a de Wallon, tem como motivação central um diálogo com Darwin, mais especificamente, com as teses contidas sobre as emoções em *A expressão das emoções*. Enquanto Darwin verificava a emoção comparativamente, entre homens e animais do ponto de vista de uma, digamos, erótica da fisiologia, ou seja, escultórica resultante da incidência de uma estética e de uma erótica sobre o corpo na natureza,

4.6 Algumas considerações a respeito da horda primeva e a seleção sexual

Essa incidência no corpo do agenciamento modificatório e transformador em Darwin, não somente na seleção natural, que é a luta pela sobrevivência, mas sobretudo o peso da seleção sexual, encontra um espectro bastante amplo de que diz respeito à designação do sexual, muito próxima da de Freud em relação ao peso em sua obra, pois virá a açambarcar as primeiras formações familiares e organizadoras do social e sua especificidade humana. A horda é uma formação familiar regida pelo sexual, pelo conflito, em que Darwin, se utilizando de um padrão comportamental de símios, procura situar as, como ele bem designa, relações de "ciúme" do pai da horda com os seus filhos a respeito das fêmeas. Portanto, partindo do mal-estar propiciado pelo que ele chama de "instintos sociais" (existente nos animais superiores e segundo suas observações e de outros naturalistas), no estatuto sexual de família e, sobremaneira, imaginário (no sentido lacaniano, mas já antecipado por Darwin) presente no conflito gerado em torno do "ciúme". Essa estrutura da disputa, da escolha, do mal-estar, é um elemento de forte inspiração para Freud e coloca para ele o ponto onde a extrapolação para o homem se faz necessária: colocar em forma de mito a passagem de um certo hominídeo - ou quase-homem - para a cultura através do pai morto. Em outras palavras: o homem surge da condição ética que a sua sexualidade dispõe. Por isso, essa dimensão do social como conflito e sexualidade, já estava disposta em Darwin n' *A origem do homem*, mas quem efetivamente fura esse modelo naturalista será Freud, que conceberá um e mais passos adiante com a morte do pai da horda darwiniano e, nesse lugar, nesse buraco, instituindo a dimensão do totem e suas série análogas, ou seja, a linguagem que intermedia as relações. Darwin, em sua montagem, já dispõe de toda uma série de coordenadas que parecem ter de fato inspirado Freud. Darwin, de fato, elabora sim uma diferenciação entre ato de matar, por exemplo, onde

regressivamente o ato se dava e, posteriormente, com a evolução, esse ato é simbolizado, mediatizado pela linguagem. Isto veremos na utilização que Freud fará dos três princípios da expressão das emoções em *A expressão das emoções no homem e nos animais*.

A hipótese de Darwin parte das suas próprias observações em relação aos primatas e ela se dá dentro da argumentação que procura sustentar as afinidades do homem em relação aos mamíferos superiores. No segundo capítulo de *A origem do homem*, intitulado "Comparação entre a capacidade mental do homem e a dos animais inferiores", ele escreve:

Nesse capítulo tentarei demonstrar que não existe nenhuma diferença fundamental entre o homem e os mamíferos superiores no que concerne a suas capacidades mentais(..). E já que não existe uma classificação das faculdades mentais que possua aceitação universal, ordenarei minhas observações obedecendo ao sistema que considero mais conveniente, selecionando os fatos que mais me impressionaram, na esperança de que possam causar algum efeito no espírito do leitor (DARWIN, 1871/2004 p. 30).

Em outra passagem ele escreve:

...homens e animais superiores possuem, especialmente os primatas, possuem alguns instintos em comum. Todos têm os mesmos sentidos, intuições e sensações, as mesmas paixões, afeições e emoções, mesmo as mais complexas; são tomados por espanto e pela curiosidade; possuem idênticas capacidades de imitação, atenção, memória, imaginação e razão, embora em graus bem diferentes. Não obstante, muitos autores insistem em afirmar que o homem está separado dos outros animais por uma barreira intransponível, representado pela diferença de suas faculdades mentais. (...) Já se afirmou que apenas o homem é capaz de aperfeiçoamentos graduais, que somente ele fabrica e faz uso de instrumentos, sabe produzir e utilizar o fogo, domestica animais, possui propriedades, emprega a linguagem; que nenhum outro animal é auto-consciente, tem a capacidade de se examinar, de fazer abstrações, de propor conceitos gerais; que ninguém senão o homem possui o senso do belo, é propenso a caprichos, nutre o sentimento da gratidão, convive com o mistério, crê em Deus e é dotado de consciência [moral].(DARWIN, 1871/2001 p.39).

A hipótese da horda primal de Darwin, ligada que está à origem da espécie humana, portanto, é importada de Darwin acompanhada desse contexto, dentro de um determinado discurso a respeito da inserção do homem na série animal. Freud importou, pelo visto, a montagem darwiniana, o que supõe como inevitável a concordância de Freud em relação a essas ideias, e mais, que a psicanálise de Freud seria impossível sem esse passo de Darwin - ou seja, da diferença entre o homem e os demais animais ser anulada do ponto de vista vertical, de colocar em discurso para toda a ciência a dimensão ousada de exclusão efetiva de toda teleologia, afirmando, antes de mais nada, uma escrita dispersa, ou seja, que algo direciona, mas não determina. Darwin dizia coisas, por exemplo, como essa: que o cão tem em seu dono um Deus. Trata-se de dizer aqui que esse modelo foi 'inventado' pela escrita da

natureza, encontrável também entre os lobos, mas reforçado e retranscrito para a co-evolução de cães e homens, desdobramentos tão tocantes desse encontro. Trata-se aí de um modelo, de um traço que é transcrito conforme os processos da variabilidade segundo os (des)encontros e as diferenças, como procurei mostrar sobre o torto. Por isso Darwin pensará as relações afetivas, como a entre um homem e seu cão, para usar o mesmo exemplo, muito mais como entre seres que têm de fato algo de uma história em comum do que, na ideia cartesiana, como um homem e seu objeto de manipulação, seu brinquedo preferido (como de fato tem sido nossa relação com o animais). Esse exemplo define de onde Darwin vai retirar sua concepção. Isso é de uma estruturação a partir de diversas observações, um estrutura já disponível nos repertórios da natureza, surgida de processos evolutivos. Então, para esclarecer: o homem surge das possibilidade que a evolução apresenta, o que envolve, como vimos, a dimensão do real enquanto imprevisto no jogo da variabilidade (modificação). A precisão de Darwin é situada especialmente pela variabilidade, pois a variabilidade é a fonte da modificação, seja ela uma pequena modificação ou o aparecimento de uma outra espécie, alteridade incidida no real do corpo da anatomia e da fisiologia. Então podemos dizer que, por algum motivo que não sabemos ao certo, o homem descende de uma determinada espécie de homínídeo - dentre aqueles tantos homínídeos que surgiram na África. A variabilidade é o jogo de combinatórias e, mais do que tudo, a garantia da não teleologia, não somente para Darwin, mas também para Freud. Nada se fala em Freud que o homem é um projeto imanente à própria natureza, e nem que os traços que caracterizam a especificidade do homem garantem e preveem o surgimento do homem na natureza. Características tanto orgânicas, fisiológicas e anatômicas, quanto psicológicas e afetivas são elementos que igualmente se agitam na natureza e sofrem os efeitos de uma montagem que a evolução lhes propicia. A evolução é um processo descontínuo e contingencial, local, de acomodação e re-acomodação do papel dos seres vivos na rede de relações. Sem essa descontinuidade, nada se poderia dizer da descendência do homem sem se apelar para o progresso e para os valores "superiores". A hipótese darwiniana se justifica por isso, pois se abolimos o aspecto do social - esse significante que funciona tanto como 'instinto social' ou como o domínio de sua transcrição para um novo estatuto do social atrelado ao significante, o humano propriamente dito - que lhe é muito caro, restaria uma naturalidade inevitável, biológica. Biológica no sentido de natural que não é absolutamente o de Darwin. Darwin trabalha com hipóteses nessa grande e infundável rede de relações, relações cujos impasses são constitutivos da diferença. A biologia de Darwin contribui para a psicologia pois que envolve esses processos constitutivos e modificadores tanto do espectro genético do ser vivo quanto de seu comportamento, daí a importância da

biologia desbiologizada mostrada na hipótese da horda primal. A biologização do que se conhece como ciência, e mais do que nunca na ciência dos nossos dias, é praticamente 'religiosa'. É uma teologia natural que finge não acreditar em um deus, mas, por mais prometéica que queira parecer, essa insistente teologia está lá no elogio da escrita perfeita do genoma, por exemplo, que, mais do que nunca é uma escrita que foi constituída e ainda se constiu evolutivamente, assim como das perfeições da morfogênese das formas espiraladas e das proporções sempre constantes que se repetem em algumas formações, a ciência se apega ao 'escrito nas estrelas', como se lesse ainda no céu a escrita perfeita de deus, o deus da ciência. A descontinuidade evidente no pensamento de Darwin foi, no entanto, deixada de lado pela leitura 'científica' e 'organizada' de sua obra. É como se o lamarckismo e seu continuísmo teleológico fizessem uma sombra sobre o que, de Darwin, de mais rico e condizente com o real se poderia apresentar em termos de biologia - na verdade, uma biologia nova. Se hoje Darwin continua sendo a última palavra em termos de biologia aplicada à natureza, as investigações e análises anatômicas, como a que Freud viria a fazer sob a orientação de Carl Claus, seu professor, na localização das gônadas de uma certa serpente marinha, o homem, e mesmo o cientista, esquece do drama que está em jogo ali na diferença. O biólogo de hoje quase não sabe nada de Darwin, pois a questão sobre o homem mal faz sussurrar no ouvido do cientista a questão sobre o sujeito que lhe é apresentada. Destarte, essa questão foi afastada e abafada, não considerada, de forma quase que sistemática. Lorenz, por exemplo, fundador da etologia escreve na introdução de *A expressão das emoções no homem e nos animais*, dizendo dever muito a Darwin, chegando a considerá-lo como um padrinho de sua ciência, graças, inclusive, pontualmente, ao livro em questão, mas seu formalismo cartesiano jamais terá o poder, como tinha a elucubração de Darwin, de colocar um lugar para o homem, e sua origem, a partir de uma inadequação, de um descontinuidade que podemos chamar de real.

Gostaria de aproximar a horda primeva de Darwin de outros acontecimentos registrados por outros naturalistas que, segundo o próprio Darwin, tratam da mesma ideia da horda primeva mas com outros animais e em outras situações:

Lord Tankerville me forneceu uma descrição gráfica das batalhas travadas no Parque Chillingan entre *bois* selvagens, descendentes diretos, em tamanho menor, - mas não em coragem - dos *Bos primigenius*. Em 1861 diversos animais combateram pelo domínio do grupo, podendo-se constatar que dois dos mais jovens atacaram em dupla o velho chefe do rebanho, derrubando-o, estropiando-o e expulsando-o, ferido de morte (ao menos foi assim que o consideraram), para um bosque das vizinhanças. Poucos dias mais tarde, porém, um dos jovens bois aproximou-se sozinho do tal bosque, e então o "monarca das caçadas", que ali estivera até então ruminando seu

desejo de vingança, saiu a seu encontro e, sem lhe dar tempo de reagir, matou-o sem dó nem piedade. Em seguida, retornou tranquilamente ao rebanho, reassumindo seu reinado sem qualquer aparente questionamento (DARWIN, 1871/2001 p. 441).

Segundo Ritvo (1992, p.135),

Atkinson, como Freud afirma, "[mostrou]que as condições que Darwin supôs prevalecer na horda primal [podem] facilmente ser observadas nas manadas de bois e cavalos selvagens e regulamente levam ao assassinio do pai da manada" (13: 142).

A passagem de *A origem do homem* na qual Freud mais se concentra para compor o seu mito é a seguinte:

(...) se recuarmos bastante no tempo, é extremamente improvável que os homens e mulheres primitivos vivessem promiscuamente. A julgar pelos hábitos sociais que atualmente prevalecem entre a humanidade, e pela generalizada poligamia adotada pelas tribos mais selvagens, o mais provável pe que o homem primitivo originalmente vivesse em pequenas comunidades, cada qual com tantas mulheres quantas pudesse sustentar e conseguir, defendendo-as **ciumentamente** contra o assédio de qualquer outro homem. Ou então viveria como único macho rodeado por várias mulheres, à semelhança do gorila, já que é voz geral entre os nativos que, entre esses símios, "apenas um macho adulto é visto no bando. Quando os jovens crescem, surge uma disputa pela chefia, e o mais forte, depois de matar e expulsar os outros, se estabelece como o chefe da comunidade" (Dr. Savage, em "Boston Journal of Nat. Hist.", vol. V, 1845-47, p. 423). Os machos mais jovens, expulsos do grupo e tendo que vagar a esmo, ao mesmo tempo em que se empenhavam em conseguir companheiras, evitam cruzar com fêmeas de parentesco muito próximo (DARWIN, 1871/2001 p. 521 *grifos nossos*).

Pois bem, existe uma preocupação nesse contexto do debate Darwin-Freud, e diz respeito à sexualidade e, mais precisamente, ao enigma que é o surgimento do incesto no homem.

Darwin mostrou diversas vezes em sua obra a descoberta que fizera de que os cruzamentos entre indivíduos muito próximos, consanguíneos, era perigoso para a espécie, impedindo sua renovação e levando-a à extinção. Mas, quando abordou o tema do incesto mais de perto, Darwin observou que não acreditava que isso que ele chamava de lei, dizendo que a necessidade das espécies se acasalarem com parceiros estranhos ao grupo a que pertencem, não justificava e nem suportava teoricamente a existência do incesto. Afirmção que surpreende, pois a reação esperada, que seria responder à tentação de simplesmente ligar uma coisa à outra para fazer um sentido desejado, nos pareceria natural em se tratando de facilitar as coisas. Para Darwin, assim como para Freud, o incesto não é, portanto, algo herdado filogeneticamente ou algum traço encontrável na natureza e colocado em jogo no surgimento do homem para que ele vivenciasse o horror do incesto. Freud aproximou-se do

que Darwin havia já elaborado, ou seja, o enigma da origem do incesto, mas Freud vê um campo fértil para re-encontrar no discurso darwiniano elementos importantes que em grande parte ele associou ao Édipo, achado mais que precioso proveniente da literatura e, claro, motivado pela escuta de relatos de pacientes e das coisas da cultura. O mais importante é que, por influência de Darwin, Freud concordava com a consideração daquele de que a possibilidade de o homem primitivo ter tido uma vida sexual promíscua era enorme, mas para haver seleção sexual, como ele previra em relação aos animais, deveria existir, mesmo que em proporções mínimas, algum elemento ou princípio organizador das relações sexuais dentro de um grupo médio como o da horda. Esse elemento é o pai da horda, o pai ciumento.

Essa narrativa corresponde ao aparecimento dos instintos sociais enquanto modificados, transcritos e reutilizados de forma diferente da do registro puramente animal. A horda primal, portanto, seria quase como um primeiro ensaio de estruturação de proibição, de imposição, de uma certa ordenação como germe da família sob a chefia de um pai ciumento que goza de todas as mulheres e expulsa os homens que as desejam. Ainda na mesma página, no parágrafo seguinte, Darwin comenta o direcionamento que ele dá a sua hipótese, falando de casamento, os diversos tipos de casamento que, afinal, têm por objetivo organizar a vida social e barrar, segundo ele, a promiscuidade sexual generalizada. Isso resulta de passagens por diversas fontes e referências de estudiosos da época que, curiosamente, são quase as mesmas referências que Freud mais tarde irá se servir no momento da redação de *Totem e Tabu*. E o levantamento de Freud do que os estudiosos falavam sobre casamento são também praticamente os mesmos: o casamento comunitário, a poligamia e a monogamia por exemplo, são citados por Darwin para pensar um modo alternativo de casamento existente entre outras tribos. Pois, justamente, o elemento organizador primevo, segundo o mito de Freud é o pai, e seu ciúme. O ciúme não se distingue do pai - ou como ele chama às vezes, o chefe - pois há uma função aí. Além do mais, dentro ainda do pensamento da seleção sexual, o ciúme do pai sugere a Darwin que esse pai escolhe, mesmo que através do ciúmes. Ou que, no tempo da horda, esse pai não permitia que os outros machos da horda escolhessem efetivamente, restavam-lhes as mãos atadas e o mesmo sentimento de ciúme atado, de impotência. Se falamos em escolha, falamos também em seleção, aqui o pai seleciona e não mais a natureza. O pai, na narrativa darwiniana, não é um pai morto, é mais um agente selecionador a quem se atribui algo, um poder, um conhecimento, um guia, enfim, algo que parece ser estruturante. Em seguida à horda primeva, Darwin desliza essa mesma lógica no tempo e nos seus desdobramentos. Se o pai da horda separa todas as mulheres para seu gozo exclusivo, afastando-as dos outros homens da horda, num momento seguinte, amenizando a

hipérbole desse ciúme, Darwin elabora uma outra imagem-exemplo, a do chefe-pai-líder que, em uma tal sociedade já estabelecida e organizada, goza do poder de escolher qualquer mulher da tribo, da cidade, ou mesmo no exemplo de um rei que poderá selecionar qualquer mulher de seu reino e raptá-la para compartilhar uma noite na alcova real. A questão da escolha ou do gosto tem um alcance surpreendente na elaboração de Darwin. Mas retornando ao ciúme na psicanálise:

Freud ([1912-13] 1981) demonstra, com o mito da horda primitiva, que a experiência da rivalidade entre os semelhantes é estrutural, acionada pelo desejo de usufruir daquilo que está proibido por obra de um pai mítico todo poderoso e ciumento de seus bens. Um passo além da rivalidade mortífera é dado pelo assassinato do pai pelos filhos, quando, pelo temor de cada um, na sua tentativa de se fazer exceção como o pai, encontra o mesmo destino. O pai morto em sua presença simbólica pacifica as relações, distribuindo os lugares, os objetos e regulando o gozo (RIBEIRO, Marcia H., 2007 p. 33) .

O ciúme é um significante importante para Darwin nesse momento. Um ciúme totalizante e tão intenso como somente o do pai da horda primeva pode demonstrar, ou seja, a fragilidade que a brutalidade - ou a agressividade da relação dual imaginária e estrutural - denuncia: a iminência da emergência de um terceiro. Ou o todo completo que se atribui ao gozo do outro, como Lacan mostra na passagem em *A família* a citação de uma passagem de Santo Agostinho que ilustra a cena prototípica do ciúme infantil, ciúme em sua "gênese" estruturante da ordem social:

[...] eu vi com meus olhos [...] e observei bem um pequeno tomado de ciúmes, ainda não falava e não podia sem empalidecer, lançar o seu olhar para o espetáculo amargo de seu irmão de leite (SANTO AGOSTINHO apud LACAN, [1938] 1978, p. 37).

Se, por um lado, num tempo primitivo, o da horda primeva, a força e a violência eram as únicas maneiras de impedir algo, de impor algo, de afastar as mulheres, de 'implementar', seja a que custo for, uma estrutura de poder e ordem pelas vias do imaginário bruto e da violência -- o tema do casamento, por outro, é a ordenação de relações em uma ordem estabelecida em 'comum acordo'. Vejamos o que escreve Darwin:

Embora os selvagens sejam atualmente muito licenciosos, e que os casamentos comunitários possam antigamente ter prevalecido bastante, muitas tribos praticam alguma forma de casamento, se bem que de natureza mais flexível que a adotada pelas nações civilizadas. A poligamia (...) é quase universalmente adotada pelos maioriais das tribos. Não obstante, existem povos classificados entre os mais primitivos do mundo que são estritamente monogâmicos. É o caso dos Vedas do Ceilão, que têm um ditado, recolhido por Sir J. Lubbock: "Apenas a morte pode separar marido e mulher". Um inteligente chefe da tribo cândia, naturalmente polígamo, "sentia-se extremamente escandalizado com o que considerava o máximo

da barbárie: viver com apenas uma mulher, sem dela se separar senão após a morte". Agir assim, segundo ele, era "proceder de modo igual aos macacos wanderoo". Se os selvagens que hoje adotam algum tipo de matrimônio, seja poligâmico, seja monogâmico, conservaram esse hábito desde os tempos primitivos, ou se adotaram alguma forma de casamento depois de passar por um estágio de intercurso promíscuo, é a questão que não pretendo responder (DARWIN, 1871/2001 p.).

Ele quer mostrar os processos de refinamento que se operam a partir da suposição da horda para estabelecer o laço social e a produção de diferenças. Interessante como se aproxima de Freud ao procurar modos de estruturação dessas relações. É o espírito da evolução no sentido rigorosamente darwiniano, a divergência e a imprevisibilidade, as diferenças das diferenças no cerne mesmo da sociedade graças a reinscrição dos 'instintos sociais' na realização da forma humana e reativa à seleção natural pela própria seleção natural. Se em Darwin há esse salto concernente ao instinto social animal e o social humano, em Freud prossegue a composição de seu mito, o Pai da horda será assassinado pelos filhos em uma "refeição totêmica", canibalística. Enquanto Darwin articula o laço social (humano) a partir da seleção sexual entre os animais, articulado pela seleção natural na forma da seleção sexual - estopim do processo civilizatório -, Freud, por sua vez, toma a hipótese de Darwin como uma narrativa inspiradora que informa aquilo que será visto por Lacan como uma estrutura. É ele, afinal de contas, quem mata o pai da horda e que erige naquele vazio o totem que é a marca do ato de seus filhos, ato que instaura o processo civilizatório, marca que rasura o ato ao compartilhar com todos a culpa pelo assassinato, o que acontece, portanto, concomitantemente com a inauguração da linguagem e a propagação e intermediação que a língua opera entre os sujeitos e suas diferenças.

Darwin não mata o pai da horda, embora tenha mostado com outros exemplos da natureza, e não apenas em relação aos homens, como isso se processa entre os animais, entre populações de bois, como mostrei acima. Cena implacável de sucessão de poder pelo parricídio, algo onde encontramos, como mostra Darwin, inscrevem-se o ciúme, a inveja, e todas essas articulações sociais imaginárias na natureza. Algo, como observei, no limite com as narrativas de fábulas, algo que identificamos como um trabalho significativo a partir de signos até a formulação, de fato perfurante desse tecido imaginário da natureza pela concepção da seleção natural que apresenta como resto o enigma sempre aberto e não-causal da variabilidade e da existência do sexo. E isso fica mais radical ainda quando se trata de aplicar esse trabalho e essa experiência no caso do homem: mais do que nunca, ele precisa preservar o enigma ao apresentar o processo civilizatório com produzido por algo que se passaria em relação aos instintos sociais dos animais.

Não havendo, portanto, nenhum modo de marcar um corte desse tipo, uma perda, como o de Freud na composição de seu mito, Darwin aposta nos "instintos sociais" e a descontinuidade que a variabilidade lhe confere ao transcrever e transformar esse comportamento instintual em princípio civilizatório - coisa que fará, na sua compreensão, com que o instinto perca sua fixidez. A civilização, enfim, essa outra coisa que nada mais tem a ver com o instinto, ou a escrita cristalizada do instinto, se estabelece e se propaga na medida em que tem por efeito neutralizar os efeitos caprichosos e devastadores da seleção natural - esse é o raciocínio de Darwin. Isso significa que uma demarcação, um corte enquanto descontinuidade, o que Hennig chamava de *cisão cladística*, lugar onde, na árvore genealógica da vida, de um surge dois a partir de um nó decisório (de-cisão) o que permite Darwin pensar que a própria seleção natural selecionará recursos no quase-humano que possibilitarão combater ou anular a seleção natural. Esse *efeito reversivo*, localizado e nomeado por Patrick Tort na obra de Darwin, em *A origem do homem*, quer mostrar a ação da seleção natural sobre si mesma, eis o projeto materialista de Darwin. Daí que o processo civilizatório foi, portanto, uma seleção dos laços sociais e da linguagem em seus fenômenos iniciais, ou seja, sobremaneira um processo regido pelo desamparo e a necessidade da proximidade e do amor entre os indivíduos - o amor foi, diz ele, uma invenção do homem como tentativa de se proteger e fazer com que uns se unissem aos outros, em relação de proteção das mães para com seus filhos, por exemplo, ou pela colaboração coletiva (Darwin via essa 'colaboração' diferentemente do laço de amor), a colaboração organizada na gestão dos bens, as instituições mantenedoras da saúde e do cuidado aos mais desprovidos, a caridade, a proteção aos idosos, a prática da memória, etc..

Assim sendo, Darwin se utiliza abundantemente da estética para marcar o efeito diferenciador e desnaturalizador do processo civilizatório que recém começa com a modificação dos instintos sociais. Trata-se da estética e os efeitos da seleção inconsciente (Darwin) no seu sentido sexual. Em nem todas as espécies é o macho que se expõe e a fêmea que escolhe, existem também machos que escolhem entre as fêmeas, e isso, diz Darwin, se percebe no corpo dessa fêmea, na sua plumagem e nas suas cores, caso se trate de uma espécie de pássaro por exemplo. Como se vê, o corpo, pela hereditariedade, herdará e desenvolverá essas marcas do investimento do olhar do outro. Em relação ao homem não é diferente, haveria, segue Darwin, uma desnaturalização no processo civilizador, propiciado pela modificação dos instintos sociais animais, na instituição de padrões de beleza diversificados quanto, por exemplo, à escolha de mulheres pelos homens (dentro do mesmo raciocínio indicado pelo mecanismo da seleção sexual).

Suponhamos que os membros de uma tribo na qual se praticasse alguma forma de casamento se espalhasse sobre um continente desabitado. Eles logo iriam dividir-se em hordas distintas, que ficariam separadas uma das outras por diversas barreiras naturais, sem falar na separação provocada pelas incessantes guerras que as nações bárbaras travam entre si. Desse modo, as hordas estariam expostas a condições e hábitos de vida ligeiramente diferente, e mais cedo ou mais tarde acabariam diferindo umas das outras em algum grau, pequeno que fosse. Tão logo isso ocorresse, cada tribo isolada estabeleceria seu próprio padrão de beleza, e então a seleção inconsciente estaria em ação, devido ao fato de que os líderes mais poderosos iriam preferir um determinado tipo de mulher. Assim, as diferenças entre as tribos, a princípio muito ligeiras, de maneira gradual e inexorável iriam aumentar (DARWIN, 1871/2001).

Aqui Darwin apresenta o refinamento e algumas consequências por ele pensadas a partir da famosa horda primeva, mas aqui o pai não morre, e nem se seguem os processos descritos no mito de Freud. O que Darwin coloca como presuposição é apenas os efeitos do processo civilizatório (que em Freud deve ter o pai morto como base) que aqui podemos chamar de frutos da emergência significante. Provavelmente, Freud, bom leitor de Darwin que era, deve ter acompanhado todas as consequências e desdobramentos da hipótese da horda primeva com especial interesse, pois um componente fundamental - a figura de um pai e seu ciúme - já adiantaria bastante o que Freud já tinha em mente.

Voltando para as questões relativas à seleção sexual, que o gosto, para além do mecanismo hereditário dos efeitos do olhar de um pássaro sobre outro a partir das modificações no corpo, ou na maravilhante decoração de um "salão" pelo macho à espera da fêmea, essa questão do gosto agora passa a ser focada a partir de um chefe ciumento que agora 'administra', que seleciona e impõe e organiza as relações sexuais em seu grupo. Ou seja, nada pode ocorrer sem passar antes pela identificação ao chefe ou líder. Significa que, como venho marcando, a diversidade é algo inevitável, na medida que padrões de beleza diferentes são produzidos aos se fundar o 'padrão' escolhido pelo chefe. Esse padrão, agora 'adotado' pelos sujeitos de uma tribo, é, conforme o que diz Darwin, levado para outra horda e provocando diferenciações que fazem, por sua vez, produzir novos padrões de beleza -- e assim por diante. O que Darwin parece elucubrar é como, pelo que ele chama de "seleção inconsciente" (Origem das espécies), esses padrões de gosto são fixados ao nível simbólico, sem que se perceba, na comunidade e no sujeito. Os sujeitos passam a selecionar e a serem selecionados por esse simbólico que se independentizou, que, por fim, adquiriu uma autonomia que rege e intermedia as relações - a lei, de alguma forma? E vemos essa lei operar na pluralização dos gostos e, claro, de posicionamentos de grupos e de sujeitos na civilização. conforme um plano não concreto e imaginário somente, mas em função da fundação de

padrões de beleza escolhidos via identificação com o pai e seus substitutos e formas institucionais que deverão lhe tomar o lugar no decorrer da evolução e das diferentes localidades. Vemos que Darwin parece jogar com algo que anteriormente se mostrava como um gozo terrível, o ciúme do pai, a violência intensa daí decorrente, e uma evolução de algo que se apresenta incipiente como um 'nome-do-pai'. Penso nisso, apenas para jogarmos com aproximações, na questão da evolução dos instintos sociais simplesmente, que possibilitou uma inversão, como diz Tort, da seleção natural pelos meios da própria seleção natural pela ação da seleção sexual. Será que a diferença da diferença encontra aí, -- na sua aparição, para Darwin, sempre como subversiva ao já dado, às formas já 'acabadas' --, como modo de dizer, de modo diferente da de Freud, que algo do faltante sempre comparece aí? Enfim, essas aproximações nos fazem pensar qual Darwin estará presente em Freud, de qual Darwin Freud se serve para se inspirar e dar lugar ao seu peculiar 'ensaísmo' biológico.

A continuidade da proliferação de grupos (hordas) diferenciados de que ele se utilizou para pensar a variedade de padrões de beleza se aplica à variedade de manifestações de gostos, sempre eróticos, e de linguagem (como nos deteremos no próximo ponto desse capítulo). Assim, em *A origem do homem* ele analisa as diferenças pela variação de sujeitos e modos de interpretação do mundo. Darei alguns exemplos do que considero, à primeira vista, o encontro de um cavalheiro inglês com o que ele (sua cultura) chama de "selvagens", e as diferenças, que a pesar do lugar em que está, junto ao explorador colonialista, o impressionam e que lhe possibilitam ver algo que se espelhará em sua obra, justamente a proliferação das diferenças, uma visão começando a ensaiar uma descentralização. Chama-lhe a atenção o modo, por exemplo, como se pintam e se aparelham esses "selvagens" e as falas e justificativas que eles próprios dão sobre uso de adornos, técnicas de marcar o corpo, os lugares onde os corpos são marcados na beleza de mulheres segundo os costumes de cada sociedade, etc. É sempre algo do corpo remetido ao outro. Vejamos:

Na África Central, as mulheres perfuram o lábio inferior e enfiam ali um cristal, que com o movimento da língua, apresenta "um moviemnto contorcido indescritivelmente ridículo durante a conversação". A mulher de um chefe de Latuca, referindo-se à esposa de Sir Baker, disse-lhe que ela "ficaria com aparência bem melhoraa se extrairse os quatro dentes frontais da queixada inferios, e introduzisse um comprido cristal pontudo no beíço inferior". Mais para o sul, entre os macalolos, o lábio superior é perfurado, e um brinco confeccionado em metal e bambu, cujo nome é "pelelé", é enfiado no orifício. "Isso fazia com que o lábio daquela dama se projetasse duas polegadas (5 cm) além da ponta do nariz. Assim, quando ela sorria, a contração dos músculos elevava-o acima dos olhos.

-- Por que as mulheres usam essas coisas? -- perguntou alguém ao venerável chefe Chinsurdi.

Evidentemente surpreso ante aquela pergunta tão idiota, ele respondeu:

-- Para ficarem bonitas! Que fariam elas se não fosse isso? Os homens têm duas barbas; elas, não. Que tipo de pessoas seriam elas se não fosse o pelelé? Imagina a pobrezinha com uma boca igual à do homem, mas sem barba nenhuma para enfeitá-la!" (DARWIN, 1871 p.507).

É fato notório que, entre os hontetotes, a parte posterior das mulheres se projeta extraordinariamente. Elas são esteatopíguas. Sir Adrian está certo de que essa peculiaridade é grandemente admirada pelos homens. De certa feita ele viu uma mulher considerada uma beldade, e cujo traseiro era tão grande que, quando ela se sentava no chão, não conseguia se levantar, tendo de ser empurrada para frente até chegar a um local onde houvesse um desnível. Em várias tribos negras algumas mulheres possuem essa mesma característica e, de acordo com Burton, os somalis, "segundo se diz, escolhem suas mulheres, dispondo-as em linha e de costas, dando preferência àquela que possuir o traseiro mais proeminente. Nada pode ser considerado mais horroroso para um negro do que a antítese desse perfil" (DARWIN, 1871, p.509)

Com respeito à tatuagem, disseram-me certos missionários da Nova Zelândia que, quando tentaram persuadir algumas moças a suspender aquela prática, elas responderam: "Temos de ter algumas linhas em nossos lábios, pois do contrário, quando crescermos, seremos horríveis!". Com os homens neo zelandeses um observador altamente capacitado disse: "Ter rostos tatuados com capricho er a grande ambição dos jovens, quer para torna-los atraentes para as moças, quer para que fossem notados durante as batalhas" (DARWIN, 1871, p.509).

Como se pode notar, a seleção sexual na natureza e nas civilizações procedem a princípio de um modo semelhante, a ação de um jogo de gostos e de suas variações. A modificação responsável pela versão civilizadora, no entanto, mostra, para Darwin, um deslocamento de diferenciação muito veloz e diferenciado, ele nota a ocorrência quase disparatada do que ocorre entre diversas civilizações, diversas tribos e até diferente indivíduos. Ou seja: os locais do corpo onde a escrita se insere, onde incide a seleção que podemos chamar de incidência do significante no real de traços distintivos e 'simbolizadores' desse corpo. Isso não estará muito distante do que Freud compreenderá como erogenicidade, como local do corpo e o gozo daí advindo pela cultura e pela linguagem, como veremos no próximo capítulo. Mas do que se trata aí? A seleção natural, pensa Darwin, sendo, portanto, 'dominada' e controlada graças aos recursos da linguagem, que por sua vez é laço social, perde sua força ao se erigir em seu lugar sua função social e determinante também do gosto e das convenções, ou seja, a linguagem. Se há o capricho da seleção natural à qual todos os seres vivos estariam submetidos, se há um real que se impõe como propriamente não-sentido, nó de cisão, como falta constitutiva, será nesse lugar mesmo que, para o ser humano, se instalará a questão do laço social e da linguagem. Se a seleção natural é força cega e destrutiva, um real destrutivo, deve-se pensar que o dito *Homo sapiens*, na sua história evolutiva, começa a sofrer em seu corpo e em suas atividades, pelo que se constata pela confecção de objetos, pelos desenhos nas cavernas, entra em cena um processo de redução do imagético na direção de

convenções. O exemplo é o *aleph* que tinha sua origem na representação de uma cabeça de boi. Essa cabeça, como bem se pode ainda perceber, apresenta-se de forma invertida, com os chifres para baixo. Ela perdeu a sua imagética e virou puro traço, diríamos, letra diferencial. A lógica disso é uma série de traços que se sucedem formando uma série contábil. - Lacan fala de algo muito inaugural e que causou-lhe grande comoção: traços simples como palitos marcados sobre um fragmento de osso, que supõem a contabilidade de animais caçados durante um dia. O advento de uma escrita, de uma organização de traços simples, traços de contagem, de puro difenrenciamento na série, onde, podemos dizer, o real - e colocamos aqui também a seleção natural - é atingido no momento mesmo de seu surgimento que é sua exclusão da série, ele fica de fora dessa contagem, desse primeiro momento de controle. Seria, como Lacan aponta, como entende o lógico alemão Frege, que, ao estudar os números, pensou no *zero* como conceito de algo, que não seria número, mas que funda logicamente a série numérica. Ou seja, que deixa algo excluído, mas que retorna insistentemente na repetição. Assim, algo enigmático da série pura de traços corrponde à relação do homem, não com a natureza propriamente dita, mas com a linguagem. A linguagem é um artefato, como Lacan irá dizer no Seminário da Identificação, é uma artefato que ele chama de laço social: o laço social é a linguagem como lugar onde o gozo se articula como buraco, como corpo. Essa marca no corpo, portanto, impede que quase toda força de modificação da seleção natural e da hereditariedade sejam quase eliminadas em sua totalidade. A linguagem é o artefato mais precioso e é ele que modificará o corpo, seja o cérebro (como pensa Darwin) e as habilidades todas que o distigue do restante dos animais. Daí que Darwin fala do domínio, pelo social, da seleção natural pelo processo mesmo de seleção, fazendo com que se sobressaiam as questões envolvidas com o social, social esse possibilitador da invenção de estratégias, cooperação, organização. Veremos no capítulo V, no diálogo Lacan-Darwin, encontramos a dimensão do escrito, do traço, como letra no corpo a partir da fala.

Para Patrick Tort, esse processo que vai da seleção sexual na horda primeva (processo de anulação da seleção natural) à instituição de padrões de beleza na civilização, trata-se de um mecanismo onde ruptura e continuidade estão conjugados no mesmo processo. Tort deu uma preciosa contribuição à leitura de Darwin ao esclarecer a visão deformada que se costumava ter de sua obra, baseando-se somente nas hipóteses selecionistas enquanto áridas e 'cruéis' determinações teóricas da eliminação, ou seja, na distorção que leituras do passado, fundamentalmente ideológicas, e ainda muito atuais, começaram a fazer, relacionando a seleção natural a uma afirmação do progresso e da competitividade da sociedade inglesa capitalista, à superioridade da espécie humana, enfim, desfazendo-se de todo rigor da letra de

Darwin e desfazendo-se da principal característica da ciência de Darwin que é sua intervenção sempre minimal e fragmentada e nunca universal e cosmológica. A contribuição de Tort foi reler a obra de Darwin levando em conta sua antropologia contida em *A origem do homem* e em *A expressão das emoções no homem e nos animais*. Ele pode resgatar um Darwin 'diferente', um pensamento que tinha uma ambição agora muito evidente e clara, que era procurar saber da especificidade do homem a partir da natureza, como, para ele, ela se apresentava, e não alguém que simplesmente brandia um saber teórico e concepções como modelos morais preestabelecidos, como faria um Spencer, por exemplo, ou um Malthus, mais anteriormente. Não, a obra de Darwin é antes de tudo uma proposta inacabada e repleta de questões em aberto ou não 'respondidas', que ele mesmo se esforçava o tempo todo em colocar para si mesmo, compartilhando, inclusive, com o leitor.

Tort mostra que, em *A origem do homem*, Darwin fala a respeito do lugar da solidariedade em sua teoria. E que muito antes de ser compreendida como questão moral, a solidariedade em *A origem das espécies* já tinha seu lugar na natureza graças aos fatos mesmos da observação dos encadeamentos ditos hoje ecológicos, das cooperações entre os seres vivos, assim como a competição, como constituindo a própria rede de expansão da árvore da vida, com seu novos ramos (modificados) e suas perdas. Portanto, com o processo civilizatório, iniciado pela horda primeva (pressuposição de Darwin), um componente forte de cooperação é chamado para explicar a origem do homem. Darwin pensará a força que a seleção sexual (pelos instintos sociais) desempenhará para que a seleção natural se sobreponha.

É, no fim das contas, como entende Tort, Darwin indo na contramão do discurso dos críticos e do meio científico que carregava as tintas ao demonizar a 'luta pela existência', 'a seleção natural', o 'aperfeiçoamento' pela competição, e o tão criticado ou também reverenciado egoísmo do cada um por si.

Em relação a isso, já tive a oportunidade de observar *en passant* o quanto Darwin está enraizado em sua cultura, que, os valores que o acompanham, os de sua formação, são aqueles mesmos que formataram o mundo do colonialismo desde seus inícios. E que tenho insistido também na ideia de que Darwin não seria Darwin se ele não fosse justamente mais um entre outros situados nesse lugar, nessa 'missão civilizatória' pelo mundo, nesse modelo civilizador que não passa de um verniz que disfarça, segundo Lacan, uma civilização de "corsários" entre assaltos e pilhagens. É preciso, no entanto, dizer algo ainda a esse respeito, pois Darwin, embora construísse algo ao qual ele foi levado pelo seu desejo, algo subreptício e subversivo a partir da fineza, ele, ao mesmo tempo, acreditava na civilização e na "moral (sexual)

civilizada". Suas referências idealistas são o sujeito transcendental kantiano, nomeadamente o imperativo categórico - um dia o homem poderá atingir uma nova condição onde o dever interessará somente enquanto dever, revela ele esperançoso. Suas conclusões pessoais no final do livro sobre o homem, ousou dizê-lo, se precipitam quase como um arroubo de otimismo e apologia aos valores civilizatórios. Chega a ser constrangedor, e é essa parte, que não bate com os tortuosos caminhos do enigma que a sua praxis revela, de uma escrita revelada a ele na leitura que faz da natureza, ao ponto de quase nenhum comentador se interessar de fato por comentar a respeito dessas conclusões 'repentinas'. Tudo se passa, nesse discurso 'encobridor', como se tratasse de um conflito em que pontos mais difíceis e enigmáticos fossem seguidos de um esforço de 'reparação' (no sentido um pouco kleiniano do termo) na forma de uma retórica otimista e idealista. Pois bem: é claro que, em a *Origem do homem*, Darwin se utilizará da apologia à moral para compensar, reparar os danos que, para nós, a inclusão do real nos mecanismos da natureza e no surgimento da nossa espécie trazem de embaraçoso e com muitas contribuições para o campo da ética. Mas entende-se também que ele, Darwin, apoia, também em parte, toda essa parte otimista numa formulação moral bastante familiar aos ingleses e americanos, o utilitarismo (DARWIN, no texto, se refere somente a Stuart Mill). Lacan situou o utilitarismo de forma muito precisa, como formulação moral que, segundo ele, permitiu a Freud o desvendamento do surgimento de uma práxis na total contramão do pensamento de Jeremy Bentham e John Stuart Mill, uma práxis, a da psicanálise, voltada à singularidade, à fineza radical através da qual uma análise faz seu percurso. Talvez me pareça um pouco precipitado, da parte de Tort, analisar esse recurso reparador e otimista, -- afinal, tão típico da moral civilizada, e de sua desgraça! -- como uma prova de que ele não era o que os comentadores e as demais leituras acreditavam ser a partir das formulações selecionistas de *A origem das espécies*.

Há de fato, como procuro sustentar, uma torção de *A origem das espécies* para a *Origem do homem*. A hipótese da horda primeva não é de outra coisa que se trata - a civilização nos seus primeiros passos através de um pai terrível que tinha tudo para si, e aí a questão do sexual incluída como fundamental. Se há participação da desordem na modificação das espécies, não será diferente para o caso dos homens em sociedade - ou seja, é o movimento da desordem - o real - como ponto responsável pelos caminhos de uma escrita. O social é 'união', mas implica conflito, guerra, equívoco. Disso tudo ele sabe e escreve. Mas fica evidente que a leitura dessas partes do livro - especificamente nos capítulos III e XXI ("Resumo geral e conclusão") - repentinamente arrastam o leitor ao que parece ser uma mensagem de 'paz' e 'otimismo' que - se tudo der certo - a civilização chegará a um ponto

onde tudo poderá se harmonizar...Há algo aí de um lamento sob esse véu de 'otimismo', uma tentativa de sustentar a moral e os propósitos civilizatórios, mesmo sabendo que nada mais poderá ser como antes.

Não, não é essa apologia ao bem comum que faz a diferença, esse Bem utilitarista, afinal de contas, sempre tão atraente e fácil. A diferença está, sobremaneira, na ideia de pensar relacionalmente, na forma de rede, de horda, de família, enfim, do social como o fator impulsionador da sociedade civilizada que implica necessariamente em contrariedades muitas e, sobretudo: *produção de singularidades*. Isso implica em violência, mais precisamente, em subversão, em descentralização, em precisão, em finitude dentro da infinitude, do único e fatal, embora sempre outro no tempo.

Ora, Darwin era reconhecidamente um 'homem do bem' ou um 'homem bom', um 'pai afetuoso' e um 'bom marido', todos esses pequenos clichês da boa imagem que disfarçam mas que, no caso de Darwin, ao mesmo tempo esbarravam em algo pertinente a um homem notória e efetivamente marcado pelo signo da ternura. Suas últimas palavras no leito de morte foram dirigidas à esposa. Ele disse que a amava. E pediu que dissesse aos seus filhos (ausentes naquele momento) o quanto também os amava profundamente. Todos os comentaristas e biógrafos ressaltam o profundo amor que tinha por Emma e pela família e, sobretudo, o contraste que existia entre essa vida familiar, ordeira e alegre, e a angústia decorrente das articulações que sua leitura e sua escrita lhe impunham, o acoassavam.

Trata-se, portanto, de outra coisa. Não se trata tanto de um momento de projeção, na natureza, dos valores de competição e crueldade da sociedade inglesa, o que de fato ocorre, mas creio ser, antes de tudo, algo que diz respeito, para nós, ao lugar do homem como sujeito para a ciência moderna e para o capitalismo. É a lógica do reviramento de que se trata, o sujeito daí resultante que está em jogo, para além do fato de em qual cultura ou qual valor é projetado. O que as indagações de Darwin fazem aparecer é um ponto de retorno de uma questão do Ocidente nas fundações mesmas do discurso da ciência moderna e do capitalismo desde os seus começos, discursos ou máquinas de processamento que espalham suas ideias e tomam as dimensões planetárias que testemunhamos nos dias de hoje com sendo a dita globalização. O fino constrange o global, constrange o totalitário. O delicado e o inútil, o não visto, atravessam o caminho do Império e desafiam o senhor em sua própria casa.

Como coloca Despret, a grande e clássica questão da objetividade, do sujeito e do objeto, também se coloca aqui, pois é inevitável que cada cientista, etólogo, primatólogo, enfim, observador especialista de animais veja no que observa em campo o que melhor lhe aprouver. O observador vê com os recursos simbólicos que determinam o seu olhar. Ele é

olhado, dentro da lógica escópica, e, como se diz, projeta valores de sua *Weltanschauung* que formam a tela pela qual se vê o que se observa. Despret nos remete ao naturalista anarquista russo Pierre Alexandre Kropotkine que, na época, final do séc. XIX, em suas excursões pela Rússia, constatava justamente o que se apresentava o 'oposto' ao darwinismo,

Longe de ver esta luta pela sobrevivência de animais de bicos e garras afiados, ele continua, eu só vi provas de apoio mútuo, de amizade e de solidariedade: alimentar o estranho, adotar o órfão, ajudar o outro que está em dificuldade colocando em perigo, às vezes, sua própria vida, eis como se comportam os animais. Em nenhum lugar, conclui Kropotkine, pude ver esta luta de uns contra outros, esta competição feroz em torno dos recursos. Não somente os animais evitam a luta, ao contrário do que dizem os darwinistas, mas se ajudam mutuamente (DESPRET, 2011 p. 63).

Mas Kropotkine era um anarquista engajado e os estudiosos viram nas suas observações o filtro ideológico que fazia com que ele procurasse na natureza as fundamentações da solidariedade. E o contraste resultante disso era quase absoluto com o que Darwin teria observado tendo por suporte os valores competitivos e de violência da sociedade Inglesa. Parece-nos que antes de mais nada, entre Darwin e Kropotkin, existe uma questão moral, variável, decorrente de variações ideológicas, geográficas, entre outras. O ponto que nos interessa talvez esteja em outro lugar, e não na cena do que seja mais solidário ou do mais cruel. Para Darwin, solidário ou não, o que ele apontava é, para nós, algo condizente com o real que podemos também denominar de luta pela sobrevivência, lugar onde as soluções se engendram na natureza na urdidura da rede.

Mas Darwin se distingue em um aspecto importante, e, lógico, condicionado pela nossa aposta lacaniana, que informa e instrumentaliza o que escrevo, de que há o Corte. Qual seria, então, essa distinção? Distinção que se mostra com toda a clareza: a dimensão do traumático. E não uma dimensão traumática que reporta uma atribuição de violência e crueldade, por haver ou não solidariedade ou 'bondade' entre os animais - porque isso varia conforme a visão e concepção daquele que observa. Outros autores, antes de Darwin já haviam adiantado esse aspecto, que bem representaria o fenômeno mesmo da presença dos valores burgueses projetados na natureza, como o botânico Augustin Pyrame de Candolle (1778 – 1841), por exemplo, segundo o que Darwin aprendera nas aulas de Ciências médicas nos tempos de Edimburgo. De Candolle já mostrava sua concepção da natureza como uma guerra "de todos contra todos", adiantando a ideia de competição na natureza. Mas o traumático que Darwin aponta é, - além do que percebeu De Candolle como a simples guerra e a violência competitiva das espécies -, é uma violência que está em jogo no *deslugar* do homem na série animal e o mal estar e desamparo num mundo sem um Agente Divino e nem

mesmo humano com sua ciência todo-poderosa. Isso significa mostrar que os mecanismos produtores de diferenciação da diferença são os mesmo para todos os seres vivos e, portanto, no caso do homem compreender e chegar a consciência da imensa rede de escrita que o determina. É importante então saber e situar que determinada espécie de homínideo é, até o momento de entrada no processo civilizatório, uma espécie submetida às forças da seleção natural e da seleção sexual. Mas que será por força da seleção sexual que, segundo Darwin, só uma e única vez poderá ocorrer com uma espécie animal precisa e contingente a um só tempo. O acaso e a contingência são os elementos fundamentais que, juntamente com a seleção sexual (a serviço da sobrevivência) propiciaram a uma precisa espécie uma determinada metamorfose responsável pelo surgimento dessa quebra, desse furo, que constituirá o humano. Como dizia S.J.Gould, se voltássemos a história para trás e retomássemos de um ponto bem anterior ao momento que enfocamos (momento este, para Darwin, que é bastante lento e paulatino), nada ocorreria do mesmo modo. Isso costuma nos chocar, mas apenas indica que em nenhum lugar - e esse consiste um princípio anti-idealista bastante evidente em Darwin, a saber: que em lugar nenhum existe a Essência Humana à espera de sua realização universal e cosmológica dada a urdidura fatal e precisa da trama. Freud também se influenciaria por essa base radical da transmissão do pensamento de Darwin que já colocava o objeto como perdido junto ao ser vivo na natureza, mais precisamente, na questão do homem e seu lugar na natureza. Em Freud, concentrado apenas no homem e sua psique, não esquece a base que estrutura o cerne de seu pensamento e de suas convicções materialistas adquiridas não por quaisquer materialistas. São conhecidas as palavras de Freud que, segundo penso, mostram a linhagem, a ligação do pensamento de Freud ao de Darwin.

(...) o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início. Não pode haver dúvida sobre sua eficácia, ainda que seu programa se encontre em desacordo com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo. Não há possibilidade alguma de ele ser executado; todas as normas do universo são-lhe contrárias. Ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja "feliz" não se acha incluída no plano da "Criação" (FREUD, 1930[1929]/1987, p. 94-95).

O ateísmo de Freud não é um produto apenas intelectual, ele é antes de tudo tributário da identificação de Freud com a questão de Darwin com o tema do desamparo e da inadequação do homem em relação à natureza. A neotenia mesma, também pensada por Freud, é uma atribuição utilizada para pensar a função de reequilíbrio, de compensação constante e vacilante a essa inadequação constitutiva, sua função é, por exemplo, no Projeto e

também no texto da Afasia, essencialmente adaptativa, pois adaptar é o movimento mesmo que denuncia o desequilíbrio constitutivo (o que é totalmente diferente do adaptacionismo).

Darwin quer mostrar isso: a evolução é uma montagem e suas combinatórias, suas modificações, efeitos da seleção natural e sexual. São modos de contornar as situações adversas e ameaçadoras. O aparato psíquico é justamente o modo com que a linguagem, modo de seleção reinventada pelo laço social que dispõe da significantização do mundo.

E é perseguindo os passos, as "migalhas" [refiro-me ao modo como, no Seminário VII *A ética da psicanálise*, Lacan se refere às "migalhas" do artista que precede o analista, este último seguindo suas pistas] da evolução que as questões poderão ser estudadas pelos biólogos, ou por tantos outros. Em relação à nossa espécie, a sua aparição é praticamente um milagre, comenta S.J Gould: de tantos possíveis, surgiríamos nós, algo de fato único, talvez, se calculado estatisticamente, quase impossível. Isto, já de saída, exclui por completo o sujeito clássico filosófico, uno e racional, e o idealismo, e propicia o caminho para se pensar um sujeito que é, antes de mais nada, efeito de todo movimento contingente e de escrita que já o antecede. Isso constitui fundamentalmente o sentido traumático da 'revelação' darwiniana. A revelação de uma desacordo, de um desajeitamento, afinal, do deslugar do homem na série animal e, na verdade, em relação à história de todos os seres vivos.

Isso tudo representa, evidentemente, paradoxos. Tort mostra também que Darwin acreditava que o homem representa em relação aos demais animais (e à árvore da vida), uma relação dupla e paradoxal: a um só tempo continuidade e descontinuidade. Para enfatizar e melhor transmitir o fundamento do que chamo do conjunto de leitura e escrita, que aqui também chamo de montagens darwinianas da natureza, Tort se serve da banda de Moebius. Esse modo êxtimo de circulação que está fora e dentro, concernente à ausência mesma que atua em sua pesquisa, ausência, deslugar, indagação difícil sobre o lugar do homem, tanto como espécie quanto como o homem na sua intimidade mesma, de Darwin ele mesmo, da sua vida pessoal e sua angústia.

A banda de Moebius mostra que civilização e natureza ocupavam lados distintos de uma mesma superfície moebiana, ou seja, em uma banda unilateral, mas relacionadas por uma torção. Curiosamente, ao pensar a ruptura na continuidade pela *ilustração* da banda de Moebius, Tort parece não levar em consideração que a torção não apenas se aplica apenas o modo 'desconcertante' com que o objeto topológico permite ver uma relação cultura-natureza, mas que ela diz respeito também ao sujeito - ele é dentro e fora no tempo, ele é a torção mesma e não a banda simples. Se, pelas pontas de um folha de papel em forma retangular, temos a-b e c-d. Cola-se a com b e c com d, temos uma banda simples, ou chamada pelo

topólogos de banda bilateral. Para formar uma banda de Moebius, com esse mesmo papel faz-se uma torção, colando-se a com d e c com b. A torção que traz uma leitura topológica dessa ideia fundamental de Darwin mostra, declara Tort, a um só tempo ruptura e continuidade na relação homem-natureza, ou seja, da relação homem e demais animais. No caso da banda simples, a forma impõe uma separação rígida entre as superfícies: uma coisa é a natureza e outra o homem. A banda simples, portanto, sugere uma separação totalmente não síncrona com o verdadeiro espírito científico moderno, pois somente através da torção é possível pensar com eficácia e riqueza de desdobramentos importantes a inserção do homem na série animal. Somente assim fazemos alguma coisa ao se valer da prática científica verdadeiramente rigorosa para se extrair o fenômeno do ser humano. Se não pensarmos assim, ficamos paralisados na *escala naturae* aristotélica, nas hierarquias religiosas ou na indiferenciação do puro materialismo fisicalista, para enumerar modos fundamentais de não querer saber do furo que essa topologia moebiana vem imajar. Nada mais apropriado do que essa apresentação topológica para ajudar a pensar o enigma que Darwin se coloca. Se a banda simples apresenta uma separação entre dentro e fora, eu e outro, a banda de Moebius apresenta que o dentro é o fora ao circular na sua única face torcida.

Temos, acredito, nesta topologia, algo de rigor à respeito de um 'monismo', à altura do que se trata, a saber: do natural ao artificial. Do concreto ao idiossincrático e erotizado. Fiquemos com esses dois por um momento. Em outras palavras, um mesmo traço extrapola e adentra uma outra dimensão sem sair do trilhamento da mesma face da banda. Uma banda se faz outra graças a uma torção simples. E há nesse caminho, quando passa-se o dedo na banda, uma matização, um degrade? onde coisas de um lado quanto do outro se adentram umas nas outras.. No primeiro caso, exemplifico a hipótese da horda primeva, que do natural revela-se o artificial por função da torção e não do rompimento separador. Vê-se claramente que essa transformação está justamente relacionada a um acontecimento cultural dentro de um grupo quase-animal ou quase-humano. Darwin, no ápice do ambiente vitoriano, fala do que, no pai, algo já precisa ordenar as relações no grupo, e não como um dado natural, quando a razão (ou a teologia) acredita na natureza como disposição de uma agenda racional a ser cumprida de forma automática, uma agenda genética, como se diz nos dias atuais, que o corpo cumprirá 'naturalmente', maquinalmente, ou uma informação vinda de uma catalogação diagnóstica. Trata-se de um acontecimento, portanto, que mostra uma outra coisa, o tempo todo tensional, que se modifica e não se acopla naturalmente. É como se Darwin dissesse: o homem se origina justamente dessa tensão, dessa abertura potente onde habita algo do acontecimento. O

natural, portanto, se desnaturaliza na lógica da banda de moebius, onde o sujeito do inconsciente pulsa nesse lugar do sujeito da ciência.

Em segundo lugar, é essa passagem do concreto ao idiossincrático e linguajeiro. Essa passagem é bem exemplificada em algumas considerações de Freud a respeito da lida com as histéricas. Ele cita Darwin no momento em que leva em consideração as intuições darwinianas para explicar certos fenômenos histéricos. Ora, como diz Darwin, no princípio era o ato. E conforme a evolução e as modificações, o sujeito vai se separando do ato concreto para aceder à palavra, à "simbolização". Para Darwin, em *A expressão*, em tempos remotos, linguagem e ato constituíam uma e só coisa, e essa ideia darwiniana explicaria na evolução, na história, a tomada literal das expressões "bofetada na face" e "punhalada no coração" de suas pacientes. O que acontecia era o retorno a "sensações às quais a *expressão linguística deve sua justificativa*" (BREUER; FREUD, p. 181).

Essa contribuição de Darwin ao pensamento de Freud é já não concreta, mas remete-nos a uma perda do objeto e a inscrição de um traço que evolutivamente explica o fenômeno clínico naquele momento de Freud com as histéricas. O concreto desaparece, porque a origem está desde sempre perdida ou, pode-se dizer, na brecha que a escrita darwiniana aponta algo e mostra conjuntamente à causa do desejo. Isso impressiona: de onde brotam as brechas, as manchas na superfície do discurso da ciência, emana daí o desejo como Hímeros, o efeito-sujeito pelo olhar como causa de desejo.

Em algumas das páginas mais brilhantes de seu Seminário, precisamente no Livro VII - *A ética da psicanálise*, Lacan encanta-se com a figura de Antígona. E como isso se faz sentir em Darwin quando percebemos que uma tal ética, podemos dizer de alguma maneira *avant la lettre*, mostra, curiosamente, o gume afiado que ratifica o próprio rigor científico, se pensarmos em Freud. O rigor de Darwin, notoriamente inspirador de Freud, é o rigor que só o não-saber engajado pode obter. Admitindo algo que não se acaba, que se prodigaliza em traços divergentes e surpreendentes, que o seu objeto está sempre oculto por detrás da rasura que articula constantemente a árvore, onde articula suas montagens significantes em torno de alguma coisa que brilha e que é, na verdade, o corpo da tradição cartesiana readquirindo e deixando-se rachar pelo vazio [Descartes nunca deu oportunidade ao vazio, ele não admitia o vazio na sua física], que conseqüentemente lhe oportuniza ser visto como torto que intermedia o real mortal. Sua base é esse corpo que precisa ser furado e que se lhe abra o pulsional, e esse Eros que Darwin passa a ver na natureza ao criar o recurso da seleção sexual. Segundo Lacan, o belo contorna o real, como última barreira ao horror do real. Esse belo que é hímeros [Seminário VII *A ética da psicanálise*], objeto olhar causa de desejo, que é sobretudo o **torto**

enigmático, motor da observação de Darwin e de suas coleções. Motor que surpreendente ao possibilitar o emparelhamento da ética, da estética - ou seja, da est'ética -, com o próprio rigor da fineza que o reformismo na biologia exigiu.

5 ESCRITAS

Gostaria de ater-me um pouco mais naquilo que tenho chamado de "reviramento" e/ou "extrapolação", que é o ponto em que, a partir do materialismo fisicalista de seu tempo, Freud vê saltar ou testemunhar um novo campo que se abre diante dele e que ele nomeará psicanálise. Devemos desenvolver isso como intento de mostrar o quão discursiva é a transmissão e a influencia de Darwin sobre Freud e seu tempo. Creio ser correto constatar que esse reviramento equivale à fórmula lacaniana da equação dos sujeitos, como mostrei no início do primeiro capítulo: o sujeito da ciência é o mesmo sujeito da psicanálise. Traduzindo: no lugar do corpo da ciência, surge o corpo modificado pelo significante. Embora o monismo de Freud fosse insistentemente refratário a qualquer coisa que o distraísse do rigor da ciência natural racional, ele paralelamente caminhava na contramão, na direção de uma subversão da ciência de seus mestres a partir do interior dela própria. Trata-se da subversão que é a do sujeito dentro mesmo do materialismo fisicalista, não sem se servir dele. É nesse ponto que podemos, posteriormente, situar a presença de Darwin, cuja teoria trazia uma novidade que agitou os meios científicos europeus, e que trouxe consigo uma leitura inédita do evolucionismo e da natureza, chegando ao homem e sua modificação corporal e o lugar da cultura nesse processo. A presença de Darwin é uma influência importante em Freud no que tange ao corpo e sua escrita dentro do seu almejado monismo. O monismo freudiano é, aliás, em si mesmo, a ideia de um reviramento que tem no corpo o lugar de suas maiores indagações. Sendo assim, apresento ao todo tres momentos onde esse reviramento está em questão, na medida em que se relacionam a Darwin. São, portanto, as tres partes: 1) a posição inicial do jovem Freud em relação à ciência de sua época; 2) a influência de Darwin através de sua experiência no laboratório de seu professor de fisiologia, Ernest Brücke; e 3) a concepção de linguagem para Darwin, dessa vez articulada a desdobramentos no campo lacaniano.

Segundo Assoun, é problemático

quando apresentamos Freud como um neurólogo descobrindo a psicanálise. A psicanálise não é uma disciplina descoberta por Freud, mas o produto da emergência de um tipo novo e específico de saber como resultante de um processo determinado de que Freud é o lugar e o agente. Donde a continuidade da gênese, contrastando com a descontinuidade do objeto. Precisamos compreender por qual processo se faz essa genealogia de um tipo de saber extraído de suas formas anteriores e afirmando-se como *sui generis*. A partir de elementos conhecidos da biografia intelectual de

Freud, trata-se de reconstituirmos esse mecanismo de engendramento, por um deslocamento dos saberes constituídos que, progressivamente, descobrem uma praia nova, lugar diferencial que os tipos de saberes antigos não esgotam (ASSOUN, p. 113-4).

5.1 A posição de Freud

É importante mostrar o processo das elaborações que encontrarão seus primeiros traços e seu espaço pelo menos duas décadas anteriores à *Interpretação dos sonhos*, ou seja, que retomam mais especificamente o tempo na experiência de Freud como neurocientista e neuropatologista na Universidade de Viena e logo após.

Nos tempos de Charcot e seus professores de Viena, um momento que me parece muito rico mostra-nos como se dá a abertura, a brecha e a fresta por onde algo se deixa entrever furtivamente dos bastidores da ciência de sua época. Nesses bastidores adentramos justamente na fineza de Freud, quer dizer, a passagem precisa, os furos por onde a "peste" haveria de penetrar inevitavelmente. Essa percepção, relata Freud na *Autobiografia*, se dá através da fala de seus mestres e professores, das autoridades de então, em boa parte darwinistas, por ele tão admirados, “cujos pontos de vista tinham merecido meu mais profundo respeito”. Vejamos os exemplos que o próprio Freud destacou: Breuer, Charcot e Chrobak* (Rudolf Chrobak (1843-1910), ginecologista e professor da Universidade de Viena):

Esses três homens me tinham transmitido um conhecimento que, rigorosamente falando, eles próprios não possuíam. Dois deles, mais tarde, negaram tê-lo feito quando lhes lembrei o fato; o terceiro (o grande Charcot) provavelmente teria feito o mesmo se me tivesse dado vê-lo novamente (FREUD, [1914] 1974 p. 22-23)

Podemos perceber aqui claramente que Freud coleta os restos do discurso da ciência, mais precisamente o que é descartado por esse discurso. Ele coleta o lixo, pois é do lixo que se trata. Freud lixeiro. Vejamos.

Após receber notícias do estado de uma paciente sua através de seu marido, Breuer, em uma conversa informal com Freud, faz o seguinte comentário:

Estas coisas são sempre "*secrets d'alcôve!*". Perguntei-lhe assombrado o que queria dizer e respondeu explicando-me o termo *alcôve* (“leito conjugal”), pois não se deu

conta de quão extraordinário o assunto de sua declaração me parecia (FREUD, [1914] 1974 p. 23).

Em relação a Charcot, Freud menciona uma conversa que ele ouvira entre o grande mestre e um de seus discípulos sobre um determinado caso de um dia de trabalho no hospital. Tratava-se do caso de um casal vindo de um país distante do Oriente, a mulher vítima de uma doença grave e o homem impotente “ou excessivamente desajeitado”. Durante a conversa

Charcot de súbito irrompe: ‘Mais, dans des cas pareils, c’est toujours la chose génital, toujours...toujours...toujours’* [NOTA: Mas nesses casos a coisa é sempre genital, sempre...sempre...sempre...]; e cruzou os braços sobre o estômago, abraçando-se a si mesmo e pulando para cima e para baixo várias vezes com a animação que lhe era característica. Sei que por um momento fiquei quase paralisado de assombro e disse para mim mesmo: ‘mas se ele sabe disso, por que não diz nunca?’” (FREUD, [1914] 1974 p. 24).

Isso, de certa forma, já havia acontecido anteriormente em relação a Charcot. Referimo-nos à recepção deste ao estudo de Freud que o próprio Charcot lhe encomendara, que comparava as paralisias histéricas e as paralisias de etiologia orgânica. Este estudo seria publicado em francês sete anos depois desse episódio.

Desejava estabelecer a tese de que na histeria as paralisias e anestésias das várias partes do corpo se acham demarcadas de acordo com a idéia popular dos seus limites e não em conformidade com fatos anatômicos. Ele concordou com esse ponto de vista, mas foi difícil ver que na realidade não teve qualquer interesse especial em penetrar mais profundamente na psicologia das neuroses. Quando tudo já havia sido dito e feito, foi a partir da anatomia patológica que seu trabalho havia começado (FREUD, 1924 p.25).

Quantas vezes nos deparamos na obra de Freud com ‘a idéia popular’, poderíamos dizer, da gente "comum", que demarca o corpo como nos sonhos, como algo de rejeitado pela alta cultura e pelos valores ou princípios fundamentados pelo discurso da ciência. Como, por exemplo, algo "grosseiro", vindo da boca de Chrobak, o ginecologista da Universidade de Viena, em relação a uma de suas pacientes, cujo marido vinha a ser impotente e que não se via mais possibilidade de cura para o caso: “A única receita para essa doença, acrescentou, nos é bastante familiar, mas não podemos prescrevê-la. É a seguinte: ‘*R. Penis normalis dosim repetatur*’” (FREUD, 1924 p.24). Do mesmo modo, no que ainda diz respeito ao ‘popular’, algum tempo mais tarde, na disposição dos textos para o *Estudos sobre a Histeria*, Breuer e Freud mantinham ideias bem opostas. Breuer se fixava à sua hipótese dos estados hipnóides, enquanto Freud cada vez mais via se confirmar o caminho ao qual suas hipóteses

da defesa o conduziam, que não se baseava em nenhuma fundamentação científica alheia à sua observação e seu trabalho. Freud nos diz com simplicidade que Breuer tinha

“(…) a sua teoria fisiológica: julgava ele que os processos que não podiam encontrar um resultado normal eram aqueles que se haviam originado durante estados mentais ‘hipnóides’ inusitados. Isso provocou a questão ulterior da origem desses estados hipnóides. Eu, por outro lado, estava inclinado a suspeitar da existência de uma ação mútua de forças e da atuação de intenções e propósitos como os que devem ser observados na vida normal” (FREUD, 1924 p. 35)

Assim, em Freud o patológico sempre está em continuidade com o “normal”, com o “comum”, era uma questão de grau e não de natureza. A história da parceria Breuer e Freud, envolvendo o método catártico, é conhecida. O método catártico se constituía da utilização da hipnose cujos comandos visavam restituir o passado nas cenas traumáticas implicadas nos sintomas, cenas e informações que seriam a causa, o elemento motivador dos ataques histéricos. Mas o método nem sempre funcionava conforme o idealizado e os sintomas retornavam na maioria das vezes, rapidamente e/ou em formas semelhantes ou de forma diferentemente associada.

O famoso caso de Anna O., por exemplo, em que Breuer e Freud trabalham juntos, Breuer não suporta e abandona o caso, pois não se encoraja em considerar “cientificamente” a “afeição” de sua paciente por seu médico, como também não teria suportado ou não suportou a ideia de se ver, como era o caso de Freud, desacreditado, isolado. Mas o que o assustou foram, para ele, os descaminhos pelos quais passava o caso, pois lhe escapara ao controle: durante uma das sessões catárticas com a paciente, esta, meio entre a vigília e o estado hipnótico, lhe diz que está grávida de um filho seu. Algo parece aí ter descarrilado em relação às trilhagens previstas pela teoria de Breuer. A postura de Freud, por outro lado, avança para além do limite de uma objetividade científica e percebe que Breuer não pode suportar a transferência da paciente para com ele, provavelmente porque não tinha ainda a preparação para se colocar numa postura “neutra” que evitasse que a sua própria transferência com a paciente o levasse a atuar. Então temos algo importante: a extração de uma outra anatomia a partir da anatomia como prática médica. Essa outra anatomia, e fisiologia, das paralisias e dos ataques histéricos, fanstasmática, totalmente contrária às preocupações estritamente fisiológicas, fazia, tanto quanto a orgânica, que o corpo sofresse, e como colocou Freud, essa anatomia se imiscuía no corpo como forma de “simbolização”, ou seja, como algo endereçado ao Outro. A precisão de um desejo na conversão de uma paralisia em fala, do apaixonamento

da paciente na confissão de amor ao seu médico é que revelou a Freud de que modo a linguagem faz suportar o corpo no laço social e não apenas como objeto de estudo médico.

Esse exemplo que caracteriza o procedimento freudiano, a sua posição que é a percepção de algo sempre em desacordo com o saber 'oficial' de sua época, pela percepção de um furo no 'interior' mesmo desse saber e suas práticas. Quanto maior sua adesão, seu entusiasmo, mas não desatenta ao seu lugar singular nesse universo,- quanto maior sua admiração por seus mestres, maior sua argúcia ao farejar o não dito, os restos da ciência. Por isso, pode-se falar de Freud e sua invenção, como quer Lacan, nesse lugar de resto da ciência, resto rechaçado do sujeito da ciência, ou seja, o sujeito do inconsciente.

Mas é preciso lembrar, ou reforçar, que Freud é nesse momento um médico neurologista, que parte da fisiologia e da anatomia. O descolamento do organismo em relação ao corpo, descolamento entre anatomia médica e anatomia fantasmática é resultado desse furo no saber médico de onde surge a fala na demanda de ser escutado, como a surpreendente irrupção da tal última flor da medicina, uma vez que ela é percebida por um "médico diferente" como Freud. Essa flor está lá, dentro da própria clínica médica, ela surge no mesmo lugar mecanicista da anatomia, da máquina, onde reinavam os cientistas detentores do saber, ou melhor, investidos na sua suposição de saber. Enfim: nada disso aconteceria, essa flor não teria desabrochado, se não fosse a clínica médica, se não fosse o lidar com o corpo e as queixas daí advindas. É impressionante pensar o corpo objeto dos saberes médicos e, no mesmo lugar o acontecimento de gozo, absolutamente desconcertante para a medicina. As histéricas não eram levadas a sério, seus sintomas, diziam os médicos, eram cenas teatrais, puro fingimento. Em termos lacanianos, poderíamos dizer que Freud pode discriminar o gozo dos processos estritamente orgânicos, diferenciando o modo como cada um tem de gozar, fazendo vir à tona o simbólico que trata esse gozo. Trata-se do corpo falante que surge a partir do gozo intermediado pela fantasia ao localizar no corpo a precisão articuladora da palavra.

5.2 A propósito de Ernst Brücke

Aqui estamos na questão central que nos coloca a ideia de 'modificação do corpo', que, ainda que de diferentes maneiras, mas também com muitos pontos em comum, representa uma preocupação tanto em Darwin quanto em Freud. Darwin, no evolucionismo, é quem procura dar respostas à questão da transmutação ou modificação do corpo a partir da sua

ambição materialista (monista) que, para além da seleção natural, pensou na seleção sexual que surpreendeu toda a comunidade científica pelo caráter quase delirante dessa ideia. Aqui há um ponto importante: o lugar fundamental de Darwin na formação de Freud, como havíamos dito anteriormente, é o que marca de forma especial a presença do corpo e a força do imaginário na sua consideração científica: a modificação do corpo pelo sexual, pelas vias do semblante que a natureza apresenta. Darwin procura transpor isso para o universo humano, dando, em sua teoria, início ao processo multiplicador em que essas manifestações no reino animal migram da espécie para grupos pequenos e, finalmente aos indivíduos. Como mostram as históricas, o corpo, na sua fisiologia e em sua anatomia, parece 'enlouquecer'. Para usar novamente a linhagem epistemológica que o próprio Freud construiu, depois de Copérnico, temos Darwin e, em seguida, ele próprio. Isso nos leva a pensar e a desconfiar que a psicanálise, ela própria, aposta nesse modelo darwiniano não sem antes inserir no lugar da 'trasposição' darwiniana uma descontinuidade que é da dimensão do inconsciente, como corte e divisão subjetiva em virtude da perda do objeto. Ou seja, onde havia instinto, coloca-se a pulsão que justamente se instala nas contigências das bordas do corpo como demanda de objetos substitutivos. Mas Darwin não fala, em momento algum em perda, embora demonstre a descontinuidade pela diferença. Lembremos, portanto, da função fundamental da descontinuidade no pensamento de Darwin pela via da seleção natural: se da seleção natural podemos apreender um real que se põe como impasse que resulta em uma solução singular pela diferença, o homem se diferencia do animal justamente por uma falta, dada a sua pertença à rede que o constitui. O laço social viria então recobrir essa falta ao desenvolver ao nível da seleção sexual a dimensão da linguagem. Isto está em Freud em alguns pontos de forma muito semelhante a de Darwin.

Em *O mal-estar na cultura* (1930), Freud discrimina as três fontes de sofrimento no homem donde "provém nosso sofrimento":

o poder superior da natureza, a fragilidade de nosso próprio corpo e a deficiência das disposições que regulam os relacionamentos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade. Quanto às duas primeiras, nosso juízo não pode hesitar por muito tempo; somos forçados a reconhecer essas fontes de sofrimento e a nos resignarmos com a sua inevitabilidade. Jamais dominaremos a natureza completamente, e nosso organismo, ele próprio uma parte dessa natureza, sempre será uma formação transitória, limitada em sua adaptação e em sua operação (FREUD, 1930/2014 p.80).

A terceira fonte de sofrimento, prosseguirá Freud, "a social", é proveniente da "cultura" que, segundo sua definição, designa

a soma total de realizações e disposições pelas quais a nossa vida se afasta de nossos antepassados animais, sendo que tais realizações e disposições servem a dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação das relações dos homens entre si.

Mas antes temos de compreender que a cultura tem seu lugar fundamental na condição neotênica do homem, do bebê situado numa situação de desamparo radical, que, parece, lhe é constitutiva graças à evolução. Ou seja, é o que Freud designa a "fragilidade do corpo" que é, a falta já dada no nascimento, a incapacidade de sobreviver por si mesmo caracterizada pelo recuo da dimensão instintual. Sem os cuidados de um Outro que lhe marque no simbólico, a sobrevivência é simplesmente impossível. Assim sendo, nesse texto, Freud quer desconstruir os ideais civilizatórios e mostrar o paradoxo brutal que é, por um lado, a existência da cultura como modo de proteção contra a natureza e, por outro, a dificuldade de se admitir que algo que visava garantir essa proteção propiciava um mal-estar na própria cultura. Nas palavras do próprio Freud:

não conseguimos entender por que as disposições que nós mesmo criamos não deveria antes representar proteção e benefício para todos nós. Contudo, quando refletimos sobre o quanto fomos mal-sucedidos justamente na proteção contra essa parcela de sofrimento, desperta a suspeita de que também por trás disso poderia haver uma porção de natureza invencível - neste caso, nossa própria constituição psíquica

Darwin, por sua vez, como vimos, coloca a dimensão da cultura como proteção e domínio, contra a *seleção natural*. A cultura é, portanto, constituída pela seleção de traços que são dispositivos protetores e reguladores das relações dos indivíduos entre si dentro da horda primeva. Esses traços também têm sua evolução também de traços semelhantes encontráveis na formação social de mamíferos superiores (de caráter instintual). Já Freud coloca uma invencibilidade da natureza em relação ao cerco dos dispositivos da cultura voltados à sua dominação absoluta que ele diz ser a "nossa própria constituição psíquica". Portanto, Freud parece desdobrar o mal-estar que a natureza provoca resistindo ao domínio do homem no mal-estar dos homens entre si, na sociedade, assim como no corpo. Ora, se a seleção natural de Darwin se dá em função do real que aí vem incomodar, podemos concluir com uma questão especulativa que nos serve, no entanto, apenas como exercício de tensionamento de campos distintos: se, como diz Freud, um porção de natureza permanece "invencível", quer dizer, permanecendo irreduzível ao avanço a apreensão da cultura, se considerarmos também que a natureza é a do corpo, essa natureza não será mais a natureza mesma no sentido naturalista do

termo, mais propriamente a defesa em face do real. Assim, o real que a seleção natural aponta não seria ela também resistente à cultura, pois, sendo da ordem do real o que ela aponta é para tudo o que não vai bem? que não funciona conforme o esperado? Esse real não seria trazido para a constituição da psique quando a linguagem não tem por função protetora face ao real?

O que nossa investigação procura alcançar é a função de uma determinada função de descontinuidade atrelada nessas aproximações. De fato, como diz Lacan diversas vezes no Seminário XI, existe realmente uma mancha nesse quadro, uma interrupção, um ponto onde se é convocado como sujeito.

Como se pode constatar, a anatomia era uma questão central da fineza entre a ciências naturais e a estética, - desde os gregos clássicos, passando pelo Renascimento. Dizíamos que a precisão da ciência, a exigência mesma de uma ordenação de um saber eficaz, no caso, classificatório, se contrapõe à precisão do **único, Einzelkai, da unicidade** que somente a variabilidade pode oferecer. Variabilidade, em Darwin, vale lembrar, se dá a partir da transformação a partir do real da hiância na questão da causalidade na seleção natural e, sobretudo, em relação à seleção sexual. Então o corpo dos seres vivos em Darwin são todos únicos, singulares. Com Darwin e Freud temos algo que os aproxima ao constatarmos que o único é como o que Lacan chama de mancha que se "dá a ver", mais precisamente o olhar elidido enquanto rasurado produtora da variações. A mancha a que ele se refere é como o sinal da pele, cuja existência ali naquela pele, naquele falasser, reestrutura todo o campo da dialética visão-olhar, é o ponto de uma mancha que captura o olhar antes mesmo que nos voltemos em sua direção para ver. Antes de ver, algo já captura para si enquanto mancha.

A função da mancha expressa a nossa inextrincável condição de corpo e nela sustentamos a possibilidade da construção do olhar. É preciso que um ponto do real seja rasurado, como uma mancha, para que o olhar se constitua, compondo secundariamente sua face de enigma, face essa com a qual podemos criar, na separação de um fascínio primeiro que levaria à paralisia e à morte. É sempre buscando essa face elidida que produzimos diferentes formas de rasura, tentando recortar um real excessivo. Situamos, dessa forma, um apoio para o que é elidido naquilo que vemos (COSTA, 2012 p. 69-70).

Podemos dizer da rasura como esse algo diferenciado, divergente de si mesmo, que emerge de um 'mesmo' que se apaga, como são as diferenças de bicos ou de cores distintas que um pássaro pode 'produzir'. Que a mancha é algo que sempre desvia de si mesma apontando um real. E se pensarmos, como farei ainda neste capítulo, a árvore da vida como **mancha de tinta da escrita caligráfica chinesa**, poderemos testemunhar que o golpe do pincel sobre o papel produz toda a variação de respingos que mostram o que, segundo

François Cheng, o pintor Shitao denominava de traço único no papel. A árvore da vida em Darwin é, a olhos mais atentos, uma escrita curiosamente muito identificada à escrita caligráfica e à pintura chinesas. O mesmo princípio de mancha está na base tanto da caligrafia quanto da pintura. A pintura chinesa, muito atenta à representação da natureza, fascina com, por exemplo, a representação das pedras e das montanhas. O pintor alcança aí um efeito poderoso que faz representação, mas que mostra, ao mesmo tempo, os movimentos incertos e caóticos do pincel na sobreposição de manchas de tal forma que ali vemos a potência de muitos possíveis em algo que seria 'apenas' uma montanha. Temos uma escrita na sua dimensão escópica no que diz respeito ao torto que a mancha prepara.

Um momento muito representativo do percurso de Freud nos seus tempos de Universidade, que pretendo situar melhor, é o momento em que ele trabalha no Instituto de Fisiologia sob orientação de Ernst Brücke. O momento em que começa a descobrir e explorar os escritos de Brücke, que em seu rigor e sua prática modesta de laboratório contrastavam imensamente com a muito influente e grandiloquente concepção de Haeckel que havia influenciado Freud de maneira muito forte. Brücke estava mais próximo de Darwin, no modo e no procedimento científico humilde, enquanto Haeckel viria a ser algo como um 'superstar' do evolucionismo, um atarefado e sedutor divulgador da matéria. O entusiasmo por Haeckel da parte de Freud vinha também do fato de Haeckel ter disseminado um darwinismo apaixonado com cara de *Naturphilosophie*, ao atribuir a Goethe uma importante influência em Darwin. Na verdade, a maior influência de Darwin, vinda dos românticos da *Naturphilosophie*, foi Humboldt, o naturalista. Isso mostra como Darwin percorrera, ele também, um impasse nessa encruzilhada entre, de um lado, a ciência e a arte juntas (Goethe, Humboldt) e, de outro, os instrumentos afiados da dissecação e da experiência a mais materialista e mecanicista.

(...) há uma profunda oposição entre o romantismo especulativo dos *Naturphilosophen* do início do século e o positivismo estrito da geração dos naturalistas na virada do século. Mas o romantismo dos primeiros serve para colorir o positivismo dos últimos. E verdade que não é qualquer *Naturphilosophie* que inspira os naturalistas: certamente não é aquela, especulativa, de um Schelling, mas notadamente a de Goethe, o autor de *A Metamorfose das plantas*, combinando curiosamente a exigência do positivo com a ambição sintética (ASSOUN, 1983, p. 230).

A extensa e rica obra de Goethe, que, inclusive, contribuiu para o tema da evolução, haveria de impactar Freud por toda a vida, como é notório. O encontro com Brücke, no entanto, como diz Assoun, provocará uma "mutação epistêmica" de Freud, um giro na maneira de se posicionar em relação ao referente darwiniano.

Inicialmente, Brücke tinha preferência por alunos que já trouxessem seus próprios projetos. Mas, não havendo sugestões, ele mesmo sugeria ideias ou meios de formular projetos para os mais tímidos e inibidos. Para Freud, ele sugeriu alguma pesquisa com propósito de exploração histológica animal. Seis anos após, Freud descreve a situação em um artigo:

Logo depois do reconhecimento das células nervosas e das fibras nervosas como partes fundamentais do sistema nervoso, começaram os esforços para tornar mais clara a estrutura mais fina desses dois elementos, motivados pela esperança de usar o conhecimento de sua estrutura para a compreensão de sua função. Como é bem sabido, até agora não se alcançou compreensão suficiente nem consenso em relação a nenhuma dessas duas direções. Um autor acha que as células nervosas são granuladas, outro pensa que são fibrilosas; um acha que a fibra nervosa é um feixe de fibrilas, mas outro pensa que é uma coluna líquida. Consequentemente, enquanto um eleva a célula nervosa a fonte básica da atividade nervosa, outro a degrada a um mero núcleo das bainhas de Schwann" (JONES, 1879-1958/1989 p. 58).

Jones nos conta que Freud era apaixonado pelo microscópio e passava os dias ali observando o comportamento daqueles corpos, filamentos, desenhos, cores, texturas, manchas diferenciadoras que mudavam e colocavam perguntas para o observador como um *puzzle*. Ele mesmo inventava meios de colorir, criar corantes ou compostos químicos para tornar essas formas mais nítidas, definidas e organizadas ao microscópio. E pelo que escreve Freud no artigo, nessa época tudo isso ainda estava acontecendo, tudo isso era ainda, não somente uma grande polêmica, mas algo que se mantinha vacilante e indefinido. E acontece também que o problema aí proposto, problema "da estrutura íntima dos elementos nervosos", continha a interessante questão que era a de saber se os elementos do sistema nervoso dos animais superiores se constituíam da mesma forma ou de maneira diferente das unidades do sistema nervoso dos animais inferiores. Nesse universo microscópico, como nos diz Jones, algo se passava de muito controverso para a época.

As implicações filosóficas e religiosas pareciam ser muito perturbadoras. As diferenças da mente dos animais inferiores e superiores são apenas uma questão de grau de complicação? A mente humana difere da de algum molusco, não basicamente, mas de acordo com o número de células nervosas de ambas e a complicação de suas respectivas fibras? Os cientistas estavam em busca de respostas para questões como essas, na esperança de obter decisões definidas - de um modo ou de outro - sobre a natureza do homem, a existência de Deus e o objetivo da vida" (JONES, p. 59)

Vê-se que nessas experiências de laboratório, muitas questões estavam em jogo, uma vez que a questão darwiniana, a de Darwin, provocava uma tensão muito grande a respeito de certos limites. Adentrar o microscópio era ver o lugar por onde tudo isso estava acontecendo.

Segundo Jones:

Supõe-se com frequência que as teorias psicológicas de Freud datavam de seu contato com Charcot ou Breuer ou mesmo de mais tarde. Pelo contrário, pode-se mostrar que os princípios a partir dos quais construiu suas teorias foram aqueles que adquiriu como estudante de medicina sob a influência de Brücke. A emancipação dessa influência consistiu não em renunciar a esses princípios, mas em se tornar capaz de aplicá-los empiricamente aos fenômenos mentais, prescindindo de qualquer base anatômica (JONES, p. 57)

Mais adiante, Jones observa:

De fato, Brücke ficaria espantado, para sermos indulgentes, se tivesse tomado conhecimento de que, um de seus alunos prediletos, aparentemente um convertido à fé estrita, fosse mais tarde, em sua famosa teoria do desejo da mente, trazer de volta para a ciência as noções de "finalidade", "intenção" e "objetivo", que há pouco haviam sido abolidas do universo. Sabemos, porém, que, quando Freud as trouxe de volta, estava em condições de reconciliá-las com os princípios nos quais fora educado; nunca abandonou o determinismo pela teleologia. (Jones, p. 58).

Freud prescinde da anatomia que ele praticava justamente quando extrai daí, como clínico, a outra anatomia, a das paralisias histéricas, do desenho fantasmático de um corpo afetado pela linguagem. Atentemos que aqui se tem dois corpos, o corpo da dissecação e o corpo fantasmático, e a isso assomem-se as articulações do desejo de Freud. No dizer de Lacan, o desejo não é uma coisa fácil: "ele encontra seu limite em alguma parte", diz Lacan. Isso fica patente quando Freud decide migrar seus interesses da especulação filosófica (da *Naturphilosophie*) para o que Lacan denomina de "uma redução", "uma redução racionalista, e elegante, que sua teoria se exerce", característica inerente aos trabalhos de anatomia em medicina. Na via oposta à qualquer "aspiração oceânica" (FREUD, 2014/1930 p.42) ou, como também concebia em grande medida a *Naturphilosophie*, principalmente na grandiloquência do discurso heckeliano, a saber, o sentimento grandioso de ser parte integrante de um todo que é o mundo ou universo,

O resultado da nossa busca pelo inconsciente vai, ao contrário, no sentido de um certo ressecamento, de redução a um herbário, cujo escantilhamento é limitado a um registro tornado catálogo racionalizado, a uma classificação que se quereria de bom grado natural. Se, no registro de uma psicologia tradicional, de bom grado se adianta sobre o caráter não amestrável, infinito, do desejo humano - vendo-se nele a marca de não sei que sabugo divino que ali se teria impresso - o que a experiência analítica nos permite enunciar, é bem mais a função limitada do desejo. O desejo, mais do que qualquer outro ponto do quinhão humano, encontra em alguma parte seu limite (LACAN, 1964/1990 p. 34).

Em seguida Lacan ressalta que não tinha dito "prazer", mas sim "desejo". A diferença entre prazer e desejo é que o princípio do prazer "é princípio de homeostase", de regulação prazer-desprazer, enquanto o desejo encontra seu limite ao franquear esse limiar imposto pelo princípio do prazer.

Além da redução "do herbário", liga-se a isso também a eliminação do sentido, a destituição da finalidade e da teleologia que a redução torna possível. Esse antifinalismo vem, certamente, do legado fundamental de Darwin, o de ter mergulhado o corpo natural (metafísico) e imaginário - uno - na esfera do anti-finalismo fundamental do discurso da ciência moderna que resulta na fragmentação e nos furos do funcionamento da natureza na montagem, como disse, do corpo e seu segredo constitutivo vacilante. Ou seja, Darwin fez, como tentamos mostrar, um atravessamento do naturalismo pelo olhar ao construir uma rede sobretudo significativa, elaborando uma narrativa da modificação do corpo, iniciada pela sobrevivência das espécies animais e, em seguida, em relação à função sexual nos animais e o modo como isso é inscrito no corpo do homem - na modificação, na seleção, na idiosincrasia e na função capital do social, na sua passagem do estatuto instintual-imaginário ao social complexo das sociedades atuais. Sendo assim, o significativo já estava lá nessa exposição de um rede aberta e inconsistente.

Toda essa questão do seu engajamento pela via do darwinismo, não somente professado por Brücke, mas sobretudo como elemento que irrompia na organização da ciência de sua época, com seus efeitos diversos, mostra que a objetividade pode dar lugar à objetividade. É que no decorrer dos trabalhos que Brücke indicava a Freud, a investigação conduzia de forma a mais clara e direta ao ponto enigmático que provaria a evolução como processo de escrita de diferenciações da diferença.

Muito embora, como escreveria anos depois, já sentisse que o cérebro e o psiquismo humanos poderiam ser o máximo de suas investigações, Freud sentia uma grande curiosidade, depois de ter lido Darwin, sobre as formas e as origens primitivas dos sistemas nervosos, e queria, primeiramente, ter uma ideia de sua lenta evolução (Sacks, O. p. 197).

Brücke lhe sugeriu que examinasse o sistema nervoso de um peixe muito primitivo - *Petromyzon marinus*, a lampreia - e, em particular, as curiosas células "de reissner" que se aglomeravam em torno da medula espinhal. Essas células haviam chamado a atenção desde os tempos de estudante do próprio Brücke, quarenta anos antes, mas sua natureza e função nunca tinham sido entendidas. Freud conseguiu identificar os precursores dessas células na forma larval singular da lampreia, e mostrar que eles eram homólogos às células dos gânglios espinhais posteriores de peixes de espécies superiores - uma descoberta significativa. (A larva do *Petromyzon* é tão diferente de sua forma madura que por muito tempo se havia considerado tratar-se de um gênero separado, o *Ammocoetes*). Em seguida, Freud voltou-se para o estudo de um sistema nervoso invertebrado, o lagostim. Embora, na época, os componentes do sistema nervoso de invertebrados fossem considerados radicalmente diferentes dos do sistema dos invertebrados, Freud conseguiu mostrar que na verdade eles eram morfolologicamente idênticos e, portanto, que não eram os elementos celulares que diferiam nos animais primitivos e nos avançados, mas sua *organização*. Com isso emergiu, já nas primeiras pesquisas de Freud, a intuição de uma evolução darwiniana, segundo a qual, usando-se os meios mais conservadores (isto é, os mesmos elementos celulares anatômicos básicos), era possível construir sistemas nervosos cada vez mais complexos (Sacks, O. p. 197-98).

Vale observar que Freud foi ao limite máximo do rigor naturalista, a um tal ponto que, no próprio caminho em que se aprofunda, vai se revelando a questão que outrora não se revelaria se apenas deixasse de lado o rigor materialista de seus mestres, e se deixasse levar pelas articulações paralelas das denominadas ciências humanas de Dilthey e outros. Isso se deve justamente ao fato de que é o sujeito que está em questão já que é graças à ciência moderna, como reza a tese de Koyré na qual Lacan baseia seu 'doutrinal' (Milner), que se pode falar de um sujeito da ciência e, por fim, um sujeito do inconsciente. O que Freud fez foi se orientar pelas ciências naturais (representantes para o mundo das ciências modernas), na verdade, colocá-las à prova, e, em última instância, furá-las: - furá-las a partir mesmo de seu interior. Esse reviramento é o mais fundamental. como escreve Assoun:

Freud chega ao limite universal do "método das ciências naturais em geral, que é o de começar por reduzir o mundo a um fato desprovido de sentido para, em seguida, deixar que o homem explique "subjetivamente" esse fato artificialmente objetivo", o que significa rejeitar as configurações de sentido (ASSOUN, 1996, p. 24).

Darwin mostra ao jovem e interessado Freud o ponto para onde convergem as coisas já a partir das primeiras leituras e, sobretudo de forma 'comprovada' pelas observações ao microscópio, que homem e animal não podem ser qualitativamente diferentes, assim como um grupo de células em relação a um outro grupo mostram a organização e os rearranjos dos mesmo traços, e não algo definitivo e essencial em si mesmo. Os moldes corporais, os modos de organização e sua variabilidade são desconcertantes, e tudo parece na forma de fragmentos de um tipo de *puzzle* onde as diferenças vão constituindo outras diferenças. Com a leitura atenta de Darwin, o que estava em questão em Freud era algo que confirmava o valor de seu monismo persistente - e peculiar - além de uma identificação fundante com a forma darwiniana de investigação. Essa forma, já falamos dela aqui, que se molda na forma de camadas como **processo**.

Inicialmente, lembremos que no texto sobre as afasias, temos uma contribuição do Freud neurologista ao campo da neurologia de seu tempo. Inspirado e baseado em Juglings Jackson, cuja inspiração em Darwin é notória, construiu uma argumento para pensar distúrbios de linguagem a partir de um modelo processual em termos de camadas, camadas diferenciadas do tecido nervoso, no caso o central. Foi justamente isso, segundo indica Jones, no tempo de Brücke, que Freud constatou no microscópio: a diferença em termos de organização e não de natureza. A questão ficaria no sentido de saber o que está nesse *gap* entre um estado e outro, o que é esse intervalo? Qual a leitura ética que está implicada nessa

diferenciação - fiando-se em Darwin, Freud se interessa pelo processual em suas variações, em seus impasses. Esse intervalo implica em uma articulação. Como coloquei anteriormente, a aposta na variação das espécies baseou-se na formulações da geologia moderna, de onde Darwin pode perceber algo, que damos com Lacan o nome de real, que serviria de guia, em sua observação, para a diferenciação entre as espécies. Ainda relacionado à afasia com Freud, ao refutar os localizacionistas (Brocca, entre outros), que acreditavam em um centro fixo da linguagem no cérebro, ele pensou isso em termos de processo, do mais primitivo e automático ao mais atual e submetido aos estímulos exógenos, mais flexível à linguagem que, afinal, provem de fonte externa e sempre sujeita a modificações circunstanciais. Esse modelo de processo em camadas dá o pontapé inicial à passagem da neurologia à psicanálise. O uso do microscópio mostra, por outro lado, que esse instrumento, tal como o telescópio, metáfora freudiana importante, mostra o processo de um grupo de lentes a que a incidência da luz é submetida, visando o efeito de aproximação do objeto observado. Conjuntamente a isso remeto-me à encantadora metáfora arqueológica "impossível" de Roma, sua cidade adorada. Ele imagina Roma em camadas sobrepostas sem o desaparecimento das demais, o que soa como uma fantasia de sobreposição de estilos arquitetônicos e épocas distintas, desde seus inícios até os dias de hoje - assim, disse, ele, somente o psiquismo poderia funcionar assim. A clínica já começava a mostrar que a fineza exigia algo mais do que comprovações em laboratório, havia necessidade, não de algo a mais, talvez de um processo cuja lógica produziria finezas, como chama Lacan, essa "máquina de sonhar", máquina onde se processa o sonho, como ele explica em *A interpretação dos sonhos*.

É curioso como se dá a constituição do aparato psíquico: como disse, do fundo mesmo da prática científica rígida da escola materialista de Helmholtz, se caracterizando um 'implante' no esquema do arco-reflexo, como algo que preenchesse um buraco no esquema fisiológico e inaugurasse o sujeito e o gozo decorrente da incidência do significante vindo do Outro. Esse aparato de Freud é, basicamente, uma máquina de engendrar diferenças, articulações afinal já livres da obrigatoriedade científica naturalista da observação direta. De certo, não havia possibilidade alguma de sustentar a literalidade da imagem biológica, mas de apreender apenas a simples constatação de que há um processo, processo modificador. O aparelho psíquico, ele provoca nossa curiosidade: ele não se livra totalmente de modo algum de suas origens de neuroanatomista, que é formação da Freud, mas também faz alguma coisa com a proposição abstrata de uma máquina psíquica, de uma máquina como a de Descartes que primorosamente isolou o sujeito, mesmo que às custas de foracluir o próprio sujeito em questão. Não tenho como não levar em conta as observações de Galileu a respeito da Lua,

observações que mexem com toda uma tradição milenar, a saber a aristotélica. O empirismo galileano, como sabemos, foi essencial para o que viria, através do espanto, passar a questão para Newton e suas reduções matemáticas arrebatadoras. A imagem da Lua como ruína, como resto desse passado organizado pelo mundo antigo não está, em absoluto, distante do que chamo de fineza diferenciadora que o processo do corte dá a ver: a superfície irregular que demonstra o valor de uma falta. Do mesmo modo, a inauguração da psicanálise, fornecida pelo sonho de Freud, a injeção de Irma, mostra o ponto proliferante de uma imagem biológica patológica da garganta de Irma, onde o horror dessa visão termina no que parece ser, nas letras garrafais da fórmula da trimetilamina escrita, a problematização da fala como elemento fundamental de um novo começo, na aposta de Freud em contraste com os ideais da ciência de seu tempo: a letra que resulta desses anos todos de elaboração anteriores à *Interpretação dos sonhos* (1900).

Pelo lado de Darwin, uma escrita enxuta, a da árvore da vida, deu às complexidades às quais Darwin estava sempre submetido em suas observações uma representação ousada. Segundo Solms (GAMWELL; SOLMS, 2008 p. 25),

Na Inglaterra, Charles Darwin juntara uma montanha de observações detalhadas em apoio a sua teoria da evolução por seleção natural, porém enraiveceu seus críticos ao ilustrar o processo de seleção natural por meio de um diagrama teórico - uma árvore da vida - na capa de sua obra *Origem das espécies* (1859). Condenada sem misericórdia nos templos da ciência britânica porque o processo de seleção natural não era observável (..)

Com efeito, tanto em Freud quanto em Darwin, a utilização de diagramas -atenho-me ao diagrama da Carte 52 e sua repetição no capítulo VII de *A interpretação do sonhos* - não mostra, obviamente, o observável diretamente, trata-se de abstrações justamente do impossível de mostrar, do invisível. O mesmo, diz Solms, o que ocorre em relação ao encontro com a histérica no estágio de Freud com Charcot na Salpêtrier, algo de fato impossível de ser apresentado senão pela teorização de alguma provável lesão neurológica. Freud, ao utilizar a expressão de Fechner para pensar em uma "outra cena" (*in einer anderer Localität*), só pode fazê-lo ao se deixar levar até certo ponto pela plástica do êxtase, pela 'primeira' cena, por se deixar capturar pelo teatro de Charcot. Somente assim ele pode formular algo que se baseava num excesso que não encontrava modos de se expressar e que falava com o corpo, um outro corpo com suas inscrições eróticas, simbólicas, o intrigante corpo falante. O esquema de um estímulo que encontra suas diferenciações em função da fala, ao trabalhar o corpo por representações em processo.

A outra cena da natureza foi Darwin que a forneceu para o mundo. No primeiro capítulo fiz um quadro da vertigem que percorre todos os processos da natureza na irrupção das diferenças. De como a diferença de um bico de determinada espécie de tentilhão está ligado a uma complexo trabalho de interconexões, digamos, subterrâneas (ou não dadas a ver), em relação ao que aparenta no nível da imagem propagada pela tradição antiga e teológica natural. Ora, a imagem substancial, fixista, de um pássaro não existe, todo e qualquer espécie de pássaro que surja na natureza será desviante em relação ao modelo fixo que se intenta instituir. Há uma perda originária sempre. Isso parece profundamente freudiano: qualquer tentativa de coincidir o pássaro com o pássaro das classificações tradicionais implica em um fracasso, ou seja, implica em uma perda - uma decepção em relação ao modelo que se impõe imaginariamente. Os pássaros, que surgem, seguindo a evolução, de pequenos répteis sobreviventes, nunca foram senão a realização de uma montagem guiada pela seleção natural. Há esse furo, que a seleção natural aponta, conforme tento sustentar, que impede a existência de algo em si mesmo, digo, não alinhado a uma série de movimentos na rede de forças da natureza. Desde já o objeto perde sua inconsistência, ele adquire, antecipadamente, uma distância em relação a um referente modelar. Classificamos para efeito de organização e com vistas a acompanhar esses movimentos que são, afinal resultantes de um real que aí está em jogo. Esse esquema é análogo ao que Freud mostra como experiência de satisfação, embora aplicado de forma distinta, *avant la lettre*. Ora, procurar o mesmo, a mesma satisfação de uma experiência, na verdade, mítica, é mostrar também em que a proposição teológica a respeito do natureza se vê ameaçada por um real traidor dos ideais. O que Darwin faz é relatar esse mal-estar, essa incompletude que Freud aborda quando diz que o objetos é desde sempre perdido. A vertigem de Darwin é essa est'ética, esse equívoco, que se faz equívoco em relação à visão do ideal natural e até mesmo do senso comum, mas que é reveladora de todo um movimento ao qual a origem do homem também, segundo ele, deve estar atrelado. A natureza, por ser claudicante, decepciona e surpreende seu contempladores e apologistas. A força da metáfora da seleção natural mostra que algo se recusa a aparecer, que algo mantém-se como irrealizável, e, justamente por causa disso, soluções são criadas pela própria movimentação dessa rede em torno desse buraco que insiste e repete. A repetição aqui é desse real irrealizável incontornável com a pretensão humana de harmonia e unidade, mas, sobretudo, da continuada pretensão de ver na natureza o espelho de seu narcisismo. A partir disso, temos uma escrita, porque tudo se passa justamente nos impasses, nas impossibilidades materiais mesmas, nas adversidades, na fragilidade do corpo como algo modificável, afetado pelo prazer e pela dor, a assunção do

sofrimento ao primeiro plano. Isso tudo fura o saber constituído e, não apenas isso, lembra ao homem a tarefa de saber sobre si mesmo, sobre o enigma de sua origem e natureza, a sua própria condição de desamparo fundamental. Fica também aí na escrita darwiniana da árvore, algo que representa, por parte do homem, a tentativa de buscar sempre completar e dar consistência ao Todo sempre completar a finalidade dar consistência ao Outro, um gozo que, pode-se dizer - e Darwin detecta isso, que parece remeter a *das Ding freudiana*, como Freud indicou: esse buraco esse que é empuxo ao Todo. Lacan posteriormente desenhará o objeto *a* como lugar da causa de desejo, falta radical indicada em *das Ding*, mas que simultaneamente lhe faz obstáculo.

Portanto, todo esse movimento vertiginoso e incessante da árvore da vida, toda essa vertigem pode ser, como procurei indicar anteriormente, reduzido a uma letra na forma de um Y. Ora, essa letra ela representa a divergência, a cisão cladística, onde um processo conduz uma espécie à outras, ou melhor dizendo, à divergência, a variação na ação de fazer outros a partir de um mítico um, que não é o da unidade, são pedaços, letras e suas articulações. Resta ainda acrescentar que a árvore da vida segue uma temporalidade, onde a continuidade da vida, a tão propalada característica de continuar a qualquer custo parece ser mais reflexo do que, para o homem, deve-se entender como reinscrição constante de traços em sempre novas bifurcações em torno desse algo incompleto e aberto. O próprio Darwin pensou, ao invés da árvore propriamente dita, esse diagrama tomando como modelo a formação de corais, bem mais complexa. Ainda há a contribuição da bióloga e Nobel de biologia Jan Margulis na década de 70, quando ela propõe a árvore da vida de Darwin na forma como sendo mais próxima da de um rizoma, onde ramos se entrecruzam internamente, atravessando-se paralelamente uns pelos outros e sem um caule central, onde se costuma representar um originário. A árvore é, portanto, aberta ao infinito, por que repete o mesmo através de desvios e jamais apresentando a forma definitiva ou original.

Algo nessa nova e inquietante maneira de ler a natureza remeteu-me a uma aproximação semelhante a uma observação de Donald Schüler, tradutor de *Finnegans Wake*, de Joyce, como cita Rinaldi:

Assim como Ulisses, *Finnegans Wake* impõe renovados hábitos de leitura. A linear não basta. Em cada parágrafo, em cada frase, em cada palavra, tocamos estratos sobrepostos, convite a trabalho de arqueólogo. Verticalidade e horizontalidade se entrecruzam espacial e cronologicamente. Surgem os *arqueoleitores*²³ (in RINALDI, p.1)

²³ Donald Schüler. O sonho se faz romance In: Dulcinéia Santos (org) *Rodopiano*, Recife: Ed. Dos Autores, 2008, p.18-37.

E prossegue Rinaldi:

Trabalho de arqueólogo foi também o que Freud indicou inicialmente como sendo o trabalho do psicanalista com o inconsciente. Remover escombros para que algo da verdade inconsciente pudesse emergir. Terá sido este o objetivo de Lacan ao se debruçar sobre Joyce? O que ele busca na escrita de Joyce? Em conferência proferida na Universidade de Yale²⁴, Lacan afirmou que se interessava mais pela *letra* do que pela literatura e que Joyce o fascinou justamente porque foi além da literatura. (RINALDI, p. 1)

As metáforas arqueológicas de Freud lhe eram muito caras, mas em Darwin não é muito diferente, e é nesse caminho, mais precisamente o da geologia, que continuamos no encaixe do que chamarei de letra darwiniana, o que implica na verdade a leitura da natureza por Darwin, que, embora implique em uma estética, está bem longe de um literato e sua prática artística pela subversão da literatura pela letra. Mas temos, como veremos com o que se segue, mesmo em Darwin, uma prática da letra implicada. Em todo o caso, o que resta, o que se apresenta como redução, a mais simplificada possível e que representa complexidades inimagináveis, e em grande parte, insolúveis, é o Y. Ou o W que, curiosamente, conta-nos Browne em sua biografia, vem a ser uma articulação fonética com a qual Darwin encontrava dificuldades ao falar, inclusive ao pronunciar o próprio nome. Preciosismos, amenidades, detalhes sem importância? Não saberemos jamais. O que importa saber é que a árvore se sustenta pelo significante insistente da divergência, da ruptura, da alteridade.

Quanto à Freud, gostaria de mostrar que ele próprio foi um "artista", um artista do desenho. Estamos falando dos seus desenhos e seus diagramas. Trabalhando em laboratório e apegado ao seu microscópio, Freud, ainda neurologista engajado e dedicado, relaciona-se com imagens da biologia, com o quebra-cabeça que elas lhe propõem em função da leitura de Darwin. Conforme ele vai avançando na direção do puro aspecto psicológico, esses desenhos vão se transformando em esquemas e diagramas cada vez mais abstratos - sem o "artístico". Se ele começa por analisar essas imagens com o intuito de ler na observação direta em laboratório a comprovação da intuição ética de Darwin, com todas as suas consequências, posteriormente o aspecto abstrato vai tomando conta.

Nos tempos de Brücke, quando pensamos nas observações de Freud ao microscópio, devemos lembrar que esse material que vemos em fotos hoje em dia não foi produzido originalmente como captura fotográfica do observado, mas sim como desenho do próprio

²⁴ Jacques Lacan. Conferência en la Universidad de Yale. Estados Unidos, 24/11/1975. Inédita

punho de Freud. Não que a tecnologia de captura da imagem tirada do microscópio não existisse, o problema, segundo Solms, era má qualidade das imagens quando projetadas, muito granuladas, impedindo a percepção precisa dos detalhes. E, como sabemos, o detalhe é tudo.

Chamam a atenção o cuidado e a meticulosidade dos desenhos de Freud. São, enfim, verdadeiras cópias fidelíssimas ao diretamente observado. Impressionante a atenção aos detalhes, a composição de cores decorrente da invenção por ele mesmo de novos corantes e técnicas para discernir e diferenciar o modo pelo qual o processo se dava, a precisão é fundamental para solucionar os enigmas que estava em jogo em sua amostragem.

Retomando o jogo das precisões que apresentei em capítulo anterior, a imagem das células nervosas do *Petromyzon* ao microscópio foi-lhe muito útil, e, para nós, ela é equivalente ao que Darwin havia visto e colocado em questão em sua viagem no *Beagle*. É essa ideia fundamental que estava sendo reencenada nas amostragens colhidas por Freud no laboratório. Há uma precisão ali, uma diferenciação dentro do mesmo tecido, em novas funções. Nessa visão, algo olha Freud de dentro mesmo da tecnologia do microscópio, uma precisão, um furo que coloca enigmas sérios. Encontramos nesse ponto o coração do Y, o impasse, o buraco que faz desviar. As imagens produzidas por Freud, no entanto, tenderão com o tempo a caminhar para uma forma mais simples e de caráter esquemático maquínico. Apesar dessa experiência lhe fornecer um enigma instigante com que trabalhar, mostrava-se limitante, pois não propiciava um maior avanço. E na medida em que ele vai abandonando a dimensão naturalista (nunca abandonando-a de todo, deve-se dizer) da observação direta, isso se dá *pari passu* com seu crescente interesse pela linguagem, haja vista o texto das afasias, e a dimensão clínica que já dá seus enigmas pela fala de seus pacientes. Parece haver uma transposição da imagem biológica do furo (darwiniano) para um esquema onde o mesmo problema é articulado pelo aparato psíquico, em outras palavras, pela intermediação e identificação mesma do psíquico ao microscópio como aparelho processador da luz. O objeto, portanto, perde a consistência já desde o Projeto e, mesmo a partir de afasia, o psíquico será uma máquina de linguagem e de escrita. O "puro psicológico" se instaura de forma definitiva e fundamental em *A interpretação dos sonhos*.

No livro inaugural da psicanálise, Freud apresenta o aparato psíquico, o mesmo que ele havia mostrado na *Carta 52*, de 1896, para Fliess onde ele escreve para o amigo:

(...) Como você sabe, estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico tenha-se formado por um processo de estratificação: o material presente em forma de traços da memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo

segundo novas circunstâncias – a uma retranscrição. Assim, o que há de essencialmente novo a respeito de minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos; que ela é registrada em diferentes espécies de indicações (FREUD, 1896, p.281).

Aqui temos algo muito próximo de Darwin, como uma reencenação da questão fundamental darwiniana, aquela experimentada ao microscópio em função das leituras que Freud fez de Darwin. Pode-se dizer, que a presença de Darwin na obra de Freud não é apenas circunstancial, algo apreendido aqui e ali, mas antes de mais nada na forma de uma questão central fecunda: *Darwin traz uma leitura nova a respeito. agora podemos ser precisos: a influência de Darwin é a transmissão de uma leitura, de um modo de ler, e não necessariamente de algum valor naturalista.* Essa questão é de caráter estrutural, de fundo, que capturou o desejo de Freud. Por ser tão fundamental, isto passa despercebido, invisível, já que a fama de Darwin passa, ainda nos dias de hoje, sempre pela figura imaginária e determinada por discussões por demais imaginárias, arroubos ateístas, reações que tiram o foco do extrato mesmo da estrutura que está em jogo. Toda a 'santidade' e o 'heroísmo', como também toda a vileza que lhe são atribuídos impedem de compreender essa dimensão de base e, por isso, praticamente invisível, que resumiria assim: em tempos de naturalismo, seja ele místico ou racional, positivista - em tempos de capitalismo de produção devastador -, em tempos de imperialismo cruel e de vitorianismo, - como lidar com o furo? Como lidar com isso? Como lidar com o furo, quando o furo se dá a partir de todo esse cenário, quando todo esse semblante parece se sustentar justamente pelo tamponamento do furo? Isto quer dizer que sua influencia sobre Freud é um pontapé impulsionador do desejo de Freud, um pontapé fundamental proveniente da biologia de sua formação, mas sobretudo de uma proposta ética perfurante. A Freud fica o encargo de fazer esse primeiro momento se desdobrar na complexa teoria que a psicanálise construirá em torno de uma lógica do furo, embora, claro, se distancie de Darwin que é, para a psicanálise em seus começos apenas um guia de leitura. Mas onde podemos especificamente localizar esse furo com rigor? Como havia dito, podemos captar a verdade e a atualidade de Darwin através do que Freud pode retirar inconscientemente de importante para os seus interesses. Como dizia Freud, para se quebrar uma nós, fica mais fácil com a ajuda de uma segunda: para resolver um problema, a empreitada fica mais fácil se o conjugamos a um segundo problema.

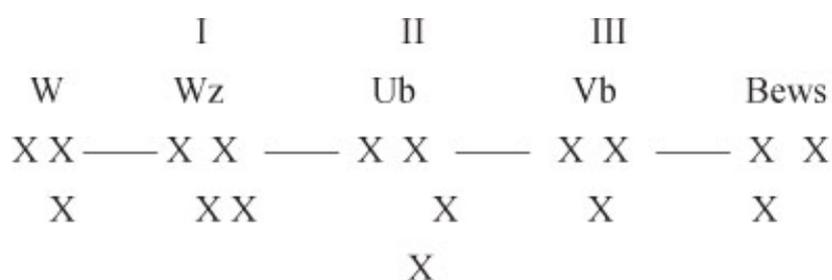
Aqui, a escritura diagramática de Freud presente em *A interpretação dos sonhos* ajuda a entender a escritura da árvore de Darwin, presente em *A origem das espécies* e em diversos cadernos de notas. Podemos visualizar, inicialmente, que, na disposição em pente do aparato

de Freud, encontra-se embutida uma árvore. Primeiramente pela disposição em camadas - "extratificação", diz Freud. Esse termo é da geologia, e também da arqueologia. Lembremos que a *arqueoleitura* é uma paixão de Freud que tem a cidade de Roma como testemunha, dessas diversas Romas que o significante Roma pode conduzi-lo em seu inconsciente, pela diversidade de estilos, histórias, arquiteturas, enfim, traços diferenciais. A árvore de Darwin é construída também na temporalidade linear, em uma sucessão de substituições pelo efeito de diferenciações e variações. Assim algum traço específico constitutivo de uma certa espécie extinta há mil anos reaparece em outro animal moderno com outra função, o que é, do ponto de vista da estrutura fundante o mesmo que dizer, tomando emprestado o termo "traço mnêmico" como algo que circula na árvore pelos "rearranjos" no tempo. Aliás, traço mnêmico pode ser um bom nome para isso que se transforma arboreamente, nome para isso que está lá virtualmente e que só aparece como singular, local e temporalmente - ele é sempre outro. Em Freud, os traços mnêmicos do psiquismo, são rearranjados por sua circulação no aparelho. Mas do que se trata de fato esse traço psíquico em Freud? qual é esse ponto sensível onde uma outra cena se descortina para a psicanálise?

Freud concebe o seu aparelho psíquico para apresentar o processo das formações oníricas em a *Interpretação dos sonhos*, formadores do sonho pelo modelo de camadas ou instâncias. Como é sabido, ele o chama de aparato de memória, que é o psíquico "encaixado", ou sobreposto ao esquema tradicional do arco reflexo. O psíquico funciona, antes de mais nada, como regulador, dispositivo homeostático, impeditivo da descarga total e/ou dos excessos de excitação. Vale lembrar que o aparato psíquico que aí se instala é um dispositivo necessariamente adaptativo, - note-se que o modelo continua sendo evolucionista em Freud - pois que ele é constantemente ameaçado por estímulos externos e internos. Isso resulta que a adaptação é regida pela ideia, se exógena, de ações específicas para modificar o ambiente externo e, se endógenas, ser regidas pelo recalque, pelo modo de defesa que se constitui pela incidência da linguagem e sua internalização pelo infans. Com o recuo do instinto como escrita cristalizada e normatizante do organismo, daí a ação do arco-reflexo, no caso do homem, devido ao desamparo que lhe é constitutivo, a adaptação se dará pela linguagem, adaptação sempre falha, mas sempre maleável a todo tipo de circunstância. A adaptação que no homem é marcada como falha, mantém no entanto como tentativa de se adaptar, razão que o leva a ancorar-se na cultura. O meio ambiente do homem é cultural. Freud frisa muito bem em *O mal-estar na cultura* (1930) que a relação de cada sujeito com a cultura é ambivalente. Se a cultura lhe serve de ancoragem como sujeito no social em busca de amparo, por outro

lado ele é submetido à pressão que consiste na exigência cultural de renúncia aos instintos no forçamento de uma modificação do corpo, agora pulsional.

Essa divergência é a articulação que pretendo mostrar está escrita também, no que entendo, de um outro modo, no aparato psíquico da carta 52 a Fliess e no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*. Para exemplificar, apresento o ponto em questão no aparato psíquico tal qual aparece na Carta 52. Freud escreve que “A memória não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos; que ela é registrada em diferentes espécies de indicações” (FREUD, 1896[1950], p. 281). Segue o diagrama:



W – Wahrnehmungen – Percepção
 Wz – Wahrnehmungszeichen – Signo de Percepção
 Ub – Unbewusstsein – Inconsciência
 Vb – Vorbewusstsein – Pré-consciência
 Bews – Bewusstsein – Consciência

Onde se lê: entre o polo perceptivo, à esquerda, e o polo motor, ou seja, do pré-consciência/consciência, à direita, perfilam-se as diversas instâncias através das quais o estímulo, ou sensação, deve circular e se submeter a diversos registros.

Da sensação experimentada, a percepção não retém nenhum traço, pois Freud entende que memória, percepção e consciência são excludentes. O signo de percepção será o primeiro registro mnêmico dessas percepções, ainda inacessíveis à consciência e orientadas pelas associações por simultaneidade. Em seguida ocorre o registro da inconsciência onde a inscrição dos signos de percepção como traços mnêmicos, ordenada por associações de causalidade, são também inacessíveis à consciência; na instância da pré-consciência ocorre a transcrição dos traços mnêmicos que permite ligá-los à representação de palavra, tornando o acesso à consciência possível de acordo com certas regras. Para o estímulo ter acesso à consciência é preciso que ele passe por todas essas camadas em seus diversos registros, pois a percepção e a consciência, mesmo conectadas, estão em polos opostos.

O nosso exercício de ler Freud em determinados pontos fundamentais no intento de nos aproximarmos com mais clareza da estruturação da leitura de Darwin, isso nos leva a

lançar a pergunta: onde podemos situar o intervalo, ou o ponto de divergência, de desvio Y, onde podemos visualizar a 'árvore' de Darwin? A resposta parece ser entre a *Wahrnehmung* (percepção) e sua inscrição no aparato como *Wahrnehmungszeichen* (signo de percepção). Essa inscrição da experiência externa na forma de um traço de memória, aqui está o ponto-chave, posso dizê-lo, de um ponto multiplicador a partir de uma perda. Lembremos do que Freud dirá sobre o encontro mítico da "experiência de satisfação", e quando o infans procura repetir essa experiência, há uma decepção, pois o que ele encontra já é outro, ou seja, o objeto cai. A verdade é que o objeto, nos diz Freud, é perdido desde sempre. Ele não coincide consigo mesmo na apreensão da experiência. No esquema do aparato fica esquematicamente mais visível os desdobramentos disso em vários registros. O resultado é a produção infinita e plural de diferenças, fragmentárias, como Freud indica, por simultaneidade e pelo princípio de não-contradição, na proliferação de redes a partir de um mesmo estímulo. Esse lugar, portanto, é o Unbewusst (inconsciente) onde a questão da memória, tão cara a Freud, rompe radicalmente com o 'naturalismo' ingênuo que procura ver na memória o resultado de uma impressão concreta de signos e lembranças do passado, como um baú de recordações. A temporalidade em questão é caracterizada pelo *nachträglich*, como chamaria Lacan posteriormente, no après-coup (só-depois), como reenvio de significantes que se articulam na fala, no pensamento, enfim: não uma memória concreta, segura, ela é o psíquico por excelência e ela se dá no momento presente no rearranjar dos traços. Nesse inconsciente, processam-se a condensação e o deslocamento, uma constante reinvenção e recombinação desses traços, e tudo que se experiencia, tudo o que se fala no sujeito liga-se a essas redes, articula-se a esse, como dirá Lacan, "saber sem sujeito" e que determina os caminhos do gozo do corpo.

Em *A interpretação dos sonhos*, Freud será bem claro quando escreve :

É fato conhecido que retemos permanentemente algo mais do que o simples conteúdo das percepções que incidem sobre o sistema Pcpt. Nossas percepções acham-se mutuamente ligadas em nossa memória - antes de mais nada, segundo a simultaneidade de sua ocorrência. Referimo-nos a esse fato como associação.

Em um ponto mais adiante, reforça a ideia:

Um exame mais detido nos indicará a necessidade de supormos a existência não de um, mas de diversos desses elementos *Mnem.*, nos quais uma única excitação, transmitida pelos elementos *Pcpt.*, deixa uma variedade de registros diferentes. O primeiro desses sistemas *Mnem.* conterá, naturalmente, o registro da associação por simultaneidade temporal, ao passo que o mesmo material perceptivo será disposto nos sistemas posteriores em função de outros tipos de coincidência, de maneira que, um desses sistemas posteriores, por exemplo, registrará relações similaridade, e assim por diante, no que concerne aos outros. Naturalmente, seria perda de tempo

tentar por em palavras a importância psíquica de um desses sistemas. Seu caráter residiria nos pormenores íntimos de suas relações com os diferentes elementos do material bruto da memória, isto é se pudermos apontar para uma teoria de tipo mais radical-, nos graus de resistência de condução erguida contra a passagem da excitação proveniente desses elementos (FREUD, 1996/1900, p.494).

Em *Os quatro conceitos da psicanálise*, Lacan observa:

(...) os *Wahrnehmungszeichen*, os traços de percepção, como funciona isso? Freud deduz de sua experiência a necessidade de separar absolutamente percepção e consciência – para que isso passe para a memória, é preciso primeiro que seja apagado na percepção, e reciprocamente. Ele nos designa agora um tempo em que esses *Wahrnehmungszeichen* devem ser constituídos na simultaneidade (*Gleichzeitigkeitassotiazion*). O que é isto – senão a sincronia significante?...nós podemos de imediato lhes dar, a esses *Wahrnehmungszeichen*, seu verdadeiro nome de significante”. (LACAN, Seminário XI, pg. 48).

O que está em questão aqui não é somente a biologia, nem o naturalismo, as espécies, a natureza, mas, antes de mais nada, uma *determinada lógica* que atravessa os dois 'espaços', tendo como agentes desse trânsito dos próprios autores por uma questão ética. Freud, influenciado pelas novas possibilidades que o darwinismo trazia para o meio científico de sua época. Uma lógica e, simultaneamente, uma ética. A propósito, se Freud 'abandonou' as primeiras imagens vistas ao microscópio e por ele desenhadas ao adotar desenhos mais simples e diagramas mais esquemáticos, cabe perguntar, onde foram parar as manchas e os fragmentos do quebra-cabeça naturalista? Para o inconsciente, podemos dizer? se essas finezas do desenho desapareceram do foco pelo olhar naturalista é, supomos, que foram habitar a clínica, o inconsciente concebido que é como esse algo opaco, fragmentado, plural, esses "pormenores íntimos", onde mais tarde Lacan ira dizer sobre lalangue? Essa mancha, como enfatizei ao compará-la com a imagem que Freud se defrontando com a garganta de Irma no sonho da injeção de Irma: imagem do horror, o "incomensurável" do real, a carne, fundo de todas as coisas, nas palavras de Lacan. Essa mancha de horror, é preciso fazer algo com ela, contorná-la, pois que se trata de contornar o irrepresentável:

No sonho, ao encarar a garganta obscura de Irma, Freud encontra-se diante do impossível de saber e se dirige então à busca da palavra que mediará essa falta no simbólico. Com base na indicação de Lacan, fazemos aqui um paralelo entre a emergência da fórmula da trimetilamina e a inauguração do inconsciente. A inauguração do inconsciente se dá no encontro com a sexualidade para a qual não há uma representação suficiente (SANTIAGO, J.;)

Mas pelo relato mesmo da aparência da garganta de Irma, vemos que essa imagem complexa apresentava uma grande quantidade de finezas, traços irregulares, sem muita definição, assim como as do tecido nervoso do Petromyzon, a fineza do diferente e irrepitível,

do que se transforma. Em outro momento, no entanto, aparece no sonho, em letras garrafais bem destacadas, a fórmula da TRIMETILAMINA. O que é da imagem, ali, no caso, do real irrompendo no imaginário, torna-se escrito. Como Darwin, ao observar essas finezas na natureza, pode chegar a sua fórmula que é a árvore da vida, redução possível que permite compreender o processo em que as diferenças estão em jogo na repetição de algo que faz com que traços circulem por seu ramos e bifurcações. São traço que procuram representar um processo.

O traço do desenho literal, como uma fotografia de manual de patologia médica (anatomia, por exemplo) torna se, em um segundo tempo, traço delimitador do fenômeno, sem a necessidade da observação direta: traço que representa o processo, mas não o reduz, ao contrário, amplia suas possibilidades e circunscreve um campo ético da diferença. O traço estético propicia o traço serial simples. O Desenho sofisticadíssimo de Freud é traduzido para um esquema de traços secos, um esquema descritivo do que se trata. Esse processo tem sua importância para Freud no sentido de poder deixar a neurologia e ampliar as possibilidade do raciocínio darwiniano de modificação do corpo e do intervalo que se apresenta como vacilação, como devir de um outro tempo de rearranjo do "mesmo".

5.3 A origem da linguagem

Ao nos surpreendemos com o uso que Tort faz do objeto topológico tão privilegiado por Lacan, a banda de Moebius, está claro, pelo menos em parte, que a questão da linguagem tem seu lugar, embora, devemos observar, não goze de uma posição tão central quanto deveria ter em sua teoria. Na banda de Moebius tem-se a cultura de um lado e a natureza de outro, porém em uma banda unilateral. Embora a linguagem seja um tema não tão explorado como se gostaria, o que ele explora leva-o a indagações muito importantes e algumas posições por ele tomadas que são desconcertantes para quem quer ver em sua contribuição uma autoridade estagnada e caduca.

Como mostramos, com o imaginário na natureza, Lacan mostra, fazendo paralelos com a etologia, que o efeito real do imaginário modifica o organismo dos seres vivos. Em Darwin, trata-se do mesmo, mas de forma bem mais ampliada, no sentido em que ele dispunha apenas das próprias observações e da necessidade de açambarcar essas relações imaginárias atrelando-as à origem do homem. Portanto, a linguagem para Darwin, como todos

o demais temas visitados pela aplicação de seu método 'des-construtivista', deveria ter sua origem dentro de uma concepção materialista. Como fazê-lo? -- perguntava-se.

Darwin começou a pensar sobre a origem da linguagem no final dos anos trinta (1830). O assunto fazia parte de suas amplas especulações que estamos lidando a respeito da montagem onde se escreve a transmutação das espécies. Em seus cadernos de anotações, ele refletiu sobre os poderes comunicativos de animais, a sua capacidade de aprender novos sons e até mesmo para associá-las com palavras. "A maior distinção entre o homem e os animais se dá na linguagem", escreveu ele, "mas não superestimemos os animais, pois eles se comunicam uns com os outros" (BARRETT ED. 1987, p. 542-3). Darwin observou as semelhanças entre os sons dos animais e vários gritos naturais e os gestos que os seres humanos fazem quando expressam emoções fortes como medo, surpresa ou alegria. Ele observou que as conexões físicas entre as palavras e sons, exibidas em palavras como "rugido", "crack", e "raspar" que pareciam imitativas das coisas significadas. E traçou um paralelo entre linguagem e música, a respeito da relação do homem com o ritmo e o canto.

A origem da linguagem foi amplamente estudada e debatida no período vitoriano em uma variedade de campos, incluindo a filologia comparativa, a filosofia, a antropologia e a psicologia. Alguns argumentaram que a fala humana era derivada de processos naturais, expressões instintivas que teriam sido compartilhadas com alguns animais, e que as línguas se desenvolveram e se espalharam gradualmente de acordo com várias leis e processos naturais. Os defensores dessa teoria incluíam o primo de Darwin, Hensleigh Wedgwood, o estudioso anglicano liberal Frederic Farrar, o filólogo alemão August Schleicher, e o filólogo americano William Dwight Whitney. Outros argumentaram que a linguagem era exclusivamente humana, uma manifestação da natureza do homem, naquilo que haveria de mais alto, dito "instrumento de sua razão". Sua origem era divina, e seu desenvolvimento assemelhava-se mais à arte do que a qualquer processo puramente natural. O principal defensor dessa visão teológica natural de linguagem era Friedrich Max Müller, um linguista alemão oriental e estudioso que emigrara para a Grã-Bretanha e que lá obteve uma cátedra na Universidade de Oxford. Em uma série de palestras realizadas vários anos após o lançamento de *A origem das espécies*, Max Müller afirmou que a linguagem era "a grande barreira entre o bruto e os homens"; "No processo de seleção natural, afirmava Müller, nunca resultará palavras significativas do canto dos pássaros e dos gritos das bestas" (MÜLLER, 1861, 1: 22-3, 354)" (Darwin Project).

Darwin finalmente publicou seus pontos de vista sobre a linguagem em *A origem do homem* (1871), como parte de um capítulo sobre as faculdades mentais dos seres humanos e

dos animais inferiores. Ele reconheceu que a linguagem era "considerado como uma das principais distinções entre o homem e os animais inferiores"; mas ele continuou a enfatizar as semelhanças entre a comunicação humana e a dos animais. As argumentações de Darwin foram baseadas em seu amplo conhecimento de assuntos diversos em sempre constante pesquisa e coleta de dados de todos os cantos do mundo. Ele vai desde a antropologia, a linguagem e sua aquisição pela crianças, patologias lingüísticas, e, como não podia deixar de ser, o comportamento de uma grande variedade de animais, selvagens e domésticos.

No primeiro capítulo, mostrei algo das experiências que ele realizou observando seus próprios filhos. Ali temos o processo de estudo que definiria suas hipóteses sobre a origem da linguagem, onde pioneiramente, bem antes de Wallon, utilizou o espelho para pensar o lugar da criança em relação ao seu próprio reflexo e o reconhecimento de si. E juntamente a isso o aparecimento das primeiras palavras, e não somente, interessou-se muito pela palavra que a criança repetia do outro e o que ela fazia com essas palavras, reinventando-a para dizer outras coisas. Ele comparou os pássaros às crianças aprendendo a falar, que como aqueles, aprendem a cantar "tagarelando". E o aprendem com seus pais e têm prazos para aprender - o que requer trabalho e muito ensaio! E, na falta dos pais, caso tenham desaparecido ou morrido, outra espécie poderá ensiná-lo a cantar, e ele o faz por imitação.

Outra observação muito interessante - posto que as observações se multiplicam como enxames de detalhes - é o caso do *Hylobates agilis*, espécie de gibão cujo canto lhe impressionou muito dado o contexto de suas hipóteses relativas à seleção sexual e o surgimento da nossa espécie:

Esse gibão tem uma voz extremamente alta, porém musical. Waterhouse afirma: "pareceu-me que, subindo e descendo a escala musical, os intervalos eram sempre de exatos semitons, e estou certo de que a nota mais alta era exatamente a oitava acima da mais baixa. A qualidade das notas é muito musical, e não duvido de que um bom violinista seria capaz de reproduzir corretamente a composição do gibão, exceto no que tange à estridência do som". Em seguida, Waterhouse reproduz as notas musicais. O Prof. Owen, que também é músico, confirma essas palavras, e ainda observa que esse gibão "parece ser o único mamífero do qual se possa dizer que cante". Parece que ele fica muito excitado depois de executar um recital. Infelizmente, seus hábitos nunca foram observados detalhadamente, quando ele se encontra em estado natural, mas pela analogia com quase todos os outros animais, é bastante provável que ele emita suas notas musicais especialmente durante a corte amorosa.

Como comentam os editores das obras completas:

As origens da linguagem como um sistema de significantes, acrescentou, pode ter evoluído a partir da imitação dos sons de vários predadores (rosna e snarls, por

exemplo), que funcionavam como sinais de alerta. Darwin abordou a teologia natural de Max Müller e outros, com o argumento de que o uso da linguagem exige uma certa capacidade mental que também estimularia o desenvolvimento do cérebro, permitindo longas trilhas de pensamento e de fortalecimento do poder de raciocínio. Vocalização em humanos seria grandemente melhorada pelo desenvolvimento de outras funções, em especial a utilização das mãos. Finalmente, Darwin desenhava uma analogia estendida entre a evolução das línguas e das espécies, anotando em cada domínio a presença de rudimentos, de passagem e de mistura, e de variação, e comentando sobre como cada um desenvolveu-se gradualmente por meio de um processo de luta: "a sobrevivência de certas palavras favorecidas na luta pela existência é seleção natural" (in Darwinproject.com).

O que temos, então? Vimos que a modificação do corpo é o ponto fundamental em torno do qual Darwin articula seu evolucionismo: modificação do organismo pela seleção natural e modificação do corpo pela dimensão do gosto e da escolha. A partir da horda isto se capilariza do grupo em direção ao individual (se nos permitirmos chamar de sujeito), dando realidade à dimensão institucional e, simultaneamente, ao mundo das pequenas coisas. Aqui chegamos à seleção, ela vem do pai ciumento da horda até chegar ao que Darwin chamou de seleção inconsciente. Com seleção inconsciente, Darwin quis nomear o que podemos em parte chamar de simbólico, o simbólico na sua autonomia e não mais ligado a proibições de um pai furioso. Isto é a linguagem como ele tentará articular, a especificidade de um processo de modificação do corpo pela linguagem, que, em Darwin, tem uma relação com a modificação causada pela seleção natural no jogo da sobrevivência.

Não é o mero poder de articulação que distingue o homem dos outros animais (pois, como se sabe, papagaios podem falar), mas sim seu grande poder de ligar sons definidos a ideias definidas, o que obviamente decorreu do desenvolvimento das nossas faculdades mentais (DARWIN, 1871/2004 p. 43).

Essas "faculdades mentais" significam trabalho do pensamento, da linguagem mesma no qual se está inserido. Essas mesmas "faculdades mentais" serão as responsáveis pelo desenvolvimento (crescimento) do cérebro no homem, e não ao contrário. Lembremos no entanto que, para Darwin, a palavra linguagem tem um alcance restrito, ela se restringe à fala e à comunicação - sem no entanto se dar conta de que toda dimensão discursiva que suas ideias e seus exemplos apresentam estão o tempo todo colocando em xeque muito das concepções fechadas de linguagem, como o são destacadamente as de Max Müller, pelo viés da argumentação filosófica, neo-kantiana, entre outros filólogos de seu tempo, que acreditavam na existência apriorística e inata da linguagem, como ainda na atualidade, a concepção de Darwin continua desafiando a concepção de um Chomsky, por exemplo. Para situar isso melhor, devemos partir do fato que o debate Darwin-Müller trouxe-lhe, a Darwin, a possibilidade de construir uma concepção própria e desconcertante. Aqui entra em destaque a

influência de seu primo Hensleigh Wedgwood, cujo livro *On the origins of language* (1866) e algumas enquetes sobre o assunto respondidas por ele contribuíram enormemente para dar corpo à sua concepção - melhor dizendo, onde o corpo justamente está em questão na sua demarcação simbólica a partir de elementos fundantes anteriores a qualquer tentativa de comunicação, mais propriamente a dimensão fônica e material da palavra.

Darwin, é claro, adotou a teoria de seu primo, uma vez que foi o mais condizente com a sua visão da evolução humana. Mais tarde, ele admitiu a Max Müller que a sua competência nesse assunto era insignificante; mas se alguém fosse "plenamente convencido, como eu sou, de que o homem é descendente de um animal inferior, [ele] é quase forçado a acreditar aprioristicamente que a linguagem articulada foi desenvolvida a partir de gritos inarticulados (RICHARDS, 1987 p. 205).

Darwin diferenciava a linguagem "articulada" da "não articulada". Em *A origem do homem*, Darwin define em uma frase o que vem a ser linguagem: "linguagem é parte instinto, parte arte". Lembrando que, no instinto, trata-se de uma escrita cristalizada, referência limitada e organizada pelo hábito. Então temos aí articulação bastante lenta dos traços, que depende do processo de adaptabilidade na ação da seleção natural. No caso do homem, ele faz entrar em cena a arte como a outra metade, ou parte, onde ele concebe um movimento de articulação constante. Não é que não haja mais instinto, segundo ele, mas a arte como uma, diríamos, sublimação, tomaria como base, como ponto de apoio, algo do instintual para elevá-lo à dignidade da arte. Daí interessante notar - e muitas vezes até em desacordo dos processos da vida do animal. Ou seja, desta última que é humana por processo de modificação. Inarticulada é a linguagem no sentido de uma limitação, provavelmente da ordem do signo. A articulação deve nos remeter à articulação da cadeia significante. Mas Darwin parte do inarticulado que é o instinto, para ele. O instinto, portanto, no caso do homem, é o ponto onde a cristalização instintual perde sua eficácia e, no processo, ganha sua articulação através da arte sua garantia automática que tanto fascinou os idealistas e o cientificismo simplista do maquinico.

Como observa Horne Tooke, um dos fundadores da nobre ciência da Filologia, a linguagem é uma arte, como o são fabricar cerveja ou pão, mas escrever teria sido um sucedâneo mais apropriado. Certamente não se trata de um instinto genuíno, já que toda linguagem tem de ser aprendida. Ela, entretanto, difere amplamente de todas as artes comuns, visto que o homem possui uma tendência instintiva de falar, como se pode constatar pelo balbuciar de uma criança, que entretanto não demonstra qualquer tendência inata de produzir cerveja e pão, e tampouco de escrever (DARWIN, 2002/1871 p. 43).

Ele toma um exemplo da natureza, o canto das aves:

Os sons emitidos pelas aves oferecem, sob vários aspectos, analogias bem próximas da linguagem, pois todos os membros da mesma espécie emitem os mesmos gritos instintivos para expressar suas emoções, e todas as aves canoras exercem instintivamente essa habilidade, mas o canto propriamente dito, ou seja, a melodia característica da ave, é aprendida de seus pais, verdadeiros ou adotivos. Esses sons, como Daines Barrington demonstrou, "*são tão inatos para eles quanto a linguagem o é para o homem*" (DARWIN, 2002/1871 p. 43).

As primeiras tentativas de cantar podem ser comparadas aos imperfeitos esforços da criança para balbuciar palavras". O indivíduo fica praticando, ou como dizem os caçadores de aves, "registrando" aquele canto durante dez ou onze meses.

Seus primeiros ensaios mal revelam um rudimento daquilo que um dia será o canto, mas, à medida que vão crescendo, pode-se perceber que estão aperfeiçoando sua execução, até que por fim "entoam o canto inteiro". Filhotes que aprenderam o canto de espécies diferentes das suas, como aconteceu com os canários-belgas criados no Tirol, ensinam e transmitem um novo canto para seus descendentes. As ligeiras diferenças naturais de canto de indivíduos da mesma espécie que habitam locais diferentes podem ser adequadamente comparadas, como diz Barrington, "a dialetos provinciais", e o som de espécies afins podem ser comparados a linguagens humanas faladas por povos diferentes. Citei esses detalhes para mostrar que a tendência instintiva de aperfeiçoar uma arte não constitui peculiaridade exclusiva do homem (DARWIN, 2002/1871 p. 43).

Com isso destaca-se a função essencial da imitação *redimensionada pelo real*. O canto de uma ave é diferente de uma outra da mesma espécie. No fundo, se cada indivíduo tem sua pequena diferença já considerada por Darwin logo de saída, o canto, estruturalmente falando, tende sempre a ser reescrito de forma outra (mas que parece a mesma para um ouvido menos exigente). Essa "partitura" que vai mudando, e que cada filhote poderá contribuir conforme também as situações específicas. Na verdade, a variedade de formas com que as aves variam em seus cantos é imensa, provavelmente infinita. Surpreende, por exemplo, uma determinada espécie de ave que desenvolve a capacidade de sempre recriar o canto, como se faz na música de improvisação como o jazz, por exemplo. Essa ave jamais repete o mesmo modo de canto, quer dizer, ela varia as notas constantemente. Em outro lugar temos o exemplo mais impressionante de até que ponto a imitação pode alcançar entre as aves. Trata-se do pássaro-lira, ou ave-lira, que, além de imitar todos os cantos das espécies vizinhas, imita qualquer 'coisa' que passe pela sua área de percepção: o motor de uma serra-elétrica, o som da trava eletrônica das portas de carros, o click de máquinas fotográficas, assim como sons de alarmes, entre outros.

O mais incrível, no entanto, é que todo esse virtuosismo de imitação integra seu ritual de cortejo à fêmea. Nesse ritual, o pássaro-lira esforça-se primeiramente em limpar uma certa área de terra em torno de si próprio, retirando cuidadosamente galhos, raízes, como o faria um artista de rua que abre seu palco em um espaço na praça para a sua atuação. Posicionado

exatamente no centro desse círculo por ele preparado, o pássaro abre as asas que parecem ter a forma de uma lira com que se 'pavoneia' - e daí o nome com que é conhecido popularmente. Com sua 'lira' em exibição, começa a disparar uma série de sons por ele registrados, aparentemente sem critério algum de ordem ou de conteúdo. Suas imitações incomodam toda a vizinhança, e todas as espécies, cujo canto ele invocou, respondem com seus cantos respectivos. Curiosamente, o instinto comanda a realização da corte para a fêmea, mas os sons apenas desfilam pelo seu 'cantar', como se ali um aparelho reproduzisse mecânica e aleatoriamente a gravação fidelíssima desses diversos sons. E a provocação aos seus vizinhos provavelmente deve vir com o pacote comportamental instintual. Com tudo isso ele pretende impressionar a fêmea. É como disse Darwin, na ave há uma linguagem não articulada, embora seja submetida aos processos evolutivos - isso também traz um questão para o real, devido às hiâncias na árvore que produzem diferenças. É uma linguagem, ainda que cristalizada. Por mais que ele imite tudo o que vê pela frente, não deixará de ser "não-articulada".

E a articulada, própria do homem? Eis aí a consistência lógica do materialismo de Darwin: a diferença de uma espécie pra outra, ou de um indivíduo para outro se faz pelo real da hiância, afinal tudo que é retranscrito escreve diferente, se inscreve diferentemente, sempre. A diferença singular, portanto, é inevitável, nela está inscrita a ironia da vida/morte, da sobrevivência da espécie pela modificação (ou seja, 'tornando-se outra') ou pela extinção, pelo fracasso na constituição de uma outra solução. A linguagem articulada, portanto, é articulada, porque Darwin aplica ao caso do surgimento do homem a mesma hipótese de hiância que há para as outras espécies. Em sua própria linguagem, a seleção natural é a mesma para todos. O real, entendemos assim, incide de forma da mesma maneira - pois aí está um vazio em questão. Se o restante da natureza faz o possível para responder ao processo de seleção natural com as mais impressionantes respostas causadas por função da hiância, a questão do homem, para Darwin, é, em termos de linguagem, a não cristalização instintual de uma solução para o impasse que a seleção natural coloca, de uma modificação ou da morte, mas uma opção, ou as condições de possibilidade de avançar em uma direção inédita: se servir do social na natureza (um social não articulado) para moldar uma forma de vida que acompanhe, que se sirva da seleção, como diz Tort, para paradoxalmente barrar a sua ação. No pensamento de Lacan, podemos dizer que o social humano, ou melhor, a linguagem humana, é a articulação por excelência, que diz respeito à linguagem que contorna o real e se serve dele ao mesmo tempo, quando não insite em tamponá-lo. O homem se serve do real pois que aí já está como 'implementada' a ordem significante, que, segundo Lacan, quebra com a ordem do signo. O signo ele o toma na definição de Pierce, onde "um signo representa

alguma coisa para alguém". Enquanto o significante, - partindo da reformulação lacaniana em cima do signo saussureano, ao destacar e valorizar ao máximo as consequências do significante -, representa um sujeito para outro significante. Há uma incompletude na ordem significante e uma constante repetição de algo que não se inscreve.

O mundo animal, como mostrou Lacan através de suas pesquisas etológicas, é regido pelo imaginário: a cadela Justine, dirá ele, jamais confundirá seu dono, pois sua apreensão do pequeno outro traz-lhe a certeza que o signo lhe oferece, seja esse signo um elemento olfativo bioquímico qualquer, que se apresenta como que colado ao seu dono.

Lacan fala de Darwin (sem nomeá-lo e de forma indireta), como assinei quando abordei o texto fundamental - seminal - do estádio do espelho, mostrando que as elucubrações de Darwin lhe inspiraram na base teórica a respeito dessas diferenças entre homens e animais. De Darwin ele toma, mais especificamente falando, o imaginário da natureza, do exibicionismo da corte e suas mais surpreendentes manifestações e a toma como modelo para o que é da ordem do semblante entre seres humanos: o parecer-ser. Cito Lacan:

tudo atesta isso, inclusive as referências, que corroem por toda parte a parte, à exibição sexual, principalmente nos mamíferos superiores, mas também nos vertebrados tetrápodes. Um número imenso de visões que podemos ter no filo animal, até muito, muito longe, mostra o caráter essencial, na relação sexual, de algo que convém delimitar perfeitamente no nível em que o tocamos - que nada tem a ver com um nível celular, seja ele cromossômico ou não, nem com um nível orgânico, quer se trata ou não da ambiguidade deste ou daquele feixe concernente à gonada -, ou seja, no nível etológico. Esse nível, por sua vez, é propriamente o de um semblante. Na maioria das vezes, o macho é o agente da exibição, mas a fêmea não está ausente dela, já que é precisamente o sujeito atingido por essa exibição. É por haver exibição que se dá uma coisa chamada copulação, copulação esta que decerto é sexual em sua função, mas que encontra seu status de elemento particular de identidade (LACAN, p.31).

Que, em seguida, algo aí se passe, que algo interrompa esse estado de coisas, fará com que prossiga ao evocar a identificação pelo significante, a dimensão do terceiro que aliena o outro no Outro do simbólico. Nessa incidência do significante no real abre-se um esburacamento, uma borda, lugar de inscrição de uma singularidade inesgotável e inalcançável em sua ineligibilidade, lugar de desestabilização, mas de articulação discursiva emergente..

É certo que o comportamento sexual humano encontra facilmente uma referência na exibição, tal como definida no nível animal. É certo que o comportamento sexual humano consiste numa certa manutenção desse semblante animal. A única coisa que o diferencia dela é que esse semblante seja veiculado num discurso, e que é nesse nível de discurso, somente nesse nível de discurso, que ele é levado, permitam-me

dizer, para algum efeito que não fosse semblante. Isso significa que, em vez de ter a refinada cortesia animal, sucede aos homens violar uma mulher, vice-versa. Nos limites do discurso, na medida em que ele se esforça por fazer com que se mantenha o mesmo semblante, de vez em quando existe o real. É a isso que se chama passagem ao ato, e não vejo lugar melhor para designar o que isso quer dizer. Observem que, na maioria dos casos, a passagem ao ato é cuidadosamente evitada. Só acontece por acaso (LACAN, 1971/2009, p. 31).

Do lado de Darwin, do lugar do naturalista e observador da natureza, nem tudo será semblante da natureza. Sua questão de materialista lúcido e insistente é a de que a linguagem e, claro, o advento do corpo falante do homem, não pode ter outro lugar de origem senão a Terra. E não existe outra alternativa senão procurar, perscrutar, tatear, investigar nos próprios passos da natureza em sua constituição, para além dos *semblantes* da ciência moderna ou da teologia natural, ou de qualquer outra planificação. Trata-se, sobretudo, de procurar entender, a impossibilidade de se conceber a linguagem sem passar pelo corpo, sem passar pelo que Lacan denominou gozo, sem passar pelo literal e pelos pontos onde o corpo contingencialmente oferece ao gozo, os olhos, a boca, a voz, o ânus. O próprio Darwin se espantava: como tantas maravilhas da cultura podem ter surgido de uma espécie específica, e talvez contingencialmente favorecida em sua história e sua anatomia, um macaco cuja corte fosse, por exemplo, o cantar.

O fascínio de Darwin, sempre modestamente admitido, pela música levou-o a pensar nessa questão de algo que faz às vezes de um dizer, mas que somente exalta o dizer sem precisar falar - algo que, em psicanálise estudamos, que é a função que a música possui - e, com Darwin, estamos falando de Bach, Mozart, e canto coral, entre outros - de velamento do objeto voz e, simultaneamente, de um dizer que acolhe. Sendo assim, a música, em grande parte das vezes, é algo que ultrapassa um dito qualquer, mesmo se se propõe a dizer algo, o som da música redimensiona as palavras quando cantadas. Por outro lado, a música é, por assim dizer, um real, objeto voz, reorientado e organizado pelo significante, onde também a palavra, a fonemática, o ritmo - elemento poderoso fundamental -, tudo isso considerado, abrigam a fala com que somos falados pelo Outro, sua incidência sobre o corpo enquanto gozo, enquanto segredo do Um do corpo. Então, o materialismo de Darwin, sua fé, na verdade, anseia pela extrapolação. Onde tínhamos *o* corte, obtemos *a* corte a partir do social e do sexual.

Darwin continuou avançando naquilo que Max Müller maliciosamente denominava de teorias "bow-wow" e "pooh-pooh" das origens da linguagem. Darwin sugeriu que os nossos ancestrais símios poderiam ter começado a comunicar ao imitar os sons de objetos e usando as vocalizações emitidas espontaneamente induzidas por fortes sentimentos. Não podem essas expressões onomatopaicas e interjeições darem forma

às raízes básicas da língua, que ainda pode modificar a evolução da língua? Hensleigh Wedgwood acreditava nisso, e Darwin fez a defesa detalhada das hipóteses de seu primo contra Max Müller (RICHARDS, 1987, p. 204-205).

A proposta de Darwin, em *A origem do homem*:

As faculdades mentais em algum progenitor dos inícios do homem deve ter sido mais desenvolvida do que em qualquer símio existente, antes mesmo da forma mais imperfeita da fala pudesse ter entrado em uso; mas podemos confiantemente acreditar que o uso continuado possibilitava e incentiva-o a continuar as longas linhas de pensamento. Uma cadeia longa e complexa de pensamentos não pode mais ser exercida sem a ajuda de palavras, fossem faladas ou silenciosas, como um longo cálculo não pode subsistir sem o uso de figuras ou álgebra (em RICHARDS 1987, p. 205).

Lacan se interessa por essa questão tal qual colocada por Darwin, reconhecendo nele a capacidade de já se antecipar à questão do significante, pela via da sonoridade e da fonetização, ainda que se tratasse de um naturalista, e não dispusesse dos meios da linguística de Saussure. Lacan se refere a um relato de Darwin em um de seus cadernos de anotações. Curiosamente, ele se refere a esse relato duas vezes em sua obra, precisamente em dois pontos distintos do seu Seminário: no Livro VI, *O desejo e sua interpretação*, na lição de 21 de junho de 1959, e no Livro XII, *Problemas cruciais para a psicanálise*, na Lição de 9 de dezembro de 1964. Neste seminário de 1964, na passagem em questão, Lacan está retomando sua crítica à visão instrumental da linguagem, ou seja, ao tecer algumas consideração sobre Piaget e Vigotsky, ou seja, a linguagem como simplesmente intermediação e instrumento simbólico cumulativo e "proximal" entre a criança e o adulto a respeito do objeto - de ser informado pelo objeto através de uma intermediação, em Vigotsky. Embora teça algum elogio se referindo a uma intuição em Vigotsky, ele ressalta, como também fizera a respeito de Piaget com seu esquema genético, por exemplo, apontando a insuficiência e a pobreza com que se pensa a linguagem e a sua aquisição pela criança. Embora veja em Vigotsky algo mais aproximado à sua concepção (adquirida da sua escuta na clínica), Lacan se interessa, nesse ponto de seu ensino, cada vez mais pelo que é encarnado da linguagem, do que literaliza, do non sense, a partir da não existência de um Outro do Outro. É esse vislumbre, o da não existência da metalinguagem que orienta Lacan. Como comenta em Lituraterra:

Como eu disse, e não o esqueço jamais, não existe metalinguagem. Toda lógica se falseia ao partir da linguagem-objeto, como faz hoje em dia, infalivelmente. Não existe metalinguagem, portanto, mas o escrito que se fabrica com a linguagem poderia, talvez, ser um material dotado de força para que nela se modificassem nossas formulações. Não vejo outra esperança para os que escrevem atualmente (LACAN, 1971/2009 p.116).

Em oposição, portanto, à linguagem objeto, Lacan vê em Darwin o que para este se tratava de uma questão de evolução. Lacan vê em Darwin uma antecipação do valor subversivo da fonetização, pois na criança, segundo Lacan, e nos pássaros, segundo Darwin, já tagarelam suas oposições literais, as diferenças fonéticas da nomeação antes mesmo do significante e do sentido que procurará fazer um de toda essa lalação e brincadeira. Para alguém do conceito e da gramática e de toda essa situação de engessamento provocado pelas concepções dos adultos e da norma científica, para alguém ou para além disso, está o infans que goza com o corpo esse degustativo desvario da língua, desvario da 'boa lógica' e do 'bom senso', enfim, do sentido dado como estabelecido desde sempre. A criança, dizem, erra ao chamar o gato de cão e o cão de gato, faz um uso "inapropriado" da palavra, mas é justamente aí que, segundo Lacan, se estrutura a linguagem e sua dimensão secreta de gozo. Para Darwin, sim, trata-se de uma questão evolutiva em relação ao ser humano, pois são traços, fragmentos e uso, treino, antes de se constituir uma articulação objetiva de comunicação conforme um consenso gramatical e social.

O que quero lhes dizer é isso, - prossegue Lacan -, é que nós vemos reaparecer o alcance, em todo seu frescor, daquilo que um dia Darwin, com seu gênio, descobriu e que é bem conhecido, o caso de uma criança que começa, bem no início de sua linguagem, a chamar alguma coisa, digamos, em francês seria *coin coin*, que é fonetizado - [se] é uma criança americana - que é fonetizado *coué*. Que esse *coué*, que é o significante que ela isola, eu diria, tomado em sua fonte original, porque é o grito do pato, o pato que ela começa por denominar *coué*, ela vai transportar do pato à água na qual ele chafurda. Da água a tudo o que pode vir igualmente aí chafurdar, isso sem prejuízo da conservação da forma volátil, uma vez que esse *coué* designa também todos os passarinhos. E que termina por designar o que? Disso dou-lhes em milhas, uma unidade monetária que é marcada pelo signo da águia, a qual era, nessa ocasião, cunhada - não sei se é ainda assim nos Estados Unidos. (LACAN, 1964-1965/2006 p.34-35).

O que choca Darwin, diz Lacan, são as duas pontas desse processo, o grito do pato de um lado, terminando com a moeda de dólar, cuja inscrição é uma águia.

Esses dois extremos do significante, que são o grito por onde esse ser vivo, o pato, se assinala e que começa a funcionar, como o que? quem sabe, será um conceito? É seu nome? Seu nome mais propriamente, porque há um modo de interrogar a função da denominação, é de tomar o significante como alguma coisa que, quer se cole, quer se destaque do indivíduo para o qual está feito para designar e que termina nessa outra coisa (LACAN, 1964-1965/2006 p.35).

Lacan aponta para o espanto de Darwin frente ao enigma de como o grito do pato foi terminar com algo como uma inscrição em uma moeda de dólar. E comenta a elaboração darwiniana dizendo:

Digamos que vejo aí, se posso dizer, o augúrio do que guia sempre o trabalho quando ele não se deixa travar em sua via pelo preconceito.

Aqui Darwin, apenas por ter colhido esse exemplo da boca de uma criancinha, nos mostra dois termos, os dois termos extremos ao redor dos quais se situam, se enlaçam e se inserem, tão problemáticos um quanto o outro, o grito de um lado, e de outro isso pelo que vocês serão talvez surpreendidos que eu lhes diga que teremos de interrogá-lo a propósito da linguagem, a saber, a função da moeda (LACAN, 1964-1965/2006 p.36).

Algo não muito distante do que Darwin, como mostramos há pouco, ensaia, em *A origem do homem*, a propósito do processo que envolve a composição musical constitutiva do canto dos pássaros pela via justamente de um diferenciar-se constante de 'gritos', de fragmentos sonoros em unidades sonoras, que há, nos alerta ele, um processo lógico imanente à evolução da linguagem, não destituída de acidentes e . **Esse choque, recordemos**, é bastante semelhante à intrigante situação das ilhas de Galápagos, em que, algumas, tão próximas umas das outras, com praticamente as mesmas características, haviam, cada uma, desenvolvido espécies tão distintas a partir da mesma espécie original que por ali ficou. É também fundamental considerar que tudo começou com a geologia moderna que celebrava os caprichos das formações rochosas pela lava vulcânica ou pela acumulação desenhada de detritos, as modificações das paisagens, que comprometiam a estabilidade do mundo e colocavam em risco, dizia ele, as instituições inglesas. Os terremotos e as atividades vulcânicas e as formações sedimentares - de vários tipos, incluindo aquelas provocadas pela chuva nos ravinamentos que Lacan viu do alto do avião, são exemplos disso: de como uma concha tropical fora parar em solo inglês, ou os enigmas da geobiologia, ou da biogeografia, para explicar determinadas modificações. O mesmo devemos esperar do que acontece de forma geral em relação à árvore da vida, - onde, para Darwin, incluem-se os processos humanos pertinentes à sua especificidade, como são a hipótese da horda primeva e a estranheza da materialidade das diferenças onomatopaicas e fonetizações entre os animais que também participam da origem da linguagem "articulada" no homem.

É uma árvore de pura e contínua diferença que se apresenta do próprio punho de Darwin, de seu intento de representar o impossível - uma escrita que fracassa. Uma escrita de diferenças, onde todo traço é potencialmente origem de no mínimo um novo traço desviante.

É claro que o modo de seguir as modificações, registrar suas origens é função da cladística, onde, em biologia evolutiva, essas ramificações são construções que registram o processo e estudam em detalhe esses caminhos. Mas a árvore de Darwin é mais do que essa atividade de registro e estudo dos caminhos, que indica as classificações, mas antes uma escrita do sujeito Darwin, do efeito de sujeito causado pelo que Freud julga constituir o "segundo golpe no narcisismo". O fundador da escola filogenética chamada cladística, o entomólogo alemão Willi Hennig (1913 -), propôs a construção de cladogramas a partir do modelo da árvore da vida de Darwin. Um cladograma erige o esquema de clados (ramos) como modo simplificado e cientificamente mais preciso de leitura dos caminhos filogenéticos. Hennig isolou o principal agente determinante da divergência no que nomeou de "cisão cladística" como esse desvio pontual do impasse.

Pensemos, inicialmente, com *das Ding* e os dois modos de apreensão dessa figura central da teoria de Freud apreendida por Lacan: a natureza, por um lado, como esse lugar do ideal onde se esconde sua condição mortífera de uma coisa, um gozo todo. Essa face de harmonia e de resposta, como um espelhamento ideal paradisíaco - como o Paraíso na Divina Comédia, pureza, luz, transparência, onde nem mesmo o reflexo é possível, pois o reflexo, ele mesmo já mente. Por outro lado, temos o significante que, na árvore, é o esmiuçamento, onde pensei a rede que, na diferença, na variação contorna e encaminha esse suposto e impossível todo pelos seus meandros na direção do infinito. Não se trata de algo que se complexifica na direção do todo - é, repito, a abertura infinita. A significantização, a multiplicação dessas ramificações, dessa 'cladoscopia', dessas diferenças, corresponde já à eliminação rigorosa do ideal, da teologia e da ideia de progresso. Termina também com os universalismos, os processos evolutivos, como é bem sabido, são sobretudo locais e ocupam sempre espaços variáveis definidos por contingências específicas. Aí temos o sujeito, graças à incidência do significante no real, ser colocado frente a frente com o que lhe diz respeito - que se apresenta no interesse de situar o homem a partir de uma escrita que mostra, como tentei expressar, seu deslugar. A construção significativa de Darwin é a dimensão do desejo, onde o arbóreo da árvore é o contorno do objeto *a* e, concomitantemente, o surgimento da rede significativa como rede de novos rearranjos.

Com esse objeto ele tem que se haver. Destaca-se, evidentemente, objeto olhar. O gozo originário do objeto perdido percorrerá a fineza de todos os meandros possíveis de uma realização, de uma atividade que, sem dúvida, tem a arte como meia-irmã. Independente disso, a realização de Darwin pode ser considerada, no seu centro nervoso, como uma sublimação. A fineza é a potencia do traço mínimo que sempre é promessa de expansão e de

diferença, promessa de diferenciação pelos meios do significante, pela capilarização a mais refinada do gozo, manifestação a mais dedicada e interessada pelas vias do olhar, como poucas vezes na história do esforço científico pode-se atestar. Aliás, é essa recuperação de gozo que abriria esse lugar diferencial de Darwin na ciência. Esse olhar que ricocheteia indo e vindo na floresta, nos zoológicos, em Galápagos, esse olhar que se revela como sinal de qualquer abertura, de qualquer impasse em que algo novo possa surgir, ou do estado de pura potência diferenciadora - a qualquer momento um traço inventado a partir das combinações da árvore - verdade da diferença pura do significante, onde, por exemplo, o mínimo do movimento da mais insignificante das minhocas possa ter a ver com o destino de uma paisagem. No momento, por exemplo, em que os arqueólogos descobriram o fóssil do *archeopteryx*, - a passagem do réptil ao pássaro - como se fosse um instantâneo fotográfico de algo como que flagrado no entreaberto de uma metamorfose, mais do que a comprovação de sua teoria, o que ocorre é mais propriamente essa abertura onde o olhar promove uma quebra, onde a questão se coloca: o que é, afinal, a visão, a imagem, com a qual tanto me tranquilizava, a de um pássaro e suas representações, seu imaginário, imagens que locupletam o meu mundo, ainda mais que sou especialista em pássaros?.. Mas a escrita encaminhou-se, foi retranscrito o que era do réptil para o pássaro em uma quantidade de variedades desses pequenos répteis emplumados, como variação em cima do tema. Mas, a propósito, qual seria o tema? Podemos dizer de uma nova estruturação pela modificação corporal e comportamental. Mas onde está justamente o pássaro original? o primeiro? Nesse entreaberto de um instantâneo da adaptação, de um meio-pássaro? Será ele o nosso modelo primitivo? A 'essência' do pássaro - tal qual o Criador teria designado? Onde, finalmente, podemos encontrar o Pássaro-Coisa? Em que lugar ele se instala para que possamos ver, como Darwin viu, a fineza dessa questão? Que lugar esse senão a fineza de um litoral, onde gozo e significante possam garantir a fineza mesma do olhar que nos convoca a pensar sobre nós, sobre o que falta. Uma falta que nos propicia quebras do todo, cortes desse todo imaginário, tal qual a ciência moderna e a anatomia, mas a partir dos passos que Darwin persegue e onde o novo pode surgir num piscar de olhos. Tudo isso só pode ser apreendido pela rede significante, pela rede de diferenças. Ciência e darwinismo, digo em Darwin, ele próprio, dão lugar a interessantes paradoxos, onde aparece uma 'contra-anatomia', uma reinvenção do corpo a partir de 'dentro' da natureza que invoca o sujeito pelo olhar. Uma contra-anatomia seria uma anatomia que é florescimento de dentro das relações mesmas de rede, uma anatomia que fosse propriedade e autoria mesma de si, do próprio corpo, corpo que sempre ameaça percipitar-se como diferença, como letra, como borda. Aqui o cão pode ser chamado de gato e

vice-versa - pois estão interligados na árvore, mas sobretudo na matéria mesma de suporte do significante. São rearranjos que, por exemplo, fazem com que o gato fosse rasura do rato, ou vice-versa. Esse aspecto é o campo darwiniano por excelência, algo que se desenha sem autorização do eu, do suposto imaginar de um Outro do Outro. Há aí algo que ocorre sem a autorização da *ratio*, assim como surge a patologia do que é são. E sabemos que é do patológico que podemos inferir e, até certo ponto, garantir o são.

Como as planícies da Sibéria, a árvore da escrita de Darwin, que é árvore do movimento de tudo o que é vivo, vivo e falante falado, significante, deitamo-la à nossa vista na folha de papel, como fez Darwin pela primeira vez em 1838. Como podemos bem perceber, temos uma escrita de ravinamentos, como um rio por onde escorreria a água e a diversidade de volume de água, de uma chuva, desenhasse a resposta da terra aos golpes da chuva. Mas não é preciso que falemos de chuva para cumprir com a metáfora que Lituraterra também é. Darwin sabe do torto, o torto é uma constatação do olhar - além de um fato constatado cientificamente, embora recalcado pela prática técnica do biólogo. Para a psicanálise, diferença do torto é a dimensão do olhar que se impõe como estranheza, estranheza de algo que não cabe e se adapta em seu suposto ser próprio, ele é sempre *Unheimlich*, como dizia Freud, o familiar-estranho. Tal qual a estranheza daquele que olha para si mesmo no espelho fixamente e o estranho começa a irromper até o o não reconhecimento - como Freud que flagra um outro senhor no espelho - a imagem é reflexo dele próprio para constatar impressionado a estranheza com que o sujeito é constituído. Além disso, o traço nunca é o mesmo quando retraçado. Como disse Lacan a respeito do que podemos dizer da linguagem: não há metalinguagem, não há instrumento, não há função de mediação para compreender o mundo - ela é encarnação. A linguagem originária é gozo sem preocupações de significado, é a inscrição da língua materna como gozo da diferença, como letra no corpo. Isto é, a criança brinca fonetizando aquilo que vem do outro, mas que em seu copo é marcado como gozo outro. A escrita, essa que é olhar ou voz, inscreve diferenciações no corpo, encarnação da diferença através da perda de objeto. Logo, um traço no papel é sempre imperfeito - própria imperfeição do corpo e suas texturas, suas dimensões, suas peculiaridades. É claro que Darwin publica no livro das espécies uma árvore na forma de um esquema gráfico, como todo gráfico, desprovido de gozo, gozo que detém no traço a fatalidade do destino, destino que é o sujeito. A forma de gráfico está descomprometida do que é fundamental no traço darwiniano - o torto. É preciso ver essas árvores em seus cadernos de anotações. Lá encontramos de forma objetiva o irrepresentável apresentado com traços retos. Se as letras do matema - ao modo da matemática, ou da 'anti-matemática' lacaniana -

guardam a dignidade do não-sentido que funda a variabilidade de possibilidades, impossibilitando a redução da letra à representação, o torto do traço salvaguarda o singular, a diferença opaca e seus destinos. Incrivelmente, esse torto do papel é a escrita do rigor em biologia, o rigor da própria fineza. A fineza aqui não é algo belo para se ficar admirando, é preciso dizer. A fineza é o ponto desviante onde tudo de já construído e instituído pode, enfim, encontrar seu comprometimento. A escrita de Darwin é simultaneamente sua leitura em ato. E a leitura do torto, da letra. É claro que ele se inclui como sujeito, não somente pela questão que o acossa, mas também por esse quê de fábula, de recurso imaginário de aproximação do homem com o restante dos animais, - não para sustentar o discurso da união, da grande família ao qual o homem finalmente vem se reintegrar e reiterar seu lugar racional. Mas o recurso imaginário ao qual ele lança mão é outro, imaginário sim, mas outra coisa. Ele os aproxima, inclusive os afetos e espelhamentos (como Lacan mesmo retoma) dos animais entre si e dele próprio com os animais, para operar todos esses dados da experiência, transformá-los em traços e elaborar uma escrita de olhar. Isso tudo é proveniente, não dessa sede hackeliana de conhecimento, mas por uma constante observação honesta e paciente do movimento das diferenças. Ou seja: da sua identificação com os animais de seu afeto e de sua admiração estética, dos besouros aos quais dedicou seu fascínio pelo furta-cor de seu brilho, como letra em seus contornos e detalhes que se impõem. Não é por nada que ele, de algum modo, enodava o privado de sua experiência ao enquadre simbólico da ciência moderna. O que resulta disso, na verdade, da nossa leitura da escrita darwiniana é surpreendente, é paradoxal, pois o traço não é representável, ele é apenas uma imagem, a inscrição de uma diferença no real, ele está ali no papel, do mesmo modo como ele está ali nos bicos dos pássaros de Galápagos ou em qualquer lugar na natureza. O resultado é que o traço mostra algo que, em Lituraterra ficaria ao encargo da ação da chuva. As nuvens, o semblante de onde precipita o significante sobre a superfície do deserto siberiano: a Sibéria é torta. No caso de Darwin com sua escrita, ela é resto e testemunho do impossível de sua tarefa, ela, no entanto, faz barra ao tornar impossível que a questão se esgote numa articulação simbólico-científica apenas. Sem o torto, sem esse traço, sem essa resistência ao sentido dada pela letra, que é o resto, que a ciência moderna rejeita e foraclui, o estudo da natureza, e mesmo sua prática, permaneceria, no que diz respeito ao rigor, relegado ao *bas-fond* da ciência, onde as coisas permaneceriam imutáveis, inarticuladas, soltas, como uma coleção infinita de objetos da curiosidade, substanciais e fixas, mas isolados entre si ao sabor da mística e da exaltação narcisista do belo, que fazia acreditar que se tinha um lugar junto ao Criador. Belos objetos criados por alguma divindade, ou mesmo pela 'divindade' da matemática - o livro de Galileu,

da sua leitura. Divindades que só perdem seu estatuto efetivo e de vez em quando o resto retorna e volta a incomodar.

Inspirado pela paisagem da Sibéria de Lituraterra, outra paisagem que retorna: a lua observada por Galileu na aurora da ciência. Nesse caso, somente a dimensão significativa poderia 'acolher' uma tal paisagem, cuja ruína é o resto e a fineza que Galileu deixou pra lá. Sim, a geologia sinalizou, mesmo antes de Hutton e Lyell, pelo que ele pode perceber, a sua universalidade na sua modelagem nada perfeita. A superfície da Lua é como a da Terra, observa com simplicidade e objetividade em seu escrito, e aí se desmoronam séculos de um semblante, que é um discurso que, se podemos dizê-lo, via apenas o que queria, sem furos. Dante foi testemunha desse que foi um tempo em que as tais manchas na Lua causavam inquietações. Montanhas, abismos, crateras, restos do todo e do equilíbrio e da harmonia, cuja imagem maior, comenta Lacan, é a burrice da esfera. Imagem encantatória e tão admirada, tão fácil de ver, agora é ruína na forma da superfície de nosso satélite. Assim a causa de desejo mostra a sua força sem, no entanto ter o reconhecimento da ciência. É o resto que faz furo no saber instituído, mas que de certa forma já se preparava para enfrentar e representar os problemas que já avançavam com a decadência do discurso aristotélico. Seja como for, essa imagem, a da Lua, que não se deixa apanhar, uma estética resistente ao sentido, ao plausível objeto. Ruína de um tempo que já se findava, a Lua era encoberta, preenchida pelo semblante, no caso, de recusa da falta, de inteireza e perfeição de sua superfície.

Galileu faz uso comparativo daquela paisagem com a da Terra, faz belíssimos desenhos que mostram, como a Sibéria de Lacan, o contraste das sombras e da luz que bruxuleia na superfície graças ao movimento da chuva ao escorrer. Semelhante ao relato de Galileu quando admirava nas madrugadas do ano de 1511, a surpresa com que a incidência da luz do Sol passeava sobre o solo acidentado da Lua, resultando em um brilho cambiante, entre sombras e luzes enviesadas, que se movia diferentemente conforme a hora avançava. Com o tempo e o movimento da Lua em relação à Terra e ao Sol, a direção da incidência da luz solar, ele pode adquirir provas para reforçar as hipóteses que os escritos e exaustivos cálculos de Copérnico procuravam comprovar que o Sol, e não a Terra, era o centro do sistema solar.

A fala de Lacan em referência à burrice da esfera é acompanhada da ideia de que a Lua seria um "objeto unário", uma forma que, segundo pude entender, parece subverter radicalmente qualquer expectativa de esfericidade, mas que é de se admitir que representa uma nova percepção. Mas prefiro pensar que a imagem esburacada que se contrasta com séculos de semblante harmônico - aquele que tanto frequenta o discurso elogioso da natureza

nas falas que escutamos ainda hoje por aí - permaneceu no nível do espetacular, e ainda hoje, depois do homem ter pisado na Lua, isso parece algo que excita o sentimento de poder chegar tão longe. Mas seu uso, o sentido de seu não-sentido é compatível com algo que chamaria de letra darwiniana.

Ora, a singularidade de uma imagem resistente como essa, um traço rebelde a qualquer significação, que persiste incógnita em relação à cadeia significante, esse traço, ele será muito útil para Darwin e o seu momento específico de descobertas. Afinal a biologia era uma confusão de saberes disparatados, nem tinha um centro de consenso - nem mesmo o darwinismo tem hoje em dia o seu lugar assim tão referente e central para os biólogos. O mais importante é a questão ética que daí se extrai e nem tanto o que os cientistas biólogos adotem ou não da concepção darwinista.

Chamo de letra darwiniana o suporte da diferença que permitiu a Darwin vislumbrar o que chamamos com Lacan de real. Um real que se introduz traumáticamente pela geologia moderna. **Um risco, certamente, pensava ele, para as instituições da civilização.** A experiência dos terremotos no Chile acentuaram a percepção muito clara de que há um desacordo entre o movimento das formações rochosas e o plano simbólico-imaginário da estabilização da sociedade e suas instituições. Essa impressão, que é nada mais nada menos levada adiante pelo que ele via de desviante, de esburacador em relação a tudo. A geologia traz uma escrita que é guia, quase que total até um certo ponto, e indicador das modificações das espécies. Um guia cujas formas caprichosas e irrupções violentas lembra muito uma estética subversiva - temos aí o real em estado incandescente. Ele desenha ilhas, ele determina litorais, literalmente os litorais, as elevações - ele é guia da escrita do grande desacordo do corpo em relação ao significante. Se pensarmos que a escrita é escrita da perda, a geologia instaura-se de forma imperiosa, pois com ela o homem tem de se haver. É através de Lyell, e da eliminação de todas as alegações teológicas a respeito da geologia teológica da Terra (suportada pela narrativa bíblica) que Darwin poderá alcançar a questão da diferença pelo guia desse desencontro. Ler os movimentos da Terra então é constatar a escrita, o suporte do gozo na especificidade o que se apresenta como olhar o tempo todo. Esse guia, no entanto, o guia das diferenças provocadas pela Terra se tornará algo que é desse olhar atento às inscrições da diferença, diferenças que estão nas descrições mesmas dos animais e das situações, e do homem.

Desse lugar de letra darwiniana, retomamos a uma parte de Lituraterra, talvez a mais imagética e enigmática, embora claramente metafórica. É um texto complexo, que parece ter como intento apresentar, de um lado, uma metáfora da incidência do significante no corpo - o

tema da constituição do sujeito e seus desdobramentos - e, por outro lado, mostrar o caráter não metafórico, ou seja, como um meio "literário" de apresentar texturas, de fazer quadro com texturas que são, na verdade, o coração do texto, seu lugar de umbigo da imagem. Conta-nos ele no texto de *Lituraterra* que é retornando do Japão que ele vê do alto do avião o deserto da Sibéria. Das nuvens, nos diz ele, a chuva se precipita sobre essa superfície e produz ravinamentos, entendidos como receptáculos de gozo do corpo. Ali encontramos nessas texturas, nesses ravinamentos, nesse 'arados', os traços mesmo da árvore darwiniana, árvore do gozo do olhar, pois o traço é ilegível, o torto se aproxima de modo tão realista que a precisão se perde - não se vê nada, o traço que nos olha, o traço olha Darwin como letra, como inscrição de diferença, como litoral, propriamente falando. Isso permanece secreto enquanto está lá disponível para quem quer ver. Mas, como ele diz da arte do calígrafo na arte do pincel, é o universal sendo esmagado pelo singular do manejo dos pincéis. Mas, como letra, trata-se de um gozo onde o preciso desaparece na universalidade. A letra em *lituraterra*, mostra-o bem Lacan, é o suporte de gozo, o traço mesmo ele é a encarnação do excesso da tinta. O traçado é sempre imperfeito, assim deve ser, escreveu o pintor Shi-tao, cujos textos Lacan e François Cheng estudavam em seus encontros. O primeiro golpe do pincel no papel, Lacan, nos conta Cheng, chamou isso de **traço unário no papel**: o que ele fez foi uma apropriação psicanalítica de um princípio fundamental da arte caligráfica de Shi-tao, este denominou esse golpe inicial do pincel como **traço único no papel** - o unário entrou pela via do fascínio de Lacan. Imaginemos o golpe do pincel, sua inscrição é sempre irregular. A ideia que melhor pode ilustrar o que Shi-tao queria dizer com isso me ocorre do seguinte modo: imaginemos uma mancha num solo branco causada pela queda de um balde de tinta preta. ali está, dada a orientação do real pela mancha, nenhuma mancha será como aquela, ela é "única" como diz Chi-tao. ela é impregnada de sua verdade, de sua irregularidade, grávida, digamos assim, ou potente de alteridade em cada um de seus respingos. O corpo, para Darwin, é como esse traço, que agora é o direcionamento da mancha como o que ela nos traz na hora da queda do balde. Então, diz a tradição da caligrafia, que o traço, da direita para a esquerda, de cima para baixo, sempre, mas nunca perfeito, pois a perfeição é fechamento para as possibilidades do não controlável no traçado. O traço das árvores, prossigo agora, é como o traço da escrita chinesa. Em *Lituraterra*, Lacan vê a superfície da Sibéria pela ótica da caligrafia e dos ideogramas. E nossa exploração de Darwin nos faz acreditar que a escrita darwiniana possui a mais surpreendente compatibilidade com uma mancha e seus respingos, ou com a tinta periférica que, em excesso, escorre sem rumo em torno de si - como um ramo da árvore ou como a precisão de um *lapsus calami*.

REFERÊNCIAS

BOURGUIGNON, André. *História natural do homem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. v.I - O homem imprevisto.

BARRETT, P. H. ed. 1960. A transcription of Darwin's first notebook [B] on 'Transmutation of species'. *Bulletin of the Museum of Comparative Zoology, Harvard* 122: [245]-296, for 1959-1960 (April).

BASS; ZALOSZYC. *Descartes e os fundamentos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Revinter, 1996.

BOULTER, M. *O jardim de Darwin: Down House e a origem das espécies*. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.

BROWNE, J. *A origem das espécies de Darwin: uma biografia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. *Charles Darwin: Viajando*. São Paulo: Aracati; Editora UNESP, 2010.

_____. *Charles Darwin: O poder do lugar*. São Paulo: Aracati; Editora UNESP, 2010

BURKHARDT, F. - *As cartas de Charles Darwin. Uma seleta, 1825-1859*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

CAILLOIS, R. *Le mithe et l'homme*. [1938] Paris:Gallimard, 1989.

CANGUILHEM, George - L'homme et l'animal du point de vue psychologique selon Charles Darwin. *Revue d'histoire des sciences et de leurs applications*, v;. 13, n. 1, 1960

-----, Georges *La connaissance de la vie*, Hachette, 1952

CELERI, E. H.; JACINTHO, A. C.; DALGALARONDO, P. - "Charles Darwin: um observador do desenvolvimento humano" e tradução de "*A Biographical Sketch of an Infant*" - "Um esboço biográfico de uma criança pequena", de 1877, de Charles Darwin. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 558-576, dezembro de 2010.

COSTA, A.; RINALDI, D. (org.) *Escrita e psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud; Programa de Pós-Graduação em Psicanálise do Instituto de Psicologia da UERJ, 2007.

DARWIN, C. *A expressão das emoções no homem e nos animais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *A origem do Homem e a seleção sexual*. [1871] Belo Horizonte: Itatiaia, 2004.

_____. *Autobiografia, 1809 – 1882*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

_____. *Origem das espécies*. [1859] Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

_____. *On the origin of species by means of natural selection or, the preservation of favoured races in the struggle for life*. London: Collector's Lybrary, 2004.

_____. *The Voyage of the Beagle*. [1845] Vercelli (Italy): White Star Publishers, 2006.

_____. *Viagem de um naturalista ao redor do mundo v. I e II*. [1845] Porto Alegre: L&PM, 2008.

DAWKINS, R. *A grande história da evolução: na trilha dos nossos ancestrais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DESCARTES, R. *Meditações sobre filosofia primeira*. Edição bilingüe em latim e português. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

DESMOND, A.; MOORE, J. *Darwin: a vida de um evolucionista atormentado*. São Paulo: Geração Editorial, 1995.

EVANS, Dylan. From Lacan to Darwin. In: _____. *The literary animal: evolution and the nature of narrative*. Northwestern University Press, 2005.

FREUD, S. (1896[1950]). Carta 52. In: _____. *Edição Standard das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. I.

_____. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1915-1916), parte I e II, vol. XV. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. Interpretação dos Sonhos. In: _____. *Edição Standard das obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. IV-V.

_____. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. 2. ed. Rio de Janeiro, Imago, 1987.

_____. *Além do princípio do prazer*. [1920] In: _____. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. - *Neuroses de transferência: uma síntese*. [1915] Notas e ensaio complementar de Ilse Grubrich-Simitis. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

GALILEU. *O ensaiador*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

GOULD, S. J. *A montanha de moluscos de Leonardo da Vinci: ensaios sobre história natural*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2003.

_____. *Dinossauro no palheiro: reflexões sobre história natural*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Lance de dados: A idéia de evolução de Platão a Darwin*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. *Darwin e os grandes enigmas da vida*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Vida maravilhosa: o acaso na evolução e a natureza da história*. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 1990.

HEIDEGGER, M. *A origem da obra de arte*. Lisboa: Edições 70, 1977.

HUXLEY, R. *The great naturalists*. London, Thames & Hudson: Natural History Museum, 2007.

JABLONKA; LAMB. *Evolução em quatro dimensões: DNA, comportamento e a história da vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

JORGE, M. A. C. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, v. 1: as bases conceituais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

KEYNES, R. D. *Aventuras e descobertas de Darwin a bordo do Beagle, 1832-1836*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

KOYRÉ, A. *Galileu e Platão e Do mundo do "mais ou menos" ao universo da precisão*. Lisboa: Gradiva

LACAN, J. *Conferencia en la Universidad de Yale*. Estados Unidos, 24/11/1975. Inédita

_____. *O Seminário, Livro II: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. [1955-56] Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

_____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *Instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*. [1957] In:

_____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *O Seminário, Livro VII: A ética da psicanálise*. [1959-60] Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. *O Seminário, Livro X: A angústia*. 1962-63] Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. *O Seminário, Livro XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. [1964] Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

_____. *O Seminário, Livro XVIII: De um discurso que não fosse semblante*. [1971] Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. *O Seminário, Livro XXIII: O sintoma*. [1975-1976]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LEBRUN, G. *Sobre Kant*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

LEVINE, G. *Darwin loves you: Natural selection and the re-enchantment of the world*. Princeton: Princeton University Press, 2006.

_____. *Darwin and the novelists: Patterns of science in victorian fiction*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

LÉVI-STRAUSS, C. *O pensamento selvagem*. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

MALTHUS, T. R. *Princípios de economia política e considerações sobre sua aplicação prática. Ensaio sobre a população*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MAYR, E. *Isto é biologia: a ciência do mundo vivo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *O que é a evolução*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

_____. *Uma ampla discussão: Charles Darwin e a Gênese do pensamento evolutivo moderno*. Ribeirão Preto, SP: FUNPEC Editora, 2006.

MENEGAT, R. *A invenção da terra moderna por René Descartes - a difícil evolução científica das esferas terrestres*. B. Geoci. Petrobras, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 421-453, maio/nov. 2008.

MILLER, J.-A. A discussion of Lacan's "Kant with Sade". In: FELDSTEIN, Richard; FINK, Bruce; JAANUS, Maire (orgs.). *Reading Seminars and II: Lacan's Return to Freud / The Paris seminars in English*. New York, Suny Press, 1996.

_____. Um esforço de poesia. In: *Le neveu de Lacan*, satire. Edições Verdier. Paris, fevereiro de 2003, p.366

MILNER, J. *A obra clara (LACAN, a ciência, a filosofia)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

PASCAL, B. *Pensamentos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

PASCAL, B. *Pensées*. Apresentação e notas de Gérard Ferreyrolles. Les classiques de poche, Paris, 1991.

PETERSON, M. *Galileo's Muse: Renaissance Mathematics and the Arts*. Harvard University Press, 2011.

POPP, J. H. *Geologia geral*. Rio de Janeiro, LTC – Livros Técnicos e Científicos, 1998.

POUND, E. *ABC da literatura*. São Paulo: Cultrix, 1997.

QUINET, A. *Um olhar a mais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

RICHARDS, Robert John. *Darwin and the emergence of evolutionary theories of mind and behavior*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

RINALDI, D. *A ética da diferença: um debate entre psicanálise e antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; Editora da UERJ, 1996.

RITVO, L. B. *A influência de Darwin sobre Freud: um conto de duas ciências*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

ROSE, H.; S. (org.) *Alas, poor Darwin: Arguments against evolutionary psychology*. New York: Harmony Books, 2000.

SANTIAGO, Jésus; LINO, Carolina Esselin de S. Saber e verdade no sonho da injeção de Irma. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 16, n. 3, p. 505-516, dez. 2010

TORT, P. *Darwin e a ciência da evolução*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

Von UEXKÜLL, J. *Dos animais e dos homens*. Lisboa: Edição "Livros do Brasil", sem data.

WORDSWORTH, W. *O olho imóvel pela força da harmonia*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2007

The Works of Charles Darwin, edited by Paul H. Barrett & R.B. Freeman, (London: William Pickering, 1986), *Diary of the Voyage of H.M.S. Beagle*, vol. I, pp. 37–8.

Vídeo:

GALÁPAGOS - *As ilhas que mudaram o mundo*. Uma co-produção da BBC TV com a National Geographic Channel-US - Editora Globo, 2004.

"Darwin, sciences d'aujourd'hui". Les Conférence du Muséum National D'histoire naturelle, Patrick Tort - Paris, 2009

Patrick Tort - Entrevista concedida ao Libération

<http://archive.wikiwix.com/cache/?url=http://www.liberation.fr/livres/120167-l-effet-darwin-selection-naturelle-et-naissance-de-la-civilisation&title=lire%20en%20ligne>

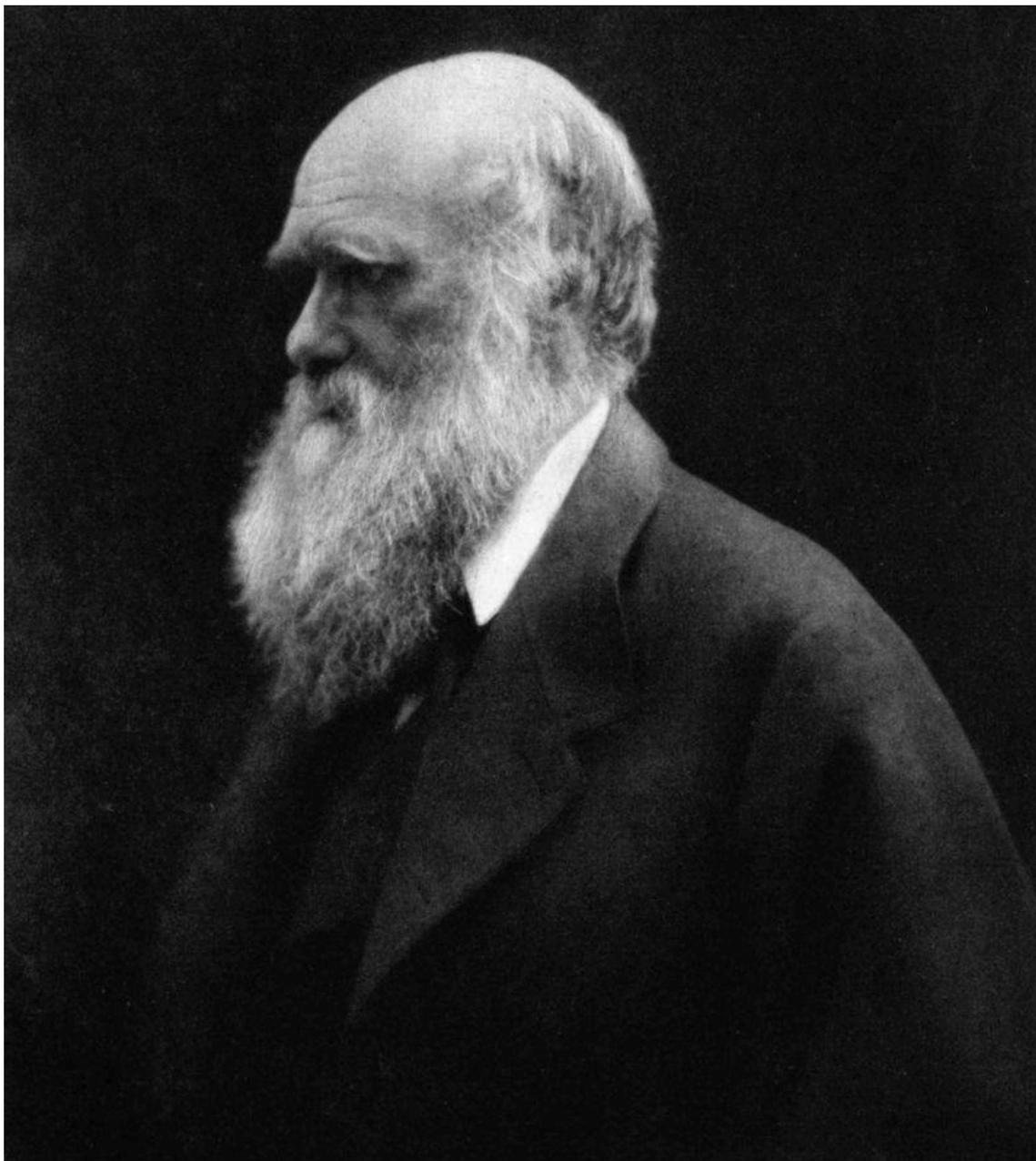
ANEXO – Imagens

Figura 1 - Charles Darwin perto do final da vida

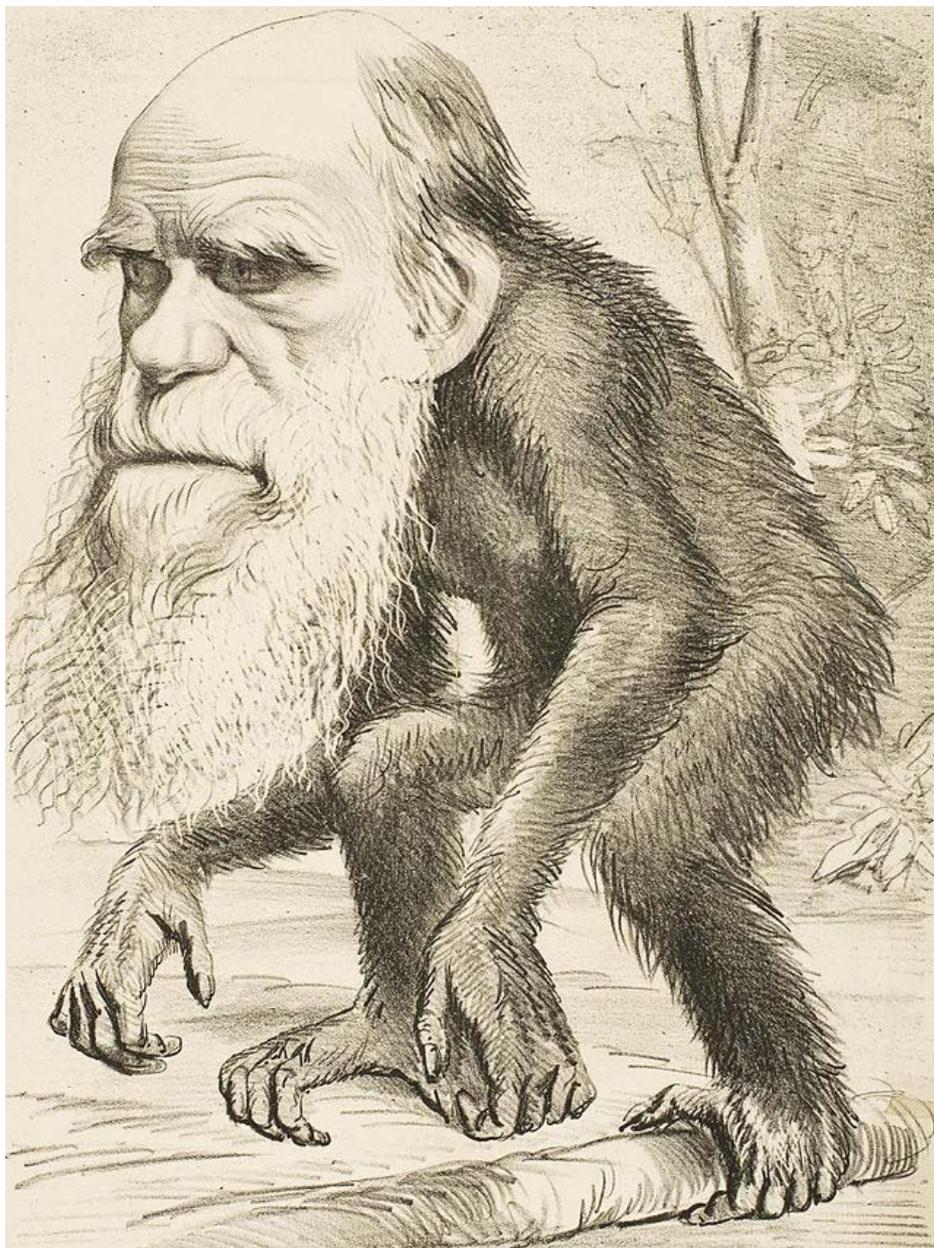


Figura 2 - caricatura na revista Punch logo após o lançamento de *A origem do homem*



Figura 3 - Caricatura de Darwin na revista Vanity Fair



Illustrations dessinées par Freud pour « A propos des ganglions spinaux et de la moelle épinière du petromyzon », 1878



Figura 4 - Exemplos dos desenhos de Freud da lampréia (*Petromyzon*)

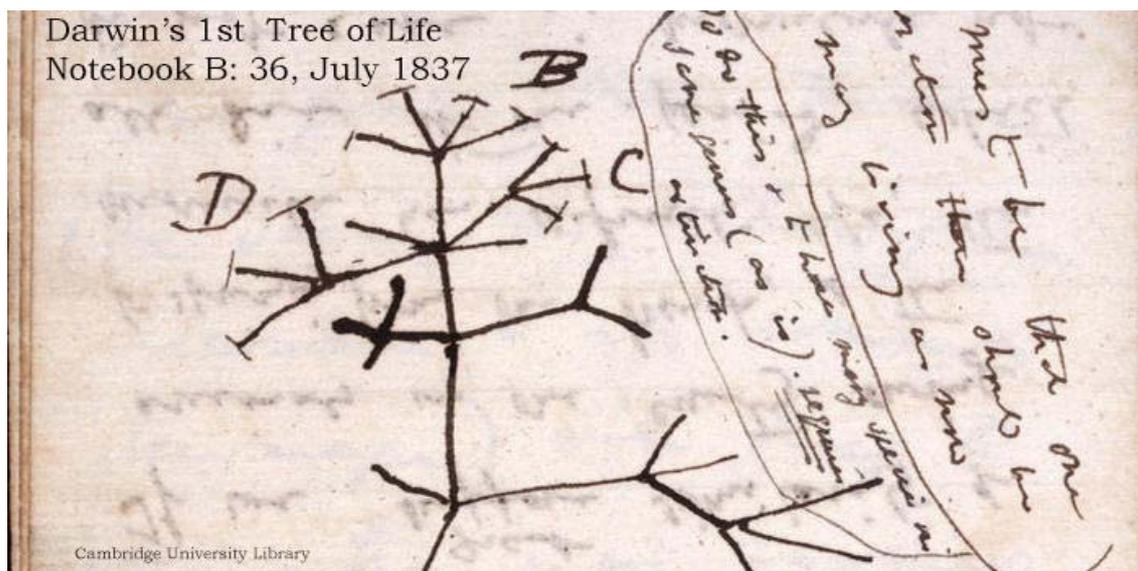


Figura 5 - A primeira árvore, de 1837, em seu caderno D de anotações

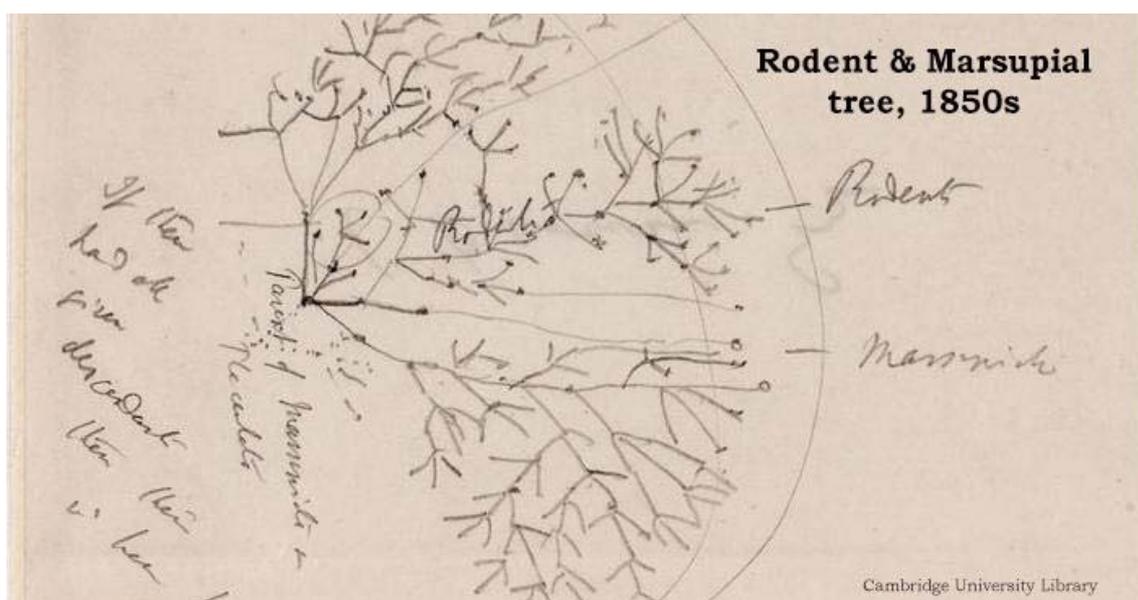


Figura 6 - árvore dos roedores e marsupiais

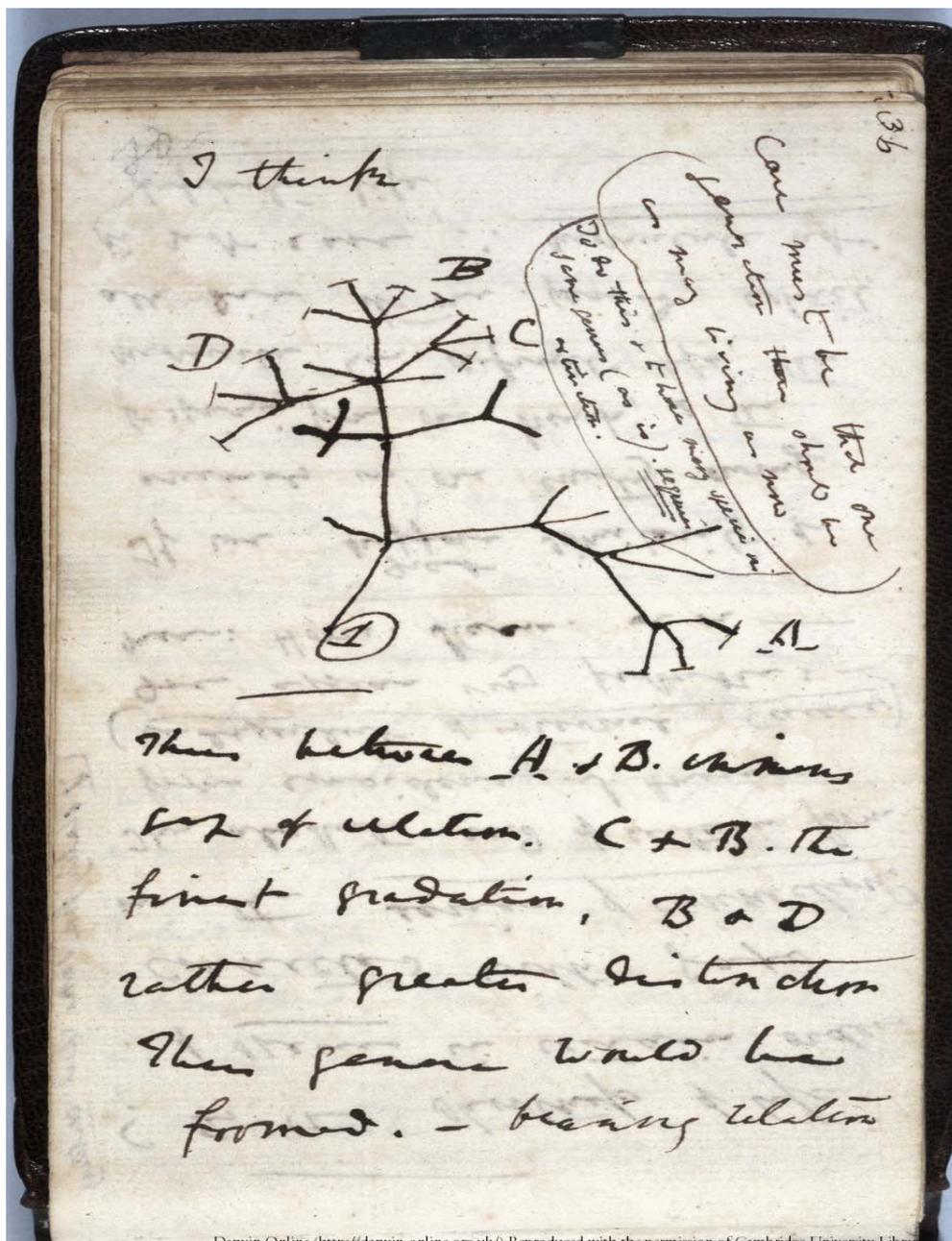
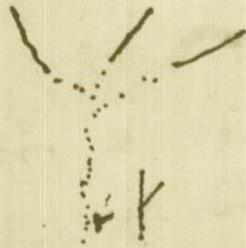


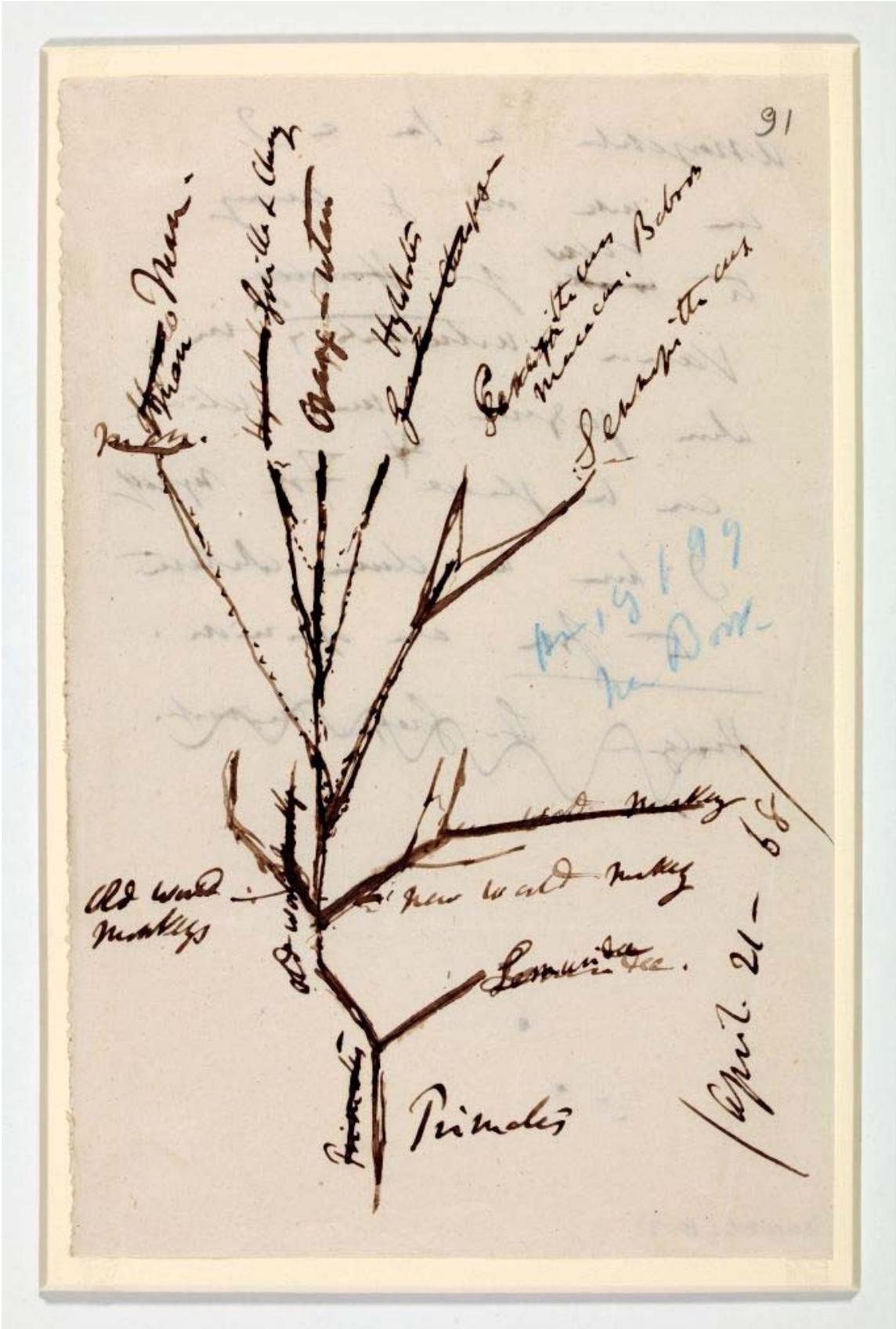
Figura 7 - Folha inteira da primeira árvore do caderno D de anotações

Do not make it confusingly complicated. 216
 Contradiction to
 constant succession
 of forms in progress.



Do it thus fish can
 be traced right down
 to simple organization. —
 birds — not.





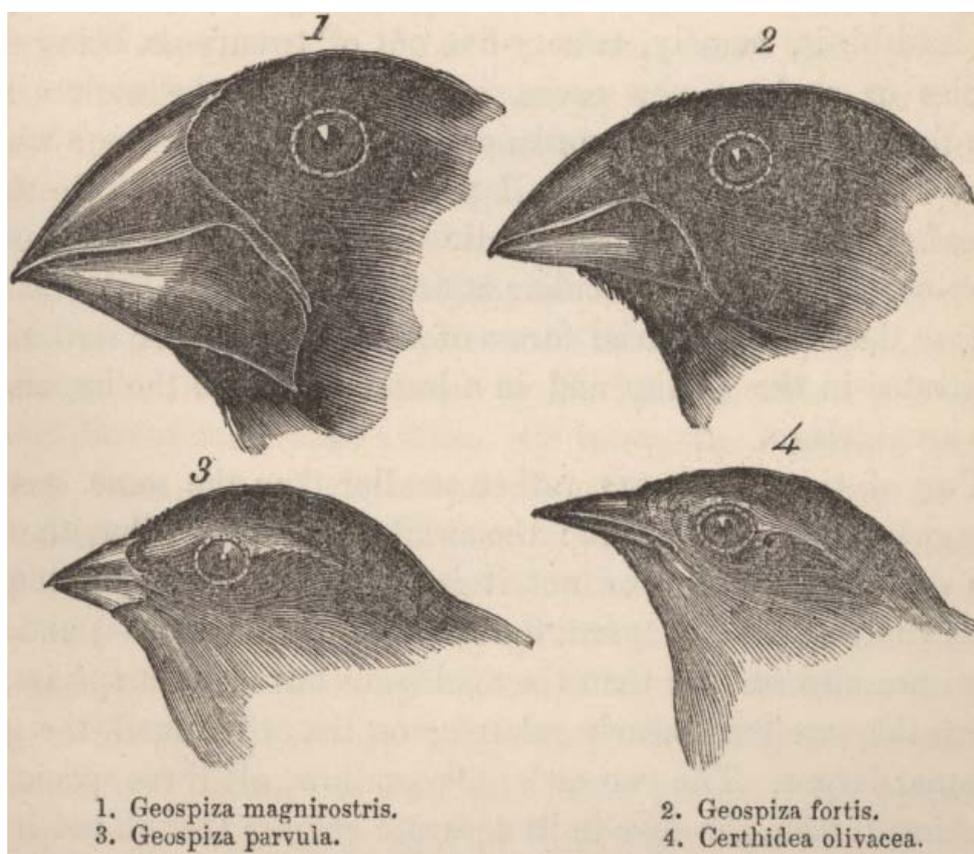


Figura 12 - os tentilhões de Galápagos (quatro espécies)